


CORNELL UNIVERSITY
FOUNDED BY EZRA CORNELL




CORNELL UNIVERSITY
FOUNDED BY EZRA CORNELL

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

(TRIMENSAL)

PRIMEIRO ANNO — TOMO PRIMEIRO

1863

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Imperador, n. 52.
MDCCCLXIII

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde de visita,
Tanto mais abundante em ti se veja!

S. Rita Durão, *Caram. c. VI, est.* 59.

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

OUTUBRO DE 1863. —N.º 1.

INTRODUCÇÃO

O espirito da moderna civilisação assenta mais do que em tudo na harmonia dos interesses geraes, para o homem e para a humanidade.

Necessidades de primeira ordem incessantemente reclamam que o desenvolvimento e a cultura da intelligencia, em suas diversas e multiples aspirações, subam progressivamente á investigação de todos os mysterios da creação, de todos os segredos da sciencia. D'ahi o amplo stadio aberto desde muito ás conquistas e ás elaborações do pensamento humano, que no estudar a natureza physica, em todas as suas manifestações de variada e magnifica opulencia, e a natureza moral, em suas indestructiveis tendencias para a realisação de melhoramentos incalculaveis porem reaes, encontra plena satisfação á lei primordial de seu proprio destino, e prepara-se expansivo e livre para ulteriores adiantamentos, que a acção do tempo não póde interromper, antes consolida cada vez mais. O século em que vivemos, mais do que nenhum outro, apresenta e faz ostentação d'esse grande quadro, em que a humanidade se revê e se contempla a si mesma, caminhando sempre em sua marcha ascendente, ligada ao passado pelas tradições e pela historia, e ao futuro pela natural inspiração de seu proprio engrandecimento.

Não é por outra razão que o homem, ao passo que se lança nos dominios da abstracção e percorre com vôo quasi indefinito o largo espaço que se lhe põe diante, na vastissima extensão do mundo material e do mundo immaterial, que elle sugeita ao poder fecundo da analyse, se detém não poucas vezes no estudo e na observação aturada dos monumentos de todo o genero, que, sendo para a historia propriamente dita outras tantas condições de movimento e de vida, se lhe offerecem aos olhos como marcos milliarios no progressivo aperfeiçoamento do espirito.

Nós tambem por nossa parte, n'esta porção do globo onde nos coube ver a luz do dia e os explendores da creação, sonhamos com a sciencia em suas multiplices desenvoluções; queremo-la examinada, aprofundada, cultivada com aprimorado lavôr, queremo-la, ainda mais, em seu doce enlace com as artes e com as letras, que a idealisam e aviventam, e em suas relações de apertado amplexo com as tradições e com os monumentos de nossa particularissima historia.

Eisahi porque, cedendo ao desejo que se nos figura necessidade indeclinavel, traçámos, ha um anno, a construcção de um novo edificio litterario para esta nossa provincia, e planejamos-lhe as dimensões com que se deveria elevar. Comprehendemos que nos seria indispensavel a existencia de uma instituição especialmente destinada a recolher e a conservar, como em mui peculiar e mui familiar repositorio, as memorias, as tradições, as legendas innumeras, que por ahi vogam esparsas, e que se prendem mais ou menos á historia e á propria vida social desta nossa provincia. O edificio erguemo-lo nós, em um dia de solemnissima commemoração para nós todos; e, embora modesto e de aspecto singelo, levanta-se elle hoje, em meio das acclamações de todos os espiritos generosos, e verdadeiramente interessados pela prosperidade do paiz. Já tem vida por si; já se lhe rasgam ao perto e ao longe horisontes explendidos e magestosos; já tem uma denominação, que não destôa

de maneira alguma com as mais sublimes aspirações da civilisação e do progresso; já se acha encorporado por si mesmo, na successão ininterrompida dos factos e dos accontecimentos, ao quadro complexo da nossa historia propriamente nacional.

E' esta a significação do thema grandioso, que o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* se propõe a desenvolver e reduzir á pratica diante da geração que passa, e de todas aquellas que vierem depois, se os esforços, as tentativas e os cuidados de todos os operarios que o circumdam fôrem seguidos e amparados pelo concurso benefico e animador de todos que nos observam. E' esta uma obra eminentemente patriotica; julgamo-la de real interesse para a provincia e para o paiz em geral: será o nosso *Instituto,* crêmo-lo nós, um monumento só por si, desde que a vida, que elle já respira em actos de expansiva manifestação, houvér de sêr bafejada pela approvação unanime dos sinceros apreciadores das glorias patrias.

Para que, porem, melhor o conheçam; para que a todos e em tudo seja presente o que se passa em sua mesma vida de associação, sae o *Instituto* a correr mundo, com o transumpto de suas ideias e de suas obras bem patente na *Revista* que lhe servirá de orgam d'hoje em diante, e com as suas divisas muito especiaes e significativas nos trabalhos d'espirito que comprehende na sua marcha de fervoroso progresso.

Deste periodo, que inicia e abre a sua existencia para o publico, data igualmente a sua missão, na parte mais importante e de mais elevada utilidade; e as paginas que, a contar de hoje, se vão abrir a este modesto repositorio das glorias da provincia, mostra-lo-hão, tal como elle realmente é, a todos os espiritos que as veneram, e que acreditam no futuro do paiz.

ACTA

DA SESSÃO SOLEMNE DE INSTALLAÇÃO DA SOCIEDADE ARCHEOLOGICA PERNAMBUCANA.

Aos 28 dias do mez de Janeiro do anno de 1862, 41.° da Independencia e do Imperio do Brazil, e anniversario da restauração de Pernambuco do poder dos hollandezes, no salão do convento do Carmo desta cidade do Recife, onde se acha a Bibliotheca publica provincial, estando presente o Ill.mo Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, Presidente interino da referida Sociedade, e mais membros installadores abaixo assignados, para o fim de ser installada a Sociedade Archeologica Pernambucana; depois de serem nomeados pelo Presidente o Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira e o Major Salvador Henrique de Albuquerque, secretarios, tomaram estes assento; e o referido Presidente interino recitou um discurso analogo ao objecto, declarando por fim installada a Sociedade.

O Sr. Presidente nomeou para membros da Commissão de redacção dos Estatutos da Sociedade aos Srs. Drs. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, Joaquim de Souza Reis, e José Soares d'Azevedo, e levantou a sessão. E para constar lavrou-se a presente.

Eu Salvador Henrique de Albuquerque, 2.° secretario, a escrevi.

Joaquim Pires Machado Portella.
Antonio Rangel de Torres Bandeira.
Salvador Henrique de Albuquerques.
Vigario Venancio Henriques de Resende.
Padre Lino do Monte Carmello Luna.
Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.
Antonio Herculano de Souza Bandeira.
Dr. João Alfredo Correia de Oliveira Andrade.
João Valentim Villela.
Frei João da Assumpção Moura.

Frei Norberto da Purificação Paiva.
Joaquim de Souza Reis.
José dos Anjos Vieira de Amorim.
José Soares de Azevedo.
José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessôa e Mello
Conselheiro Dr. João Antunes de Azevedo Chaves.
Cicero Odon Peregrino da Silva.
Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque.
Eduardo de Barros Falcão de Lacerda Cav.ti de Albuq.e
Ant.o Witruvio P.to Band.ra e Accioli de Vasconcellos.
Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque.
José Antonio Vaz de Carvalhaes.
Dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque.
Antonio Gomes Leal.
Manoel Figueiroa de Faria.
Dr. Manoel de Figueiroa Faria.

—

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO SENHOR PRESIDENTE INTERINO, NO ACTO DA INAUGURAÇÃO DA SOCIEDADE

Meus Senhores! Se a historia, essa testemunha dos tempos e escola da vida, como a denominou Cicero, tem sido e será sempre considerada como um dos ramos de estudo mais proveitoso, quer se considere sôb a sua relação universal ou particular, quer quanto ao seu assumpto sagrado ou profano; não é menos certo que a historia patria não pode deixar de merecer-nos a mais particular attenção. Promover tudo o que possa concorrer para o seu maior dessenvolvimento; procurar torna-la o mais completa possivel, deve ser objecto do mais acurado trabalho, do mais decidido esforço.

O conhecimento da propria existencia, como nação, importa tanto aos povos, como ao individuo o conhecimento

de si mesmo; do que pode, e do que vale. A philosophica inscripção do portal do Templo de Delphos — *nosce te ipsum* — não tem applicação sómente ao homem, psychologica e moralmente fallando: pela similitude e homogeneidade dos phenomenos que a vida individual e a vida social ou politica apresentam, facil é a conclusão de que o preceito do moralista grego tambem é extensivo a qualquer povo que queira ter consciencia de si mesmo.

E se é verdade, Senhores, que no estudo da historia nacional é que se podem colher as melhores lições de patriotismo, de quanta utilidade nos não será o da nossa? A narração de grandiosos feitos, de magnanimas dedicações, de denodo e de prudencia, de desinteresse proprio e de ambição de gloria commum, a par do estimulo que desperta o desejo de imitação, suggere e fortifica o sentimento de veneração e reconhecimento para com esses vultos eminentes, que nos legaram uma patria, e nos vincula ainda mais com amor extremo a essa mesma patria, preço de tanta heroicidade!

Pernambuco que, já uma das glorias brasileiras disse em pleno parlamento ser a provincia que tinha uma historia propria; Pernambuco que, pela sua posição geographica, opimos dons naturaes, indole de seus filhos, brios de seus habitantes, ha figurado em todas as épochas nacionaes, tem sem duvida fornecido muito assumpto para largas paginas aos annaes do Brazil: abri, folheai qualquer escripto da historia patria, e achareis a veracidade desta asserção.

Apezar, porem, do cabedal fornecido, ainda muito existe a explorar. Nesta provincia devem ter-se dado factos, aliás importantes, cuja existencia ainda é ignorada; devem naturalmente por ahi correr tradições que não deixarão de offerecer interesse; apreciaveis documentos jazerão enterrados no pó dos archivos de Camaras antigas, de Mosteiros, de Repartições publicas, e até em gavetas particulares, que a ignorancia, o deleixo, o indifferentismo, e mesmo o egoismo não aprecia, nem deixa que apreciem; monumentos haverá

bem significativos, e por ventura quasi extinctos e apagados, como fortalezas, reductos antigos, capellas, lapides sepulchraes e outros, de que um vestigio, uma inscripção, uma data, um fragmento poderá talvez projectar grande luz sobre passagens obscuras de velhas chronicas, sobre factos de vacilante autoridade.

Ainda não ha muito, vimos a solicitude e patriotismo do Augusto Imperante inquirir pela sepultura e restos mortaes de João Fernandes Vieira, que,

« Qual a pedra a estatua de Nabuco,
O belga derribou de Pernambuco » ;

e a antiga Marim não soube dar conta do

« Instrumento da patria liberdade ! »

Vimos tambem por esta occasião suscitarem-se duvidas sobre o verdadeiro local do forte de São-Jorge. Ainda outro dia travou-se discussão sobre a naturalidade do valoroso Filippe Camarão.

Portanto, meus senhores, esquadrinhar esses factos ignorados, colher e purificar no crisol de judiciosa critica essas tradições esparsas, pesquizar esses documentos negligenciados, descobrir esses monumentos que tenham uma significação historica, commemorar, emfim, tudo o que tiver dado ou podér dar nome e gloria ao paiz, era o que nos cumpria e cumpre fazer.

E razão de duplo interesse ha nisto : o do amor patrio, evitando que taes preciosidades se percam, ou que mão estranha e parcial proceda á sua exploração, de modo para nós talvez inglorio; e o da verdade historica, por ser mais facil e exacta a investigação e verificação de factos no proprio theatro em que aconteceram. Mas, como assim? Por meio de uma associação. Não bastam a applicação e exforço particular para a consecução plena e efficaz de um fim geral; por mais potentes que sejam as forças individuaes, ellas centuplicam de valor, pela magica influencia das associações.

No caso de que se trata, haverá uma commutação de fructos resultantes das diligencias de cada um.

E' deste modo que téem procedido quasi todas as nações da Europa; e assim vemos: em Portugal a Academia real de historia portugueza; em Madrid tambem uma Academia real de historia; em Stokolmo o Instituto historico; em Roma duas Academias historicas e archeologicas; em Londres a Sociedade dos archeologos, a dos antiquarios e a Academia historica; em Paris a Academia das inscripções, a Sociedade de historia, a dos antiquarios e o Instituto historico; nos Estados da Allemanha mais de quarenta, sendo que só na Prussia, quinze; e enfadonho seria mencionar muitas outras em diversos paizes.

Passo similhante não tardou em dar a capital do Imperio; e os importantes trabalhos do Instituto historico e geographico brazileiro, fundado em 1837, sendo titulos de gloria para as proeminentes capacidades que o dirigem, devem servir-nos de exemplo e animação. Sigamos, pois, o seu exemplo: tenhamos tambem a nossa Sociedade historica.

Dominados por taes sentimentos, e almejando vêr esta aspiração traduzida quanto antes em realidade, cinco amigos, cujos nomes não vos são extranhos, tivemos a honra de fazer um appello a pessoas, que, por sua posição social, reconhecido patriotismo e notoria dedicação ás lettras, concorressem para uma associação deste genero, e della fossem os socios installadores. Que não procedemos errada ou levianamente, temos a satisfação de vêr a prova na benigna acquiescencia que prestaram ao nosso convite tão distinctos cavalheiros, que ora nos honram com a sua presença, manifestando dest'arte a sua adherencia ás idêas enunciadas nas circulares que lhes dirigimos.

Se nos achamos pois de um só accordo, dêmos por installada a Sociedade Archeologica Pernambucana.

E eu comprazo-me, senhores, de vê-la installada no centro de uma bibliotheca, de cujas estantes, — se é certo que o sabio não vai todo á sepultura e revive em suas

obras —, muitos espiritos eminentes nos contemplam. Comprazo-me tambem por vê-la installada em um respeitavel convento, onde o brilho do talento andou sempre a par da austeridade da virtude, e onde até as sciencias naturaes acharam professores; o amor da liberdade patria, victimas; dioceses, bispos; e o proprio Imperante, um mestre!

Eu comprazo-me ainda, senhores, por vê-la installada em um dia dos mais gratos nos fastos pernambucanos! Uma sociedade cujo fim principal é a historia da provincia de Pernambuco, não podia ter melhor dia para a solemnidade da sua installação que o dia 28 de Janeiro! dia em que, em 1654, após inauditos prodigios de valor, sacudido por uma vez do solo patrio o dominio hollandez, entraram triumphalmente na antiga Mauricéa esses heroes, cujas effigies não podiam deixar de vir hoje abrilhantar a presente festividade. Neste dia glorioso viram elles o complemento feliz de suas prodigiosas façanhas: nós tambem neste dia rendêmos jubilosos um tributo de reconhecimento á memoria d'aquelles que nos restituiram patria e religião!!

Salão da Bibliotheca Publica Provincial, no Convento do Carmo, 28 de Janeiro, de 1862.

Joaquim Pires Machado Portella.

1.ª Sessão preparatoria do dia 16 de Agosto de 1862.

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

Ás cinco horas da tarde, achando-se presentes os senhores Drs. Souza Reis, José Soares, Torres Bandeira, Witruvio e Cicero Odon, Padre mestre Lino e Salvador Henrique, abre-se a sessão, e lê-se o seguinte

EXPEDIENTE.

Quatro participações officiaes dos senhores Barão de Vera Cruz, Monsenhor Muniz Tavares, Dr. Epaminondas e Dr. Aprigio Guimarães, em resposta aos convites recebidos, nas quaes os mesmos senhores declaram acceitar o titulo de membros installadores, e pedem desculpa de não poderem comparecer á sessão de installação. Assim se decidiu.

Um officio do senhor Antonio Joaquim de Mello, accompanhado de tres volumes das Biographias dos poetas e homens illustres da provincia, que o mesmo senhor offerta á Sociedade. Foram recebidos com especial agrado, e mandaram-se archivar.

O senhor Presidente declara que o fim principal da presente sessão é discutir-se o projecto de Estatutos apresentado pela respectiva commissão; e passando-se immediatamente á leitura e discussão dos mencionados Estatutos, foram estes approvados com quarenta e cinco artigos.

O mesmo senhor Presidente designa o dia 1.º de Setembro para haver sessão, e declara que a ordem do dia é a eleição da mesa e das commissões. Levanta-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella,
Presidente.

Antonio Rangel de Torres Bandeira,
1.º Secretario.

Salvador Henrique de Albuquerque,
2.º Secretario.

2.ª Sessão preparatoria do dia 1.º de Setembro de 1862.

Presideneia do Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

A's cinco horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Souza Reis, José Soares, Witruvio, Cicero Odon, Eduardo de Bar-

ros, Padre mestre Lino, Coronel Veiga Pessoa, Francisco de Barros Falcão, e Salvador Henrique de Albuquerque, abre-se a sessão e é lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. Dr. Witruvio é convidado a substituir ao Sr. Dr. Torres Bandeira no logar de 1.º Secretario, e como tal tomando assento, declara não haver expediente.

São considerados membros installadores os Srs. Dr. Braz Florentino Henriques de Souza, Barão do Livramento, e Commendador Antonio Joaquim de Mello, pelas razões apresentadas pelo Sr. Presidente a respeito do primeiro, e pelo 2.º Secretario relativamente aos dois ultimos.

ORDEM DO DIA.

Procede-se á eleição dos membros da mesa administrativa e das differentes commissões, e saem eleitos:

Presidente, com 10 votos, — Monsenhor Dr. Francisco Muniz Tavares.

1.º Vice-Presidente, com 9 votos, — Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

2.º Vice-Presidente, com 7 votos, —Barão de Vera Cruz.

3.º Vice-Presidente, com 7 votos, — Conego Venancio Henriques de Resende.

Secretario perpetuo, com 9 votos, — Dr. José Soares de Azevedo.

2.º Secretario, com 8 votos, — Major Salvador Henrique de Albuquerque.

Thesoureiro, com 7 votos, — Barão do Livramento.

Orador, com 10 votos, — Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

Supplentes do 2.º Secretario, com 8 votos cada um, — Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.

COMMISSÕES.

Fundos e Orçamentos.

Dr. Joaquim de Souza Reis.

Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.

Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque.

Redacção da Revista.

Dr. Braz Florentino Henriques de Souza.

Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

Dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque.

Revisão de manuscriptos.

Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Dr. João Alfredo Correia de Oliveira e Andrade

Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira.

Trabalhos historicos e archeologicos.

Padre mestre Lino do Monte Carmello Luna.

Dr. Antonio Epaminondas de Mello.

Dr. José dos Anjos Vieira de Amorim.

Subsidiaria da antecedente.

Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.

Dr. Eduardo de Barros Falcão de Lacerda Cavalcanti de Albuquerque.

Dr. Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque.

Trabalhos geographicos.

Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira.

Dr. Manoel de Figueirôa Faria.

Subsidiaria da antecedente.

Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.

Dr. Joaquim de Souza Reis.

Frei Norberto da Purificação Paiva.

Admissão de socios.

Commendador Manoel Figueirôa de Faria.
Coronel Antonio Gomes Leal.
Coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa.

Pesquisas de manuscriptos e monumentos historicos.

Commendador Antonio Joaquim de Mello.
Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque.
Tenente coronel João Valentim Villela.

O senhor Presidente designa o dia 21 do corrente, pela uma hora da tarde, para a posse dos novos eleitos, em sessão solemne, em que sómente terá lugar este acto, fazendo-se os convenientes avisos e convites. Levanta-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella,
Presidente interino.

Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.
1.° Secretario interino.

Salvador Henrique de Albuquerque,
2.° Secretario interino.

SESSÃO SOLEMNE

para a posse dos membros da Mesa Administrativa, no dia 21 de Setembro de 1862,

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

A' uma hora da tarde, recebido o Exmo Sr. Presidente da Provincia pela commissão dos dois Secretarios, ao som de musica marcial, postada á entrada do salão, é acompanhado ao lugar que lhe estava destinado; e achando-se presentes o Dr. Delegado 1.° supplente em exercicio, Dr. Juiz

do Commercio, Inspector da Alfandega, Inspector do Arsenal de Marinha, Lentes do Collegio das Artes e do Gymnasio Provincial, pessoas gradas, e um grande numero de cidadãos de todas as classes, verifica-se egualmente a presença dos seguintes membros installadores: — Dr. Antonio Herculano, Dr. José Soares, Dr. Witruvio, Padre mestre Lino, Dr. Feitosa, Dr. Souza Reis, Dr. Cicero Odon, Provincial Frei Noberto, Barão do Livramento, Dr. Figueirôa, Monsenhor Dr. Muniz Tavares, Francisco de Barros, e Salvador Henrique, pelo que abre-se a sessão, e é lida e approvada a acta da antecedente.

ORDEM DO DIA.

O Sr. Presidente interino passa a lêr um resumido relatorio, em que dá conta do movimento do Instituto desde a sua installação até o presente, e conclue convidando ao Ex.mo Monsenhor Dr. Muniz Tavares para tomar posse do logar de Presidente effectivo, para o que, dirigem-se o primeiro e segundo Secretarios ao logar em que se achava assentado o mesmo Ex.mo Sr., e o acompanharam até á mesa, cuja cadeira presidencial lhe fôra cedida pelo Sr. Presidente interino.

Effectuada assim a posse, o Sr. Presidente effectivo pronuncia um resumido e bem elaborado discurso, em que convida aos membros do Instituto para que, com os seus heroicos exforços, prosigam nas pesquizas de documentos e monumentos historicos, que devem necessariamente engrandecer e aperfeiçoar a historia de Pernambuco e a geral do Brazil.

Em seguida, são convidados e accompanhados pela mesma commissão dos Secretarios, os Srs. 1.° Vice-Presidente Dr. Portella, Secretario perpetuo Dr. José Soares, Orador Dr. Feitosa, Thesoureiro Barão do Livramento, e 2.° Secretario Salvador Henrique, os quaes tomaram posse e assento em seus respectivos logares.

O Sr. Presidente dá a palavra ao Orador do Insti-

tuto Dr. Feitosa, o qual, em um bem desenvolvido discurso, mostrou a utilidade e proveito que devia esperar-se desta instituição; e os oradores das commissões que representavam o Atheneu Pernambucano e a Sociedade Onze de Agosto, José Fiel de Jesus Leite e José Avelino Gurgel do Amaral, recitaram egualmente dois bellos discursos de congratulação, apropriados ao acto solemne a que vinham assistir.

Designado o dia 9 de Outubro, pelas 11 horas da manhã, para a primeira sessão ordinaria, o Sr. Presidente dá para ordem do dia trabalhos de commissões, e levanta a sessão.

Monsenhor Francisco Muniz Tavares,
Presidente.

Joaquim Pires Machado Portella,
1.º Vice Presidente.

José Soares de Azevedo,
Secretario perpetuo.

Salvador Henrique de Albuquerque,
2.º Secretario.

Barão do Livramento,
Thesoureiro.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa,
Orador.

RELATORIO

LIDO PELO SR. DR. JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA, PRESIDENTE AD INTERIM, NA SESSÃO MAGNA DE POSSE DA PRIMEIRA ADMINISTRAÇÃO DO INSTITUTO.

Exm. e Rvm. Monsenhor Francisco Muniz Tavares.— Na sessão precedente foi V. Exc. eleito Presidente do

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano: tenho a satisfação de convida-lo a occupar o logar que lhe compete.

Ao dar a V. Exc. posse da effectividade deste cargo que me coube a honra de exercer provisoriamente, julgo correr-me o dever de proferir algumas palavras, como é costume em occasiões taes.

Esta usança, que quasi sempre assenta em racionavel fundamento, é tambem algumas vezes uma exigencia do coração; — e é o que ora se dá.

Não é, pois, o simples preenchimento de uma formalidade, mas a expansão de um grato sentimento, que me leva primeiro que tudo a rogar a V. Exc. que digne-se de acceitar as minhas sinceras felicitações, e a manifestação da mais plena confiança na discreta direcção de V. Exc., e conceder-me permissão para que, sem offensa da sua modestia, eu me congratule com os illustres membros do Instituto Archeologico, pela acertada escolha que fizemos de tão respeitavel ancião, para occupar similhante cargo. A natureza mesma desta sociedade o exigia: e na verdade, quem diz historia, diz passado, e quem diz passado, diz velhice — experiencia — saber.

Depois que alguns amigos — ha muito desejosos de vêrem concentrar-se e auxiliar-se os esforços individuaes para a empreza commum de colligir, verificar e publicar documentos e tradições congruentes á historia patria — aqui reunidos installámos solemnemente uma sociedade para tal fim, uma commissão foi logo nomeada para formular o projecto de estatutos da mesma sociedade. E, comprazo-me em dizer que bem avisado andei na escolha dos respectivos membros, pois começando promptamente suas conferencias, apresentaram um trabalho que, sendo submettido á devida discussão, em uma sessão, foi approvado, e constitue hoje a nossa lei organica.

Em virtude dos mesmos estatutos, foi mudada a denominação da sociedade para a de Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Tambem, em virtude de suas disposições, celebrou-se uma sessão especial para a eleição dos membros da mesa administrativa; e foi convocada a presente para a posse dos eleitos. Termina, pois, a minha missão.

Cabendo agora a V. Exc. dar posse aos demais membros da mesa administrativa, a mim resta-me dar mil agradecimentos, em nome da mesa provisoria, ao Exm. Sr. Presidente da provincia e a todos os senhores que, a convite da mesma mesa, se dignaram vir abrilhantar a presente solemnidade, compartilhando o nosso justo regosijo por ir progredindo e consolidando-se tão util instituição.

Sim! Quando em outra occasião, neste mesmo logar, coube-nos a indisputavel gloria de installar a Sociedade Archeologica, de viva satisfação por certo devera pussuir-se o nosso espirito; mas hoje, estando ella já regularmente constituida, e a tomar posse de seos cargos os socios que para elles foram eleitos, de verdadeiro contentamento deve tomar-se o nosso patriotismo!

E por certo. Então, era a primeira pedra do edificio que se lançava. Conseguir-se-hia erigi-lo?..... Esse era o geral desejo, essas eram as nossas esperanças; mas como que uma nuvem de incerteza não deixava de pairar em alguns espiritos de mais frouxa crença. Hoje, é o edificio já erguido, completo e prompto para o fim a que é destinado.

Então, era ainda no estaleiro a quilha do navio que se construia para sulcar os mares do passado, na exploração de preciosidades historicas. Hoje, é esse mesmo navio fabricado, equipado, já á barra, com a tripolação a seos postos, só a espera do brado: —*á vela*. Solte-o, pois, V. Exc.

Confiemos, e prosigamos!

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Setembro, de 1862.

Joaquim Pires Machado Portella.

DISCURSO

DO EXM. E REVM. SR. MONSENHOR FRANCISCO MUNIZ TAVARES, AO TOMAR POSSE DE PRESIDENTE EFFECTIVO DO INSTITUTO.

Senhores. — O sabio não circumscreve-se ao presente; nutre a vida espiritual com elementos que já passaram, e cobrando com elles novas forças, amontôa novas riquezas para o futuro. A civilisação marcha com o exame profundo do que, em eras remotas, praticaram os diversos povos; e quanto maior é o progresso, mais interessante torna-se esse exame.

A civilisada Europa confirma com o seu proceder a veracidade destes principios; ahi, não só nas capitaes como nas pequenas cidades, congregam-se varões distinctos, que de coração dedicam-se ao estudo archeologico.

Senhores. Na cultura das sciencias o homem trata de illustrar a intelligencia, e aperfeiçoar o ser moral; o archeologo passa além deste alvo; dá prova exuberante de extremado amor ao solo onde nasceu; forceja por descubrir as pedras preciosas que ali jazem occultas, para realçar-lhes o legitimo valor; pesquiza carunchosos pergaminhos, para corrigir erros, que a incuria, a má fé ou falsas tradições tenham introduzido na historia respectiva. Faltava-nos para esse fim um Instituto Archeologio e Geographico: ei-lo installado. Louvores mil aos cidadãos prestantes, que tiveram a primeira lembrança, e souberam realisa-la; com elle poder-se-ha fazer alguma cousa util.

Todavia, força é confessar que muito mais lucrarieis, meritissimos installadores, se á vossa testa houvesseis collocado outro mais habilitado que eu: á borda do sepulchro, pouco ou nada se faz; quando muito, contempla-se com acatamento religioso algum vaso cinerario dos nossos infortunados indigenas, que a mão sacrilega do conquistador, ávido de ouro, por acaso tiver poupado.

Creio que não olhastes para a minha edade, e sim para meus bons desejos; agradeço, certificando-vos que sempre em tudo cedi a meus illustres compatriotas, menos em amor da patria; ninguem mais do que eu (digo-o com orgulho), deseja o engrandecimento e a prosperidade de Pernambuco; ainda no fundo do meu retiro, não cessarei de fazer votos para que o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano floresça, e obtenha o fim grandioso a que se propõe.

Senhores. O campo a arrotear é vasto, e muito vasto: só no que diz respeito aos primitivos habitantes deste bello paiz, sua linguagem, seus usos, costumes e crenças, que de certo as tinham, porque julgo moralmente impossivel que exista ou tenha existido um povo atheu; sim, só nestes elevados pontos, prescindindo de outros muitos de nossas passadas lutas, e nos que a Geographia offerece, podeis dar expansão ampla ao vosso genio, e concorrer para a confecção perfeita da historia, não só particular desta provincia como geral do Brasil.

Necessariamente encontraremos difficuldades sem numero, como quasi sempre acontece no começo de emprezas arduas; o trabalho reflectido, a coragem, a perseverança e o patriotismo, tudo vencem; o que mais me anima no exercicio deste logar é estar rodeado de tão illustrados quanto benemeritos cidadãos.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Setembro, de 1862.

Monsenhor Francisco Muniz Tavares.

DISCURSO

DO SR. DR. ANTONIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOSA, ORADOR DO INSTITUTO.

Senhores. —Installado no honroso cargo de orador do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, para que fui eleito por excessiva bondade dos dignos membros de tão illustre corporação, eu faltaria a um dever, se, por ventura, nesta primeira sessão solemne depois de organisado, não dirigisse algumas palavras ao respeitavel auditorio, expondo-lhe concisamente qual o fim que se propõe esta instituição, e quaes as vantagens que póde ella proporcionar aos contemporaneos e aos vindouros.

Pelo que respeita ao fim, o simples titulo de—Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano—é sufficiente para indica-lo, de modo satisfatorio: a archeologia, tendo por materia as *antiguidades*, e a *geographia* referindo-se a tudo quanto faz objecto desta sciencia, com applicação a Pernambuco, eis o que do primeiro lanço de olhos se vê constituir o objecto das pesquizas e dos estudos desta importante associação.

O art. 1.° dos Estatutos respectivos resume este fim pela maneira seguinte:

« O Instituto Archeologico e Geographico Pernambu-
« cano tem por fim colligir, verificar e publicar os docu-
« mentos, monumentos e tradições historicas que lhe for
« possivel obtêr ou de que tiver noticia, pertencentes á
« historia das provincias que formavam as antigas capita-
« nias de Pernambuco e Itamaracá, desde a época do seu
« descobrimento até os nossos dias. »

Não é mister muito esforço de intelligencia para comprehender-se o vasto campo offerecido aos membros do Instituto, para exercitar a sua paciencia e fornecer alimento á sua actividade.

Um espaço de tempo de mais de tres séculos a per-

correr, cheio de acontecimentos importantes e mesmo heroicos; uma vasta extensão do territorio a explorar, quer em sua superficie, quer em suas profundezas; gerações primitivas, varias em suas formas e em seus costumes; novas gerações que lhes sncederam pela conquista, e que com ellas se misturam, dotando-as das vantagens da civilisação; riquezas nunca vistas e nunca narradas, verdadeiras maravilhas em todos os reinos da natureza; um ceo como póde desejar a mais exigente imaginação de poeta; a india em suas graças singelas; a escrava em suas dôres e afflicções, só por ella sentidas, e só por ella concebidas; o rodar da civilisação atravéz de florestas cerradas e de vastos campos incultos; as tradições que se agrupam em derredor dos campanarios das aldeias; e mil outras cousas que a estas se prendem e com ellas se entrelaçam, são por certo assumptos bem capazes de fornecer alimento ás mais sabias academias.

Não se dirá, pois, que o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* gyra dentro de limites muito aproximados e de uma esphera acanhada; não se dirá que o fim da instituição não justifica plenamente o titulo de *Instituto*, com que se ella adornou; não se dirá que o homem illustrado, o sabio mesmo, possa olhar com desdém para esta corporação, pela mediocridade do objecto que ella se propõe.

Se do fim volvermos os olhos para a utilidade, para as vantagens que contemporaneos e vindouros poderão colher desta instituição, poderemos affirmar, sem receio de cahirmos em erro, que muita gratidão se deve a aquelles que deram vida e realidade pratica a tão bello pensamento.

E em verdade, senhores, se a historia, em sua applicação ao mundo, é, na phrase de Cicero, *testis temporum, lux veritatis, vita memoriæ, magistra vitæ,* isto é, foi sempre considerada como a luz dos tempos, a depositaria dos acontecimentos, a testemunha fiel da verdade, a fonte dos bons conselhos e da prudencia, a regra da conducta e dos cos-

tumes; não se pense que essa propriedade perca-a ella de todo, quando entendida com applicação a uma localidade, a uma porção circumscripta de territorio, embora essa localidade, esse territorio circumscripto, atravessem os annos de sua infancia civil.

Antes de tudo, é bello lembrar o que diz Rollin ácerca do estudo das *antiguidades*:

« Parece-me, diz o sabio escriptor, que acontece com aquelles que estudam a historia o mesmo que acontece com ós viajantes. Estes, de ordinario, se propõe um fim, que é chegar á sua patria, ou a outro algum lugar aonde os chamam seus negocios e seus interesses: e é esse fim, esse motivo que os faz obrar e os põe em movimento. Elles não deixam todavia, se lhes não falta o tempo e se os anima a curiosidade, de examinar, durante a sua viagem, o que de mais notavel encontram em seu caminho, e de com isso formar especies de jornaes e memorias para seu uso particular. Eis o que se deve tambem fazer, quando se estuda a historia; quero com isto dizer que, além da successão dos factos e dos acontecimentos, e das sabias reflexões a que elles dão logar, se deve ainda colligir com cuidado tudo quanto diz respeito aos usos, costumes, leis, artes, e a mil outros conhecimentos curiosos, que servem a ornar o espirito, e contribuem tambem muito para a intelligencia perfeita da historia. »

Esta exposição ácerca do que seja o estudo das *antiguidades* é por si bastante para crear gosto e inclinação á *archeologia*.

Mas não é só por isso que o estudo das *antiguidades* se recommenda; esse estudo, relativamente a qualquer paiz, é ainda considerado como de absoluta necessidade, porque sem elle, ou não é possivel constituir-se inteira a respectiva historia, ou não é possivel entender os escriptores que por ventura se tenham occupado de factos antigos.

Podemos asseverar que, se ha uma localidade no Brasil que deva possuir uma historia, é a antiga capitania de Per-

nambuco. Entretanto, essa historia está ainda por escrever, e os elementos que existem precisam de ser coordenados e explicados. Não se vê que o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* póde prestar immensos serviços á historia da provincia, e por conseguinte á historia do Brazil?

Póde-se dizer que os destinos de uma nação prendem-se estreitamente ao seu berço: é d'ahi que nascem, como os ramos de um só tronco, as crenças religiosas, os sentimentos moraes, as inspirações artisticas, os vôos scientificos, os brios militares, emfim tudo quanto faz a gloria ou a ignominia, a força ou a fraqueza das nações. Cumpre remontar ao berço de uma nação, para conhece-la a fundo e prepara-lhe grandes destinos.

Dir-se-ha:—mas esse estudo do que se ha feito entre nós em tempos primitivos, pondo de parte o seu lado pittoresco, deve ser esteril para os costumes, se é que lhes não será prejudicial; visto que se referem a épocas em que a barbaria selvagem estendia seu denso véo de ignorancia maléfica por sobre a familia brasileira.

Uma tal observação seria sem o menor vislumbre de procedencia: não só os primeiros tempos nos offerecem exemplos de lealdade, de dedicação religiosa, de virtudes patriarchaes, senão como vultos heroicos se erguem de distancia em distancia, para attestarem a indole briosa dos pernambucanos, tão a descoberto em épocas de sympathica ingenuidade. Não é só nos varões illustres de Plutarcho, resumindo as grandes façanhas de antigas celebridades, que se adquirem poderosos incentivos á pratica das acções nobres.

Neste ponto, póde-se dizer que mais se aprende no singelo poema de Tobias. E ha em a naturalidade dos costumes primitivos de um povo christão alguma cousa de magestoso, que encanta, atrahe e edifica. Pernambuco, além disto, expellindo de seu territorio o hollandez conquistador e poderoso, e restabelecendo por este modo a religião de seus paes no solo onde se erguêra a Cruz, fornece

á historia e ao poema assumpto digno de emparelhar com o que ha de mais grandioso em tempos antigos e modernos.

A nacionalidade de um paiz, a sua verdadeira autonomia civil e moral, prende-se a tudo quanto no cidadão d'esse paiz desperta o amor pelas suas diversas localidades; e forma-se de todas essas narrativas, de todas essas legendas, de todos esses factos de côr local, que são como que as feições caracteristicas de um povo. Assim, pois, o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, estudando factos, colligindo, verificando e publicando os documentos, monumentos e tradições historicas das paragens respectivas, concorre poderosamente para que se desenvolva e se enraize o sentimento nacional.

Quem poderá confundir a musa de Homero com a musa de Virgilio; Gœthe, Klopstock e Schiller com Milton e Byron; estes com Ossian; estes com Camões; este com o Dante, Tasso, etc., etc.? Os costumes, a indole, o caracter, as feições de cada uma das nações a que pertenceram esses poetas, dão a cada um delles seu cunho particular, que protesta contra a negação da autonomia civil e moral das respectivas nações.

Dando assumptos á imaginação brilhante do poeta, ao delicado pincel do pintor, o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* prestará eminentes serviços ás lettras e ás artes brazileiras.

Ha ainda um grande serviço que o *Instituto* ha de prestar ao paiz. Sabem todos que, a despeito de nossa indole hospitaleira e bondadosa, temos sido victimas ou da ingratidão ou da ignorancia de um ou outro estrangeiro, que não se pejam de publicar a nosso respeito as mais revoltantes falsidades, descrevendo-nos como semi-selvagens. Naturalmente o *Instituto*, zelando efficazmente a reputação do paiz e da nacionalidade brazileira, não deixará passar sem convincente refutação os erros que por ventura se commettam, ou a respeito dos factos da historia patria, ou a respeito dos nossos costumes.

Ficarei aqui, senhores, porque muito longe teria de ir, se por ventura me propozesse a tratar de todas as vantagens que o *Instituto* possa prestar á sciencia, aos costumes, ás artes, em uma palavra a todas as espheras da actividade brazileira.

Resta-me, portanto, esperar todo o apoio de nossos concidadãos, e congratular-me com o *Instituto* pela brilhante carreira que enceta, e pelo futuro honroso que ha de proporcionar á sociedade brazileira, mormente tendo á sua frente uma das mais esplendidas glorias litterarias que enobrecem a nossa provincia.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Setembro de 1862.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

DISCURSO

DO ORADOR DA ASSOCIAÇÃO ONZE DE AGOSTO, SR. JOSÉ AVELINO GURGEL DO AMARAL.

Senhores.—Enviado por parte da Associação *Onze de Agosto,* para dirigir-vos duas palavras neste momento em que tão grande solemnidade vae perpetuar o nascimento desta grandiosa instituição, eu apresso-me em desempenhar esta missão, que excede—de intima convicção vo-lo digo—as minhas forças.

Permitti, pois, que vos leia algumas palavras que como parabem vos envia a Associação *Onze de Agosto.*

Senhores.—O estudo do passado não é somente uma revelação de saudade; é tambem uma arrojada aspiração de esperança (1). Quando o espirito cansado de contemplar

(1) Lopes de Mendonça.

essas revelações do dia, operadas umas após outras, transpõe essas gerações passadas, e pára n'uma, onde os paineis que a enriquecem são soberbos e gigantescos, o espirito humano, repito, não céde ás fortes seducções de saudade; elle tem uma arrojada aspiração de esperanças, que é — instruir-se nessas tradições das éras gloriosas do passado, além disso ser util aos contemporaneos e ao mesmo tempo á posteridade, visitando esses destroços das gerações que existiram, e resuscitando de alguma campa secular, muita vez, algum grandioso cadaver.

E' assim, que um sabio (1) da Grecia, rodeado de todas as vantagens que a famosa Athènas lhe prodigalisava, deixa a sua patria, para ir entregar-se a quarenta annos de meditação em Roma.

Athênas, n'esse tempo muito mais admirada do que Roma, pelas lettras, não tinha como ella legiões de soldados, para ser, pelas conquistas, senhora do universo, mas tinha os seus semi-deuses na sciencia: Athênas tinha o seu Pantheon em dia; Roma não se lembrava senão de dominar o mundo.

E este sabio, satisfazendo a sua propria cubiça, deixa a residencia de Athênas, que fascinava... A gloria de que gosava, a tocante veneração de Eleusis, as bordas encantadoras do Ilissus, tão decantadas pelo divino Platão, suas relações intimas com os maiores sabios, pareciam devê-lo ahi prender.

De outro lado, porém, a reputação de Roma, sua grandeza e sua magnificencia, o titulo de capital do mundo, e sobre tudo o desejo de conhecer por si mesmo a historia e os costumes dos romanos, tiveram mais poder sobre elle.

Senhores. A historia, diz Cicero, é o testemunho dos tempos, a luz da verdade e a escola da vida.

Era o que procurava este sabio.

Se applicarmos estes principios á nossa terra, se

(1) Plutarcho.

olharmos esperançosos para o vasto horisonte que nos promette o futuro, os nossos sabios, os nossos homens de lettras, deverão concorrer para que as nossas tradições se não percam na noute dos tempos.

Atravessando essas edades que passaram, elles devem erguer monumentos que fallem a todas as nações de nossas grandezas, de nosso heroismo, de nossos sabios, de nossos poetas...

Ah! Que fatalidade terrivel não é o esquecimento de um nome glorioso, enriquecido de tradições e admirado por todos!! E que encanto, que satisfação indisivel se não encontra na leitura da historia dos grandes homens? Como é sublime a leitura de Homero na sua Iliada, de Virgilio na sua Eneida, do Tasso na sua Jerusalém, de Camões nos seus Lusiadas?!

Como é bello, depois de aprofundado estudo, conhecer-se que o reinado de Augusto foi célebre porque justamente nelle escreviam as suas obras primas Tibullo, Virgilio e Horacio?!

Quão agradavel não é uma vista d'olhos sobre e século da magnificencia e grandeza de Versailhes, o século de Luiz XIV, tão justamente célebre pelos genios sublimados do humilde Fenelon, de La Bruyère, de Boileau?!

Como pasma ver-se as grandiosas concepções do velho Chateaubriand, de madame de Stael,mais admiradas do que a espada do heroe de Austerlitz?!

Que espectaculo maravilhoso não é o lêr-se a historia desse povo famoso, pelas aventuras do Gama e de Cabral; o contemplar-se a extensão desses dominios, a edificação desses reinos entre gentes remotas, a vindicta dos brios e honras em formidaveis combates, e por outro lado as legiões de sabios, de genios,tambem por sua vez heroes, nessas lutas gloriosas, onde o gladio da intelligencia disputou corôas que não murcharão nuuca!

E' bello estudo; é o passado revivendo com o presente, e unificando-se com elle, para juntamente concorrerem á

gloria do futuro! E' a geração adormecida para sempre nas sombrias ruas dos cemiterios, levantando-se para abrir ás gerações presentes uma fonte de sciencia, que forma por si só o mais precioso adorno da intelligencia humana!..

Que scêna magestosa não é, onde quer que um olhar pasmoso se fite!

Gloriosa missão é a daquelles que se encarregam de facilitar os segredos e os dons preciosos de tão admiravel estudo!... que nos dá a experiencia do passado, que, no dizer de um grande philosopho, é a sciencia do futuro.

Abrindo as portas augustas do templo da sciencia, aquelles que se encarregam desta missão trabalham para a sua immortalidade.

Que felicidade não será para o Brazil vêr uma instituição como esta, desenvolver-se e florecer; uma instituição que tende a levantar uma litteratura, baptisada nas tradições de um passado glorioso! Sim, senhores, começai um Pantheon para nós, inscrevei de novo o nome de Cabral, glorificai a sublime inspiração que o dominou, plantando na prêza ditosa do acaso — o estandarte da Cruz! Acompanhando todas as mudanças por que foi passando a colonia rica e florecente, fallai em nossos heroes. Abri paginas douradas para os Camarões, Vidaes de Negreiros, Barbalhos, Bezerras, Henriques Dias e outros: ide renovando as ideias sobre os bravos antepassados; e quando houverdes chegado a esses tempos em que o estremecimento da colonia indicava os sonhos pela liberdade de que hoje gosamos, robustecei a causa sobre os Andradas, os Xavieres ou Tira-Dentes, sobre esses martyres, glorificados pela nobreza do sacrificio que se impozeram. Então repeti as doces canções dos Gonzagas, dos Claudios da Costa, dos Antonios Josés, Alvarengas e outros. Acompanhando estes acontecimentos do dia, preparai-vos para ornar o vosso livro com as imaginações gigantescas dos Alvares de Azevedo, dos Gonçalves Dias, Magalhães, Macedos, Alencares, Casimiros e outros.

Senhores. O Brazil é uma nação que não deve esperar do dia d'amanhãa senão mais uma aurora dourada nos seus horisontes, senão mais uma e muitas estrellas de esperança, senão um presagio seguro de uma grandeza immortal.

Por toda a parte o amor ás lettras, a dedicação á sciencia, o ardor pelo seu progresso, a cobiça pelo seu engrandecimento.

A' sombra do estandarte glorioso que symbolisa a redempção do mundo,e que ficou servindo de marco milliario dessa época memoravel — a Bôa-Nova, — desenvolve-se a felicidade que o deve accompanhar sempre, porque todas as suas instituições nascem e caminham sôb as inspirações dessa religião que elle traduz, — a religião da fé e da esperança.

Senhores. Agradecendo-vos a attenção com que me tendes ouvido, eu vou concluir.

A mocidade estudiosa, que sustenta a Associação *Onze de Agosto,* muito se congratula comvosco pelo nascimento de vossa feliz instituição, porque ella tambem symbolisa o progresso de nossa chara patria. Ella não cruza os braços, melancolica e triste, como os heroes de Byron, no meio dessas lutas tão gloriosas; ao contrario ella sente-se tocada pela paixão e pelo enthusiasmo da verdade.

Acceitai, portanto, as congratulações da Associação *Onze de Agosto,* que faz votos pela vossa crescente prosperidade.

Eis o que, por parte della, tenho a dizer-vos.

Recife, 21 de Setembro de 1862.

José Avelino Gurgel do Amaral.

HISTORIA PATRIA

Jorge de Albuquerque Coelho, natural de Olinda, nasceu em 23 d'Abril de 1539. Fôram seus pais Duarte Coelho Pereira e D. Brites de Albuquerque, ambos de antiga e nobre linhagem portugueza.

Jorge de Albuquerque, em Portugal, tendo seguido o exercicio das armas e chegado já ao posto de general, têve a força d'animo de recusar a El-Rei D. Sebastião um lindo cavallo de raça arabe, que havia obtido em Evora por elevado preço, dizendo ao monarcha que o queria conservar para o seu real serviço, quando fosse tempo, mas que por então se não podia dessapossar delle, porque *era o unico que tinha*, em quanto S. Alteza conseguiria tantos quantos lindos cavallos fossem de sua vontade!

Effectivamente, na desastrosa jornada de Alcacer-Kibir, em que D. Sebastião sacrificou comsigo a independencia nacional e a flor da fidalguia portugeuza (4 de Agosto de 1578), quando El-Rei havia já perdido o cavallo que montava e corria grandissimo perigo, appresenta-se-lhe Jorge de Albuquerque todo ferido e ensanguentado, apéa-se, e offerece-lhe pressuroso o formoso cavallo que outr'ora lhe havia recusado: — « Senhor! (lhe diz elle) é agora a occasião. Aqui está o meu cavallo: monte V. Alteza, e salve Portugal e o meu Brazil ».

Este rasgo de fidelidade e de exempção de charater é commemorado por todos os historiadores portuguezes, e mais especialmente por Miguel Leitão de Andrade, na sua *Varia Historia*. E com tudo, foi bem fatal a Jorge de Albuquerque similhante sacrificio e tão grande generosidade, porque d'ahi a poucos momentos se viu cercado por um troço de inimigos, que o abandonaram como morto no meio de milhares de cadaveres que juncavam o campo da batalha; e no dia seguinte, arrastrado desse theatro de sangue com outras victimas que ainda viviam, foi vendido como escravo a senhores mouros, em cujo durissimo captiveiro permaneceu dois annos, todo aleijado e pungido de dôres, até ser emfim resgatado com outros muitos fidalgos, e voltar a Lisboa, onde morreu, muito estimado de Philippe II de Castella, que o havia encarregado de continuar as suas *Memorias sobre as guerras do Brazil*, hoje rarissimas, e lhe tinha concedido o auxilio de uma força com que se oppuzesse em Pernambuco aos continuos ataques de hollandezes e francezes, que tanto cubiçavam esta terra, então donataria de Jorge de Albuquerque.

Recife — Typ. Universal. — 1863.

JANEIRO DE 1864. — N.º 2.

ESTATUTOS

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

APPROVADOS

EM SESSÃO DE 16 DE AGOSTO DE 1862

CAPITULO I

FIM E OBJECTO DO INSTITUTO

Artigo 1.º O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano tem por fim colligir, verificar e publicar os documentos, monumentos e tradições historicas que lhe for possivel obter, ou de que tiver noticia, pertencentes á historia das provincias que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, desde a épocha do seu descobrimento até os nossos dias.

Art. 2.º O Instituto procura sustentar correspondencias com sociedades estrangeiras de egual natureza, e se ramifica nas provincias do Imperio, para mais facil desempenho dos fins a que se propõe.

Art. 3.º Publica, de tres em tres mezes, uma brochura, que tem pelo menos trinta e duas paginas de impressão, in-8.º, com o titulo seguinte : *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.* Nesta revista se publicam, além das actas e trabalhos do Instituto, as memorias de seus membros, julgadas interessantes á historia de Pernambuco ou á do Brazil, assim como as noticias ou extrac-

tos da nossa historia, publicadas por outras sociedades ou pessoas litteratas, nacionaes ou estrangeiras, precedendo a respeito dellas o relatorio de uma commissão do seio do Instituto, para esse effeito nomeada.

CAPITULO II

ORGANISAÇÃO DO INSTITUTO.—ADMISSÃO E DEVERES DE SEUS MEMBROS

Art. 4.° O Instituto consta de quarenta socios effectivos, de um numero illimitado de socios correspondentes tanto no Imperio como nas nações estrangeiras, e de socios honorarios, cujo titulo é conferido ás pessoas que, por sua edade avançada, consummado saber ou distincta representação, estão no caso de justificar a escolha, ficando por isso dispensados dos encargos ordinarios a que estão sujeitos os outros socios. Os nomes de todos os socios são por ordem de antiguidade inscriptos em uma tabella, exposta no salão das sessões.

Art. 5.° Para que alguem seja admittido a fazer parte desta Associação litteraria como socio effectivo, vagando algum dos quarenta, é necessario dar-se proposta assignada e appresentada por um ou mais membros effectivos á Mesa administrativa, a qual nomeia desde logo uma commissão que examine a proposta, e dê o seu parecer a respeito, á vista do qual votam não só a Mesa, como os socios effectivos presentes, em escrutinio secreto, admittindo ou regeitando o candidato proposto.

Art 6.° A proposta pode ser feita de um ou de muitos, com tanto que ao nome de cada um dos propostos se ajuntem os seus appellidos, logar do nascimento, edade, qualidade, domicilio, e os motivos da admissão.

Art. 7.° Aos lugares de socios effectivos podem ser

admittidos tanto os naturaes como os estrangeiros; e cada um delles entra com a quantia de vinte mil réis (20$000) a titulo de joia, quando recebe o seu diploma, e paga a somma de tres mil réis (3$000) em cada trimestre, para occorrer ás despezas do Instituto.

CAPITULO III

DIRECÇÃO DOS NEGOCIOS DO INSTITUTO

Art. 8.º Todos os negocios do Instituto são dirigidos por uma Mesa administrativa.

Art. 9.º Os membros desta Mesa são:

Um Presidente;

Tres Vice-Presidentes;

Um Secretario perpetuo, que lê e dá conta do expediente que ha em cada sessão, e a cujo cargo se acham os archivos, a bibliotheca, as correspondencias e a expedição dos diplomas;

Um segundo Secretario, a quem compete a redacção e registro das actas das sessões ordinarias e extraordinarias, assim como todo o trabalho da Mesa que se não especifica no encargo do Secretario perpetuo;

Dois Secretarios supplentes, cujas funcções são supprir as faltas do segundo Secretario, funcções que se não devem ter por incompativeis com as de membros de quaesquer Commissões;

Um Thesoureiro;

Um Orador;

Nove Commissões, a saber:

I. De fundos e orçamentos;

II. De redacção da *Revista do Instituto;*

III. De revisão de manuscriptos;

IV. De trabalhos historicos e archeologicos;

V. Subsidiaria da IV;

VI. De trabalhos geographicos;

VII. Subsidiaria da VI;

VIII. De admissão de socios;

IX. De pesquizas de manuscriptos e monumentos historicos.

Nas provincias do Imperio em que isso é possivel, ha commissões encarregadas da mesma tarefa que é incumbida á IX Commissão.

Art. 10. Depois da sessão geral, que deve reunir-se no dia anniversario da installação do Instituto, celebra-se outra sessão geral, para se proceder á eleição dos membros que hão de compôr a Mesa administrativa, os quaes, á excepção do Secretario perpetuo, têem exercicio por um anno.

Art. 11. Os membros da Mesa podem ser reeleitos; e a eleição dos novos empregados só tem de recahir nos effectivos. Quando porém se vê que é necessario exigir o exercicio de alguns socios correspondentes para membros da Mesa, podem estes ser eleitos em numero egual ao da terça parte dos logares da Mesa; e em tal caso os ditos socios correspondentes são reputados effectivos *supranumerarios*, para entrarem nos primeiros logares que vagarem, pela ordem por que forem chamados, preferindo-se entre estes os mais antigos na admissão.

Art. 12. A eleição da Mesa é feita por escrutinio secreto, lançando n'uma urna cada socio presente uma cedula com o nome do seu elegendo, e em outras cedulas os nomes das pessoas que devem compôr cada uma das Commissões de que acima se trata. Só para os logares de Presidente, Vice-Presidente e Secretario perpetuo se requer maioria absoluta. No caso de empate, corre segundo escrutinio; e se ainda assim não ha maioria, a sorte desempata a eleição.

Art. 13. O Presidente toma posse, e dirige por um anno o trabalho das sessões. Em seu impedimento é subs-

tituido pelo 1.º Vice-Presidente, e este pelo 2.º ou 3.º Na falta destes, rege a sessão o socio effectivo mais antigo que se acha presente. Se ha empate procedido da conformidade de data na inscripção, prefere o que tem mais edade.

Art. 14. O Presidente póde providenciar sobre qualquer negocio de urgencia, no intervallo das sessões, e na impossibilidade de convocar a Assembléa com brevidade, devendo consultar com o Secretario perpetuo, e ficando obrigado a expôr o negocio assim providenciado na primeira reunião da Assembléa geral, a qual então delibera definitivamente, segundo convem aos interesses do Instituto.

Art. 15. O Secretario perpetuo tem a seu cargo o deposito do archivo, da bibliotheca e do museu do Instituto, para cujo arranjo propõe á Mesa um individuo, que cure dessas repartições e faça a escripturação necessaria. O Instituto no seu orçamento arbitra o ordenado deste empregado; e fica o Secretario perpetuo autorisado a despedil-o, quando não cumpre as obrigações a que se tem ligado, e a nomear outro, dependente da approvação da Mesa, a qual expede as convenientes ordens ao Thesoureiro para pagamento do honorario deste official. Os manuscriptos, livros, e quaesquer ontros objectos pertencentes ao archivo, bibliotheca e museu, estão arrecadados com a maior cautella, e lançados em um cathalogo, por ordem alphabetica, com a declaração dos nomes das pessoas que os dôam ao Instituto. O Secretario perpetuo manda-o imprimir, addiccionando-lhe em cada anno um supplemento, contendo as novas acquisições. De dez em dez annos todo o cathalogo é reformado e reimpresso. Os objectos contidos no cathalogo têem á margem o valor corrente ou de estimativa que a Mesa lhes assigna.

Art. 16. Na falta do Presidente, providencia o Secretario perpetuo em todos os negocios urgentes do Instituto e nos da administração economica, participando á Assem-

bléa geral, na primeira sessão que houver, as medidas que tem tomado sobre o negocio ou negocios que se apresentam.

Art. 17. O Secretario perpetuo e o 2.º Secretario recebem os livros e utensis necessarios para o expediente que lhes é incumbido pelo art. 9.º dos presentes Estatutos; e a Mesa autorisa o Thesoureiro a fazer as despezas da secretaria, em vista das folhas appresentadas pelo Secretario perpetuo.

Art. 18. Pertence ao Thesoureiro promover, arrecadar e pôr em guarda os fundos do Instituto, pagar as suas despezas por folhas, processadas na fórma do artigo antecedente, e appresentar á Mesa administrativa no principio de cada trimestre o balancete do estado do cofre. E' da sua attribuição escolher um cobrador ou agente da thesouraria, que seja de sua confiança, o qual é approvado pela Mesa administrativa, que autorisa as despezas que com elle se fazem, sendo lançadas em folhas assignadas pelo mesmo Thesoureiro.

Art. 19. O Thesoureiro dá conta da gerencia dos fundos a seu cargo um mez antes de findar o anno social; e depois de examinadas pela Commissão de fundos, são por esta appresentadas á Mesa administrativa com o seu parecer e com o orçamento da receita e despeza do anno seguinte, o qual é discutido e approvado em Assembléa geral.

Art. 20. O Orador fala ou responde pela Sociedade em todas as occasiões, tanto festivas como funebres, excepto quando o Presidente o quer fazer, porque tem preferencia, tanto na Assembléa geral, como nas deputações do Instituto. Pertence egualmente ao Orador fazer o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno social, e assim o discurso funebre sobre a sepultura de cada um, na fórma porque o dispõem os art. 28 e 43. E requer ao Presidente a observancia dos Estatutos, quando nas discussões os membros se desviam dos objectos de que se trata. O Orador é

substituido nas sessões do Instituto pelo membro que o Presidente designa.

Art. 21. Pertence á Commissão de fundos examinar as contas que lhe são submettidas, organisar o orçamento, e dar a sua opinião nos negocios que lhe pertencem, por meio de pareceres, quando fôr consultada pela Mesa administrativa.

Art. 22. Pertence á Commissão de redacção redigir a *Revista do Instituto*, dirigida pelo Secretario perpetuo; dar o seu parecer sobre duvidas que occorrem na intelligencia de alguns artigos dos Estatutos, e propôr as emendas, reformas ou additamentos que se julguem necessarios, os quaes, depois de discutidos em sessão especial, são approvados ou regeitados. Pertence-lhe egualmente escolher os escriptos que devem ser publicados, tanto na *Revista do Instituto,* como avulso, recebendo antes do 2.° Secretario as copias das actas, as correspondencias que a Mesa ordena que se publiquem, as observações e avisos que devem entrar no jornal, e finalmente as memorias, documentos e artigos que lhe são remettidos pelas respectivas Commissões, com o competente parecer sobre a conveniencia da sua publicação. Tambem lhe pertence toda a ingerencia ácerca da redacção, impressão e distribuição da *Revista do Instituto*, appresentando para isso um plano a seguir, em que se calculem as despezas indispensaveis, para serem approvadas.

Art. 23. Pertence ás Commissões de revisão de manascriptos, trabalhos historicos, archeologicos e geographicos, e suas subsidiarias, assim como á de pesquizas de manascriptos e monumentos, receber as memorias, documentos e artigos que lhes são remettidos pela Mesa administrativa, dar o seu parecer sobre os que hão de entrar na *Revista,* quaes os que convirá publicar separadamente, e quaes os que devem ser archivados na respectiva classe.

Art. 24. Além destas Commissões, indispensaveis á

marcha do Instituto, póde o Presidente em sessão nomear, outras para fins especiaes, ou encarregar de commissões a quaesquer socios em separado, quando julgue que é isso mais conveniente; assim como póde, mediante proposta da Commissão de redacção, crear novas commissões sobre outros ramos de philologia, e mesmo dividil-as em secções, como parecer mais conveniente, sendo isto approvado pela Assembléa geral.

Art. 25. O membro de Commissão que no espaço de seis mezes não satisfaz em sessão ao trabalho de que está encarregado pelo Mesa administrativa, e não dá desculpa conveniente pela demora, é pela primeira vez exonerado da sua commissão, lançando-se na respectiva acta a causa por que o é; e pela segunda vez deixa de ser socio. O socio que perde qualquer livro ou manuscripto e o não restitue, ou o seu valor taxado no inventario, é demittido; assim como o é de effectivo aquelle socio que deixa de comparecer, por motivos notoriamente plausiveis, estando no Recife, em dez sessões consecutivas. E' tambem eliminado de socio aquelle que, devendo mais de doze mezes de prestações, falta ao pagamento dellas, havendo para isso recebido aviso prévio do Secretario perpetuo, por deliberação da Mesa administrativa.

CAPITULO IV

DAS ASSEMBLÉAS GERAES E DA ORDEM DOS SEUS TRABALHOS

Art. 26. As sessões do Instituto Archeologico dividem-se em ordinarias e em Assembléas geraes, anniversarias de installação e de eleições. As sessões ordinarias são privadas, e a ellas só podem assistir as pessoas convidadas pelo Presidente, pelo Secretario perpetuo, ou que são appresentadas á Mesa por um socio, fazendo antecipadamente aviso ao Secretario perpetuo. Os negocios puramente ad-

ministrativos, e de prompto expediente, podem ser tratados em reunião dos membros da Mesa.

Art. 27. O Instituto convoca a sua Assembléa geral anniversaria de sua installação no dia 27 de Janeiro; e a das eleições em 15 de Fevereiro: d'ahi fica em ferias até o ultimo de Março. No dia 1.º de Abril toma posse a nova Mesa, e nessa mesma sessão é discutido o orçamento do anno que principia.

Art. 28. Na sessão de 27 de Janeiro, á qual devem concorrer todos os membros, sob a direcção do Presidente, pronuncia este um discurso de abertura, findo o qual, o Secretario perpetuo lê o seu relatorio, em que expõe os trabalhos da Associação durante o anno social; e logo depois o Orador recita o elogio dos membros fallecidos, indicando os seus serviços mais transcendentes em favor do Instituto, e faz menção honrosa dos autores de quaesquer obras archeologicas, historicas ou geographicas que no decurso do mesmo anno foram offerecidas ao Instituto. Se na sala existem socios ou pessoas outras que desejam lêr algumas memorias interessantes, participam-no ao Secretario perpetuo, para este prevenir o Presidente, o qual dá a palavra aos autores das memorias, a leitura de cada uma das quaes não póde estender-se além de meia hora. Porém nenhuma memoria ou trabalho póde ser appresentado e lido em sessão publica sem que antes seja submettido a uma Commissão de exame, para isso nomeada, a qual tem voto decisivo sobre a conveniencia ou inconveniencia da leitura.

Art. 29. O Presidente póde convocar sessão ordinaria, sempre que o julga necessario, para a boa direcção dos trabalhos. Se porém alguns dos socios téem negocio urgentissimo que torne indispensavel a convocação, appresentam por escripto suas propostas ao Secretario perpetuo.

Art. 30. O Presidente póde convocar a Assembléa geral, sempre que o julga conveniente á bôa marcha do Ins-

6

tituto. Se alguns dos socios têem negocio urgentissimo, que faça necessaria essa convocação, appresentam as suas propostas por escripto ao Secretario perpetuo, o qual, consultando o Orador, e concordando com elle na urgencia, assigna com este official uma proposta de convocação, com a qual tem de conformar-se o Presidente.

Art. 31. Em todas as sessões o Presidente occupa o primeiro lugar na Mesa: a seus lados os Vice-Presidentes, por sua ordem; depois o Secretario perpetuo e o 2.º Secretario, seguindo-se-lhes o Orador e o Thesoureiro. Todos os outros membros se assentam na sala promiscuamente.

Art. 32. As sessões ordinarias têem logar de quinze em quinze dias: se ha impedimento, o Presidente indica o dia da reunião, que é annunciado pelos jornaes.

Art. 33. Nestas sessões são tratados todos os negocios litterarios e economicos do Instituto. O Presidente faz tambem extrahir de uma urna os programmas que nella se acham recolhidos, para serem distribuidos e tratados pelos socios, que delles se devem encarregar, os quaes ficam obrigados a appresentar os seus trabalhos em sessão, segundo o disposto no art. 25. Os socios a quem este encargo é confiado são obrigados a desempenhal-o dentro de dois annos, contados do dia que a Mesa designa. Aquelles que, findo o praso, não appresentam o seu trabalho, são multados em vinte e quatro mil réis (24$000), somma equivalente ás prestações de dois annos.

Art. 34. Os programmas de que faz menção o artigo antecedente são discutidos e approvados pela Mesa, antes de entrarem para a urna; e podem ser formulados e offerecidos ao Instituto não só pelos membros da Mesa, como por qualquer socio effectivo, honorario, ou correspondente.

Art. 35. Todos os socios são obrigados a assistir ás Assembléas geraes; mas incumbe restrictamente aos que compõem a Mesa administrativa o frequentar todas as ses-

sões; e quér nas ordinarias quér nas Assembléas têem voto todos os membros do Instituto que se acham presentes.

Art. 36. Para haver sessão ordinaria do Instituto é necessario que se achem presentes o Secretario perpetuo, ou o 2.º Secretario, ou qualquer dos Secretarios supplentes, e alguns membros das Commissões, uma vez que, com a necessaria antecipação, se tenha annunciado a reunião por algumas folhas publicas do Recife.

Art. 37. Os socios têem direito a um exemplar da *Revista do Instituto,* desde o dia da sua admissão em diante. Aquelle que deve as prestações de mais de um anno perde o direito a recebel-a. O Thesoureiro fica incumbido da sua distribuição aos socios residentes nas outras provincias do Imperio.

Art. 38. Os socios têem a faculdade de ler na bibliotheca do Instituto as obras quér impressas quér manuscriptas ahi depositadas, e de fazer os extractos que precisarem. Além disso, podem levar algumas dellas para suas casas, de intelligencia com o Secretario perpetuo.

Art. 39. Ha um livro de obrigações onde os socios tanto effectivos como correspondentes passam recibo dos livros ou manuscriptos que levam; e nenhum socio póde reter em sua mão qualquer objecto por mais de tres mezes.

Art. 40. Os livros e manuscriptos da bibliotheca estão divididos em tres classes: *communs, raros e rarissimos.* Os manuscriptos e livros das duas ultimas classes não podem sahir da bibliotheca, sob pretexto algum.

CAPITULO V

DOS FUNDOS DO INSTITUTO E SUA APPLICAÇÁO

Art. 41. Os fundos desta Associação procedem das joias de entrada de seus socios effectivos; da contribuição

que cada um delles deve pagar de tres em tres mezes, segundo dispõe o art. 7.º; dos donativos que se fizerem ao Instituto; das multas adventicias de que faz menção a ultima parte do art. 33; e da receita liquida da *Revista do Instituto.*

Art. 42. Os fundos do Instituto são applicados ao seu expediente, reparo e conservação do que lhe pertence; ao honorario do official da secretaria, creado pelo art. 15; aos ordenados do porteiro da casa e do agente da Thesouraria; á impressão e distribuição da *Revista do Instituto;* á publicação de memorias e escriptos, precedendo pareceres favoraveis das respectivas Commissões; á compra de livros e manuscriptos, que devam ser depositados na bibliotheca e archivo; e finalmente aos premios decretados para os socios ou pessoas outras, que mais se distinguirem no desempenho dos programmas publicados pelo Intituto, ou em escriptos de natureza diversa que pelo seu transcendente merito, reconhecido pela Commissão competente, são coroados e publicados por ordem da Mesa administrativa.

CAPITULO VI

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 43. Sempre que o Instituto renova de anno a anno os empregados amoviveis de sua direcção, ou faz qualquér alteração nos seus Estatutos, dá disso parte ao Presidente da Provincia e ao Chefe de Policia, por officio escripto em nome da Mesa administrativa, e assignado pelo Presidente do Instituto.

Art. 44. Na Assembléa geral em que se celebra o anniversario do Instituto, e n'outras em que se festeja qualquer accontecimento historico, uma deputação de tres membros, presidida pelo Orador, vai com antecedencia convidar o Presidente da Provincia a assistir a similhante solemnidade.

Art. 45. Aos enterros dos membros do Instituto, sendo participados a tempo, vai assistir uma deputação composta do maior numero de membros que se podem reunir, presidida pelo Orador (ou em sua falta pelo socio mais antigo dos presentes), o qual faz um discurso funebre sobre a sepultura do fallecido.

ADDITIVOS AOS ESTATUTOS

APPROVADOS NAS SESSÕES DE 20 DE AGOSTO, 17 DE SETEMBRO E 1.° DE OUTUBRO DE 1863.

Art. 1.° A assignatura da *Revista* trimensal do Instituto custa 5$000 rs. por anno, pagos á recepção do primeiro numero.

Art. 2.° Ha um empregado com a denominação de « Continuo do Instituto », o qual é nomeado pelo Secretario perpetuo, e tem as obrigações seguintes:

I. Cobrar as assignaturas da *Revista do Instituto*, e fazer outras quaesquer arrecadações que pelo Thesoureiro lhe sejam determinadas;

II. Servir de intermediario para as communicações da Commissão de Redacção da *Revista* com o 2.° Secretario e a typographia respectiva;

III. Fazer a distribuição do jornal na cidade e a remessa pelo correio para os lugares de fóra;

IV. Prestar as suas contas relativas á arrecadação das assignaturas do jornal ao Secretario perpetuo, o qual passará as mesmas contas e saldo ao Thesoureiro;

V. Assistir a todas as reuniões do Instituto, e prestar-se ao serviço relativo aos trabalhos de cada sessão, conduzindo officios, e cumprindo o que lhe for ordenado por qualquer dos membros da Mesa.

Art. 3.º O Continuo do Instituto vence, além do que lhe é marcado no orçamento annual, mais 20 por cento da arrecadação das assignaturas da *Revista,* ficando elle obrigado ao pagamento no correio do porte d'aquelles exemplares que são remettidos aos assignantes de fóra da cidade.

Art. 4.º O Secretario perpetuo providencia de modo que o trabalho da edição da *Revista do Instituto* corra expedito e correcto.

Art. 5.º Os socios correspondentes pagam de joia 10$000 rs., e são exemptos das contribuições trimensaes, mas só recebem a *Revista* prestando a respectiva assignatura. Não assim os socios honorarios, que a téem gratuita.

Art 6.º Os socios effectivos téem a *Revista*, sem augmento do onus prescripto pela ultima parte do art. 7.º dos Estatutos, uma vez que não estejam atrazados nas prestações trimensaes por mais de um anno.

Art. 7.º O socio effectivo eleito que, dentro do prazo de 30 dias contados da data da communicação, não procura obter o seu diploma, deixa vago o seu lugar; assim como os actuaes que deixam de o fazer dentro do mesmo prazo, contado da data do respectivo annuncio, publicado pelos jornaes. Os que se atrazam nas prestações trimensaes por espaço de tres annos, são eliminados.

Art. 8.º A entrega dos diplomas é feita pelo Secretario perpetuo, á vista do recibo do Thesoureiro, excepto os dos socios honorarios, que são enviados gratuitamente, logo que respondam no prazo prescripto no artigo seguinte.

Art. 9.º Sempre que seis mezes depois da respectiva participação qualquer individuo approvado pelo Instituto para socio correspondente ou honorario não tem respondido, é eliminado.

Art. 10. Os socios effectivos são pessoas domiciliadas na séde do Instituto. Quando qualquer delles varia de residencia, é considerado como socio correspondente, e é pre-

enchida a vaga que deixa, salvo aquelle que ha sido effectivo e torna para a séde do Instituto, o qual, por esse facto, volta tambem á sua anterior qualidade de effectivo na primeira vaga que ha, se assim o reclama.

Art. 11. O socio correspondente que passa a effectivo, além dos onus a que fica sujeito por esse facto, é obrigado a completar a importancia da joia respectiva, sendo por isso averbado o seu diploma. O effectivo porém que passa a correspondente, não tem direito de exigir o excesso da joia que como tal havia pago.

Art. 12. Estas disposições são publicadas nos jornaes desta cidade, e constantemente na capa da *Revista do Instituto*, afim de que cheguem ao conhecimento de todos os interessados.

ACTA

DA

1.ª Sessão ordinaria, no dia 9 de Outubro de 1862.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

Ás 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares d'Azevedo, Witruvio, Souza Reis, Cicero Odon, Figueiroa, Feitosa, Padre Mestre Lino, Coronel Veiga Pessoa, Francisco de Barros, e Salvador Henrique.

Abre-se a sessão, e lida a acta da antecente, é approvada.

EXPEDIENTE.

O Sr. Secretario perpetuo deu leitura do seguinte:

Um officio do primeiro Secretario do Atheneu Per-

nambucano, convidando aos membros do Instituto para assistirem á sessão magna do dia 19 do corrente, pelas 7 horas da tarde, no edificio da Faculdade de Direito desta cidade.

O Sr. Presidente convida ao Sr. Dr. Feitosa, como Orador do Instituto, e aos Srs. Drs. Souza Reis e Figueiroa, para assistirem a aquella reunião. —Inteirados.

Duas cartas do Dr. Cesar Augusto Marques, do Maranhão, offerecendo ao Instituto tres manuscriptos :

Um delles escripto por um pernambucano dos complicados na revolução politica de 1817, encontrado no aljube da Bahia, e que tem por titulo : —Sciencia sobre a infancia, por J. M. B. 1807 ;

Outro é a copia de uma ode dirigida ao conde da Palma, governador da Bahia, composta em 1820 pelo padre João Baptista da Fonseca, uma das trinta victimas da revolução de 1817, que embarcaram de Pernambuco para aquella cidade, em cuja cadeia penou até 1821. Esta poesia é offerecida ao Instituto pelo Dr. Cesar, sob o titulo de —Flores de gratidão ;

O terceiro manuscripto é o autographo de uma carta do Dr. Francisco de Souza Martins, escripta do Rio de Janeiro em 21 de Fevereiro de 1836, ao conselheiro Sergio Texeira de Macedo em Lisboa, fazendo-lhe conhecer a sua opinião sobre alguns pontos de politica e de economia, com applicação ao Brazil.

Esta offerta é recebida com reconhecimento, e decide-se que archivada se agradeça ao Dr. Cesar Augusto Marques o seu amor pelas cousas da patria.

Nesta occasião o Sr. Padre Mestre Lino offertou ao Instituto um exemplar impresso do sermão da restauração de Pernambuco, recitado na Sé de Olinda em 1731, por Frei Antonio de Santa Maria de Jaboatão.

E tambem outro exemplar impresso, das Memorias his-

toricas e biographicas dos sacerdotes pernambucanos, obra de sua composição.

O Sr. Secretario perpetuo tambem faz offerta de um exemplar do *Almanak historico de lembranças brasileiro*, primeiro anno, 1862, edição esgotada.

Outro exemplar da *Biographia do Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira*, Arcebispo da Bahia, ambas estas publicações pelo Dr. Cesar Marques.

Acolhidas com agrado todas estas offertas, mandaram-se archivar.

O Sr. Dr. Witruvio declara que, quando occupou o logar de primeiro Secretario interino, recebera dois officios do Sr. Dr. Figueiroa, acompanhados de varios exempalres de relatorios de presidencias e ministerios differentes, annaes do parlamento brasileiro e outras peças, que o mesmo senhor offertava ao Instituto.

Acolhe-se com reconhecimento a offerta, e manda-se archivar.

O Sr. Dr. Figueiroa pôem á disposição do Instituto a oitava pagina do *Diario de Pernambuco*, offerecendo-a para as publicações do mesmo Instituto, em quanto se não publica a *Revista* trimensal.

E' aceito o offerecimento com especial agrado.

São lidas e justificadas por seus autores diversas propostas para admissão de membros do Instituto. Enviadas á Meza onze destas propostas, foram remettidas á Commissão de admissão de socios.

Delibera-se dar um agradecimento official a todas as pessoas que offertaram e houverem de offertar ao Instituto exemplares manuscriptos ou impressos, ou que fizerem outras quaesquer dadivas, interessantes aos fins do mesmo Instituto.

Designado o dia 23 do corrente pelas 11 horas da manhã para haver a segunda sessão ordinaria, o Sr. Presi-

dente convida as Commissões a apresentarem alguns trabalhos de sua competencia.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario. — *Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa*, Orador.

2.ª sessão ordinaria, no dia 23 de Outubro de 1862.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã acham-se presentes os Ss. Drs. Machado Portella, Soares d'Azevedo, Braz Florentino, Nascimento Feitoza, Figueirôa, Souza Bandeira, Aprigio Guimarães, Souza Reis, Epaminondas de Mello, Antonio Witruvio, Cicero Peregrino, Eduardo de Barros, Commendador Figueirôa, Padre Lino do Monte, e Salvador Henrique.

Abre-se a sessão, e lida a acta da antecedente, é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

Acha-se sobre a mesa o seguinte parecer: — « A Commissão de Admissão de Socios do Instituto Archeologico Pernambucano, tendo examinado a proposta de se mandar diplomas aos empregados do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e Instituto Historico Bahiano, é de parecer que se demore esta remessa para depois de abertas as relações com as referidas corporações. — Sala das sessões do Instituto Archeologico Pernambucano, 23 de Outubro de 1862. — *Manoel Figueirôa de Faria.* — *José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa.* »

Lido e discutido este parecer, é finalmente approvado, com a seguinte emenda do Sr. Dr. Portella : — Em vez das

palavras — empregados do Instituto —, diga-se — membros da Mesa Administrativa do Instituto etc.

Procede-se á leitura de outro parecer da mesma Commissão: — « A Commissão de Admissão de Socios do Instituto Archeologico Pernambucano, tendo examinado as propostas que tiveram logar na sessão de 9 do corrente, constantes da relação junta, assignada pelo 2.º Secretario deste Instituto, é de parecer que sejam approvados Socios os senhores nella mencionados, devendo ser considerados installadores os Srs. Dr. Silvino e Major Salvador Coelho de Drummond, por terem-se prestado a esse acto, ao qual não compareceram por impedimento. — Sala das sessões do Instituto Archeologico Pernambucano, 23 de Outubro de 1862. — *Manoel Figueirôa de Faria.* — *José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa.* »

Discutido este parecer, é impugnado pelo Sr. Dr. Souza Reis, o qual, depois de haver justificado a sua opinião, envia á Mesa a seguinte emenda: — Indico que a votação sobre os Srs. Dr. Silvino e Major Drummond seja no sentido de considera-los simplesmente membros effectivos, e não installadores, como propõe a Commissão. — Sala das sessões, 23 de Outubro de 1862.

Entra em discussão o parecer com a emenda, e depois de algum debate, em que tomam parte varios membros, é posta a votos a emenda e approvada, bem como o parecer.

Corre o escrutinio, e são approvados para membros effectivos os seguintes Srs.:

Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque e Major Salvador Coelho de Drummond e Albuquerque, propostos pelo 2.º Secretario;

Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, proposto pelo Sr. Padre Lino;

Dr. Joaquim de Aquino Fonseca, proposto pelo Sr. Dr. Machado Portella;

Dr. Tristão de Alencar Araripe, proposto pelo Sr. Dr. Antonio Witruvio;

Dr. Gervasio Rodrigues Campello, proposto pelo Sr Dr. Souza Reis;

Dr. Innocencio Serafico de Assis Carvalho, proposto pelo Sr. Dr. Feitosa.

Corre o escrutinio, e são approvados para membros correspondentes os Srs:

Dr. Tito Franco de Almeida, do Pará, proposto pelo Sr. Dr. Feitoza;

Dr. Antonio Marques Rodrigues, do Maranhão, proposto pelo Sr. Dr. Portella;

Dr. José Maria Brandão, do Rio Grande do Norte, proposto pelo mesmo senhor;

Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, do Ceará, proposto pelo Sr. Dr. Witruvio;

Dr. Pedro Theberge, do Icó, e Professôr João Brigido dos Santos, do Crato, propostos pelo mesmo Sr. Dr. Witruvio.

Corre o escrutinio, e é approvado para membro honorario o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, do Maranhão, proposto pelo Sr. Secretario perpetuo.

O 2.º Secretario, emittindo a sua opinião sobre a publicação das actas das sessões do Instituto pelos jornaes, conclue apresentando a seguinte proposta: — Proponho que as actas das sessões do Instituto não sejam publicadas nos jornaes sem que tenham sido approvadas na sessão immediata, e sem que nesta mesma occasião se tenha deliberado se ellas devem ou não ser publicadas. — Sala das sessões do Instituto, 23 de Outubro de 1862.

Entrando em discussão a proposta, depois de haverem fallado alguns membros, o Sr. Dr. Souza Reis manda á mesa o seguinte requerimento: — Requeiro que a proposta vá á Commissão de Redacção da *Revista*, para emittir a respei-

tó o seu parecer. — Sala das sessões, 23 de Outubro de 1862.

Continúa a discussão da proposta e do requerimento, e depois de algum debate, em que tomam parte varios Srs., é o requerimento posto a votos, e approvado.

O Sr. Dr. Feitoza faz ver que no dia 19 do corrente assistirá á sessão magna do Atheneu Pernambucano, mas que infelizmente só elle alli se achava representando o Instituto, por isso que não compareceram os dois outros membros nomeados.

O Sr. Presidente convida os membros do Instituto a apresentarem alguns trabalhos relativos ás commissões a que pertencem, e designa o dia 6 de Novembro, pelas 11 horas da manhã, para haver a 3.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, Vice-Presidente — *José Soares d'Azevedo,* Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique d'Albuquerque*, 2.º Secretario.

3.ª sessão ordinaria, no dia 6 de Novembro de 1862.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs. Souza Reis, Figueirôa, Antonio Witruvio, Soares de Azevedo, Cicero Peregrino, Commendador Figueirôa, Padre Lino do Monte, e Salvador Henrique.

Abre-se a sessão, e lida acta da antecedente, é approvada, com uma emenda do Sr. Dr. Witruvio, para que sómente se declare nas actas a approvação dos membros propostos, sem especificação da qualidade da votação.

Comparece o Sr. Dr. Gervazio Rodrigues Campello, e toma assento como membro effectivo.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta de lhe haver sido enviado por parte do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares, como offerta que o mesmo senhor faz ao Instituto, a *Historia das Missões Apostolicas no Chili,* por José Salusty, 4 volumes cartonados; e a *Historia da Revolução de Pernambuco de 1817,* 1 volume, escripto pelo mesmo Monsenhor. — E' recebida com especial agrado, e manda-se archivar.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Officio do Dr. Chefe de Policia interino, accusando recebido o da Mesa Administrativa, com o exemplar impresso dos Estatutos, e manifestando o desejo de que se acha possuido pela prosperidade deste Instituto. — A archivar.

Outro do Dr. Innocencio Serafico da Assis Carvalho, agradecendo ao Instituto a sua eleição para membro effectivo, e declarando que acceita. — O mesmo destino.

Outro do Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, da cidade da Bahia, offertando ao Instituto a primeira serie dos seus *Quadros Historicos do Catholicismo no Brazil.* — Recebido com agrado, manda-se archivar.

O Sr. Padre Lino do Monte deposita sobre a mesa e offerece ao Instituto um manuscripto de sua letra, contendo varias verbas do testamento com que fallecêra João Fernandes Vieira em Pernambuco; um impresso da Carta Pastoral do Sr. D. Joaquim Manoel da Silveira, Arcebispo da Bahia, á sua entrada naquella Diocese; e um exemplar de um discurso do Rev. Frei Pedro da Purificação Paes e Paiva, dirigido aos membros do Instituto, como offerta que o mesmo Fr. Pedro lhe pedia que em seu nome fizesse. — Recebidas todas as offertas com agrado, mandaram-se archivar

E' remettida á Commissão de Redacção da *Revista* uma indicação do Sr. Dr. Antonio Witruvio, para que os membros correspondentes paguem a mesma joia dos effectivos;

e que para terem direito á recepção dos numeros da *Revista* trimensal do Instituto, paguem as mesmas mensalidades.

São enviadas á Commissão de Admissão de Socios tres propostas dos Srs. Padre Lino do Monte, Dr. Figueirôa e Dr. Witruvio.

E' lido, e fica sobre a mesa para ser discutido na fórma do art. 34 dos Estatutos, um programma apresentado pelo Sr, Secretario perpetuo, sobre a estatistica da provincia de Pernambuco, comparada desde os tempos coloniaes até á época da Independencia do Brazil, e desde esta época até os nossos dias.

O Sr. Presidente, dando para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissões, designa o dia 20 do corrente, pelas 11 horas da manhã, para haver a 4.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. — *José Soares d'Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquergue*, 2.º Secretario.

4.ª sessão ordinaria, no dia 20 de Novembro de 1862.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

Á's 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Souza Reis, Soares d'Azevedo, Commendador Figueirôa, Padre Lino do Monte, e Salvador Henrique.

Abre-se a sessão, e lida a acta da antecedente, é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio do Sr. Marcellino Santhiago de Vasconcellos

Leitão, offertando ao Instituto um livro manuscripto, do fallecido Padre Francisco Corrêa Telles de Menezes, sobre cousas do Brazil, cujo titulo se não vê no frontespicio, por lhe faltarem as primeiras treze paginas, mas que deve pertencer a uma collecção de varios tomos; promettendo o offerente escrever, como lhe for possivel, a biographia do auctor, que tambem remetterá ao Instituto.—Recebido com agrado, manda-se archivar.

Outro do Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, offerecendo ao Instituto uma medalha de cobre, representando o busto de José Bonifacio de Andrada e Silva, com as datas do seu nascimento e sua morte em circulo, e no reverso a data da Independencia do Brazil, como uma reliquia preciosa.—Recebida com agrado, manda-se archivar.

Outro do Dr. Manoel da Costa Honorato, offerecendo ao Instituto um exemplar de cada um de seus trabalhos publicados, a saber: *Synopse de Eloquencia e Poetica Nacional*,—*A Heroina por excellencia*,—*Folhinha Catholica* para o anno de 1863.—Recebidas com agrado, mandam-se archivar.

Outro do Sr. Dr. Braz Florentino Henriques de Souza, participando não poder assistir ás sessões do Instituto em quanto durarem os trabalhos dos actos da Faculdade de Direito, e que o mesmo ouvira ao Sr. Conselheiro Pedro Autran, a pedido do qual addicionava similhante declaração. — Inteirado.

Um parecer da Commissão de Admissão de Socios, concluindo que podiam ser approvados para membros do Instituto os Srs. contidos nas propostas que lhe foram transmittidas.

Approva-se o parecer e corre o escrutinio, dando em resultado serem approvados, membros honorarios:—os Exm. e Revm. Srs. D. Joaquim Manoel da Silveira, Arcebispo da Bahia, e D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará, propostos pelo Sr. Padre Lino do Monte;

Membro effectivo o Sr. Filippe Mêna Callado da Fonseca, proposto pelo Sr. Dr. Witruvio;

Membro correspondente o Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, proposto pelo Sr. Dr. Figueirôa.

São remettidas á Commissão respectiva duas propostas do Sr. Dr. Machado Portella, e outras duas do Sr. Dr. Souza Reis, relativas á admissão de socios, sendo a ultima destas para que sejam considerados membros correspondentes os Srs. Drs. Carvalhaes e Conselheiro Antunes, visto residirem fóra da provincia.

São lidos, e ficam sobre a mesa para serem discutidos na fórma do art. 34 dos Estatutos, varios programmas apresentados pelo Sr. Dr. Machado Portella, sobre os limites desta Provincia, sua melhor divisão territorial, de accôrdo com a legislação vigente, villas da antiga capitania de Pernambuco, datas de sua creação, e sobre a topographia da antiga cidade de Olinda; e outro pelo Sr. Dr. Souza Reis, sobre qual a causa determinante da resolução dos Hollandezes, para pedirem a suspensão das hostilidades, fazendo depois a entrega da praça, e operando-se assim a restauração de Pernambuco.

O Sr. Presidente, dando para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissões, designa o dia 4 de Dezembro proximo, pelas 11 horas da manhã, para haver a 5.ª Sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.° Vice-Presidente. — *José Soares d'Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique d'Albuquerque*, 2.° Secretario.

5.ª sessão ordinaria, no dia 4 de Dezembro de 1862.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs.

Machado Portella, Witruvio, Soares de Azevedo, Amaro Joaquim, Cicero Peregrino, Torres Bandeira, Souza Reis, Nascimento Feitoza, Aprigio Guimarães, Rodrigues Campello, e os Srs. Commendador Figueirôa, Coronel Leal, Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique.

Abre-se a sessão, e lida a acta da antecedente, é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Uma carta do primeiro tenente da armada nacional, Manoel Antonio Vital de Oliveira, dirigida ao Sr. Dr. Machado Portella, para a apresentar ao Instituto, a qual vinha acompanhada de um exemplar dos trabalhos hydrographicos d'aquelle senhor, sobre a costa do Brazil, ultimamente lithographados, e outro do perigoso baixo das Rocas, entre a ilha de Fernando e o continente, assim como de alguns impressos da verificação da pedra onde se perdeu o vapor *Hermes*. — Recebida com especial agrado, manda-se archivar.

Um parecer da Commissão de Admissão de Socios, sobre a proposta do Sr. Dr. Souza Reis, para que sejam considerados correspondentes os membros effectivos Conselheiro Antunes e Dr. Carvalhaes, no qual declara-se a Commissão pela regeição da proposta.

Outro parecer da mesma Commissão, approvando tres propostas para admissão de Socios, uma do Sr. Dr. Souza Reis e duas do Sr. Dr. Machado Portella. — Adiado o primeiro parecer e a proposta que a elle se refere, por não estar presente seu autor, e approvado o segundo.

Em seguida corre o escrutinio, e são considerados membros correspondentes os seguintes Senhores, propostos pelo Sr. Dr. Souza Reis: — Dr. José Cardozo de Queiroz Fonseca, Dr. Joaquim José Nunes da Cunha Machado, Dr. Symphronio Olympio Coutinho, Dr. José Quintino de Castro Leão,

Dr. Lourenço Francisco de Almeida Catanho, Dr. Ignacio de Barros Barreto, Dr. Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, Coronel Francisco Honorio Bezerra de Menezes, Coronel Cornelio Carlos Peixoto de Alencar, Coronel Tiburtino Pinto de Almeida, Tenente-Coronel Joaquim de Almeida Catanho, Tenente-Coronel Roque Carlos Peixoto de Alencar, Advogado João Francisco do Amaral, José Soares de Mello Avelino, Manoel Peres Campello Jacome da Gama, e Major João José Rodrigues Coelho; e propostos pelo Sr. Dr. Portella: — Dr. João Francisco Duarte Junior, e primeiro-tenente Eusebio José Antunes.

Vão á respectiva Commissão duas propostas para admissão de Socios, uma do Sr. Dr. Machado Portella, e outra do Sr. Dr. Souza Reis.

E' lida e approvada uma proposta do 2.° Secretario, para que na acta da sessão de hoje seja registrada a carta de convite feita aos Srs. membros installadores deste Instituto pelas pessoas que projectaram a sua fundação, a qual é do teor seguinte:

« Recife, 7 de Janeiro de 1862. — Illm. Sr. — Quando todas as nações polidas, ainda as mais adiantadas, não cessam de mostrar decidido empenho pela acquisição de cabedal com que enriqueçam a sua historia patria, é certamente para sentir que a provincia de Pernambuco, ainda na infancia de sua litteratura, e aliás tão cheia de gloriosas recordações, não possua uma sociedade, que, seguindo, embora de longe e modestamente, o nobre exemplo da capital do Imperio com o seu importante Instituto Historico e Geographico, se applique desvelada e exclusivamente, já a colher e fazer perpetuar tradições que perder-se-hiam com o volver dos tempos, já a pesquisar e reviver documentos ainda não vulgarisados, e já finalmente a descubrir, verificar e dar noticia de monumentos e padrões, que, servindo de lançar luz sobre certos factos e de notar a passada existencia de outros,

concorram para o desenvolvimento de uma historia propriamente nossa.

« Assim pensando, lembraram-se os abaixo assignados de promover a creação de uma tal sociedade, sôb o nome de ARCHEOLOGICA PERNAMBUCANA ; e, certos de que á dedicação e patriotismo reune V.. as precisas habilitações e recursos para a realisação desta ideia, tem a honra de invocar a coadjuvação de V.. convidando-o para seu socio installador, e rogando-lhe que, no caso de annuir a isto, se digne de comparecer no salão da Bibliotheca Publica Provincial, pelas 11 horas do dia 28 do corrente, escolhido para a installação da sociedade, por ser o anniversario da restauração de Pernambuco do poder hollandez, em 1654.

« Somos com a maior estima e consideração de V.. — attenciosos veneradores — *Joaquim Pires Machado Portella.* — *José Soares de Azevedo.* — *Antonio Rangel de Torres Bandeira.* — *Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.* — *Salvador Henrique de Albuquerque.* »

O Sr. Presidente faz a distribuição dos programmas apresentados, na fórma do art. 33 dos Estatutos, pelo modo seguinte : — o do Sr. Secretario perpetuo a este mesmo senhor, o qual, apresentando justos motivos de excusa, é então o mesmo programma distribuido ao Sr. Dr. Rodrigues Campello ; ao Sr. Dr. Souza Reis, o mesmo por elle apresentado ; ao Sr. Dr. Portella, um dos que elle apresentou ; e aos Srs. Dr. Braz Florentino, Dr. Aprigio Guimarães e Commendador Figueirôa, os outros tres programmas.

O mesmo Sr. Presidente, dando para ordem do dia trabalhos e pareceres de Commissões, designa o dia 18 do corrente, pelas 11 horas da manhã, para haver a 6.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella,*

1.° Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo,* Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque,* 2.° Secretario.

HISTORIA PATRIA

O padre José de Anchietta, considerado como provincial da Companhia de Jesus.

No anno de 1578 foi confiado ao veneravel José de Anchietta o governo supremo da sua ordem no Brazil. Não tinha portanto que occupar-se sómente, como até ahi, com a cathechese e civilisação de uma capitania: todo o territorio abraçado pelo Prata e pelo Amazonas estava incluido na immensa tarefa que se lhe dava; — não eram uma ou duas nações de gentios unicamente; eram milhares de diversos povos de differentes origens, usos e costumes.

O novo provincial teve que dar-se a trabalhos asperrimos e improbos: percorreu todas as capitanias, todas as povoações; visitou e examinou os collegios e os seminarios de instrucção; deu-lhes nova organisação, reformando-os e melhorando-os; applicou a todo o Brazil o seu systema de cathechese dos gentios, formando em Pernambuco, Bahia, Espirito-Santo e outros pontos que visitára, escolas de missionarios; por onde ia, prégava, aconselhava, moralisava; atraz delle corriam Portuguezes e gentios a lançar-se-lhe aos pés, acreditando-o milagroso; tanta bondade e tamanha actividade desenvolveu, que o seu nome era geralmente adorado: os gentios chamavam-lhe *amarra-mãos;* os Portuguezes *sancto.*

Assim, procurou em pessoa aquellas nações mais barbaras, com quem nunca os Portuguezes se poderam conciliar, embrenhou-se pelo interior das terras dos Tupinambás; encontrou-se com os terriveis Aymorés e com outras tribus não menos ferozes; appresentava-se perante ellas desarmado, fallava-lhes a linguagem da verdade e da religião, e quantas vezes não conseguio elle triumphos que verdadeiramente espantam, devidos sómente á sua eloquencia!

As melhores obras, e as instituições mais salutares do

Brazil que tiveram origem n'esses tempos, são ou creadas inteiramente pela activa intelligencia do provincial José de Anchietta, ou por elle promovidas de modo efficaz. Ligando-se perfeitamente com o governador Luiz de Brito e Almeida, que succedêra a Mem de Sá, fallecido na cidade da Bahia no segundo quatriennio de sua administração, o provincial José de Anchietta achou-se habilitado para emprehender melhoramentos firmes e gloriosos para o paiz: foi quem ideiou e lançou os primeiros alicerces do magestoso collegio dos Jesuitas da Bahia, que mereceu a descripção desenvolvida de Gabriel Soares, no seu *Roteiro ou Noticia do Brazil*, e que o padre Manoel Ayres do Casal allega que já em seu tempo estava convertido em hospital da tropa, ainda achando-se ornadas as salas de muitos paineis, que representavam a vida de Santo Estanisláo Kosta: foi quem mandou edificar e construir na mesma cidade a casa do Recreio dos Jesuitas, em um suburbio para o nascente, e que se transformou depois, por ordem do governo portuguez, em hospital dos Lazaros.

A egreja dos Jesuitas do Rio de Janeiro, com seu outr'ora sumptuoso collegio da Companhia, é devida tambem a José de Anchietta. Como na Bahia, a egreja decahiu e perdeu a sua gloria, e o collegio converteu-se em hospital militar; a pittoresca casa de Recreio, que José de Anchietta fez tambem edificar para os lados de San Christovam, e em vista de tantas esbeltas e viçosas ilhas, teve egual sorte que a sua irmã da Bahia: o governo a tomou para hospital de Lazaros.

A provincia do Espirito Santo deve-lhe a edificação de um collegio de Jesuitas na sua capital, vasto, espaçoso, sobre a antiga casa que o padre Affonso Braz escolhêra para residir, e encetar a sua gloriosa missão de cathechisar os gentios d'aquella capitania: é actualmente a habitação dos presidentes da provincia do Espirito Santo.

E quanto não deveu a capitania de San Vicente (hoje provincia de San Paulo) ao veneravel José de Anchietta? Alli viveu elle os melhores annos de sua vida, foi o creador do collegio de Piratininga, cujo povoado dentro em pouco se converteu em cidade, e esse collegio veio a ser um dos mais importantes do Brazil.

Emfim, no anno de 1582 fundou este apostolo da Com-

panhia na cidade do Rio de Janeiro a Sancta Casa da Misericordia, que é hoje um dos mais consideraveis monumentos de philantropia e beneficencia que nós temos.

Em 1585 José de Anchietta, cansado e já na edade de 52 annos, pediu, e obteve dispensa do cargo de provincial.

Ainda depois administrou o collegio da Victoria, na provincia do Espirito Santo; e d'ahi recolheu-se á meditação, onde compoz as *Vidas dos religiosos da Companhia de Jesus*, e morreu no seu retiro a 9 de Junho de 1597.

Henrique Dias.

Quando em 1648 os pernambucanos, de decepção em decepção pela dubia e simulada politica de El-Rei D. João IV, sacrificavam sua existencia e interesses e lutavam contra o poder hollandez, sem contar com outros recursos mais do que aquelles que á sua constancia e patriotismo proporcionavam esses inimigos nossos, cogitando enganos e artificios, lembraram-se de um ardil, que só em outro tempo lhes poderia ser proveitoso.

Mandaram espalhar por caminhos e estradas innumeras copias de um amplissimo perdão, pelo qual promettiam esquecimento de culpas, e offereciam premios a todos aquelles que, arrependidos, viessem para o Recife no prazo de dez dias, receber salvo-conducto e prestar juramento de fidelidade.

Por cartas dirigiram-se aos nossos chefes, e dentro dellas remetteram o tal perdão, pedindo resposta em termo fixo.

Entre outras respostas que tiveram, mencionaremos, por hoje, a que lhes deu o nosso heróe Henrique Dias, que foi a seguinte:

« Esta variedade e multidão de papeis que os meus soldados acham pelos caminhos, e que VV. SS. mandam deitar nelles, são folhas de que sempre conhecemos a flor.

« Não lhes tem ensinado a experiencia que o negro nem recebe outra côr, nem perde a que tem?

« Para que gastam a sua tinta, pintando seu desejo nestas cartas, se as cartas se dão a conhecer pela pinta?

« O que VV. SS. imaginam suborno nestes cartazes de

perdão, é para cada um dos meus negros cartel de desafio. Matar-se-hão facilmente com quem lhes fallar em dominio hollandez.

« Com toda a sua rudeza, não deixaram de reparar em que, gente que de todo perdeu o caminho da graça, offereça tantas graças e perdões: materia de que todos fazem riso.

« Já VV. SS. poderam ter alcançado de suas inclinações que, nem perdoam a flamengos, nem de flamengos querem perdão; e deste proposito ninguem os ha de tirar, porque basta serem negros para serem encerrados: olhem que são negros, e que nem todos são boas peças.

« Não se cancem com esta invenção de enganos, porque lhes não ha de sahir a sorte favoravel, si de entre elles lhes sahir em preto; que estes meus morenos não téem por boa sorte senão a que fazem no sangue hollandez; e estejam certos que nenhum de nós perdeu a côr com seus ameaços, porque os consideramos de Hollanda, e menos com suas promessas, porque as de Hollanda não téem avêsso nem direito.

« De quatro nações se compõem este regimento: Minas, Ardas, Angolas e Creoulos; estes são tão malcreados, que não temem nem devem; os Minas tão bravos, que aonde não podem chegar com o braço chegam com o nome; os Ardas tão fogosos, que tudo querem cortar de um golpe; os Angolas tão robustos, que nenhum trabalho os cança: considerem agora se romperão a toda Hollanda, homens que por tudo rompem.

« O poder da gente, armas e munições que VV. SS. repetem para lhes causar temor, serviu de os alvoroçar.

« A crueza dos Tapuyas não podia fazer impressão em soldados, que por natureza são nús e crús.

« Se VV. SS. consultáram commigo esta industria de que usam, excusára-lhes-eu a diligencia, com os advertir de que, esta gente não é a que se leva por arte; e assim lhes aconselho que se valham da força: convidem-nos com uma pendencia que, pelo interesse de se verem vestidos e calçados, se metterão nella a todo o risco; mas tambem lhes asseguro que, sem os matar a todos, nunca se hão de ver livres de contrarios. — *Henrique Dias*, Governador dos Negros. »

Recife — Typographia Universal — 1864.

ABRIL DE 1864. — N.º 3.

6.ª sessão ordinaria, no dia 18 de Dezembro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Figueirôa, Torres Bandeira, Souza Reis, Witruvio, Serafico, Soares d'Azevedo, Cicero Peregrino, e os Srs. Commendador Figueirôa, Mena Calado, Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique.

Abre-se a sessão, e lida a acta da antecedente, é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio de Marcellino Santhiago de Vasconcellos Leitão e Albuquerque, acompanhado da Biographia do Padre Francisco Correia Telles de Menezes, escripta por aquelle senhor, e outro manuscripto contendo a Biographia do Exm. Monsenhor Dr. Francisco Muniz Tavares, que diz ser escripta por uma filha menor do offerente, de nome D. Rita Esteves Alves de Vasconcellos. — Recebem-se com agrado e mandam-se archivar.

Um parecer addiado da Commissão de Admissão de Socios, sobre a proposta do Sr. Dr. Souza Reis, de 20 de Novembro ultimo, no qual declara a mesma Commissão que, não encontrando nos Estatutos disposição alguma que autorise a transferencia de uma para outra classe de membros do Instituto, não póde concordar em que os socios effectivos Conselheiro Antunes e Dr. Carvalhaes passem a ser conside-

rados correspondentes; pelo que, entende que deve ser regeitada a referida proposta.

Discutido o parecer, vem á Mesa uma proposta de addiamento do 2.º Secretario, afim de que nada se resolva a respeito, em quanto não fôrem consultados e ouvidos os mencionados membros effectivos. Approva-se afinal um requerimento do Sr. Dr. Witruvio, para que sejam remettidas estas propostas, e o parecer que se discute, á Commissão de Redacção da *Revista*, para interpôr o seu parecer, apresentando a modificação que entender que deve ser feita nos Estatutos.

E' lida e approvada uma proposta do Sr. Dr. Souza Reis, para que se faça officialmente sentir á Commissão de Redacção da *Revista* a necessidade do seu parecer sobre a proposta do Sr. Dr. Witruvio, que tem por fim considerar os socios correspondentes sujeitos ao pagamento da joia que pagam os effectivos, e das mensalidades, no caso que queiram obtêr os numeros da *Revista* trimensal; assim como que se designe o dia 22 do corrente para a mesma Commissão e a de Fundos e Orçamentos se reunirem, afim de organisar-se o projecto de orçamento para o anno social vindouro.

Vai á respectiva Commissão uma proposta do Sr. Dr. Torres Bandeira, sobre a admissão de membros honorarios e correspondentes.

O Sr. Présidente dá para ordem do dia trabalhos e pareceres de Commissões, e designa o dia 8 de Janeiro, pelas 11 horas da manhã, para haver a 7.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. — *José Soares d'Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitoza*, Orador. — *Salvador Henrique d'Albuquerque*, 2.º Secretario.

7.ª sessão ordinaria, no dia 8 de Janeiro de 1868.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

Ás 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Soares d'Azevedo, Braz Florentino, Torres Bandeira, Witruvio, Serafico, Rodrigues Campello, Commendador Figueirôa e Padre Lino do Monte, comparecendo depois os Srs. Drs. Nascimento Feitoza e Cicero Peregrino.

Abre-se a sessão, occupando a cadeira de 2.º Secretario, no impedimento do effectivo, o supplente Torres Bandeira, e deixa de ser lida a acta da sessão antecedente, por não se achar sobre a mesa.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio do Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, declarando acceitar a nomeação de membro effectivo do Instituto. — Inteirado.

Um parecer da Commissão de Redacção da *Revista,* sobre a proposta do 2.º Secretario, pronunciando-se pela ideia de não serem publicadas as actas das sessões do Instituto senão depois de approvadas, deixando porém de o ser ainda assim, quando, a requerimento de algum dos membros, o Instituto tomar esta resolução. — Approvado.

Vai á Commissão respectiva uma proposta do Sr. Padre Lino do Monte, para que sejam admittidos como membros honorarios os Exms. e Revms. Srs. D. Frei Pedro de Santa Marianna, Bispo de Chrysopolis, e Manoel Hygino de Figueiredo, Gentil-Homem da Imperial Camara, ambos naturaes de Pernambuco e residentes no Rio de Janeiro; e para membros correspondentes os Srs. Conego Joaquim Pinto de Campos, e Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo e Ovidio da Gama Lobo.

O Sr. Presidente declara que não submetterá á votação d'ora em diante proposta alguma desta naturèza, sem que primeiro a Commissão de Redacção da *Revista* dê o seu parecer sobre a proposta do Sr. Dr. Witruvio, á cerca do pagamento das joias que devem ou não pagar os membros correspondentes.

O mesmo Sr. Presidente insiste sobre a necessidade da reunião da Commissão de Fundos e Orçamentos, para a confecção do que deve vigorar no anno social futuro, e designa o dia 22 do corrente, pelas 11 horas da manhã, para haver a 8.ª sessão ordinaria, na qual terá de providenciar sobre a solemnidade do primeiro anniversario que tem de celebrar-se, da installação do Instituto, no dia 27 do corrente.

Levanta-se a sessão —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente. —*Joaquim Pires Machado Portella,* 1.º Vice-Presidente. —*José Soares d'Azevedo,* Secretario perpetuo. —*Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitoza,* Orador. —*Antonio Rangel de Torres Bandeira.*

8.ª sessão ordinaria, do dia 22 de Janeiro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

Ás 11 horas da manhã acham-se presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares d'Azevedo, Nascimento Feitosa, Torres Bandeira, Witruvio, Serafico, Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte, Mena e Francisco de Barros.

Abre-se a sessão, e lida a acta da antecedente, é approvada, funccionando ainda como 2.º Secretario o supplente Torres Bandeira.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte:

Um projecto de Orçamento para o anno social de 1863

a 1864, apresentado pelo Sr. Dr. Witruvio, como relator da respectiva commissão, o qual projecto declara o Sr. Presidente ficar sobre a mesa para ser discutido na sessão de 15 de Fevereiro, como os Estatutos ordenam.

Uma proposta do Sr. Dr. Nascimento Feitosa, para que o Instituto manifeste ao Governo Imperial os seus votos de adhesão ao procedimento que o mesme Governo teve, quanto á questão das injustas exigencias e reclamações do Agente inglez, residente na côrte. Outra proposta do Sr. Dr. Witruvio, no mesmo sentido. Tomam parte na discussão dessas propostas os Srs. Drs. Witruvio, Tôrres Bandeira, Soares d'Azevedo, Serafico e Dr. Feitosa, o qual entende que, refundindo-se em um só o pensamento de ambas as propostas, conciliava-se completamente o fim que attingiam, ficando a cargo do Sr. Secretario perpetuo a redacção do officio neste sentido, que devia ser dirigido aos membros da commissão que o Instituto nomeasse na côrte, para apresentarem ao Governo Imperial aquella manifestação, o que é finalmente approvado.

O Sr. Presidente nomeia para esta commissão na côrte aos Ex.mos Srs. Bispo Titular de Chrysopolis, Barão de Pirapama e Dr. Saldanha Marinho.

O mesmo Sr. Presidente designa aos Srs. Drs. Feitosa, Souza Bandeira e Serafico, para membros da commissão que, em nome do Instituto, tem de convidar ao Exmo Presidente da Provincia para assistir á sessão solemne no dia 27 do corrente, primeiro anniversario da installação do mesmo Instituto.

O mesmo Sr. designa egualmente ao Sr. Coronel Leal para convidar ao Ex.mo General Commandante das Armas, encarregando o Sr. Francisco de Barros de entender-se neste sentido com o mesmo Sr. Coronel Leal, visto não se achar presente.

São pelo mesmo Sr. Presidente designados os Srs.

Drs. Tórres Bandeira, Witruvio e o Sr. Padre Lino, sôb proposta do Sr. Secretario perpetuo, para comporem a Commissão que tem de rever os discursos antes de serem recitados na sessão solemne do dia 27, na forma dos Estatutos, designando o dia 15 de Fevereiro pelas 11 horas da manhã para ter logar a sessão especial de eleição.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella,* 1.º Vice-Presidente.—*José Soares d'Azevedo,* Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique d'Albuquerque,* 2.º Secretario. —*Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa,* Orador.

ASSEMBLÉA GERAL

Sessão solemne do primeiro anniversario do Instituto, em 27 de Janeiro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A' uma hora da tarde o Exmo General Commandante das Armas é recebido pela commissão respectiva, ao som de uma musica marcial, postada á entrada do salão, e acompanhado até o lugar que lhe era destinado; e chegando a communicação official de que o Exmo Sr. Presidente da Provincia não podia comparecer, estando já presente o Consul de S. M. Fidelissima, varias autoridades, Commandantes de differentes corpos do exercito com seu officiaes, uma commissão de tres membros por parte do Gabinete Portuguez de Leitura, pessoas gradas, e um grande numero de cidadãos de todas as classes, verifica-se egualmente a presença dos seguintes membros do Instituto: Drs. Machado Portella, Soares d'Azevedo, Nascimento Feitosa, Witruvio, Souza Bandeira, Cicero Peregrino, Amaro Joaquim, Torres Bandeira, Serafico,

e os Srs. Coronel Leal, Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique.

O Sr. Presidente declara aberta a sessão, e lê um discurso analogo ao objecto.

O Sr. Secretario perpetuo faz a leitura do seu relatorio sobre o movimento do anno social findo.

O Sr. Dr. Feitosa, como Orador, lê o seu discurso, e em seguida o S. Dr. Torres Bandeira declama uma poesia com relação ao assumpto que nos occupa.

Terminando assim o acto, o Sr. Presidente levanta a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella,* Vice-Presidente. — *José Soares d'Azevedo,* Secretario perpetuo. — *Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa,* Orador. — *Salvador Henrique d'Albuquerque*, 2.º Secretario.

—

DISCURSO

DO EXM. E REVM. MONSENHOR DR. FRANCISCO MUNIZ TAVARES COMO PRESIDENTE EFFECTIVO DO INSTITUTO.

Senhores. — O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano conta um anno de existencia: celebramos hoje o seu primeiro anniversario; e, por uma coincidencia venturosa, commemoramos tambem um dos mais assignalados dias que a historia desta provincia ha registrado.

A solemnidade dos anniversarios é um uso geral, porque o coração humano é naturalmente reconhecido, e sente necessidade de manifestar o que reconhece: a memoria dos grandes feitos, ou dos successos extraordinarios, perpetua-se, apontando-os sem interrupção; as datas correspondentes não devem ficar em olvido.

Em 27 de Janeiro de 1654 Pernambuco, depois de esforços inauditos, sacudiu para sempre o ignominioso jugo estrangeiro: a installação deste Instituto em 27 de Janeiro de 1862 é não só uma cordeal homenagem a aquelle grande dia, como egualmente prova irrefragavel de que, apezar da diversidade dos tempos, ainda não se extinguiu entre nós o sagrado amor da patria; e que, pesquisando com afinco tudo quanto praticaram os nossos maiores para o feliz resultado do mencionado dia, e expondo ao publico as nossas locubrações respectivas, seremos capazes de imital-os, dadas circumstancias identicas.

Senhores, depois do dia 7 de Setembro de 1822, eu não encontro um outro em nossos annaes que mereça tanto o nosso culto, como o 27 de Janeiro de 1654.

« Quanto era bello (escreve entre outros um eximio litterato italiano em sua historia da America, não ha muito publicada), quanto era bello ver n'aquelle dia o denodado Vieira á frente da vanguarda do exercito, montado a cavallo, com a espada desembainhada, entrar no Recife! Todos tinhamos os olhos fitos nelle: povo e soldados contemplavam com admiração o heroe do Brazil. »

Vós sabeis, Senhores, que este heroe desobedeceu ao rei para melhor servir ao rei. E por ventura poderia elle deixar de desobedecer? Não, não. Ordenava-se-lhe um impossivel; *ad impossibilia nemo tenetur*. Ordenava-se: *(horresco referens)*, ordenava-se que Pernambuco se submettesse ao dominio estrangeiro, depondo as armas! Obedecer era moralmente impossivel. Não se dispõe de um povo como de um rebanho de ovelhas; o povo não tem só deveres, possue tambem direitos imprescriptiveis. A opinião geral tem mais poder que os reis: ai d'aquelle que lhe resiste!

Vieira via-se rodeado de chefes, ja experimentados em valor e pericia militar, e com os quaes sempre marchava

de accordo; divisava um povo inteiro, que havia sacrificado constantemente bens, repouso e sangue para se conservar brazileiro; que havia bastantes annos lutava com as suas proprias forças para expellir do solo patrio o invasor audaz; que estavam ainda todos dispostos com animo intrépido, sem distincção de sexo, edade ou côr, a continuar os sacrificios, pelos quaes já haviam conquistado honra e gloria, desbaratando o inimigo em diversos encontros; obedecer seria trahir a patria: homens do caracter de Vieira, e dos que o seguiam, nunca fôram traidores: — morrem, mas não se aviltam.

Além disto, elle com a perspicacia natural de que era dotado, percebia que o Sr. D. João IV queria fazer com a Hollanda paz vergonhosa, para apagar quanto antes a marca affrontosa de rebelde, com que a côrte de Hespanha em seu delirio o havia estigmatisado, e que neste proceder pouco decoroso nada cedia dos seus queridos reinos de Portugal e Algarves; barateava sómente terrenos de uma das suas feitorias, situada em longa distancia, e pela mór parte povoada de miseraveis Cahetés e Tabayares, a quem os seus vassalos, por favor particular, consideravam então como *gens ad servitutem nata,* ou antes especie animal inferior ao homem. Reflectiu, aconselhou-se com os seus companheiros d'armas, e decidiu-se a dar seguimento á nobre empreza, custasse o que custasse.

A causa era santa: Deus a protegeu. Pernambuco recuperou a liberdade, reivindicou a nacional independencia. No faustissimo dia vigesimo setimo de Janeiro de 1654 fôram coroados todos os seus esforços: o que era reputado desobediencia, tornou-se serviço relevante; a generosidade superou o ressentimento, aliás justissimo; esta provincia continuou ainda a fazer parte da communidade portugueza.

Entretanto, senhores, quem acreditaria que em tempo algum passasse desapercebido entre nós aquelle dia, por tan-

tas razões memoravel! A religião de nossos pais o havia consagrado, a nacionalidade prescripto o dever. Em cada um anno, desde o mencionado 1654, os fieis Pernambucanos nesse grande dia voavam á cathedral de Olinda, — da linda Olinda, que desde o começo da invasão tanto havia soffrido; e ahi, prostrados ante os altares, entoavam com o clero o hymno ambrosiano, em acção de graças ao Senhor dos exercitos, que tão misericordioso mostrára-se para com o abandonado Pernambuco. Toda a tropa egualmente para alli marchava a testemunhar com treplicadas salvas a sua inalteravel dedicação á patria. Alguns annos ha (com vergonha o declaro), esse piedoso e nunca assás louvado uso, essa patriotica festividade, cessou aqui mesmo em Pernambuco!! Em vez de erigirmos estatuas ou columnas, em que se gravassem os nomes venerandos de tantos heroes que nos libertaram, tem-se até esquecido aquelle dever sacrosanto! Senhores, o indifferentismo politico é tão mortifero quanto o religioso; este mata a alma, aquelle o corpo social.

Ainda mais lamentavel torna-se essa incuria, quando não muito distante desta cidade acha-se um monumento sagrado erecto á Virgem das Virgens, no lugar mesmo em que ella, conforme a uma lenda assaz vulgarisada, e que eu ouvi na infancia aos meus pregenitores, dignou-se apparecer aos nossos soldados, confortando-os no momento em que começava a faltar polvora. Quando o povo crê em taes visões, é porque está persuadido que os factos a que ellas se referem foram prodigiosos: o prodigio é obra exclusiva d'Aquelle que tudo póde.

Sim, lá nos montes Guararapes está o templo que os nossos patriotas catholicos apostolicos romanos, unidos ao respeitavel general Barreto de Menezes elevaram á Mãe de Deus e dos homens a quem devotamente denominaram Senhora dos Prazeres, para de algum modo exprimirem o jubilo immenso que sentiram, conseguindo ahi, por seu celeste

patrocinio segunda victoria brilhantissima contra inimigos que pretendiam roubar-lhes religião, liberdade e patria. Quem olha para aquelle templo, humilde offrenda mas sublime dom de corações puros, não póde deixar de lembrar-se do dia 27 de Janeiro. Com aquella segunda victoria foi que se nos franquearam as portas desta cidade.

No forro do côro de uma de nossas egrejas, que o militar brazileiro protege e defende particularmente, offerece-se á nossa vista a descripção d'aquella mesma batalha. O pincel não é de Raphael de Urbino nem de Corregio, foi porém de um artista pernambucano, patrioticamente inspirado: elle pintou com fidelidade o que em seu peito e cérebro encerrava, — deixou-nos uma memoria, para que jamais esquecessemos o dia em que o batavo destroçado desappareceu d'entre nós. Executando aquella pintura em uma egreja, quiz mostrar ao povo em geral que o espirito deve elevar-se sempre ao Supremo Doador dos beneficios ; e aos nossos soldados especialmente, excitando-lhes o enthusiasmo necessario, insinuou que maiores proezas farão, contemplando de perto os actos de valor dos seus distinctos camaradas. Sinto ignorar o seu nome, para consignal-o aqui respeitosamente.

Repito, senhores, com estes dous monumentos assaz significativos da nossa gloria, e que a cada passo nos despertam, como poderam os Pernambucanos interromper a solemnidade daquelle dia? Confesso ingenuamente que o não sei explicar: sei porém dizer com a mais profunda convicção: — as aberrações do espirito humano não são perduraveis; ha uma força maior que as anniquilla, — a força da razão illuminada. Felizmente o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano já deu o primeiro passo neste sentido, — hasteou a bandeira: os descendentes dos bravos não degeneraram, — hão de seguil-a, e muito mais fervorosos agora, que um estrangeiro, um agente inglez, ousou atacar a

soberania e independencia do Brasil, insultando-nos da maneira a mais ignominiosa. E' indispensavel recordar a esse agente, e ao governo a quem serve, o que fomos e o que seremos, quando aggredidos.

Tenho o pressentimento de que, aquelles que na actualidade dirigem os destinos do Imperio, concorrerão para restabelecer em toda a sua plenitude a solemnidade do dia 27 de Janeiro: garante-nos este pensamento a sabedoria e o patriotismo que se lhes reconhece, e sobre tudo a energia e firmeza com que repelliram as pretenções tresloucadas do indicado agente, e sustentaram a honra e dignidade nacional. O paiz deve ser-lhes grato: cumpriram o seu dever, — honra lhes seja feita.

Prosigamos em nossa tarefa, trabalhemos, e Deus abençoará os nossos trabalhos. — Assim seja.

RELATORIO DO SR. SECRETARIO PERPETUO

LIDO Á ASSEMBLEA GERAL, REUNIDA EM 27 DE JANEIRO DE 1863.

Meus Senhores. — Obedecendo ao que dispõe o art. 28 dos Estatutos desta Associação, devo hoje dar-vos conta de quanto se passou neste nosso primeiro anno de vida académica, modesto de trabalho, como era de prevêr, mas rico de esperanças e de gloria para a provincia.

O Instituto foi solemnemente inaugurado em 28 de Janeiro de 1862, com 26 socios installadores, os quaes, por esse facto importante, assumiram o titulo de effectivos.

Duas sessões preparatorias se celebraram — em 16 de Agosto e 1.º de Setembro —, antes de organisados os Estatutos que deviam reger a Instituição, para que ella podesse funccionar, até que em 21 de Setembro, em Assembléa

geral, observadas as formalidades do estilo, e no meio do maior regosijo da população, tomou posse a Mesa administrativa eleita, e os nossos trabalhos téem até hoje marchado regularmente.

Oito sessões ordinarias se celebraram nos quatro mezes que apenas coube de exercicio a este primeiro annó social; e nessas sessões se discutiram diversos assumptos economicos, começou-se a organisação da Secretaria, distribuiram-se varios programmas de estudo aos socios que d'elles se quizeram encarregar, e foram nomeados para o gremio do Instituto:

Quinze socios effectivos,
Vinte e cinco socios correspondentes,
Tres socios honorarios.

Se dos vinte e seis socios effectivos que installaram a Associação subtrairmos o Reverendo Frei João da Assumpção Moura, que a morte nos arrebatou poucos dias depois, e se lhes ajuntarmos os quinze que acabam de ser mencionados, teremos que o quadro actual do Instituto é o seguinte:

Socios effectivos................	40
Socios correspondentes..........	25
Socios honorarios...............	3
Total.......	68

Logo que o escudo adoptado como sello para os vossos actos officiaes se ache aberto, serão enviados os diplomas a cada um dos nossos socios, e definitivamente cobrada a joia de cada um, assim como os respectivos trimestres, cuja falta de recebimento tem feito com que ainda se não tenha publicado o primeiro numero da *Revista do Instituto* e occorrido ás despezas indispensaveis de mais de uma cathegoria.

O orçamento da receita e despeza para o anno social de 1863 a 1864, já apresentado pela respectiva commissão,

que terá de discutir-se em Abril proximo, de conformidade com o art. 27 dos Estatutos, remediará similhante defficiencia, e virá habilitar a nova Mesa administrativa a desenvolver ampla e substancialmente os variados desenhos incumbidos ao Instituto.

O vosso eloquente Orador, d'accordo com o que os Estatutos ordenam, vos dará conta dos livros e manuscriptos offerecidos á nossa Associação até hoje. A mim pertence-me ajuntar a esta lista honrosa o dom feito á casa pelo Sr. Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, de uma reliquia preciosa, e por ventura a primeira com que se vai abrir o nosso museu: é uma medalha de bronze, representando de um lado o busto de José Bonifacio de Andrada e Silva, e do outro a gloriosa éra da independencia do Brazil, circulada de uma corôa de folhas nacionaes: em torno desta corôa e na fimbria da medalha, lêem-se as datas do nascimento e morte do venêravel Patriarcha da Independencia.

Eis ahi todo o movimento do nosso primeiro anno de trabalho e de creação.

Afinal, devo congratular-me com a Assembléa pelo vivo sentimento d'amor da patria que se ha revelado em cada um dos seus membros, desde a inauguração do Instituto, e que a Mesa administrativa traduziu em actos, quanto lhe foi permittido, no pouco tempo que teve de exercicio. Este sentimento acha-se hoje notavelmente excitado pela grave affronta que a nacionalidade brasileira acaba de soffrer da parte do ministro de S. M. Britannica no Rio de Janeiro, affronta que teve a propriedade da faúla electrica, condensando o patriotismo de todos os brazileiros, desde o sul ao norte do imperio, em uma massa de braços e peitos decididos, que tomaram a attitude formidavel que actualmente se observa.

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em cujo seio se acham como filhos muitos filhos dos heróes de 1648 e 1654, representa nesta valerosa provincia a som-

ma de hardimento e de intrepidez insigne que seus pais oppozeram á audacia de uma invasão e á cubiça de uma républica poderosa, que n'aquelle tempo cobria todos os mares com as suas náus.

Aqui dentro estão com nosco ouvindo-nos e contemplando-nos as sombras dos varões illustres, que nos legaram o exemplo da desaffronta nacional. D'ali surgem 31 bandeiras tomadas, 317 canhões bellicos, e o estandarte general d'um grande capitão inimigo, que nos acênam e nos incitam. D'acolá um grande vulto se levanta, e traz na mão um papel desenrolado, no qual se lêem as datas memoraveis de 26, 27 e 28 de Janeiro. E' hoje o anniversario deste grande feito d'armas: e o Instituto creado para o lembrar sempre á provincia, e para colligir os monumentos e tradições gloriosas de nossa historia, sente-se em extremo feliz quando encontra tão pronunciado enthusiasmo em toda a população, que o acompanha em espirito, e da qual se póde dizer o que dizia William Pitt fallando da Vendêa, posto que em bem differentes circumstancias das nossas:

« Aquelles homens são assombrosos nos abraços que se dão. Podem ultraja-los, podem martyrisa-los, podem trahi-los talvez, mas elles hão de vencer por fim, pela sua nobre e santa bravura; hão de vencer pela união estreita com que combatem; hão de vencer mais que tudo pelo seu afferro imperturbavel ás crenças e feitos de seus maiores. »

Inspirêmo-nos, pois, com as lições da historia, e tenhâmos sempre presentes tres grandes datas:

1500, 1654, 1822;

e trez grandes virtudes civicas:

Fidelidade aos principios,
Unidade nos desenhos,
Coragem nas resoluções importantes.

Sala do Instituto, em Assembléa geral, 27 de Janeiro de 1863.—*José Soares d'Azevedo,* Secretario perpetuo.

DISCURSO

DO SR. DR. ANTONIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOSA ORADOR DO INSTITUTO.

Senhores. — E' uma das condições da humanidade neste mundo que não haja nunca um regosijo completo: ao lado da alegria com suas roupagens de gala, está a tristeza com seu crepe luctuoso; ao lado do sorriso está a lagrima; ao lado da prasenteira recordação está a dorida saudade! Foi seguramente essa alternativa essencial na vida dos homens que levou o sabio a dizer no Ecclesiastes: que elle reputava o riso um erro, e a alegria uma illusão: *Risum reputavi errorem.* E a razão, no sublime pensar de Bossuet, parece ser que, depois da desobediencia do homem, Deus quiz retirar para si todo o sólido contentamento que havia derramado sobre a terra, na innocencia do seu berço, para restituil-o um dia a seus bemaventurados; e que a pequena gota de alegria que nos ficou de tão grande despojo, não é capaz de satisfazer uma alma, cujos desejos não são finitos, e que só em Deus póde repousar.

Ainda no dia de hoje vêmos aqui uma prova explendida da verdade desta reflexão; por quanto, se o dia 27 de Janeiro, que hoje solemnisamos, e que o Instituto Archeologico Pernambucano escolheu para seu anniversario, nos recorda um grande feito, o maior, o mais heroico feito da historia pernambucana, e essa recordação nos enche do mais patriotico regosijo, por outra parte a perda de alguns de nossos socios durante o anno decorrido, que um dever de gratidão nos obriga a chorar neste mesmo dia, é como uma nuvem de melancolia, assombreando o magestoso quadro que o sól do heroismo patrio tão soberbamente illuminára; é como a sublime lição da Providencia, indicando em todos os actos da existencia do homem neste mundo o terrivel caminho da eternidade.

Felizmente, se a alegria neste mundo não é completa, tambem o não é a tristeza, pois mesmo no seio desta se encontram motivos de efficaz consolação: é assim que, quando choramos a morte do homem de bem, pelo vacuo que deixou neste mundo, consola-nos o pensamento de que o justo tem a recompensa que Deus reserva na outra vida a aquelles que trilharam aqui o caminho da justiça. E como a morte é apenas uma separação que, affectando por algum tempo a forma e não a substância corporea, é impotente contra a alma, que encontra em a natureza de sua propria substancia o principio de sua immortalidade, a commemoração das virtudes de um morto, além de ser uma lição moral que alimenta o incentivo para a pratica das boas acções, é o meio de perpetuar entre os homens a memoria d'aquelles que nos foram caros. Dest'arte o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, chorando no dia de hoje os membros que perdêra, salva-os do olvido, quanto está em suas mãos, e procura conservar no grande codigo das relações humanas a sublime lei da immortalidade da alma.

Ao nobre e illustrado Presidente desta egregia Corporação coube a brilhante missão de expôr-nos em palavras repassadas do mais profundo amor da patria as bases da grande e magestosa epopéa pernambucana; ao erudito e mavioso Secretario perpetuo coube a tarefa de relatar-nos a marcha progressiva desta instituição nascente, que promette a Pernambuco uma historia; a mim, como Orador do Instituto, a mim, o mais obscuro de seus membros, coube a dolorosa tarefa de commemorar os nossos mortos.

Disse o distincto e eloquente Orador do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, na sessão magna do anno passado dessa respeitavel Associação:

« No fim de tão animadora e esplendida solemnidade,
« depois de tão seguros fundamentos de dadivosas espe-
« ranças, chega a hora da recordação dos nossos mortos, es-

« tende-se a mortalha sobre as flores espargidas ha pouco,
« ergue-se o esqueleto na mesa do banquete egypcio. »

Assim seria, se eu tivesse de tratar do homem em sua parte material, em sua parte sujeita á morte, e que hoje, reduzida a cadaver, jaz entre as paredes de um tumulo; mas vindo eu tratar perante vós do homem moral, da parte do homem que não morre, e que naturalmente a esta hora entôa na presença do Eterno hymnos de gloria, a minha tarefa, embóra repassada de pungente e saudosa melancolia, se torna um assumpto sublime, que pena é não ter uma palavra digna de o tratar.

No correr do anno de 1862, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano teve de soffrer a perda de um de seus membros mais prestimosos, que a morte roubou-nos ainda no vigor da edade. Esta perda é a do distincto carmelita Frei João da Assumpção Moura, nascido na cidade do Recife de Pernambuco, no dia 12 de Julho de 1825, e filho legitimo do tenente coronel Amaro Francisco de Moura e de sua mulher D. Francisca Margarida de Faria.

Na decadencia e pobreza em que se acham as ordens religiosas, é uma recommendação em favor do caracter de um mancebo essa abnegação das coisas do mundo, para entregar-se a uma vida toda de sacrificio, toda de dedicação, aos fins moraes da humanidade. Jesus Christo disse que não só é de pão que vive o homem, e sim tambem da palavra de Deus. Esta verdade, que deveria estar sempre na memoria do homem, é todavia abafada na vida de gózos que de ordinario se leva neste mundo, e no meio das necessidades que arrastram o homom aos misteres industriaes. Dizer uma despedida eterna a todas as glorias, a todas as ambições, a todos os prazeres, a todas as vaidades d'este mundo, para dedicar-se de corpo e alma ao serviço de Deus e do proximo, esquecer-se de si para só lembrar-se de Deus e de seus divinos mandamentos, constituir-se neste mundo o élo que

prende os homens a Deus, é por certo a mais nobre e mais sublime missão de que possa o homem onerar-se nesta vida. E pois, aquelle que, na edade das paixões, quando os impulsos do amor terreno, as ambições e tudo quanto o mundo encerra de seductor offuscam na alma o grande principio de dedicação moral, fazendo o sacrificio de todas essas vaidades, consagra seus dias á exaltação do altar e encerra todo o seu futuro dentro das quatro paredes de um claustro, tem dado uma prova da grandeza de sua alma, da immensidade de suas aspirações sublimes.

Foi o que aconteceu com o finado Frei João da Assumpção Moura, pois no dia 15 de Agosto de 1844, quando apenas contava 19 annos, depois de haver corajosamente triumphado das provanças da regra, fez a sua profissão na religião carmelita, desligando-se de todos os laços que o prendiam ao seculo, e dedicando sua vida inteira ao serviço de Deus, ao exercicio da sublime virtude da charidade.

Não basta, porém, em favor do homem que pretende ser executor da grande e sublime lei da dedicação, este primeiro passo. Quantas vezes á imaginação figura ao mancebo a facilidade d'essa missão, e elle cedendo a essa persuasão ficticia se considera capaz de carregar até o fim a grande montanha da dedicação! E quantas vezes, apenas vê definitivamente cortados todos os laços que o prendiam ao pai, á mãe, aos irmãos, aos parentes, a todas as relações do seculo, o mancebo que, olhando para diante, vê uma estrada que vai perder-se no infinito, e, olhando para traz, vê o abysmo que o separa dos attrativos do mundo, e então reconhece a grandeza do sacrificio, arrepende-se do passo que deu! Quantas vezes se irrita contra si mesmo, contra os creadores da sublime instituição, e eleva essa colera impotente até a blasphemia? Quando asim acontece, então o espirito descendo ao derradeiro grau da impotencia, soffre a dominação dos impulsos carnaes, e se precipita muita vez

na derradeira degradação. O mais difficil, por tanto, não é a sublime inspiração que arrastra o mancebo a proferir o terrivel voto de abnegação; o mais difficil é conservar-se nessa via dolorosa e magestosa ao mesmo tempo. Sim: por que só então é que elle conhece a enormidade do sacrificio.

E se recorre ás praticas ascéticas que mortificam a carne para submettel-a ao espirito, sabe-se que é então que se estabelece, mesmo pelo effeito de um mecanismo moral, permitta-se-me a expressão, toda a reacção da animalidade humana. A historia do Christo nos dá a este respeito um esplendido exemplo, quando registra o facto da audaciosa seducção satanica. Foi depois de haver jejuado quarenta dias, que achando-se Jesus Christo corporalmente alquebrado, tendo fome, foi tentado pelo inimigo da humanidade. Aquelle, portanto, que pela mortificação reage contra a influencia animal, ha de vencer se fôr constante, e se sobre elle se derramar a graça divina, mas prepare-se tambem para os mais terriveis combates. E quantos succumbem nessa luta terrivel!

Eu penso, como a Egreja ensina, que a carne é um dos inimigos da alma; penso, porém, que a vida de relação, exigindo a submissão do corpo á alma, póde prescindir d'essa exageração, que consiste na tortura incessante do corpo, especie de suicidio voluntario, contra o qual se ergue poderosamente a propria natureza dupla do homem, pelo mesmo instincto da conservação. Em minha opinião, o exercicio da charidade e o jejum regulado segundo os preceitos da Egreja, são as verdadeiras armas com que se deve debellar a acção da natureza animal sobre a acção da natureza moral. A charidade, sobre tudo, é a clava de Hercules na mão do sacerdote catholico.

E o que é a charidade senão a dedicação do corpo e do espirito ao bem da humanidade, peló amor de Deus e só

pelo amor de Deus? O sacerdote que, sem tirar senão o tempo necessario ao repouso, consagra toda a sua existencia ao bem da humanidade, doutrinando o ignorante e soccorrendo, o aflicto em qualquer occasião, sem escolha de noite de dia, de chuva ou de sol, de peste, fome ou guerra, é justamente aquelle que mais poderosamente tem armado o seu espirito contra o seu corpo.

O carmelita Frei Moura, cuja perda hoje tão justamente pranteamos, comprehendia essa sublime missão do sacerdocio catholico. E por isso dividiu a sua vida entre a cultura de sua intelligencia e a pratica da charidade.

A cultura do espirito, permittindo-lhe tomar a ordem de presbytero, forneceu-lhe o meio de entregar-se ao ministerio da prédica. A prédica é uma das principaes e grandes missões do sacerdocio catholico, pois é o meio de manter a humanidade com esse alimento que nasce da palavra de Deus, o qual sustenta a eterna duração da verdade neste mundo.

O nosso finado consocio soube desempenhar este importante encargo do sacerdocio, e sua palavra animada era ouvida da tribuna sagrada com respeito e veneração, porque era repassada de verdadeira unção evangelica.

Tanto se destinguira Frei Moura nos exercicios intellectuaes, que em 1848 a congregação da ordem o designou para lêr na cadeira de Theologia, no collegio do mesmo convento, cujo magisterio exerceu, sendo-lhe depois no anno de 1850 conferida a patente de leitor da mesma faculdade. Aquelles que da cadeira do mestre lhe ouviram as brilhantes lições, ainda se devem recordar dessa docilidade de expressão com que tornava amêno e grato o estudo de asssumptos tão sublimes, como aquelles que constituem a maior, a mais perfeita das sciencias, cujo primeiro preceptor está acima de todos os preceptores do mundo, porque é o proprio Deus.

Era ainda o carmelita Frei Moura perito em latinidade, o que lhe facilitava compulsar as grandes obras dos padres da Egreja, sendo que esse estudo da lingua latina ainda mais cultivou elle, tendo leccionado alguns annos, não só aos religiosos do seu convento, como a alguns jovens que solicitavam d'elle a transmissão de seus conhecimentos nessa lingua, que é ainda e ha de ser sempre uma das condições essenciaes á perfeita educação litteraria.

A boa reputação de que sempre gozou, fóra e dentro do seu convento, lhe attrahiu consideração e respeito, sendo que em 1850 occupou na sua ordem o lugar de definidor, em 1854, o de provincial, sendo para esse cargo eleito no capitulo celebrado em 29 de Fevereiro desse anno; e foi agraciado pelo Internuncio apostolico, Maurus Marini com o uso de solideo e annel.

O Exm. Bispo diocesano, apreciando as luzes e as excellentes qualidades do nosso finado socio, e desejando rodear o seminario episcopal de todo o prestigio, nomeou-o para reger ahi a cadeira de latim, magisterio que exerceu por alguns mezes, pedindo dispensa de continuar, em virtude de seus soffrimentos physicos.

Frei Moura era fervoroso devoto do culto da Mãe do Salvador do mundo, e tomou a seu cuidado a celebração do Mez Mariano em o seu convento, com o que cresceram os respeitos que se lhe deviam a elle e á sua ordem; assim como era pressuroso e constante em promover a festividade de Nossa Senhora da Conceição, festividade que annualmente realisava com a desejavel pompa, auxiliado pelas esmolas dos fieis.

Frei Moura, em uma palavra, era um exemplo vivo de piedade e de caridade christãa, derramando em torno de si os beneficios do evangelho, com essa docilidade de caracter, que o tornava digno da estima e consideração de todos quantos o conheciam.

Emfim, o finado Frei João da Assumpção Moura não era esse servo que enterrava o talento que Deus lhe dera a guardar, antes pelo contrario fez com que produzisse dez, ou cinco por um. Deus, por tanto, lhe dará a recompensa promettida aos bons servos.

Fr. Moura era de uma compleição débil; e essa applicação á cultura do entendimento e aos exercicios de piedade e de charidade, extenuaram-lhe talvez as forças, até que exacerbando-se-lhe consideravelmente os soffrimentos, viu-se coagido a deixar o seu convento, e procurar, por conselho da medicina, os ares do sertão, afim de ver se conseguia melhoras: seguiu para a provincia das Alagoas e chegou á villa de Tacaratú.

Ahi quiz ainda, pela sua devoção á SS. Virgem, enraisar nos habitos do povo a celebração do Mez Mariano. Não pôde, porém, continuar, porque grandemente se lhe aggravara a mortal enfermidade, até que, no dia 17 de Maio do anno passado, depois de confortado com os sacramentos da Egreja, rendeu a alma ao seu Creador, que por certo lhe ha de ter dado o premio que em sua infinita misericordia concede a aquelles que têem por norte nesta vida transitoria a virtude e a verdade.

Perdemos um socio prestimoso, e que honrava a este Instituto: ao retirar-se deste mundo deixou-nos elle uma pagina, onde os companheiros que aqui ficaram encontrarão os mais animadores incentivos para imital-o.

Agora passarei a cumprir a segunda parte da missão que os Estatutos me imcumbiram, fazendo a menção dos livros e manuscriptos offerecidos ao Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, no seu primeiro anno social.

O Sr. commendador Antonio Joaquim de Mello offereceu: — Tres volumes das *Biographias dos poetas e homens illustres de Pernambuco.*

O Sr. Dr. César Augusto Marques, do Maranhão, offereceu: — 1.º Um manuscripto, por um dos pernambucanos complicados na revolução de 1817, encontrado no aljube da Bahia, e que tem por titulo — *Sciéncia sobre a infancia,* — por J. M. B. 1807; 2.º Outro manuscripto, que é a copia de uma ode dirigida ao conde da Palma, governador da Bahia, composta em 1820 pelo padre João Baptista da Fonseca, uma das victimas de 1817; 3.º Outro manuscripto, que é o autographo de uma carta do Dr. Francisco de Souza Martins, escripta do Rio de Janeiro em 21 de Fevereiro de 1846 ao conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, em Lisbòa, emittindo a sua opinião sobre alguns pontos de politica e de economia, com applicação ao Brazil; 4.º *Almanack de lembranças brazileiras* para o anno de 1863, pelo Dr. César Marques.

O Rvm. Sr. Padre Lino do Monte Carmello Luna offereceu: — 1.º Um exemplar impresso do sermão da restauração de Pernambuco, recitado na Sé de Olinda, em 1731, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão; 2.º Outro tambem impreso, das *Memorias historicas e biographicas dos Sacerdotes pernambucanos;* 3.º Um manuscripto, contendo varias verbas do testamento com que fallecêra João Fernandes Vieira; 4.º Um impresso da Carta Pastoral do Exm. Sr. Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, feita por occasião de sua entrada n'aquella diocese.

O Sr. Dr. José Soares de Azevedo offertou: — 1.º Um exemplar do *Almanack historico de lembranças,* 1.º anno, 1862, edição esgotada, pelo Dr. César Marques; 2.º Outro exemplar da *Biographia do Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira,* Arcebispo da Bahia, pelo Dr. César Marques.

Os Srs. Manoel Figueirôa de Faria & Filho, offertaram: — 1.º Varios exemplares de relatorios de presidencias e de ministerios differentes, *Annaes do Parlamento brazileiro* e

outras peças; 2.° A oitava pagina do *Diario de Pernambuco* á disposição do Instituto.

O Exm. Monsenhor Francisco Muniz Tavares offereceu: — 1.° *Historia das Missões Apostolicas no Chili,* por José Salusty, 4 vol. cartonados; 2.° *Historia da Revolução de Pernambuco em 1817,* 1 vol., escripta pelo offerente.

O Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, da Bahia, offertou: — A *primeira serie dos Quadros historicos do Catholicismo no Brazil,* escripta pelo offerente.

O Rvm. Sr. Fr. Pedro da Purificação Paz e Paiva offereceu: — Um discurso de felicitação, dirigido ao Instituto.

O Sr. Marcellino Santhiago de Vasconcellos Leitão offertou: — Um livro manuscripto pelo padre Francisco Correia Telles de Menezes, sobre coisas do Brazil.

O Sr. Dr. Manoel da Costa Honorato offertou: — 1.° *Synopse de Eloquencia e Poetica Nacional;* 2.° A *Heroina por excellencia;* 3.° Folhinha catholica para o anno de 1863.

O Sr. 1.° Tenente da armada Manoel Antonio Vital de Oliveira, offertou as seguintes producções : 1.° Um exemplar dos trabalhos hydrographicos do 1.° Tenente da armada Manoel Antonio Vital de Oliveira, sobre a *costa do Brazil,* ultimamente litographados; 2.° Um exemplar dos trabalhos do mesmo autor sobre o perigoso *banco das Rocas,* entre a ilha de Fernando de Noronha e o continente; 3.° Alguns impressos da verificação da pedra onde se perdeu o vapor *Hermes.*

Como orgão do Instituto, nesta occasião solemne, não posso deixar de consignar um voto de agradecimento aos dignos cavalheiros, que concorreram com suas offertas para o enriquecimento do seu archivo.

Tenho cumprido a missão que me fôra imposta pelos Estatutos, pedindo desculpa se, a despeito da minha vontade, fiquei muito áquem da importancia dos assumptos.

—

1654 e 1863.

POESIA

RECITADA NO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO, EM 27 DE JANEIRO DE 1863, ANNIVERSARIO DA FELIZ RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO, DE SOB O PODER DOS HOLLANDEZES, E TAMBEM DA INSTALLAÇÃO DO MESMO INSTITUTO.

O' jovens brazileiros,
Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,
Pois a raça de heroes não degenera,
Eis o vosso modelo:
O valor paternal em vós reviva,
A patria que habitaes comprou seu sangue,
Que em vossas veias pulsa:
Imitae-os, porque elles do sepulcro
Vos chamem com prazer seus charos filhos.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recem-nados filhos vegetava:
Assim o egregio sangue,
Em Thermopylas dura derramado,
Antolhava em seus filhos vingadores!
Tomae d'elles o brio, a força, a manha,
Sêde sempre fieis á patria chara;
Vós sereis brazileiros,
Sereis pernambucanos verdadeiros.

J. DA N. SALDANHA.

I.

Já passaram dois seculos! Que exemplo
De heroismo sem par traz-nos a historia
Nas legendas de então, que inda hoje avultam
Com tão bello primor! Que monumento,
Alçado á patria em mil tropheus radiantes,
Sobrenada immortal no longo espaço
D'essas antigas éras! Quanto é nobre,
Quão precioso e puro esse legado,
Transmittido até nós, no vario curso
De tantas gerações, pelos que foram
Nossos primeiros paes, nossos modelos
No sacrosancto amor da liberdade,

No civismo e na gloria, na defeza
Do nosso pundonor, da nossa honra,
Das nossas tradições que elles zelavam,
Como um raro thesouro! Ha já dois seculos;
E esta patria commum, que se levanta
Esplendida e louçãa no extenso mappa
Do novo continente, debruçada
Sobre o oceano, em berço vicejante
De primavera candida e formosa;
Esta bemdicta região que surge
Tão opulenta no hemispherio novo,
Sob um limpido ceu, bordado d'oiro,
Entre flores a mil, entre mil quadros
De ineffavel incanto, ahi solettra
Seu grande nome n'esse livro immenso,
Aberto aos olhos das nações, do mundo,
Estampado nos cerros magestosos
De Guararapes! Memorandos feitos,
Que o rolar das edades vae levando
A's gerações porvir, messe fecunda
De amplas inspirações a quem se préza
De ser pernambucano, a quem se ufana
De se mostrar em tudo brazileiro,
Alli fallam mui alto; e o brado estende-se
Como um pregão solemne, e se dilata
Por toda Europa, no seu gyro eterno.
Que sublime inscripção!... Heroes mais dignos
Onde os houve jámais? Que valem Grecia,
E Roma altiva, e a intrepida Carthago,
Com seus Cimons, seus graves Léonidas,
Com seus caros Themistocles famosos,
Com seus liberaes Regulos, Fabricios,
Metellos e Pompeus, com seus illustres
Annibal, Scipião? Nenhum excede
Barreto, o forte, o inclyto Vieira,
Negreiros sem egual, e esse que a morte
Pouco antes ceifára, o tão distincto
E bravo Camarão, e aquelle ousado,
Magnanimo Henrique. Alli patentes
Brilham pomposas paginas que mostram
Desses e de outros cidadãos prestantes,

Desses heróes preclaros, os triumphos
Conseguidos em fervidos recontros,
Longas façanhas, singulares, unicas,
Dos povos nos annaes. — Eram bem poucos,
Mas valiam por cem, por mil, por todos. —
N'aquelle tempo o batavo arrogante
Quiz conquistar-nos, machinou projectos
De inteira assolação; por toda parte
Armava-lhe o poder novos reductos:
A força em massa, um nome respeitado,
Varios recursos que lhe abria o emporio
De industria universal, o auge da fama,
Tudo o impelliu á pugna renhida.
Mas que importa? por terra jaz o batavo,
E a patria salva o pavilhão hastêa,
Sobre as ruinas de um poder gigante:
Grato prenuncio já da independencia,
Que devia mais tarde portentosa
Vir garantir a liberdade e as crenças,
E completar a redempção da patria.

II

Hoje que vemos nós?—Longo periodo
De luctas e de gloria, um testamento
Que nos enche de orgulho, e nos eleva
A's proporções de uma nação briosa.
Foi dadiva de paes, e os filhos sabem
Aquilatar tão preciosa dadiva:
Sabem-n'o bem, e querem dedicados
Guarda-la sempre, bemdizê-la e ama-la,
Que é delles o dever, sagrado impulso
Do são patriotismo. Venha embora
Quem quer que seja á face arremessar-nos
A luva em desafio, e ovante marche
A violar reliquias venerandas,
A provocar-nos com seu rude orgulho:
Temos no coração essas reliquias,
Junctas ao amor da patria, doce amplexo
Que ninguem romperá. Nossa divisa
Alli se lê nos altos Guararapes,
Em Tabocas e além, desde o Amazonas

Até as margens do soberbo Prata.
Carta e religião, a Cruz e o throno
Não morrem nunca: o brazileiro de hoje
Do que foi n'outras éras não desmente.
O povo é nobre, e generoso e grande:
E' o governo que o dirige invicto;
E o Supremo cidadão que o rege
E' o primeiro a sustentar-lhe os brios,
Que são delle o brasão, a honra e o timbre.
Ha de subir esta nação que s'ergue;
E Deus que a bemfadou abriu-lhe a marcha
Para um futuro auspicioso e bello,
Na legenda da Cruz que o tem guiado.
Homenagem aos nossos, que d'ha muito
Nos legaram um nome esclarecido!
Profunda saudação de enthusiasmo
N'este dia solemne!—Um só principio,
A completa união. — E quem se atreve
A roubar de dois seculos a herança?......
No passado revela-se o futuro,
E do nosso destino o livro honroso
Está escripto alli nos Guararapes.

A. R. de Torres Bandeira.

LITTERATURA PATRIA

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (*Alcindo Palmireno* na Arcadia Ultramarina, no Rio de Janeiro, 1787).

Damos aqui duas graciosas anacreonticas do illustre poeta mineiro, como uma curiosidade notavel do gosto que começava a manifestar-se no século passado pelas pinturas e descripções da natureza patria. Era o albòr da manhã de um grande dia:

O CAJUEIRO

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

No teu tronco, pela tarde,
Quando a luz no céo desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.
Para fructos não concorre
Este valle ingrato e secco;
Um se enrugà, murcho e pêco,
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomôna por tributos
Offerece doces fructos
De amarella e rubra côr?
Ser copado, ser florente,
Vem da terra preciosa,
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

Fresco orvalho òs mais sustenta
Sem temer o sol activo;
Só ao triste semivivo
Não alenta o doce humor.
Curta folha mal te veste
Na estação do lindo agosto,
E te deixa nu, e exposto
Ao celeste intenso ardor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

Mas se estéril te arruinas,
Por destino te conservas,
E pendente sôbre as hervas
Mudo ensinas ao pastor
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho;
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

—

O BEIJA-FLOR.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Neste bosque alegre e rindo
Sou amante afortunado,
E desejo ser mudado
No mais lindo beija-flor.
Todo o corpo n'um instante
Se atenua, exhala e perde:
E' já d'oiro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando gyros;
Acompanham-me os suspiros
E a ternura do pastor.
E n'um vôo, feliz ave,
Chego intrépido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amôr.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Tóco o nectar precioso
Que a mortaes não se permitte;
E' o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor;
Já me chamas atrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me assusta o terno laço,
E' fingido o meu temor.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minh'alma ao bem se entrega
Que lhe nega o teu rigor.

Se disfarças os meus erros
E me soltas por piedade,
Não estimo a liberdade;
Busco os ferros por favor:
Não me julgues innocente
Nem abrandes meu castigo,
Que sou barbaro inimigo,
Insolente e roubador.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Recife — Typographia Universal — 1864.

REVISTA

DO

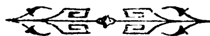
INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

N. 4

JULHO DE 1864



RECIFE
Livraria e Typ. F. P. Boulitreau
1897

JULHO DE 1864 — N.º 4.

9.ª sessão ordinaria, no dia 1.º de Abril de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Serafico, Soares de Azevedo, Rodrigues Campello e o Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão especial de eleição do dia 15 de Fevereiro.

O Sr. Presidente convida ao Sr. Dr. Aprigio Guimarães a occupar o seu logar de 2.º Vice-Presidente, e o mesmo senhor toma assento na respectiva cadeira.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Uma carta que do Maranhão lhe dirigira o Dr. Cesar Augusto Marques, nosso socio honorario, offerecendo ao Instituto um exemplar da *Historia da Independencia d'aquella provincia*, pelo Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva. — E' recebida com agrado, e manda-se archivar.

Um officio do Exm. Sr. Presidente da Provincia ao Sr. Presidente do Instituto, offerecendo ao archivo da casa o autographo do Edital que em 16 de Maio de 1812 mandou publicar o Dr. Ouvidor Geral e Corregedor da comarca de Pernambuco, Clemente Ferreiro França, para a solemne fundação da villa do Limoeiro, creada pelo Alvará Regio de 27 de Julho de 1811. ao Recebido o presente com agrado, manda-se archivar.

Outro de Antonio Gomes de Miranda Leal, Escrivão da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos da cidade do Recife, convidando aos membros do In-

stituto a acompanhar as procissões que tiveram lugar nos dias 19 e 20 de Março ultimo.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo declara que corresponderam aos votos da Irmandade os membros da Mesa que se achavam presentes.

E' lida e remettida á Commissão de Admissão de socios uma proposta do Sr. Secretario perpetuo, para que seja admittido como membro correspondente deste Instituto o Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, do Maranhão.

O Sr. Presidente declara que, não se achando presentes os membros da Commissão de Fundos e Orçamentos, adiava a discussão para a seguinte sessão, que teria logar no dia 16 do corrente.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella*, 1.° Vice-Presidente.—*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.*—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.



10. sessão ordinaria, no dia 30 de Abril de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Serafico, Rodrigues Campello e os Srs. Padre Lino do Monte e Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão do 1.° do corrente.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente :

Um officio do Dr. Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, da villa de Páo d'Alho, declarando acceitar o titulo de socio correspondente, com que o honrou o Instituto,—Inteirado.

Outro do Dr. Thomaz Pompeo de Souza Brazil, da capital do Ceará, no mesmo sentido. - Inteirado.

Outro do Dr. Tito Franco de Almeida, da capital do Pará, no mesmo sentido. — Inteirado.

Outro do Dr. José Maria Brandão Castello-Branco, da cidade de Nazareth, no mesmo sentido. — Inteirado.

Outro do Dr. César Augusto Marques, do Maranhão, declarando que acceita com o maior reconhecimento o titulo de socio honorario, que lhe conferio o Instituto. — Inteirado.

Outro do Sr. Padre Lino do Monte Carmello Luna, communicando que, tendo de embarcar para a Europa no proximo paquete, não lhe será possivel assistir as sessões do Instituto por espaço de seis mezes, que tanto pretende alli demorar-se, e offerecendo ao Instituto os seus serviços nos paizes que tem de visitar. — Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Manoel de Figueirôa, remettendo para o Instituto, em nome do Dr. João Francisco Duarte, o *Diario da navegação de Pedro Lopes de Souza*, de 1530 a 1532, e as *Memorias diarias das guerras do Brazil*, desde 1630 a 1639, pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Accioly de Siqueira e Silva; e em seu proprio nome um exemplar do *Diario de Pernambuco*, em que vem o extrato de uma Carta do Bispo d'Elvas, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, ao Principe Regente de Portugal, sobre negocios de Pernambuco. — Recebidas estas offertas com agrado, mandam-se archivar.

O Sr. Presidente adia de novo a discussão do orçamento, por não haverem comparecido os membros da Commissão respectiva; e, para haver sessão, designa o dia 14 do corrente.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario

———

11. sessão ordinaria, no dia 28 de Maio de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Nascimento Feitosa, Braz Florentino, Soares de Azevedo, Witruvio, Rodrigues Campello, Cicero Peregrino e o Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E lida e approvada a acta da sessão de 30 de Abril ultimo.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas :

De Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho, por intermedio do Sr. Dr. Feitosa, um exemplar das poesias d'aquelle senhor, denominadas — AURORAS E CREPUSCULOS. —

Do academico Antonio Joaquim de Passos, por intermedio do Sr. Secretario perpetuo, o 1 ° numero do periodico *Primavera*, do qual é aquelle senhor editor e proprietario.

De Francisco Maria Duprat, por intermedio do Sr. Dr. Witruvio, o periodico *Brazil*, de ns. 1 a 10, por aquelle senhor redigido.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

O Sr. Dr. Feitosa, depois de algumas considerações, offerece e lê o seguinte programma : — *Fixar de modo certo a localidade em que era situado, no territorio do Recife, o forte de San-Jorge, de que falla a historia da provincia de Pernambuco.*

Fica sobre a mesa o programma, para ser opportunamente discutido, na fórma do artigo 34 dos Estatutos.

O Sr. Presidente, dando para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissões, designa o dia 11 de Junho proximo para haver a 12.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azeve-*

do, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

———

12. sessão ordinaria, no dia 9 de Julho de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Sr. Drs. Serafico, Rodrigues Campello, Figueirôa e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 28 de Maio.

Não tendo comparecido o Sr. Secretario perpetuo o 2.° dá leitura do seguinte expediente:

Dous officios do mesmo Sr Secretario perpetuo, communicando, o primeiro que, por incommodo de saúde, não podia comparecer á sessão que havia tido logar em 25 do passado, e o segundo que, pela mesma causa, deixava de comparecer á sessão de hoje. — Inteirado.

Outro officio do nosso socio effectivo o Sr. Dr. Torres Bandeira, communicando qne, por doente, deixava de comparecer á sessão. — Inteirado.

Outro do nosso socio effectivo o Sr. Dr. Aprigio Guimarães, fazendo egual communicação. — Inteirado.

Outro do Sr. Dr. João Francisco Duarte, de Garanhuns, acceitando reconhecido a honra que o Instituto lhe fez de o nomear seu socio correspondente. — Inteirado.

Um carta do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, do Maranhão, nosso socio honorario, offerecendo ao Instituto os nos. 228 e 229 do *Ecclesiastico,* onde se acha uma Memoria, intitulada— *Considerações sobre os interesses catholicos* no *Brazil*—, pelo padre Dr. José Raymundo da Costa.— Recebidos com agrado, mandam-se archivar.

Apresentam-se sobre a mesa os ns. 1 2 e 3 da Revista academica, intitulada— *Faculdade do Recife,*

— offerecida ao Instituto pelo seu redactor em chefe José Fiel de Jesus Leite.— Recebidos com agrado, mandam-se archivar.

Um requerimento de Francisco Henrique Carls, exigindo que se lhe mande pagar a quantia de sessenta mil réis, pelo desenho que fez como amostra, para a gravura em pedra dos diplomas do Instituto, ou propondo a confecção de outros com menos trabalho por trezentos mil réis, em numero de quinhentos exemplares, no estylo de um que remette, acabado de gravar, para o Gabinete Portuguez de Leitura, prescindindo neste caso da indemnisação que ora requer.— A Commissão de Fundos e Orçamentos.

Uma conta da typographia dos Srs. Figueirôa & Filho, na importancia de cento e vinte e tres mil réis (123$000) relativa ás differentes impressões feitas para o Instituto— A' mesma Commissão.

Uma proposta do 2.° Secretario, contendo varias providencias concernentes aos fundos do Instituto.— A' mesma Commissão.

O Sr. Presidente declara que, satisfeita a disposição do art. 34 dos Estatutos sobre o programma apresentado pelo Sr. Dr. Feitosa na sessão passada, é o mesmo programma approvado e devolvido áquelle senhor para dar-lhe o desenvolvimento conveniente e apresental-o opportunamente.

O mesmo Sr. Presidente, dando para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissão, designa o dia 23 do corrente para haver a 13ª. sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão— *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.— *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

———

13. sessão ordinaria, no dia 23 de Julho de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs.

Machado Portella, Aprigio Guimarães, Witruvio, Soares de Azevedo e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente :

Um officio do Dr. Pedro Theberge, datado do Icó em 21 de Junho, acceitando com reconhecimento a honra que lhe fez o Instituto de o nomear seu socio correspondenfe.— Inteirado.

Um parecer da Commissão de Admissão de Socios, approvando a proposta do Sr. Dr. Souza Reis, para que fosse admittido como membro honorario do Instituto o Exm. e Rvm. Bispo Conde de Irajá, e outra de Sr. Dr. Portella, para que fosse admittido como socio correspondente o 1.º Tenente da Armada Manoel Antonio Vital de Oliveira.

Fica prejudicado o parecer quanto á primeira parte, por ter infelizmente fallecido o Exm. proposto, Bispo Conde de Irajá, e adiado quanto á segunda, até que a Commissão de Redacção da Revista dê o seu parecer sobre a indicação do Sr. Dr. Witruvio, relativamente á joia dos socios correspondentes.

Outro parecer da mesma Commissão, approvando a proposta do Sr. Dr. Soares de Azevedo, para que seja admittido como socio correspondente o Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, do Maranhão. Adiado pelo mesmo motivo.

Outro da Commissão de Fundos e Orçamentos, declarando que, para emittir o seu juizo sobre a conta da importancia dos impressos, apresentada pelo Srs. Figueirôa & Filho, era preciso que fosse primeiramente ouvido o Sr. Secretario perpetuo.— Approvado.

Outro da mesma Commissão, declarando ser-lhe tambem necessario, para emittir o seu juizo acerca do objecto da petição de Francisco Henrique Carls, que fosse ouvido o mesmo Sr. Secretario perpetuo.— Approvado.

Outro da mesma Commissão, approvando a proposta do 1.º Secretario, appresentada na sessão passada.

que tem por fim regularisar o estado economico do Instituto, com excepção do 4.° quisito, até que a Commissão de Redacção da Revista dê o seu parecer sobre a indicação do Sr. Dr. Witruvio. — Foi a imprimir.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissões, e designa o dia 6 de Agosto vindouro para haver a 44.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.— *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2°. Secretario.

---

14. sessão ordinaria no dia 6 de Agosto de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Sr. Drs. Feitosa, Serafico, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo Rodrigues Campello, Torres Bandeira, Figueirôa e Witruvio e o Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.° Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente :

Um officio do Sr. Barão do Livramento, datado de 29 de Julho ultimo, remettendo uma conta corrente de cento e vinte e dous mil quatrocentos e vinte réis (122$420 rs.) a favor do Instituto ; declarando aquelle senhor no mencionado officio que não lhe permittindo as suas occupaoes particulares cumprir com os deveres de Thesoureiro do Institnto, dava a sua demissão.--Aoceitou-se.

Outro do Rvm. Sr. Conego Vigarto Venancio Henrique de Rezende, declarando que não podia continuar a ser membro do Instituto.—Acceitou-se a demissão.

Outro do academico José Fiel de Jesus Leite, remettendo o 5.° e 6.° numeros do periodico *Faculdade de Direito*, que offertava para o archivo do Instituto.—Recebeu-se com agrado.

São lidos e vão a imprimir-se dous pareceres da Commissão de Redacção da Revista, um sobre a indicação do Sr. Dr. Witruvio, relativamente ás joias que devem pagar os socios correspondentes; e outro sobre algumas providencias relativas á publicação da Revista trimensal do Instituto.

Entra em discussão o parecer adiado da sessão passada, em o qual a Commissão de Fundos e Orçamentos approva a proposta do 2.° Secretario, relativa ao melhoramento do estado de arrecadação das rendas do Instituto, com excepção do 4.° quisito, em referencia aos socios correspondentes, emquanto a Commissão de Redacção da Revista não dér o seu parecer sobre a indicação do Sr. Dr. Witruvio. E' a proposta approvada, ficando o 4.° quisito para depois dessa discussão, e prejudicado o 1.°, sendo egualmente approvado um additivo do Sr. Dr. Witruvio, marcando o praso de trinta dias para os socios effectivos pagarem as suas joias.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia a discussão das materias adiadas, trabalhos e pareceres de commissões, designando o dia 20 do corrente para haver a 15.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

———

15.ª sessão ordinaria, no dia 20 de Agosto de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavare.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Aze-

vedo, Rodrigues Campello, Witruvio, Figueirôa, Cicero Peregrino, Torres Bandeira e Major Salvador Henrique, abre se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio do Exm. e Rvdm. Sr. Arcebispo da Bahia, D. Manoel da Silveira, em que declara acceitar com agradecimento a nomeação de membro honorario deste Instituto.—Inteirado.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo faz vêr que, por carta particular a elle dirigida, o Exm. e Rvdm. Sr. Bispo do Pará D. Antonio de Macedo Costa lhe communicára que acceitava com reconhecimento a nomeação de membro honorario deste Instituto. — Inteirado.

O Sr. Presidente consulta o Instituto sobre a necessidade da substituição do Sr. Coronel Leal, como membro da Commissão de Admissão de Socios; e decicido pela affirmativa, o mesmo Sr. Presidente designa o Sr. Dr. Witruvio para substituir interinamente aquelle senhor, que se acha fóra da provincia.

Em seguida procede-se á eleição para Thesoureiro e é eleito com maioria de 6 votos o Sr. Dr. Rodrigues Campello; obtendo os Srs. Drs. Figueirôa 2 votos, Aprigio 1 e Cicero Peregrino 1.

Entra em discussão a seguinte proposta, adiada na sessão passada:

« A Commissão de Redacção da Revista, cumprindo o preceito do art. 22 dos Estatutos, propõe o seguinte:

1.° A assignatura da folha custará 5$000 rs. annuaes, pagos á recepção do 1.° numero.

2.° Haverá um encarregado de cobrança das assignaturas, que sirva ao mesmo tempo de intermediario para as communicações da Commissão com o 2.° Secretario e a typographia, tendo a seu cargo fazer a destribuição da folha na cidade, e a remessa no correio. Este empregado prestará suas contas ao Secre-

tario perpetuo, de cuja nomeação será, e este passará as mesmas contas e saldos ao Thesoureiro.

3.° Para o pagamento do imposto no correio, e do trabalho da distribuição, cobrança, organisação de contas e communicação dos membros da Commissão entre si e com a typographia, se concederá ao dito empregado a gratificação de 20 por cento do que arrecadar das assinagturas.

4.° O Secretario perpetuo proverá, como melhor lhe parecer, a que o trabalho da impressão corra expedito e correcto.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 28 de Maio de 1863. — *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. — Antonio Rangel de Torres Bandeira.* »

Depois de algum debate, é approvada, com o seguinte additivo do 2.° Secretario:

« Proponho que o empregado de que trata a proposta seja considerado como empregado do Instituto, com a denominação de Continuo, para todo o serviço, inclusive o das sessões, a que será obrigado a assistir. »

Entra em discussão outra proposta, adiada na sessão passada:

« A Commissão de Redacção da Revista, com a faculdade que lhe conferere o art. 22 dos Estatutos, propõe o seguinte additamento ao art. 7.° dos Estatutos:

« Os socios correspondentes serão isentos das contribuições trimensaes, mas pagarão de joia 10$000 rs., á recepção de seu diploma.

« Propõe mais que o art. 37 seja assim concebido:

« Os socios correspondentes e honorarios só receberão a Revista prestando a respectiva assignatura; não assim os effectivos, que recebel-a-hão sem augmento de onus do art. 7.° uma vez que não estejam atrazados nas prestações trimensaes por mais de um anno. O socio effectivo que atrazar-se n'estas prestações por tres annos será eliminado, ficando assim revogada a ultima parte do art. 25, a qual começa: « E tambem será eliminado, ect. »

« E que nas disposições geraes se accrescentem os dous artigos seguintes :

« Aos socios correspondentes só se expedirão diplomas depois que, com as suas respostas, estiverem recebidas as competentes joias, e o mesmo a respeito dos effectivos; bastando aos honorarios a resposta de que acceitam a nomeação.

« Sempre que, tres mezes depois da communicação qualquer individuo approvado pelo Instituto para fazer parte do mesmo, nada tenha respondido, será eliminado.

« Estas disposições serão publicadas nos jornaes desta capital, e constantemente na capa da Revista trimensal do Instituto, para que cheguem ao conhecimento de todos os interessados.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 23 de Maio de 1863 — *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. — Antonio Rangel de Torres Bandeira.* »

Depois de alguns debates, em que tomam parte os Srs. Drs. Witruvio, Aprigio Grimarães, Machado Portella e Major Salvador Henrique, é a proposta approvada com as seguintes emendas offerecidas pelo Sr. Dr. Machado Portella :

« Supprimam-se as palavras — e honorarios — no principio do 2.° periodo, e accrescente-se que — os socios honorarios terão gratuitamente a Revista trimensal. No logar onde diz: sempre que tres mezes, diga-se seis mezes depois, etc. »

Entra em discussão o 4.° quisito da seguinte proposta do 2.° Secretario, da qual prejudicado o 1.° quisito, fôram approvados o 2.° e 3.° na sessão passada, conjunctamente com o additivo do Sr. Dr. Witruvio, para que fosse de trinta dias o prazo dentro do qual deviam os socios effectivos, que ainda o não fizeram, pagar as suas joias :

« Attendendo a que até hoje se não sabe do estado financeiro do Instituto, pela ausencia do balanço

de receita e despeza que tem deixado de ser apresentado, proponho :

1.º Que se convide ao Thesoureiro para comparecer na primeira sessão, e apresentar o estado da Caixa e relação dos socios effectivos que já satisfizeram as suas joias.

2.º Que nessa mesma sessão seja presente á mesa uma relação geral de todos os membros do Instituto.

3.º Que se marque um prazo improrogavel, dentro do qual devem aquelles que ainda o não fizeram pagar a sua joia, e receber o competente diploma do Secretario perpetuo, o qual, á vista dos recibos do Thesoureiro, deverá fazer a entrega dos diplomas,

4.º Que seja considerado vago o logar de socio, quér effectivo quér correspondente, que dentro do prazo que lhe fôr marcado, com publicação pelos jornaes (sómente do prazo), não procurar obter o respectivo diploma.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 11 de Julho de 1863. — O 2.º Secretario , *Salvador Henrique de Albuquerque.*»

Depois de algum debate, é approvado o 4.º quisito, ficando prejudicado quanto aos socios correspondentes.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissões, designando o dia 3 de Setembro para haver a 16.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão. *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrque de Alquerque*, 2.º Secretario.

16.ª sessão ordinaria no dia 3 de Setembro de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Aze-

vêdo, Witruvio, Rodrigues Campello, Nascimento Feitosa, Torres Bandeira, Cicero Peregrino, Eduardo de Barros, Figueirôa, Serafico e os Srs. Francisco de Barros e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio do Dr. Joaquim Saldanha Marinho, dando conta de haver em commissão apresentado ao Governo Imperial, por parte do Instituto, a expressão dos sentimentos e os votos do mesmo Institnto, por occasião da questão Anglo-Brasileira.—Inteirado.

Outro do 1.º Secretario da Sociedade Litteraria—*Ensaio Juridico*—, offerecendo em nome da mesma o 1 º numero do respectivo jornal.

Outro do academico José Fiel de Jesus Leite, em egual sentido, offerecendo o 7.º n. do jornal *Faculdade de Direito* —Recebidas estas offertas com agrado, mandam-se archivar.

O 2.º Secretario faz leitura e offerece um trabalho de redacção por artigos additivos aos Estatutos, de todas as propostas approvadas na sessão passada.—A' Commissão de Redacção da Revista.

Vai a imprimir, para ser discutida na proxima futura sessão, uma proposta da mesma Commissão de Redacção, ácerca de uma outra do Sr. Dr. Souza Reis, do parecer da Commissão de Admissão de Socios, sobre esta proposta, de uma outra do 2.º Secretario, e de um requerimento do Sr. Dr. Witruvio, tudo relativo á primeira proposta.

Vem á mesa um pequeno manuscripto, offerecido pelo Sr. Dr. Witruvio, do finado Frei Caneca, obtido de pessoa aparentada com o mesmo finado, afim de por elle verificar-se a identidade do manuscripto, offerecido pelo Dr. Liberato, ao Instituto.—A' Commissão da Revista de Manuscriptos.

Lê-se uma proposta do Sr. Dr, Feitosa, para que seja admittido como membro effectivo do Instituto o

Dr. José Liberato Barroso.—A' Commissão de Admissão de Socios.

São approvados socios correspondentes os Srs. Drs. Joaquim Gonçalves Lima, Luiz Antonio Vicir da Silva e o 1.º Tenente da armada Manoel Antoni Vital de Oliveira.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia trabalhos e pareceres de commissões, e designa o dia 17 do corrente para haver a 17.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sesão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevêdo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

RELATORIO

DA COMMISSÃO PARA SYNDICAR ÁCERCA DA CASA ONDE SE DIZ FALLECÈRA JOÃO FERNANDES VIEIRA, LIDO NA SESSÃO ORDINARIA DE 29 DE SETEMBRO DE 1864.

Em sesão do Instituto de 9 de junho deste anno o Exm. e Rvdm. Sr. Presidente fez-nos a honra de nomear em commissão, para verificar em que casa, em Olinda, residira e fallecèra João Fernandes Vieira.

Esta prova de confiança que recebemos do mesmo Exm. Sr. não podia deixar de actuar em nosso animo e de influir completamente para que redobrassemos os nossos esforços, no emprego das pesquizas e diligencias, que é mister desenvolver em trabalhos desta ordem.

Entretanto, antes de entrar na exposição que vamos fazer do resultado da nossa commissão, seja-nos permittido dirigir um voto de gratidão e de profundo respeito que tributamos ao digno Presidente deste Instituto.

Ao dar principio ás diligencias e exames necessarios, a commissão entendeu que não devia limitar-se aos dous quisitos contidos na orbita de sua incumben-

cia, mas ir além; procurando ainda verificar a veracidade da tradição, que nos transmittiu a noticia do jazigo mortuario de Vieira; e convencida como está de que, em pontos contrarios da historia, é sempre um serviço o elucidal-os, não recuou em transpôr as raias de suas attribuições.

Isto posto, a commissão divide o seu relatorio em tres partes: — *Residencia de Vieira — Em que lugar falleceu — Onde o seu jazigo morturaio.*

I

Antes da restauração de Pernambuco, João Fernandes Vieira residiu em uma casa de sobrado, na rua de S. Bento de Olinda, que lhe pertencia. Este sobrado era o primeiro do lado esquerdo, ao sahir do mosteiro, com a frente para o nascente e o oitão para o sul, corrido de janellas, das quaes, com um só golpe de vista, descortinava-se toda a barra do Recife, e via-se bellamente a entrada e sahida dos navios; bem como das janellas que deitavam para o poente o lindo panorama do rio Beberibe.

Era, portanto, a casa que mais convinha a Vieira para sua residencia, em consequencia de ser elle, naquelle tempo, um dos principaes negociantes, possuidor de crescido numero de embarcações empregadas no trafico e navegação do alto mar.

O nosso socio Sr. Major Salvador Coelho de Drummond Albuquerque, cujo testemunho muito preza a Commissão, declarou-nos que tendo ha annos visto e examinados os autos de inventario da viuva de João Fernandes Vieira, D. Maria Cesar, que então existiam no archivo da Santa Casa da Misericordia de Olinda, achára na descripção dos bens do casal, incluido o sobrado de que tratamos; acrescentando que sua tia D. Maria do O' e Mello, com quem morou quando cadete muito tempo, lhe referira por vezes que seu pae, o Ajudante de Ordens dos Governadores José Cesar de Menezes e D. Thomaz José de

Mello, alugára o referido sobrado para sua residencia em Olinda, dizendo-lhe algumas vezes em conversa ter sido o mesmo sobrado de propriedade e moradia de Vieira.

Depois da morte da viuva D. Maria Cesar, em 11 de Agosto de 1689, para satisfazer a diversos legados que ella deixou, foram em praça publica não só este sobrado como outros bens, que assim passaram ao dominio e posse de novos donos.

E' provavel que, no decurso de mais de um seculo a mão destruidora do tempo, favorecida pela negligencia dos que, durante este longo periodo, possuiram aquelle memoravel predio, o deixassem em desprezo tal, que viesse, como veio, a chegar ao estado de completa ruina; sendo que por este facto D. Maria de Jesus Cavalcanti, vendendo-o ao Capitão-mór João Affonso Regueira por escriptura publica, que a Commissão examinou e teve debaixo de suas vistas, celebrada em notas do Tabellião Manoel Antonio Velho Cabral de Mello, no dia 12 de Setembro de 1792, declarou na referida escriptura que o havia reedificado dez ou doze annos antes. Este sobrado foi ultimamente reedificado por seu actual proprietario Antonio Ramos, e existe agora melhor conservado e em estado de habitar-se.

A tradição tambem aponta outra casa de sobrado na mesma rua de San-Bento de Olinda, como pertencente a Vieira e de sua residencia; mas sendo verdade que lhe pertencia, não é exacto que nella residisse e menos que alli fallecesse.

Ao vir do mosteiro, do lado direito da rua e com a frente para o poente, fica o sobrado de que fallámos, decimo primeiro na ordem dos que alli existem.

Das indagações e pesquizas que fizemos, e da primeira conferencia que tivemos com o nosso socio Sr. Major Salvador Coêlho, viemos ao conhecimento de que, depois do fallecimento de D. Maria Cesar, o seu testamenteiro, que era seu irmão o Coronel Francisco Beringuer de Andrada, fizera arrematar para satisfa-

ção de legados, como já fica dito, entre outras propriedades, mais o sobrado de que se trata, o qual ficou pertencendo ao Mestre de Campo Manoel Alves de Moraes Navarro, Commandante do Terço dos Paulistas, que para a guerra dos Palmares viera a Pernambuco.

O mesmo Mestre de Campo Moraes Navarro comprou ao referido Coronel Beringuer de Andrada o engenho *Paratibe de baixo*, que depois tomou o nome de *Paulista*; e tendo casado sua filha D. Isabel Thereza de Moraes Lins com o Dr. Manoel de Araujo Cavalcanti, pae do Vigario que foi desta freguezia de Santo Antonio do Recife, Luiz José de Albuquerque, Cavalcanti Lins, fôra aquelle Dr. Manoel de Araujo como Procurador da Corôa, morar em Olinda, no sobrado a que nos referimos, mandando esculpir no forro da sala da frente as armas dos *Araujos Pereiras*, e collocar na mesma sala um bello oratorio para a celebração de missas.

Por morte do Dr. Manoel de Araujo passou este sobrado, que elle sem duvida possuiu por titulo de dote, a pertencer ás suas tres filhas, que não casaram, e estas delle fizeram doação ás filhas de seu sobrinho José Theodoro de Moraes Lins, Fiscal que foi da Camara Municipal de Olinda.

Presentemente, o referido sobrado pertence ao proprietario João da Cunha Magalhães, que o comprou ás mencionadas filhas de José Theodoro, e o está reedificando.

A' vista, pois do exposto, a commissão se convence e assevera que, a residencia de Vieira foi no primeiro sobrado de que fallou, e nelle mesmo o seu fallecimento, como adiante se verá.

II

E' tradição constante que João Fernandes Vieira, o restaurador de Pernambuco, fallecera em Olinda e

fôra sepultado na Egreja da Misericordia daquella cidade. Mas dous escriptores portuguezes asseveram: um, que Vieira fallecera em Angola,—outro, que fallecera em Lisbôa.

O primeiro é o seu biographo que, em 1850, no jornal litterario *A Semana* impresso em Lisbôa, diz: —*João Fernandes Vieira teve por toda a recompensa um padrão de armas, uma cruz da ordem de Christo, e um sepulchro no governo de Angola, onde acabou seus dias.*

O segundo é o Sr. Eduardo de Faria, que, no seu Diccionario, impresso em Lisbôa em 1857, tomo 2.º palavra—Vieira—diz: *João Fernandes Vieira, chamado Castrioto Lusitano, illustre guerreiro portuguez, nasceu na ilha da Madeira em 1613 e falleceu em Lisbôa: ignora-se a epocha.*

Deste estado de duvida procurou a Commissão sahir, empregando toda a diligencia em obter documentos que viessem de uma vez confirmar, ou qualquer das opiniões destes escriptores, ou a constante tradicção oral e opinião de outros escriptores, que asseveram ter sido em Olinda o fallecimento de Vieira.

O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva affirma na sua obra—*Varões illustres do Brazil*,—impressa em 1858, no supplemento biographico do tomo 2.º que:—*João Fernandes Vieira governou a Capitania de Angola por tres annos, de 1658 a 1661, e morreu em Pernambuco, para onde, quando findou o seu tempo, regressára.*

Nas suas biographias de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco, tomo 2.º pag. 181, impressão de 1858, o Sr. Commendador A. J. de Mello diz: —*João Fernandes Vieira morreu na cidade de Olinda, em uma casa de sobrado sua, na rua de Sam Bento, no dia 10 de Janeiro de 1681. Dispoz no testamento que fosse sepultado na Egreja da Misericordia da mesma cidade, em um carneiro que se construisse.*

Vejamos agora as provas, em confirmação do

que avançaram estes dous ultimos escriptores, de accordo com a tradição verbal.

Depois da restauração de Pernambuco do jugo hollandez, em 1654, foi João Fernandes Vieira, em 12 de Fevereiro de 1655, nomeado Governador da Parahyba, para onde seguiu.

Por Provisão Regia de 28 de Novembro de 1656, foi nomeado para o governo de Angola, e só veio a partir em fins de 1657 ou principios de 1658.

Vieira entregou o governo de Angola, depois de tres annos, ao Governador André Vidal de Negreiros, que o foi substituir, e voltou para Pernambuco, onde saltou no dia 2 de Abril de 1662.

Em segunda conferencia que teve a Commissão com o Sr. Major Salvador Coelho, nosso socio, apresentou elle, além de outros documentos apreciaveis, os autos civeis que correram pelo cartorio do escrivão José Cardoso Moreno, no anno de 1681.

Nas razões produzidas pelo capitão João de Oliveira de Espinosa e seus irmãos, contra D. Maria Cesar, já viuva, vê-se que João Fernandes Vieira chegára de Angola no dia de domingo de Paschoa, 2 de Abril de 1662, e fôra residir em o mesmo sobrado na *rua dos Judeus*, hoje rua da *Cruz* no Recife, sobre o qual se movia a acção de reivindicação, por parte daquelle Espinosa e seus irmãos.

A Commissão viu tambem, de uma nota apresentada pelo referido Sr. Major Salvador Coelho, que o testamento de Vieira fôra escripto na sua propriedade dos Maranguapes por Pedro Soares Barbosa, familiar de sua casa, em 15 de Fevereiro de 1674, e que nesse testamento nomeára elle por seus testamenteiros : sua mulher D. Maria Cesar em primeiro logar ; em segundo, o Provedor que fosse sempre da Santa Casa da Misericordia de Olinda ; terceiro, o Governador que fosse de Pernambuco ; quarto, o capitão-mór que governasse a Parahyba ; quinto, o Rvdm. João do Sacramento, Ermitão e ministro da Egreja de Santo Amaro d'Agôa-Fria, depois Prefeito da

Madre de Deus; sexto, Pedro Soares Barbosa; sendo que a approvação desse testamento fôra feita pelo Tabellião Antonio Soares, no dia 7 de Agosto do mesmo anno de 1674, na referida propriedade dos Maranguapes.

Por Carta Regia de 17 de Novembro deste mesmo anno de 1674, foi João Fernandes Vieira nomeado Superintendente das fortificações de Pernambuco e das provincias do norte.

A escriptura, em original, lavrada pelo Tabellião Antonio Soares, em 20 de Maio de 1675, na referida propriedade dos Maranguapes, em a qual Vieira fez doação de um sitio de quarto de legua, na ponta de Páo-Amarello, com casa e coqueiros, para patrimonio da ordenação de seu filho natural Manoel Fernandes Vieira, que fôra depois Vigario de Itamaracá e senhor do engenho Inhaman, é um documento importantissimo, confiado ainda á Commissão, pelo Sr. major Salvador Coelho de Drummond.

Esta escriptura está assignada por Vieira e sua mulher D. Maria Cesar; e segundo a autorisação do Instituto, na sessão do 1.º do corrente, foram lithographadas e reproduzidas estas assignaturas em duzentos exemplares, que a Commissão aqui tem o prazer de apresentar.

Em 23 de Janeiro de 1677, escreveu o Principe Regente uma carta a João Fernandes Vieira, que vem transcripta no 2.º tom. pag. 17 das Biographias do Sr. Commendador Mello, em a qual fazendo-lhe sentir o estado de miseria a que estavam reduzidos os habitantes da ilha Graciosa, lhe recommendava e permittia que mandasse buscar cazaes naquella ilha para povoar os sertões da Capitania de Pernambuco; terminando o Principe Regente essa mesma carta do seguinte modo:—*E ao Governador dessa Capitania manda escrever deixe sahir todos os navios, que para esse fim mandardes, sem algum impedimento, e vos dê toda a ajuda para este fim.*

Ainda, com o valioso auxilio do Sr. major Sal-

vador Coelho, a Commissão affirma que Vieira fizera o seu Codicilio no dia 2 de Janeiro de 1681, escripto em Olinda, rua de San-Bento por seu proprio Parocho Manoel Ferreira Nunes, e approvado no mesmo dia pelo Tabellião Diogo Rodrigues Pereira, sendo o objecto do referido Codicillo algumas disposições concernentes aos seus negocios particulares, e a nomeação de mais um testamenteiro, que foi o Exm. e Rvdm. Sr. D. Estevão Brioso de Figueiredo, 1.º Bispo de Pernambuco. Este apreciavel documento, só por si bastante para tirar toda a duvida, esteve debaixo das vistas e em mãos do nosso socio, cujo testemunho é para a Commissão de toda a importacia veridica.

O testamento de Vieira, feito e approvado em Maranguape em 1674, como fica dito, e o Codicillo, escripto na rua de San-Bento de Olinda, em 1681, foram abertos no dia do seu fallecimento, 10 de Janeiro deste mesmo anno de 1681, pelo juiz Presidente da Camara de Olinda, servindo de Ouvidor pela lei, o capitão João da Cunha Pereira.

Vejamos agora o que diz a verba 7.ª do testamento de Vieira :—*Acompanharão meu corpo todas as religiões que houverem na villa de Olinda, e acada religioso se dará cincoenta mil réis de esmola, e todos me dirão missa de corpo presente. Meu corpo será levado na tumba da Irmandade da Santa Casa da Mizericordia, a quem com toda a piedade peço me acompanhem todos os irmãos, e me queiram resar um Padre Nosso por minha alma.*

Si, á vista das provas que acabamos de ver, em 1662 chegára Vieira a Pernambuco de volta do seu governo de Angola ; em 1674 fizera o seu testamento na sua propriedade dos Maranguapes ; si nesse mesmo anno de 1674 fôra por El-Rei de Portugal nomeado Superintendente das fortificações de Pernambuco e das provincias do norte ; si em 1675 assignára em Maranguape a escriptura de doação de patrimonio para ordenação de seu filho ; si em 1677 recebêra do

Principe Regente uma carta para que mandasse buscar cazaes na ilha Graciosa para povoar os sertões de Pernambuco; si, finalmente, a 2 de Janeiro de 1681 fizera na rua de San-Bento de Olinda o seu Codicillo; é claro que, fallecendo, como falleceu, no dia 10 desse mesmo mez e anno, outro não fóra o logar do seu fallecimento.

E' portanto, fóra de duvida para a Commissão que Vieira, tendo adoecido em Maranguape, viera para o seu sobrado da rua de San-Bento de Olinda, cujo oitão olha para o mosteiro, e alli fallecêra, oito dias depois de ter dado as suas ultimas disposições no Codicillo que mandou fazer, como fica dito.

Agora trataremos do seu jazigo mortuario.

III

Falsamente corria a tradição oral de que o jazigo mortuario de Vieira tinha sido em um carneiro, que existe do lado do Evangelho, na entrada da capella-mór da Egreja da Misericordia de Olinda; e era tão geral esta crença, que isto mesmo asseveraram a Sua Magestade o Imperador, quando entre nós esteve em 1859, e alli fôra visitar aquella Egreja.

Sobre a pedra que cobre este carneiro estão esculpidas em relêvo umas armas ou brasões, que contém na parte superior um capacete, e por timbre um passaro; devendo notar-se que na referida pedra não existe inscripção alguma; mas na parte inferior opposta ao capacete, visivelmente vê-se a falta de uma parte dessa mesma pedra, que parece ter sido quebrada no acto de arranca-la; provavelmente quando foi aberto este carneiro em 1839 ou 1840, para nelle depositar-se o cadaver de uma filha do tenente-coronel Antonio Joaquim Guedes.

A Commissão não póde deixar sem reparo o procedimento daquelles que então dominavam a Santa Casa da Misericordia, consentindo que se violasse um jazigo notavel, em o qual só podiam depositar-se os

restos mortaes dos descendentes da familia, cujo chefe, bemfeitor daquella casa, o havia mandado alli construir para este fim, como vamos ver; procedimento este tanto mais descommunal, por terem mandado lançar as cinzas que nelle foram encontradas, indistinctamente, em um pequeno quintal murado que alli ha, contiguo ao hospital, de modo que se não podem hoje descobrir.

De uma nota escripta, que nos foi confiada pelo Sr. Francisco de Bar os Falcão Cavalcanti de Lacerda, nosso socio, extrahida de diversos manuscriptos antigos de seu avò José de Barros Falcão, que fòra muitos annos vereador da Camara de Olinda, lê-se o seguinte :

João Paes Barretto, natural de Vianna, Foz de Lima, filho segundo de Antonio Velho Barretto, morgado de Bilheyra, descendente de João Paes Barretto, de Mendo Paes Barretto, e de Florentino Barretto, senhor da Torre deste appellido, que foi casado com Marianna Pereira da Silva, da casa dos Regalados ; foi casado com D. Ignez Guardez de Andrada, filha de Francisco Carvalho de Andrada, e de sua mulher D. Maria Tavares Guardez.

Passando a Pernambuco no principio de sua povoação, no anno de 1557, foi um dos mais ricos vassalos, qu e naquella capitania tiveram nossos Reis, vindo a ser nella senhor de dez engenhos, que distribuio por seus sete filhos, ainda em sua vida,

Instituio dois morgados : o de Nossa Senhora do Madre de Deus, do Cabo de S. Agosunho, aos 28 de Outubro de 1580, para seu filho primogenito João Paes Barretto ; e o do engenho Jurissáca, para sua filha D. Catharina Barretto, que casou com D. Luiz de Souza, filho segundo de D. Francisco de Souza, senhor de Beringel.

Ainda foi João Paes Barretto mais famoso pelas virtudes de que Deus o enriquecêra, do que pelos bens temporaes que possuio com santo temor

de Deus. Distribuiu grandes sommas de dinheiro em obras pias, principalmente na Santa Casa da Misericordia de Olinda, de que foi muitos annos Provedor, e nella edificou o hospital, em que se vêem gravadas as suas armas, e ao qual se recolheu quando se vio gravemente enfermo, fallecendo nelle no dia 21 de Maio de 1617, onde foi sepultado, por assim o ter disposto, pelo grande amor que teve aos pobres e a dita casa, de que foi Provedor muitas vezes.

A Exm.ª Sra. Marqueza do Recife, cujo testemunho nos deve ser de toda a importancia, declarou a um dos membros da Commissão (Padre Lino), que sempre ouvira de seus antepassados, existir na igreja da Misericordia de Olinda um carneiro pertencente à sua familia, o que egualmente lhe affirmava seu fallecido marido o Exm. Marquez do Recife.

Entre esta asseveração, unida ao assumpto do importante que fica transcripto, e a tradição de que alli fôra o jazigo de Vieira, restava á Commissão um meio de verificar a verdade, que era a confrontação das armas esculpidas na pedra do carneiro com os brasões de armas da familia Paes Barreto; e assim se fez. A commissão combinou os brasões de armas dessa familia, que a mesma Exm.ª Marqueza teve a bondade de mostrar-lhe, e achou que tinham toda a similhança com as armas que existem sobre a pedra do referido carneiro.

E', pois, fóra de duvida que, si aquelle carneiro fosse o de Vieira, deviam as suas armas estar alli esculpidas; e para o mais decidido desengano basta uma rapida vista d'olhos sobre as armas inteiramente differentes da familia Paes Barreto, e sobre as de Vieira, desenhadas no Castrioto Lusitano, edição de 1679.

A Commissão confessa o desapontamento que lhe causou similhante desengano, porque não podia suppôr que naquella igreja houvesse um outro jazigo que podesse ter sido o de Vieira, entretanto que

tinha a certeza de que alli fôra elle sepultado ; mas de pesquiza em pesquiza, e depois de muitas indagações, descobriu finalmente a existencia de um outro carneiro, atraz do altar em que se venera um painel da Santissima Trindade, ao entrar na igreja do lado direito.

Para chegar a este logar, entra-se pela sachristia ; e debaixo do camarim em que esteve, por alguns annos, a Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, do Carmo, é que se acha o referido carneiro.

A Commissão examinou attentamente este jazigo ; a superfice da pedra que o cobre, por sua antiguidade, está quasi toda carcomida, de modo a não poder-se combinar e lêr o distico que ha sobre ella. Entretanto, com luz accesa, pela escuridão do logar, e lavada a mesma pedra, foram copiadas as lettras que se podiam divulgar, mas que de sua combinação nada se póde colher ; notando-se que naquella pedra não parece terem existido brasões de armas.

Provado, como fica, que João Fernandes Vieira falleceu em Olinda, é claro que elle devia ser sepultado na igreja da Mizericordia daquella cidade, segundo o que determinou na verba 7.ª do seu testamento; e se elle foi sepultado naquella Egreja, outro não podia ser o seu jazigo senão o carneiro de que se trata.

E' para lastimar, porém, que fosse este jazigo, do mesmo modo que o outro, violado em 1843, para nelle ser depositado o cadaver do capitão Cosme José Guedes, ignorando-se que destino deram ás preciosas cinzas, que deviam nelle estar depositadas. E' provavel que, com o mesmo cynismo e profanação, as lançassem no logar em que foram atiradas as que existiam no carneiro da capella-mór !

Notaremos agora que a igreja da Misericordia de Olinda já existia ao tempo do fallecimento de João Paes Barreto em 1617, seu bemfeftor e fundador do hospital, como acima ficou dito ; mas sendo Olinda incendiada pelos hollandeses no dia 25 de Novembro

de 1631, quatorze annos depois, é provavel que este templo, como todos os mais, depois de profanado e roubado por aquelles invasores, soffresse tambem os estragos do incendio, que fôra geral, segundo diz a historia.

O carneiro, porém, não estava nesse caso, porque sendo um jazigo subterraneo, devia ter ficado apenas debaixo das ruinas desse incendio. Assim o pensa a Commissão; não afiançando entretanto que esses restos mortaes, encontrados no referido carneiro, quando alli depositaram o cadaver da filha do tenente-coronel Antonio Joaquim Guedes, fossem os de João Paes Barreto, fundador do hospital, mas talvez os de seu filho, primeiro morgado do Cabo, ou de outro descendente dessa familia.

Não temos certeza do anno em que foi reedificada aquella igreja, porque as éras alli encontradas em differentes logares não correspondem ao tempo em que essa reedificação devia ter sido effectuada. A Commissão achou no oitão do consistorio que olha para o nascente a éra de 1707; no oitão do sobradinho contiguo á igreja—1710; em cima do portão que dá entrada para o pateo anterior ao hospital—1736; e, finalmente, no meio do arco da capella-mór da igreja, bem no centro de um florão da entalha—1771.

Portanto, é provavel que essa reedificação fosse feita ainda sob o dominio hollandez, depois que o Principe Mauricio, dirigindo a sua attenção para os melhoramentos interiores do paiz, mostrou-se grande administrador e politico; contendo a intolerancia religiosa, *mandando reedificar Olinda,* e chamando com promessas lisongeiras a todos os que haviam emigrado.

Ou fosse nesse tempo, ou posteriormente, é certo que em 1655, anno e meio depois da restauração de Pernambuco, foi Vieira considerado como irmão da Santa Casa da Misericordia de Olinda, e eleito seu primeiro Provedor, e com elle nomeados os membros

da Mesa. Eis a copia do termo lançado a fl. 1 do respectivo livro :—*Aos 16 de Julho de 1655 se assignaram por irmãos desta Santa Casa, e é a primeira eleição que nella se acha, o Governador João Fernandes Vieira, que logo entrou de Provedor ; Balthazar Alves por Escrivão, João Cordeiro de Mendonça por Thesoureiro, e por Conselheiros Amaro Lopes Madeira, Cosme de Castro Passos, Gaspar de Souza Uchôa, Antonio Dias de Abreu, Antonio Fernandes Furna, Domingos Alves de Arre, Domingos Affonso, Felippe Gomes, Pedro Fernades, Francisco Pereira do Lago. Passo na verdade, em fé do que, fiz este termo e todos os mais que se seguem, trasladados dos proprios.*

Este assento consta de uma copia de termos de irmãos, extrahida de um dos livros antigos daquella Irmandade pelo nosso socio Sr. major Salvador Coelho.

Foi tambem Vieira extremado e solicito bemfeitor daquella Santa Casa, a qual, durante a sua vida, e alguns annos ainda depois da sua morte, floresceu e prosperou com a protecção que dello havia recebido.

Desejando a Commissão descobrir o assento de obito de Vieira, dirigiu-se ao Rvdm. Arcodiago Vigario da freguezia de San-Pedro Martyr de Olinda, João José Pereira, que com toda a bondade prestou-se, perante a Commissão, a dar uma busca nos livros antigos existentes no archivo daquella freguezia ; e verificando-se não existirem mais assentos da epocha do fallecimento de Vieira, todavia encontrou-se o assento do obito de sua mulher D. Maria Cesar, que generosamente o mesmo Rvdm. Vigario permittiu que fosse copiado pela Commissão.

Este assento, que se acha a fl. 4 do mencionado livro, é o seguinte :—*Falleceu com todos os sacramentos D. Maria Cesar, parochiana desta freguezia, em 11 de Agosto de 1689, e fez seu solemne testamento, em que pede sejam seus testamenteiros o Illm. Sr. Bispo D. Mathias de Figueiredo e Mel-*

lo, o Capitão-mór Francisco Beringuer de Andrada, e o Capitão Christovão Beringuer : deixou fosse sepultada na igreja de Nossa Senhora do Desterro, e no habito de Santa Thereza, acompanhada com a forma de interro que a sujeitos de sua qualidade compete, e com as cruzes das Confrarias das igrejas desta cidade. Deixou a sua alma por sua herdeira, e uma instituição de missa quotidiana na dita igreja de sua sepultura, com a dadiva que Sua Magestade, que Deus guarde, consentiu de fazer-se de uma verba do testamento do defunto seu marido. Deixou tambem a sua sobrinha, assistente em casa do Capitão Christovão Beringuer, o dote competente a quem ella é, e ao Capitão Manoel Coelho outras deixas que não declaro, por estar em duvida si se observarão, pelas duvidas que se tem movido, e justamente por constarem do testamento, que logo se reduziu a forma em juizo, e porque de ditas datas tem o dito Capitão papeis ; e para constar fiz esse assento, em 20 do dito mez e era ut supra.—O Vigario Paulo da Silva Barretto,

Aqui tem a Commissão concluido o seu afanoso trabalho, que, si não corresponder inteiramente aos desejos do Instituto, satisfará de algum modo a necessidade que havia de verificar os factos mencionados no presente relatorio, que ainda podem ser averiguados por quem mais habilitado, e com força de vontade, se dedicar ao estudo e indagações indispensaveis.

Releve, pois, o Instituto as faltas que encontrar no trabalho da Commissão, porque esta é a primeira a confessar a sua inopia, bem como em assegurar os seus bons desejos.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 29 de Setembro de 1864.

Os membros da Commissão,
Salvador Henrique de Albuquerque.
Padre Lino do Monte Carmello Luna.

HISTORIA PATRIA

REVOLTA DE 1710 EM PERNAMBUCO, CHAMADA A GUERRA DOS MASCATES.

Quanto gastaram os mascastes em dinheiro, para vingarem o seu pelourinho demolido. (Memorias posthumas do padre Joaquim Dias Martins, da Congregação do Oratorio de Pernambuco).

Moeda forte d'aquelle tempo :

Deram a João da Motta, capitão do regimento do Recife.....................	2:400$000
Ao Mestre de Campo dos Henriques.....	400$000
Soldo atrazado á infantaria.............	4:000$000
Ao Capitão dos Indios, Sebastião Pinheiro Camarão.........................	1:200$000
Ao Capitão-Mór do Cabo, Christovão Paes Barretto, remissão de divida.........	6:000$000
Ao Governador da Parahyba, João da Maia	6:000$000
A' villa de Goyanna...	5:600$000
Rs.	25$600$000

Quanto gastou a nobreza de Olinda, em opposição aos mascastes, durante este famoso levante. (Memorias posthumas do padre Joaquim Dias Martins.)

Moeda forte daquelle tempo :

Manutenção de quasi 20,000 homens em tres mezes..........................	50:000$000
Perdas de safras e lavouras.......... .. .	50:000$000
Com o Governador Sebastião de Castro Caldas, 18 caixas de assucar de D. Maria de Azevedo, e mais 50 caixas de José Custodio Camello, ao todo 68 caixas, valendo todas..................	6:800$000
Em dinheiro com o mesmo Governador.	5:200$000
	112:000$000

Transporte.....	112:000$000
Com João Marques Bacalhau, Ouvidor, 50 caixas de assucar................	5:000$000
Em dinheiro com o mesmo Ouvidor...	2:000$000
Com o Juiz de Fóra, Paulo de Carvalho.	3:000$000
Com José Romão Cutia, syndicante....	6:000$000
Damnos emergentes e lucros cessantes.. de tantos homisiados e presos por tres annos............................	225:600$000
Total Rs.	353:600$000

Gasto por parte dos mascates do Recife	25:600$000
Gasto por parte da nobreza de Olinda.	353:600$000
Rs.	379:200$000

Homens de uma e outra parcialidade, que padeceram durante a guerra civil dita dos mascates desde 1710 a 1712.	MORTOS	FERIDOS	PREZOS
Na partida de Cosme de Azevedo......	3	1	
No recontro de Santo Amarinho......	16	16	
No recontro da Barreta..............	14	10	
No assalto geral de 9 de Agosto de 1711.	32	11	
Na campanha de Sibiró...............	13	9	
Na sortida á Bôa-Vista..............	10	10	
No combate de Goyanna...............	12	0	
No combate de Jurissaca.............	3	0	
Na sortida aos Afogados.............	9	5	
No combate de Ipojuca...............	28	20	
Em diversos encontros e accidentes....	14	1	
Remettidos para Lisbôa..............	0	0	
Desembarcados pelo perdão régio......	0	0	11
Desembarcados por dinheiro, em Pernambuco...........................	0	0	55 24
Emboscados na mattas, por quasi tres annos............................	0	0	400
Total absoluto 727. Total relativo	154	83	490

REFERENCIA

A lithographia aqui junta é o *fac-simile* das assigaturas de João Fernandes Vieira e sua mulher D. Maria Cesar, na escriptura de doação de um sitio em Pau Amarello, a que se refere em seu relatorio a Commissão encarregada de descobrir o jazigo de João Fernandes Vieira. Vid. pag. 118.



REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

—«»—

(TRIMENSAL)

—«»—

SEGUNDO ANNO--TOMO PRIMEIRO

....

1864



TYPOGRAPHIA DE F. P. BOULITREAU

RECIFE

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja:
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja!

S. Rita Durão, Caram. c. VI, est. 4.

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

OUTUBRO DE 1864.—N.º 5.

17.ª sessão ordinaria, no dia 17 de Setembro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Rodrigues Campello, Soares de Azevedo, Witruvio, Figueirôa, Torres Bandeira, Nascimento Feitosa e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio de Roque Carlos de Alencar Peixoto, agradecendo a sua eleição de socio correspondente, que acceita com reconhecimento.—Inteirado.

Outro de José Fiel de Jesus Leite, offertando ao Instituto o 8.º n.º do periodico *Faculdade de Direito*. —Mandou-se archivar.

Um parecer da Commissão de Admissão de socios, no sentido de ser admittido o Dr. José Liberato Barroso, como membro effectivo do Instituto.

Em seguida, corre o escrutinio, e é considerado como membro effectivo o mencionado senhor.

Vem para a mesa, e são lidas as seguintes propostas:

Uma do Major Salvador Henrique, propondo para membro honorario do Instituto ao Dr. Joaquim Saldanha Marinho, advogado, homem de lettras, natural desta provincia e residente na côrte do Imperio.

Outra do Sr. Dr. Soares de Azevedo, propondo para membro correspondente o Rvdm. Dr. José Raymundo da Cunha, homem de lettras e residente no Maranhão.

Outra do Sr. Dr. Figueirôa, propondo para membro correspondente ao Dr. João Climaco Lobato, advogado, homem de lettras, e residente no Maranhão.

São remettidas todas estas propostas a respectiva Commissão.

E' lido, discutido e approvado o seguinte parecer:

A Commissão de Redacção da *Revista*, tendo examinado a proposta junta do Sr. Dr. Souza Reis, e parecer da Commissão de Admissão de socios sobre a mesma proposta, uma outra do 2.° Secretario, e um requerimento do Sr. Dr. Witruvio; e considerando que não está prevista nos Estatutos a hypothese de mudar de domicilio um socio effectivo, ao passo que dos mesmos Estatutos, como da natureza dos encargos dos socios, resulta a necessidade de serem estes socios domiciliados na séde do Instituto, propõe:

1.° Que sejam consultados os socios Dr. Carvalhaes e Conselheiro Antunes, se consentem em ser considerados socios correspondentes, visto que se deve respeitar o facto consumado;

2.° Que no art. 4.° dos Estatutos se faça a seguinte addição:

« Os socios effectivos serão pessôas domiciliadas na séde do Instituto, e quando qualquer delles variar de residencia, o que será decidido pelo Instituto, será considerado correspondente, e preenchida a vaga; salvo ao que foi effectivo e tornou para a séde do

Instituto, ter assento neste, como effectivo, em a primeira vaga que se dér, se assim o reclamar.

« Recife, 3 de Setembro de 1863.—*Antonio Rangel de Torres Bandeira.*—Dr. *Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.* »

Lê-se e manda-se á Commissão de Redacção da *Revista* o seguinte artigo addittivo offerecido pelo 2.º Secretario:

« Art. O socio correspondente que passar a effectivo, além do onus a que fica sujeito por este facto, será obrigado a completar a importancia da joia respectiva, sendo por isto averbado o seu diploma; o effectivo, porém, que passar a correspondente, não tem direito de exigir o excesso da joia que como tal pagou.

« Sala das sessões do Instituto, 17 de Setembro de 1863.—O 2.º Secretario, *Salvador Henrique de Albuquerque.*

O Sr. Presidente dá para a ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões, e designa o dia 1.º de Outubro para ter logar a 18.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente.—*José Soares de Azevedo,* Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque,* 2.º Secretario.

18.ª sessão ordinaria, no dia 1 de Outubro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello, Witruvio e

Torres Bandeira, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida a acta da sessão antecedente.

O Snr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio de Marcellino Santiago de Vasconcellos Leitão de Albuquerque, offerecendo ao Instituto uma biographia e um retrato do finado Major José Muniz Tavares.—Recebida com agrado, e remettida á Commissão de Revisão de Manuscriptos.

Um parecer da Commissão de Redacção da *Revista,* approvando a redacção dos artigos additivos dos Estatutos.—Approvado.

Outro da mesma Commissão, propondo a adopção do additivo, sobre a condição de serem os socios efictivos domiciliados na sède do Instituto—Approvado.

E' remettida á Commissão de Admissão de socios uma proposta do Sr. Dr. Torres Bandeira, para que sejam admittidos como membros honorarios os Srs. Conselheiros Antonio e José Castilho.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões, e designa o dia 15 do corrente para ter logar a 19.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

19.ª Sessão ordinaria, no dia 29 de Outubro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs.

Soares de Azevedo, Rodrigues Campello e Figueirôa, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão do 1.º do corrente, por não ter havido sessão no dia 15.

O Sr. Secretario perpetuo dál eitura do seguinte expediente

Um officio do Dr. Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, participando acceitar a nomeação com que o honrou o Instituto, para seu socio correspondente.—Inteirado.

Outro do Dr. José Liberato Barroso, declarando acceitar com satisfação a nomeação de socio effectivo deste Instituto.—Inteirado.

Outro do academico José Avelino Gurgel do Amaral, offerecendo um exemplar impresso do discurso que o mesmo senhor pronunciára na sessão solemne de possse da Mesa Administrativa deste Instituto, no dia 21 de Setembro do anno passado. ·Recebido com agrado, manda-se archivar.

Outro do acaedmico Manoel da Costa Honorato, offerecendo ao Instituto um exemplar impresso do *Diccionario Topographico Estatistico e Historico* desta Provincia, obra de sua composição.—Recebido com agrado manda-se archivar.

São lidas duas propostas do 2.º Secretario, para serem admittidos, como socio correspondente o Coronel João Guilherme de Bruce, e como socio effectivo o Dr. Francisco de Paula Salles.—A' Commissão de Admissão de socios.

O Sr. Secretario perpetuo declara ter officiado a todos os senhores que teem sido eleitos para socios deste Instituto, alguns dos quaes já teem respondido e que fizera publicar nos jornaes desta cidade os artigos additivos dos Estatutos.

O mesmo senhor apresenta um exemplar impresso do Elogio funebre que o actual Vice-Director do Collegio dos Orphãos, Fr. Pedro da Purificação Paz e Paiva consagrára á memoria dos Directores

d'aquelle Estabelecimento, já fallecidos, por occasião de uma missa celebrada no mesmo Collegio ; discurso que aquelle Vice-Director mandára offertar ao Instituto .—Recebido com agrado, manda-se archivar.

O mesmo senhor declara que, o nosso socio Padre Lino do Monte lhe'enviára uma moeda velha dos hollandezes, a qual offertava ao Instituto.—Recebida a offerta com agrado mande-se archivar.

O Sr. Thesoureiro faz ver ao instituto que haviam renunciado os logares de socios effectivos os Srs. Dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque, Provincial Fr. Noberto da Purificação Paiva, Commendador Antonio Joaquim de Mello, Tenente-Coronel João Valentim Villela, Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque, Dr. Joaquim de Aquino Fonseca e Dr. Tristão de Alencar Araripe.—Que fossem eliminados.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões e designa o dia 12 de Novembro para ter logar a 20.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

20.ª Sessão ordinaria, no dia 12 de Novembro de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Rodrigues Campello, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Witruvio, Figueiroa, José Liberato, Amaro de Albuquerque e o Sr. Padre Lino do Monte, abre-se a sessão.

O Sr. Presidente convida o Sr. Dr. Witruvio para occupar a cadeira do 2.º Secretario, pela ausen-

cia deste, e deixa de ser lida a acta da sessão antecedente, por não estar sobre a mesa.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Tres pareceres da Commissão de Admissão de socios, no sentido favoravel de serem admittidos como membros honorarios os Srs. Conselheiros Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, e o Dr. Joaquim Saldanha Marinho; como socio effetivo o Sr. Dr. Francisco de Paula Sales; e como socios correspondentes os Srs. Coronel João Guilherme de Bruce, Dr. João Climaco Lobato, e José Raymundo da Costa.

São approvados os pareceres. bem como todos os propostos, depois de corrido o escrutinio.

Entra o 2.º Secretario, occupa a respectiva cadeira, e faz a leitura da acta da sessão antecedente, que é approvada.

E' lido um parecer da Companhia de Fundos e Orçamento, no sentido de ser paga a conta das impressões feitas para o Instituto pelos Srs. Figueirôa & Filhos, na importancia de 123$000 rs. O Sr. Presidente resolve que fique adiado o parecer até a proxima futura sessão.

O Sr. Dr. Witruvio, relator dessa Commissão, requer a urgencia, para ser discutido o parecer; é esta approvada, e entrando em discussão, approva-se a parecer, e ordena-se o pagamento da referida conta.

São remettidas á Commissão de Admissão de socios duas propostas, uma do Sr. Dr. Machado Portella, propondo para socio honorario o Sr. Fletcher, autor do *Brazil e os Brazileiros*; e outra de Sr. Padre Lino do Monte, propondo os Exms. Visconde de Sapucahy e Conselheiro Dr. José Bernardo de Figueiredo para socios da mesma cathegoria.

O 2.º Secretario, agitando a questão relativa aos diplomas que devem ser dados aos socios installadores, faz varias observações, e apresenta a idéa de addicionar-se aos mesmos uma declaração neste sentido, vis-

to que a redacção dos impressos só convinha aos socios eleitos depois de constituida a Sociedade.

Em seguida veem á mesa as seguintes propostas:

« Proponho que os diplomas dos socios installadores sejam as copias impressas da acta da installação, convenientemente authenticadas pelas assignaturas do Presidente e Secretarios; os quaes só devem ser conferidos aos que depois da installação não deixaram de fazer parte do Inslituto. — *Dr. Feitosa.*»

« Proponho que no verso dos diplomas que se dérem aos socios installadores do Instituto, se escreva a verba ou declaração de que elles foram ou fizeram parte da primeira reunião deste corpo.

« Sala das sessões do Instituto, 12 de Novembro de 1863f—*Soares de Azevedo.* »

Obtendo a palavra o Sr. Witruvio, abunda em razões, pronunciando-se afinal pela proposta do Sr. Dr. Soares de Azevedo.

O Sr. Dr. Feitosa, em seguida, desenvolve o pensamento de sua proposta, e demonstra que ella satisfaz completamente o fim que se pretende.

O Sr. 2.º Secretario, cabendo-lhe a palavra, entra em varias considerações, e por fim pronuncia-se pela proposta do Sr. Dr. Feitosa.

Encerrada a discussão, é submettidas á votação as propostas, é approvada a do Sr. Dr. Feitosa, e prejudicada a do Sr. Dr. Soares de Azevedo.

C Sr. Presidente dá para ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões, e designa o dia 26 do corrente para ter logar a 21.ª sessão ordinaria.

Levanta-se sessão. —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. —*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

21.ª Sessão ordinaria, no dia 26 de Novembro de 1863.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Machado Portella, José Liberato, Rodrigues Campello, Witruvio, Soares de Azevedo, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Uma indicação do Sr. Dr. Witruvio, nos seguintes termos:

« Indico que se solicite de S. M. o Imperador, pelos meios competentes, a graça de declarar este Instituto sob sua Augusta Protecção, dignando-se de acceitar o titulo de seu Presidente Honorario.

« Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 26 de Novembro de 1863 — *Witruvio Pinto Bandeira.* »

Duas propostas: uma do 2.º Secretario, para que sejam admittidos como membros effectivos deste Instituto os Drs. Manoel do Nascimento Machado Portella e João José Pinto Junior, e o Sr. José de Vasconcellos; e outra do Sr. Padre Lino do Monte, para serem admittidos como membros correspondentes o Dr. Manoel da Costa Honorato e o Rvdm. Fr. Pedro da Purificação Paz e Paiva. —A' Commissão de Admissão de socios.

Tres impressos, apresentados pelo Sr. Padre Lino do Monte e offerecidos ao Instituto pelo Dr. Pergentino Saraiva de Araujo Galvão, a saber:

A Apologia dos bens dos Religiosos do Imperio do Brazil;

O Inventario dos predios que os Hollandezes ha-

viam edificado ou reparado até o anno de 1654, e das armas e petrechos bellicos que elles deixaram em Pernambuco, quando foram obrigados a evacua-lo ;

Um exemplar da *Revista Mensal do Instituto Scientifico* de S. Paulo, do mez de Setembro de 1863.

Estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

O Sr. Presidente declara que, apezar de reconhecer que a materia da indicação, não póde deixar de merecer a acquiescencia do Instituto, todavia, na fórma dos Estatutos, a submettia á votação.

E' a indicação approvada unanimemente, e sem discussão.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões, e designa o dia 10 de Dezembro para ter logar a 22ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

22.ª Sessão ordinaria, no dia 10 de Dezembro de 1863

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas e meia da manhã, presentes os Srs. Drs. Nascimento Feitosa, Witruvio, Rodrigues Campello, e os Srs. Menna Callado, Major Salvador Henrique e Padre Lino do Monte, abre-se a sessão.

No impedimento do Sr. Secretario perpetuo, occupa a respectiva cadeira o Sr. 2.º Secretario, cujo logar é preenchido pelo Sr. Dr. Witruvio.

O Sr. 2.º Secretario interino dá leitura da acta da antecedente sessão, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo interino, dando conta do expediente, lê o seguinte:

Um officio do Sr. Dr. Torres Bandeira, participando não ter comparecido nas anteriores e na presente sessão por soffrer em sua saúde, pelo que solicitava desculpa do Instituto, contando poder comparecer em breve.—Inteirado.

Uma proposta do Sr. Padre Lino do Monte, para que seja admittido como socio effectivo o Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, solicitando a nullificação de uma outra sua, propondo-o para socio correspondente, visto que então não havia vaga de effectivo.—A' Commissão de Admissão de socios.

Encerrado o expediente, toma a palavra o Sr. Dr. Feitosa, para manifestar que tem de retirar-se para a côrte, na qualidade de representante da nação, e que assim fazia as suas despedidas, quér ao Instituto collectivamente, quér a cada um de seus socios, com offerecimento de seus serviços alli; aproveitando o ensejo, afim de agradecer a distincção que ha merecido destes e do Exm. Presidente do Instituto, e solicitando que fossem suas expressões consignadas na acta.

O Sr. Presidente, em nome do Instituto, retribue de um modo honroso e significativo as expressões do orador, desejando-lhe prospera viagem sempre certo de que em tão distincto membro contará o Instituto um forte propugnador para a consecução de seus fins; e conclue mandando escrever na acta as suas palavras de despedida e offerecimento.

O mesmo Sr. Presidente designa o Sr. Padre Lino do Monte, para, como Orador interino, preencher a vaga do Sr. Dr. Feitosa, durante sua ausencia; e dando para ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões, designa o dia 7 de Janeiro para ter logar a 23.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.— *Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

23.ª Sessão ordinaria, no dia 7 de Janeiro de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, José dos Anjos e Witruvio, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio do Dr. Manoel da Costa Honorato, acompanhado de uma folhinha de sua composição, com o titulo de *Catholica*, a qual offerecia ao Instituto. —Recebida com agrado, manda-se archivar.

Uma cópia da carta patente e de uma poesia do célebre Divino Mestre, sendo uma e outra offerecidas ao Instituto pelo Dr. Pergentino Saraiva de Araujo Galvão.—Vão para o archivo.

E' remettida á Commissão de Fundos e Orçamento a conta corrente do Thesoureiro do Instituto afim de dar o seu parecer, e apresentar o orçamento da receita e despeza para o anno social de 1864 a 1865.

E' discutido e approvado o seguinte requerimento:

« Como Director Geral interino da Instrucção publica provincial, requeiro permissão do Instituto para no dia e acto da festividade annual, que deve celebrar-se em 27 do corrente, distribuir aos alumnos do Curso Commercial, que se acham approvados nas materias do mesmo curso, os seus respectivos diplomas, com a possivel solemnidade.

« Sala do Instituto, em sessão de 7 de Janeiro de 1864.—*Soares de Azevedo.* »

O Sr. Dr. José dos Anjos, obtendo a palavra,

motiva a sua falta de comparecimento ás sessões do Instituto, e pede desculpa.

O Sr. Presidente, á vista dos justos motivos apresentados pelo nobre membro, considera justificadas as suas faltas.

O mesmo Sr. Presidente designa os Srs. Thesoureiro e Padre Lino do Monte para compôrem a Commissão que tem de cuidar nos arranjos da casa, para a solemnidade do dia 27 ; e dando para ordem do dia—trabalhos e pareceres de Commissões, designa o dia 21 do corrente, para ter logar a 24.ª sessão ordinaria.

Levanta-se a sessão.— *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

———

24.ª Sessão ordinaria, no dia 21 de Janeiro de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Rodrigues Campello, Witruvio e Figueirôa, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

O mesmo Sr. faz menção de uma memoria offertada ao Instituto por Manoel Pinto Damaso, a qual foi escripta pelo finado Visconde de Goyanna, relativamente ás principaes causas pelas quaes deve o Rio de Janeiro onservar a união com Pernambuco.—E' recebida com agrado, e manda-se archivar.

E' lido, e fica sobre a mesa para ser opportunamente discutido, um parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, sobre as contas de receita e despeza apresentadas pelo Sr. Thesoureiro.

Outro parecer da Commissão de Admissão de socios, no qual pede ella informações sobre o numero de vagas de socios effectivos, afim de poder emittir o seu juizo sobre as admissões propostas.—E' discutido e approvado o parecer.

Outro da mesma Commissão, approvando para socios honorarios os Exms. Srs. Bispo de Chrysopolis, Visconde de Sapucahy, Manoel Hygino de Figueiredo, José Bernardo de Figueiredo e o Sr. Fletcher; e para correspondentes os Srs. Conego Joaquim Pinto de Campos, Dr. Carlos Honorio de Figueiredo e Ovidio da Gama Lobo.

Em seguida corre o escrutinio, e são todos approvados.

Vem á meza e é lida a seguinte indicação:

«Indico que o Instituto, por meio de uma representação, se dirija á Assembléa Geral, pedindo-lhe a decretação de uma lei, que declare de festa nacional para a provincia de Pernambuco o dia 27 de Janeiro, anniversario da restauração do poder dos Hollandezes.

«Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Janeiro de 1864. —O 2.º Secretario, *Salvador Henrique de Albuquerque.*»

Obtendo a palavra o autor da indicação, requer a urgencia, para ser ella discutida. Vencida a urgencia, entra em discussão e é approvada a indicação; sendo o mesmo autor incumbido pelo Sr. Presidente do Instituto de redigir a representação proposta.

E' lido o seguinte requerimento da Commissão de Fundos e Orçamento:

«A Commissão de Fundos e Orçamento, para a confecção do projecto deste relativamente ao futuro anno social, precisa que se lhe forneça o seguinte esclarecimento: Quanto está ainda a receber-se de mensalidades, com relação ao anno social seguinte?—*Witruvio—F. de Barros.*

Discutido, é posto a votos e approvado o requerimento.

O Sr. Dr. Figueirôa, obtendo a palavra, renova em seu nome e no de seu pai o offerecimento da 8.ª pagina do *Diario de Pernambuco*, para publicação dos trabalhos da proxima sessão anniversaria do Instituto.—E' acceito o offerecimento com agrado.

O Sr. Presidente designa para a Commissão que tem de convidar ao Exm. Sr. Vice-Presidente da Provincia, afim de assistir á sessão anniversaria no dia 27, aos Srs. Padre Lino do Monte, Dr. Witruvio e Francisco de Barros.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Munis Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

ASSEBLÉA GERAL

Sessão solemne do segundo anniversario do Instituto, em 27 de Janeiro de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A' uma hora da tarde, depois de recebida a continencia pela guarda de honra postada em frente do edificio, o Exm. Sr. Vice-Presidente da Provincia é acompanhado pela respectiva Commissão, ao som de uma musica marcial collocada á entrada do salão, até o logar que lhe era destinado; e estando presentes o Exm. Sr. Visconde de Suassuna, Dr. Chefe de Policia, e outras authoridades, varios officiaes dos differentes corpos do exercito, uma commissão por parte do Gabinete Portuguez de Leitura, pessôas gradas, e um grande numero de cidadãos de todas as classes, verifica-se egualmente a presença dos seguintes membros do Instituto: os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Rodrigues Campello, Soares de Azevedo,

Eduardo de Barros, Paula Sales, Peregrino da Silva, Torres Bandeira, José dos Anjos, Witruvio e Figueirôa, e os Srs. Coronel Ildefonso, Major Salvador Henrique, Padre Lino do Monte e Francisco de Barros.

O Sr. Presidente declara aberta a sessão, e lê um discurso analogo ao objecto.

O Sr. Secretario perpetuo faz a leitura do seu relatorio sobre o movimento do anno social findo.

O Sr. Padre Lino do Monte, como orador interino, lê o seu discurso; e em seguida o Sr. Dr. Torres Bandeira enuncia outro discurso analogo ao objecto.

O Sr. Manoel da Silva Jacome Pessôa, obtendo a necessaria licença, faz a leitura de uma felicitação ao Instituto.

Terminado assim o acto, o Sr. Presidente convida aos socios para sessão especial da eleição no dia 15 de Fevereiro, e levanta a sessão actual.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

—

DISCURSO

DO EXM. E REVM. MONSENHOR DR. FRANCISCO MONIZ TATAVARES, COMO PRESIDENTE EFFECTIVO DO INSTITUTO.

Senhores.—Um anno mais de existencia conta o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano; mais uma pagina honrosa para a historia desta provincia. O illustrado Secretario perpetuo exporá quaes os trabalhos que no decurso deste periodo tiveram lugar; a mim compete-me entreter-vos sobre alguns pontos relativos aos primitivos habitantes do nosso paiz.

No seculo XV partiu da praia occidental de Lisbôa um navegante feliz; impellido por ventos incertos, descobriu por acaso uma grande parte do novo continente, que pouco antes o pensador genovez, á força de

estudos aturados e vontade tenaz, com assombro geral desembrenhára.

Vassallo do rei de Portugal, e a seu serviço, julgou-se autorisado, segundo os principios erroneos então dominantes, a declarar bôa preza para aquelle soberano todo o territorio descoberto, ao qual deu-se depois o nome de Brazil. Os ingenuos habitadores que ahi viviam, desfructando o dom que o Supremo Arbitro do Universo lhes havia outorgado, recebem com candura e em bôa fé os recem-chegados, repartem com elles seus viveres, e os deixam retirar-se sem inquietação.

Novos hospedes, ou para melhor dizer, novos aventureiros, seguindo o mesmo trilho, para alli se encaminhão com o proposito firme de fixarem a sua residencia. Não lhes bastava o terreno usurpado; necessitavam de braços para o cultivarem: os proprietarios legitimos fôram para este fim reduzidos á mais dura escravidão.

Não é meu intento descrever agora os horrores praticados para com aquelles infelizes; a historia já lhes tem feito a devida justiça: limitar-me-hei a apresentar algumas reflexões sobre as calumnias atrozes que contra elles se propalaram.

Com effeito, senhores, desde os mais remotos tempos o vencido sempre ouviu o grito feroz do insolente Gaulez: tratamento barbaro, cevicias multiplicadas, ultrajes, devastações, incendios, hão sido muito communs: porém calumniado como foi o povo americano e em particular o brazileiro, não recordo-me de ter lido. Os invasores ouzaram asseverar que haviam encontrado no Brazil uma raça de atheus, gente inerte e cobarde! Assim convinha-lhes para occultar o perverso designio que nutriam, e ter um pretexto para exercerem a mais detestavel tyrannia. E' regra que, quando a cubiça falla, a virtude desapparece.

Entre esses desarrazoados diffamadores avulta o fllorentino Americo Vespucio, que, havendo com muito custo occupado um posto subalterno nas com-

missões de exploração que os governos de Portugal e de Hespanha expediram, e não passando jamais de pilôto desenhista de cartas geographicas, a fortuna caprichosa mimoseou com o seu nome o novo continente descoberto, defraudando dest'arte ao immortal Colombo, a quem de direito pertencia.

Povo atheu, inerte e cobarde! E' até onde póde chegar o insulto! Repitamo-lo com a energia de que somos capazes; demonstremos com factos incontestaveis a enormidade de tal attentado.

Senhores, o homem de qualquer paiz, ainda no estado o mais rude, nunca deixa de ser impressionado pelos grandes phenomenos da natureza. O terror que lhe inspira o trovão, o raio, a erupção de um volcão, o terremoto, uma cruel epidemia, guia-o naturalmente a conceber a existencia da força que motiva taes actos; e não tendo meios para resistir-lhe, e nem sabendo dar a razão do que vê, retrata-se a si mesmo com toda a amplidão que lhe suggere o espanto e a ignorancia. Sobre estas duas bases alça tremendo o throno, em que faz sentar-se o seu Deus. Quando porem o céu, debaixo do qual vive, resplandece de claridade salutar, sem tempestades que o perturbem, e com uma ordem alternada das uteis producções da terra, elle crê vêr naquelle céu o seu bemfeitor; e os astros, em cujo caminho observa perfeito accôrdo para o conservar e tornar-lhe a vida alegre, são para elle ou o emblema do benefico poder que admira, ou aquelle mesmissimo poder. Neste caso, penetrado de admiração e de grato animo, alça reverente os olhos, e o adora com inteira confiança.

Estes phenomenos manisfestavam-se no Brazil, como por toda a parte; e poderiam por ventura os seus habitantes subtrahir-se ás impressões descriptas! Affirmar isso seria reduzil-os á baixa condição dos brutos, condição que moralmente caberia antes a aquelles que para iniquo fim lh'a imputavam.

Não encontraram templos nem altares, e d'ahi precipitadamente concluiram a ausencia de toda a crença,

sem reflectirem que ha uma distancia immensa entre o atheu e o deista: aquelle cai no absurdo; este caminha em busca das verdades eternas relevadas pela sabedoria infinita.

Se ao menos se déssem ao trabalho de examinar o vocabulario de que aquelle povo simples usava, descobririam facilmente o vocabulo Tupan, que corresponde ao Theofth dos mexicanos, ao Theus dos gregos, ao Deus dos latinos, o Verbo, que tudo creou, tudo conserva, e póde anniquilar tudo. Os brasileiros tinham; como os antigos romanos e outros povos das primitivas edades, seus aruspices, a cujos conselhos recorriam em circumstancias extraordinarias. Quando em materias transcedentes um homem dirige-se a outro, para explicar-lhe um mysterio ou livral-o de imminente calamidade, presuppõe naquelle intelligencia summa, um espirito superior em contacto com algum poder occulto, e isto o força a prestar-lhe, quando não adoração, ao menos homenagem profunda.

A luz evangelica ainda não lhes havia dissipado as trevas do entendimento; a voz dos apostolos não tinha chegado até elles; mas seus corações estavam dispostos. Ao primeiro sacrificio incruento que no memoravel dia 3 de Maio celebrou-se em seu territorio, elles, por um impulso sobrenatural, attentos assistiram, e prostrados adoraram o Ente, que os seus primeiros hospedes, talvez mais impuros, reconheciam. Nos altos designios da Providencia estava decretado que, quando do gremio da Egreja romana affastavam-se algumas nações do velho continente, desvairadas pela insensata reforma do desventurado monge agostiniano, apparecesse um novo mundo extensissimo e immensamente povoado, que, abraçando a verdadeira doutrina, compensasse com usura a fatal perda.

Já quando o alfange do arabe musulmano fazia de continuo novos martyres, lançando por terra os altares que encontrava no Oriente, uma parte ao norte da Europa vinha substituir as phalanges desbarata-

das. O mar arrastra as areias para deposita-las em outro local. A promessa do Divino Fundador do Christianismo verificar-se-ha até á consummação dos seculos.

Inerte! Eis a outra calumnia atroz, com que se tem pretendido degradar a raça miseranda dos nossos aborigenes, A avareza, a cubiça insaciavel, sempre procurou subterfugios para encobrir-se. Os invasores do Brazil apoderando-se de todo o territorio, e reduzindo á mais dura escravidão os que legitimamente o possuiam, com barbaridade inaudita exigiam que estes o regassem, não só com o suor, mas com o proprio sangue, sem que se lhes désse a menor parte do trabalho. Na impossibilidade da continuação de tão barbaro tratamento, por acharem-se já exhautas as forças vitaes, não se pejavam de attribuir á inercia o que era effeito proprio da natureza animal.

Para os contestar surge entre outros o Sr. Humboldt, autoridade respeitavel, e a quem nada escapou em suas observações. « O indigena americano (diz elle) depois de uma penosa viagem entre mil tropeços de rios caudalosos, desembarca, carrega sobre os seus hombros a pezada carga, leva-a na distancia de duas ou mais leguas para onde se lhe manda, recebe o pequeno salario, e não repousa: volta immediatamente para a sua canôa, com direcção á pobre choupana que *o* abriga. »

Todos nós conhecemos, senhores, pela triste experiencia, que o tarbalho escravo é pouco e imperfeito: logo que ao espirito fallece a esperança de gozar, o corpo subtrahe-se ao desenvolvimento dos musculos: a violencia pode fazer marchar, mas tropeçando.

Além disto, o homem no estado natural, não se afadiga senão para conseguir o que é absulutamente indispensavel á satisfação das suas imperiosas necessidades: conseguidas estas sem susto, a diligencia cessa. Creai necessidades, e creareis esforços. Em um paiz ameno, onde nunca se divisa o excesso insupportavel do frio ou do calor, onde a terra espontanea-

mente offerece saborosos fructos para a nutrição da vida, como pretender que o homem da natureza ahi habitando, se sobrecarregue de vestimentas, e curve-se ao arado para arrancar do seio da terra produtos muitas vezes incertos? Assim não procedendo, se ha vicio, este é congénito ao homem: querer arrancal-o de repente a esse estado primitivo, sem fazer-lhe saborear gradualmente as doçuras de vida melhor, é insensatez; violental-o é barbaridade: o recalcitrante merecerá compaixão, nunca desprezo, e muitos menos sevicias. Os povos do universo, que hoje mais blasonam de civilisados, foram no principio, sem excepção, selvagens e errantes: neste estado predomina a inercia e o ocio. O menino não nasce saltando.

Cobardes! Ultraje maximo! Custa a crér que houvesse quem em seu perfeito juizo ousasse atirar contra os nossos indigenas tão degradante vilipendio. Poder-se-hia imputar-lhes o *virtus ferox,*— cobardia jamais. Em suas deploraveis excursões contra os seus proprios irmãos, aquelles que ficavam presioneiros nunca se aviltaram; pelo contrario, provocavam os vencedores: —« Solta-nos, repetiam ufanos, e verás que te faremos o mesmo que já por vezes fizemos aos teus eguaes.

Ai dos primeiros colonisadores desta provincia. se por ventura não se lhes tivesse unido a numerosa tribu dos tabaiares, a cuja testa achava-se o chefe Tabíra, guerreiro impavido! Por máo fado, era elle o terror de todos os seus conterraneos, aos quaes nunca deivava tranquillos nem seguros; a victoria o acompanhava em seus repetidos conflictos. Uma flexa disparada por mão certeira traspassa-lhe um olho: sem pertubar-se, elle a arranca, e voltando-se para os que o rodeiam, grita: —«Com um só olho vejo bastante para bater os inimigos.»

Quando essas nações europeas, que hoje mais adiantadas se acham em civilisação, tinham por primeira e mais util industria a infame pirataria, e que vinham exercitatal-a tambem em nossas costas, encon-

traram para os repellir, sempre firmes, dous campeões famosos Hagaize ou braço de ferro, e Paragibe, braço de peixe. Este, tanto se distinguiu nessas lutas que mereceu em recompensa ser armado cavalleiro da ordem de Christo.

Maior vulto ainda se levanta para confundir os impudentes calumniadores dos nossos indigenas : é o inclito Poby ou Camarão, a quem a fama de heroicos feitos por elle praticados com assombro geral, conservará intacta a sua memoria. O general Artichofsky no excessso de sua dor, exclamava :—« Ha mais de quarenta annos que milito na Colonia, Allemanha e Flandres, occupando sem interrupção postos honrosos, e só o indio brasileiro Camarão veio abater-me o orgulho. »

Ninguem mais do que elle assignalou-se nos renhidos combates que travamos contra os batavos, em todo o decurso do tempo que occuparam esta provincia. Tendo obtido a graça de entrar no gremio da Egreja romana, a pratica severa dos preceitos religiosos que ella impõe, mais lhe acendia o peito e robustecia o braço, para debelar os inimigos desta mesma Egreja, que, por fanatismo peculiar ás novas seitas, esforçavam-se por derribar os nossos templos, lançar fogo as imagens sagradas, martyrisar os que mostravam-se constantes na crença recebida de seus pais,—a crença universal.

A villa de Iguarassû a elle deveu a sua salvação quando o general Wandemburgo ousou atacal-a; recobrou Goyanna, praticando prodigios de valor, e quando afinal, por falta de auxilio, julgou baldados os seus esforços, retira-se em boa ordem com toda a guarnição e habitantes. N'esta retirada assombrosa, por entre espessos bosques, e circumdado de quasi todo o exercito hollandez, quantos padecimentos, mas quanta constancia em afrontal-os! A providencia Divina o havia destinado para ir salvar a Bahia, com os intrepidos que o acompanhavam.

Não é o panegyrico deste heróe que aqui traço; é

a defeza justissima dos nossos malaventurados indios tão preseguidos e tão vilipendiados. Concluirei dizendo que, se não fora Camarão com a sua corajosa e incansavel tribu, o sol do dia 27 de Janeiro de 1654 não raiaria com tanto esplendor.

Ave dia glorioso! Ainda este anno não realisou-se o meu presentimento! Ainda na santa cathedral de Olinda não se entoaram hoje solemnemente, como em outros tempos, hymnos de louvor ao Deus dos exercitos, que tão misericordioso mostrou-se para com; nosco: mas onde estão corações puros, está o templo do Senhor; aqui mesmo podemos render-lhe graças elle nos ouvirá.—não abandonará Pernambuco.

Assim seja.

——

RELATORIO DO SR. SECRETARIO PERPETUO

LIDO A ASSEMBLÉA GERAL, REUNIDA EM 27 DE JANEIRO DE 1864

Meus senhores. Em conformidade do que dispõe o art. 28 dos Estatutos desta casa, venho dar-vos conta summaria neste dia solemne de todos os trabalhos da associação durante o anno academio que acaba de passar-se, não só para que conheçaes quanto se fez mas sobretudo para que fiqueis sabendo quanto de vós espera o Instituto.

A mesa eleita em 15 de Fevereiro tomou posse no 1.º de Abril, e tem até hoje funccionado sem interrupção, com o zelo e habilidade com que, á excepção do Secretario perpetuo, cada um de seus membros se distingue.

Dezeseis sessões ordinarias se celebraram, e nessas sessões se discutiram, como de costume, varias questões litterarias e economicas.

A experiencia de um anno de exercicio aconselhou a necescidade de examinar e esclarecer alguns dos de-

veres e direitos dos socios effectivos, correspondentes e honorarios, quanto ás joias respectivas ás duas primeiras classes, modo de as receber, conversão de socios de uma cathegoria para outra, casos em que os socios se arriscam a perder seus titulos, e finalmente quanto ao preço e conveniente distribuição do jornal da casa. Os debates destas questões deram em resultado os 12 artigos additivos aos Estatutos, sanccionados nas sessões de 20 de Agosto, 17 de Setembro e 1.º de Outubro, e estampados nas folhas publicas do Recife, durante um mez não interrompido.

Foram propostos, approvados e recebidos no gremio do Instituto:

Dous socios effectivos,
Nove socios correspondentes,
Oito socios honorarios.

Dous dos da primeira cathegoria, em conformidade do art. 10 dos additivos, passaram a correspondentes, por se haverem mudado da séde do Instituto para provincias diversas.

D'entre aquelles que como installadores contavamos em nosso seio e que foram comprehendidos no numero dos effectivos de que o anno passado fiz menção, seis recusaram entrar para a caixa do Instituto com a joia a que eram obrigados, e por similhante acto, e declaração verbal de cada um, deixaram de ser nossos socios; em lugar desses, serão provavelmente recebidos outros, que ha muito solicitam esta honra. O quadro actual do nosso gremio é pois o seguinte:

Socios effectivos.......	32
Socios honorarios......	11
Socios correspondentes.	36
	79

Acham-se promptos e assignados os diplomas do socios de cada uma das cathegogrias, e vão sendo en-

tregues a todos que pela thesouraria do Instituto se acham habilitados a recebel-os.

Da *Revista trimensal do Instituto* já foi publicado o primeiro numero; e o segundo já se acha impresso, e a ponto de ser distribuido.

Ao serviço e ordem que a secretaria exige faltam diversos moveis e objectos indispensaveis, cuja compra há sido mister addiar, por falta de prompto pagamento das joias e mensalidades respectivas. A actividade reconhecida do nosso honrado Thesoureiro, e o amor de cada um de nós pelas coisas da patria, farão desapparecer em breve este embaraço.

Para isso, e para que o examineis em cada uma de suas verbas, acha-se sobre a meza, apresentado pela commissão respectiva, o orçamento da receita e despeza para o anno social de 1864—1865, pelo qual se vê que a nossa proxima receita será de 1:482$620 réis, e que a despeza orçada, dando-se apenas 229$565 para eventuaes, nem por isso será inferior a aquella cifra. Na sessão do 1.º de Abril se discutirão os seus artigos.

O nosso distincto Orador interino, em conformidade do que dispõe os Estatutos, vos dará conta dos livros e manuscriptos que foram offerecidos ao Instituto, n'este segundo anno de sua vida social, cabendo-me a mim fazer menção honrosa de um retrato em miniatura do finado major José Muniz Tavares, offerecido por Marcelino Santiago Vasconcellos Leitão de Albuquerque, e de uma moeda de prata velha, do tempo da invasão hollandeza, offerecida pelo reverendo Padre Mestre Lino do Monte Carmello Luna, nosso digno consocio.

Foram patentes a Sua Magestade o Imperador os ardentes votos do Instituto, por occasião do ultimo conflicto anglo-brazileiro, apresentados pelos commissarios que para este effeito nomeastes, e foram esses votos recebidos com a cordeal benevolencia que é proverbial em Sua Magestade.

Solicitou-se tambem do mesmo Auguso Senhor a

graça de acceitar o titulo de Presidente Honorario do Instituto tomando-o desde logo sob sua alta e immediata protecção.

A ultima resolução do Instituto no corrente anno foi uma homenagem prestada a este grande dia: venceu-se, que, por intermedio de alguns de vossos socios deputados a Assembléa geral legislativa se roqueresse e obtivesse d'aquelle Poder do Estado a declaração por lei, de que o dia 27 de Janeiro será d'ora em diante um dia de festa nacional para a provincia de Pernambuco.

Nas desesseis sessões ordinarias que se celebraram durante o anno, o numero de socios que compareceram a cada uma não passou de 8 (termo medio) incluindo os membros da Meza. Este facto não precisa commentario. Uma creação toda nossa, consagrada á gloria de Pernambuco e á honra do Brazil, necessita de muito alento para viver e de muita dedicação para sustentar-se: um e outro dependem do patriotismo de cada um de nós.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1364.

Jasè Soares de Azevedo,
Secretario Perpetuo



DISCURSO

DO SNR. PADRE MESTRE LINO DO MONTE CARMELLO LUNA, COMO ORADOR INTERINO

Designado para substituir ao digno Orador deste Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, no seu legitimo impedimento, corre-me o dever de alçar minha debil voz em sessão tão esplendida, para tambem depositar meu ramalhete sobre a mesa

do festim litterario, e unir meu regosijo ao regosijo dos distinctos membros que hoje sentem seu coração palpitar de jubilo, quando reunidos neste recinto concorrem poderosamente para o brilhantismo do Anniversario da fundação deste Instituto.

Uma tarefa, aliás tão importante, deveria por sem-duvida ser incumbida a quem, dotado de intelligencia mais esclarecida, fosse verdadeiramente capaz de fallar como orgão de uma Associação tão illustre, que se desvanece de ser presidida por uma das glorias de Pernambuco, por um vulto assás recommendavel por seu saber, pelas suas virtudes sociaes, e pelos seus honrosos precedentes.

Entretanto, fallou a voz da obediencia, sobr'esteve qualquer consideração que servisse de obstaculo, e me impôz o dever de acceitar o *mandatum* : acceitei-o, na verdade, porque o desejo tambem de prestabilidade ao Instituto, a que me glorio de pertencer, estendeu seu imperio sobre o vacuo do coração ; fechou as portas ás reflexões poderosas, que fallassem em meu favor. A responsabilidade, pois, da insufficiencia do orador, cabe de certo modo ao proprio Instituto que o escolheu, e que de outra vez melhor poderá reparar o seu engano.

Difficil, senhores, é a missão do orador. Quando outros membros prestimosos, em virtude do logar distincto que occupão, teem a liberdade de apresentar discursos animadores, enriquecidos de phrases douradas, de bellezas de rhetorica, e cujos pedaços de eloquencia arrebatam, prendem a attenção do auditorio com o bem elaborado historico da Associação, de suas bases, utilidade e progresso que ha alcançado no terreno percorrido ; o orador, tem de circumscrever-se, de cortar os vôos de sua imaginação, de prender os seus desejos á lettra dos Estatutos, que apenas permitte-lhe commemorar as virtudes e serviços dos membros que passaram desta vida á vida eterna.

Seu discurso não é portanto, congratulatorio ; não é um epinicio de triumphos, porém um epicédio acom-

nhado de saudosos threnos. E' o quadro com relevos de ouro, e coberto de crepe luctuoso; é o bouquet de fragrantes rosas, cercado de saudades e perpetuas; mas não importa que na sala recamada de ricos festões appareça o crepe negro da melancolia; que no meio de gratos regosijos se deslizem lagrimas de saudosas recordações; não importa, sim, que na effusão de tanta alegria se levante o cypreste da morte; porque isto, senhores, não indica senão a oblata sincera de gratidão acrisolada, que se deposita sobre o tumulo semi-aberto dos peregrinos das lettras, que nos legaram acções honrosas, fulgurantes rasgos de patriotismo, heroismo inimitavel de suas conquistas.

« E', com effeito, bello, e sobre maneira precioso (disse o Orador do Instituto Historico Brasileiro) o legado que os varões benemeritos deixam á patria, á quem, depois de haverem servido com verdadeira dedicação durante sua vida, além da morte enriquecem com o thesouro inapreciavel de seus famosos nomes.

Cumpre, pois, que registrando nos archivos respectivos os acontecimentos de tanta transcendencia e magnitude da nossa época, e os feitos nobres dos nossos maiores se vá colher nos livros dos tumulos as paginas soltas da vida dos homens notaveis; e que se não esqueçam de forjar a chave com que se possa abrir para elles as portas do pantheon da posteridade. »

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano jámais póde esquecer os homens illustres que, tocando a extrema do fio da vida, desappareceram do seio immenso da eternidade, deixando os seus vestigios na terra marcados por acções meritorias.

Elle reconhece que é um de seus maiores deveres o pagamento desse generoso tributo, a que teem inauferivel direito os varões preclaros, que a morte vai ceifando ao paiz.

Confeccionando e publicando ensaios biographicos de cada um delles, vai dest'arte recommendando ao tribunal da posteridade os nomes e feitos nobres desses benemeritos: é esse tribunal, digo, que deve marcar o

logar que lhes compete na galeria da historia. A morte abre a porta a fama e fecha-a á inveja.

E, pois, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, conscio desta estricta verdade, reconhece ainda que esse dever torna-se imperioso para com aquelles que, mais estreitamente a elle ligados, faziam parte de sua familia social; e assim determinou, e determinou mui acertadamente, que na solemnidade de suas sessões anniversarias uma hora fosse dada á saudade dos que d'entre nós separaram-se para sempre.

Incumbio ao seu Orador o encargo de consagrar-lhes um elogio necrologico, com a simples narração de suas virtudes e trabalhos preciosos, acções meritorias com que souberam conquistar nome, estima e tambem recommendar-se á gratidão do Instituto.

Senhores, é cheio do maior jubilo, com o prazer no coração e o riso nos labios, que eu occupando immerecidamente a cadeira do Orador, venho annunciar-vos que, durante o exercicio de nossos trabalhos academicos, o anjo da morte não agitou suas plumagens negras, não baixou ao seio do nosso Instituto, não póz sua mão gelada no coração ardente de algum dos nossos consocios. Não temos, graças á Providencia, que sentir profundas saudades do passado, na recordação dos nossos benemeritos, que no correr do anno social tocassem a morada funerea.

E' por certo, senhores, grandioso favor da Omnipotencia! O favor reclama gratidão, e a gratidão é o sentimento dos corações generosos. Um preito de sincero agradecimento rendámos á Divindade Suprema, por tão assignalado beneficio.

Tenho desta sorte cumprido a lettra dos Estatutos. Porém, senhores, será possivel que em dia tão festivo, em sessão tão esplendida, em que vejo scintilar o riso nos semblantes de tantos vultos respeitaveis da nossa provincia, que concorrem para abrilhantar este acto memoravel; em dia que faz lembrar factos assáz gloriosos e de grande transcedencia, o orador dê por finda

sua missão, não possa expandir seus desejos, só porque felizmente não teve de imitar a Jeremias, de—as magoas exprimir com mil lamentos?

Não, senhores, esta mesma razão é a mais poderosa, que o autorisa a apartar-se desta vez do codigo que rege o Instituto, para dirigir algumas palavras em louvor do dia, em louvor dos grandes feitos de armas, das façanhas prodigiosas, que com tanto afan ostentaram os intrepidos heróes da antiga Mauricéa.

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano conta hoje o segundo anno da sua fundação. A' similhança da columna que no Egypto marcava a altura do transbordamento do Nilo, para d'ahi presagiar a abundancia da colheita futura, assim os dignos membros deste Instituto no dia do seu anniversario se reunem em sessão magna, para annunciar á nação e aos povos o grão de diffusão das luzes, para d'ahi calcularem-se os esperançosos fructos de civilisação e de moralidade.

E' mister, porém, lembrar que o dia 27 de Janeiro não é só o dia do Anniversario do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. A festival solemnidade que seus membros offerecem á consideraçao publica não é consagrada sómente á sua inauguração.

O dia 27 de Janeiro, senhores, rompendo com seus raios as densas nevoas do horisonte brazileiro, é um dia glorioso para o Brazil ; glorioso para os brazileiros e glorioso especialmente para Pernambuco ; elle revela um pensamento mais elevado e grandioso, elle move as fibras do coração patriotico ; inspira um sentimento de honrosa recordação ; desperta uma idéa de façanhas portentosas, de victorias afamadas, de triumphos assignalados ; victorias e triumphos da restauração de Pernambuco do jugo tyranico dos hollandezes, e do aniquilamento do execrando e infernal cortejo das atrocidades ferinas, dos ferinos bátavos.

E logo devo dizer, senhores, sem receio de errar, que o dia anniversario da creação deste Instituto, tem

um caracter duplo: é uma festividade de gloria litteraria e nacional:

De gloria litteraria, porque, tomando o Instituto por base de sua fundação a perfectibilidade da historia patria, e mui especialmedte na parte que concerne á provincia de Pernambuco; para a consecução de tão louvavel desideratum, vae elle empregando a maior solicitude em pesquizar e adquirir documentos importantissimos, memorias inestimaveis, que se acham esparsas e pouco apreciadas, ou antes enterradas no pó de differentes archivos; em os colligir, verificar e publica-los, em descobrir monumentos, tradições e padrões honrosos; em juntar, finalmente, todas essas preciosidades historicas, que jazem occultas, entregues ao baratro do esquecimento, pela mão do indifferentismo, incuria e até mesmo ignorancia;

De gloria nacional, porque, ao passo que o mesmo Instituto slemnisa o dia de seu Anniversario, concorre simultaneamente para tirar do completo olvido os feitos nobres, as acções heroicas, que em épocas remotas souberam desempenhar denodados filhos da antiga Mauricéa; faz lembrar á posteridade os esforços inauditos, as forças herculeas empregadas por esses entrepidos guerreiros, que, no anno de 1654, após prodigios de valor e de sacrificios immensos, esgrimiram as armas no Tabocal; e por ultimo, no monte de Guararapes expelliram por uma vez do sólo patrio o dominio do hollandez audaz, e entrararam triumphantes na cidade do Recife, engrinaldados dos virentes louros de seus combates.

E, pois, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, commemorando hoje tambem essa assignalada victoria, que cobre de glorias immorredoiras o sólo pernambucano, não esqueceu-se egualmente de consagrar uma saudade á memoria desses impávidos armigeros, que verdadeiramente cada um delles era

« Nas palestras de Marte
Raio ardente,

Que quanto encontrára
Fizera estrago ingente. »

Desses famosos athletas do Deus da guerra, que, em conflicto tão encarniçado, para o complemento de suas heroicas façanhas, não trepidaram em sacrificar bens, fortunas, perder sangue e vida, pela vida do povo pernambncano.

O sacrificio incruento, ha pouco offerecido sobre a ara sacrosanta ao Deus das batalhas, pelo repouso eterno desses denodados combatentes, falla altamente em favor dos sentimentos orthodoxos que animam aos membros deste Instituto, aos quaes, no meio de tantos regozijos, sabem tambem derramar uma lagrima de saudade por quem tantos sacrificios empregou, para perpetuar a gloria e ventura de Pernambuco.

Pernambuco, sim, Pernambuco guardará no sacrario da gratidão a memoria de tão decantados belligeros, que foram da heroicidade potente estimulo, e que, por seus feitos immortaes, merecem ainda hoje, immortal coroa : Pernambuco, repito, guardará como reliquia os nomes de tão valentes guerreiros, cujas proezas assás temidas, fazem a fama no Brazil, como já a fizeram no mundo as bellicas emprezas de Alexandre, Temistocles, Leonidas, Scipião e o dictador romano.

A elles cabe justamente o que já cantou a lyra do poeta ;

« Das idades mil boccas pregoeiras
Publicam de teus feitos altas glorias,
Quando vencendo as barbaras bandeiras,
A patria coroaste de victorias. »

Effectivamente, os nomes dos inclytos Vieira, Negreiros, Camarão e Henrique Dias, serão sempre lidos com admiração e enthusiasmo nos fastos da historia ; e a posteridade, sempre que fitar os olhos para as suas effigies e retratos, necessariamente, impellida por uma

força superior, a força de gratidão, deverá dizer, apontando para elles : Aquelles foram os restauradores de Pernambuco ; aquelles foram os anjos tutelares, que nos libertaram do jugo hollandez ; como outr'ora exclamára o povo de Bethulia, entoando hosanas á valorosa Judith, que o livrára do furor de Holofernes : *benedicta es tu filia a Domino Deo excelso... que te direxit inuulnera capittis principis inimicorum nostrorum.*

Senhores, em todos os tempos, entre as mais cultas nações da Europa, além dos collegios, academias, universidades para todos os generos de sciencias, e fundadas pela munificencia de principes eminentemente amantes das lettras, houve em toda a parte congressos de homens doutos, a que deram o nome de academias.

Nellas se tratava affincadamente das materias, quér philosophicas e geographicas, quér mesmo d'aquellas que eram concernentes á historia e archeologia.

Descrever as vantagens e beneficios grandiosos que se colheram dessas sociedades, que se espalharam como raios de luz por toda a parte do globo ; apontar os nomes dos heróes abalisados, que figuraram nesses nucleos de illustração e de sciencia ; fazer a resenha da utilidade que elles prestaram ás lettras e á humanidade com suas observações admiraveis, com noticias sobremaneira interessantes, que em cada dia apresentavam em volumes differentes, dados á luz publica, seria por demais enfadonho, improprio do lugar, e cuja narração cahiria no desagrado pela sua prolixidade.

Direi, todavia, senhores, que no seio desses congressos scientificos, dessas associações e institutos, é que, homens devotados ás lettras e ao estudo das antiguidades, no centro de seu recolhimento, e no zenith de sua contemplação, revolvem livros, e desenrolam pergaminhos cobertos do pó e das cinzas do tempo. A' sua perspicacia nada se encobre ; e o desejo ardente de honrar a sua patria e dar nome á nação tudo al-

cança, porque a patria é o céu dos corações dos bons, assim como o céu é a patria das almas justas.

Escripturas gothicas tão difficultosas de entender-se como hierogliphicos do Egypto; inscripções abertas em marmore, escondidas na terra ou empregnadas em edifficios; arcos triumphaes e outros famosos monumentos, restos e vestigios de antigas grandezas e de glorias summas; actos da côrte, contractos de grande apreço, guerras apregoadas, pazes celebradas e outras mil noticias sobremaneira interessantes, porém desterridas da memoria dos mortaes, e até agora inaccessiveis ao nosso conhecimento, com o estudo, porém, dos compositores, e pelo ministerio dos prélos, apezar da edacidade dos tempos, se farão tão publicas e conhecidas, que por ellas descobrirá e admirará a posteridade as glorias mais reconditas da sua nação.

Pernambuco, senhores, que (como já disse) é uma das glorias brazileiras, uma provincia que tem uma historia particularmente sua, nenhuma como ella offerece assumptos mais transcendentes, e de importancia singular, para encher as paginas da historia da nação; nem uma como ella tem campos immensos a explorar, terras virgens a rotear, tradições famosas a verificar, documentos inapreciaveis a pesquizar, em summa, thesouros e glorias a descobrir.

Effectivamente, não se póde calcular os beneficios ingentes, as vantagens grandiosas que se colhem de labores desta ordem; porque, senhores, é incontestavelmente sabido que, pesquizando-se descobre-se, descobrindo se ajunta; ajuntando-se methodiza-se, e methodizando-se leva-se á luz da publicidade; e então publicando-se todas essas tradições gloriosas, todos esses documentos concernentes á historia, archeologia e geographia do imperio, estabelece-se um laço de unidade e de continuidade entre o nosso ser de hontem, e o nosso ser de hoje: na phrase de Lamartine, prepara-se o élo magico, que deve unir a actualidade e a posteridade; e finalmente, dando-se conhecimento dos grandes feitos d'armas, do heroismo sem par, da in-

trepidez e coragem com que os nossos heróes souberam sustentar no campo bellicoso a nobre causa de honra e patriotismo, faz-se lembrar a gloria immorredoira da nação, e o padrão do nome e fama indoleveis de Pernambuco.

E eis, senhores, os nobres e patrioticos desejos que presidiram á inauguração deste Instituto; eis a missão sobre modo importante que cumpre desempenhar; eis o pensamento grandioso, o anhelo ardente com que os membros deste Instituto, superando alguns obices e difficuldades, vão todavia proseguindo na senda do encargo que espontaneamente receberam, por amor do sólo em que nasceram; porque, senhores, força é confessar, elles muito presam, e presam de coração, o titulo honroso, o nome distincto de Pernambucanos.

O Instituto Archeologico recebeu durante o anno social alguns donativos de obras e manuscriptos, os quaes passarei a mencionar, como me incumbem os Estatutos.

Remetteu-nos o Sr. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva um exemplar da *Historia da Independencia do Maranhão*; obra de merito, por elle escripta em estylo pomposo, que revela o seu esclarecido engenho.

O Exm.º Sr. Dr. João Silveira de Souza, em qualidade de Presidente desta provincia, fez presente ao Instituto do authographo do edital, que em 16 de Maio de 1812 mandou publicar o Dr. Ouvidor geral e Corregedor da comarca de Pernambuco, Clemente Ferreira França, para a solemne inauguração da villa do Limoeiro, creada por alvará regio de 27 de Julho de 1811.

Offereceu nos o nosso consocio o Sr. Dr. José Liberato Barroso um manuscripto incompleto da defeza do finado carmelita Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, perante a commissão militar de Pernambuco, cuja lettra se suppõe ser d'aquelle martyr.

Egual offerecimento fez ao Instituto o nosso collega o Sr. Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira

Accioli de Vasconcellos, de um manuscripto intimo do mesmo finado Fr Caneca.

O Instituto acolheu com prazer as remessas do Sr. Dr. João Francisco Duarte, *Diario da navegação de Pedro Lopes de Souza*, 1530 a 1532; e as *Memorias diarias da guerra do Brazil*, desde 1630 a 1639, escriptas pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Accioli de Sequeira e Silva: obras na verdade de summa importancia e utilidade, e com as quaes se enriqueceu o nosso archivo.

O Sr. Dr. Manoel de Figueirôa Faria, nosso consocio, offereceu um exemplar do *Diario de Pernambuco*, em que vem o extracto de uma carta do Bispo de Pernambuco, e depois de Elvas, em Portugal, D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, ao Principe Regente de Portugal, sobre negocios de Pernambuco.

O nosso socio honorario o Sr. Cesar Augusto Marques tambem offereceu os numeros 228 e 229 do *Ecclesiastico*, jornal catholico do Maranhão, onde se acha uma memoria que tem por titulo *Considerações sobre os interesses catholicos do Brazil*, pelo reverendo Dr. José Raymundo da Cunha.

Fez presente ao Instituto o Sr. Dr. Pergentino Saraiva de Araujo Galvão de tres impressos, contendo a apologia dos bens dos religiosos deste imperio, no tempo dos hollandezes, e o inventario dos predios que os mesmos hollandezes edificaram ou repararam até o anno de 1654, e das armas e petrechos bellicos que elles deixaram nesta provincia, quando a evacuaram. Impressos estes, na verdade bem curiosos, que muito servirão para esclarecer a verdade dos factos, quando se suscitem duvidas a respeito do que constituia o patrimonio dos batavos, quando dominaram a antiga Mauricéa.

O mesmo Sr. Dr. Pergentino offertou uma cópia da carta patente das que costumava passar o negro fanatico, conhecido pelo nome de *Divino Mestre;* e uma poesia das que em seu antro se recitavam.

O Instituto recebeu com agrado as offertas do Sr. Dr. Manoel da Costa Honorato : exemplar da *Folhinha Cathotica para o anno de 1864*, de sua composição, e o seu *Diccionario Topographico Estatistico Historico da provincia de Pernambuco*.

E' incontestavel a utilidade de semelhantes trabalhos. A facilidade com que em rapido olhar se póde conhecer as localidades, posições, distancias, limites, edificios e outros monumentos e curiosidades de uma provincia, dispensando longas e enfadonhas investigações : tudo falla em favor do aturado trabalho de seu autor, e faz ainda lembrar o zêlo, paciencia e gosto pronunciado de ser util á provincia que lhe déra o berço.

O Sr. Marcellino Santhiago Vasconcellos Leitão de Albuquerque remetteu-nos uma biographia manuscripta do finado major José Muniz Tavares.

O Sr. Dr. Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho offereceu um exemplar de suas poesias — *Auroras e Crepusculos*.

O Sr. Dr. José Avelino Gurgel do Amaral enviou ao Instituto um exemplar do seu discurso recitado, como orador da associação *Onze de Agosto*, na sessão solemne da posse da primeira Mesa administrativa deste Instituto.

O reverendo Sr. Fr. Pedro da Purificação Paz e Paiva remetteu um exemplar do Elogio funebre, por elle pronunciado, em qualidade de Vice-Director do Collegio dos Orphãos, no dia da commemoração dos fieis.

Diversos numeros do *Ensaio Juridico da Faculdade de Direito*, e da *Revista mensal do Instituto scientifico* de S. Paulo, foram offertados pelas respectivas redacções.

O Sr. Dr. Antonio Joaquim de Passos offereceu o primeiro numero do jornal — *A Primavera* — de que é redactor.

Os numeros 1 a 10 do periodico — *O Brazil* — foram offerecidos por seu redactor, Mr. Duprat.

O Instituto, finalmente, acolheu com agrado a offerta do Sr. Manoel Pinto Damaso, da interessante *Memoria* escripta pelo desembargador Bernardo José da Gama, que morreu visconde de Goyana, contendo tal *Memoria* as razões pelas quaes deve o Rio de Janeiro conservar a união com Pernambuco.

Esta obra, já pelo assumpto importantissimo de que trata, e já pela illustrada penna que a escreveu, é a todos os respeitos um donativo de subido valor, e que veio enriquecer o nosso archivo.

Tenho concluido a pesada tarefa que me foi incumbida pelos estatutos. O trabalho não é por certo digno do objecto, e nem tambem digno do Instituto.

Conheço a imperfeição delle, porque, na verdade, sobrepujou a esphera do orador.

A benevolencia, porém, do Instituto e do illustrado auditorio, é para mim a maior garantia, e o verdadeiro baptismo, para purificar as nódoas e os defeitos de que necessariamente se resente o discurso.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1864.

Padre, *Lino do Mónte Carmello Luna.*

HISTORIA PATRIA

Façanhas e rasgos de virtude e patriotismo de João Fernandes Vieira

Ha homens que ao passar por este mundo, apresentam em sua vida, um caracter tão elevado e proporções taes, que delles se apodera a imaginação, para fixar a expressão e a grandeza desses vultos predestinados ; tornando manifestas todas as suas bellas qualidades e virtudes.

Com este typo indelevel, são elles conservados na memoria de todos; e passando com admiração á posteridade vão enriquecer e abrilhantar as paginas da historia, tornando-se figuras eminentes, que servem de modêlo sublime e de bello exemplo ás gerações futuras.

A estas sombras pallidas e mudas devemos erguer monumentos, commemorar seus grandiosos feitos, para que a par do estimulo que desperta o desejo da imitação, haja de fortificar-se o sentimento de veneração e reconhecimento que lhes devemos, por suas magnanimas dedicações.

E' o que vamos fazer a respeito de João Fernandes Vieira, cujo retrato ahi fica collocado antes deste rapido bosquejo.

I

Os hollandezes invadem Pernambuco, e no dia 16 de Fevereiro de 1630, occumpam a villa de Olinda.

Para poder ganhar a povoação do Recife, restava ao inimigo tomar o forte de San Jorge situado no isthmo, pouco mais ou menos, onde se acha hoje edificada a capella de N. S. do Pillar de Fóra de Portas.

O Forte é assaltado por 4,500 hollandezes, e o capitão Antonio de Lima, que o commandava, attreve-se com a sua pequena guarnição e com o auxilio de vinte homens mais entreter o inimigo por cinco dias capitulando afinal com as honras da guerra.

Entre os vinte mancebos que voluntariamte se offereceram a Mathias de Albuquerque, e vieram em soccorro do Forte de San-Jorge achava-se um com o nome de João Fernandes Vieira, filho da ilha da Madeira, d'onde, com 11 annos de idade, tinha vindo para Pernambuco e já aqui existia ha 6 annos, contando a esse tempo 17 de sua idade.

Vieira, depois da capitulação da guarnição do For-

te, sahio com os seus companheiros, trazendo a bandeira portugueza, *com a qual se havia cingido por baixo de suas vestes*, afim de evitar que cahisse ella em poder dos vencedores.

Eis o primeiro feito d'armas em que entrou Vieira, e que sem ninguem o pensar, levantava a ponta do véu do futuro para mostrar que, o honorifico titulo de restaurador de Pernambuco era-lhe destinado.

Mal sabião os hollandezes que, entre aquelles soldados valorosos estava um homem que ficaria entre elles, para adquirir avultada fortuna, e d'ahi a quinze annos pôr-se em campo e constituir-se instrumento da liberdade patria, sustentando uma encarniçada luta de mais de oito annos, em a qual revelaria a constancia e abnegação mais assombrosas, até totalmente expulsalos de Pernambuco.

E' que ha certos homens predestinados!

II

A restauração de Portngal do poder dos hespanhoes em 1640, e a demissão e retirada do principe Mauricio do governo de Pernambuco em 1643, fizeram despertar nos vencidos a esperança de reconquistar a sua independencia.

O Supremo Conselho hollandez que ficou no governo da colonia, só aspirava o augmento de rendas; pelo que pôz em practica todas as tyrannias contra os habitantes, já perseguindo a Religião Catholica e os seus ministros já acossando com violentos processos os devedores portuguezes e brazileiros, finalmente consentindo em toda especie de extorsões e injustiças.

Assim tratados, resolveram os habitantes de Pernambuco derribar o governo hollandez, preparando em segredo os meios de levar ao cabo esta patriotica empreza.

A este tempo João Fernandes Vieira residia no Recife entre os hollandezes já na posse de sua avultada fortuna e gozando de grande credito , pelo que é convi-

dado para a conjuração, cujo plano assentataram seus membros communicar primeiro ao Governador Geral da Bahia Antonio Telles da Silva, o qual mandando o mestre de Campo André Vidal de Negreiros para sondar o espirito do paiz, este desempenha a sua commissão com a maior prudencia e tino.

Chega ao Recife com o simulado designio de ir visitar seu velho pai que ainda existia na Parahiba; e aproveitando-se da tregoa que então havia, reune os conjurados secretamente e dirige todo o plano da revolta, nomeando por chefe da mesma a João Fernandes Vieira.

Dirige-se á Parahiba, e alli dá tambem impulso e direcção á revolta; e de regresso á Bahia communica ao Governador Geral tudo quanto havia observado e feito.

A Divina Providencia, com alguma vista mysteriosa, permitte que os máos prosperem, e muitas vezes, que até prosigam em suas crueldades; mas por meios quasi sempre admiraveis prepara os successos que os tem de aniquilar.

E' que a injustiça não póde aproveitar aos homens embora a sua cegueira os leve a esse falso conceito!

III

Para o dia 24 de Junho de 1645 estava aprazado o rompimento da insurreição, mas antes dessa época dous conjurados denunciam ao Supremo Conselho do Governo hollandez todo aquelle plano.

Vieira avisado põe-se em campo, e reune mais de mil combatentes no dia 13 de Junho, aos quaes immediatamente armou e municiou.

Eis o primeiro rompimento da guerra memoravel que libertou o Brazil do dominio hollandez; cujo governo atterrado com a revolta emprega os meios de seducção, mandando offerecer a Vieira, de quem muito se temia, 200,000 ducados em dinheiro, para abandonar o partido e retirar-se á qualqner parte do mundo que escolhesse.

Repellida a offerta com a mais justa indignação,

responde Vieira que, *não vendia por tão baixo preço a honra de castigar tyrannos.*

Que bello exemplo de dignidade!

IV

Não querendoo Governador Geral da Bahia segundo as ordens que tinha da côrte de Lisbôa. comprometter a sua autoridade; *João Fernandes Vieira declara a guerra á Hollanda em seu proprio nome*; e o Supremo Conselho do Governo hollandez assombrado com este procedimento, põe em almoeda a cabeça de Vieira; o qual em represalia avalia as cabeças dos membros do Supremo Conselho, offerecendo por cada uma dellas — *doze mil florins.*

Que maravilhoso exemplo de arrojada confiança!

Esta qualidade, uma das que mais distingue os grandes Capitães dos homens vulgares, superabundou completamente em Vieira.

Nella baseou-se o seu esforçado valor, para que no meio dos perigos superasse todas as difficuldades, convertendo muitas vezes em vantagem propria, aquillo mesmo que se lhe mostrava contrario e adverso.

Com a fama do seu nome, e com este importante predicado, fortalece Vieira o seu braço, sustenta a guerra começada, e marcha impávido ao termo feliz de tão patriotica empreza.

V

Não podia Vieira contar com auxilio algum de Portugal pela negativa formal que havia obtido daquelle governo, que não só negou-se a auxilial-o, como até transmittiu ordem positiva de desistir da empreza.

D'ahi em diante contou Vieira sómente com os proprios recursos, firmando ainda suas esperanças no Governador Geral da Bahia, que com simulação pro-

tegia a revolta, e no intuito de enfraquecer o inimigo, ordena a Vieira que faça cortar e queimar todas as cannas de assucar de Pernambuco.

Vieira, porém, vendo que, a execução desta ordem não devia ter lugar senão parcialmente, pelo prejuizo que tambem soffriam os portuguezes; para dar o exemplo, *manda primeiro queimar as suas plantações*.

Que rasgo de desinteresse e de grandeza d'animo!

VI

Os triumphos successivos obtidos por Vieira sobre os invasores, haviam-lhe augmentado a reputação e influencia; mas tambem lhe tinham grangeado rivalidades, odios e inveja,

A conjuração mais indigna trama-se contra elle que apezar de avisado pôz em duvida a veracidade do facto, por não acreditar que tão negra ingratidão podesse partir das pessoas indigitadas, que tanto lhe deviam.

Sua nobre confiança porém, não desarmou os traidores, e em um dia em que elle entrava no campo, tres negros sahem d'entre as cannas e fazem-lhe fogo, ferindo-o no braço direito com duas balas.

Nestas circumstancias e na sua posição, poucos seriam os que recusassem a vingança tão exigida pela tropa e por todos os seus verdadeiros amigos que o cercavam; mas Vieira sabendo d'onde lhe vinha o golpe, contenta-se com *reprehender os delinqnentes e expulsal-os d'entre os seus companheiros d'armas*.

Que sublime rasgo de generosidade e de clemencia!

VII

Corria o anno de 1647, quando El-Rei D. João IV de Portugal, vendo a pertinacia de Vieira na proseguição da guerra com as vantagens conseguidas, e sendo sabedor de que uma formidavel armada hollan-

deza preparava-se com destino á Pernambuco, tomou a resolução de mandar Francisco Barreto de Menezes com 300 homens para assumir o commando do exercito Pernambucano, com a patente de Mestre de Campo General ; o qual sendo prisioneiro na altura da Parahiba, foi pelos hollandezes conduzido para o Recife, de cuja prisão só poude evadir-se em fins de Janeiro de 1648, e apresentar-se no campo dos portuguezes.

Qual seria o homem que, como Vieira, tendo com tanta gloria sustentado até então semelhante empreza, cuja responsabilidade havia elle tomado sobre si, de bom grado entregasse o commando do exercito a outrem, nomeado por aquelle mesmo governo que lhe havia negado até a approvação do seu procedimento ?

Vieira reconhece o novo chefe e é o primeiro que lhe jura obediencia, com admiração geral..

Que exemplo de moderação e de fidelidade !

VIII

A segunda batalha dos Guararapes em 19 de Fevereiro de 1649, foi tão funesta para os hollandezes, que nunca mais ousaram medir-se no campo raso com os nossos.

A peleja foi encarniçada e furiosa de ambos os lados, e o general Brinck sustentando com inaudito valor o seu posto foi morto por uma bala de suas mesmas baterias já rendidas.

Vieira assaltado por um troço de inimigos perdeu o seu cavallo, e podendo montar em outro, salvou-se, espalhando-se todavia entre os hollandezes a noticia de sua morte.

Concedida aos inimigos a suspensão de armas por alguns dias, para enterrar os mortos, e acreditando ainda elles na morte de Vieira, o commandante da escolta de batedores, com benevolas expressões dirigidas aos nossos officiaes mostrou o seu sentimento, por tão infausto successo ; porém Vieira avisado apparece-lhe de repente e diz-lhe com uma dignidade seve-

ra : *Dizei a Sigismundo vosso general que, si os hollandezes emquanto vivo me olharam como seu flagello, não cessarei de o ser depois da minha resurreição.*

Que bello exemplo de elegante bizarria !

IX

Quasi cinco annos decorreram depois desta importante victoria, sem que as nossas armas estivessem no descanço um só dia.

Os hollandezes encurralados no Recife, apenas faziam algumas sortidas, nas quaes eram sempre desbaratados, ate que diminuindo os seus fracos recursos, a sua penuria chegou ao maior auge.

Os nossos estreitando o sitio da praça com a mais exacta disciplina, tratavam de preservar-se de toda a sorpreza, visto que não podiam tentar um ataque decisivo.

Entretanto chega a esquadra de Pedro Jaques de Magalhães, que resolve-se a coadjuvar o exercito Pernambucano.

Bloquear o porto do Recife e atacar por terra todas as fortificações exteriores dos hollandezes foi obra que tanto teve de feliz na concepção do plano como no resultado da execução.

Cahiram pois em poder dos nossos todos os fortes e reductos do inimigo, uns com resistencia, outros por abandono ; até que chegados ao ultimo e mais importante baluarte da antiga Mauricéa, *a fortaleza das Cinco Pontas*, foi esta assaltada e tomada pelo nosso valente e denodado Mestre de Campo André Vidal de Negreiros.

Com este revez, contando-se perdidos e sem remedio, capitularam os hollandezes, e no memoravel dia 27 de Janeiro de 1654 coube a João Fernandes Vieira a gloria, como chefe da vanguarda, de tomar posse do Recife, depois de uma luta de 8 annos, 7 mezes e 14 dias, em que consumio grande parte de sua fortuna e o melhor de sua existencia.

Tinha Vieira 17 annos, quando os hollandezes invadiram Pernambuco; tinha 32, quando poz-se em campo e ergueu o estandarte da revolta; e 40 quando conseguiu expulsa-los de uma vez desta terra que adoptou por patria, e a qual amou de véras.

Eis um homem filho do povo, nascido na escravidão e elevado pelo seu merecimento, para dar-nos o exemplo da maior grandeza d'alma, abnegação patriotica e de muitas outras qualidades raras que possuia.

Venere-o a posteridade e sejam suas virtudes imitadas.

S. H. de Albuquerque.

Descendencia de João Fernandes Vieira.

JOÃO FERNANDES VIEIRA, Fidalgo da Casa Real, do Conselho de Guerra de Sua Magestade, Commendador das Ordens de Christo, San Pedro de Torradas e Santa Eugenia de Aula, Alcaide mór da Villa do Pinhel, Superintendente das Fortificações de Pernambuco e das Capitanias do Norte, Mestre de Campo General, Restaurador da mesma Provincia de Pernambuco, Governador da Parahiba do Norte, Governador e Capitão General do Reino de Angola com o titulo de Vice Rei, e pelo Santo Padre Innocencio X agraciado com o titulo de Restaurador da Igreja na America; nasceu na ilha da Madeira em 1613, sendo seu pai Francisco de Ornellas Muniz.

Casou com D. MARIA CESAR, filha de Francisco Berenguer de Andrada, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Joanna de Albuquerque, natural de Pernambuco.

Não teve filhos deste consorcio, e falleceu em 1681 com sessenta e sete annos de idade. A descendencia que deixou procede de duas filhas naturaes, a saber:

I. *D. Maria Joanna Cesar*, filha natural de João

Fernandes Vieira e de D. Cosma Soares ; casou com *Jeronymo Cesar de Mello* Fidalgo da Casa Real, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão-mór de Maranguape ; filho de Agostinho Cesar de Andrada e de sua mulher D. Laura de Mello.

• Este Agostinho Cesar de Andrada era natural da ilha da Madeira ; prestou relevantes serviços na guerra contra os hollandezes, teve o fôro de Fidalgo da Casa Real, foi Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e governou a provincia do Rio Grande do Norte e a ilha de Itamaracá.

II. *D. Joanna Fernandes Cesar*, filha natural de João Fernandes Vieira ; casou com *Gaspar Achioli de Vasconcellos* Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, filho de João Baptista Achioli e de sua mulher D. Maria de Mello. Foi Alcaide-mór da cidade da Parahiba do Norte, e senhor do engenho Santo André.

III. *Manoel Fernandes Vieira*, filho natural de João Fernandes Vieira e pelo mesmo perfilhado nos livros de Sua Magestade. Tomou ordens sacras e foi depois Vigario de Itamaracá e senhor do engenho Inhaman.

IV. Teve VIEIRA mais um filho natural da portugueza MARIA DE ARRUDA, como declara em seu testamento, o qual fallecêra dias depois de nascido.

S. H. de Albuquerque.

Fundação de varias Igrejas.

Era tão profundo o sentimento religioso em os nossos Chefes, que, depois de conseguida a restauração de Pernambuco do poder dos Hollandezes, pozeram elles em execução as promessas que, segundo snas devoções, cada um havia feito no meio dos combates.

I. *Francisco Barreto de Menezes* levantou sobre os gloriosos montes Guararapes a Igreja que hoje vemos de Nossa Senhora dos Prazeres, e dotou-a, com a con-

23

dição de celebrar-se uma missa todos os dias pelas almas dos que morreram nas duas batalhas alli dadas, e nas ultimas que se seguiram até a restauração da provincia.

II. *João Fernandes Vieira* levantou em Olinda a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, hoje conhecida por Santa Thereza, onde se acha o Collegio das Orphãs e já esteve o dos Orphãos.

III. *André Vidal de Negreiros* erigiu tambem com a mesma invocação de Nossa Senhora do Desterro a Igreja de Itambé, de Goianna, a qual dotou grandemente.

IV. *Henrique Dias* edificou a Igreja da Estancia, com a invocação de Nossa Senhora das Fronteiras, por ser alli o posto, ou estancia, em que com a sua gente se alojava, o qual de todos era o mais proximo do inimigo. Sendo aquella Igreja edificada de taipa, veio a arruinar-se com o tempo, e o seu segundo successor Domingos Rodrigues Carneiro, e mais officiaes e soldados do seu terço, á sua custa, com esmolas e auxilio da Fazenda Real, deram principio á Igreja que hoje existe e que os seus successores concluiram.

V. *D. João de Souza* Mestre de Campo e sua mulher D. Ignez Barreto de Albuquerque, levantaram a Igreja e hospital com a invocação de Nossa Senhora do Paraizo e San João de Deus, ao qual vincularam muitos bens.

VI. *O Capitão João do Rego Barros* erigiu em Fóra de Portas, no Recife, uma Igreja com a invocação de Nossa Senhora do Pilar, e instituiu abundantemente o vinculo do mesmo nome.

S. H. de Albuquerque.

REVISTA

DO

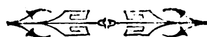
INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

N. 6

Janeiro de 1865



RECIFE

Livraria de Tondella, Cockles & C.ª

1898

ASSEMBLÉA GERAL

Sessão de eleição, em 15 de Fevereiro de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Witruvio, José dos Anjos, João Alfredo, Aprigio Guimarães, Rodrigues Campello, Figueirôa, e Torres Bandeira, e os Srs. coronel Veiga Pessôa, padre Lino, e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 21 e 27 de Janeiro.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente :

Um officio do coronel Tiburtino Pinto de Almeida, communicando acceitar a sua nomeação para socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Outro da sociedade Philartista, convidando o Instituto para a sua sessão de installação, declarando o mesmo Sr. Secretario perpetuo que, na auseucia do Sr. Presidente do Instituto, elle havia, na forma dos Estatutos, nomeado para a respectiva commissão aos Srs. Dr. Torres Bandeira e padre mestre Lino.

Um parecer da commissão de fundos e orçamento, acompanhado de um projecto de receita e despeza, orçada para o futuro anno social de 1864 a 1865.

Fica sobre a mesa para ser opportunamente discutido.

ORDEM DO DIA

Procede-se a eleição da mesa administrativa, que dá em resultado o seguinte :

Presidente monsenhor Dr. Francisco Muniz Tavares;

1.º Vice-Presidente Dr. Joaquim Pires Machado Portella;

2.º Vice-Presidente Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães;

3.º Vice-Presidente coronel Antonio Gomes Leal;

2.º Secretario major Salvador Henrique de Albuquerque;

Supplentes Drs. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioly de Vasconcellos e Antonio Rangel de Torres Bandeira;

Orador Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa;

Thesoureiro Dr. Gervasio Rodrigues Campello.

Passando-se á eleição das commissões, o Sr. Secretario perpetuo á vista da combinação dos arts. 10 e 27 dos Estatutos, apresenta a duvida em que estava sobre a nova eleição das commissões, que no seu pensar, só no caso de vagas deveriam ser nomeadas.

Submettida esta duvida á consideraçaão do Instituto, depois de tomarem parte na discussão varios senhores, decide-se pela eleição das commisssões, sendo eleitospara a de redacção da revista: os Srs. Drs. Aprigio, Torres Bandeira, e Braz Florentino;

Fundos e orçamento: os Srs. Drs. Witruvio, Souza Reis e o Sr. Francisco de Barros;

Revisão de manuscriptos: os Srs. Drs. José dos Anjos, João Alfredo, e Paula Salles.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 1.º de Abril, a posse dos novos eleitos para a mesa administrativa, discussão do orçamento, e continuação da eleição de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavaaes*, Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella*, Vice-Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

25.ª sessão ordinaria no dia 1 de Abril de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Witruvio e Figueirôa, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da antecedente,

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte expediente:

Um officio do Exm. Ministro do Imperio, conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, participando haver S. M. o Imperador se dignado acceitar o titulo de Presidente Honorario do Instituto.

E' recebida esta communicação com profundo reconhecimento e muito especial agrado.

Outro do 1.º Secretario da Associação Typographica Pernambucana, dando em nome da mesma Associação os motivos que occorrêram para que não comparecesse á commissão nomeada a assistir á sessão, em Assembléa Geral do anniversario deste Instituto. —Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Machado Portella, participando não lhe ser possivel comparecer á sessão de hoje. —Inteirado.

Em seguida o Sr. Secretario perpetuo apresenta sobre a mesa a provisão ou diploma, em virtude do qual fôra pelo Governo da provincia approvada legalmente a existencia do Instituto com sanção dos respectivos Estatutos —Que se archive.

Continùa a eleição das commissões, que ficam assim compostas:

Trabalhos historicos e archeologicos: Padre Lino, Drs. Epaminondas e José dos Anjos;

Subsidiaria desta: Drs. Cicero Peregrino, Amaro de Albuquerque e Eduardo de Barros;

Trabalhos geographicos: Drs. Souza Bandeira, Torres Bandeira, e Figueirôa;

Subsidiaria desta: Drs. Souza Reis, Serafico, e Witruvio;

Admissão de socios: Commendador Figueirôa coronel Leal, e coronel Veiga Pessoa;

Pesquizas de manuscriptos e monumentos historicos: Drs. José Liberato, Menna Calado e o Sr. Francisco de Barros;

O Sr. Dr. Figueirôa, a pedido do Sr. Thesoureiro, declara que este deixa de comparecer á sessão de hoje, por estar occupado em trabalhos da Assembléa Provincial.

O Sr. Presidente declara addiada a discussão do orçamento para a seguinte sessão, que terá lugar no dia 14 do corrente, com assistencia do Sr. Thesoureiro, bem como trabalhos de commissões e outros que apparecerem.

Levanta-se a sessão. — *Mosenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.— *Joaquim Pires Machado Portella*, Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

—

26.ª sessão ordidnaria, no dia 14 de de Abril de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Rodrigues Campello e Wirtruvio, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

E' apresentado sobre a mesa pelo mesmo Sr. um numero do jornal intitulado—*O Brazil*— offertado ao Instituto pela respectiva redacção.—Recebe-se com agrado, e manda-se archivar.

O 2 º Secrerario, como auctor da indicação approvada em sessão de 21 de Janeiro ultimo, faz a leitura da representação que fôra incumbido de redigir, para ser levada á Assembléa Geral, solicitando da mesma uma lei, que declare de festa nacional para esta provincia o dia 27 de Janeiro, a qual é concebida nos seguintes termos:

« Augusto e Dignissimos Srs. Deputados da Nação Brazileira!

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, por uma resolução sua, tomada em sessão de 21 de Janeiro deste anno, vem ao seio da Representação Nacional invocar o seu esclacido patriotismo em favor de um dia notavel para a provincia de Pernambuco.

O dia 27 de Janeiro de 1654 foi o da restauração do seu territorio, saccudindo de si denodado e para sempre o jugo hollandez.

Depois de 7 de Setembro é este o maior dia dos annaes de Pernambuco, porque lhe recorda os multiplicados rasgos de abnegação e amor da patria de seus antepassados, em tão santa e gloriosa causa.

Em época pouco remota, semelhante dia não passava desapercebido em Pernambuco: era solemnisado como são hoje os da festa nacional em todo o Imperio.

Infelizmente, porem, por circumstancias que o Instituto não pretende investigar, deixou esse dia de ser commemorado depois de certo tempo.

E' a renovação desta herança tradicional que o Instituto sollicita para a sua Provincia, requerendo, como aqui requer, aos Augustos e dignissimos Representantes da Nação, hajam por bem declarar por lei que de hora em diante seja considerado de festividade nacional para Pernambuco o dia 27 de Janeiro, com feriado em todas as estações publicas da Provincia.

Sala do Instituto, 14 de Abril de 1864.»

E' approvada a redação, declarando o Sr. Pre-

sidente que vai ser remettida a representação ao seu destino, por intermedio do nosso socio Orador o Sr. Dr. Feitosa,

São lidas e vão á commissão respectiva duas propostas: uma, do Sr. Dr. Witruvio, indicando para socio correspondente ao Dr. Marianno Joaquim da Silva, de Maceió; e outra dos Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, indicando para socio effectivo ao Dr. Antonio Maria de Faria Neves.

Procede-se á leitura do parecer adiado da commissão de fundos e orçamento, relativo ao balanço da receita e despeza do anno social findo.

Tomam parte na discussão os Srs. Thesoureiro, Dr. Witruvio e o 2.º Secretario, que conclue apresentando uma proposta, para que os vinte por cento, que deve ter o continuo do Instituto, e de que falla o art. 3.º dos additivos, comprenhendam tambem as mensalidades.

Depois de alguma discussão, em que o Sr. Dr. Witruvio sustenta o parecer e combate a proposta, é esta remettida á commissão de fundos e orçamento para dar o seu parecer sobre ella.

Approva-se em seguida uma emenda do 2.º Secretario, para que seja adoptado o parecer da commissão de orçamento, menos na parte que propõe a restituição da quantia recebida pelo cobrador por porcentagem das mensalidades, facto que fica approvado, sem que haja restituição alguma

E' igualmente adoptado um requerimento do Sr. Thesoureiro, para que volte o orçamento da receita e despeza á commissão respectiva, afim de modifical-o, de conformidade com a emenda approvada.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que terá lugar no dia 28 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.— *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães,* 2.º Vice-Presidente.—*José*

Soares de Azevedo, Secretario perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretaro.

27.ª sessão ordinaria, no dia 12 de Maio de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Rodrigues Campello, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Wirtuvio e Figueirôa, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da antecedente, que é appravada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguin-expediente:

Um officio do Sr. Dr. Aprigio, participando não ter podido comparecer á sessão anterior.—Inteirado.

Outro de Viriato Sergio de Moura Mattos, offerecendo ao Iustituto um compendio de Geographia Universal, edição de 1824, pelo commendador Basilio Quaresma Torreão.—E' recebido com agrado e manda-se archivar.

Uma brochura, contendo a biographia do Exm. Bispo Conde Capellão-Mór D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, redigida pelo Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, nosso socio correspondente, e pelo mesmo offerecida ao Instituto.—E' recedida com especial agrado e manda-se arhcivar.

Procede-se á leitura dos seguintes pareceres:

Um da commissão de fundos e orçamento, acompanhado do balanço da receita e despeza, modificado na parte relativa ao saldo do anno anterior, e que passa para a receita do presente.—E' approvado.

Outro da mesma commissão, declinando para a de

redação da *Revista* a competencia de apreciar a proposta do 2.° Secretario. relativamente á porcentagem do continuo do Instituto, consagrada no art. 3.° dos addictivos, que a proposta quer tornar extensiva ás mensalidades arrecadadas.— E' approvado.

Outro da commissão de admissão de socios, pronunciando-se a favor das propostas que lhe fôram submettidas; em consequencia do que, corre o escrunio, e são approvados para socios effectivos os Srs. Dr. Antonio Maria de Faria Neves, Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, e José de Vasconcellos; e para correspondentes os Srs. Drs. Marianno Joaquim da Silva, de Maceió, e Manoel da Costa Honorato.

Vem á mesa duas propostas, uma do Sr. Dr. Aprigio, e outra do 2.° Secretario, indicando differentes candidactos para socios effectivos e correspondentes.— A' commissão respectiva.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião que terá lugar no dia 27 do corrente. trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Franciseo Muniz Tavares*, Presidente.—*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.° Vice-Presidente.—*Dr. José Soares de Azevedo,* Secretario Perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

———

28.ª sessão ordinaria, no dia 27 de Maio de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Paula Sales, Rodrigues Campello, e Soares de Azevedo, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.º Secretario faz a leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente:

Um officio do Dr. Antonio Maria de Faria Neves, agradecendo a sua eleição para socio effectivo deste Instituto, com declaração de que acceitava.— Inteirado.

Outro do Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, fazendo a mesma commuuicação.— Inteirado.

Acha-se sobre a mesa o n. 15 do periodico *Brazil*, offertado ao Instituto pela respectiva redacção.—E' recebido com agrado, e manda-se archivar.

Procede-se á seguinte leitura:

Um parecer da commissão de redacção da *Revita*, pronunciando-se a favor da proposta do 2.º Secretario, para que a porcentagem de que falla o art 3.º dos additivos, que deve perceber o continuo do Instituto, seja extensiva as mensalidades dos socios pelo mesmo arrecadadas.—Approvado.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que terá lugar no dia 9 de Jnnho, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Dr. Aprigio Justiniana da Silva Guimarães*, 2º. Vice-Presidente — *Jose Soares de Azevedo*. Secretario-Perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*. 2º. Secretaorio.

29.ª sessão ordinaria, no dia 9 de Junho de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de de Azevedo, Rodrigues Gampello, Figueirôa e Torres

Bandeira, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

Entra e toma assento como socio effectivo ultimamente eleito o Sr. José de Vasconcellos.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo procede a leitura do seguinte:

Um officio do Dr. Manoel da Costa Honorato, em resposta ao Sr. Secretario perpetuo, manifestando a sua gratidão e reconhecimento, pela subida honra de o ter o Instituto nomeado para seu socio correspondente.— Inteirado.

Uma indicação do Sr. Dr. Machado Portella para que, quando viér tomar assento pela primeira vez neste Instituto algum socio effectivo haja de recitar um discurso de admissão, como se pratica em semelhantes associações na Europa; devendo o Orador do Instituto responder-lhe, ou outro qualquer socio, previamente designado pelo Sr. Presidente.—A' commissão de redação da *Revista*.

Uma proposta do Sr. Dr. Aprigio Guimarães, lembrando para socio correspondente ao major Manoel Vicente da Cunha, da provincia das Alagôas em Pão-de Assucar.

Outra do mesmo senhor, propondo para socio effectivo ao Dr. Cypriano Fenelon Guedes Alcoforado, natural do Ceará e residente nesta cidade.

Outra do Sr. Dr. Torres Bandeira, propondo para socios honorarios a Innocencio Francisco da Silva, escriptor publico, natural de Lisbôa e alli residente; e a Luiz Felippe Leite, director da Escola Normal e primaria daquella cidade, e ali tambem residente; e para socios correspondentes a Antonio Deodoro de Pascoal, escriptor publico; empregado e residente na côrte do Imperio, e ao major Antonio Marques de Albuquerque Cavalcante, advogado e residente na villa de Buique. — A' commissão de Admissão de socios.

O Sr. padre Lino do Monte, obtendo a palavra, faz varias considerações ácerca da informação que acaba de ter, relativamente a uma casa de sobrado da rua de San-Bento de Olinda, que estava em concerto, e na qual lhe affirmavam existir em pintura, no tecto da rsspectiva sala da frente, as armas de João Fernandes Vieira.

O 2.° Secretario, obtendo a palavra, observa a impossibilidade de semelhante existencia, porque, a casa apontada pela tradição constante de haver pertencido a João Fernandes Vieira, e onde elle fallecêra, é o ultimo sobrado do lado do poente, cujo oitão do Sul olha para o mosteiro de San-Bento; e que, informando-se do actual proprietario sobre o caso, este lhe dissera ser verdade que, quando fizera o concerto do referido sobrado, encontrára nas taboas do forro da sala, antigas pinturas, que lhe parecêram de brasões ou armas; mas que estavam, com o estrago das chuvas, já tão apagadas, que pouco se podiam divisar; sendo que estas taboas foram aproveitadas, para o novo forro que se fez.

O Sr. Presidente, attendendo a que sobre o objecto deviam-se fazer algumas pesquizas e procurar informações, que de algum mo o possam conduzir-nos ao conhecimento da verdade, nomeou em commissão para este fim aos mesmos Srs. padre Lino do Monte e Salvador Henrique.

O mesmo Sr, Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que terá lugar no dia 23 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente. — *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães,* 2.° Vice-Presidente.—*Josè Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

———

30.ª sessão ordinaria, no dia 23 de Junho de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Nascimento Feitosa, Soares de Azevedo, Rodrignes Campello, Faria Neves, Gusmão Lobo, Torres Bandeira, Figueirôa e Witruvio, e os Srs. padre Lino do Monte e majoa Salvador Henrique, abre-se a sessão. Lida pelo 2.° Secretario a acta da antecedente, é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo procede á leitura do seguinte expediente:

Um officio de 12 do corrente, do proprietario e redactores do jornal *Mercantil* de Alagoas, Olympio Euzebio d'Arroxelas Galvão e Boaventura José de Castro Azevedo, acompanhado de alguns numeros daquelle jornal, que os mesmos Srs. offerecem ao Instituto, pedindo em troca os numeros da *Revista trimensal*, com a declaração de que já haviam feito remessa, desde muito, de outros numeros do referido jornal. — Recebido com agrado, manda-se responder que, só agora haviam chegado os jornaes de que trata o mencionado officio.

Outro do Sr. Dr. Figueiroa, offertando ao Instituto um volume da obra que trata das *Brazileiras celebres* por J. Norberto de Souza e Silva, e vinte e dous nnmeros do *Medico do Povo ou Brazil Historico*, jornal publicado na côrte, pelo Dr. A. J. Mello Moraes.— Recebido com agrado, manda-se archivar.

Outro do Gentil-Homem da Imperial Camara, Manoel Hygino de Figueiredo agradecendo a sua eleição para socio hnnorario deste Instituto, ao qual manifesta o alto apreço com que recebeu essa graciosa distincção.—Inteirado

O Sr. Dr. Gusmão Lobo, obtendo a palavra em um breve discurso agradece ao Instituto a sua appro-

vaçao para socio effectivo, cuja cadeira é hoje por elle pela primeira vez occupada.

O Sr. Dr. Feitosa, como Orador, responde ao mesmo Sr. em termos congratulatorios e lisongeiros.

O mesmo Sr. Dr. Feitosa communica que recebera na corte a representação do Instituto, para ser levada á Assembléa Geral, na qual se solicita uma lei, que declare de Festa Nacional para esta provincia o dia 27 de Janeiro; e que, apresentando-a á camara dos Srs, Deputados, fôra ella remettida á commissão competente, da qual fazia parte o mesmo senhor; mas que, não podendo a referida commissão, por a fluencia de trabalhos, tomar conhecimento da mencionada representação,ao retirar-se para esta provincia, a havia recommendado aos companheiros; esperando que se realisasse o desejo do Instituto, se não na presente, ao menos na seguinte sessão daquella Assemblêa.

O. Sr Dr. Figueirôa apresenta sobre a mesa e offerece ao Instituto um exemplar impresso em 1829 da oração que nesse mesmo anno pronunciou na Igreja de San-Pedro Apostolo, desta cidade, o Rvd. academico João Baptista da Fonseca, no dia dos annos do Sr. D. Pedro I.— Recebido com agrado, manda-se archiver.

O 2.º Secretario Salvador Henrique declara que, tendo em commissão com o Sr. padre Lino do Monte se dirigido a Olinda no dia 18 do corrente, ali empregára toda a deligencia nas pesquizas que a commissão incumbia fazer, para descobrir o sobrado em que fallecêra João Fernandes Vieira, assim como a sepultura em que fòra seu corpo depositado na egreja da Misericordia daquelle cidade, segundo a tradição constante; e que deste trabalho ainda não podia a commissão dar conta, por falta de mais esclerecimentos que procura; nutrindo a lisongeira esperança de não serem inteiramente baldados os esforços da commissão a qual apresentará o seu relatorio o mais breve que lhe fôr possivel.

Vai a imprimir, para ser discutido na sessão seguinte o parecer da commissão de redação da *Revista*, approvando a indicação do Sr. Dr Machado Portella, apresentada na sessão de 9 do corrente, relativamente á recepção dos socios effectivos, no acto de tomarem elles assento. Mandam-se archivar os numeros, que se acham sobre a mesa, do jornal intitulado *Brazil* de Mr. Duprat, e de outro jornal religioso, tambem intitulado *Brazil*, do Sr. Dr. Raposo de Almeida, nosso socio.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que terá lugar no dia 7 de Julho' trabalhos e pareceres de commissões, e a discussão do parecer sobre a indicação do Sr. Dr. Machado Portella.

Levanta-se a sessão —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.— *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. —*Dr. Aprigio Justinianno da Silva Guimarães*, 2.º Vice-Presidente. —*José Soares de Azevedo*, Secretario Perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.



31ª. sessão ordinaria, no dia 7 de Julho de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Witruvio, Rodrigues Campello, Torres Bandeira e Nascimento Feitosa, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

Lida pelo 2.º Secretario a acta da antecedente, é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo, por intermedio do 2.º Secretario, participa não poder comparecer á sessão de hoje, por incommodado.—Recebe-se, e manda-se ar-

chivar o n. 67 do jornal catholico da Bahia intitulado *O Brazil*.

Entra em discussão o parecer addiado da commissão de Redacção da *Revista* sobre a indicação do Sr. Dr. Machado Portella, relativamente ao discurso que devem recitar os socios novamente eleitos, no acto de tomarem assento neste Instituto.

Vem á mesa uma emenda do Sr. Dr. Rodrigues Campello, que é discutida conjunctamente com o parecer: e tomando parte na discussão varios Srs., é a emenda retirada a requerimento de seu autor, e approvado o parecer, concebido nos seguintes termos:

« A commissão da *Revista* do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, a cujo conhecimento foi submettida a proposta junta, do socio effectivo do mesmo Instituto Sr. Machado Portella, lida na ultima sessão ordinaria, entende que o pensamento consignado na sobredita proposta deve ser approvado, e por isso apresenta o seguinte artigo, para ser adoptado como additivo aos Estatutos, ou para ser inserido onde melhor caiba:

Artigo... Sempre que haja de tomar assento no Instituto algum socio novamente eleito, deverá esse pronunciar um discurso de recepção, ao qual responderá, por parte do Instituto, o Orador do mesmo, ou qualquer outro socio, para isso designado pelo respectivo Presidente; devendo o recepiendo, logo que lhe conste officialmente a sua nomeação de socio, participar ao Instituto o dia em que pretende apresentar-se, afim de que possam o mesmo e o Orador, que tenha de responder-lhe, concordar entre si a respeito dos discursos a proferir na occasião da admissão, e tambem afim de que seja de antemão nomeada uma commissão de tres membros do Instituto, para receber o novo socio.

Sala das commissões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, aos 23 de Julho de 1864. — *Antonio Rangel de Torres Bandeira*. — *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*. »

Em seguida, faz-se a leitura do parecer da commissão respectiva, approvando seis propostas, que designam varias pessoas para as differentes cathegorias de socios.

Addiada a votação, por não se achar presente o Sr. Secretario perpetuo, o Sr. Presidente dá para ordem do dia 21 do corrente trabalhos e pareceres de commissões, e a votação de socios propostos.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique da Silva*, 2.º Secretario.

32.ª sessão ordinaria, no dia 21 de Julho de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Rodrigues Campello, Faria Neves, Torres Bandeira, Gusmão Lobo e Figuerôa, e os Srs. padre Lino do Monte e o major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente :

Um officio do Exm. Sr. Arcebispo da Bahia, agradeecndo a sua eleição para socio honorario deste Instituto, e accusando a remessa dos numeros da *Revista trimensal*, que com o respectivo diploma lhe fôram enviados. — Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Mariano Joaquim da Silva, declarando-se agradecido ao Instituto pela sua nomeação de socio correspondente. — Inteirado.

Outro de Aristides Augusto Milton, offertando ao Instituto o 1.º numero do jornal intitulado *O Futuro*,

publicado nesta cidade, e de cuja redacção faz parte o mesmo senhor, — Recebe-se com agrado e vai para o archivo.

Vem á mesa as seguintes offertas:

Do Sr. Dr. Gusmão Lobo, o ultimo numero publicado do *Constitucional Pernambucano*, promettendo o mesmo senhor a remessa dos numeros antecedentes que ainda existem.

Do Sr. padre Lino do Monte, um exemplar do opusculo publicado no Pará, intitulado *As ordens religiosas julgadas por escriptores protestantes*, pelo Exm. Bispo Diocesano.

Do Sr. Dr. Figueirôa, alguns numeros do jornal *Brazil historico*, em continuação de outros numeros do mesmo jornal, que já offertara ao Instituto. — Todas estas offertas são recebidas com agrado, e vão para o archivo.

Lê-se e remette se á commissão respectiva uma proposta do Sr. padre Lino do Monte, indicando varios Srs. para socios correspondentes.

Em seguida, correndo o escrutinio, é votado o parecer da commissão de admissão de socios, adiado da sessão passada, e são approvados os Srs. Innocencio Francisco da Silva e Luiz Filippe Leite, propostos pelo Sr Dr. Torres Bandeira, para socios honorarios; os Srs. Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão e tenente coronel Justino Pereira de Faria, propostos pelo Sr. 2.º Secretario, para socios effectivos; o Sr. Dr. Cypriano Fenelon Guedes Alooforado, proposto pelo Sr. Dr. Aprigio, para socio effectivo; e pelo mesmo senhor para socios correspondentes os Srs. Dr. José Correia da Silva Titára e major Manoel Vicente da Cunha; os Srs. Antonio Diodoro de Pascoal e major Antonio Marques de Albuquerque Cavalcanti, propostos para socios correspondentes pelo Sr. Dr. Torres Bandeira; e os Srs. Desembargadores Miguel Ayres do Nascimento e Antonio Joaquim de Albuquerque Mello, propostos para socios correspondentes pelo 2.º Secretario.

O Sr. Presidente, adiando a votação das mais propostas contidas no referido parecer, dá para ordem do dia da primeira reunião, que terá lugar no dia 4 de Agosto proximo, trabalhos e pareceres de commissões, e continuação da presente votação.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Fransisco Muniz Tavares,* Presidente, — *Joaquim Pires Machado Portella,* 1.º Vice Presidente — *José Soares de Azevedo,* Secretario perpetuo, — *Salvador Henrique de Albuquerque'* 2.º Scertario.

33.ª sessão ordinaria, no dia 4 de Agosto de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Braz Florentino, Nascimento Feitosa, Soares de Azevedo, Torres Bandeira e Figueirôa, e os Srs. padre Lino do Monte, José de Vasconcellos e major Salvador Henrique, abre-se a essão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona as seguintes offertas:

Varios numeros dos periodicos *O Brazil, Constitucional Pernambucano, Mercantil de Alagoas,* e *Ensaio Juridico,* remettidos pelas respectivas redacções. Os seguintes impressos pelo Sr. Dr. Paula Sales: — *Esposição nacional de 1861,* 4 volumes; *Glossaria linguarum brasiliensium,* 1 volume; *Memoria sobre a sericultura,* 1 volume; *Mnaual do Agricultor* 1 volume; *Monographia do Algodoeiro,* 1 volume; *O Lavrador pratico,* 1 volume; *Novo methodo do plantador de café,* 1 volume.

Pelo Sr. Padre Lino do Monte:

Um folheto, contendo a' Oração funebre que o

mesmo senhor recitou nas solemnes exequias celebradas no convento do Carmo desta cidade, pela alma do Exm. Bispo de Chrysopolis D. Fr. Pedro de Santa Marianna.

Pelo mesmo Sr. padre Lino, em nome de Rufino Antonio de Mello, um peso duro do reinado de Felippe III, de 1621.

Todas estas offertas são recebidas com agrado especial, e vão para o archivo.

O Sr. Presidente, abundando em varias considerações, faz sentir ao Instituto a necessidade de sêrem apresentados os trabalhos incumbidos a diversas commissões, por cujos pareceres insta, no mais curto espaço possivel; e derigindo-se aos socios a quem fôram distribuidos varios programmas èm relação a diversos assumptos, recommenda-lhes o cumprimento do que se acha disposto no art. 33 dos Estatutos.

O 2.º Secretario, obtendo a palavra, declara, em justificação da commissão de que elle e o Sr. padre Lino do Monte são membros, que a demora naapresentação dos seus trabalhos tem sido filha da necessidade de obtèr mais alguns esclarecimentos; e que podia assegurar ao Instituto não ser inteiramente falto de importancia o relatorio que a commissão pretendia apresentar em pouco tempo.

Em seguida o mesmo 2.º Secretario faz a seguinte proposta, que é lida, posta em discussão e approvada:

« Proponho que se mande tirar por certidão o óbito de D. Maria César, viuva de João Fernandes Vieira, a qual fallecêra em Olinda, como consta de um dos livros respectivos da freguizia de Sam-Pedro Martyr, afim de que tenhámos no archivo do Instituto este documento.

« Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 4 de Agosto 1864. - O 2.º Secretario *Salvador Henrique de Albuquerque.* »

São lidas e remettidas ás respectivas commissões tres propostas, designando varios senhores para socios.

O Sr. Presidente declara não continuar a votação

adiada das anteriores propostas. por falta da chave do archivo; e dá para ordem do dia da primeira reunião, que terá lugar a 18 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões, e continuação da votação adiada.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella,* 1.º Vice-Presidente. — *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães,* — 2.º Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo,* Secretario perpetuo. *Salvador Henrique de Albuquerque,* 2.º Secretario.

34.ª sessão ordinaria, no dia 18 de Agosto de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello, Soares de Azevedo, Faria Neves, Torres Bandeira e Figueirôa, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secrtario perpetuo dá conta do seguinte expediente:

Um officio do Sr. Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão significando o seu agradecimento por ter sido eleito socio effectivo do Instituto, e acrescentando que opportunamete viria tomar assento. — Inteirado.

Um parecer da respectiva commissão, approvando a admissão de diversas peasoas para socios do Instituto.

Adiado para a seguinte sessão.

A remessa, pelas respectivas redacções, das séries do *Constitucional Pernambucano*, *Mercantil de Alagoas* e do *Brazil da Bahia*, e bem como os ns. 28, 29 e 30 do *Brazil historico*, pelo Sr. Dr. Figueirôa.

Recebem-se com agrado, e vão para o archivo.

Em seguida corre o escrutinio, e são approvados para socios correspondentes os seguintes senhores, propostos pelo 2.° Secretario:

Desembargador Dr. Francisco Balthazar da Silveira, Desembargador Anselmo Francisco Peretti, Desembargador Alexandre Bernardino dos Reis e Silva, Desembargador Francisco de Assis Pereira Rocha, Desembargador Francisco Domingues da Silva, Desembargador Firmino Antonio de Souza, Dr. Joaquim Francisco de Faria, Barão do Rio Formoso, Dr. Manoel da Silva Neiva, Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha e coronel Domingos Affonso Nery Ferreira.

O Sr. Presideute dá para ordem do dia da seguinte reunião, que deve ter luaar no dia 1 de Setembro, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella*, 1.° Vice-Presidente. *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.° Vice-Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

---

35. sessão ordinaria, no dia 1 de Setembro de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Figuerôa, Gusmão Lobo, Rodrigues Campello e Torres Bandeira, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique abr-se a sessão.

O 2.° Secretario faz a leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente :

Um officio do tenente-coronel Justino Pereira de Faria, agradecendo a sua nomeação de socio effectivo do Instituto, e declarando que opportunamente communicará o dia em que terá de tomar assento. Inteirado.

A remessa, pelas respectivas redacções, dediversos numeros do *Constitucional Pernambucano*, *Brazil e Futuro*, bem como do jornal *Brazil historico*, offertado pelo Sr. Dr. Figuerôa.

Recebem-se com agrado, e manda-se para o archivo.

O 2.° Secresario, obtendo a palavra, declara que, tendo conseguido em confiança o original de uma escriptura pnblica de doação do patrimonio, que em 1675 fizera João Fernandes Vieira, para a ordenação de seu filho natural Manoel Fernandes Vieira, na qual se acha tambem assignada sua mulqer D. Maria César, e julgando conveniente que similhante peça fique archivada, propõe que se mande tirar publica fórma da referida escriptura, e a copia daquellas duas firmas, lithographadas em papel, afim de juntar-se á *Revista* trimensal do Instituto.

Depois de alguma discussão, approva-se a idéa, e manda-se tirar duzentas copias das mencionadas firmas.

O Sr. Dr. Figuerôa. obtendo a palavra, declara que, tendo conseguido do arrematante da demolição dos edificios em frente do Arsenal de Marinha umas pedras com inscripções antigas, pretendia fazel-as conduzir e apresentar ao Instituto na seguinite sessão, bem como tudo mais que podesse conseguir, concluindo por mandar á mesa a seguinte proposta :

« Proponho que se nomeie uma commissão para inspeccionar a demolição dos edificios em face do Arsenal de Marinha, onde existiram antigamente trincheiras, obtendo as pedras e mais objectos que alli houverem de datas remotas.

« Sala das sessões, 1 de Setembro de 1864. — *Dr. Manoel Figuerôa.*»

E' discutida e aprovada a proposta, e o Sr. Presi-

dente noméa para compôr esta commissão aos Srs. Drs. Figueirôa, Gusmão Lobo e Rodrigues Campello.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte reunião, que terá lugar no dia 15 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. — *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.º Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

36.ª sessão ordinaria, em 15 de Setembro de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Faria Neves e Figueirôa, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente:

Um officio do nosso socio correspondente Rvd. Dr. Manoel da Costa Honorato, convidando o Instituto para asssitir no dia 11 do corrente á sua missa nova, que terá lugar por occasião da festa de Nossa Senhora do Bom-Conselho, no convento de San-Francisco; depois da leitura do qual o Sr. Secretario perpetuo declara que, na ausencia do Sr. Presidente do Instituto, convidara alguns socios a comparecerem ao referido acto. —Inteirado.

Outro de Manoel Fonseca de Medeiros, acompanhado de um exemplar cartonado de sua obra *Noções*

de Partidas Dobradas, que offerece ao Instituto.— Recebe-se com agrado, e manda-se para o archivo.

A remessa de alguns numeros do *Constitucional Pernambucano*, offertados pela respectiva redacção, e de dois numeros do *Brazil historico*, pelo nosso socio Sr. Dr. Figueirôa.

São recebidos com agrado e mandam-se para o archivo.

O Sr. Presidente declara adiada a votação dos pareceres sobre admissão de socios, pelo limitado numero dos presentes, e dá para ordem do dia da seguinte reunião, que terá lugar no dia 29 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões e votação de pareceres adiados.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente.— *Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.º Vice-Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

———

37.ª sessão ordinaria, no dia 29 de Setembro de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Torres Bandeira, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello, Serafico, Witruvio e Amaro Joaquim, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona e lê o seguinte expediente:

Um officio do Rvm. Dr. Manoel da Costa Ho-

norato, agradecendo o obsequio da assistencia de alguns membros do Instituto ao acto de sua missa nova, celebrada no convento de San-Francisco desta cidade, no dia 11 do corrente. – Inteirado.

Outro do Exm. Conselheiro Presidente da Relação do Maranhão, Antonio Joaquim de Albuquerque Mello, agradecendo a sua nomeação de socio correspondente com que o honrou o Instituto. -- Inteirado.

Outro do Exm. Ministro do Brasil em Roma, José Bernardo de Figueiredo, manifestando o seu agradecimento pela sua nomeação de socio do Instituto.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão, scientificando que vinha, na presente sessão do Iustituto, tomar assento, como socio effectivo, para que fôra eleito.—Inteirado.

Outro do Presidente da sociedade *Ensaio Juridico*, Milciades Pereira da Silva, fazendo offerta dos tres primeiros numeros da *Revista mensal* daquella sociedade.—Recebidos com agrado, mandam-se para o archivo.

Vem á mesa as seguintes offertas :

Do Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, nosso socio correspondente, um exemplar das *Noções de Geographia do Brazil*, adaptadas ás escolas primarias, e quatro numeros do jornal *Brazil hiz-torico*.

Da respectiva redacção tres numeros do *Constitucional Pernambucano*.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

Constando achar-se na ante-sala o Sr. Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão, o Sr. Presidente noméa para a commissão que o tem de receber aos Srs. Dr. Torres Bandeira e Padre Lino do Monte.

Conduzido aquelle senhor pela commissão, toma assento, e depois de obter a palavra, dirige em breve allocução o seu agradecimento ao Instituto.

O Sr. Dr. Feitosa, como Orador, obtem a pala-

vra, e responde ao novo socio, congratulando-se pela boa vinda de tão importante operario, para a obra em que prosegue o Instituto.

Em seguida, o 2.º Secretario, como relator da commissão incumbida de verificar em que casa em Olinda residira e fallecêra João Fernandes Vieira, faz a leitura do relatorio dos trabalhos daquella commissão, apresentando sobre a mesa duzentos exemplares das firmas de Vieira e de sua mulher D. Maria Cesar, lithographadas, segundo a autorisação do Instituto, em sessão do 1.º do corrente.

O Sr. Presidenle, em nome do Instituto, dirige algumas palavras de agradecimento á commissão cujos membros são cumprimentados pelos socios presentes.

O Sr. Secretario perpetuo, obtendo a palavra, faz algumas considerações acerca do valioso concurso prestado á commissão pelo nosso socio Sr. major Salvador Coelho de Drummond Albuquerque, concluindo por uma proposta para um voto de agradecimento do Instituto á aquelle senhor, a qual é approvada.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte reunião, que deverá ter lugar no dia 13 do proximo mez de Outubro, trabalhos e pareceres de commissões e votação dos pareceres adiados.

Levanta-se a sessão —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. —*Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. —*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.º Vice-Presidente. —*José Soares de Azevedo*, Secretario Perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

———

38ª. sessão ordinaria, no dia 24 de Novembro de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs.

Machado Portella, Aprigio Guimarães, Rodrigues Campello, Soares de Azevedo, Torres Bandeira, Gusmão Lobo, João Alfredo, Cicero Peregrino, Soares Brandão, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da sessão de 29 de Setembro, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona e lê o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Desembargador Alexandre Bernardino dos Reis e Silva, agradecendo a sua nomeação de socio correspondente do Instituto, e declarando que acceita.—Inteirado.

Outro do Sr. Desembargador Anselmo Francisco Peretti, no mesmo sentido.—Inteirado.

Uma carta do Maranhão, datada de 9 do corrente e assignada por varios senhores daquella capital, solicitando do Instituto algum donativo, para erigir-se, em uma das praças da cidade de San-Luiz, um monumento, que perpetue a memoria do grande poeta brazileiro Antonio Gonçalves Dias, sepultado no fundo do Oceano, pelo desastroso naufragio do navio em que regressava á sua patria.

O Sr. Presidente, approvando esta idéa generosa e patriotica, aconselha a abertura de uma subscripção.

O Sr. Dr. Aprigio, obtendo a palavra, propõe que se nomêe para este fim uma commissão, e se publique pelos jornaes convites neste sentido invocando-se o patriotismo de todos os brazileiros.

Em seguida o Sr. Presidente designa os Srs. Drs. Soares Brandão e Gusmão Lobo, para compôrem a commissão a este fim destinada.

Acham-se sobre a meza as seguintes offertas:

Pela respectiva redacção varios numeros do *Constitucional Pernambucano*.

A continuação dos numeros do *Brazil historico* e do *Brazil catholico*.

Um exemplar, impresso em 1839, do inventario das armas e petrechos bellicos que os hollandezes dei-

xaram e dos predios que havião edificado ou reparado, nesta cidade, até o anno de 1654, pelo Dr. Gusmão Lobo.

Todas estas offertas são recedidas com agrado, e mandam-se archivar.

São remettidas á respectiva commissão duas propostas para socios effectivos e correspondentes, assignadas pelos Srs. João Alfredo, Gusmão Lobo, Soares de Azevedo e padre Lino do Monte.

São encaminhadas á commissão de trabalhos historicos e archeologicos duas propostas do 2.º Secretario : uma para que se mande collocar na frente do sobrado da Rua de San-Bento de Olinda, onde habitou e falleceu João Fernandes Vieira, uma lapide commemorativa ; e outra para mandar-se copiar pelo systema lithographico o retrato de João Fernandes Vieira, que existe no *Castrioto luzitano*, edição de 1679, sendo essa copia reproduzida em duzentos exemplares para juntar-se ao numero da *Revista* do Instituto, que se houver de publicar.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte renniáo, que deverá ter lugar no dia 9 de Dezembro proximo, trabalho e pareceres de commissões, e votações de pareceres adiados.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. — *Dr. Aprigio Justiniana da Silva, Guimarães*, 2º. Vice-Presidente —*Jose Soares de Azevedo* Secretario-Perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*. 2º. Secretaorio.

39.ª sessão ordinaria, no dia 9 de Dezembro de 1864.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de

Azevedo, Nascimento Feitosa, Soares Brandão, Torres Bandeira, Witruvio, Rodrigues Campello e Serafico, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.º Secretario dá leitura da acta da sessão de 24 de Novembro, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte:

Um officio do Sr. Dr. Lourenço Francisco de Almeida Catanho, communicando acceitar com reconhecimento a nomeação de socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Outro do Sr. tenente-coronel Justino Pereira de Faria, declarando que vinha tomar assento na sessão de hoje, como socio effectivo.—Inteirado.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Um exemplar dos *Apontamentos para o Diccionario historico e geographico do Maranhão*, pelo doutor em medicina César Augusto Marques, nosso socio honorario; e uma breve *Memoria sobre a introducção da vaccina no Maranhão*, pelo mesmo auctor, offertados ao Instituto.

Um exemplar do *Epitome historico de Portngal*, desde a fundação da monarchia até hoje, por Daniel Gonçalves de Azevedo, da provincia do Maranhão, offerecido pelo autor ao Instituto.

Um *Mappa demonstrativo* das preparações existentes no Gabinete de Anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia, pelo Dr. Jonathas Abott, lente de anatomia descriptiva da mesma Faculdade, e por aquelle senhor offertado ao Instituto.

O numero 3.º do periodico *Aurora Pernambucana*, de 7 de Abril de 1821, offertado, como uma curiosidade pelo Sr. padre Lino do Monte.

Os seguintes jornaes, pelas respectivas redacções:

Dous numeros do *Constitucional Pernambucano*, tres do *Brazil agricola*, um do *Brazil historico*, e um do *Futuro*.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

O Sr. Dr. Witruvio, em nome de Thomaz Barreto Lins de Barros, offerece ao Instituto, e deposita sobre a meza, quatro moedas chinezas de bronze, chamadas *cachá*, e duas de prata russianas.

São recebidas com agrado.

Constando achar-se na ante-sala o Sr. tenente-coronel Justino Pereira de Faria, o Sr. Presidente designa para a commissão que o tem de receber aos Srs. Dr. Soares Brandão e padre Lino do Monte.

Conduzido aquelle senhor pela commissão, toma assento, e depois de obter a palavra, dirige em breve allocução o seu agradecimento ao Instituto.

O Sr. Dr. Feitosa, como Orador, obtém a palavra, e responde ao novo socio, congratulando-se por sua bôa vinda.

Em seguida procede-se a leitura das seguintes propostas:

Uma dos Srs. Drs. Soares de Azevedo e Aprigio Guimarães, para a admissão de um socio correspondente.—A' respectiva commissão.

Outra dos Srs. padre Lino do Monte e Salvador Henrique, para que se promova desde já, por todos os meios ao alcance deste Instituto, a inauguração das estatuas de Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias, sendo a do primeiro erigida em frente do Arsenal de marinha, em commemoração da entrega das chaves da cidade, que naquelle bairro elle fez ao general Barreto de Menezes, depois de as haver recebido do general hollandez Segismundo; a do segundo, em frente da fortaleza das Cinco-Pontas, para commemorar que lhe coube a gloria de apoderar-se desse importante baluarte da cidade Mauricêa; a do terceiro, no Campo das Princezas, e a do quarto na praça da Bôa-Vista, para commemorar seus feitos de bravura nas proximidades desses lugares; devendo as columnas ser de pedra de Lisbôa, segundo o modelo junto, e as estatuas de marmore, feitas em Genova, para onde se

fará a respectiva encommenda, logo que estejam preparadas todas as plantas e orçamentos relativos á execução destes monumentos. — A' commissão de trabalhos historicos e archeologicos.

Corre o escrutinio, e são approvados para socios correspondentes os Srs. Drs. Hermogenes Socrates Tavares de Vasconcellos, Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Bernardo Pereira do Carmo.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte reunião, que deverá ter lugar a 22 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões, e votação dos pareceres adiados.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente.—*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.º Vice-Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario Perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

——

40.ª sessão ordinaria, no dia 22 de Dezembro de 1864

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Rodrigues Campello e os Srs. padre Lino do Monte, e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

No impedimento do Sr. Secretario perpetuo, o mesmo 2.º Secretario declara não haver expediente, e menciona as seguintes offertas, que se acham sobre a mesa.

Um exemplar da *Folhinha Catholica* para o anno de 1855, pelo respectivo autor, o Rvdm. Dr Manoel da Costa Honorato, nosso socio correspondente.—Recebido com agrado e manda-se para o archivo.

Um *Mappa geral da divisão civil, ecclesiastica, judiciaria, e policial da provincia da Parahyba*, acompanhado de outros parciaes, em relação a cada uma destas divisões, por seu respectivo auctor, o Dr. Luiz de Albuquerque Martins Pereira. — Recebe-se com agrado, e manda-se para o archivo.

São lidos os seguintes pareceres da commissão de trabalhos historicos e archeologicos, os quaes vão a imprimir, para serem discutidos na seguinte sessão :

PRIMEIRO

« A commissão de trabalhos historicos e archeologicos, tendo examinado a proposta do socio major Salvador Henrique de Albuquerque, é de parecer que se mande collocar na frente da casa em que residio e falleceu o governador João Fernandes Vieira, na rua de San-Bento da cidade de Olinda, uma lapide commemorativa com esta inscripção : —CASA ONDE HABITOU E FALLECEU JOÃO FERNANDES VIEIRA, RESTAURADOR DE PERNAMBUCO. O INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO MANDOU GRAVAR ESTA LAPIDE COMMEMORATIVA AOS... PRECEDENDO A DEVIDA PERMISSÃO DO RESPECTIVO PROPRIETARIO.

« A commissão julga que esta obra será de grandiosa utilidade á provincia de Pernambuco, e de gloria immorredôra para'o Instituto; de utilidade á provincia, porque ella vai chamar a attenção de todos a recordarem-se dos feitos assignalados do incansavel restaurador de Pernambuco do jugo hollandez ; de gloria ao Instituto, porque desta sorte faz elle desapparecer os pontos de duvida em que até agora se ha laborado ácerca da verdadeira casa onde residiu e falleceu o referido governador Fernandes Vieira.

« A commissão ainda vê na execução daquella obra um acto sobremaneira patriotico e de grande dedicação ao objecto a quem se consagra.

« A velha Europa nos ha dado exemplos bem significativos.

« O imperador Napoleão III mandára, logo no principio de seu governo, collocar na humilde casa ao lado do Sena, onde residiu Napoleão I, antes de tocar o fastigio do throno, uma lapide commemorativa de marmore preto gravada em letras de ouro as competentes inscripções; e ultimamente a Camara Municipal de Lisbôa mandou averiguar a casa em qne falleceu o grande poeta Luiz de Camões, para, no caso affirmativo, ser collocada na frente della uma pedra commemorativa.

« Sala do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 7 de Dezembro de 1864. —*Padre Lino do Monte Carmello Luna.* — *José dos Anjos Vieira de Amorim.*»

SEGUNDO

« A commissão de trabalhos historicos e archeologicos, examinando a proposta do socio major Salvador Henrique de Albuquerque, julga ser mui conveniente copiar-se pelo systema lithographico, como é costume, e se adopta em trabalhos desta ordem, o retrato do governador João Fernandes Vieira, com a proporção necessaria, afim de que possa juntar-se a um dos numeros da *Revista* do Instituto.

« E' com effeito louvavel a idéa de tornar-se conhecido e divulgado entre o povo o retrato de um heróe, a cujos esforços e dedicação sem egual deve hoje Pernambuco a subtração do jugo bátavo, que tantas atrocidades e tyrannias lhe causára naquella era. E' incontestavelmente um preito que se rende á memoria de tão afamado athleta.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro já em identicas circumstancias deu um bello exemplo de gratidão, mandando lithographar e juntar em um dos numeros de sua *Revista* o retrato do governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá, homem que prestára a aquella capitania importantissimos serviços.

« Sala do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 7 de Dezembro de 1864.—*Padre Lino do Monte Carmello Luna. — José dos Anjos Vieira de Amorim.* »

TERCEIRO

« A commissão de trabalhos historicos e archeologicos, examinando a proposta dos Srs. socios major Salvador Henrique de Albuquerque e padre Lino do Monte, é de parecer que se promovam os meios convenientes, afim de tornar-se effectiva a patriotica idéa de inaugurar-se nas praças e lugares indicados na dita proposta as estatuas dos quatro heróes, que tantos triumphos e ovações alcançaram na guerra dos hollandezes para Pernambuco.

« Quando em todos os paizes civilisados se ha erguido monumentos que tornem memoraveis os nomes de seus heróes; quando em diversas cidades de França vê-se estatuas levantadas em honra de monarchas distinctos: quando Genova inaugurou, não ha muitos annos, uma soberba estatua de marmore Christovão Colombo; quando, emfim, Portugal trata de erguer uma outra em honra do grande poeta Luiz de Camões; o Brazil, á imitação desses paizes civilisados, deve tambem inaugurar monumentos aos seus mais distinctos heróes; e pois, Pernambuco, que muito deve a sua restauração do jugo hollandez á bravura dos quatro heróes, Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias, Pernambuco só pagará essa divida de eterna gratidão, expondo a consideração publica as estatuas que se levantarem em honra de tão denodados guerreiros, as quaes, além de fazerem lembrar de continuo os nomes e feitos nobres desses guerreiros intrepidos, accresce que ellas concorrem para o aperfeiçoamento e belleza dos lugares em que fôrem collocadas.

« Sala das sessões do Instituto, 15 de Dezembro de 1864.—*José dos Anjos Vieira de Amorim. — Padre Lino do Monte Carmello Luna.* »

O Sr. Thesoureiro apresenta o balanço da receita e despeza do corrente anno, o qual é remettido á commissão de fundos e orçamentos.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte reunião, que deverá ter lugar a 5 de Janeiro, trabalhos e pareceres de commissões e votação dos pareceres adiados.

Levanta-se a sessão —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. —*Joaquim Pires Machado Portella*, 1.º Vice-Presidente. —*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, 2.º Vice-Presidente. —*José Soares de Azevedo*, Secretario Perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.º Secretario.

———

MEMORIA

SOBRE

O Monte das Tabocas e a Egreja de Nossa Senhora da Luz

LIDO NA SESSÃO DO INSTITUTO DE 20 DE JULHO DE 1865, PELO SR. PADRE MESTRE LINO DO MONTE CARMELLO LUNA, SEU SOCIO EFFECTIVO.

I

MONTE DAS TABOCAS

E' o lugar denominado das *Tabocas* o oiteiro de gloriosas tradições, situado 7 a 8 leguas ao sul da capital de Pernambuco, e pertencente a freguezia de Nossa Senhora da Luz.

O monte tomou o nome das *Tabocas*, porque a circumdava uma prodigiosa quantidade de cannas silvestres, tão densas e inaccessiveis, que as não pódia romper a força sem o soccorro da arte.

O auctor do *Castrioto luzitano* o descreve da seguinte maneira :

« Situou a natureza este monte 9 leguas do Arrecife para a parte do poente, pela qual o cinge um rio ao largo, chamado Tapacurá, pobre pela fonte, e soberbo no inverno pelas aguas vertentes, que engrossam sua corrente. Entre o rio e o monte se mostra uma campina, que olha para o sul (terá meio quarto de legua de frente, correndo até o tabocal, que cinge o monte por aquella parte, com 50 pés de grosso em todo o precinto). Dentro d'este tabocal está outra planicie de menor extensão que a primeira, ladeada tambem de outro cinto de tabocal de menos grossura, que ao modo de trincheiras corre até ao alto do monte. No cimo delle se vê cercado, pela parte do sul, de uma matta de grossas e empinadas arvores assim bastas, que compunham um forte muro por aquella parte, orlada de uma faxa de tabocal. Pelas costas do monte, para o nascente, estava um caminho antigo, que servira á conducção do pão brazil, que se tirava naquelles mattos de todos esquecidos pelo desuso. »

Hoje, porém, o monte das *Tabocas* muda de aspecto, e apresenta outro panorama.

Todo explorado e habitado, não só o cimo delle senão tambem suas planicies, não se vê jamais esse grande tabocal agreste, porque o facão do agricultor o tem cerceado em grande escala.

Roteado convenientemente o terreno, ostenta elle alem de suas mattas, lindos e verdejantes cannaviaes, assucareiras, vegetaes, e outras arvores fructiferas, as quaes aformoseam aos diversos engenhos que circumdam a fralda do monte. E' para notar que um desses engenhos tem, como para memoria do lugar, conservado o nome das *Tabocas*, em cujo terreno ainda a natureza produz algumas destas cannas bravas ; accrescendo ainda que em alguns lugares do mesmo engenho (como dizem,) encontram-se reliquias e fragmentos de muros que bem indicam ter sido das trinxeiras, que o exercito do mestre de campo João

Fernandes Vieira levantara, quando denodadamente ali combatêra com o inimigo holandez, em 1645.

Foi com effeito, no monte das *Tabocas* que teve lugar o primeiro theatro da guerra contra o exercito bátavo.

Foi este monte que Fernandes Vieira concordando com os outros cabos de guerra ponderadas as conveniencias naturaes do terreno e situação vantajosa do lugar, escolheu de preferencia para assentar o seu quartel general.

Deixando portanto o acampamento que fizera no engenho de *Covas* aonde permaneceu 22 dias para ali marchára com suas tropas no dia 31 de Julho do anno de 1645 e foi esperar o inimigo figadal para tomar justa vindicta das atrocidades e tyrannias inauditas que elles haviam praticado recentemente nos habitantes da povoação de Cunhaú, no Rio Grande do Norte.

Foi na colina do mesmo oiteiro que Fernandes Vieira fallára assim aos seus soldados:—*Toda a sorte da guerra depende d'este primeiro combate. Não necessita, penso eu, procurar animar-vos com longos discursos ; trata-se de reconquistar a todo o custo a liberdade ; a victoria não será duvidosa : o céo que nos protege, e o nosso valor, assegurarão o triumpho da causa patria... E' em nome da liberdade, da religião, e do nosso rei, que vamos combater !*

Applandida enthusiasticamente a idéa, travou-se o combate, e combate renhido por mais de cinco horas; e a tropa já extenuada de forças, parecia que a bravura com que ella principiára a pelejar-se ia como que arrefecendo, de sorte que, quasi uma retirada do conflicto parecia impellir a fraqueza já dos braços e a pouca munição de que dispunham; e, como diz o *Castrioto Luzitano :* — aqui se viu a nossa gente em conhecido aperto porque, cançados de matar e de ferir, sustentavam o posto, sem poderem mover o braço.

Vieira occupava a eminencia do monte, com

grossos batalhões, para vêr e acudir, com soccoros aonde o pedisse a porfiada luta.

Entretanto, uma deprecação diante da imagem do Crucificado, que erguia em suas mãos o padre Manoel de Moraes e as palavras cheias de uncção que sahiam dos labios do sacerdote, encorajaram por demais as tropas. O'enthusiasmo e a bravura tomaram o seu posto. Conheceu Vieira que a occasião tambem o chamava ; manda, os soldados que o acompanhavam que fação com elle, naquelle monte, um voto, e promettam á Mãe de Deos, erguer um templo dedicado ao seu desterro se lhes conceder a victoria dos inimi gos da patria. (1)

Vieira, com differença de offerendas, imitou o exemplo de Jephté, que, sendo escolhido pelo povo israelita para seu principe, afim de livra-lo da perseguição dos filhos de Ammon, antes de entrar na peleja fizera um voto ao Senhor, de que, se elle vencesse áquelles inimigos, depois da victoria, a primeira pessoa que encontrasse sahindo da sua casa a sacrificaria em holocausto : a sorte recahiu na sua propria filha, em quem não duvidou cumprir o voto : — superando os impulsos do amor paternal, sacrificou-a ao Senhor !

(1 Vieira cumpriu o voto, fazendo edificar na cidade de Olinda a egreja dedicada, a Nossa Senhora, com o titulo de Desterro, e hoje bem conhecida por egreja de Santa Thereza, por a haverem em algum tempo possuido os religiosos reseos, onde ergueram clausura. Nesta mesma egreja foi sepultada a mulher de Vieira, D. Maria Cezar, no dia 11 de Agosto de 1689, por assim o haver pedido em seu testamen to.

O sentimento religioso acompanhára sempre aos intre pidos cabos de guerra daquellas épocas. Depois que elles alcançavam os louros da victoria, erguiam, em signal de cordial agradecimento, ao Deus dos exercitos, um monumento sagrado que attestasse o quilate de sua religiosidade.

Além de Fernandes Vieira, o general Francisco Barretto de Menezes tambem ergueu nos montes dos Guararapes a capella consagrada a Nossa Senhora dos Prazeres, por haver

Vieira, e seus companheiros d'armas, descem do monte, e continúa com furor bellico o conflicto. Os inimigos accommettem segunda vez o tabocal, alcançam terreno e ganham melhor lugar. A' vista do que, o governador Fernandes Vieira, que ficára fóra do combate para ver de que lado se inclinava a victoria conheceu que de alguma sorte o triumpho era duvidoso; e então, cravando os olhos naquella imagem do Crucificado, que trazia o dito padre Moraes, implorou devotamente o soccorro divino, dizendo em altas vozes para os seus soldados: *Senhores! rezemos de joelhos uma Salve Rainha á Mãi de Deus, certos de que sua piedade não falta em ouvir a quem a chama!*

Quando o sentimento religioso está arraigado no coração do homem, nas mais perigosas crises, e mesmo no furor da batalha, elle apparece como um santelmo, para amenisar o incessante lidar do soldado. Vieira dera uma prova inconcussa de sua religiosidade. A deprecação produziu maravilhoso effeito. Encarniçou-se o combate. O fogo da guerra ateou-se no peito de todos, e todos acoroçoados de uma maneira espantosa, investiram de novo o inimigo, esgrimiram as armas e rechaçaram os guerreiros bátavos, impellindo-os a deixar, como deixaram, o campo co-

---

obtida a victoria da batalha na vespera de sua festividade; dotou a egreja, com o encargo de se celebrar diariamente missa pelos soldados que perecêram nas batalha dos Guararapes.

André Vidal de Negreiros edificou pela mesma razão de agradecimento, a capella de Nossa Senhora do Desterro, a qual passou a ser egreja matriz de Itambé; e fizera-lhe importante doação.

Henrique Dias erigiu a capella consagrada a Nossa Senhora das Fronteiras, no lugar Estancia, e recebêra este nome em virtude de ser alli a Estancia (como então se chamava), isto é, o local aonde fizera elle alojamento para as suas tropas.

Filippe Camarão, tão devoto como era (segundo nos diz a historia), seguiria o exemplo de seus companheiros d'armas, se por ventura não succumbisse a uma terrivel enfermidade, logo depois da primeira batalha dos Guararapes.

berto de cadaveres, de armas, de munições e petrechos bellicos! O triumpho foi assignalado, e a victoria completa.

O dia 3 de Agosto de 1645 foi um dia de glorias summas para Vieira e seus amigos combatentes.

Vieira, repassado de alegria por tão glorioso vencimento, foi logo seu primeiro cuidado render graças infinitas á infinita Magestade, ao Deus das batalhas!

Bello exemplo militar! Após o beneficio surge o preito de gratidão!

A espada do guerreiro humilha-se ante a sacrosanta imagem do Deus dos exercitos! Cessam as homenagens devidas ao monarcha da terra, quando se falla ao Monarcha do Céo! Do lugar do conflicto fizera Vieira templo de oração. Elle, o seu exercito de joelhos, no cume do monte das *Tabocas*, alçam as mãos ao cèo, confessam o beneficio recebido da Divindade. Prorompem, em seguida, em estrepitosos vivas á fé catholica romana, á liberdade e ao monarcha!

Um acto de generosidade grandiosa praticára Vieira. Penetrado de jubilo pela obtenção da victoria, concede liberdade a 50 escravos seus, em retribuição ao valor e fidelidade que elles patentearam na occasião do combate, permittindo-lhes que sentassem praça e percebessem soldo durante a guerra; e escolhêra d'entre elles dous para capitães das respectivas companhias.

Pelo que se ha resumidamente expendido, vê-se que o monte das *Tabocas*, cujo nome fulgura nas paginas da historia patria, recorda tradições mui gloriosas. Os feitos d'armas, os prodigios e valor que ali se ostentaram no começo da guerra com os bátavos, serão sempre lidos com admiração, e commemorados pela posteridade, que pezará quanto subiu de ponto a força de vontade e o amor pela patria: sentimentos nobres, que nutriam os incansaveis Fernandes Vieira e seus beligeros companheiros.

A posteridade será coagida a confessar que, só sacrificios inauditos e bravura inimitavel, poderiam derrocar o jugo infernal que os hollandezes fizeram pesar sobre os filhos do Brazil. Estes sacrificios, esta bravura, acompanharam *pari passu* aos intrepidos lidadores.

Quem, pois, subir ao montes das *Tabocas*, e percorre-lo, tendo anteriormente os olhos na historia, necessariamente, ao passar uma vista retrospectiva sobre os seus prados amenos se lhe despertarão muitas lembranças, e lhe surgirá uma idéa cansoladora—, a idéa de que ali fôra o primeiro theatro da guerra que rompeu Pernambuco; que ali fôra que os nossos heróes impavidos no furor do combate, alcançaram o primeiro triumpho, receberam a primeira corôa de gloria, cujos louros immarcessiveis passarão á posteridade para admirar, preconisar e imita-los.

II

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, NO MONTE DAS TABOCAS

No cume do oiteiro das *Tabocas*, onde fórma uma planicie, está erguido o templo consagrado á Mãi de Deus, com o titulo da *Senhora da Luz*, o qual é hoje egreja matriz da freguezia do mesmo nome.

E' indubitavel que aquelle templo fôra o terceiro monumento sagrado que possuiu a capitania de Pernombuco.

Folheando-se a historia patria se deprehende que Duarte Coelho, mandado por el-rei D. João III, afim de cruzar nas costas de Pernambuco e pôr termo ao commercio do páo-brazil, que os francezes, homisiados com os indios e ávidos do interesse, ousavam carregar em seus navios, tocáram as plagas do Brazil no anno de 1530, e entrára com sua armada na barra de

Itamaracá (1), aonde já Christovão Jacques, por ordem règia, havia levantado casa de feitoria, pelos annos de 1526 a 27, e da qual se apossaram aquelles intrusos especuladores.

Aprisionados varios, derrocado e destruido tudo quanto o estrangeiro audaz e ambicioso tinha projectado, seguira Duarte Coelho, com sua armada, pela margem do rio, e pouco mais de uma legua, avistára no alto de uma assentada um povoado; déra fundo, saltára em terra, e effectivamente sua diligencia deparou ali uma forte e abastada aldeia de indios pitagoares. (2).

---

(1) Itamaracá vem da palavra—*Maracá*—, que, na lingua dos gentios, significa vaso que sôa, e dos quaes elles uzavam na ponta das canoas, e como instrumento nas suas festas, e tambem nas guerras.

« Assim, diz Jaboatão, Itamaracá já foi cabeça de uma capitania independente de Pernambuco, e doada por el-rei D. João III a Pedro Lopes de Souza, por carta régia de 6 de Outubro de 1534, onde fez este uma casa de feitoria.

Por ordem régia se creou ali uma provedoria, que se extinguiu em 1760, e perdeu afinal Itamaracá até o titulo de villa, em 1840, dividindo-se o seu territorio pelas de Iguarassù e de Goyanna! Vide as *Memorias historicas de Pernambuco*, por Gama).

---

(2) O Exm. Bispo que foi de Pernambuco, o illustrado D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, no seu *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas conquistas*, publicado de ordem da Academia Real de Lisboa, no anno de 1781, tratando do Brazil, descreve o caracter e natureza dos indios desta fórma:—« O indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura nem industria, debaixo de um clima agradavel, que o não incommoda, soberbo e altivo, com a força e robustez de seu braço, sem mais vestidos do que aquelles que lhe deu a natureza, vive e dorme descançado, sem jámais se lembrar donde lhe ha de vir o sustento para o outro dia. O arco e a flecha é toda a sua riqueza, é toda a sua industria: assim vivem milhares e milhares de homens, sem trabalharem para comer, que parece nascerem só para gozar..... Os indios do Brazil fazem ostentação da força e da crueldade: esta é a sua honra, este é o seu idolo, que elles adoram em summo gráo: ainda quando estão proximos a serem mortos e devorados pelos seus inimigos, os insultam e desafiam com desprezo, significando desta sorte que, ainda que lhes

A resistencia necessariamente destes indigenas deu lugar a porfiados combates, a lutas encarniçadas; mas o triumpho se enclinára para o lado de Duarte Coelho, que os expllira completamente, e tomára posse da aldeia, a qual recebêra o nome de Iguarassú. (1)

Obtida a victoria no dia 27 de Setembro daquelle anno, (2) dia em que a Santa Egreja prestava cultos ás reliquias dos gloriosos martyres Cosme e Damião, á sua memoria se edificára um templo, e se déra conseguintemente principio a povoação que depois passou a gozar da cathegoria de villa, e foi a primeira da capitania de Pernambuco.

Não achára, porém, Duarte Coelho em Iguarassú porto sufficiente e nem commodos e proporções indispensaveis para fundar uma capital. Fortificado convenientemente Iguarassú, resolveu-se Duarte Coelho a deixar aquelle lugar, e seguir em demanda do porto de Pernambuco. Fez á vela o navio, e passando as praias que se chamam *Maria-Farinha* e *Páo-Amarello*, descortinára uma aprazivel iminencia ou monte sobre o mar, para a parte do nascente, coberto de verdes e frondosos arvoredos; sendo que, á vista do bello panorama que encantára a todos, exclamára o capitão daquella armada : *Oh ! que linda situação para uma villa !* (3)

---

despedacem os corpos, não poderão jamais abater o valor e a coragem de um só da sua nação : elles morrem como heróes !»

(1) Iguarassù, segundo ponderam a *Chronica de Jaboatão* e as *Memorias historicas de Pernambuco* de Gama quer dizer *embarcação grande*; nome que deram os gentios ás náus de Duarte Coelho, porque quando avistaram-n'as exclamaram : *Igua-rassú* que, em seu idioma, é *embarcação grande*.

(2) Muitos autores dão a victoria de Iguarassú no dia 27 de Setembro de 1530, mas outros affirmam que ella se deu no mesmo dia, porém no anno 1531 ; aquella data parece mais acertada, porque se vê escripta nos quadros daquellas guerras antiquissimas, os quaes se conservam na egreja matriz de Iguarassú, e cuja inscripção copiára o historiador Jaboatão no seu *Orbe seraphico brazilico*, t. 1.° digressão 6.° e estancia 3.

(3) Esta etymologia do nome d'Olinda, que é recebida e

Occupado com algum esforço aquelle monte, Duarte Coelho deu principio á villa de Olinda, cujo nome mudou-o de Marim, chrismado pelos seus primeiros habitadores tabayres.

O genio da maledicencia, que dominava o espirito destes gentios, unidos aos cahetés e francezes, seus comparsas, deu um dia copia bastante de sua ferocidade brutal.

Sitiados por mar e por terra os novos habitadores incessantemente assaltados por aquelles indigenas, viam-se elles nos maiores apuros, quasi a perecerem de fome, porque, o estado de assedio em que se achavam, era terrivel e assustador: o desespero e a dôr ralavam-lhes os corações!

A Providencia Divina, porém, amerciou-se desta vez da sorte funesta que os perseguia: encorajou a Vasco Fernandes de Lucena, o qual fez espalhar inopinadamente entre os indios o terror, o espanto e o medo, o que deu lugar á fuga immediatamente de todos. (1)

Recebido o triumpho como um beneficio do céo, levantou naquella iminencia o templo dedicado ao Salvador, o qual foi a primeira matriz de Olinda; e dando-se-lhe depois o augmento e as accommodações

---

citada por todos os escriptores, é hoje regeitada ou duvidosa para o Sr. Varnhagem, que ettribue tal denominação á lembrança de algum sitio de identico nome na metropole, e do qual saudoso recordava-se Duarte Coelho: Vide a *Annotação feita á obra de Jaboatão,* reimpressa pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro t. 3.· da 2. parte.

(2) Diz Jaboatão na citada chronica *Orbe seraphico brazilico* t. 1.· pag. 139, que Vasco Fernandes Lucena, que servia de lingua aos gentios, e era estimado delles, sahira um dia da casa que servia-lhes de fortaleza, chegára ao campo do gentio, e como que arrebatado de um impulso, com a vara que trazia na mão, fizera uma risca na terra, e olhando para os gentios dissera-lhe: *Dai aviso uns aos outros que todo aquelle que entender passar esta risca para nossa fortaleza, fique advertido que, ao mesmo tempo que o fizer, ha de morrer.* O gentio escarneceu da acção, menospresou as palavras, porem o effeito foi patente: 7 ou 8 delles, os mais animosos,

indispensaveis, serve hoje de cathedral do bispado de Pernambuco.

Duarte Coelho, voltando a Lisbôa (como referem as *Memorias historicas de Pernambuco* por Gama e o *Diccionario Geographico do Brazil* por Caetano Lopes de Moura), el-rei D. João III, em remuneração dos relevantes serviços por elle prestados, já nas partes da India e já no Reino, fez-lhe doação, em 10 de Abril de 1534, da capitania de Pernambuco, comprehendendo 60 leguas de costa, começando do rio de São Francisco a concluir-se no rio que cercava a ilha de Itamaracá ; recebendo elle o respectivo foral, com data de 24 de Novembro daquelle anno.

Tomando posse de Olinda em Março de 1535, como donatario da capitania, Duarte Coêlho passou a dar-lhe incremento, e com açodado empenho a povoal-a com sua mulher e varias familias que vieram de Portugal, indo entretanto, elle residir na pequena aldeia de Iguarassú, emquanto não provia das necessarias accommodações o povoado de Olinda, da qual fez, desde o seu principio, capital.

Do que fica exposto se conclue que a Igreja de Iguarassú, com a invocação de Santos Cosme e Damião, fôra o primeiro templo sagrado que tivera Pernambuco, e depois elevado a matriz da povoação ; e o de Olinda dedicado ao Salvador, o segundo ; e como diz Jaboatão em sua *Chronica seraphica* ; « foi a primeira (egreja) de toda a capitania de Pernambuco,

---

que ousaram passar a risca para invistir ou tirar a vida de Vasco, cahiram immediatamente mortos !

O espanto e a confusão derramaram-se por todos, e todos surprehendidos, fugiram e desampararam o lugar.

No lugar justamente do successo se erigiu um templo dedicado ao Salvador, o qual é hoje (augmentado convenientemente) a cathedral do bispado.

Quando a historia apresenta factos de uma especialidade singular, e o povo presta-lhes sua crença, é porque elle está persuadido de que a elles presidia alguma cousa prodigiosa : o prodigio é excluzivamente obra daquelle que tudo rege, que tudo póde !

não obstante que a de Olinda, sendo a segunda, emquanto á conquista pelo seu mesmo donatario e senhor, tendo conveniencias de melhor para o trato e commercio, passou a capital e logrou o titulo de cidade. »

Além dos dois templos referidos, a historia não aponta que nessas épocas remotas outro fosse erguido. A egreja, portanto, dedicada a Nossa Senhora, com o titulo da *Luz*, erigida no oiteiro das *Tabocas*, toma o terceiro lugar.

E' constante tradição oral que a capella-mór da mesma egreja da Luz é justamente a que serviu de ermida, levantada pela piedade dos moradores do lugar, antes de 1540, para nella ser collocada a imagem de Nossa Senhora, que denominaram da *Luz* por haverem-n'a descoberto nas mattas do mesmo lugar, ao signal de um corpo luminoso que resplandecia naquellas paragens.

E' voz da mesma tradição que aquella imagem nunca recebeu outro encarne senão o primitivo, conservando-se elle ainda em bom estado : isto asseverava sempre aos povos do lugar o antigo vigario José Teixeira de Azevedo, que o ouvira tambem de seus maiores ; tradição esta que passára ao vigario Francisco Alves da Cunha Souto-Maior, natural do mesmo lugar, e que fallecera no anno de 1837, na idade de 83 annos.

Do livro do tombo da freguezia da Luz, o qual fôra aberto e rubricado pelo visitador Ignacio Victorino Gomes no dia 10 de Dezembro de 1775 (cujas paginas podemos compulsar pela bondade do actual vigario, o Rvm. Sr. Ignacio Alves da Cunha Souto-Maior), consta, a fl. 17, que antes de 1540 já existia edificada no oiteiro das *Tabocas*, a pequena capella dedicada a Nossa Senhora da Luz.

De sua antiguidade faz o dito livro menção, e a prova com um auto de demarcação das terras que pertencêram a Pedro Fernandes Vogado, as quaes deixára ao hospital da Misericordia em Olinda, sendo

pelo provedor e mais irmãos da respectiva confraria mandado demarca-las no dia 9 de Janeiro de 1540; e nesse auto de demarcação se encontram as seguintes palavras :— « O que visto pelo dito demarcador, se foi acima da egreja que está situada na Muribara, a que chamam Nossa Senhora da Luz, e acima della fôram a um marco, que está. . . . .

No anno de 1629 já a Igreja de Nossa Senhora da Luz era freguezia curada, porquanto, na escriptura de venda de 400 braças de terra em quadro, na Muribara, feita por D. Maria dos Reis, viuva de Jeronymo Gonçalves Gaio, a Domingos Barbosa, e lavrada em Olinda nas notas do tabellião Gaspar Pereira Tavares, no anno de 1629, se diz ser a dita terra na Muribara, freguezia da Luz.

Nesta mesma egreja matriz fizera visita, no dia 26 de Junho de 1687, o Rvd. provisor Antonio Tavares Valcaçar, thesoureiro-mór que era da cathedral de Olinda, e seu secretario o padre João Dias Bello; e no dia 6 de Dezembro de 1689 teve a mencionada matriz da Luz a honra de ser visitada pelo respectivo diocesano, o Exm. Sr. D. Mathias de Figueiredo e Mello, em cujo termo se declara que era parocho da freguezia Feliciano Gomes, que fôra o primeiro vigario collado.

O capitão Diogo Falcão de Sá, e sua mulher D. Ursula Beringuer, no dia 5 de Dezembro de 1691, passaram escriptura de doação do oiteiro aonde estava erguida a capella de Nossa Senhora da Luz, afim de que se edificasse de novo outra egreja, com mais elegancia; esta escriptnra fôra contractada em visita, feita pelo Rvd. Dr. Francisco da Fonseca Rego, e lavrada pelo respectivo secretario Manoel de Souza Maia; e na mesma assignaram o vigario da freguezia João Gomes Machado Magalhães, e seu coadjutor Francisco Esteves Wanderley, os doadores Diogo Falcão de Sá, sua mulher D. Ursula Beringuer, e as tes-

temunhas Manoel Moreira da Costa, Antonio Alves Bezerra, Zacharias Vieira, Antonio da Costa Maciel, Marcos Alves de Paga.

Em virtude desta doação, tendo-se naquelle oiteiro edificado diversas casas, que constituem de seus fóros o patrimonio da egreja, aquella capella foi consideravelmente augmentada, no que diz respeito ao corpo da egreja, menos a capella-mór, que é a mesma, e antigamente servira de ermida, mudando-se apenas sua fórma; tanto que é bem saliente a desigualdade de architectura da primeira, com a ultima obra; sendo que esta tivera lugar no anno de 1706, como se collige de uma inscripção em frente da egreja, collocada abaixo da cruz do frontespicio da mesma egreja, e gravada na pequena pedra a era 1706.

Para cabal clareza e provas do que temos expendido, copiamos *ipsis verbis* a descripção da parochial egreja de Nossa Senhora da Luz, a qual se acha transcripta no respectivo livro do tombo, a fl. 14:—« Descripção da parochial egreja matriz da Luz, e da sua devotissima imagem: Sete leguas distantes da marinha e cidade de Olinda, capital deste bispado, para a parte do sul do afamado Capibaribe (que faz barra na villa do Recife), em aprazivel plano e assentada de um proporcionado oiteiro, abundante de fresca e saudavel viração, e circulada de crystalinas aguas de boas fontes perennes, está situada a povoação e egreja matriz de Nossa Senhora da Luz, que é beneficio curado.

« Nobre sanctuario, e um dos mais antigos templos da America portugueza.

« No anno de 1500 foi descoberta a nossa America, e no anno de 1530 é que veio para esta capitania de Pernambuco o primeiro donatario della Duarte Coelho; e logo no de 1540, já se achava fundado este templo; e no auto de demarcação destas terras, feito em 3 de Janeiro do dito anno, pelo escrivão das datas Gabriel Daniel, já se faz confrontação e expressa menção desta mesma egreja da Luz, cuja capella-mór (na qual ao presente se conserva tambem o sacrario)

serve de dourada casa daquella rica e preciosa perola, a devotissima imagem de Nossa Senhora da Luz, sua tutelar padroeira, e prodigiosa restauradora de Pernambuco. Coroada de ouro, e vestida de azul celeste, em pé, com o menino Deus nos braços, bem se deixa vêr dentro da cristalina vidraça, e respeitar no seu santissimo vulto a magestade e formosura, que como duas scintillantes estrellas resplandecem fixas em seu bellissimo rosto (1) sem decadencia alguma, nem ainda causada pela sua immemorial antiguidade; sendo certa a tradição de ser a imagem ainda mais antiga do que o mesmo templo, que aqui lhe foi edificado no mesmo lugar em que primeiro appareceu, e foi achada pelo admiravel e repetido clarão de incendio com que parecia arder, sem se abrazar a matta virgem deste monte da Luz e novo Horeb do Brazil, donde o Moysés braziliense e devoto governador da liberdade de Pernambuco subiu a orar, quando, inflammado no ardente desejo de conseguir a mesma liberdade, veio refugiar-se na matta da Luz, debaixo da sombra desta melhor çarça e prodigiosa imagem de Nossa Senhora da Luz, da Matta, pela qual intercessão, illustrado e favorecido do verdadeiro Deus dos exercitos, se foi acastellar com o pequeno exercito da nossa gente em o visinho engenho do Covas, donde brevemente nos veio accommetter o exercito hollandez, tão arrogante

(1) Faz, na verdade, especie a todos um brilho similhante a estrella, o qual, ao entrar pela porta principal da egreja, o homem divisa fulgurar na testa da imagem da Senhora. Este brilho, porém, que na mente de alguns dos habitantes do lugar é recebido como cousa prodigiosa naquella imagem, não passa de ser a reverbação dos raios do sol ou claridade que dà no vidro do caixilho que fecha o nicho, aonde está collocada a mesma imagem; os quaes produzem, á primeira vista, o brilho que se assemelha a uma estrella. Tivemos occasião de acuradamente examinar essa maravilha; vimos com effeito o brilho que parece scintillar do rosto da imagem, mas ficamos convictos de que a causa que o produz é a mesma que acima referimos.

e soberbo, que a ferro e fogo tudo pretendia assolar, como assolou, derribando e queimando-lhe os nobres edificios daquelle engenho.

« Cessou com maior fereza e raiva por nelle nos não achar : marchou para o visinho oiteiro das Tabocas , junto ao riacho Tapacurá, onde os nossos já se achavam intrincheirados dentro das mattas e nas ténues muralhas das tabocas daquelle monte, o qual primeiro que o dos Prazeres e dos Guararapes, foi o theatro dos dossos prazeres, e o largo campo da memoravel batalha das *Tabocas*, na qual, por milagre e visivel soccorro de Maria Santissima Senhora da Luz, ella com sua luz cegou, confundiu e venceu a tão poderoso inimigo ; e desta maneira alcançamos a mais prodigiosa victoria, e por conseguinte a nossa liberdade e restauração de Pernambuco, singular beneficio, na verdade indigno de mais agradecida lembrança.

« Pelo que, para sua perfeita memoria, além de ficar escripto nos livros das nossas historias, tambem annualmente nodia 2 de Fevereiro, em que se festeja o orago desta matriz, em acção de graças, assim o publicam os prégadores no pulpito em seus panegyricos, e na cadeira os poetas em suas orações academicas e versos gratulatorios, dos quaes, repetir e transcrever aqui alguns, o requer o mesmo agradecimento para com a nossa invictissima restauradora: Para que tambem em verso fique escripto, e mais facil de se conservar na lembrança tão grande beneficio, e pelo mais facil modo de agradecer e de merecer novos beneficios, que é confessar os recebidos, como o confessa, agradece, publica e delle nos faz lembrar a gloza seguinte :

MOTTE

« A sacra luz de Maria
Nas Tabocas vencedora,
Foi nossa restauradora,
Fez da noite claro dia.

GLOZA

« Qual estrella portentosa,
Qual celestial fulgor,
Qual divino resplendor,
Qual visão prodigiosa,
Mostrou-se miraculosa
Convertendo a noite em dia ;
E a terra de alegria
Encheu no mais bello instante,
Surgindo clara e brilhante
A sacra luz de Maria..

« D'isto certa tradição
Nos transmitte alta memoria,
Que a Pernambucana historia
Refere com exacção :
Tenhamos pois devoção
A tão santa protectora,
Que nossa consoladora
Ella é, constante e pia,
Bem como em ditoso dia
Foi nossa restauradora.

« Della a summa claridade
Trouxe ao mundo a Mãi de Deus
Porque c'os meritos seus
Do Filho ganha a vontade ;
Pois com santa piedade
Ella é nossa intercessora ;
E como forte Senhora
Defendendo a nossa terra,
Foi da hollandeza guerra
Nas Tabocas vencedora.

« Bemdita seja a Trindade
Em crear Virgem tão pura,
Para sêr guarda segura
Da fragil humanidade ;
Pois com ampla caridade
Ella para o bem nos guia,
E por sua gran valia
Das trevas nos arredando,
Entre çarças fulgurando
Fez da noite claro dia. »

A freguezia de Nossa Senhora da Luz, uma das mais antigas do bispado de Pernambuco, teve uma época de provações por que passara, e foi a suppressão de sua antiga cathegoria.

Por força da lei provincial n. 38, de 6 de Maio de 1837, ficára ella supprimida, e esta mesma lei creára uma outra freguezia naquellas immediações, denominada freguezia de Nossa Senhora da Gloria de Goitá, mandando que se dividissem suas porções por esta e pelas de Santo Amaro de Jaboatão e São Lourenço da Matta.

A magestade e primazia que outr'ora ostentara a freguezia da Luz, e os fóros de decana sobre as outras circumvisinhas, de que ella usufria, fóram eclipsados por uma espessa nuvem, que a mão do tempo fizera pesar sobre ella ; mas chegou afinal o dia do *suum*

cuique tribuere. O mesmo tempo conheceu que era clamorosa injustiça não respeitar privilegios e isenções adquiridas devidamente me épocas memoraveis ; privilegios e isenções, que os nossos maiores julgaram de mister prodigalisar a aquella freguezia, por isso que o lugar em que está erigida a sua egreja matriz, attesta tradições mui gloriosas

A lei provincial n. 336, de 12 de Maio de 1854, houve por bem de restaurar a antiga freguezia de Nossa Senhora da Luz, restituindo-lhe o territorio, fóros e privilegios que outr'ora lhe pertenceram. Seu primeiro parocho é o actual vigario o Rvm. Sr. Ignacio Alves da Cunha Souto-Maior, que se collára no beneficio, e delle tomára posse no dia 26 de Novembro de 1854.



PRESENTES AO PAPA PIO IX

O governo do Chile mandou ha pouco de presente ao Summo Pontifice um pão de oiro, do valor de 34 a 35 contos de réis, moéda brazileira.

O conde de Montholon, proprietario nos arredores de Roma, offereceu-lhe um tinteiro de oiro massiço, engastado de pedras preciosas, avaliado em seis contos de reis da nossa moéda.

O arcebispo de Besançon foi a capital do mundo christão, e levou comsigo um bello mimo do actual imperador dos francezes para Pio IX : è uma custodia magnifica, a qual fôra no tempo do primeiro imperio destinada para Pio VII.



REVISTA

DO

INSTITUTO ARHCEOLOGICO

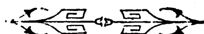
E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO



N. 7

Abril de 1865



RECIFE
Livraria de Tondella, Cockles & C.a

1898

ABRIL DE 1865. —N.º 7

41.ª sessão ordinaria, no dia 5 de Janeiro de 1865

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machādo Portella, Soares d'Azevedo e Witruvio, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção das seguintes offertas:

Dois exemplares do *Ensaio litterario,* jornal offerecido pela respectiva redacção.

Varios numeros do *Brazil historico,* pelo Sr. Dr. Figueirôa.

Varios numeros do *Constitucional pernambucano,* tambem offertados pela redacção.

São recebidos com agrado, e mandam-se archivar.

Fica adiada a discussão dos tres pareceres da commissão de trabalhos historicos e archeologicos, lidos na sessão de 22 de Dezembro proximo passado, para occasião mais opportuna.

O Sr. Dr. Witruvio como relator da commissão de fundos e orçamentos, requer que lhe seja entregue o orçamento vigente da receita e despeza, afim de poder a commissão organisar o do anno proximo, e proseguir em seus trabalhos.—Assim se delibera.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que terá lugar no dia 19 do corrente,

trabalhos e pareceres de commissões, discussão dos adiados, e do programma para a festa do anniversario do Instituto.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique d'Albuquerque*, 2.º Secretario.

42.ª sessão ordinaria no dia 19 de Janeiro de 1895

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares d'Azevedo, Witruvio, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello e Torres Bandeira, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente :

Um officio do Sr. major Salvador Coelho de Drummond Albuquerque, nosso socio effectivo, em resposta ao em que o Snr. Secretario perpetuo lhe dirigio o voto de agradecimento em nome do Instituto pela coadjuvação por elle prestada á commissão incumbida de verificar a casa da residencia e fallecimento de João Fernandes Vieira, no qual aquelle senhor, aquilatando o serviço que prestára, não o julga digno de tão subida honra ; pelo que se considera tanto mais grato ao Instituto.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Gusmão Lobo, communicando não poder comparecer por doente á sessão de hoje, e

que proseguia diligente nos trabalhos da commissão de que faz parte, relativos á subscripção que promove o Instituto, para auxiliar a inauguração do monumento na cidade de San-Luiz do Maranhão, em memoria do poeta Gonçalves D as.—Inteirado.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo declara acharem-se sobre a mesa varios numeros do *Brazil historico*, offerecidos pelo Sr. Dr. Figueiroa.

Recebidos com agrado, mandam-se para o archivo.

Fica sobre a mesa, para ser opportunamente votado, um parecer da commissão de admissão de socios, em sentido favoravel a alguns senhores, para serem admittidos como socios effectivos e correspondentes.

Entra em discussão o parecer adiado da commissão de trabalhos archeologicos, relativo á collocação de uma lapide commemorativa na casa em que residiu e falleceu João Fernandes Vieira.

O Sr. Dr. Feitosa obtendo a palavra, faz algumas considerações sobre a necessidade de garuntir-se por um meio seguro a existencia permanete dessa lapide, e em seguida remette para a mesa a seguinte indicação :

« Em additamento ao parecer da commissão, indico que a collocação da lapide seja contractada por escriptura pnblica com o proprietario da casa, mediante condições que garantam para o futuro a conservação da mesma lapide, e que a copia authentica desse documento seja depositada nos archivos publicos.—*Feitosa.* »

O 2.· Secretario, obtendo a palavra, observa que quando tivera a idéa de propor similhante collocação, não deixou de actuar em seu animo esta circumstancia ; mas que, encontrando no proprietario da casa, Antonio Ramos, as melhores disposições, antes de fazer a referida proposta, pareceu-lhe dispensavel esta providencia, que, todavia, em face do que pondera o nobre orador, lhe parece de necessidade ; pelo que, de bom grado presta o seu voto á indicação que se discute.

E' approvado o parecer com a indicação, e incumbido o Sr. Presidente pelo Instituto de assignar, como seu representante, a escriptura de contracto e obrigação com o proprietario do referido sobrado, Antonio Ramos; sendo commettida a collocação da lapide á respectiva commissão.

Entra em discussão outro parecer da commissão de trabalhos archeologicos, sobre a autorisação para lithographar-se o retrato de João Fernandes Vieira, que se acha no *Castrioto Lusitano,* edição de Lisbôa, de 1679, afim de juntar-se ao quinto numero da *Revista trimensal* do Instituto.

O Sr. Dr. Feitosa obtem a palavra, e, abundando em algumas considerações sobre a necessidade dé proceder-se do mesmo modo ácerca de Vidal, Camarão e Henrique Dias, offerece e manda á mesa o seguinte additivo:

« Em additamento ao parecer da commissão, proponho que sejam igualmente lithographados os retratos de André Vidal de Negreiros, D. Antonio Felippe Camarão e Henrique Dias, que tiveram com João Fernandes Vieira parte nas glorias da restauração desta provincia, á proporção que o permittirem as faculdades da receita do Instituto.—*Feitosa.* »

O Sr. 2.º Secretario obtem a palavra, e pondera que as idéas do nobre orador casam-se completamente com as suas, e, explicando as razões da precedencia dada, conclue votando pelo parecer e additivo.

E' approvado o parecer e additivo, e tem o mesmo destino que o precedente.

E' tambem approvado sem debate o parecer da mesma commissão, concordando na inauguração das estatuas destes quatro heroes da nossa historia, sendo designados para a commissão que tem de fazer executar essa obra os Srs. padre Lino do Monte, major Salvador Henrique, Dr. Rodrigues Campello e Dr. José dos Anjos.

Em seguida o Sr. Presidente designa os Srs. Drs. Feitosa e Torres Bandeira para a commissão que tem

de convidar o Exm. Presidente da Provincia para assistir no dia 27 do corrente á festa anniversaria do Instituto, e o Sr. padre Lino do Monte para encarregar-se dos arranjos da casa.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente.—*José Soares d'Azevedo,* Escrivão perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque* 2.° Secretario.



BIOGRAPHIA DO EXM. MARQUEZ DO RECIFE

LIDA EM SESSÃO DE OUTUBRO DE 1865, PELO SR. PADRE MESTRE LINO DO MONTE CARMELLO LUNA, SEU SOCIO EFFECTIVO.

Preclaro lustre de prosapia antiga,
D'inclitos avós, illustre neto.

Pesar na balança da justiça as acções dos homens illustres, e dar-lhes o seu merecido valor ; preconisar aquelle que desappareceu da sociedade dos vivos, não se póde dizer que foi a lisonja ou a adulação que influiu e dirigiu a penna do panegyrista para escrever e patentear as diversas phases da sua vida, e pôr em relevo a norma de sua conducta ; é sim uma força superior e occulta que o arrasta ao jardim de sua imaginação, mostra-lhe as flores com que deve formar a grinalda virente, para ornar a fronte d'aquelle que a merece por titulos mui valiosos, por serviços assignalados ; é a voz imperiosa da sua consciencia, é o grito da verdade, que demove o biographo de assim praticar.

Quasi sempre procura-se com avidez saber a vida publica e privada dos homens que giraram em uma esphera singular, maxime quando elles, ou pelo cumulo de suas virtudes civicas e religiosas, ou pela vastidão de seus conhecimentos, ou, finalmente, por inimitivel bravura e brilhantes feitos d'armas, tornaram-se celebres e afamados ; todos almejam ter um conhecimento da magnitude dessas acções heroicas, com que elles ennobreceram a carreira de sua vida, e immortalisaram sua memoria.

Não deixar, pois, jazer no completo olvido os nomes illustres desses heróes que se elevaram ao fastigio de tantas glorias, é louvavel, é justo, é nobre o empenho : transmittir, porém, á posteridade a memoria desses vultos grandiosos, que por seus sacrificios pessoaes, por sua dedicação acrisolada á causa nacional, mereceram o titulo de benemeritos da patria, e conquistaram dos seus coetaneos preito de estima, aureolas de gloria, é util, é interessante, é sobremaneira proficuo ao paiz e a sociedade ;—ao paiz porque se fazem patentes os nomes quasi que ignotos daquelles lidadores, que o serviram por amor e sincera abnegação ;—á sociedade, porque com esta licção os vindouros aprendem muitas acções, conservam muitos feitos nobres, e perpetuam muitos rasgos brilhantes.

O homem de quem vamos confeccionar, ainda qne imperfeita, sua biographia, tanto se vio cercado de riquezas, titulos e honras do mundo, quanto era naturalmente inclinado á humildade e á modestia, votando sempre soberano desprezo a tudo quanto se podia chamar vaidade, ostentação e orgulho ; qualidades estas que quasi sempre encontram apoio, e acompanham aos que tocam a cupula da opulencia e da grandeza. Francisco Paes Barreto era porém um homem que possuia riquezas, mas sem ostentar o fasto ; era titular sem orgulho ; era grande do imperio sem encarecer a grandeza ; fôra servidor do Estado sem interesse, e só por amor e dedicação á sua patria e fidelidade ao throno imperial.

Na antiga villa do Cabo de Santo-Agostinho (hoje importante comarca), e no engenho Velho daquelle lugar, nasceu Francisco Paes Barreto, no dia 26 de Maio de 1779, do legitimo consorcio do morgado do Cabo, o mestre de campo Estevão José Paes Barretto, e de sua mulher D. Maria Isabel Paes Barretto, sendo neto paterno do Capitão-mór João Paes Barreto e de sua mulher D. Manoela Luiza de Mello ; e materno de Filippe Paes Barreto e de sua mulher D. Maria Isabel Barreto.

Na capella de Nossa-Senhora da Madre-de Deus daquelle engenho Velho, recebeu elle o baptismo.

Oriundo de uma das familias mais illustres de Portugal, elle contava como primeiro tronco ou ascendente de sua estirpe, em Pernambuco, a João Paes Barreto, natural de Vianna, fóz do Lima, filho de Antonio Velho Barreto, morgado de Bilheiras, descendente de João Paes Barreto, e de Florentino Barreto, senhores da Torre do mesmo appellido, e que fôra casado em Pernambuco com D. Ignez Guardez, filha de Francisco de Carvalho Andrade, e de sua mulher D, Maria Tavares Guardez, moradores no lugar da Varzea (Pernambuco), e senhores do engenho S. Paulo.

Elle podia desvanecer-se de que aquella vergontea, que se transplantára da Lusitania para o solo do Brazil, e depois fôra a arvore genealogica de sua familia em Pernambuco, era um dos personagens distinctos, nobres e ricos, que teve Pernambuco naquelles remotos tempos ; porque segundo affirma o padre fr. Antonio Jaboatão, no seu *Orbe seraphico* ou *Chronica dos frades menores*, reimpresso pelo Instituto Historico Geographico Brazileiro, na segunda parte, tom. 2.º e fl. 461, João Paes Barreto chegára a Pernambuco pelos annos de 1530, sendo um dos seus primeiros povoadores ; pois qne, vindo para a villa de Olinda o custodio da ordem franciscana, fr, Melchior de Santa Catharina, no anno de 1585. declarára elle que ha muitos annos já era colono do Cabo João Paes Barretto, e o conhecera por homem de credito e opinião, e dos mais antigos de Pernambuco.

O mesmo padre Jaboatão, tratando de João Paes Barreto, na sua referida *Chronica*, tom. 1.º da 2.ª parte, a fl. 131, e quando falla da povoação do Recife, diz :—«Na terra era João Paes Barreto um dos seus primeiros colonos, não só em nobreza mas em bens da fortuna, e o mais rico que naquelle tempo habitava em Pernambuco ; morador e assistente na freguezia de Santo Antonio do Cabo, aonde tem ainda hoje larga descendencia de oito filhos que deixou, sete varões e uma femea, chamada D. Catharina Barreto, que foi casada com D. Luiz de Souza Henrique, (1) governador de Pernambuco, filho de D. Francisco

---

(1) D. Catharina Barretto, filha de João Paes Barreto e de sua mulher D. Ignez Guardez, foi casada com D. Luiz de Souza, 5.º filho de D. Francisco de Souza e de sua 2.ª mulher D. Violanta Henrique. Era D. Luiz de Souza tio de D. Antonio Luiz de Souza Telles de Menezes, 2.º marquez das Minas que governou a Bahia na qualidade de capitão-general, nos annos de 1684 a 1687, ao mesmo tempo que governava Pernambuco seu primo D. João de Souza, veador da casa real.

D. Francisco de Souza, descendente dos condes do Prado, ssnhor de Berenger, chegára á Bahia com o dito seu filho D. Luiz de Souza, na qualidade de governador e capitão-general, no anno de 1594, e trazia a mercê do titulo de marquez das Minas, se com effeito fossem descobertas as que Roberio Dias tinha ido prometter a Castella ; porém, frustrada a empreza pela perfidia do dito Roberio Dias, este titulo verificou-se em seu neto D. Francisco de Souza, que era irmão do referido D. Luiz de Souza, marido de D. Catharina Barreto. Assim se conclue da Historia genealogica da casa de Portugal, tom. 14, tratando da familia dos condes do Prado, marquezes das Minas, e Rocha Pitta, na sua Historia da America Portugueza, fl. 195.

Referindo-se especialmente a D. Luiz de Souza, diz a referida Historia genealogica da casa real de Portugal, no tom. 14 e fl. 1095 o seguinte : — « De D. Francisco de Souza e de sua 2.ª mulher D. Violanta Henrique era D. Luiz de Souza o 5.º filho. Estudou em Coimbra, e largando esta vida, acompanhou seu pai, quando passou para capitão-general das capitanias do sul, e por sua morte lhe succedeu no governo, em virtude da faculdade real, que a seu pai foi concedida, de poder nomear o dito governo : o que fez em seu

de Souza Henrique, commendador de Santo-Euricio e de S. Fins da Ordem de Christo, e de quem descendem os condes do Prado. Foi João Paes Barretto, senhor de dez engenhos de fazer assucar, os quaes repartiu em sua vida pos seus oito filhos; e era o que chamavam o engenho Velho do Cabo, aquelle onde fazia maior assistencia; falleceu no hospital de Olinda de quem foi grande bemfeitor e dos seus pobres, entre os quaes pediu que queria morrer, e para onde o levaram alguns dias antes, dizendo tambem a alguns dos nossos religiosos havia ser o seu transito, como foi, no dia da Santissima Trindade, que naquelle anno, que era o de 1617, cahiu a 21 de Maio.»

Se consultarmos a *Nobiliarchia pernambucana*, obra escripta em 1771, por Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, a qual se conserva no mosteiro de S. Bento de Olinda, veremos que o seu autor, no tom. 4.º, tratando da genealogia das familias mais distinctas, diz que—João Paes Barretto (o velho) era natural, e da melhor nobreza de Vianna descendente dos morgados de Bilheira, senhores da torre de Constantino Barretto; que passára elle a Pernambuco na sua primeira povoação, e n'elle casára com Ignez

filho D. Luiz de Souza, que entrou a 11 de Junho de 1611, sendo governador e capitão-general do Brasil D. Diogo de Menezes, até que lhe succedeu Gaspar de Souza, com faculdade de reunir outra vez aquellas capitanias ao governo da Bahia, de quem tinham sido separadas; em virtude do que D. Luiz de Souza entregou o governo a Martim de Sá, seu procurador, como consta dos livros da camara do Rio de Janeiro, de uma carta passada a 24 de Abril de 1613. Não voltou D. Luiz de Souza. Casou em Pernambuco com D. Catharina Barretto, filha de João Paes Barreto, senhor de engenhos, e com D. Ignez Guardez, pessoas das principaes d'aquella capitania, e teve, entre outros filhos, a D. Francisco de Souza, D. Luiz e D. João de Souza que serviu na guerra da acclamação, e foi mestre de campo em Pernambuco, do terço que foi de André Vidal de Negreiros; commendador de Santo-Euricio e de S. Fins, por mercê de el-rei D. João IV. Casou com D. Ignez Barretto, sua prima, filha de Filippe Paes Barretto e de D. Brites de Albuquerque.

Guardez, filha de Francisco de Carvalho, de quem teve filhos; que instituira um morgado, com provisão regia, no engenho Velho da Madre de Deus, na freguezia do Cabo de Santo Agostinho, comprehendendo nelle os engenhos Guerra, Ilha e Santo Estevão.

Si folhearmos ainda o *Agiologio lusitano*, escripto pelo licenciado Jorge Cardoso, impresso no anno de 1666, no tom. 3.º e fl, 348, veremos que seu auctor assim se exprime: « No hospital de Olinda, villa da capitania de Pernambuco, a morte de João Barreto, que sendo natural de Vianna, foz de Lima, passou ao estado do Brazil com tenção de adquirir fazenda, só para servir a Deus. E como era homem timorato, brando, composto, affavel, benigno e piedoso, o favoreceu o céo de tal sorte, que em poucos annos veio a ter muitas terras e povoações, em que entravam nove engenhos de lavrar assucar; e com ser depois tão rico e poderoso nunca se ensoberbeceu, nem escandalisou pessoa alguma, antes amava a todas, e remediava aos pobres, dando-lhes terras, para que as cultivassem sem esperar delles retorno, fazendo-os senhores do seu. Muitas vezes foi provedor da Misericordia, a qual cercou de muro, e fez no quintal outras obras memoraveis de pedra e cal, em que dispendeu grande quantidade de fazenda, e não menos no sustento dos pobres e necessitados, e dando a todo o genero de orphãos, donzellas e viuvas abundantes esmolas, e assim mesmo a muita gente recolhida envergonhada, onde as necessidades são mais urgentes, e por isso mas acceitas a Deus. E tão amigo era de fazer bem.......................................
Por estas e outras acções de caridade e commiseração lhe fez a liberalidade divina altissimas mercês, dandolhe tantos bens, que elle não sabia quantos, os quaes repartiu na vida entre seus filhos, para que não tivessem duvidas e contendas na morte, reservando grande parte para os pobres de Christo, seus principaes herdeiros. Retirado então ao Cabo de Santo Agostinho, frequentando com piedade e devoção os sacramentos,

dez mezes antes da commum jornada, disse a muitos religiosos — que havia de ser na dominga da Santissima Trindade—Chegado o tempo, sentiu-se doente pedio a um de seus filhos que o mandasse ao hospital, porque queria morrer entre os seus amados e queridos pobres! E levado ao de Olinda, viveu ainda alguns dias, preparando-se com santas obras para a jornada, até que, cumprido o designado praso, andando de pé, madrugou a receber o celeste pão dos anjos; e ao meio dia em ponto, assentado em um escabelo, abraçado com Christo crucificado, que era todos os seus amores, deixou o peso da mortalidade, com maior sentimento dos pobres e necessitados. Trataram logo de o despir, para o darem á sepultura, e acharam-lhe grandes e duros callos nos joelhos, de estar continuamente orando e encommendando-se a Deus, com que foi julgado de todos por varão justo e abalisado em virtude. »

No commentario que faz a citada obra, ao dia 21 de Maio, o seu autor, a respeito de Paes Barreto, ainda diz; « Foi João Paes Barreto casado com Ignez Guardez, de quem houve seis filhos e quatro filhas; a segunda chamada D. Catharina, casou com D. Luiz de Souza Henriques, filho de D. Francisco de Souza Henriques, governador que era do Estado do Brasil, cujos netos são hoje os condes do Prado.

« Falleceu a 21 de Maio de 1617, com celeberrima fama de virtude, de que temos instrumento juridico, tirado a instancia de um filho seu do mesmo nome, cavalleiro professo da ordem de Christo, e fidalgo da casa de Sua Magestade, no pontal de Nazareth, termo da villa de Olinda, capitania de Pernambuco, por Domingos Dias Rombo, tabellião publico, a 30 de Julho de 1653, e despacho do juiz ordinario Pedro Cavalcanti de Albuquerque, jurado por seis testemunhas, todas de qualidade, que depuzeram o referido no texto, pelo haverem conhecido e tratado familiarmente muitos annos naquellas partes. (1)»

Francisco Paes Barretto, descendendo de prosapia tão esclarecida, recebeu de seus progenitores uma educação esmerada, toda firmada nos principios solidos da religião, sabendo elles implantar no coração infantil o amor da justiça e o desejo dos verdadeiros e eternos bens, e temor de Deos, porque elles bem conheciam que a educação religiosa era a mais forte e impenetravel égide contra os assaltos de todos os inimigos que se tem de encontrar na vida social; era, na verdade, a mais duradoura legitima que lhe podiam deixar.

Francisco Paes Barretto, herdando por directa succèssão a nobreza da familia, herdara tambem o morgado, que o seu primeiro ascendente João Paes Barretto havia instituido naquelle engenho Velho do Cabo, e nos de Santo Estevão, Guerra e Ilha.

Por morte de seu pai o mestre de campo Estevão José Paes Barreto tomou elle posse, como filho primogenito, daquelle importante vinculo, e abraçára a agricultura, essa fonte principal, que segundo a experiencia universal de todos os povos civilisados, se ha chegado a uma demonstração de que ella é o principio mais solido de prosperidade e grandeza das nações; e

---

(1) Chamavam Academia Suassuna ás reuniões em grande escala das pessoas distinctas da provincia, as quaes convocava em seu engenho do mesmo nome o capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, um dos maiores propugnadores da liberdade de 1817. Nessas magnas sessões se discutiam os negocios mais importantes daquella épocha: ahi tambem recebiam os adeptos da futura revolu-utais e indispensaveis lições; e não só os nacionaes, como tambem estrangeiros, achavam ali luz, agasalho e subsidios. Promovendo nesse comenos com todo o ardor prtriotico o dito capitão-mór Suassuna e o morgado do Cabo Francisco Paes Barreto a creação de uma bibliotheca, no salão da egreja do Paraiso, fundaram ahi mesmo uma sociedade filial á primeira, com os mesmos fins, e para mais facil reunião dos athletas da causa da liberdade, os quaes residiam na capital do Recife. A esta reunião deram o nome de Academia do Paraizo.

constituindo além disto uma vida placida e tranquilla, faz com que o homem se approxime ao estado natural, conheça e sinta menos a escravidão das paixões.

Percorrendo senda tão honesta e assaz proficuas escolhêra Francisco Paes Barretto, sua sobrinha D. Thereza de Caldas Lins Barretto, filha legitima de Luiz José Lins Caldas, casado com sua irmã D. Joaquina Antonia Barretto Lins, para sua esposa, e partilhar conseguintemente das delicias do thálamo e tambem de seus trabalhos. Como christão seguio elle o preceito da religião, essa philosophia sublime, que, na phrase do cardeal Maury, é o mais poderoso movel para conduzir o homem, por isso que o colloca sempre sob as vistas da Divindade, e obra na vontade com tanto imperio, como no pensamento: como cidadão em nada desmereceu, porque sempre trilhou a senda do dever, da honradez e da probidade: cómo pai de familia, carinhosamente educava seus filhos, instruindo-os naquellas maximas e preceitos saudaveis que recebêra de seus predecessores, e já esforçando-se a que elles fossem obedientes e respeitadores da lei.

No seio de sua familia e nos labores da agricultura passára Paes Barretto dias amenos, promovendo com a maior solicitude o augmento, e dando maior incremento e valor ao morgado que administrava; e effectivamente póde conseguir que se levantassem nas terras do mesmo morgado os engenhos Campo-alegre, San José, Caramurú, Junqueira e Camassari.

Dotado de um natural benevolo e compassivo, amado dos povos do lugar, elle não só era respeitado na qualidade de capitão-mór de ordenanças na villado Cabo, como tambem esse amor, esta estima, se requintavam, porque elle se constituia espontaneamente daquelles povos o seu verdadeiro protector e melhor arrimo.

II

Governava em 1817, a provincia de Pernambuco o general Caetano Pinto de Miranda Monte-negro,

que morreu marquez da Praia-grande. Graves eram os acontecimentos politicos dessa epoca, e bem melindrosas as circumstancias do Brasil. « Crescia (diz um illustre personagem) o Brasil, e maior rivalidade desenvolvia contra os portuguezes : estes, naturalmente orgulhosos, escudados com a força material, reputavam-se unicos senhores do paiz que os acolhia e elevava : nascer brasileiro era um titulo de inferioridade. O ministerio portuguez, em vez de desarraigar com a justiça imparcial a nascente discordia, a fomentava, crendo que a divisão dos animos poderia perpetuar o seu dominio » (*Historia da revolução de Pernambuco em 1817*. pelo Sr. Dr. Francisco Muniz Tavares).

O descontentamento se derramava em todas as provincias ; as queixas eram unanimes em todos os angulos dellas. Pernambuco havia dado copia de seu ressentimento, quando em 1710 os principaés personagens de Olinda, os quaes denominavam *Nobreza,* já cançados de soffrer as parcialidades odiosas do governo que os dominava, esgrimiram as armas, e oppozeram-se a que o Recife fosse elevado á cathegoria de villa, porque receiavam acertadamente de recahirem os principaes cargos nas mãos dos portuguezes.

Enfermidades ha que se não podem curar sem remedios energicos.

Nestas circumstancias, expellir o mal que acabrunha o corpo, tornal-o separado e independente desse inimigo hostil, era uma necessidade indeclinavel. Era mister aniquilar essa hydra mortifera ; era de summa vantagem sacudir o jugo colonial. Pernambuco, pois, foi a primeira provincia que ergueu o collo de gigante, e, qual outro leão, encrespou a juba, adoptou a idéa e a pôz em pratica, a despeito dos obices e difficuldades que tinha necessariamente de superar.

Rompeu o dia 6 de Março de 1817 na cidade do Recife, e com elle a revolução, em que se proclamou a independencia da provincia e o governo da republica,

revolução que encontrou acquiescencia nas provincias visinhas — Parahyba, Rio-Grande do Norte e Ceará.

A centelha patriotica ateava-se por demais no peito de cada um dos athletas famosos ; em cada peito palpitava a liberdade ; e a liberdade era o santelmo que lhes abriria fontes de prosperidade e venturas ; era qual outro maná chovido no deserto, em beneficio do povo de Israel

Francisco Paes Barretto, com o maior enthusiasmo e dedicação patriotica, abraçou esta nobre causa, e por ella sacrificou-se.

Quasi sempre a penna do biographo tem a sorte de ser mutilada pela critica, e taxada ou de concisa na exposição dos factos do heroe de que ella se occupa, ou de hyperbolica, quando prodigalisa encomios por demais, que o elevam á cupula dos grandes vultos da sociedade.

Não seja agora a penna do biographo quem louve, e fale ; -- fale o autor dos *Martyres pernambucanos*, homem que, no retiro do claustro, testemunha ocular das emergencias e vicissitudes assustadoras de 1817, com a maior imparcialidade diz :—« Francisco Paes Barretto, illustre e dignissimo pernambucano de 1817, rico morgado e capitão-mór da villa do Cabo de Santo Agostinho, reconhecido antonomaticamente por patriarcha distinctissimo da liberdade da patria, inimigo irreconciliavel dos déspotas, dos tyrannos, dos oppressores natos do seu paiz, fez-se adepto profundissimo dos secretos democraticos, socio indeffectivel da academia Suassuna, socio fundador da academia do Paraiso (1), dando, em preferencia aos afilhados do bispo governador e outras personagens, a administracção daquelle rico hospital ao padre João Ribeiro, de quem era amigo sympathico, assim como de Domingos José. A tanta altura chegou de principios, que elle só era capaz de fazer e conduzir uma grande revolução ! E oxalá fôra elle o unico autor do dia 6 de Março ! Então a sua grave prudencia faria amadurecer no se-

creto o grande plano; elle buscaria e seguraria meios aptos e infalliveis; sua liberdade discreta, sem o desar de estrangeiro, lhe attrahiria a multidão descontente, de quem já era idolo, pelas suas nobres virtudes: a liberdade, emfim, sem os espeques da impostura, marcharia magestosamente, sem jamais ser assassinada por aquelles mesmos covardes, que mais deviam cimental-a; mas deixadas recriminações, já vimos — Albuquerque 8.º — que o secreto, tendo transpirado, a causa foi delatada, os cumplices ameaçados, fazendo-se indispensavel a revolução de 6 de Março, e que todos os conjurados se reunissem para desviarem o perigo commum: o nosso herôe, em consequencia dos avisos, encorporou-se com as suas ordenanças ao batalhão auxiliar dos Suassunas em a noite de 6 de Março, e com elles veio correndo ao Recife, onde amanheceu no dia 7, e nelle ajudou á completar a grande empreza, tendo grande influencia na capitulação e entrega da fortaleza do Brum. Recolhido o exercito ao campo da honra, tratou-se de eleger o governo provisorio; quando o publico esperava que o grande Barretto fosse um dos directores dos seus novos destinos, soube com magoa que ella se retirara ao Cabo, onde fôra esconder os seus talentos, e talvez a dôr da ingratidão dos seus consocios: todavia, não deixou de fazer os maiores serviços á liberdade da patria, principalmente nos grandes apuros em que a pôz o exercito do marechal Mello; porém a perda da batalha de Pindoba lhe fez perder todas as esperanças, vendo somente a salvação propria e do tantos infelizes n'uma capitulação honrosa: por ella votou. Não sendo porém escutado, recolheu-se ao Recife, a esperar resignadamente o desfecho da Providencia. Na fuga do resto das tropas, e desembarque de Rodrigo Lobo, foi dos primeiros que se prenderam; e logo mettido no horroroso *Carrasco*, partiu com as 70 victimas, destinadas a serem immoladas ao monstro conde dos Arcos. Chegado á Bahia foi recolhido nos horrores da cadeiá da Relação, onde espe-

rou pacificamente que a sua mesma causa brotasse com mais prosperos successos, em Portugal. Com effeito, a revolução daquelle reino em 24 de Agosto, adoptada sofregamente pela Bahia em 10 de Fevereiro de 1821, o restituiu á sua liberdade e patria, para onde correu acceleradamente, onde, porém, achou estabelecida a liberdade em palavras sonoras, sendo nas obras um ferreo e barbaro despotismo, esmagando em corpo e alma os doceis pernambucanos! Esta enorme contradicção de Luiz do Rego em Pernambuco com as côrtes de Lisboa, não podia deixar de tristemente affectar a tantos e tão illustres martyres, sahidos recentemente dos equaleos da tyrannia ou carceres da Bahia..... » (Vide a obra — *Os Martyres pernambucanos* de 1717 e 1817, pelo padre Joaquim Dias Martins).

Restituido então Francisco Paes Barretto ao seio de sua familia, que ávida o esperava, pouco tempo gozou as delicias do hyminêo, porque nova catastrophe se ergueu para o contristar, e confrangir de novas penas a sua familia,

III

O general Luiz do Rego Barretto, governador então de Pernambuco, contra quem se havia desenvolvido quasi geral antipathia e aversão, recebêra na noite de 21 de Julho de 1821, na ponte da Boa-Vista, um tiro á queima-roupa, de pistola, que o ferira no hombro do braço direito.

Boatos aterradores logo se espalharam pela cidade. Juizos infundados assentaram, e moveram perseguições violentas, ás quaes acompanhava tumultuariamente uma cohorte militar, que pretendia vingar com novos delictos o delicto perpetrado. Para cohonestar tão iniquo procedimento, propalava-se com arrogancia que uma grande conspiração se havia tra-

mado contra a pessoa de Luiz do Rego e seus adherentes. A suspeita recahiu sobre os pernambucanos em geral, porém apontavam como autores della os que, ha pouco, haviam chegado dos ergastulos da Bahia ! Neste numero foi incluido Francisco Paes Barreto, a quem deram as honras de chefe. Sem perda de tempo e nem fórma de processo, fôra elle preso, e mais 41 de seus companheiros de trabalhos e ostracismo, e remettidos a bordo do brigue *Intriga* para Lisboa.

Chegados ao Tejo no dia 13 de Outubro daquelle anno, ficaram todos encerrados naquelle carcere fluctuante, esperando ordens da competente autoridade, que determinasse lugar de nova prisão.

Neste comenos abrira-se a sala das côrtes de Lisboa, e entraram os deputados de Pernambuco ; e apenas scientes elles do facto, que os surprehendeu, pela leitura em plena sessão do officio que acompanhára aos proscriptos, o daputado de Pernambuco o Exm. Sr. Dr. Francisco Muniz Tavares, (hoje conselheiro, monsenhor da capella imperial, e dignissimo presidente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano), alçou sua poderosa e eloquente voz, e nos termos mais expressivos e convincentes produziu a defeza dos infelizes conjurados. Foi na sessão de 16 de Ontubro do referido anno, qual elle apresentou logo a seguinte indicação :—«Pernambuco, assim como as demais provincias do Brazil. sempre teve tyranos por seus governadores ; mas não consta que apparecesse um só como Luiz do Rego Barreto, cujos factos são assaz notorios. E se naquelles tempos os mencionados tyrannos podiam perpetrar todo o genero de crimes sem receio de punição, consentiremos presentemente que succeda o mesmo para com o maior de todos elles, que, desde o primeiro dia em que entrou para aquella provincia, não tem cessado de correr rios de lagrimas ?

« Requeiro, portanto, que se determine ao governo que eleja um ministro de conducta irreprehensivel,

para ir inquirir da conducta civil e politica do mencionado Luiz do Rego em todo o decurso de seu barbaro governo, afim de que conheçam os brazileiros quanto este augusto congresso se interessa na sua prosperidade.—Francisco Muniz Tavares. »

Em sustentação do que indicou o deputado por Pernambuco, fez elle em seguida o discurso desta maneira :—«Sr. Presidente, quando considero que fallo perante uma assembléa composta de varões tão respeitaveis ; quando me lembro que estou na presença dos regeneradores da patria, regeneradores dos inalienaveis direitos dos homens, não receio fazer a defeza dos meus amados patricios, victimas innocentes, victimas immoladas á sède insaciavel de um homem—não digo bem, —de um monstro que, apoiado pela força de desenfreiadas boyonetas, e pela intriga de vis denunciantes, pretende perpetuar-se em seu despotico e tyrannico governo. Eu ouso perante este soberano congresso chamar-lhe victimas innocentes, porque tenho provas não equivocas do seu procedimento. São homens de bem, são cidadãos benemeritos, eu vivia entr'elles ; me communicavam os seus sentimentos, que em nada deferiam do presente systema ; todo o seu crime é terem sido presos pela desastrosa revolução de 1817. Os seus detestaveis calumniadores, ao principio, barbaramente, persuadindo-se não lhes vêrem senão as cabeças : e ao depois, contra toda a espectativa, vendo-os soltos, vendo-os serem recebidos entre acclamações de jubilo e de prazer, afeando-lhes os remorsos os seus negros crimes, vendo a punição condigna, têem trabalhado para os malquistar, intrigar, e por fim perder. E com effeito o conseguiram. A maior parte dos que tinham chegado da Bahia eram indistinctamente presos, e muitos dos que chegavam eram tirados das embarcações para a prisão, apoiando tudo isto os batalhões do Algarve, com um pretexto que declararia inimiga toda a autoridade que soltasse a qualquer desses presos. Conhecida, portanto, a innocencia, requeiro que sejam

immediatamente soltos, assim como que o governo mande inquirir por um ministro recto da conducta civil e politica de Luiz do Rego, afim de ser punido como merece.» (Vide o *Diario das Côrtes portuguezas*, tom. 3.º fl. 2670).

Palavras proferidas por um parlamentar tão energico e illustrado, produziram um resultado salutar e efficaz : assim aconteceu. O soberano congresso ouvio com attenção benevola, e pesou a magnitude da defeza ; inclinou-se á inculpabilidade dos réos ; e pelo accordão da casa da supplicação, proferido no dia 27 de Outubro de 1821, fôram todos julgados innocentes, absolvidos e tirados das prisões do castello, aonde jaziam : acccrescendo ainda, que cada um tivera passagem livre do governo, para regressar á sua patria !

Recolhido a ella Francisco Paes Barreto, coberto de louros, voltára ao lar de sua familia, e de novo foi curar de seus interesses domesticos, não olvidando-se no entanto dos da patria, por quem tanto já havia soffrido.

IV

O horizonte politico de Pernambuco outra vez se turva. Negras e sombrias nuvens se agglomeram e o circumdam ; tudo presagiava dias luctuosos, era a representação de um drama funesto ! !

A provincia de Pernambuco que, em 1817, teve de lamentar a sorte infausta de alguns de seus filhos, que fôram immolados no altar da patria, vai agora trajar novo crepe de dôr, porque scenas bem tristes e pungentes vai ella presenciar. O anno de 1824 marcou nas paginas da historia uma época assustadora, porque narra as consequencias nefandas da celebre e improficua confederação do Equador, proclamada nessa era em Pernambuco.

Dissolvida a assembléa constituinte do Rio de Ja-

neiro no dia 12 de Novembro de 1823 os respectivos deputados por Pernambuco formularam e dirigiram á junta do governo da provincia, da qual era membro Francisco Paes Barreto, um circumstanciado manifesto, concernente á aquella dissolução; em virtude do que, reunida a mesma junta no dia 13 de Dezembro, em sessão extraordinaria, e ponderados os apuros a que tinha chegado a provincia, assentára a referida junta na promoção de nova forma de governo para a mesma.

Levada a effeito a idéa sahiu eleito presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que logo tomou conta das rédeas da administração. Porém não approvando o governo imperial essa eleição, enviara no mesmo anno carta de presidente para Pernambuco ao morgado do Cabo Francisco Paes Barretto.

Esta nomeação não encontrou acquiescencia da parte dos eleitores da provincia; a ponto de que reunidos elles, em unanime accordo, assignaram e dirigiram no dia 8 de Janeiro de 1824 uma representação á côrte do Rio de Janeiro, na qual sustentavam o acto da eleição do presidente Carvalho, negando conseguintemente obediencia á nomeaçao legal, que ha pouco baixára do throno imperial!

Effectivamente, o legitimo delegado do governo não era reconhecido por autoridade constituida, entretanto que continuava na tumultuaria administração da provincia Manoel de Carvalho, que mais tarde proclamou a decantada Confederação do Equador!

Neste estado de oscilação, o novo presidente Paes Barretto recolhido ao seu engenho do Cabo, aguardava o desfecho de tão assustadora peripecia.

De certo, na effervescencia das opiniões, no frenesi dos partidos, appareceu, como sempre soe acontecer a divergencia das idéas; declarou-se a reacção, e da reacção surgiu a lucta mortifera. Manoel de Carvalho foi preso e recolhido á fortaleza do Brum, pelos majores Lamenha e Seára, que não poderam já conter no peito a scentelha patriotica que os abrasava;

porém em poucas horas, inesperadamente, elles viram Carvalho solto e reintegrado na presidencia da provincia, devido tudo á guarnição daquella fortaleza, a qual se havia levantado, e pronunciado-se em favor do referido presidente, que chamavam intruso!

Entretanto, aquelles officiaes e mais tropas que tiveram parte nesse acto, vendo o desagradavel resultado da empreza, não desacoroçoaram; mas sempre firmes no seu posto de honra, seguiram logo para a villa do Cabo, e apresentaram-se ao presidente legitimo Paes Barretto. Que surpreza! Elle via correr tormentos de cuidados e escrupulos, que não davam momento de repouso. Conhecia ao mesmo tempo montes de obrigações, que carregavam sobre seus hombros. Resistir não lhe era proprio ao reclamo de tantos denodados militares: mettia a mão nelles, para ver o que podia esperar de cada um. Conheceu o verdadeiro patriotismo, que, *pari passu* os acompanhava. Viu por seus proprios olhos, apalpou a grande necessidade, e decidiu-se a sustentar a sagrada causa da nação. Não lembrou-se dos sacrificios aturados a que se ia expor; esqueceu-se da familia, que deixava; da fortuna e propriedades, que abandonava; e, com a rapidez do raio, foi unir-se a muitos de seus parentes e amigos daquella localidade. Feita a juncção com os bravos officiaes Lamenha, Seára e Coelho, que dirigiam as tropas dissidentes, com o maior açodamento, seguiu e foi com elles escolher arraial no lugar da *Barra grande*. Alli bem intrincheirados, e coadjuvados por guerrilhas da provincia das Alagôas, poderam resistir durante seis mezes ás forças numerosas, enviadas por Manoel de Carvalho, as quaes com denodo se batiam em favor da Confederação do Equador, proclamada pelo referido Carvalho no dia 24 de Julho do mesmo anno.

A lucta foi renhida e sangrenta. O furor da guerra civil subia de ponto, mas a intrepidez e a coragem das tropas imperiaes não se arrefeciam, até que, chegados os reforços militares, enviados da côrte pelo governo imperial, sob o commando do brigadeiro Francisco de

Lima e Silva, Francisco Paes Barretto, organisando á sua custa uma valente cohorte na villa do Cabo, onde havia chegado com as tropas do dito brigadeiro Lima, marchára com este para a cidade do Recife, e fizera sua entrada no dia 12 de Setembro daquelle anno; e apezar de alguma resistencia que encontrára dos aguerridos inimigos, da qual resultaram perdas de muitas vidas, podéra, com aquelle general, supplantar felizmente a revolta, e restabelecer a ordem publica!

V

Grandes e immensos foram os sacrificios pessoaes, e maior o dispendio que fez o morgado do Cabo com o exercito cooperador da bôa ordem.

Durante o espaço de 6 mezes sustentára elle toda a tropa que se achava acampada na Barra-grande, gastando de sua fazenda para mais de trinta contos de réis e nada exigira do governo; e quando este solicitara delle conta das despezas da guerra, a resposta que déra ao monarcha foi —que *nada queria!!*

Acção sobremaneira generosa! Patriotismo acrisolado e sem par! Ainda mais fez o morgado do Cabo: sua casa no Recife, preparada devidamente para os commodos da vida, e onde elle recreava-se das fadigas campestres, com á melhor vontade e gosto offerecêra para residencia daquelle general Lima, o qual, acceitando a sua generosidade, se hospedára na dita casa durante o tempo em que esteve encarregado do governo civil e militar da provincia; sendo que, para sua residencia e de sua familia, foi-lhe mister alugar uma casa particular, provel-a dos necessarios utensilios, porque elle não se quiz utilisar dos que existiam em sua propria casa, visto como tudo havia posto á disposição do referido general.

Não contristou-se Francisco Paes Barretto em saber da destruição em grande escala em suas fazendas e engenhos, exercitada como em vindicta pelas phalanges adversarias, a seu talante; chegando o furor da

vingança a ponto de tocarem fogo na casa de vivenda do engenho Velho do Cabo, soccorrido de um barril de polvora; de arrasarem todos os edificios e obras delle, e até de profanarem a capella e suas sagradas imagens!! O que porém confrangia e ralava seu coração de acerba dor, era ter sciencia de que sua esposa andava foragida, procurando livrar-se das garras desses leões esfaimados, que, ávidos de vingança, a procuravam para a prender, na esperança de que consummado o malevolo intento, ficaria arrefecido seu ardor patriotico, e quiçá desamparasse elle a causa que, heroicamente defendia.

A dor lhe atára a lingua, para que obrasse a obediencia do dever. Sobejava a angustia, de que seu rosto dava bem vistos penhores.

Tentaram ainda os adversarios politicos effectuar o seu iniquo *desideratum*, pois que uma porção de aguerridos coripheus da republica invadira o sitio no lugar de Belém, onde se achava de residencia o pai da Exm.ª Sr.ª D. Thereza Lins Barretto (hoje marqueza do Recife); porém viram todos malograda a empreza, porque, dias antes, sendo avisada, seguira a mesma senhora por caminhos desconhecidos para o engenho Mulinote, da freguezia do Cabo, de um seu parente. Não considerando-se ainda segura a respeitavel matrona na casa de vivenda do engenho, procurou as mattas delle, e com seus cinco filhos menores, alguns dias e noites passára dentro do óco de uma grande pedra, que chamavam do Urubú!!

Nesse lidar assustador e sobremodo afflictivo, privada até de meios pecuniarios, sustentára-se resignada a illustre esposa de Paes Barretto, até que elle terminasse a grande e gloriosa obra, a que se dedicára de coração.

Foram na verdade dois martyres que se entregaram á penuria, e soffreram por demais, pelo amor de sua patria! Um retirado do lar domestico, debatendo-se com os inimigos da realeza; o outro expellido, pela força da necessidade, dos commodos da vida, suppor-

tando privações, e sobresaltos, entregue a um penar continuo, e receiando até segurança de vida ! E' certo que, assim como a esposa é companheira do consorte nos seus gozos e delicias em tempos bonançosos e apraziveis, tambem o deve ser nos trabalhos e soffrimentos em dias funestos e amargos.

Restabelecida a ordem e a pacificação da provincia, Francisco Paes Barretto communicára circumstanciadamente todas as occurrencias ao imperador o Senhor D. Pedro I, e bem assim o feliz resultado, o triumpho glorioso obtido da causa que defendèra ; e aquelle soberano, querendo remunerar serviços de ordem superior, conferiu-lhe, no mez de Agosto de 1824, titulos mui honorificos : a carta de conselho, a condecoração da dignitaria da imperial Ordem do Cruzeiro, e o titulo de visconde do Recife, com grandeza. Eis as palavras com que se exprimiu o imperante, quando, no dia 4 de Maio de 1825, assignou a respectiva carta : — « *Faço saber aos que esta minha carta virem, que, constando na minha imperial presença o importante e glorioso serviço que acaba de fazer á causa do imperio Francisco Paes Barretto, morgado do Cabo, oppondo por longo espaço de tempo inexpugnavel barreira ás tropas dos rebeldes de Pernambuco, que invadiram a provincia de Alagôas e foram por elle constantemente debelladas e vencidas, e incorporando-se por fim ao exercito libertador que ali mandei, no qual trabalhou até a occupação da cidade do Recife, e total dispersão dos rebeldes : E desejando eu dar ao dito Francisco Paes Barretto um testemunho publico de quanto me foi agradavel este seu serviço, pela prova que deu não equivoca de fidelidade á minha pessoa, amor á sua patria, e sincero interesse pela integridade e consolidação do imperio : Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de Visconde do Recife, em sua vida, com as honras de grandeza*.................................»

Grato sobre maneira o visconde do Recife por esta prova inconcussa de subida estima e consideração que acabava de receber da munificencia imperial, não

pôde contêr a scentelha do desejo, que se ateava cada dia em seu peito, de ir pessoalmente beijar a regia mão, que despendêra com elle favores e mercês inapreciaveis : pede para isto ao soberano permissão, e a resposta que recebêra fôra concebida nestes termos : « *Sendo presente a sua Magestade o Imperador o officio do visconde do Recife, em que participa estar determinado a vir a esta côrte para beijar a sua augusta mão ; manda o mesmo senhor pelo secretario de Estado dos negocios do imperio participar-lhe que lhe será muito agradavel que elle compareça, quanto antes, não só porque deseja conhecer o benemerito cidadão que tem prestado tão uteis serviços ao Estado, e dado tantas provas de fidelidade e amor á sua augusta pessoa, mas tambem para conseguir circumstanciadas informações da provincia de Pernambuco, cuja sorte merece hoje mui particular attenção. Palacio do Rio de Janeiro, em 26 de Janeiro de 1825.— Estevão Ribeiro de Rezende.* »

Effectivamente, partira no mez de Fevereiro desse anno o visconde do Recife para a côrte do Rio de Janeiro ; e inebriado de prazer e viva satisfação, cumprira o seu ardente *desideratum*. Se o coração do visconde do Recife se inundára em ondas de jubilo por ver-se na presença de seu monarcha, rendendo-lhe o mais sincero preito de suas vassalagens e acrisolado reconhecimento, tambem o soberano se tomára de prazer de conhecer pessoalmente um subdito, que por elle se havia sacrificado, dando as mais inequivocas provas de amor e fidelidade ao throno imperial. E pois, para dar um testemunho do quanto lhe fôram agradaveis os serviços prestados por este benemerito cidadão, tão dedicado á causa nacional, o Senhor D. Pedro I nessa occasião lhe faz mercê do honorifico titulo de armeiro-mór do imperio (o primeiro personagem que o gozou), tendo, por decreto de 12 de Outubro de 1824, já lhe conferido a insignia da grã-cruz da imperial Ordem do Cruzeiro ! São notaveis as palavras proferidas pelo soberano na occasião de assignar, no dia 5 de Maio de

1825, a carta em que o distinguia com tão honorifica condecoração. Assim diz a carta. « *Faço saber aos que esta minha carta virem, que, tomando em consideração o ardente patriotismo com que o visconde do Recife Francisco Paes Barretto, votando-se animoso pela causa sagrada da nação brazileira, combatteu e debellou com firmeza inalteravel e provada intelligencia a rebelde facção que em Pernambuco se levantára, com o sacrilego projecto de destruir o throno e o imperio: E querendo eu dar-lhe um publico testemunho de reconhecimento por tão extraordinarios serviços, que o elevam gloriosamente á classe dos primeiros benemeritos da patria : hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear Grã-Cruz da Ordem imperial do Cruzeiro.*»

Para compensar as grandes despezas que fizera o visconde do Recife quando sustentára a causa nacional, sem exigir o menor estipendio, o soberano monarcha ainda lhe fez a mercê especial da metade dos rendimentos do sello que recebiam as fazendas importadas na alfandega da provincia : mercê esta, porem, que elle gozou por espaço sómente de seis annos, porque fôra o imposto supprimido pelo poder legislativo !

Penhorado o illustre visconde por tão assignaladas graças recebidas de seu augusto monarcha, saudoso retira-se para a sua provincia, depois de reverentemente prestar-lhe submissas vassalagens, e de render sinceros preitos de sua adhesão, emfim, de reiterar os votos de amor e fidelidade ao throno imperial.

O visconde do Recife não ficára, porém, olvidado da mente daquelle monarcha ; porque, já recolhido aos lares de sua familia, todo entregue aos labores de suas fazendas agricolas, e maxime na direcção de seu morgado, segregado de assembléas e reuniões sociaes, ainda assim foi elle honrado pelo seu imperante, no dia 12 de Outubro de 1825, com o titulo de marquez do Recife, titulo que exuberantemente provou o quilate de estima e consideração em que o prezava o soberano chefe da nação.

Entretanto o marquez do Recife, dispondo de uma

fortuna collossal de seu morgado, agraciado com titulos tão elevados e condecorações mui honorificas, considerado naquelle tempo o primeiro vulto da provincia; elle não alardeava as venturas que lograva; não encarecia a opulencia que o cercava: o orgulho nelle não encontrava apoio e nem erguia seu collo; desprezava as vaidades do mundo, aborrecia o fausto, anathematisava a soberba.

Nunca quiz e nem aspirou tocar ao fastigio dos altos empregos, e menos ser representante da nação; tanto assim que, tendo Pernambuco de eleger em 1824 um senador, os repectivos eleitores, em unanime accordo, resolveram em votar no marquez do Recife que acabava de prestar á provincia serviços de grande importancia e transcendencia; mas, sendo elle consultado, encarecidamente agradeceu; pediu que não o elegessem, e lembrára então para o substituir a José Carlos Marinck da Silva Ferrão, sobre quem effectivamente recahiram os suffragios, e fôra escolhido senador no anno seguinte.

A simplicidade e a modestia primavam sobre a grandeza de que dispunha o illustre marquez do Recife, mas sem vangloria. A beneficencia e o amor do proximo eram para elle preceitos santos, os quaes desempenhava com perfeita exacção. Ouvio a lei da caridade, e abraçou o evangelho; conheceu bem a indole da beneficencia.

Nutrindo a mais viva convicção de que no seio da sociedade todos os homens eram seus irmãos e tinham direito a reciprocos beneficios, suas mãos nunca se fecharam para deixar de applicar o balsamo saudavel, que cicatrisa as chagas do proximo desvallido. — *Palmas suas extendit ad pauperem.* Sua bolsa era sempre aberta para o soccorro da indigencia soffredora e acudir ao grito da verdadeira oppressão: foi em extremo caridoso, porém caridoso como manda ser o Evangelho: *nescit sinistra quid faciat dextra tua.*

A esmola, quando se faz por meio de apparato, não é beneficencia, é vaidade; e até um acto digno de re-

provação quando se desempenha para ser vista dos homens, e não acceita de Deus. O marquez do Recife comprehendeu bem o preceito da caridade, e o desempenhou incessantemente sem vaidade, sem o intuito de adquirir louros e ovações da sociedade : praticára o bem, fôra caridoso, para receber de Deus a recompensa condigna.

Os povos do lugar aonde elle habitava, e os da circumvisinhança, o tinham como santelmo para as suas penurias e afflicções. Confiavam muito na sua poderosa égide, e na candura de seu coração. Elles o idolatravam verdadeiramente ; tanto assim que, achando-se o Exm. marquez bastante doente, e tendo de medicar-se na cidade do Recife, apenas espalhara-se a noticia da gravidade da molestia, um concurso immenso de pessoas affluira ao engenho Velho, aonde elle residia, e com a maior espontaneidade e prazer todos conduziram o respeitavel personagem até a cidade, em uma rede, sustentada em seus hombros, por assim permittir o terrivel morbo : e jámais consentiram elles que esse mister fosse desempenhado pelos escravos da familia, para isto previamente destinados ! Era, na verdade, uma romaria de 7 leguas de acrisolada gratidão! Não parou só aqui tão viva demonstração de affecto, e verdadeiro reconhecimento. Voltando o venerando marquez restabelecido de seus incommodos de saúde para o engenho Velho do Cabo, tal foi o jubilo e o prazer que se derramou nos corações daquelles povos, que logo ornaram a estrada que ia para o mesmo engenho com arcos triumphaes, recamados de folhagens odoriferas ; fizeram subir ao ar girandolas de foguetes, apenas entrára em seu engenho tão respeitavel e venerando titular ! Eram, com effeito, sentimentos da mais pura gratidão, que se desprendiam de corações sobre maneira reconhecidos !

A bondade e a beneficencia verdadeira sempre recebem preitos e vassalagens de respeito e de adhesão, os quaes admiram e surprehendem os peitos endurecidos, que nunca foram visitados pela caridade.

Seu zelo, sua solicitude, se estendiam tambem aos seus irmãos pobres, recolhidos ao hospital do Paraiso, instituido e fundado pelos seus predecessores, o mestre de campo D. João de Souza, e sua mulher D. Ignez Barretto, cuja administração estava aos seus cuidados, por successão de familia. (1)

---

(1) Isto posto, deu lugar a que corresse em Juizo um pleito bastante renhido,em que se apresentaram e disputaram preferencia á successão, de uma parte a mestre de campo João Martnho Falcão, o licenciado Francisco de Souza, D. Francisco Xavier Pedro de Souza, e João de Souza Passos, como descendentes de D. João de Souza; e de outra parte o capitão-mór João Paes Barreto, como descendente, e da linha legitima do primeiro instituidor João Paes Barreto (o velho) seu terceiro avô; sendo que provado em juizo que o morgado de Jurissaca fôra verdadeiramente instituido pelo velho João Paes Barretto e sua mulher D. Ignez Guardez, na escriptura de dote que fizeram no anno de 1614 a D. Luiz de Souza, para casar com sua filha D. Catharina Barretto e não por D. João de Souza e sua mulher D. Ignez Barreto que apenas cumpriram a condicção que seu pai, dito D. Luiz, não levára a effeito, annexando áquelle vinculo outros bens; fôra afinal, por sentença de juiz de capellas João Rodrigues Collaço, lavrada em 3 de Dezembro de 1753, reconhecido pertencer ao já mencionado capitão-mór João Paes Barretto a successão do dito morgado de Jurissaca, como legitimo descendente, por linha varonil, dos primeiros instituidores João Paes Barretto (o velho) e sua mulher D. Ignez Guardez, e por ser elle o que se achava em gráo mais proximo (o 3.° neto) com os ditos instituidores, e sem defeito; preferindo aos outros opponentes, que descendiam de João de Souza, porém por linha illegitima e bastarda, e ainda mesmo quando se considerasse o morgado instituido pelo dito mestre de campo D. João de Souza, o que foi negado por aquella luminosa sentença.

Em virtude do que, estando na posse do morgado de Jurissaca, e tambem da administração do hospital do Paraiso, o capitão-mór João Paes Barreto, passára, por fallecimento deste, a seu filho primogenito o mestre de campo Estevão José Paes Barretto, e deste ao Exm. marquez do Recife, seu primeiro filho.

Pelo fallecimento do marquez do Recife se dissolveram o morgado do Cabo e o vinculo de Jurissaca, em virtude da lei de 6 de Outubro de 1835, e bem assim a instituição do hospital do Paraiso.

Que compaixão desempenhava elle para com esses infelizes acolhidos a tão caridosa instituição! Nós o vimos, em uma das festividades que se celebravam annualmente no dia da Assumpção da Senhora, orago da respectiva egreja, repartir por suas proprias mãos, e com o maior disvello e carinho, o necessario alimento desses desvallidos, dirigindo a cada um palavras de consolo, nascidas de um coração terno e compassivo.

Quem conheceu o Exm. marquez do Recife, e apreciou as suas excellentes qualidades, fará necessariamente, por amor á verdade, a devida justiça á sua natural modestia, ingenuidade, honradez e extrema bondade; emfim, aos mais predicados que o acompanhavam.

O illustre marquez do Recife conservava em seu corpo signaes indeleveis de quanto supportára nos horrendos carceres da Bahia, cujos soffrimentos crueis, de mais de tres annos, lhe arruinaram completamente a saúde. Sentindo periodicamente alterações em seu physico, jámais póde elle restabelecer-se, e gozar dias

---

Segundo a resolução de 13 de Outubro de 1831, os bens do referido hospital foram encorporados ao grande hospital de Caridade publica, e sua administração passou a pertencer á daquelle estabelecimento pio; mas a lei provincial de 7 de Maio de 1836, revogando aquella resolução na parte sómente relativa ao hospital do Paraiso, permittiu que sua administração continuasse como d'antes era, durante a vida do marquez do Recife.

Havendo, porém, depois do passamento deste, litigado em juizo a administração dos estabelecimentos de Caridade com os herdeiros do mencionado marquez, sobre a competencia dos bens que constituiam o patrimonio do referido hospital do Paraiso, obtivera ella em ambas as instancias, sentença favoravel. Sendo, entretanto, a causa levada ao supremo tribunal do Rio de Janeiro, por via de recurso, fôra por sentença, lavrada a 8 de Julho de 1857, concedida a revista pedida, por haver manifesta nullidade no processo, e designada a relação da Bahia para a revisão da causa e novo julgamento.

Finalmente, a relação da Bahia, por acordão de 17 de Setembro do mesmo anno, julgou a instituição do hospital

aprazíveis e amenos.. Estes padecimentos, exacerbando-se de maneira violenta e atroz, o prostaram no leito das dores, e do leito ao sepulchro, no dia 26 de Setembro de 1848.

Se o morgado do Cabo viveu como honrado cidadão, titular honesto, morreu como religioso catholico. fortalecido dos sacramentos da egreja. Com todas as honras militares devidas á sua alta cathegoria e grandeza, foi seu corpo inhumado em um carneiro proprio de sua familia, na capella-mór da egreja de Nossa-Senhora do Paraiso, aonde jazem tambem os seus illustres antepassados.

Se o passamento deste benemerito cidadão traspassára e dilacerára de dôr acerba o coração de sua esposa e filhos carinhosos, para amenisar tão amarga saudade, deixára-lhes a fama mais illustre de um nome immaculado, e a geral reputação de homem essencialmente caridoso, indulgente, religioso e benefico — *per transit beneficiendo.*

O marquez do Recife foi um modelo de abnegação,

....

mencionado como um vinculo pertencente á familia dos instituidores, e como tal comprehendido na lei de 6 de Outubro de 1835, que manda que os vinculos, de qualquer natureza que sejam, fiquem extinctos pela morte dos actuaes administradores, e os bens passem aos herdeiros, filhos do administrador.

A' vista do que, chegando os herdeiros do dito marquez do Recife a um acordo com a irmandade da Santa-Casa de Misericordia, successora daquella administração, fizeram elles por escriptura publica lavrada nas notas do tabelião interino Luiz Francisco Barreto de Almeida, no dia 4 de Março de 1861. doação da quantia de noventa e oito contos de reis (98:000$000) em favor do hospital da Caridade comprehendendo na dita doação a egreja de Nossa-Senhora do Paraiso, com todas as alfaias e paramentos respectivos ; e o predio contiguo á mesma, aonde estivera o hospital ; o sobrado junto á egreja, e outro atraz do estabelecimento ; terrenos, e o mais constante da referida escriptura ; ficando então pertencendo os mais bens, que constituiam o patrimonio do mencionado hospital do Pariaso, aos herdeiros do mesmo marquez do Recife.

e patriotismo ; um personagem naturalmente modesto, despido das vaidades do mundo ; um pernambucano que honrou a sua provincia, pelo seu civismo acrisolado, pelos sacrificios immensos e serviços extraordinarios e transcendentes ; serviços aliás tão apreciados pelo proprio monarcha, que se dignára de collocal-o na galeria dos primeiros benemeritos da patria.

Pernambuco perdeu este vulto proeminente que alem das nobres qualidades pessoaes, reunia em si os titulos honorificos de fidalgo cavalleiro da casa imperial, morgado do Cabo, conselheiro, dignitario, e depois grã-cruz da imperial ordem do Cruzeiro, armeiro-mór do imperio, visconde do Recife, com as honras de grandeza, e depois marquez do mesmo titulo.

A posteridade que honre e perpetue a sua memoria, e o imite no patriotismo ardente, no desinteresse singular, e na abnegação inalteravel.



HISTORIA PATRIA

Affonso de Albuquerque, depois de haver prestado innumeraveis serviços á corôa portugueza, voltando de Ormuz, para Gôa, soube que El-rei D. Manoel havia para ahi mandado novo Governador, com ordens contrarias áquillo que para a Côrte havia escripto ; conjecturou com isso quanto esses serviços eram pouco estimados, e exclamou : *Mal com El-rei por amor dos homens, mal com os homens por amor d' El-rei.* Este pensamento, unido a uma grave enfermidade que já padecia, lhe accelerou a morte ; e conhecendo quanto são mentirosas as esperanças do mundo, repetia muitas vezes —« Tempo é de acolher á egreja, » Nos ultimos momentos, dirigiu a seguinte carta a El-rei, e mal a pôde assignar : — « Senhor, esta é a derradeira que, com soluços de morte, escrevo a V. A. de quan-

tas, com espirito de vida, lhe tenho escripto, pol-a ter livre de confusão desta hora, e muito contente na occupação do seu serviço. Nesse reino deixei um filho, por nome Braz de Albuquerque : peço a V. A. o faça grande, como meus serviços merecem : quanto ás cousas da India, ella fallará por si e por mim. « Chegando á barra de Goa, e depois de recebidos os Sacramentos, falleceu no dia 16 de Dezembro do anno de 1516, com 63 annos de idade, e 6 de governo da India. Seu corpo foi recebido na cidade com a maior ostentação, e levado depois para Lisboa, e sepultado na egreja da Graça, onde, segundo diz um autor antigo, jaz em limitado tumulo o que apenas cabia em toda a Asia ! El-Rei D. Manoel fez algumas mercês ao filho, mandou que em memoria do pai, se chamasse Affonso de Albuquerque e fê-lo casar illustremente.

JULHO DE 1865.—N.º 8.

ASSEMBLÉA GERAL.

Sessão solemne do terceiro anniversario do Instituto, a 27 de Janeiro de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A' uma hora e meia da tarde, depois de recebida a continencia da guarda de honra postada em frente do edificio, o Exm. Sr. Presidente da Provincia é acompanhado pela commissão composta dos Srs. Dr. Figueirôa, Padre Lino do Monte Carmello e Major Salvador Henrique, até o lugar que lhe é destinado; e estando presente o Dr. Chefe de Policia, Delegado do primeiro districto desta capital, varios officiaes do exercito, uma commissão por parte do Gabinete Portuguez de Leitura, pessoas gradas, e um grande numero de cidadãos de todas as classes, verifica-se egualmente a presença dos seguintes socios effectivos do Instituto: os Srs Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Witruvio, Rodrigues Campello, Figueirôa, Torres Bandeira, Eduardo de Barros e Serafico; e os Srs. Coronel Gomes Leal, Padre Lino do Monte, José de Vasconcellos, Tenente-Coronel Justino de Faria, Coronel Veiga Pessoa, e Major Salvador Henrique, e os socios correspondentes Drs. A. de Souza Pereira do Carmo e Bernardo Pereira do Carmo.

O Sr. Presidente declara aberta a sessão, e lê um discurso analogo ao objecto.

1

O Sr. Secretario perpetuo faz a leitura do seu relatorio sobre o movimento do anno social findo.

O Sr. Dr. Feitosa, como orador, lê o seu discurso.

O Sr. Dr. Aprigio recita igualmente um discurso apropriado á festividade, e o Sr. Dr. Torres Bandeira, versos analogos ao assumpto.

O Sr. Manoel da Silva Jacome Pessoa, obtendo a necessaria licença, lê a principio e finalisa improvisando uma felicitação ao Instituto.

Terminado assim o acto, o Sr. Presidente convida aos socios para a sessão especial de eleição no dia 15 de Fevereiro proximo, e levanta a sessão actual.

Retira-se o Exm. Sr. Presidente da Provincia, com as mesmas formalidades com que entrara.

Monsenhor Francisco Muniz Tavares, Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella*, Vice-Presidente. — *José Soares d'Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa*, Orador.—*Salvador Henrique d'Albuquerque*, Segundo Secretario.

—

DISCURSO

DO EXM. E REVM. MONSENHOR DR. FRANCISCO MUNIZ TAVARES, COMO PRESIDENTE EFFECTIVO DO INSTITUTO.

Senhores.—Quando varões prestantissimos, nossos dignos compatriotas, no louvavel desejo de concorrerem para o progresso intellectual e moral desta provincia, installaram o *Instituto Archeologico e Geographico*, e confeccionaram para regularidade do trabalho os respectivos estatutos, não previram talvez que um dia viria, em que o artigo 28, alli inserido, tornar-se-hia inexequivel, ou quando muito imperfeitamente executado.

Esse artigo impõe ao presidente o rigoroso dever

de pronunciar um discurso de abertura, na solemne sessão do anniversario: e por ventura, no desempenho deste preceito, poderá dizer alguma cousa que attraia a attenção de um auditorio illustrado aquelle que, como eu, pelo crescido peso dos annos, já começa a curvar-se para a terra em busca de jazigo, não alçando sem difficuldades os olhos ao monte, d'onde vem todo o auxilio ? Nunca a indulgencia fez-se tão indispensavel:—cumpre-me implora-la.

Os historiadores, que hão narrado os varios casos succedidos na America, são unanimes em referir que no seu descobrimento ella achava-se assaz povoada, e que ainda um seculo não havia passado, e já metade dessa população tinha desapparecido. O Brazil, e por consequencia Pernambuco, não foi nem podia ser isento desse cataclysma geral. Plantava-se ahi uma cruz: para os christãos é este o signal de redempção, de paz e de concordia; para os aventureiros era o atroz instrumento de exterminio.

E foi para isso que Christovão Colombo abriu o passo aos Europeus ? Ah ! Se elle podesse erguer-se do tumulo, e contemplar o fructo da sua ousadia, de certo não teria animo de queixar-se da triste mercê que recebera; antes no excesso da sua dôr diria:—Justamente mereci os ferros, com que Bobadilla encadeou-me.—Mas o grande homem confiou-se nos ingenuos sentimentos do seu coração; nunca pensou que augmentaria o poder aos malvados.

Segundo as velhas lendas, os Phenicios e Carthaginezes, povos mercadores, fundaram colonias para estenderem o seu commercio e pôrem em segurança as suas mercadorias; domavam os povos que lhes resistiam, não os exterminavam. Emprehendedores perspicazes, já então conheciam que quanto maior é o numero dos consumidores, mais extracção tem os productos manufacturados. Os

Gregos, que tambem foram colonisadores, não procederam diversamente.

Os antigos Romanos, arrastrados pela falsa gloria, levavam por toda a parte as suas armas victoriosas, só anhelavam conquistas; para firmal-as deixavam em varios pontos guarnições fortes, que vinham a ser nucleos de colonias. Levavam para os barbaros a civilisação que possuiam, respeitavam os usos e costumes que encontravam, adoptavam destes os que julgavam melhores, e até augmentavam a caterva dos seus deuses, transportando para Roma os simulacros mais notaveis. Ainda não tinha apparecido a lei evangelica; as sagradas maximas da religião catholica não estavão divulgadas. Na era do Redemptor procedeu-se de maneira inteiramente opposta para com os Americanos.

O coração sangra meditando sobre tanta ruina: os mais indifferentes ás vicissitudes humanas são impelidos a indagar qual teria sido a causa motriz.

Em regra, quasi nunca apparece um facto que ultrapassa a ordem natural, sem que concorram varias causas: é o que se tem observado em todos os tempos, e verificado no caso presente. Espero porém que poupar-me-heis o doloroso sacrificio de enumera-las. Não devo, nem convém renovar magoas; bastará tão sómente declarar que não foi ao ferro do inimigo em batalha campal, com armas eguaes, que cahiram, e desappareceram tantos milhões de homens; cahiram e desappareceram, porque então, para maior ultraje, eram estes considerados como— *anima vilis in corpore vili.*—Os que assim pensavam, eram capazes dos mais enormes attentádos, das sevicias mais requintadas.

Senhores, houve uma época em que os reis em seus estados nenhuma deliberação importante tomavam, tanto em materia religiosa quanto civil, sem recorrerem ao Santissimo Padre, successor do Principe dos Apostolos, e deste receberem plena appro-

vação. A doutrina de Gregorio VII, e a famosa bulla de Bonifacio VIII, que attribuia ao papa uma duplicada monarchia universal, havia recebido na pratica sancção authentica; todos curvavam-se ao oraculo de um velho, que intitulava-se, como hoje, —servo dos servos de Deus.—Na actualidade saltou-se ao extremo opposto; pretende-se até arrancar-lhe o throno, onde a Misericordia Divina o collocou para tranquillidade da consciencia dos fieis, e para que nunca apparecesse o mais leve indicio de coacção em suas decisões, e désse pretexto aos dissidentes para impugnação. Sim, quer-se a unidade da Italia, para que o primeiro monarcha entre os que reinam, seja humilde vassallo do ex-rei de Sardenha. O delirio acompanha a ambição desregrada.

Não exigiram tanto os Longobardos, os Godos, Hunos, e outras nações barbaras em suas incursões devastadoras nesta mesma Italia. Nem ao menos os intitulados victoriosos, desprezando o que a religião e a politica imperiosamente commandam neste ponto, lembram-se do conselho que o fabuloso pae das luzes dava ao filho estonteado—*inter utrumque bene, medio tutissimus ibis.*—Querem tudo, arriscam-se a tudo perder.

Seguindo a doutrina já referida, o rei feliz de Portugal o Sr. D. Manoel, recorreu á Santa Sé, pedindo a investidura dos territórios que os seus vassallos haviam descoberto, e houvessem de descobrir: foi-lhe concedido. Fernando e Isabel de Hespanha não tardaram em solicitar a mesma graça. Para os contentar, Alexandre VI excogitou uma linha divisoria, ou de demarcação, dando aos hespanhóes todos os paizes desconhecidos, que estivessem collocados ao Occidente dessa linha, e aos portuguezes os que se achassem ao Oriente.

Procedendo assim, poderia esse pontifice passar por máu cosmographo, nunca por mal intencionado. Aquellas duas nações eram rivaes; o pae commum

dos fieis, em sua solicitude paternal, procurava evitar maiores desavenças; queria prevenir ulteriores guerras. A sua bulla promulgada a 4 de maio de 1493 é um testemunho irrefragavel do seu espirito de conciliação: ahi se lêem as mais sabias instrucções, que então podiam ser dadas; abusou-se: de tudo se abusa, por infelicidade nossa.

Quando os primitivos colonos não só do Brazil, como de quasi toda a America, para de algum modo attenuarem a inaudita crueza com que tratavam os miseros indigenas, impudentemente asseveravam que estes não pertenciam á familia humana; quando tão horrivel blasphemia era proferida pelos interesseiros, e suscitava duvidas entre as razões piedosas; para dissipa-las foi tambem necessario recorrer á Santa Sé.

Os clamores d'aquelles desventurados chegaram aos pés do throno pontificio; Paulo III, então reinante, não cerrou os ouvidos; avocou a si esta causa ridicula em substancia, funestissima em seus effeitos. Depois de maduro exame por theologos e canonistas, elle decidiu que os indios eram homens como elle mesmo, fulminando a pena de excommunhão maior contra os que pensassem diversamente.

Hoje não se prestaria crença a factos desta ordem, se não fossem corrobarados pelas provas mais authenticas; a historia os tem registrado para correcção dos perversos. Ao menos, n'aquelles calamitosos tempos, tinha o despotismo essa barreira.

Senhores, ha uma Providencia que vela incessante sobre o destino das nações. Recordando o exterminio brutal dos nossos aborigines, eu não tive outro intuito se não proclamar um dos maiores prodigios desta mesma Provideneia, em favor do Brazil.

Percorra-se o interior das nossas provincias, e ver-se-ha com espanto que as raças dos seus primitivos habitantes estão quasi extinctas: se aproximar-

mo-nos porém ás nossas fronteiras, ao norte e sul, descobriremos que ahi ainda abundam em numero consideravel.

Naquelles dois pontos confinamos com um povo que, deixando na Europa os patrios lares para se fixarem na America, não deixaram alli o mal entendido espirito de rivalidade, que seus pais constantemente nutriram contra os portuguezes; sempre nos hão inquietado, retribuindo dest'arte os continuos beneficios que lhes havemos prestado.

Ao norte, onde além daquelle povo avizinhamonos a outras differentes nações, veremos que ahi o numero é ainda mais avultado, a despeito da horrivel carnificina dos desapiedados Maciel e Teixeira.

Derrotada e perseguida a maior e não menos valorosa das tribus do Brazil, os Tupinambás, que occupavam a mór parte do nosso litoral, seus chefes congregam-se para deliberar, se seria mais conveniente abandonar uma terra, que já de tempos immemoriaes possuiam livremente, ou entregar-se á discrição dos vencedores; um delles, o venerando ancião Japi-assú, falla dizendo: "A terra è vasta; encontraremos um angulo, onde não avistaremos um européc"—Não era o homem que fallava; era, em minha opinião, o espirito divino que fallava nelle. O parecer foi adoptado; dirigem-se todos á linha equatorial, e chegam ao grande Amazonas; ahi estendem-se, fixam-se em varios pontos.

Qual a razão que impelle esses profugos a tomar uma tal deliberação ? Porque persistem nella, e não vão occupar outros desertos ? Porque não abandonam aquelle immenso rio ? Seria o acaso quem os guiava ? Não, senhores. O vocabulo acaso só é pronunciado pelo impio, que diz em seu coração: "não ha Deus". Tudo é prescripto e coordenado pela sabedoria infinita: permaneceram e permanecem, porque a sua morada ahi era mais necessaria do que em outra qualquer parte. Foi, (estou convencido)

foi para termos alli braços fortes, corações dedicados, que se a civilisação e disciplina, de que tanto necescitam, um dia entre elles penetrar, serão capazes de repellir qualquer aggressão do estrangeiro audaz, e defender com denodo o sólo, que ainda se lhes deixa possuir.

Quem sabe se nos arcanos do futuro estará encerrado outro dia egual ao de 27 de Janeiro de 1654, que hoje com tanto jubilo recordamos! Ninguem ignora quanto elles concorreram para esse faustissimo dia: no momento do perigo, saberão ainda mostrar-se brazileiros.

Desejava ajuntar a esta materia as reflexões devidas: impede-me o receio de abusar da vossa paciencia. Concluirei certificando-vos que ninguem mais do que eu toma parte nas demonstrações de prazer que suscita o dia de hoje. Exultemos no Senhor, e prosigamos em nossa hourosa tarefa.

RELATORIO DO SR. SECRETARIO PERPETUO

LIDO Á ASSEMBLEA GERAL, REUNIDA EM 27 DE JANEIRO DE 1865.

Meus Senhores.—O artigo 28 dos Estatutos desta casa ordena que o Secretario perpetuo, na solemne sessão deste dia, exponha á Assembléa Geral os trabalhos da Associação durante o anno litterario que hoje termina. E' o que ora venho fazer, em obediencia a aquelle preceito.

A mesa administrativa, eleita em 15 de fevereiro passado, tomou posse no 1 de abril, e funcionou regularmente até 19 de janeiro corrente.

Desoito sessões ordinarias se selebraram durante o anno; e as questões que nellas se discutiram pódem reduzir-se a trez cathegorias distinctas:

— Questão de honra e de renome para a provincia;

— Questões de gloria e de grande exemplo para o Brazil;

— Questões economicas e de interesse do Instituto.

Os variados debates, as deliberações respectivas, e os importantes trabalhos que as commissões trouxeram ao seio do Instituto, fôram publicos pela imprensa, ao passo que as sessões iam tendo lugar.

Foram este anno approvados e recebidos em nosso gremio:

6 Socios effectivos;
22 Socios correspondentes;
2 Socios honorarios.

Dos que já o eram anteriormente, tivemos a dôr de perder o Dr. Pedro Théberge, nosso socio correspondente, no Ceará; e da classe dos honorarios a D. Frei Pedro de Santa Mariana, Bispo de Chrysópolis, no Rio de Janeiro. O vosso illustre Orador vos falará destes dois vultos respeitaveis, com a elevada eloquencia que lhe é familiar, e fará que as cinzas de um e outro varão estremeçam na campa agradecidas, aos melancholicos accentos do Instituto.

Assim, addiccionando os socios recebidos este anno ao numero dos membros que a casa contava, estabelece-se deste modo o actual quadro da Associação:

Socios effectivos...............	38
Socios honorarios............	12
Socios correspondentes.......	57
Total...	107

A *Revista* trimensal do Instituto publicou ultimamente o seu quarto numero: os seguintes irão sendo publicados ao passo que os recursos da casa o

permittirem. E por esta occasião cabe-me aqui dar testemunho do infatigavel zelo e solicitude do nosso benemerito Thesoureiro, cujo amor pelas nossas coisas o ha feito muitas vezes adiantar fundos necessarios para despezas urgentes, na falta de prompta arrecadação de joias e mensalidades vencidas.

Acha-se sobre a mesa o orçamento da receita e despeza do Instituto para o anno social de 1865—66, appresentado pela respectiva commissão, pelo qual se vê que a nossa proxima receita é calculada em 1:100$000 reis,e que a despeza provavel do anno—dando-se apenes 64$020 para eventuaes—não descerá a uma somma inferior a aquella cifra.

As verbas deste demonstrando serão convenientemente discutidas na sessão do 1 de Abril proximo, como dispõem o artigo 27 dos Estatutos que nos regem.

Tenho o mais vivo prazer em annunciar á Assembléa que Sua Magestade o Imperador, annuindo aos votos do Instituto, houve por bem acceitar o titulo de seu Presidente Honorario, como lhe foi communicado pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, em 29 de Fevereiro proximo passado. Similhante honra foi recebida com especial agrado pela Mesa Administrativa, em nome do Instituto.

Para honra a memoria dos heroes que libertaram a patria, e estimular o animo da geração que se levanta a eguaes feitos de valor, resolveu o Instituto que, com a brevidade possivel,se escultassem na Europa e se erigissem no Recife as estatuas dos quatro capitães ousados, que dirigiram a guerra contra os hollandezes e os fizeram evacuar para sempre o territorio do Brazil em 1654. Por um dos proximos paquetes irão para a Italia as respectivas instrucçees; e tenho fé que dentro em pouco veremos a figura denodada e triumphante de João Fernandes Vieira ornar a nossa historica praça do Arsenal de

Marinha. Os outros vultos virão successivamente dominar trez outras praças do Recife.

Foi uma coincidencia providencial esta resolução do Instituto com os ultimos accontecimentos das duas pequenas republicas, que acabam de levantar contra o Brazil o grito rouco do selvagem, manchando-se com actos de barbaridade inaudita, e da mais deploravel insania. Quando o patriotismo que desperta ardente desde o Rio Grande do Sul até ás derradeiras extremas do Norte, e que marcha a vingar arrojado a ingrata affronta do régulo de Montevidèo e da féra do Paraguay,não achasse em Pernambuco o maior germen de coragem, bastar-lhe-hia para isso compulsar a historia, e levantar os olhos attonitos para os seus quatro famosos cabos do seculo XVII, cujas imagens serão distribuidas com os proximos numeros da *Revista*, ou talvez em folhas separadas, como parece urgente na actual conjunctura.

Ainda se não pôde alcançar do Poder competente que o dia de hoje fosse considerado de festa nacional para Pernambuco,como o Instituto deseja,e é de palpitante necessidade politica. Esperemos porém que a boa diligencia e esforços d'aquelles de nossos socios que são Deputados á Assembléa Geral Legislativa possam vêr realisado na immediata sessão este importante voto d'amor da Patria.

Sala das sessões, em Assembléa Geral, 27 de Janeiro de 1865.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.

DISCURSO

DO SR. DR. ANTONIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOSA ORADOR DO INSTITUTO.

Senhores!—Durante o anno de 1864 passou o Instituto Archeologico e Geographico Pernambuca-

no pelo profundo desgosto de perder dous de seus mais distinctos membros, de cujos nomes lhe provinha immenso realce; basta-nos pronuncial-os, e para logo comprehendereis a intensidade de nossos pezares. Foram elles o Dr. Pedro Theberge, nosso socio correspondente, e o Exm. Bispo de Chrysopolis, nosso socio honorario.

Cumprindo a obrigação que me impõe os Estatutos neste dia tão solemne e de tanta gloria para esta Provincia, sinto-me sobremaneira acanhado diante da magnitude do assumpto, mormente quando penso que me faltam informações satisfactorias a respeito da vida de tão prestantes e eminentes varões, especialmente no tocante ao Dr. Theberge; de modo que è por demais incompleta a noticia que me é dado offerecer-vos.

O objecto dos elogios historicos, como o comprehendia Fontenelle, é duplo; porquanto, segundo pondera Nisaed, não só tem por fim fazer comprehender a todos os espiritos cultivados as descobertas das sciencias em ordem a tornal-os capazes de accrescentarem mais uma voz intelligente ao concerto de vozes que forma a gloria dos sabios illustres, mas tambem fazer conhecer o caracter e a vida desses homens, conservando-nos entre a apologia suspeita e a critica inconveniente, e dest'arte misturando agradavelmente a biographia com a exposição scientifica, de modo a attender-se ao maior proveito de uma e de outra.

Esse methodo, que tão felizmente foi executado pelo Sr. Flourens, o eminente successor de Fontenelle, exige como condições essenciaes ao elogio historico, não sò o conhecimento das obras e trabalhos scientificos dos varões illustres a quem o elogio se refere; mas tambem o dos factos principaes de suas vidas, que possam caracterisal-os sob o ponto de vista da moral e da religião.

Na defficiencia dos dados precisos para tratar do

assumpto em ordem a satisfazer a suas condições e ás exigencias de tão culto e esplendido auditorio; na defficiencia mesmo de habilitações para o desempenho de tão difficil tarefa, comprehende-se que se não deve classificar a minha humilde offerta, como elogio historico dos dous illustres nomes, cuja perda tanto penalisa o Instituto.

Contando, pois, com a indulgencia do auditorio, apenas lhe apresento alguns apontamentos biographicos, alguns traços ligeiros, que possam fazer entreconhecer o Dr. Theberge e o Exm. Bispo de Crysopolis, na esperança de que outros, mais habilitados do que eu a todos os respeitos, desempenharão tão honrosa quam brilhante tarefa de modo mais condigno á memoria daquelles dous illustres varões.

—

O Dr. Pedro Theberge era francez de nascimento e, havendo procurado o Brazil para ahi assentar a sua residencia, haverá trinta annos aportou pela primeira vez a esta cidade.

Por todos os modos a seu alcance buscou o Dr. Theberge ser util á nova patria que adoptara, e que se tornou a patria de seus filhos. Não sò estabeleceu nesta cidade um collegio para meninas, á frente e na administração do qual collocou sua virtuosa e respeitavel consorte, senão como, na qualidade de medico, cuja profissão exerceu com supperior pericia, espargio em torno de si os beneficios de seus amplos e profundos conhecimentos na sciencia de Hypocrates.

Cuidar da educação do sexo femenino e curar ao mesmo tempo as enfermidades que atormentam a misera humanidade, são em verdade os fins mais nobres que póde um homem propôr-se neste mundo.

" Ha em cada familia, diz Aimé Martin, uma divindade desconhecida, cujo poder é irresistivel;

cuja bondade é inesgotavel; que não vive, senão da nossa propria vida; que não tem alegria, senão com a nossa alegria, não gosa de outras venturas senão das nossas, e cuja força lhe nasce somente do amor." Essa divindade é a mãe de familia. E como da educação da mãe depende a educação dos filhos, e a sorte da familia, é evidente que o maior bem que se pòde fazer a um paiz é desenvolver a educação intellectual e moral do sexo femenino.

A medecina, por sua parte, tem direito ao culto e á veneração de toda a humanidade, que nella encontra o alivio de suas dores physicas e até muita vez de suas dores moraes.

Nesta dupla tarefa, tão grandiosa quanto louvavel, o Dr. Theberge colheu a respeitosa affeição de todos quantos o conheceram, sendo que no exercicio de sua profissão deu incontrastaveis provas da brilhante intelligencia de que era dotado e da copia de conhecimentos que o illustravam.

Depois de algum tempo de residencia na capital desta Provincia, resolveu o Dr. Theberge, por motivos que me são desconhecidos, mudar-se para a do Ceará; e estabelecendo-se na cidade do Icó, deu ahi maior expansão a seu genio trabalhador, e soube por serviços reaes conquistar um nome que é abençoado por toda aquella população.

Se, como medico, soube o Dr. Theberge prestar innumeros beneficios á cidade onde habitava, trabalhos de outra ordem lhe dão distincto lugar nos annaes daquella Provincia.

E' assim que, empregando suas horas de repouso á colheita de dados historicos relativos ao Ceará, sem poupar encommodos e fadigas, ao ponto de realisar custosas viagens, conseguiu escrever uma historia geral dessa Provincia, que já foi publicada nas columnas do *Diario de Pernambuco*, e cujo merecimento foi devidamente apreciado por todos os que a leram e tem competencia na materia.

Para levantar á terra que escolhêra para patria de seus filhos um monumento litterario digno della, o illustre Dr. Theberge revolveu os cartorios e os archivos das Camaras, e com invejavel paciencia consultou documentos esparsos e já quasi gastos pela incuria dos homens e pela acção do tempo.

Quando mesmo neste precioso trabalho não tenha elle alcançado dar á sua obra o gráo de perfeição desejavel, cabe-lhe todavia a gloria de ter aberto o caminho que outros, aproveitando os materiaes que elle ajuntára, poderão estender, alargar e aformosear.

Levantou a carta geographica da Provincia e nella consignou as mais minuciosas circumstancias. E consta-nos, pelo testemunho de pessôa de criterio, que trabalhava em uma chorographia, na qual eram todas as localidades descriptas com a historia de sua origem e com todas as condições naturaes, meteorologicas e politicas; escreveu igualmente sobre diversos assumptos relativos a objectos peculiares á mesma provincia.

Tirou a planta e dirigiu a edificação da cadeia do Icó, a primeira de toda a provincia; e concebeu a idéa de *carros-postas* entre o Aracaty e o Icó, como um meio de dar immenso desenvolvimento agricola e commercial ao centro sul da provincia. Infelizmente teve de naufragar diante da ausencia de espirito de associação, a despeito dos inauditos esforços que empregou para levar a effeito tão importante melhoramento.

O governo da provincia o encarregára por vezes de commissões importantes que soube desempenhar com louvavel disvello; e ainda, quando o terrivel flagello do cholera morbus assolou aquellas paragens, o distincto Dr. Theberge, olvidado de si e de sua familia, deu esplendidas provas da mais completa abnegação. As populações do Icó e do Cariry

abençoaram aquelle que para salval-as não trepidava diante do perigo.

Em vista de serviços tão reaes e de actos tão prestimosos e recommendaveis, o nome do Dr. Theberge transpoz as rayas da provincia onde habitava e tornou-se um nome brazileiro. O *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* e este *Instituto Archeclogico e Geographico Pernambucano* renderam homenagem ao homem illustrado e o contemplaram no numero de seus socios na qualidade de correspondente.

A sua morte que teve lugar no dia 8 de Maio do anno passado, além das saudades que deixou em derredor de si, foi uma verdadeira perda sobremodo sensivel ás letras e a este Instituto, que com tal acontecimento ficou privado de um preciosissimo trabalho de que se estava occupando o incançavel Dr. Theberge a respeito dos primitivos incolas do Ceará, cuja historia era ultimamente objecto de seus conscienciosos estudos.

Seu genio affavel, caridoso e cheio de abnegação foi causa de que, a despeito da rendosa profissão que exercia com applauso e confiança da população no meio da qual habitava, não deixasse em abundancia sua viuva e trez filhos; antes pelo contrario legou-lhes uma pobreza honrosa, esmaltada por um nome que todos respeitam e veneram.

Sinto, senhores, que a carencia de dados mais completos me não proporcione occasião para alargar-me sobre o merito incontestavel de um homem, cujo nome figura tão vantajosamente nos annaes brazileiros.

—

Quasi nunca uma dor vem-nos desacompanda e sò; a perda de um membro tão distincto como aquelle de quem acabo de fallar chegou ao nosso conhecimento, quando o fallecimento de um dos ho-

mens mais illustres do Brazil e cujo nome para o Instituto era uma verdadeira gloria, nos confrangia o coração. O Exm. D. Fr. Pedro de Santa Marianna havia rendido ao Creador sua alma pura e virtuosa, legando á sua patria uma rica herança de actos da mais sublime elevação.

E' principalmente ao tratar de um nome tão glorioso e tão intimamente ligado ás grandesas e venturas da patria que sinto, não sò a fallencia de meus recursos intellectuaes, mas tambem a pobresa das notas que pude alcançar a respeito de sua existencia, a qual por isso vejo-me forçado a esboçar em traços excessivamente genericos.

Percorrendo-se a vida do illustre Prelado, sobresahem de maneira esplendida os dous lados pelos quaes principalmente se elle recommendou á veneração dos contemporaneos e á admiração dos vindouros: talentos realçados por constante e laboriosa applicação, e virtudes sublimes, como sò as pode possuir o christão que comprehende e pratíca as celestiaes doutrinas do Evangelho.

D. Fr. Pedro de Santa Marianna viu a luz na cidade do Recife, provincia de Pernambuco, no dia 30 de Dezembro de 1782. Os paes que tiveram a fortuna de darem ao mundo tão bello fructo foram Carlos José de Souza e D. Marianna Maxado Freire.

Conscios de que uma desvellada educação é a mais preciosa riqueza que os paes podem dar aos filhos, os progenitores do illustre finado applicaram para esse ponto todos os seus cuidados, tratando não só de cultivar-lhe o espirito pelo estudo das sciencias, como de formar-lhe o coração pelas sãas doutrinas da religião e da moral. Felizmente o joven Pedro era um terreno fertilissimo, onde a semente da verdade e do bem deveria germinar prodigiosamente.

Então os conventos ainda não haviam chegado ao gráo de decadencia em que se acham; pelo contrario eram elles gremios de homens eminentes e il-

lustrados que sabiam repartir com os povos o pão do espirito; e o Carmo do Recife era um desses claustros onde se cultivava a sciencia e se aperfeiçoava o coração. E' no silencio do claustro que a meditação se eleva e se sublima; e é separado das loucuras e paixões do mundo que o espirito do homem se fortifica para as grandes lutas com o principio do erro e do mal.

Foi na idade de 14 annos que o joven Pedro se recolhera ao Convento do Carmo, recebendo o habito de Carmelita aos 17 de Fevereiro de 1797. A constancia do menino não fraqueou diante das provas do noviciado, pois no dia 7 de Fevereiro de 1799 prestou seus votos e professou o instituto do patriarcha Santo Elias.

Duas sciencias abrangem principalmente as principaes faculdades da intelligencia; e são apenas accessiveis aos verdadeiros talentos:—a Filosophia, e as Mathematicas. Descartes, Leibnitz e Newton ahi estão como demonstrações praticas do que acabo de enunciar. Pois bem! foram estes, e especialmente o das Mathematicas—os estudos que mais preocuparam, se não quasi absorveram a attenção do joven Carmellita.

Frei Pedro começou por frequentar no collegio do seu convento o curso de philosophia e theologia; e quando se inaugurou o seminario episcopal de Olinda sob os auspicios e sollicitude do illustre bispo Azeredo Coutinho, Frei Pedro deu-se pressa em alistar-se no numero dos seus primeiros alumnos, e de preferencia se entregou disvelladamente ao estudo desse ramo das Mathematicas que tem o nome de Geometria.

Sua applicação séria, ajudando seu natural talento, proporcionou-lhe o distinguir-se por tal modo que, nos exames das faculdades que cursou, recebeu approvação plena *cum laude.*

Sempre ardendo no desejo de alargar a orbita de

seus conhecimentos, principalmente na sua sciencia favorita, apenas o Dr. Antonio José Bastos abriu nesta cidade um curso de Mathematica, immediatamente se apresentou a ouvir do illustrado mestre as lições com que deveria ainda mais ornamentar o seu espirito, e tal foi a pericia e a reputação que adquiriu nesse ramo dos conhecimentos humanos, que o claustro a que pertencia conferiu-lhe a patente de leitor de Geometria.

E o discipulo, assumindo a posição de mestre, abriu no mesmo convento um curso de Geometria, onde professou e derramou suas luzes não só pelos seus companheiros de clausura, mas tambem pela mocidade pernambucana que com avidez o procurava. Entre os seus discipulos contavam-se o finado bispo Capellão Mor, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo e seu irmão o conego João Rodrigues de Araujo, dous luzeiros que encheram de gloria o clero pernambucano.

A' proporção que se entranhava pelas sciencias exactas, o digno Fr. Pedro descortinava novos horisontes, que lhe augmentavam a sêde do saber. E pois não é de admirar que, dirigindo-se a Portugal e ahi chegando no anno de 1810, não só tratasse de receber as ordens de presbytero que effectivamente recebeu das mãos do Bispo Paulopotino D. Fr. Miguel, senão como no seguinte anno se matriculasse na academia real de marinha ou collegio dos nobres de Lisbôa.

O que levaria o digno Carmelita a fraternisar o habito do monge com a farda do marinheiro? Seria apenas o amor da sciencia? Não seria tambem animado por um lance de patriotismo, e porque descortinou no futuro, que o Brazil mais tarde teria necessidade de crear essa milicia que posesse a sua longa costa ao abrigo de pretenções ambiciosas, que em todo o seu longo passado haviam sido despertadas pelos sonhos de um fabuloso eldourado?

Sabe-se pelas lições da historia que a navegação é um ramo poderoso da prosperidade das nações; todas as que cultivaram a marinha, representaram importantissimo papel. Tyro, que veiu a ser a rainha dos mares, enriqueceu-se dos despojos do mundo e o povoou com suas colonias; Athenas teve a superioridade sobre essa republica de Estados que compunha a Grecia; Carthago disputou o imperio do universo; Roma não estendeu suas conquistas senão quando começou a equipar frotas; Veneza, sahida do lodo de um pantano, fez tremer o Oriente por seu poder e enriqueceu o Ocidente com a sua industria; a Espanha quasi obteve a monarchia universal, no tempo em que suas frotas descobriam um novo mundo; a Inglaterra, do seio de suas rochas e por entre as tempestades do seu governo, fez muitas vezes inclinar a balança da Europa; a Hollanda, pobre e escrava, achou em seus navios a riquesa e a grandesa: seus pavilhões foram o estandarte da liberdade; a Turquia chegou ao mais alto ponto de gloria e poder, quando Dragut e Barbarrussa commandaram as immensas frotas de Soliman. A França, cuja marinha pouco conhecida no tempo da primeira raça de seus reis, era reanimada no reinado de Carlos, poude com o seu auxilio servir de barreira ás innundações do norte; e tendo sido neglenciada pelos successores daquelle rei, depois de restabelecida pelo primeiro dos Filippes, levou conquistadores á Asia e elevou-se por lentos progressos atè Francisco I. ; foi ainda a marinha que no tempo de Luiz XIV fez admirar e tremer a Europa, sempre ligada a grandes acontecimentos ou recebendo o impulso dos grandes homens d'estado.

E que maior incentivo poderia encontrar o illustrado carmelita do que na historia desse mesmo Portugal, em cuja escola de marinha se matriculára ? Não foi á navegação que esse pequeno territorio deveu a sua maior grandeza ? Não foi depois da con-

quista de Ceuta, que tendo o principe Henrique dado o signal das descobertas maritimas, foi aberto a Portugal o caminho das Indias e lhe foram adquiridas as ricas possessões da Africa, Asia, e America ?

E' portanto para crer que o douto Carmellita, inflamado no grato sentimento do patriotismo, e vendo não longe os destinos que esperavam fazer do Brazil uma grande nação, preparava-se na escola de marinha para mais tarde prestar aos seus concidadãos o auxilio de suas luzes. E não se enganou, como havemos de vel-o!

Descrevendo o papel que desempenhou o Padre mestre Frei Pedro nessa escola, o Revm. Padre Luiz do Monte Carmello Lino, em sua oração funebre, assim se exprime :

" Naquelle sanctuario de sciencias primou o talento robusto do padre mestre Frei Pedro; elle avantajou-se gloriosamente a tantos illustres collegas, e chamou logo a attenção de seus preceptores, que com a maior espontaneidade lhe teciam os mais bellos eucomios, e lhe deram depois o laurel academico, justo premio de seu merito, verdadeira recompensa de suas lucubrações e fadigas litterarias."

Effectivamente havendo-se inaugurado em 1810 no Rio de Janeiro, uma academia militar, e cumprindo confial-a a professores de sciencia e moralidade, foi escolhido Frei Pedro para leccionar mathematica em qualidade de lente substituto Frei Pedro occupou essa cadeira desde 1813 até 1833, e nella desempenhou os arduos deveres do magisterio de modo a captar o respeito e admiração de seus collegas e discipulos, muitos dos quaes, que ainda existem, conservam com sentimento de verdadeira veneração a memoria do mestre illustrado que os iniciou na sciencia que foi objecto da enthusiastica affeição de tantos sabios. Nesta predilecção pelas mathematicas encontra Frei Pedro pontos de contato com os gran-

des nomes de Descartes, Pascal, Leibnitz, Newton e outros que o mundo admira.

Ao lado desse raro talento e de sua reconhecida illustração possuia Frei Pedro de Santa Marianna virtudes de alto quilate. A pureza de seus costumes, sua moral severa, sua modestia escoimada de toda a affectação, eram qualidades que o destinguiam e quasi o singularisavam, no meio de uma corte como o Rio de Janeiro. E tal era o grande conceito que a todos merecia, que D. Pedro I, o fundador do Imperio, tendo abdicado a corôa, no anno de 1831, em seu augusto filho, o Sr. D. Pedro II, foi a elle que confiou a educação scientifica e religiosa do novo imperador.

Foi na verdade uma homenagem esplendida prestada ao alto merito do illustre Pernambucano.

No desempenho de tão difficil tarefa, houve-se o sabio preceptor com tão escrupulosa dedicação que alem de ensinar a seu discipulo todas as virtudes de um principe e de um christão, soube inspirar-lhe uma affeição tão profunda que o acompanhou até ao tumulo.

Esse emprego por demais honroso de preceptor de S. Magestade foi seguido de outro de não menor importancia, o de esmoler-mor, depois da maioridade do Sr. D. Pedro II. E dando-se mais tarde a vaga da diocese do Rio de Janeiro, o Padre mestre Frei Pedro foi designado para prehenchel-a. Mas Frei Pedro não quiz acceitar tamanha honra ; estremeceu certamente diante do pezo de tão sublimes deveres! Por ahi pode perfeitamente aquilatar-se a virtude de tão completo ministro do altar! Essa ausencia de ambição, essa modestia são por certo virtudes que caracterisam assás aquelle que as pratica. Mas Deus exalta aquelles que se humilham ; e não haviam senão passado senão poucos mezes depois dessa recusa de uma mitra, quando foram apresentadas a Frei Pedro as bullas de confirmação de bispo titular

de Chrysopolis, que, sem sua intervenção e sciencia, foram previamente impetradas do S. S. Padre Gregorio XVI pelo governo imperial.

Este facto é narrado na oração funebre acima citada, pela maneira seguinte:

" A tão grande *desideratum* manifestado pelo proprio Imperador, e pelas serenissimas princezas, não era mais licito, que o modesto religioso respondesse com outra recusa. Cativou sua vontade á vontade do seu adorado Imperador, e as lagrimas que escapavam de seus olhos ao receber aquellas bullas, eram as expressões puras e significativas da sensibilidade de sua alma, do verdadeiro reconhecimento, e acrisolada gratidão; já pela prova inconcussa de amisade, que lhe acabava de dar o seu imperial discipulo, e já pelo desejo ardente, que Elle manifestava, de que seu mestre auferisse tão sublime dignidade! Um pensamento tão judicioso e perspicaz lhe embargára a voz, e o silencio, que lhe seguia, era justamente a resposta muda de que se sugeitava ao sacrificio, que lhe ordenava a realeza!

" Foi, na verdade, um dia jubiloso e aprazivel no paço imperial —Quinta da Boa-Vista—, o dia 13 de Junho de 1841, porque foi o em que o Sr. D. Pedro II viu seu mestre receber a sagração do episcopado ministrada pelo Exm. bispo capellão-mór o Sr. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.

" Este acto tornou-se grande e magestoso com a presença do sabio Imperador, das serenissimas princezas, e empregados do paço imperial.,.

Sendo jubilado como lente da academia militar, fôra instado para tomar a borla de doutor em mathematicas, e cedendo a valiosas considerações, recebeu a graça que o governo resolveu liberalisar-lhe como premio de seus importantes serviços.

O S.S. Padre Gregorio XVI, apreciando-lhe devidamente o alto merecimento, conferiu-lhe em 1843 os titulos de conde palatino, seu prelado domestico,

e bispo assistente ao soleo pontificio. Dest'arte o modesto e virtuoso Frei Pedro de Santa Mariana subio ao cimo das honras pelo seu verdadeiro merecimento.

Sua velhice honrada, passou-a o distincto prelado no seio da familia imperial, como no seio de sua propria familia, servindo-lhe de exemplo protector e acercando-a de conselhos paternaes. Tambem por sua parte o sabio Imperador e sua augusta familia, não o perderam de vista até seu derradeiro momento, no dia 6 de Maio do anno passado. Toda a côrte e todo o Rio de Janeiro foram testemunhas das lagrimas e dos pesares do inclito monarcha, que não se dedignou de assistir pessoalmente ás honras funebres prestadas ao cadaver daquelle a quem considerava como seu segundo Pae.

Poderiamos dizer com Bossuet:

" A sabedoria, a fidelidade, a justiça, a modestia a previdencia, a piedade, todo o cortejo sagrado de virtudes, que velavam, por assim dizer, em torno delle, baniram-lhe os terrores, e fizeram do dia de sua morte o mais bello, o mais triumphante, o mais feliz de sua vida."

E ao meditar sobre essa existencia tão cheia de grandeza e de honras, exclamaremos com o escriptor sagrado:

" Posside sapientiam, acquire prudentiam, arripe illam, et exaltabit te; glorificaberis ab eâ, cum eam fueris amplexatus."

—

DISCURSO

DO SR. DR. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES, NA SESSÃO SOLEMNE DE 27 DE JANEIRO DE 1865.

Meus senhores.—Apenas uma recordação historica.

Pesava-me nada haver dado ao Instituto.

Tenue será este, como todos os feudos litterarias que sou obrigado a pagar.

Corria o anno de 1646.

Vieira e Vidal haviam soltado o brado ingente de patriotismo, que devia marcar a época por ventura mais assignalada da historia do Brasil. Sim! por ventura a mais assignalada... Não vae nisto mal entendido orgulho de pernambucano: só Deus sabe, quaes teriam sido os futuros destinos do Brasil, se o Hollandez tivesse podido naturalisar-se na terra de Pernambuco.

Corria o anno de 1646, e adiantada ia a contenda, quando de Lisbôa chegaram ordens, para que os *insurgentes* deixassem livre ao batavo a posse de Pernambuco. Na velha côrte portugueza como que começava-se a duvidar dos prodigios do patriotismo, e certo que não se levava em conta o magico effeito das virações purificadas pelas florestas americanas. *Razões de estado*, das quaes se concluia como quasi impossivel e certamente improficuo o triumpho dos *insurgentes*, negociações pendentes com o reino de Hollanda, exigencias da situação de Portugal perante as suas possessões africanas, tudo concorreu, para que o rei, vencidas mil hesitações, expedisse taes ordens.

Reuniram-se os mestres de campo: Martim Soares obedeceu; Vieira e Vidal resistiram. Foi o grande exemplo, que a historia registrou, da desobediencia ao rei para melhor servir ao rei.

Succederam-se os acontecimentos, e chegou á Lisbôa a nova da primeira batalha dos Guararapes, justamente quando a perplexidade dos conselhos do rei estavam em seu auge, quando negociações com a Hollanda eram depostas n'uma concha da balança, e na outra o facto consummado da resistencia de Vieira e de seus companheiros de gloria, o que collo-

4

cava Portugal em apertada situação para um caso de abandono de Pernambuco, que importaria um caso de deshonra.

Nova serie de consultas e pareceres; mas, então a primeira batalha dos Guararapes havia alargado os horisontes aos olhos dos estadistas portuguezes, e a idéa d'uma restauração já se não podia dizer abertamente uma utopia.

Entretanto, ainda perplexos eram os pareceres. Se nenhum concluia francamente pelo abandono, nenhum concluia francamente pela adopção da causa dos *insurgentes*. Era o mesmo oceano de duvidas, um pouco menos encapellado apenas. Até a agudissima vista do grande padre Antonio Vieira empanou-se; e entre outras cousas dizia:—que desarrasoado fôra fazer-se a guerra por amor dos pernambucanos; que Pernambuco não era mais do que um membro de Portugal; e que seria impio e cruel pôr todo o corpo em risco, por não cortar uma parte pequena, e essa *tão corrupta, e tão difficil de conservar-se.*

Ainda mais: a Antonio Vieira parecia impossivel o triumpho dos pernambucanos.

Cruzaram em Lisboa as hesitações e os conselhos duvidosos, e os patriotas de Pernambuco, confiados em Deus e no proprio valor, não arrepiaram a carreira incetada em nome da religião e da liberdade: proseguiam descuidosos dos conselhos de Portugal, e por ventura tão fitos no seu alvo, que julgavam a causa pernambucana uma causa exclusivamente sua. Viram os de Lisbôa, que leões não retrocederiam da partida, e uma companhia, desfarçada entre o intuito da guerra e o intuito commercial, fez chegar alguns navios ás aguas pernambucanas.

Deu-se a segunda batalha dos Guararapes; e depois do consequente sitio, recebeu João Fernandes

Vieira as chaves da cidade do Recife na éra, que hoje commemora o Instituto.

Que luta homerica, senhores! Que patriotas esses! O batavo queria partir em dous o gigante americano, leram elles no futuro, e feriram a contenda! Que filhos do Calvario esses! O batavo queria arvorar o labaro da duvida e da impiedade na terra da Cruz, e elles em nome do Christo venceram!

Alguns diziam que não, quasi todos diziam talvez, só elles disseram sim, desde o principio até o fim!

Vieira ajoelhava com as suas hostes antes de dar o assalto decisivo á cidade do Recife, salvava Pernambuco do jugo infamante do hollandez, e entregava submisso as chaves da cidade a Barreto: Deus, a liberdade e o rei.

Vidal aspirava a ultima aura do triumpho, sorria ao esplendido arrebol da liberdade, e partia, para em seu nome, no de Vieira, Camarão, Dias, e quantos heroes teve essa luta sem par nos fastos brasilicos, implorar ao rei o perdão da *desobediencia:* Deus, a liberdade e o rei.

Que patriotas esses, e de tempos chamados *escuros*! Como sabiam fazer alliança entre a religião, a liberdade e a monarchia, sempre dignos de si, e dignos da prosperidade!..................................
....

Sus! Pernambuco!

Não ha muito o bretão, com insigne cobardia, acordou os echos das nossas selvas, santificadas pelas tradições gloriosas dos seculos passados, e recuou! E' verdade, que levou a presa; mas, foi espavorido como a ave de rapina quando sente occupadas as garras.

E agora mesmo o microscopico paraguayo tem o

arrojo de pretender medir com as nossas as armas de escravos...

Sus! Pernambuco!

Por ventura quebrou-se a cadeia de nossas glorias? Que entorpecimento, que indifferença, quando todos as tuas irmães tem os olhos voltados para ti, apontando para os montes Guararapes!...

Seja como for, nós, pernambucanos de coração havemos de protestar pelas nossas glorias futuras, que temos fiador nas glorias passadas e inexcediveis.

Os directores do povo fazem o povo, segundo as lettras sagradas. E pois, mal hajam aquelles, que se tomaram de medo pelos assomos patrioticos de Pernambuco! Mal hajam aquelles, que trabalharam para quebrar-nos os brios! Mal hajam aquelles, que tiveram a habilidade de constituir com a palavra *liberdade* um labèo para a terra, em que estão os montes Guararapes, em que respiraram o fumo das mais sagradas batalhas Vieira, Vidal, Dias e Camarão !...

....

Perdoai-me, senhores, se me ia perdendo no caminho. Eu o juro: largas e patrioticas eram as minhas vistas, e estava longe de fazer epigrammas, que fossem ferir determinadamente aqui ou ali a politica tacanha que nos devasta.

O Instituto celebra a restauração de Pernambuco, e isto por si só bastaria para sua gloria.

Intentei uma recordação historica, para esboçar o que, no meu conceito, deve fazer o verdadeiro pedestal da gloria dos heroes dessa restauração :—a inspirada desobediencia ao rei em nome da religião e da liberdade.

Realisei o meu intento, como as circumstancias me permettiram.

Saúdo comvosco senhores, os inclytos heroes da restauração de Pernambuco; e na pessoa desses he-

roes saúdo a religião e a liberdade, unicas bases rasoaveis da monharchia.

Saudação ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

I

Era n'um dia immenso:
N'um resplendente veu
Subia o sol purpureo
Pela amplidão do ceu:
Formosos chammejavam
Os patrios horisontes,
E a luz se diffundia
Nos valles e nos montes.

Pomposa magestade
Vestia a natureza,
Que s'esmaltava em scenas
De vivida belleza:
Que perspectiva augusta!
A vasta creação
Reflorecia em mimos
De maga inspiração.

Era um feliz presagio
De immorredoura gloria,
Annuncio lisongeiro
De esplendida victoria:
Era solemne festa
D'amor, de f'licidade,
Um prologo ás delicias
Da nossa liberdade.

Depressa o viram todos:
N'um cerro verdejante
Ao longe retumbára
Um grito triumphante:
Em pugna fervente
O Batavo arrojado
Então cahiu sem tino,
Confuso, envergonhado.

Foi nesse dia—A patria,
Com singular valor,
O jugo sacudira
Do improbo oppressor:
Ninguem ha que se opponha
A's leis da Providencia:
Só Deus nos preparára
Ditosa independencia

Quiséra caprichoso
O rispido tyranno
Calcar no captiveiro
Um povo soberano:
Vaidoso pretendêra
Murchar nossos padrões,
Sumir no vil opprobrio
Famosas tradições.

Embora ! a Pernambuco
Jámais faltam heròes:
Salvaram-nos da infamia
Os inclytos avós:
Então, n'um só momento,
O lábaro vistoso
Reergue-se nos ares
Ovante, glorioso.

Do são patriotismo
A rapida centelha

Em lances de bravura
Magnifica s'espelha:
N'aquelle mesmo dia
De maravilha tanta,
Succumbe o altivo Belga,
A patria se levanta.

Que perennal moimento
Alçaram nossos paes !
As hostes do estrangeiro
Não voltarão jámais !
Alli, nos Guararapes,
Se lê sublime historia:
Nenhum poder na terra
Offusca-lhe a memoria.

Herança de dois seculos,
Tão nobre, tão querida,
Avulta sempre a mesma,
Benefica, florída:
Legado precioso
Das velhas gerações,
Conserva-nos da honra
Os principaes brazões.

Tão poucos, mas tão grandes,
Os nossos defensores
Da gloria nos deixaram
Tão immortaes penhores:
—Onde jámais brilhara
Tão fervido heroismo ?
Onde maiores provas
De liberal civismo?

Se alguem por taes prodigios
Não s'embevece ufano,
Esse, quem quer que seja,

Não é pernambucano:
A' raça não pertence
Dos homens d'outras èras,
De tão raras virtudes
De crenças tão sinceras.

Embora volve o mundo
Material pendor
No plaino do egoismo,
Ferrenho, corruptor:
Embora! esta legenda,
Que s'inscrevêra então,
E' o eloquente brado
Da patria redempção.

II

Hoje de novo surge
De nossa vida a imagem:
Saudamo-l'a nòs todos
Em candida homenagem:
O dia que alvorece
Recorda-nos formoso
De nossos paes os feitos,
O merito assombroso.

Fieis commemoramos,
Em rito festival,
Da patria liberdade
O drama principal:
—Recordação honrosa,
Gratissima lembrança,
Perenne se desperta
Nesta elevada herança.

Outr'ora debellámos
Um inimigo atroz:

Tão sublimado exemplo
Esqueceremos nòs ?
Ha de o visinho ingrato,
O impio traiçoeiro,
Ameaçar impune
O povo brasileiro ?

Ha de uma raça imbelle
De miseros bandidos
Affouta arrebatar-nos
Os loiros já colhidos ?
Acaso aterrar pòde
Esse latir de cão
O valoroso, o forte,
Impavido leão ?

Ousa uma horda infrene
De novos cannibaes
Tentar medir comnosco
Os brios marciaes ?
E receiamos hoje
A lança do selvagem
Nòs que outr'ora impozemos
Ao Belga a vassallagem?

Jámais ! daquelle outeiro,
Tão bello e tão viçoso,
Um écho estruge ao longe,
Um brado magestoso:
Aquelles altos feitos
Dos inclytos avòs
Agora mais que nunca
Não esqueçamos nós.

Agora mais que nunca !
O brio dos Horacios
Não se acobarda á sanha

Dos féros Curiacios:
Alli temos patente,
Em verdadeira historia,
Inspiração fecunda
De perduravel gloria.

Mostremos que ainda somos
Legitimos herdeiros
Dos Camarões, dos Dias,
Vieiras e Negreiros:
Demos lição proficua
Ao rude Oriental,
E ao fatuo Paraguayo,
Tão barbaro e brutal.

III

E vós, soldados do imperio,
Brasileiros esforçados,
Mirae-vos nestes exemplos
Dos vossos antepassados:
Cada qual um baluarte
Seja do povo e da lei:
Ide, correi pressurosos,
Pela patria combatei.

Já em Caseros mostrastes
Que os brazões não desmentis
Daquelles que vos legaram
Uma herança tão feliz:
De Casa-forte e Tabocas
Renovae a tradição:
Correi a vingar intrepidos
Os direitos da nação.

Este dia que s'eleva
Nos aponta uma victoria;

A gloria pernambucana,
Dos brasileiros a gloria:
Eia, pois, avante, ò bravos!
Inspirae-vos neste dia:
Eis a legenda da patria:
Liberdade e monarchia!

27 de Janeiro de 1865.

A. R. DE TORRES BANDEIRA.

Sessão especial de eleição em 15 de Fevereiro de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

Presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Rodrigues Campello, Soares Brandão, Nascimento Feitosa, Witruvio e Faria Neves, e os Srs. Coronel Leal, Major Salvador Henrique e Padre Lino do Monte, abre-se a sessão, e não é lida a acta da antecedente, por não estar sobre a mesa.

O 2.° Secretario no impedimento do Sr. Secretario perpetuo, dá conta do seguinte expediente.

Um officio do Sr. Dr. Soares de Azevedo communicando não lhe ser possivel assistir a sessão de hoje por continuarem ainda os seus incommodos physicos— Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Alexandre de Souza Pereira do Carmo, agradecendo ao instituto a sua nomeação para socio correspondente. —Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Bernardo Pereira do Carmo Junior. no mesmo sentido e pelo mesmo motivo.—Inteirado.

O mesmo 2.· Secretario declara que se acham a mesa, tres numeros do *Constitucional Pernambucano*, o n. 55 do *Brasil Historico*, e os ns. 3 e 4 do jornal *Ensaio Litterario* remettidos pelas respectivas redacções. São estas offertas recebidas com agrado e manda-se para o archivo.

Procede-se a eleição da Mesa administrativa, que dá em resultado o seguinte:

Presidente.—Monsenhor Dr. Francisco Muniz Tavares.

1.· Vice-presidente.—Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

2.· Vice-presidente.—Dr. Aprigio Justinianc da Silva Guimarães.

3.· Vicc-presidente. — Coronel Antonio Gomes Leal.

2.· Secretario.—Major Salvador Henrique de Albuquerque.

Supplentes do mesmo.—Drs. Antonio Pinto B. e Accioly de Fasconcellos e Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Orador. — Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

Thesoureiro.—Dr. Gervasio Rodrigues Campello.

Passa-se a eleição das commissões, as quaes ficam assim compostas:

Fundos e orçamentos.—Drs. Witruvio, Farias Neves e Soares Brandão.

Redacão da Revista.—Drs. Aprigio, Torres Bandeira e Soares Brandão.

Revisão de Manuscriptos.—Dr. Gusmão Lobo, Padre Lino e Barros Falcão.

Trabalhos Historicos e Archiologicos.—Major Salvador Hearique, Padre Lino do Monte Carmello e Dr. Epaminondas.

Subsidiaria desta.—Drs. Farias Neves, Feitosa e Serafico.

Trabalhos Geographicos.—Drs. Torres Bandeira, Figueirôa e Souza Bandeira.

Subsidiaria desta.—Drs. Witruvio, Souza Reis e Seraphico.

Admissão de socios.—Commendador Figueirôa, Coronel Gomes Leal, Coronel Veiga Pessoa.

Pesquisas de Manuscriptos.—Dr. José Liberato, Mena Calado e Barros Falcão.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião que deverá ter lugar no dia 1.° de Abril, a posse dos novos eleitos, discussão do orçamento, trabalhos e pareceres de commissões, e votações adiadas.

Levantou-se o sessão.

---

43. Sessão Ordinaria no dia 1. de Abril de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

As 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimaraens, Soares de Azevedo, Witruvio, Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a Sessão.

Tomam posse dos respectivos lugares para que forão reeleitos os Srs. Presidentes, 1. e 2. Vice Presidentes e o 2.° Secretario que se acham presentes.

O mesmo 2.° Secretario dá leitura das actas da da Sessão ordinaria de 19 de Janeiro, da Sessão em Assemblea geral do 3.° anniversario de 27 do referido mez, e da Sessão especial de eleição em 15 de Fevereiro ultimo, as quaes são approvadas.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente, e faz apenas menção de alguns jornaes que se achão sobre a meza, a saber: varios ns. do Constitu-

cional Pernambucano, do Ensaio Litterio, e do Brazil Historico, sendo estes offertados pelo Sr. Dr. Figueirôa, e aquelles pelas respectivas redacções. — São recebidos com agrado e mandam-se archivar.

Mensiona tambem o mesmo Sr. um exemplar dos Estatutos ou Regimento interno do Collegio de Santa Anna do Maranhão, offertado pelo Dr. Ezequiel Franco de Sá.

Recebe-se com agrado, e manda-se archivar.

O mesmo Sr. dá sciencia ao Instituto de que já se achavam em seu poder os 200 exemplares lythographados do retrato de João Fernandes Vieira, os quaes vão ser incluidos no 5. n. da Revista trimensal que breve tem de ir para o prelo.

São lidos pelo Sr. Dr. Witruvio, como membro relator da Commissão de Fundos e Orçamentos, dous pareceres que vão a imprimir para serem opportunamente discutidos; o 1. em referencia ao balanço de receita e despeza do anno social de 1864 a 1865, apresentado pelo Sr. Thesoureiro do Instituto; e o 2. relativo ao projecto de orçamento da receita e despeza para o anno social de 1865 a 1866, que a mencionada commissão offerece e junta ao mesmo parecer.

O mesmo Sr. Dr. Witruvio propõem que o Instituto por intermedio do Sr. Secretario perpetuo, dirija-se officialmente aos Srs. Deputados Provinciaes membros do mesmo Instituto, para que envidem seus esforços afim de obter daquella Assemblea o previlegio em favor da Loteria concedida ao Instituto, ou a obtenção de qualquer coadjuvação pecuniaria.

E' discutida e approvada esta proposta.

O Sr Presidente dá para ordem do dia da primeira reunião que terá logar no dia 20 do corrente, trabalhos e pareceres de Commissões, discussão do orçamento e dos pareceres adiados.

Levanta-se a sessão.

44. Sessão Ordinaria no dia 11 de Maio de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

As 11 horas da manhã presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimaraens, Soares de Azevedo, Witruvio, e Serafico, e os Srs. Padre Lino do Monte e major Salvador Henrique;—abre-se a Sessão.

O 2.° Secretario dá leitura da acta antecedente, que é aprovada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente, e faz menção de alguns ns. de jornaes offertados ao Instituto, pelas respectivas redações.

São recebidos com agrado e mandão-se para o archivo.

O Sr. Padre Lino do Monte offerta e manda para a meza o jornal em que foi publicada uma allocução patriotica sua, recitada por occasião da Missa que o primeiro corpo de voluntarios da patria ouvio na igreja do Convento do Carmo, antes de partir para o sul.—E' recebida com agrado e manda-se archivar.

São remetidas a meza e depois de lidas á respectiva Commissão duas propostas; uma assignada pelos Srs. Dr. Soares de Azevedo, e major Salvador Henrique, apresentando para socio effectivo ao Dr. Ayres de Albuquerque Gama; e outra assignada pelo Sr. Dr. Witruvio apresentando para socio correspondente ao Dr. Luiz Rodrigues de Albuquerque.

Fica adiada a discussão do orçamento da receita e despeza, por não estar presente o Sr. Thesoureiro.

Corre o escrutinio,e são aprovados para socios effectivos os Drs. Joaquim José de Campos, e Francisco Teixeira de Sá; e para correspondentes, o Dr. Domingos Lourenço Vascurado, Dr. Joaquim Tavares de Mello Barreto, e David Gonçalves de Azevedo.

O Sr. Secretario perpetuo declara ao Instituto ter officiado aos dous Socios que são membros da Assembléa Provincial no sentido em que foi deliberado pelo mesmo Instituto na sessão passada, e que estes Srs. declararam-lhe verbalmente que tomariam a materia na devida consideração.

O Sr. Padre Lino do Monte daclara que entendendo-se com o proprietario Antonio Ramos, este lhe affirmára estar prompto em consentir a collocação da lapida commemorativa no sabrado de sua propriedade da rua de S. Bento de Olinda, em que out'rora residira e fallecera João Fernandes Vieira, com as condições exigidas pelo Instituto, constantes da escriptura publica que elle de bom grado assignará. Inteirado.

Em seguida o Sr. Major Salvador Henrique faz a leitura de uma memoria sua, sobre a igreja da Misoricordia de Olinda relativamente as datas de sua edificação e reedificação e a duvida de ser aquella igreja comprehendida no incendio daquella Cidade em 1631.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da primeira reunião que terá logar a 26 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões, discussão do orçamento, e dos pareceres adiados

Levanta-se a sessão.

MEMORIA HISTORICA.

Quando foi edificada a Igreja da Misericordia de Olinda? Seria ella envolvida no incendio daquella cidade? E neste caso, quando foi reedificada?

I

Ainda sob o dominio dos Filippes teve lugar a segunda invasão Hollandeza no Brasil.

Reinava em Hespanha Filippe IV e para Portugal III, quando os Hollandezes invadiram Olinda e della se apoderaram em 1630.

Receiando elles muito de um reforço vindo de Portugal, propozeram a Mathias de Albuquerque o resgate pecuniario de Olinda; o qual não sendo aceito, depois de saquearem completamente aquella Villa, incendiaram-na em Novembro de 1631.

Quasi todos os historiadores concordam em que o incendio fôra geral, pelo que a igreja da Misericordia devia ser nelle envolvida.

A localidade em que ella se achava, sendo naquelle tempo a mais importante por sua riqueza, devia concorrer para attrahir as vistas cubiçosas daquelles invasores.

Foi justamente na chapada daquelle monte, que hoje conhecemos com o nome de—rua nova— onde se deu o mais renhido combate, no acto de assaltarem os Hollandezes aquella Villa; os quaes guiados por um mulato que poderam apanhar no caminho do Rio Doce, vieram sahir na retaguarda da referida igreja.

II

Postos em acção todos os crimes, barbaridades e excessos, que não só deshonram a victoria, como degradam a especie humana; os invasores encontraram no Capitão André Pereira Temudo, a coragem mais espantosa e inaudita.

Levado de catholico zelo, e não podendo ver profanar-se os Templos sagrados, que os Hollandezes avidamente saqueavam; investe-os elle só á espada, e junto a essa mesma igreja da Misericordia, mata primeiro a muitos, antes que succumba.

O Capitão Salvador de Azevedo, com vinte e dous soldados, defende corajosamente o Collegio dos Jesuitas, hoje Seminario Episcopal; cedendo o campo de-

6

pois de serem quasi todos os seus mortos ou feridos.

Assim foram os barbaros se assenhorinhando de Olinda, atè que de todo o conseguiram nesse mesmo infausto dia 16 de Fevereiro de 1630, para a entregarem as chammas a 25 de Novembro do anno seguinte.

III

A architectura da actual igreja da Misericordia está indicando ser obra do seculo 17° e não do anterior como devia ter sido a primeira igreja, cujo hospital fora fundado por João Paes Barreto, Provedor alli muitos annos e que fallecera em 1617. Veja-se o relatorio lido em sessão do Instituto de 29 de Setembro da 1864.

Esta idéa parece ainda confirmada pelas datas que hoje se encontram nas obras adjacentes e na entalha da referida igreja, as quaes foram todas feitas muito depois da reedificação da mesma.

Parece-nos pois, com algum fundamento que, a Igreja da Misericordia foi comprehendida no incendio de Olinda em 1631, e que o Templo que hoje vemos, não é o mesmo que então existia.

Alem das provas referidas, temos a estampa que traz Barleu na sua obra impressa em Amsterdam em 1635, na qual representa-se a vista de Olinda depois de incendiada.

Naquella estampa distingue-se por entre os matos o Templo que hoje é a Cathedral, o Collegio dos Jesuitas, e varios outros edificios e Igrejas mais ou menos arruinadas; entretanto que da Misericordia, nem vestigios apparecem, o que visivelmente mostra ter sido esta Igreja destruida até os alicerces.

Uma outra prova finalmente, que vem corroborar todas as mais é o facto da eleição a que se procedeo em 16 de Julho de 1655, na qual fora eleito Provedor João Fernandes Vieira, e para differentes cargos

da mesa, outros individuos. Veja-se o relatorio já citado.

No termo desta eleição lançado a fl. 1 do respectivo livro, declarou-se ser a primeira eleição que alli se celebrava. Ora, se naquella epoca era com effeito a primeira eleição que se fazia, é porque o archivo daquella Irmandade havia sido entregue ás chammas ou destruido pelos invasores; e começando a reedificação de Olinda em 1637, é provavel que d'ahi até a epoca do rompimento da insurreição em 1645, tivesse logar a reedificação daquella Igreja.

IV

Recapitulando as epocas, vemos que:

Em 1617 já existia a Igreja da Misericordia.

Em 1631 foi Olinda incendiada.

Em 1637 mandou Mauricio reedificar Olinda.

Em 1645 rebentou a insurreição.

Em 1654 effectuou-se a restauração.

Em 1655 teve logar a primeira eleição de Provedor e mais membros da mesa.

Logo da epoca em que o principe Mauricio mandou reedificar Olinda á em que houve o rompimento, decorrem oito annos; e desta epoca até a da restauração, decorreram outros oito annos. E' mais provavel pois, que a reedificação da Igreja fosse nos primeiros oito annos, em que Mauricio animado pelas successivas victorias e augmento consideravel de suas conquistas, voltou a sua attenção para os melhoramentos interiores do paiz, do que nos oito annos em que os Hollandezes estavam a braços com a insurreição que Vieira poz em campo.

Por conjectura devemos inferir que, a igreja da Misericordia foi edificada em fins do seculo XVI, encendiada em 1631, e reedificada dentro dos oito annos que decorrem de 1637 a 1645.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 11 de Maio de 1865.

Salvador Henrique de Albuquerque

---

45 Sessão Ordinaria no dia 8 de Junho de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

As 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Rodrigues Campello, Soares Brandão, Soares de Azevedo, Witruvio e Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique;—abre-se a Sessão.

O 2.° Secretario dá leitura da acta antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Exm. Vigario Capitular pedindo a coadjuvação do Instituto para a reedificação da Capella de N. Senhora das Necessidades erecta no logar denominada Casa-forte, visto que além da piedade religiosa, rememorava ella a batalha que contra os Hollandeses ganhamos a 17 de Agosto de 1645 no campo que fica em frente da mesma Capella.

O Sr. Dr. Witruvio obtendo a palavra sobre o objecto, faz varias considerações, e conclue votando a favor da coadjuvação que devia prestar o Instituto aos encarregados daquella obra.

Approvado pelo Instituto, o Sr. Presidente menda responder ao Exm. Vigario Capitular que seria tomada na devida consideração a materia honrosa do seu officio.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Um volume de poesias sob o nome de—Mosaico—impressão deste anno feita na Cidade da Parahyba, pelo Dr. Joaquim Serra.

O numero do periodico—Ensaio Literario—pela respectiva redacção.

Dous mais do—Brasil Historico—pelo Sr. Dr. Figueiroa.

Um opusculo escripto e publicado pelo Coronel Francisco Joaquim Pereira Lobo, sobre a injustiça das dimissões que soffrera; remettido pelo Sr. Dr. Gusmão Lobo.—São todas estas offertas recebidas com agrado, e mandam-se para o archivo.

São lidas e remettidas a respectiva Commissão duas propostas para admissão de Socios correspondentes assignadas pelos Srs. Drs. Soares Brandão, Witruvio, e Salvador Henrique.

O Sr. Presidente dirige algumas palavras de agradecimento em nome do Instituto, ao Sr. Dr. Soares Brandão pelos esforços que o mesmo Sr. como membro da Assemblea Provincial, havia empregado em uma d'aquellas Sessões, afim de obter em favor do Instituto uma subvenção; ao que responde aquelle Sr. haver com este procedimento cumprido o seu dever.

O mesmo Sr. Presidente, designa para interinamente occupar o logar de Orador do Instituto, ao Sr. Padre Lino do Monte.

Corre o escrutinio e è approvado Socio correspondente o Dr. Antonio da Cruz Cordeiro.

Entram em discussão dous pareceres da Commissão de fundos e orçamento, um relativo das contas do Sr Thezoureiro, e outro sobre o orçamento de receita e despesa do anno social de 1865 a 1866; os quaes são unanimimente approvados e sem alteração alguma.

O Sr. Major Salvador Henrique, obtendo a palavra faz a leitura de um seu trabalho historico sobre diversas façanhas e rasgos de civismo praticados por João Fernandes Vieira; findo o qual o Sr. Presidente lhe dirige algumas palavras de agradecimento.

São lidas e remettidas a commissão especial de ereacção de estatuas, as duas seguintes indicações do mesmo Sr.:

—A *primeira*, para se officiar ao Sr. Dr. Feitosa, afim de promover na camara dos deputados a concessão de uma loteria em beneficio das despezas com os monumentos que se pretende levantar, a Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias.

—A *segunda*, para que sejam desde já nomeadas por freguesias commissões incumbidas de promoverem donativos populares que auxiliem as despesas dos monumentos projectados daquelles quatro heróes.

O Sr. Salvador Henrique obtendo a palavra, entra em considerações de assignalar-se o logar em que existio o demolido Arco do Sr. Bom Jesus do Recife; porta que foi desta Cidade em algum tempo, e tão fallada na historia, não só por isso como pelas fortificações que aos lados de L. e O. junto ao mesmo Arco existiram, tornando-se em sua opinião de urgente necessidade este assignalamento para que os nossos vindouros não venham a attribuir-nos a deleixo e incuria que nòs hoje notamos em nossos antepassados; concluindo por lembrar a nomeação de uma commissão que estude a materia e proponha alguma cousa neste sentido.

O Sr. Presidente observa ao orador que deve redusir o seu pensamento a uma indicação excripta; o que promette elle faze-lo na seguinte sessão.

O Sr Padre Lino do Monte inscreve-se para ler na primeira sessão um trabalho seu, sobre o monte de Tabocas e matriz de Nossa Senhora da Luz.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte sessão, que deverá ter logar no dia 20 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.

Recife—Typographia do Mercantil—1867.

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

(TRIMENSAL)

TERCEIRO ANNO — TOMO PRIMEIRO

OUTUBRO DE 1865

N. 9.



RECIFE
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO RECIFE
Rua do Imperador n. 77
MDCCCLXVII

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja.

S. Rita Durão, Caram. C. iv, Est. 5[illegible].

PRESIDENTE HONORARIO

SUA MAGESTADE O IMPERADOR

O SENHOR D. PEDRO II.

OUTUBRO DE 1865. — N. 9.

47. Sessão ordinaria no dia 20 de Julho de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas ha manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Rodrigues Campello, Witruvio e Soares Brandão, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas de que faz menção o mesmo senhor:

Uma copia da escriptura de doação lavrada pelo tabellião Domingos Dias Timbó em 19 de Abril de 1656, das terras em que está edificada a Igreja e o Hospicio de Nossa Senhora da Penha desta cidade, feita por Belchior Alves e sua mulher Joanna Bezerra; a qual é offertada ao Instituto pelo Rvm. Prefeito do mesmo Hospicio Frei Serafim de Catanea.—Recebido com agrado, manda-se archivar.

Uma brochura denominada — *A Liberdade Religiosa*, pelo Sr. Padre Lino do Monte. — Recebida com agrado, vai para o archivo.

Um manuscripto contendo a segunda parte da guerra intitulada dos Mascates, seguido da noticia dos Governadores de Pernambuco depois da retirada dos hollandezes; offerecido pelo Dr. Henrique do Rego Barros. — Recebe-se com agrado, e vai para o archivo.

Quatorze moedas de cobre de 5, 10 e 20 rs. pertencentes a época dos reinados de D. João V, D. José I, e D. João VI de Portugal, e uma de 20 rs. do reinado de D. Pedro I do Brazil, cunhada em 1829; pelo Sr. Major Salvador Henrique.— Recebidas com agrado, mandam-se archivar.

Uma bala de peça toda carcomida do tempo da guerra dos hollandezes, encontrada em terreno da freguezia da Varzea, proximo ao lugar em que houve uma fortificação, cujos vestigios ainda alli se vêem, e donde parece ter sido arrojada semelhante bala; offertada pelo mesmo Sr. Major Salvador Henrique. — Recebida com agrado, manda-se archivar.

E' lida e remettida á respectiva commissão uma proposta do Sr. Padre Lino do Monte, indicando para socio correspondente ao Dr. Francisco Pires Machado Portella.

E' lida uma indicação apresentada pelo Sr. Major Salvador Henrique para que se nomêe uma commissão que, considerando sobre a conveniencia de assignalar-se o lugar em que esteve o arco do Bom Jesus das Portas no bairro do Recife, demolido em 1850, em virtude da lei n. 252 de 4 de Maio desse mesmo anno, proponha ella os meios mais faceis e convenientes a este fim, por onde de futuro saibam os nossos vindouros com toda certeza, em que situação existio esse monumento historico.

Entra em discussão, e é approvada a indicação, sendo nomeados membros da commissão os Srs. Drs. Soares Brandão e Witruvio.

Em seguida o Sr. Padre Lino do Monte faz a leitura de um trabalho seu sobre o monte de Tabocas e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, finda a qual o Sr. Presidente dirige ao nobre socio algumas palavras de agradecimento.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do

dia da seguinte sessão, que deverá ter lugar a 3 de Agosto, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.— *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.· Secretario.

48· Sessão ordinaria no dia 3 de Agosto de 1865

Presidencia do Exm. Sr. Dr. Muniz Tavares.

A's onze horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, e Witruvio, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão:

O Sr. 2.· Secretario dá leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas de que faz menção o mesmo senhor.

—Um volume de poezias sob a denominação de—*Flores Singelas* — offertado por seu respectivo autor Manoel de Carvalho Paes de Andrade. —Recebido com agrado manda-se archivar.

— Uma collecção do *Diario de Pernambuco* de Janeiro ao fim de Julho proximo passado, pelo Sr. Commendador Manoel Figueirôa de Faria.—E' recebida com agrado e manda-se para o archivo.

—Dous volumes dos estudos, um sobre o ensino publico, outro sobre a infallibilidade e o poder temporal do Papa, e mais dous discursos, pelo Sr. Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.—Recebe-se com agrado e manda-se archivar.

—Dous numeros do—*Brazil Historico*—pelo

Sr. Dr. Manoel de Figueirôa Faria. — Recebido com agrado, mandam-se archivar.

—Uma bala de peça achada nos montes Guararapes e portanto contemporaneá das batalhas alli dadas ; offertada pelo Sr. Padre Lino do Monte. —Recebida com agrado vai para o archivo.

—Vem a mesa e depois de sua leitura é remettida a respectiva commissão uma proposta para admissão de socios assignada pelos Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique.

E' lida e approvada sem discussão a seguinte indicação :

Indicamos que por intermedio da Presidencia da Provincia se solicite do Governo Imperial a permissão de ser archivada neste Instituto a devassa a que se procedeu por occasião da revolução de 1817 em Pernambuco, como um monumento historico, que muito enriquecerá o nosso archivo. —Sala das sessões, 3 de Agosto de 1865.—*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*, *Padre Lino do Monte.*

O Sr. Major Salvador Henrique obtendo a palavra, faz a leitura de um trabalho seu, consistente na copia de varios termos de irmãos da antiga Irmandade da Misericordia da Cidade de Olinda, extrahida do competente livro e seguida de notas illustrativas ; trabalho que seu autor julga de algum merito, por já não existirem as folhas do livro donde foram aquelles termos extrahidos, e por conterem elles os nomes de pessoas que são troncos de varias familias nossas.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte sessão que deverá ter lugar a 17 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. —*Monsenhor F. Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

Copia a que se refere a acta supra

I

Folha 1. Aos 16 de Julho de 1655 se assignaram por irmãos desta Santa Casa, e é a primeira eleição que nella se acha, o governador João Fernandes Vieira, que logo entrou de provedor, Balthasar Alves, por escrivão, João Cordeiro de Mendanha por thesoureiro, e por conselheiros Amaro Lopes Madeira, Cosme de Crasto Passos, Gaspar de Souza Uchôa, Antonio Dias de Abreu, Antonio Fernandes Furna, Domingos Alves Arr., Domingos Affonso, Felippe Gomes, Pedro Fernandes, Francisco Pereira do Lago. Passo na verdade, em fé do que fiz este termo e todos os mais que seguem trasladados dos proprios.

Nota

Este termo foi transcripto no relatorio da Commissão do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, lido em sessão de 29 de Setembro de 1864.

II

Folhas 7. Aos 31 de Outubro de 1660 se assentou por irmão com termo « Francisco Berenguer de Andrada, filho de Francisco Berenguer de Andrada, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Antonia Bezerra, filha de Antonio Bezerra e de Isabel Lopes naturaes da Varzea de Capibaribe, e neto outro sim o supplicante de Heitor Nunes Berenguer.

Nota

Este « Francisco Berenguer de Andrada » era irmão de D. Maria Cesar mulher de João Fernandes Vieira, e por conseguinte seu cunhado. O sogro de Vieira, tambem chamado Francisco Beren-

guer de Andrada era natural da ilha da Madeira, e foi casado duas vezes, uma com D. Antonia Bezerra, e outra com D. Joanna de Albuquerque.

III

Folhas 11. Aos 17 de Abril de 1669 se assentou por irmão com termo o « capitão Chrystovão Berenguer » natural de Pernambuco, filho legitimo de Francisco Berenguer de Andrada natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Joanna de Albuquerque natural de Pernambuco; e casado com « D. Florencia de Andrada, » filha de Henrique de Carvalho e de sua mulher Maria de Abreu.

Nota

Este « Chrystovão Berenguer » era tambem cunhado de João Fernandes Vieira, porém filho da outra mulher de Francisco Berenguer de Andrada que se chamava D. Joanna de Albuquerque, como se vê do termo acima.

IV

Folhas 13. Aos 29 de Março de 1673 se assignou por irmão com termo o « capitão Antonio de Andrada Berenguer, » filho legitimo de Francisco Berenguer de Andradra e de sua mulher D. Joanna de Albuquerque ; neto de « Chrystovão Berenguer de Andrada » e de sua mulher D. Maria Cezar naturaes da ilha da Madeira, e neto paterno de Heitor Nunes Berenguer.

Nota

Este « Antonio de Andrada Berenguer » era outro cunhado de João Fernandes Vieira, neto materno de Chrystovão Berenguer de Andrada e de sua mulher D. Maria Cezar, naturaes da ilha da Madeira, e neto paterno de Heitor Nunes Berenguer.

V

Folhas 13. Em o 1· de Julho de 1674 se assignou por irmão com termo « Feliciano Berenguer de Andrada» filho legitimo de Francisco Berenguer e de sua mulher D. Joanna de Albuquerque, todos naturaes desta terra.

Nota

Este « Feliciano Berenguer de Andrada » era outro cunhado de João Fernandes Vieira.

Por naturaes desta terra deve entender-se Feliciano e sua mãi, por isso que seu pai era da ilha da Madeira.

VI

Folhas 13. Em o 1· de Julho de 1674 se assignou por irmão com termo « Manoel Dias de Andrada » filho legitimo de Francisco Berenguer de Andrada e de sua mulher D. Antonia Bezerra, naturaes da Varzea.

Nota

Este « Manoel Dias de Andrada » era outro cunhado de João Fernandes Vieira.

Por naturaes da Varzea deve entender-se elle Manoel Dias e sua mãi, porque seu pai era da ilha da Madeira.

VII

Folhas 13. Aos 27 de Janeiro de 1675 se assignou por irmão com termo « Cosme Bezerra Monteiro » natural de Pernambuco, filho legitimo de Domingos Bezerra de Barbuda e de Antonia Rodrigues Delgado; neto por parte paterna de Domingos Bezerra de Barbuda e de Brazia Monteiro, e por parte materna de Cosme Rodrigues e de Simôa da Rosa; e casado com « D. Leonarda Caval-

canti filha de Antonio Cavalcanti de Albuquerque e de D. Margarida de Souza, todos desta terra.

Nota

Este « Cosme Bezerra Monteiro » foi casado com « D. Leonarda Cavalcanti » filha de Antonio Cavalcanti chamado o da guerra, por ter nella figurado muito; e este Antonio Cavalcanti sogro de Cosme Bezerra Monteiro foi um dos principaes, se não o primeiro, na conjuração contra João Fernandes Vieira, cujo mando disputavam para arreda-lo da influencia e importancia que exercia na guerra em que todos se empenhavam contra os hollandezes.

Qual teria sido a sorte desta gloriosa empresa se os conjurados tivessem levado a effeito os seus errados planos?

Vieira desapparecendo da scena como chefe é provavel que as ambições surgissem e que cada qual se julgasse no caso de o substituir; e assim reinando a desunião, o resultado devia ser todo em favor do inimigo, que saberia approveitar o ensejo para destrui-los completamente. A Providencia Divina porém, burlou tão negros planos e completou afinal os seus designios.

VIII

Folhas 13. Aos 27 de Janeiro de 1675 se assignou por irmão com termo « Domingos Bezerra Cavalcanti, natural de Pernambuco, filho legitimo de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcanti, neto por parte paterna de Domingos Bezerra de Barbuda e de sua mulher Antonia Rodrigues Delgado, e por parte materna de Antonio Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Margarida de Souza; e casado com « D. Leonor Cabral » filha de Antonio Paes e de sua mulher Maria Muniz, todos naturaes desta terra.

Nota

Este « Domingos Bezerra Cavalcanti » era filho de Cosme Bezerra Monteiro e neto materno de Antonio Cavalcanti, o da guerra, como se vê do termo acima.

IX

Folhas 13. Aos 27 de Setembro de 1675 se assignou por irmão com termo « Antonio Cavalcanti Bezerra » natural de Pernambuco, filho legitimo de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcanti, e neto por parte paterna de Domingos Bezerra de Barbuda e de sua mulher Antonia Rodrigues Delgado, e por parte materna de Antonio Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Margarida de Souza; e casado com « D. Domingas da Cunha » filha de Antonio da Cunha e de sua mulher Guiomar Gomes.

Nota

Este « Antonio Cavalcanti Bezerra » era filho de Cosme Bezerra Monteiro e neto materno de Antonio Cavalcanti, o da guerra, como se vê do termo acima.

X

Folhas 14. Aos 2 de Novembro de 1675 se assignou por irmão com termo « Antonio Bezerra de Andrada » filho de Francisco Berenguer de Andrada e de sua mulher D. Antonia Bezerra.

Nota

Este « Antonio Bezerra de Andrada » era outro cunhado de João Fernandes Vieira.

XI

Folhas 14. Aos 2 de Novembro de 1675 se

assignou por irmão com termo « João Cezar Berenguer » filho legitimo de Francisco Berenguer de Andrada e de sua mulher D. Antonia Bezerra.

Nota

Este « João Cezar Berenguer » era outro cunhado de João Fernandes Vieira.

XII

Folhas 16. Aos 25 de Fevereiro de 1684 se assignou por irmão com termo « Jeronymo Cezar de Mello » filho legitimo do coronel Agostinho Cezar de Andrada e de sua mulher D. Laura de Mello; casado com « D. Maria Joanna Cezar » filha do governador João Fernandes Vieira.

Nota

Este « Jeronymo Cezar de Mello » era genro de Fernandes Vieira por ter casado com « D. Maria Joanna Cezar » filha natural do mesmo Vieira.

XIII

Folhas 18. Aos 14 de Agosto de 1688 se assignou por irmão com termo « Leonardo Bezerra Cavalcanti » filho legitimo de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcanti, e casado com « D. Joanna da Silva Pereira » filha do capitão-mór Antonio da Silva e de sua mulher D. Maria Pereira.

Nota

Este « Leonardo Bezerra Cavalcanti » foi um dos principaes na revolução de 1710 contra os Mascates. Era então sargento-mór, foi preso e degradado para a India por dez annos.

Falleceu na cidade da Bahia e foi sepultado em uma das igrejas daquella cidade.

XIV

Folhas 18. Em o 1· de Novembro de 1691 se assignou por irmão com termo o « padre Manoel Fernandes Vieira » perfilhado nos livros de S. Magestade por filho do governador João Fernandes Vieira.

Nota

Este « padre Manoel Fernandes Vieira » era filho natural de João Fernandes Vieira; foi depois vigario collado de Itamaracá e senhor do engenho Inhaman.

Veja-se o relatorio lido em sessão do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de 29 de Setembro de 1864, transcripto na Revista n. 4.

XV

Folhas 21. Aos 3 de Março de 1692 se assignou por irmão com termo « Manoel Cavalcanti Bezerra » filho de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcanti: neto por parte paterna de Domingos Bezerra Monteiro e de Antonia Rodrigues Delgado, e por parte materna neto de Antonio Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Margarida de Souza; casado com « D. Maria de Mello » filha legitima do capitão João Ferreira de Mello e de sua mulher Victoria Barboza, neta por via paterna de João Lopes de Cerqueira e de sua mulher Maria Barboza e por parte materna neta de Miguel Ferreira de Mello e de Maria do O'.

Nota

Este « Manoel Cavalcanti Bezerra » era filho de Cosme Bezerra Monteiro, e por parte materna neto de Antonio Cavalcanti, o da guerra, como se vê do termo acima.

XVI

Folhas 23. Aos 30 de Março de 1698 se assignou por irmão com termo « Manoel de Araujo Cavalcanti » filho legitimo de Bernardino de Araujo e de D. Ursula Cavalcanti; neto por parte paterna de Braz de Araujo Pereira e de Francisca Soares, e por parte materna neto de Manoel da Serra e de sua mulher « D. Brazia Cavalcanti » e casado com D. Brazia Cavalcanti, filha legitima de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcanti filha legitima de Antonio Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher D. Margarida de Souza.

Nota

Este « Manoel de Araujo Cavalcanti » foi casado com « D. Brazia Cavalcanti » filha de Cosme Bezerra Monteiro e neta por parte materna de Antonio Cavalcanti, o da guerra, como se vê do termo acima.

Um dos seus netos do mesmo nome « o Dr. Manoel de Araujo Cavalcanti » casou com uma filha do mestre de campo Manoel Alves de Moraes Navarro, « D. Isabel Thereza de Moraes Lins, » de cujo matrimonio nasceu Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins, vigario que foi desta freguezia de Santo Antonio do Recife até o anno de 1843.

Veja-se a Revista Trimensal do Instituto n. 4, pag. 114.

XVII

Folhas 23. Aos 29 de Julho de 1698 se assignou por irmão com termo « o capitão Antonio Alvares Bezerra » filho legitimo do capitão Francisco Alvares Camello e de sua mulher D. Maria da Silva; neto por parte paterna de Belchior Al-

vares Camello e de sua mulher Joanna Bezerra e por parte materna de Antonio de Mello Machado e de sua mulher Isabel de Miranda, e casado com « D. Luiza Filippa de Sá » filha do capitão-mór Diogo Falcão de Sá e de sua mulher D. Ursula Berenguer, neta por parte paterna de Diogo Falcão de Sá e de sua mulher D. Joanna de Oliveira e por parte materna de Francisco Berenguer de Andrada e de sua mulher D. Antonia Bezerra.

Nota

Este « capitão Antonio Alvares Bezerra » foi casado com « D. Luiza Filippa de Sá » neta por parte materna de Francisco Berenguer de Andrada, sogro de João Fernandes Vieira.

Foi este « Antonio Alvares Bezerra » um dos antigos morgados das Alagoas e mais tarde capitão-mór daquella provincia.

O seu avô paterno « sargento-mór de ordenanças de Pernambuco, Belchior Alvares Camello» e sua mulher « D. Joanna Bezerra » foram os doadores das terras em que hoje está edificada a Igreja de Nossa Senhora da Penha e seu hospicio, como consta da escriptura publica lavrada pelo tabellião Domingos Dias Timbó, em 19 de Abril de 1656, cuja copia foi offertada ao Instituto pelo Rvm. Prefeito actual Frei Serafim de Catanea.

Sala do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano em sessão ordinaria de 3 de Agostó de 1865.— O 2.° Secretario, *Salvador Henrique de Albuquerque.*

49.ª sessão ordinaria no dia 17 de Agosto de 1865

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

As 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Rodrigues Campello, Soares

Brandão, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte expediente:

Um officio do Sr. Dr. Gusmão Lobo participando que, por motivos, tem deixado de comparecer ás sessões do Instituto, e que logo que estes cessem será prompto em comparecer.—Inteirado.

Uma indicação do Sr. Major Salvador Henrique concebida nos seguintes termos:

Constando-me que, no Campo das Princezas achava-se atirada á porta da cocheira de Palacio, uma pedra com incripção antiga, dirigi-me áquelle lugar e encontrei com effeito a lapida a que me refiro, lavrada em pedra de Lisboa e com o distico seguinte:

Esta obra mandou fazer El-Rei
D. João V. Nosso Senhor pelo
Governador e Capitão General
Duarte Sudré Pereira
Anno de 1731

Durante a administração de Duarte Sudré Pereira Tibáo 25· Governador desta provincia, que substituio a D. Manoel Rolim de Moura em Novembro de 1727, mandou El-Rei D. João V levantar uma nova cadeia, cuja obra aquelle Governador encarregou ao coronel João da Costa Monteiro, que fez lançar a primeira pedra desse edificio em Outubro de 1729, dando-o por prompto em 1731.

E' sabido que o edificio de que se trata foi levantado nesta freguezia de Santo Antonio na rua que a bem pouco se chamava da Cadeia Nova, con-

tigua a do Collegio, e que hoje tem ambas o nome de rua do Imperador.

Depois da mudança dos presos, para a nova Casa de Detenção, foi este predio reedificado e nelle hoje funccionam os Tribunaes da Relação e Jury, e as autoridades de primeira instancia.

Por occasião das obras que para este fim ali se fizeram, arrancaram a mencionada lapida e arremeçaram-na até aquelle campo onde a encontrei.

Indico pois, que pelos meios competentes, se obtenha a referida lapida para ser conservada no museu deste Instituto.

Sala das Sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em 17 de Agosto de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque.*

E' discutida e approvada a indicação, deliberando o Instituto que se officiasse ao Exm. Presidente da Provincia pedindo-lhe a mencionada lapida.

Vai a respectiva Commissão uma proposta para socios correspondentes assignada pelos Srs. Padre Lino e Major Salvador Henrique.

Acha-se sobre a mesa a copia da escriptura de consentimento e obrigação assignada pelo proprietario Antonio Ramos, para a conservação da lapida commemorativa de João Fernandes Vieira em Olinda; remettida pela Commissão de Trabalhos Historicos e Archeologicos. Manda-se para o archivo.

Acham-se igualmente sobre a mesa dez numeros do *Diario de Pernambuco*, continuação da offerta do Sr. Commendador Figueiroa. — Recebidos com agrado vão para o archivo.

O Sr. Major Salvador Henrique obtendo a palavra faz a leitura do segninte relatorio:

A' Commissão de Trabalhos Historicos e Archeologicos tem a honra de relatar ao Instituto que, no dia 12 do corrente, pouco depois de meio

dia, foi a lapida commemorativa de João Eernandes Vieira, collocada na frente do sobrado em que habitou e falleceu aquelle heróe, na rua de S. Bento da cidade de Olinda.

De conformidade com o que deliberou o Instituto em Sessão de 19 de Janeiro deste anno, foi previamente lavrada a escriptura de consentimento e obrigação que assignou no dia 7 do corrente, o Sr. Antonio Ramos, actual proprietario do mencionado sobrado.

Não pode a Commissão deixar de mencionar neste lugar com a maior satisfação, o louvavel e generoso procedimento, que teve o referido proprietario em semelhante empenho, na execução do qual elle foi além do que era de esperar-se; prestando não só o seu consentimento,como coadjuvando pessoalmente a Commissão, a quem acompanhou até Olinda para facilitar os trabalhos da collocação da lapida. Por este procedimento, pois, a Commissão desde já propõe um voto de agradecimento ao dito Sr. Antonio Ramos.

Ainda tem a Commissão o prazer de relatar ao Instituto que, o acto da collocação da lapida, não passou desapercebido em Olinda; os seus habitantes não foram indifferentes a esta prova de veneração que o Instituto acaba de dar á memoria do invicto restaurador de Pernambuco.

Nosso socio correspondente o Sr. Dr. José Cardoso de Queiroz Fonseca reunido a outras muitas pessoas gradas ali residentes, acompanharam a Commissão e fizeram comparecer no lugar da collocação da lapida, uma musica marcial, que, com a harmonia de suas variadas peças, tornou o acto mais solemne e agradavel. São pois aquelles senhores dignos de louvor e agradecimento por tão exhuberante prova de amor e de veneração pelas glorias patrias.

Finalmente o Commissão conclue declarando

que, ser-lhe-ha sempre grato o momento em que possa assegurar ao Instituto que, se acham cumpridas as suas deliberações.

Sala das Sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em 17 de Agosto de 1865. Os membros da Commissão, *Salvador H. de A. e Padre Lino do M. C. Luna.*

Finda a leitura deste relatorio, o Sr. Presidente dirige algumas palavras de agradecimento á Commissão.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura de uma indicação em que a Commissão de Trabalhos Historicos e Archeologicos propõe um voto de gratidão ao Exm. Monsenhor digno Presidente do Instituto, pela generosidade que manifestou satisfazendo por si sómente a importancia da lapida commemorativa de J. F. V., finda a qual, na fórma dos estatutos, elle põe a votos a referida indicação; e verificando-se a unanime approvação, o mesmo Sr. Secretario perpetuo em nome do Instituto agradece ao Sr. Presidente esta prova de generosidade.

O Sr. Presidente responde que, nada mais fez do que o seu dever coadjuvando o Instituto, avista dos fracos recursos pecuniarios de que actualmente o mesmo Instituto dispõe. O mesmo senhor dá para ordem do dia da seguinte sessão que deverá ter lugar no dia 31 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. —*Monsenhor F. Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

50.ª Sessão ordinaria no dia 31 de Agosto de 1865

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de

Azevedo, Nascimento Feitosa, Witruvio Pinto, Soares Brandão, Amaro Joaquim e Serafico, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente, e faz menção das seguintes offertas que se acham sobre a mesa

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, remettidos pelo Sr. Commendador Figueirôa; alguns do periodico *Semana*, pela respectiva redacção, e um volume dos *Harpejos da Mocidade* pelo seu respectivo autor Antonio de Souza Pinto.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Constando achar-se na ante-sala o Sr. Dr. Ayres de Albuquerque Gama, o Sr. Presidente designa para membros da Commissão que o tem de receber aos Srs. Dr. Soares Brandão e Padre Lino do Monte.

Conduzido aquelle senhor pela respectiva Commissão, toma assento e depois de obter a palavra, dirige em breve allocução o seu agradecimento ao Instituto.

O Sr. Dr. Feitosa, como orador, responde ao novo socio, congratulando-se por sua boa vinda.

Em seguida o Sr. Secretario perpetuo apresenta um desenho bem executado do demolido Arco do Bom Jesus do Recife, encachilhado com o seu competente vidro, o qual é offertado ao Instituto pelo Sr. Candido Alves Machado.

E' recebido com especial agrado e manda-se archivar.

O Sr. Dr. Soares Brandão faz a leitura do seguinte parecer, que vai a imprimir para entrar em discussão :

A Commissão nomeada para dar seu parecer

sobre a indicação do Sr. Major Salvador Henrique, na qual propõe o mesmo senhor o assignalamento do lugar em que existio outr'ora o Arco do Bom Jesus das Portas no Recife, considerando que na realidade é conveniente para bem precisar o theatro de acontecimentos memoraveis da historia da provincia, e saber-se em qualquer tempo onde existio aquelle Arco, porta, e portanto limite que foi da cidade pelo lado do norte; é de parecer que, seja realisada a idéa apresentada pelo referido socio, tanto mais que não será de grande custo tal assignalamento, que na opinião da Commissão basta que seja feito por uma simples lapida.

Sala das Sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano em 17 de Agosto de 1865.—*Soares Brandão, Witruvio Pinto Bandeira.*

Feita a leitura do parecer da Commissão respectiva sobre varias propostas para admissão de socios, corre o escrutinio e são approvados os seguintes senhores como socios correspondentes: Dr. Francisco Machado Portella, Vigario Manoel Amancio das Dores Chaves, Manoel Carneiro de Souza Lacerda, Luiz da Costa Porto Carreiro e Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

O Sr. Dr. Feitosa, obtendo a palavra, declara que, como orador do Instituto assistira a sessão anniversaria do Gabinete Portuguez de Leitura, ao qual felicitara em nome do mesmo Instituto por tão fausto acontecimento.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte sessão, que deverá ter lugar a 14 de Setembro, trabalhos de pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

51.ª Sessão ordinaria no dia 14 de Setembro de 1865

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello, Witruvio Pinto B., Amaro Joaquim e Gusmão Lobo e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique abre-se a sessão.

O Sr. 2. Secretario dá leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz a leitura de um officio do Sr. Thesoureiro com o qual remette aquelle senhor o quadro demonstrativo da receita e despeza do Instituto até o ultimo de Agosto proximo findo. — A' Commissão de Fundos e Orçamentos.

O mesmo senhor declara acharem-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, continuação da offerta do Sr. Commendador Figueiroa.

Sete numeros da *Crença*, pela respectiva redacção.

Um exemplar da *Historia do Brazil* de Francisco de Brito Freire, edição de Lisboa de 1675; e um medalhão em que vem os retratos de varios bravos que tomaram parte no combate naval de Riachuelo: pelo Sr. Dr. Amaro Joaquim.

Differentes folhetos das descobertas e aventuras dos mares e regiões polares; pelo Sr. Manoel José Soares de Avellar Junior.

Memorias para a historia d'El-Rei fidelissimo o Senhor D. Pedro V e seus Augustos Irmãos; pelo Sr. Dr. Witruvio P. Bandeira.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se para o archivo.

Vem á mesa e faz-se a leitura da seguinte proposta:

Sendo conveniente verificar-se, si com effeito, o Carneiro descoberto na igreja da Misericordia de Olinda em o qual, no relatorio de 29 de Setembro do anno passado, a respectiva Commissão suppõe com bons fundamentos, ter sido depositado o cadaver de João Fernandes Vieira; e podendo-se por meio de algum indicio ou objecto encontrado dentro do mesmo Carneiro, chegar-se ao conhecimento desta verdade, não obstante a presumida violação, do mesmo Carneiro, por isso que não está ella ainda bem averiguada, segundo as pesquisas que a respeito tenho continuado a fazer; proponho que, obtida a necessaria licença da Junta Administrativa da Santa Casa da Misericordia desta cidade, proceda-se a abertura daquelle Carneiro, e perante a Commissão respectiva, empregue-se as necessarias diligencias para o descobrimento da verdade, que tanto nos interessa.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 14 de Setembro de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque.*

Entrando em discussão a proposta, e obtendo a palavra o seu respectivo autor faz sobre ella varias considerações, sendo que afinal é a mesma approvada, e resolvido que se solicitasse da J. A. da Misericordia a competente permissão.

O Sr. Dr. Amaro Joaquim manda pôr á mesa uma proposta para admissão de socios correspondentes, a qual é remettida a respectiva commissão.

O Sr. Dr. Machado Pertella por parte do Sr. Major Gustavo José do Rego, apresenta ao Instituto uma lapida, com uma inscripção em latim, que se achava na fachada do palacio dos antigos governadores, em Olinda e dali tirada quando se reedificou aquelle palacio, fôra enterrada na calçada de uma casa fronteira, onde a encontrara o Sr.

Varnhagem, em visita que fizera áquella cidade; d'onde mandara o mesmo Sr. Varnhagem, entregando-a aos cuidados do referido Sr· Major Gustavo. E' recebida a offerta com agrado e menda-se para o Museu.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte sessão que deverá ter lugar a 28 do corrente, a discussão do parecer de 17 de Agosto lido em sessão de 31, sobre o assignalamento do Arco do Bom Jesus; trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. -- *Monsenhor F. Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.· Secretario.

52.· Sessão ordinaria no dia 28 de Setembro de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Witruvio, P. Bandeira, Amaro Joaquim, Soares Brandão, e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Secretario do Governo remettendo, por ordem do Exm. Sr. Presidente da provincia, um exemplar do Compromisso da Santa Casa da Misericordia desta cidade. — Para o archivo, e que se accusasse a recepção.

Outro do mesmo Sr. Secretario declarando, por ordem do mesmo Exm. Sr. Presidente da provincia, que se ordenára ao Engenheiro Director das Obras Publicas, para mandar entregar ao Ins-

tituto, a lapida com a inscripção da cadeia, que se fez no tempo do Governador de Pernambuco, Duarte Sudré Pereira Tibáo, a qual se acha na porta da cocheira de palacio no Campo das Princezas.— Inteirado, e que se accusasse a recepção.

Outro do Sr. Engenheiro Director das Obras Publicas declarando, que já havia feito remessa da lapida inscriptiva da antiga cadeia desta cidade, por ordem do Exm. Sr. Presidente da provincia.— Inteirado, e mandou-se recolher ao mesmo.

Outro do Provedor da Santa Casa da Misericordia desta cidade, declarando haver a respetiva Junta Administrativa, annuido ao pedido do Instituto para a abertura do carneiro, na Igreja da Misericordia de Olinda, em que se presume acharem-se depositados os restos mortaes de João Fernandes Vieira, e scientificando ao mesmo tempo a nomeação de uma commissão de seu seio, composta de tres membros, que tem de representar nesse acto a mencionada Junta; bem como que lhe parecia que a esse mesmo acto devia preceder licença do Exm. e Rvm. Vigario Capitular. — Inteirado, e que neste sentido se fizesse o respectivo expediente.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo obtendo a palavra declara que, o Exm. Sr. Presidente da provincia verbalmente lhe fizera ver que, já havia officiado ao Governo Imperial acerca da concessão dos autos da devassa tirada nesta cidade por occasião da revolução de 1817. —Inteirado.

O mesmo senhor faz menção das seguintes offertas, que se acham sobre a mesa.

Um traslado da sentença a favor do Capitão-mór João Paes Barreto sobre a administração da Igreja e Hospital do Paraiso em questão com os herdeiros de D. João de Souza; pelo Sr. Commendador Antonio Joaquim de Mello.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*,

pelo Sr. Commendador Figueirôa. — Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

Approva-se sem debate o parecer da commissão de fundos e orçamentos de 26 do corrente, para que seja archivada a conta corrente do arrecadado e despendido pela thesouraria deste Instituto de 24 de Novembro de 1862 a 31 de Agosto proximo passado, uma vez que só tem por fim a manifestação do estado do cofre.

Entra em discussão o parecer adiado sobre o assignalamento do Arco do Bom Jesus, antiga porta da cidade do Recife; e tomando parte nella varios senhores, vem para a mesa o seguinte requerimento do Sr. Dr. Aprigio, que depois de ser lido é approvado.

Requeiro que, adiado o parecer, continue a commissão o seu trabalho, indicando precisamente qual o lugar em que deve ser collocada a lapida, e que inscripção deve ser gravada na mesma lapida. —Sala do Instituto, 28 de Setembro de 1865.— *Aprigio Guimarães.*

Em seguida o Sr. Presidente designa o Sr. Major Salvador Henrique para coadjuvar e fazer parte da respectiva commissão sobre o assignalamento do arco.

Lido e approvado o parecer da commissão respectiva sobre a admissão de socios, corre em seguida o escrutinio, e são approvados para socios correspondentes os seguintes senhores: Dr. Joaquim Canuto de Figueiredo, Rvd. Conego Dr. Manoel Thomaz de Oliveira, Dr. Henrique do Rego Barros, Dr. Jacintho Pereira do Rego, Tenente-Coronel Manoel Antonio dos Passos e Silva, D. Abbade Frei Antonio do Patrocinio Araujo, e Capitão José Maria Freire Gameiro.

O Sr. Padre Lino do Monte inscreve-se para fazer a leitura da biographia do finado Marquez do

Recife, trabalho elaborado pelo mesmo senhor.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte sessão, que deverá ter lugar no dia 12 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. —*Monsenhor F. Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.· Secretario.

53.ª Sessão ordinaria no dia 12 de Outubro de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Witruvio P. Bandeira, Nascimento Feitosa, Amaro Joaquim, Gusmão Lobo, Ayres da Gama, e Soares Brandão, e os Srs Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique de Albuquerque, abre-se a sessão.

O Sr. 2. Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O 8r. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente:

Um officio do Exm. Vigario Capitular, declarando que permittia a abertura do carneiro em que se suppõe acharem-se os restos mortaes de João Fernandes Vieira.—Inteirado, e que a commissão respectiva cumprisse a deliberação tomada.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas de que faz menção aquelle mesmo senhor.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo Sr. Commendador Figueiroa.

Duas formas da *Bibliotheca Litteraria*, pela respectiva redacção.

A *Oração Gratulatoria*, pelo Rvm. Vigario Francisco Ferreira Barreto, por occasião do nascimento de S. A. I. o Sr. D. Affonso de saudosa memoria.

Cinco mappas descriptivos das vias ferreas brazileiras, de Pernambuco, Bahia, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Um mappa sobre traçados de vias ferreas e telegraphos na America do Sul, e outro discriptivo da formação do caes de pedra; tudo pelo Sr. Dr. Figueirôa.

Uma copia da escriptura de doação e edificação do Hospital do Paraizo feita pelo mestre de campo D. João de Souza e sua mulher D. Ignez Barreto de Albuquerque, offerecida pelo Sr. Padre Lino do Monte.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

O Sr. Dr. Soares Brandão obtendo a palavra faz a leitura do seguinte parecer que vai a imprimir.

A commissão nomeada para examinar o lugar onde existio outr'ora no bairro do Recife desta Cidade o arco denominado do Bom Jesus, e dar parecer sobre o meio pratico de assignalar dito lugar, indicando o ponto que julgasse mais apropriado para a collocação da lapida commemorativa que resolveu este Instituto mandar ahi collocar, havendo realisado seus trabalhos, vem hoje dar conta delles.

Tendo verificado satisfactoriamente a situação que teve o arco, segundo o testemunho de dous membros da commissão, que ainda o viram de pé, e ainda pelos vestigios que dão os alicerces do mesmo, que se não acham totalmente destruidos, chegou esta, á convicção de que a lapida deve ser collocada sobre a esquina do lado do Sul do edificio que se está concluindo para residencia do Inspector do Arsenal de Marinha, defrontando o Oeste, visto que nesta posição corresponde quasi exactamente ao centro do arco em questão, o qual se alongava de Este a Oeste.

Na execução de seu trabalho julgou a commissão de conveniencia entender-se com o Sr. Inspector do Arsenal de Marinha, não somente porque tratando-se de collocar a referida lapida em um edificio sob sua immediata direcção, não devia-se prescindir de sua acquiescencia, como tambem porque esperava pöder obter do mesmo Sr. Inspector, e talvez de algum operario mais antigo do Arsenal alguns esclarecimentos auxiliares; tanto mais por que parte do edificio a que alludio a commissão, acha-se construido sobre o terreno em que existio parte do arco, e do forte que era-lhe annexo pelo lado do Leste.

Effectivamente entendendo-se a commissão com o distincto funccionario, e já delle proprio, já de dous artistas que foram por elle chamados, um dos quaes até cooperou na demolição do arco; colheu autorisadas informações, que felizmente ainda mais corroboraram seu primeiro juizo acima manifestado, sobre o ponto da collocação da lapida.

Dando conta de sua tarefa, julga a commissão de sen dever noticiar ao Instituto, que foi acolhida da maneira mais obsequiosa pelo Sr. Inspector do Arsenal de Marinha, Capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, o qual prestou-lhe todo o auxilio, mostrando-se nobremente interessado pelo fim deste Instituto.

A commissão pois, confessa-se cordialmente reconhecida em seu nome e no deste Instituto, a cuja consideração muito se recommenda aquelle senhor por seu procedimento e bons sentimentos, que nutre para com esta instituição.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 12 de Outubro de 1865.—*Soares Brandão.*— *Witruvio Pinto Bandeira.*—*Salvador Henrique de Albuquerque.*

Em seguida vem a mesa uma indicação do Sr.

Dr. Gusmão Lobo, nos seguintes termos, a qual é approvada.

Indico que o Instituto dirija pela imprensa e por intermedio do seu digno Secretario perpetuo, um voto de agradecimento ás pessoas que a convite da commissão para este fim nomeada, serviram-se subscrever para a elevação de um monumento, na cidade de S. Luiz, em memoria do illustre brazileiro o Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Sala do Instituto, 12 de Outubro de 1865.—*Gusmão Lobo.*

Vem igualmente á mesa uma indicação do Sr. Dr. Soares Brandão, relativa ao monumento qne, em lugar das quatro estatuas, pretende que seja levantado.— A' commissão especial de estatuas.

Procede-se a leitura de varias propostas para socios, que são remettidas á commissão respectiva.

O Sr. Padre Lino do Monte, obtendo a palavra dá leitura de um trabalho biographico seu, sobre o Exm. Marquez do Recife, finda a leitura do qual, é o mesmo senhor cumprimentado por varios socios.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte sessão, que deverá ter lugar no dia 26 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2. Secretario.

54.ª Sessão ordinaria no dia 26 de Outubro de 1865

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Gusmão

Lobo, Witruvio P. Bandeira, Amaro Joaquim, e Soares Brandão; e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2. Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte expediente:

Um officio do Sr. Barão do Livramento motivando suas faltas de comparecimento ás sessões.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. José Bernardo Galvão Alcoforado em nome do Conselho Director do Instituto Filial dos Advogados Brasileiros, communicando sua reinstalação nesta Cidade.—Inteirado, e que se respondesse.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, remettidos pelo Sr. Commendador Figueirôa.

A quinta forma da *Bibliotheca Litteraria*, pela respectiva redacção.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Vem á mesa a seguinte indicação:

Indico que o Instituto se dirija á Camara Municipal desta Cidade, convidando-a a rever os nomes com que são conhecidas as ruas e praças desta Cidade, afim de substituir por outros, que recordem feitos patrios dignos de nota, e a memoria de varões illustres, aquelles que traduzem acontecimentos e factos sem real valor historico, como tantos ha ahi que tiram origem de miudezas locaes indignas de passarem a posteridade; isto a exemplo do que é isso nas capitaes europeas, e do que acaba de ser feito no municipio neutro. Para este effeito poderia a Illustrissima Camara delegar de seu seio uma commissão que, entendendo-se com outra do Instituto, e por este meio combinadas e conduzidas as necessarias explicações archeologicas, for-

mulasse um projecto que se submettesse a approvação do poder competente.

Sala do Instituto, 26 de Outubro de 1865.—*F. L. de Gusmão Lobo.*

Depois de algumas considerações do respectivo autor, é discutida e approvada a indicação.

E' lida e remettida á commissão de fundos e orçamentos, uma proposta do Sr.Dr. Amaro Joaquim, para que se autorise ao Thesoureiro do Instituto a comprar um meio bilhete de cada loteria da Provincia que correr nesta Cidade, preferindo sempre o numero 1862, epoca da inauguração deste Instituto.

O Sr. Dr. Witruvio, e Major Salvador Henrique, este como relator da Commissão especial de estatuas, e aquelle da commissão de admissão de socios, motivam a falta dos respectivos pareceres, que não apresentam nesta sessão.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte reunião, que deverá ter lugar no dia 9 de Novembro proximo, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2. Secretario.

55.ª Sessão ordinaria no dia 9 de Novembro de 1865

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Rodrigues Campello, Soares de Azevedo, Ayres da Gama, Serafico, Witruvio P. Baddeira, e Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a sesão.

O Sr. 2.· Secretario declara que por incommodo, não tinha-lhe sido possivel redigir e apresentar hoje a acta da sessão antecedente.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte expediente:

Um officio do Exm. Sr. Conselheiro Presidente da Provincia, communicando haver declarado o Exm. Sr. Ministro do Imperio, não poder satisfazer a solicitação do Instituto, quanto a ser-lhe entregue a devassa procedida nesta Provincia pelos movimentos politicos de 1817, visto como foram mandados guardar no archivo publico do Imperio os documentos de tal natureza, pelo art. 5. § 8. do decreto n. 2,541 de 3 de Março de 1860; podendo todavia o Instituto mandar extrahir a respectiva copia, no archivo em que se acha.—Inteirado.

Outro da Illm.ª Camara Municipal, acquiescendo a proposição do Instituto, afim de rever a denominação das ruas desta Cidade; e communicando que para este fim nomeava uma commissão composta dos Srs. Vereadores Major Gustavo José do Rego, e Tenente-Coronel Feliciano Joaquim dos Santos, para de combinação com a do Instituto, entender-se no sentido de realisar a idéa.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Antonio da Cruz Cordeiro, declarando aceitar agradecido a sua nomeação para socio correspondente.—Inteirado.

Outro do Sr Capitão José Maria Freire Gameiro, no mesmo sentido, e pelo mesmo objecto.—Inteirado.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, remettidos pelo Sr. Commendador Figueirôa.

A sexta fórma da *Bibliotheca Litteraria*, pela respectiva redacção.

Um volume dos *Cantos e Phantasias*, do Sr.

L. N. Facundes Varella, pelos Srs. Garraux de Lailhacar & C.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

O Sr. Thesoureiro obtendo a palavra, declara que recebera, e se acha em seu poder o beneficio da 1.ª parte da loteria concedida a favor do Instituto, na importancia de 1:620$000 ; e em seguida manda á mesa a seguinte proposta :

Proponho que o valor do beneficio da loteria concedida em favor do Instituto, seja recolhido à um estabelecimento bancario, em conta corrente. —9 de Novembro.—*Campello.*

Entra em discussão esta proposta, e é approvada sem debate.

São lidas e remettidas á respectiva commissão duas propostas assignadas pelos Sr. Dr. Soares de Azevedo e Padre Lino do Monte, relativas a admissão de socios correspondentes.

E' igualmente lida, discutida e approvada a seguinte indicação :

Indico que este Instituto se dirija a Illma. Junta Administrativa da Santa Casa da Misericordia, pedindo o especial obsequio de mandar avivar as letras que estão gravadas em uma lapida collocada em frente da casa dos Expostos, da qual se collige o anno da sua fundação e o nome do seu instituidor. Esta inscripção acha-se presentemente occulta pelas camadas de cal que receberam as paredes daquelle estabelecimento e tambem a mesma lapida.

Este e outros incidentes tem sido a causa motriz de que a historia não possa firmar o dia e anno da inauguração de grandes e importantes estabelecimentos publicos da provincia, cuja falta tornase actualmente sensivel.

Sala das sessões do Instituto, 9 de Novembro de 1865.— *Padre Lino do Monte C. Luna.*

O Sr. Major Salvador Henrique obtendo a palavra, declara ao Instituto, que no dia 12 do corrente ás 11 horas da manhã, deverá ter lugar em Olinda a abertura do jazigo em que se presume descançar os restos mortaes de João Fernandes Vieira, para o que tem a commissão feito os avisos necessarios.

O Sr. Presidente nomêa para a commissão que tem de entender-se com a da Camara Municipal, relativamente a substituição dos nomes de algumas ruas desta Cidade, aos Srs. Major Salvador Heurique, e Padre Lino do Monte; e para servir na commissão de admissão de socios ao Sr. Dr. Ayres da Gama, em substituição do Sr. Commendador Figueirôa, que se acha impedido por molestia.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá verificar-se no dia 23 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor F. Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.· Secretario.

56.· Sessão ordinaria no dia 23 de Novembro de 1865.

Presidencia do Excm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Ayres da Gama, Cicero Peregrino, Soares Brandão, Amaro Joaquim, e Rodrigues Campello, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.· Secretario dá leitura das actas das sessões de 26 de Outubro e 9 do corrente, as quaes são approvadas.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do D. Abbade de S. Bento Frei Antonio do Patrocinio Araujo, aceitando e agradecendo a sua nomeação para socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Onze numeros do *Diario de Pernambuco*; pelo Sr. Commendador Figueirôa de Faria.

Um exemplar do Curso Pratico de Pedagogia de M. Daligault, vertido em portuguez por J. P. M. P., offertado pelo Sr. Dr. Machado Portella.

A setima fôrma da Bibliotheca Litteraria; pela respectiva redacção.

Um quadro com seu vidro encaixilhado, contendo os heróes de Riachuelo; pelo Sr. Dr. Amaro Joaquim.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

São lidas, discutidas e approvadas as seguintes propostas:

Existindo ainda os alicerces do antigo arco do Bom Jesus no mesmo lugar, e segundo sou informado, todo o lagedo que ficava debaixo da abobada do mencionado arco, lagedo por cima do qual era o transito publico; e podendo mui bem acontecer que, exista nesse alicerce alguma lapida com a data da fundação do referido arco, antiga porta da Cidade do Recife, data que até hoje apesar das diligencias empregadas não encontrei; proponho que se peça ao Exm. Sr. Presidente da provincia autorisação para que o Sr. Inspector do Arsenal de Marinha coadjuve ao Instituto nesses trabalhos, com os operarios daquelle Arsenal que assistiram em 1850, a demolição do referido arco.

Sala das sessões do Instituto, 23 de Novembro de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque.*

Communicando-me o Sr. José de Vasconcellos, nosso socio, que os trabalhos do calçamento

das ruas achavam-se proximos do lugar onde foi o antigo pelourinho na praça do Corpo Santo, e que seria conveniente aproveitar o ensejo para fazer algumas pesquizas, visto como existindo ainda alli alicerces do demolido pelourinho, póde encontrar-se nelle alguma lapida com inscripção, que sirva para elucidar alguma duvida; proponho que se peça ao Exm. Sr. Presidente da provincia, se digne de recommendar a pessoa directora daquelles trabalhos que, haja de avisar ao Secretario perpetuo deste Instituto quando tiver de fazer a escavação necessaria naquelle lugar, afim de que este avise a commissão archeologica para assistir a referida escavação.

Sala das sessões, 23 de Novembro de 1865. — *Salvador Henrique de Albuquerque*.

Em seguida procede-se a leitura do seguinte parecer, que foi a imprimir para ser discutido na proxima sessão.

A commissão especial de estatuas a quem foi submettida a indicação do nosso socio o Sr. Dr. Soares Brandão, para que em lugar das quatro estatuas que resolveu o Instituto mandar erigir, seja levantado um grande e unico monumento testemunho da gratidão da provincia a todos os seus heroicos restauradores de 1654, em consequencia de ser difficil senão impossivel o realisar-se a grandiosa idéa já proposta e approvada pelo Instituto; depois de considerar e reflectir maduramente sobre a conveniencia de semelhante medida, vem hoje apresentar o seu parecer, que submette á illustrada apreciação do Instituto.

Em sessão de 22 de Dezembro do anno passado approvou o Instituto o parecer da commissão de trabalhos historicos e archeologicos, que examinando a proposta respectiva foi de opinião que, nas quatro freguezias desta Cidade se erigissem estatuas dedicadas a cada um dos quatro princi-

paes restauradores de Pernambuco : João Fernandes Vieira, André Vidal de Negrreios, Henrique Dias e D. Antonio Filippe Camarão ; sendo a collocação proposta das mesmas estatuas, em praças ou lugares que indicavam um facto historico e allusivo a cada um desses heróes.

Esta deliberação do Instituto foi bem acolhida do publico, e os trabalhos da commissão a este respeito publicados, tem cada vez mais encontrado o apoio e as sympathias dos homens illustrados e verdadeiros amantes das glorias patrias.

Ao considerar a commissão a importancia da proposta approvada, o dever sagrado que ella involve, reconhecido pelo Instituto, que deste modo acertadamente patenteou a nobre e civilisadora gratidão para com os heróes da independencia da nossa patria, supprindo a falta que se nos podia attribuir de esquecimento ou ingratidão ; já mais póde concordar com a nova idéa de que se trata ; accrescendo a tudo isto o adiantamento de seus trabalhos relativos a erecção das mencionadas estatuas, e o acolhimento publico que ha encontrado para a realisação desta patriotica empreza, o que no pensar da mesma commissão, já é um facto de muito bons auspicios.

Não desanima a commissão com a falta de recursos pecuniarios de que actualmente se resente o Instituto, nem com a demora que deve ter a execução das obras ; porquanto sabem todos que uma instituição que agora principia, e que inicia uma idéa desta ordem, não póde com facilidade leva-la a effeito, sem que vença os differentes obstaculos e embaraços que em taes casos costumam apresentar-se.

Parece talvez ao autor da indicação que, a despeza á fazer-se com as quatro estatuas deverá andar por muito mais do que aquella que se faria com um só monumento ; mas a verdade é o con-

trario de semelhante supposição, porquanto a despeza desta obra não póde deixar de ser muito excedente, por isso mesmo que tem ella de abranger, como quer a citada indicação, a memoria de todos os heróes que concorreram para a restauração de Pernambuco; o que importa uma obra cujas dimensões, a todos os respeitos, deverá occasionar maior dispendio para que se torne digna da provincia e dos personagens a quem é dedicada.

Entretanto, as quatro estatuas projectadas, além de satisfazer a curiosidade publica de um modo mais vivo, preenchendo melhor o fim da commemoração desses heróes, concilia-se com o embelesamento da Cidade, que terá de ver em cada uma das suas quatro freguezias actuaes, erigida a estatna de um heroe, cujos feitos se ligam a um facto importante de sua carreira bellicosa, indicado pela historia no lugar em que a mesma estatua se levanta.

A commissão no encetar os seus trabalhos teve em vista:

1.° A maior economia na execução.

2.° Os riscos mais simples sem prejuizo da belleza.

3.° A execução mais prompta.

4.° O estudo e as indagações diversas.

5.° A execução de cada estatua por sua vez.

Com esta base em seu procedimento e as mais diligencias necessarias, a commissão espera conseguir o desejado fim, e ver deste modo coroados os esforços do Instituto, que legará á provincia quatro monumentos proprios a avivar na idéa dos Pernambucanos, o patriotismo mais acrysolado, a abnegação mais decidida, e o valor mais sublime, que nos recordam esses grandes vultos.

Considerando agora a materia da indicação pelo effeito moral, que a sua adopção deverá produzir no animo de todos, entende a commissão

que, tendo sido adoptada pelo Instituto a idéa das estatuas como grandiosa e digna de ser executada, não deve este despreza-la hoje, maxime por outra que não póde ter os fóros de superior e de melhor preencher os fins a que nos propomos.

O publico illustrado tem sobre nós os olhos, e julgar-nos-há por certo, á vista das nossas decisões e resoluções tomadas neste Instituto.

Uma asssociação composta de homens prudentes e sensatos sempre delibera depois de maduro exame, e neste caso não é facil desfazer hoje aquillo que hontem se determinou.

Eis os inconvenientes que enxerga a commissão na adopção da indicação proposta, pelo que parece-lhe que não deve ser approvada.

Sala das sessões do Instituto, 23 de Novembro de 1865.--*Salvador Heurique de Albuquerque.* --*Padre Lino do Monte Carmello Luna.*—*José dos Anjos Vieira de Amorim. Gervasio Rodrigues Campello* [vencido].

Dá-se leitura da inscripção que deve ter a lapida assignalativa do lugar do arco do Bom Jesus do Recife, submettida a approvação do Instituto pela commissão de trabalhos historicos e archeologicos, a qual inscripção é concebida nos seguintes termos :

Em frente desta lapida existio a Capella do Senhor Bom Jesus, sobre o arco que foi antiga porta da Cidade do Recife, ambos demolidos em 1850.

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano mandou collocar a mesma lapida, com esta inscripção para assignalamento do lugar. Anno de 1865.

Fallam sobre a inscripção varios senhores, e depois de algumas considerações o Sr. Dr. Machado Portella manda á mesa a seguinte proposta :

Proponho seja adiada a collocação da lapida, até que se tenha certeza da data da construc-

ção do arco do Bom Jesus e sob que dominação foi elle construido, se pelos hollandezes, ou portuguezes.

Sala das sessões, 23 de Novembro de 1865. *Portella*.

Entra em discusão a proposta, e em seguida vem á mesa um requerimento assim concebido :

Requeiro que fique adiada a discussão da proposta do Sr. Dr. Portella até a proxima sessão. —*Salvador Henrique*.

Postos em discussão o requerimento e a proposta, fallam sobre ambos os Srs. Dr. Portella e Salvador, ficando afinal prejudicado o requerimento por ser retirada a proposta a pedido de seu autor.

Corre o escrutinio. e são approvados, para socio honorario o Exm. Sr. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, e para correspondentes os Srs. Drs. Eduardo Pindaiba de Mattos, Domingos José Rodrigues, José Tiburcio Pereira de Magalhães, Marcos Correia da Camara Tamarindo, Francisco Aminthas de Carvalho Moura, Desembargador Antonio Baptista Gitirana, Capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, Capitão José Polycarpo de Freitas, e Guelphe de Lailhacar.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 7 de Dezembro vindouro, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

57.ª sessão ordinaria no dia 7 de Dezembro de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Witruvio, Pinto Bandeira, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Amaro Joaquim, e Serafico, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte expediente:

Um officio do Sr. Conego Dr. Manoel Thomaz de Oliveira, agradecendo e aceitando a sua nomeação para socio correspondente do Instituto. — Inteirado.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco* offertados pelo Sr. Commendador Figueiroa. — Recebidos com agrado, mandam-se archivar,

Uma brochura sobre a escravatura no Brazil, do Dr. F. A. Brandão Junior; outra sobre o accordo de 20 de Fevereiro; varios numeros de jornaes e a corographia do Imperio, de Manoel Martins Pereira; tudo offertado pelo Sr. Manoel Soares de Avellar Junior. — Recebe-se com agrado, e manda-se para o archivo.

E' lida e approvada sem debate a seguinte proposta:

Proponho que se remettam os numeros já publicados da *Revista Trimensal* deste Instituto, aos *Institutos Historicos* do Rio de Janeiro e da Bahia, e ao Gabinete Portuguez de Leitura desta Cidade.

Sala das sessões, 7 de Dezembro de 1865.— *Salvador Henrique de Albuquerque.*

Em seguida vem á mesa, e faz-se a leitura desta indicação, cuja urgencia sendo requerida por seu autor é approvada.

Lendo no expediente do Governo da Provin-

cia publicado no *Diario de Pernambuco*, uma ordem para o Director do Arsenal de Guerra mandar apresentar ao Inspector do de Marinha as duas peças de bronze tomadas aos hollandezes em 1654, e que alli existiam, afim de serem remettidas para o Museu Militar da Côrte, de conformidade com o que a este respeito ordenára o Exm. Ministro da Guerra; e considerando que eram apenas estes os unicos despojos que possuimos, e que deviam continuar a existir nesta Provincia, theatro de nossos gloriosos tropheos contra aquelle invasor inimigo, já que infelizmente é o que nos resta de 41 bandeiras e um estandarte general tomados nas famosas batalhas dos Guararapes, 249 peças, 38,000 balas, 5,200 espingardas, 830 espadas, 127 pistolas, e outros muitos objectos bellicos, que foram remettidos por ordem do Governo Portuguez para diversos pontos do seu dominio; e considerando mais, que este acto do Governo Geral, ainda que bem intencionado, tem por fim privar a Provincia, destes symbolos do seu brasão, ao que não deve ser indifferente o Instituto; indico que, convenientemente se represente ao mesmo Governo para ceder que fiquem no Arsenal de Guerra, onde se acham, aquellas peças; sendo collocadas de modo e em lugar que possam ser vistas por todas as pessoas que procurarem vê-las; rogando-se entretanto ao Exm Sr. Conselheiro Presidente da Provincia, que haja de transferir a remessa das mencionadas peças para depois que o Governo Geral der a sua decisão relativamente a este assumpto.

Sala das Sessões do Iustituto Archeologico e Geographico Pernambucano 7 de Dezembro de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque*.

O Sr. Secretario perpetuo. obtendo a palavra declara que, já tendo-se entendido com o Exm. Sr. Presidente da Provincia, para que se dignasse de

mandar sobr'estar na remessa para a Côrte das peças em questão, este lhe dissera que não podia fazê-lo á vista das ordens que tinha do Governo Imperial, e que entretanto haviam ainda outras peças na Fortaleza do Brum, das que foram tomadas aos hollandezes.

Em seguida vem á mesa os seguintes requerimentos, que depois de discutidos conjunctamente com a indicação são todos approvados.

Requeiro que na representação que se dirigir ao Governo Imperial se diga que, quando não conceda ambas as peças a esta Provincia, permitta ao menos que fique uma.—7 de Dezembro de 1865. —*Portella.*

Requeiro que em todo o caso a commissão de trabalhos historicos e archeologicos dirigindo-se ao lugar onde se acham as duas peças, dê acerca dellas um relatorio mais completo, que possa ser, afim de que, quando não se possa obter que fiquem ellas na Provincia, ao menos as nossas actas consignem uma noticia exacta a respeito; e bem assim, examine se existem outras, além das duas referidas.—7 de Dezembro de 1865.—*Feitosa.*

O Sr. Secretario perpetuo, obtendo a palavra declara ao Instituto, que o Sr. Thesoureiro havia recolhido em conta corrente ao Novo Banco de Pernambuco o beneficio da primeira parte da loteria concedida em favor do mesmo Instituto na importancia de 1:620$000; declaração que fazia em nome do mesmo Sr. Thesoureiro, por não poder elle comparecer á sessão de hoje.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 21 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2 · Secretario.

58.ª Sessão ordinaria no dia 21 de Dezembro de 1865.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Nascimento Feitosa, Witruvio Pinto Bandeira, Soares de Azevedo, e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique abre-se a sessão.

O Sr. 2.º Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Exm. Sr. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, agradecendo a sua nomeação para socio honorario do Instituto.—Inteirado.

Outro do Sr. Secretario do Governo da Provincia, communicando que S. Exc. o Sr. Presidente havia officiado ao Inspector do Arsenal de Marinha e ao Chefe da Repartição das Obras Publicas, no sentido em que havia o Instituto solicitado.—Inteirado

Outro do Sr. Capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, aceitando e agradecendo a sua nomeação para socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Outro do Chefe da Repartição das Obras Publicas, communicando que já se havia dado começo ao calçamento do largo do Pelourinho.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Francisco Pires Machado Portella, aceitando e agradecendo a sua nomeação para socio corresdondente do Instituto.—Inteirado.

Vem á mesa, remettidos pela commissão de trabalhos historicos e archeologicos, os autos em original da abertura da presumida sepultura de

João Fernandes Vieira, e do exame da lousa, que cobria a mesma sepultura, procedidos na Igreja da Misericordia de Olinda.—Para o archivo.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo faz menção das seguintes offertas:

A certidão de obito de D. Maria Cezar, viuva de João Fernandes Vieira, passada pelo Rvd. Arcediago Vigario de S. Pedro Martyr de Olinda, João José Pereira, e pelo mesmo offertada ao Instituto.—Recebe-se com agrado, e manda-se para o archivo.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, em continuação da offerta do Sr. Commendador Figueirôa.—Recebe-se com agrado, mandam-se archivar.

Uma dissertação datada de 1783, relativamente a usura escripta pelo proprio punho do Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, autor de Marilia de Dirceo, offertada pelo Sr. Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo.—Recebe-se com com agrado, e manda-se archivar.

Uma espada de fórma singular denotando bastante antiguidade, a qual foi desenterrada á margem do rio das Velhas na provincia de Minas; igualmente offertada pelo mesmo Sr. Conselheiro. —Recebe-se com agrado, e manda-se para o museu.

Um osso petrificado que parece ser de algum animal; offertado pelo Sr. Dr. Machado Portella. —Recebido com agrado, manda-se para o museu.

E' remettida á respectiva commissão uma proposta para socios, assignada pelos Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique.

São approvadas sem debate duas propostas, uma do Sr. Padre Lino do Monte, para que se requeira a Camara Municipal a necessaria licença para fazer-se a escavação no lugar do arco do Bom Jesus; e outra do Sr. Dr. Machado Portella, para que seja remettida á commissão de Revisão de

manuscriptos a dissertação sobre a usura do Desembargador Gonzaga, afim de ver se está no caso de ser impressa na *Revista do Instituto.*

E' lida e vai a imprimir para entrar em discussão a seguinte proposta:

Considerando que por falta de meios pecuniarios o Instituto tem deixado de emprehender seus trabalhos archeologicos, muitos dos quaes é de esperar que sejam de vantajoso resultado, attendendo a importancia dos lugares que devem ser explorados, como sejam esses antigos povoados onde se encontram reductos, fortificações e outros monumentos dos tempos hollandezes e anteriores; considerando ainda mais que, esta mesma deficiencia de meios tem obstado a realisação de outros fins não menos importantes desta instituição, e até a da regular publicação de sua *Revista Trimensal,* cuja utilidade é incontestavel e exprime, sem duvida alguma, a força e a vida do mesmo Instituto; proponho que, convenientemente, se dirija á Assembléa Legislativa Provincial, na sua proxima reunião, um requerimento pedindo-lhe se digne de conceder-nos uma subvenção annual, destinado não só aos trabalhos archeologicos, como a impressão e publicação regular e não interrompida da *Revista;* ficando o Instituto obrigado a fornecer á Secretaria da mesma Assembléa, á da Presidencia, ás Bibliothecas publicas, e a todos os archivos das Camaras Municipaes da provincia, um exemplar de cada numero da mencionada *Revista,* que se fôr publicando.

Sala do Instituto em sessão, 21 de Dezembro de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque.*

O mesmo senhor obtendo a palavra como relator da commissão de trabalhos historicos e archeologicos dá leitura do relatorio sobre a abertura da sepultura presumida de João Fernandes Viei-

ra, o qual relatorio foi a imprimir para ser discutida a proposta contida no final do mesmo.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 4 Janeiro vindouro, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2. Secretario.

Relatorio a que se refere a acta supra

O Instituto, em sessão de 14 de Setembro deste anno, deliberou, sob proposta de um de seus membros que, se procedesse a abertura do carneiro existente atraz do altar da Santissima Trindade, na Igreja da Misericordia de Olinda, o qual suppõe-se ser o jazigo mortuario de João Fernandes Vieira.

A' commissão de trabalhos historicos e archeologicos devendo empregar todo o seu cuidado, para que por meio de algum indicio ou objectos encontrados em o referido jazigo se chegasse ao conhecimento de que esses preciosos restos mortaes alli estavam, com effeito, depositados, assim o fez; e no dia 12 de Novembro ultimo, achou-se na Igreja da Misericordia de Olinda, reunida com a commissão da Santa Casa do Recife, acompanhada de muitas pessoas, que para alli se haviam encaminhado.

Os trabalhos que tiveram lugar nesse dia, acham-se consignados no auto a este junto, e o exame da louza que cobria o referido jazigo, tambem consta do auto em seguimento ao primeiro, no dia 21, em o qual terminaram as diligencias neste sentido.

A estas peças refere-se a commissão, e para

ellas chama a attenção do Instituto, bem como para as considerações que passa a fazer.

Tendo João Fernandes Vieira em seu testamento feito na sua propriedade dos Maranguapes, em Fevereiro de 1674, ordenado que, seu corpo fosse levado na tumba da irmandade da Misericordia, e sepultado em um carneiro que para este fim, alli seria construido ; e tendo fallecido em Janeiro de 1681, o tempo de sete annos decorridos de uma a outra época, foi mais que sufficiente para que esta obra se fizesse; e não é crivel que, de sua parte houvesse esquecimento em negocio a que elle ligava tanta importancia, como se deprehende de outras disposições do seu testamento.

Não existem na Misericordia de Olinda, senão duas sepulturas nobres : o carneiro da capella-mor pertencente a João Paes Barreto e seus descendentes, e este outro jazigo de que tratamos, construido tambem dentro de uma pequena capella no corpo da Igreja do lado da epistola.

A Igreja da Misericordia, segundo as investigações feitas pela commissão, até o meiado do seculo passado só tinha dous altares, o da capella-mór, e outro nesta pequena capella, encoberta hoje pelo altar da Santissima Trindade, que provavelmente, na época a que se refere a commissão, foi collocado á face do arco da mesma, onde se acha, com a entalha antiga do altar existente no fundo da mesma capella.

Observa-se naquella Igreja duas entalhas de ordens differentes, que parecem ser executadas : a mais antiga no seculo 17.°, e a mais moderna no seculo passado.

Hoje existem mais dous altares collocados obliquamente aos lados do grande arco da capella-mór, os quaes estão indicando por sua entalha differente e pelo gosto moderno de toda a obra que, não existiam primitivamente ; tanto que foi mister

cortar parte dos primeiros balaustres das duas tribunas lateraes, afim de lhes abrir espaço.

Estando pois a commissão convencida, como já o disse no seu relatorio de 29 de Setembro do anno passado que, Vieira falleceu em Olinda, não póde deixar de capacitar-se que, elle fôra sepultado na Igreja da Misericordia, em vista de suas disposições testamentarias e da constante tradição oral; e si elle foi alli sepultado, outro não podia ser o seu jazigo mortuario, senão a sepultura de que tratamos.

Mas, como póde ser este o jazigo de Vieira, dirá alguem, encontrando-se na respectiva campa um epitaphio que falla de—Lopes Dias—o qual diz a tradição que fôra um official militar que alli se sepultara?

E' que os herdeiros de—Lopes Dias—em 1804 fizeram o mesmo que os de Cosme José Guedes; invadiram arbitrariamente o jazigo só com a differença que, estes apenas sepultaram o cadaver em 31 de Outubro de 1843, como verificou a commissão á vista do assento de obito na freguezia de S. Pedro Martyr; e aquelles foram mais adiante, tiveram a animosidade de mudar a campa da sepultura. *

E nem outra cousa póde suppor-se, por que si esta sepultura fosse feita para Lopes Dias, nem a campa teria *seis palmos* de comprimento tendo a sepultura *dez*, nem seriam sepultadas

* Quando redigi este relatorio, ainda não me havia chegado ás mãos o documento que hoje tenho á vista, o qual prova que o Capitão Cosme José Guedes, era terceiro neto de João Fernandes Vieira.

E este facto não confirmará de algum modo que, todos ou quasi todos os restos mortaes depositados naquelle jazigo sejam dos descendentes de Vieira?

E Lopes Dias, quem sabe?... Si o epitaphio encontrado sobre a campa estivesse bem visivel, talvez sahissemos deste embaraço.

cinco pessoas antes delle, como se vê do auto respectivo.

Quem manda fazer uma sepultura, cobre-a com uma louza do mesmo comprimento e não deixa ficar um vão de quatro palmos. Mas tudo serve a quem se quer aproveitar do que é alheio, uma vez que consiga o fim principal do seu intento.

Dado porém que se queira admittir haver elle cedido a sepultura a pessoas de sua familia; ainda assim, o facto de ser-lhe para isso preciso viver muito mais de cem annos, á vista da decomposição em que se acham aquelles ossos, principalmente os ultimos encontrados no fundo da sepultura, desvanece completamente essa idéa.

Nosso socio o Sr. Major Salvador Coelho de Drummond Albuquerque, a quem a commissão ouvio sobre este assumpto, respondeu que, para elle não restava duvida de ser aquella a sepultura de Vieira, cujo testamento por certidão passada pelo escrivão de capellas Manoel Vaz Carrasco no anno de 1707, a requerimento do Coronel J. Cardozo Moreno, senhor do engenho Tibiry da Parahiba, existio por muito tempo no archivo da antiga Santa Casa da Misericordia de Olinda, onde o encontrou e delle copiou differentes verbas entre as quaes recordava-se da em que Vieira determinava que, seu corpo, depois de passado o tempo da exposição na Igreja seria transferido *para a capella* onde se tinha de fazer o seu jazigo, conforme sua mulher e mais herdeiros sabiam.

Que tudo isso combinado com o que ouvio dizer por vezes a fallecida sua tia *D. Anna Maria do O' e Mello*, viuva do Capitão-mór Francisco Camello Pessoa, isto é, que Vieira, seu *terceiro avô*, tinha sido grande bemfeitor e muito devoto da Igreja da Misericordia, onde se achava *sepultado em carneiro proprio;* o confirmava neste pensar; pelo que os ultimos ossos encontrados deviam ser

os de Vieira cuja sepultura foi violada por seis vezes, duas vezes por estranhos como estava averiguado, e as outras quatro talvez que por parentes, que alli podiam ter sido sepultados depois delle.

Este pensar, que é tambem o de muitas outras pessoas, está de accordo com o juizo da commissão.

Antes porém de concluir, convem notar que, julgando a commissão ser conveniente obter o assento de obito de Lopes Dias, passou a examinar os livros respectivos, tanto em S. Pedro Martyr, como no Curato da Sé, cujos parochos tiveram a bondade de os prestar para este fim; mas infelizmente em nenhum delles, relativos ao anno de 1804, foi encontrado semelhante assento.

A commissão pois, se persuade que, a sepultura em questão é a que foi construida dentro daquella capella, para o jazigo mortuario de João Fernandes Vieira, e que os ossos encontrados em ultimo lugar, indicando por seu estado de decomposição, uma antiguidade de quasi dous seculos, são os ossos do mesmo Vieira; pelo que propõe ao Instituto que, sejam elles examinados por uma junta medica, para que esta, segundo os preceitos da sciencia, diga o que entender, visto como desse exame póde-nos resultar alguma luz; e que em todo o caso sejam os mesmos ossos recolhidos em uma urna com inscripção conveniente, aguardando-se novas investigações que o tempo póde, com melhores dados proporcionar-nos, para descobrimento da verdade.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Dezembro de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque.—Padre Lino do Monte Carmello Luna.*

———

Auto de abertura da sepultura, em que se presume ter sido inhumado, o Governador João Fernandes Vieira.

Aos 12 dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1865, nesta Igreja de Nossa Senhora da Misericordia da Cidade de Olinda, ás 11 horas da manhã reunidas as commissões da Junta Administrativa da Santa Casa da Misericordia do Recife e do Instituito Archeologico e Geographico Pernambucano, sendo a primeira composta dos respectivos mordomos Rvd. Dr. Antonio da Cunha Figueiredo, Tenente-Coronel Justino Pereira de Farias, e o proprietario Antonio Ramos, e a segunda dos socios Major Salvador Henrique de Albuquerque, e Padre Lino do Monte Carmello Luna; estando presente o mordomo de mez no Hospicio de Alienados, [outr'ora Hospital da Misericordia,] Antonio José Gomes do Correio: o regente do mesmo hospicio de alienados Luiz do Rego Barros, e mais pessoas abaixo assignadas, que para testemunharem o acto espontaneamente compareceram; as ditas commissões se dirigiram para o lugar onde existe a sepultura, em que se presume ter sido inhumado o General João Fernandes Vieira, a qual se acha por detraz do altar da Santissima Trindade, unico lateral que fica do lado da epistola da mesma Igreja e debaixo da abobada, que indica ter sido uma antiga capella; ahi procedeu-se a abertura da referida sepultura pela maneira seguinte:

Não se podendo arrancar a pedra que cobre parte da dita sepultura, por se achar sobre uma de suas extremidades construida uma escada de pedra pela qual se sóbe para o pulpito, abrio-se parte contigua á lapida que se achava coberta de ladrilho assentado sobre taboas, e ahi encontrou-se na profundidade de *dous e meio palmos* um cadaver com todos os ossos ligados uns aos outros, na

mesma posição em que foi sepultado, pouco mais ou menos ha vinte e cinco annos, e que se diz ser do Capitão Cosme José Guedes, segundo informações de varias pessoas.

As commissões mandaram reunir os ossos desse cadaver e deposita-los em um caixão, e proseguir na escavação, no intuito de descobrir o que alli houvesse até chegar á base da mesma sepultura.

Tirada a primeira camada de caliça encontraram-se ossos humanos, cuja quantidade e conservação indicavam não só ser de um cadaver, como existirem alli a mais de seculo; achou-se um sapato de bico, que pareceu ser do primeiro cadaver, e dous pequenos pedaços de fios chatos de prata, os quaes pelas suas ondulações miudas e regulares mostravam ter sido de algum galão.

Continuando a tirar-se outras camadas de caliça na profundidade de um palmo até o fundo da sepultura, que se contaram *cinco palmos e meio*, achou-se ossadas humanas successivamente collocadas e intermediadas por outras camadas de caliça na quantidade e conservação que indicavam não só ser cinco cadaveres, como que foram alli depositadas em epocha mais antiga do que a do segundo cadaver já mencionado, sendo que toda a ossada encontrada na sepultura de que se trata, continha *sete craneos*, em vista do que, não se podendo concluir o exame desejado, e convindo continuar nas averiguações, mandaram as respectivas commissões depositar em duas urnas aquelles restos mortaes, para ficarem devidamente conservados; e deliberaram mais que, se arrancasse a louza para proceder-se o exame della até chegar-se as ultimas investigações.

E para em todo o tempo constar se lavrou este auto em que todos assignaram, e eu, Francisco Gomes Castellão, que presente me achava, na

qualidade de amanuense da secretaria da Santa Casa de Misericordia do Recife, na falta de um funccionario mais competente, e de accordo com as commissões referidas, o escrevi.

Padre Antonio da Cunha Figueiredo.
Justino Pereira de Farias.
Antonio Ramos.
Salvador Henrique de Albuquerque.
Padre Lino do Monte Camello Luna.
Antonio José Gomes do Correio.
Luiz do Rego Barros.
Cicero Odon Peregrino da Silva.
Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque.
Manoel Ignacio da Silva Braga.

Auto do oxame que se procedeu na louza, que se achou cobrindo a sepultura de que acima se trata.

Aos 21 dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1865, nesta Igreja da Misericordia da Cidade de Olinda, pelas onze horas da manhã reunidas as commissões da Junta Administrativa da Santa Casa da Misericordia do Recife e do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, no auto acima mencionadas, estando presente o regente do Hospicio de Alienados, o porteiro e o enfermeiro do mesmo estabelecimento, todos abaixo assignados; dirigiram-se as referidas commissões para a sacristia, onde se achava a louza sepulcral que para o mencionado exame se havia alli collocado; depois de lavada a mesma, procedeu-se ao exame, que deu em resultado o seguinte:

Que, a mencionada louza, com *seis palmos* de comprimento, *cinco e meio* de largura, e *um pal-*

mo de grossura, tem a superficie em varias partes carcomida e estragada; é de fraca consistencia, desfazendo-se em um pó amarello-claro, quasi semelhante ao da óca.

Que, a sepultura, que esta lousa cobre, tem *dez palmos* de comprimento, *quatro e meio* de largura, e *cinco e meio* de profundidade, sendo guarnecida de paredes de tijolo em todas as suas dimensões; menos o fundo, em cujo centro na largura de *um e meio palmos*, não existe parede ou ladrilho algum.

Que no principio da louza e na *primeira linha* do epitaphio, observa-se um—A—maiusculo meio carcomido na parte inferior, e em seguida outras letras apagadas, que provavelmente diziam,—Aqui jaz, etc.; vendo-se mais adiante as letras DROGI.

Que, o principio da *segunda linha*, acha-se todo carcomido, divisando-se nella sómente as letras—AED—e nada mais.

Que, o principio da *terceira linha*, tambem se acha apagada; mas quasi no fim della encontra-se a palavra—LOPES—a syllaba—DI—e o mais carcomido.

Que, a *quarta linha*, acha-se quasi toda carcomida existindo apenas no centro as letras—SNA.—

Que, na *quinta linha*, estão igualmente todas as letras carcomidas, exceptuando no fim um—R.—

Que, finalmente existe na *sexta linha*, por estar do mesmo modo estragada, a penas a data de—804,—sendo que do algarismo 8, só resta a metade da parte inferior, por se achar a outra meio apagada.

E não havendo mais nada que vêr e examinar, deliberaram as commissões reunidas que, se lavrasse este, em seguimento do primeiro auto por todos igualmente assignado; e eu, Francisco Gomes Castellão, na qualidade de amanuense da secretaria

da Santa Casa de Misericordia do Recife, na falta de um funccionario mais competente, e de accordo com as commissões referidas, o escrevi.

Justino Pereira de Farias.
Padre Antonio da Cunha Figueiredo.
Antonio Ramos.
Padre Lino do Monte Carmello Luna.
Salvador Henrique de Albuquerque.
Luiz do Rego Barros.
Manoel Ignacio da Silva Braga.
Caetano José Fragozo.

59.ª Sessão ordinaria no dia 4 de Janeiro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello, Soaresde Azevedo, Ayres da Gama, e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a sesão.

O Sr. 2. Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Exm. Provedor da Santa Casa da Misericordia do Recife, declarando que a Junta Administrativa havia providenciado no sentido de ser satisfeito o pedido do Instituto, em relação a lapida collocada na frente da casa dos Expostos, cuja incripção precisava de ser avivada.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Estevão Benedicto França, aceitando e agradecendo a sua nomeação para socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, remettidos pelo Sr. Commendador Figueirôa. — Recebidos com agrado e mandam-se archivar.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo dá leitura do seguinte officio dirigido ao Exm. Ministro da Guerra.

Sala do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 4 de Janeiro de 1866.— Illm. e Exm. Sr. — O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano tendo conhecimento da ordem expedida pela Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra ao Presidente de Pernambuco, para d'aqui lhe serem enviadas duas peças de bronze que no Arsenal de Guerra desta Provincia existem, das que os hollandezes abandonaram quando a heroicidade dos Pernambucanos os fez desapparecer para sempre deste territorio ; e desejando que semelhante reliquia do desmedido valor e coragem de seus pais fique depositada nesta mesma Provincia, e não saia della ; roga a V. Exc. se digne de levar ao alto conhecimento de S. M. o Imperador estes votos do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, a quem Sua Magestade quiz honrar com o titulo de seu Presidente Honorario, afim de que se digne mandar expedir ordem ao Presidente de Pernambuco para que, em lugar de remetter para essa Côrte as duas peças em questão, as ponha ambas, ou ao menos uma, á disposição deste mesmo Instituto, ou as conserve como estavam no Arsenal de Guerra de Pernambuco, onde possam ser visitadas em todos os tempos, e sirvam como de incentivo ao patriotismo das gerações que vierem.

Deus guarde a V. Exc. muitos annos, como o Brazil ha mister.— Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra.— *Francisco Muniz Tavares*, Presidente.— *José Soares de*

Azevedo, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.· Secretario.

O Sr. Major Salvador Henrique obtendo a palavra dá leitura do seguinte relatorio :

O Instituto na sessão de 7 de Dezembro findo, apreciando a indicação que lhe foi submettida, afim de que se representasse ao Governo Geral contra a remessa para a Côrte das duas peças de bronze tomadas aos hollandezes, no sentido de ficarem as mesmas peças no Arsenal de Guerra desta Provincia, como symbolos gloriosos do seu brazão ; approvou a referida indicação, e com ella os requerimentos dos Srs. Drs. Machado Portella e Nascimento Feitosa ; o primeiro para que na representação se pedisse ficar ao menos uma dessas peças ; e o segundo para que a commissão de trabalhos historicos e archeologicos, em todo o caso, se dirigisse ao lugar onde se achavam as referidas peças, e sobre ellas désse um relatorio circumstanciado ; verificando ao mesmo tempo si em alguma outra parte existiam outras peças além daquellas duas.

A commissão, no desempenho deste dever, vem apresentar ao Instituto o resultado de seus trabalhos.

Por informações do proprio commandante da Fortaleza do Brum, soube a commissão que alli existiam mais tres peças das que foram tomadas aos hollandezes, e que por terem-nas pintado a oleo, não podiam-se distinguir das outras com facilidade ; o que deu lugar ao mesmo commandante á principio ignorar a existencia de semelhantes peças.

Dirigindo-se a commissão ao Arsenal de Marinha pôde obter do illustrado Inspector daquelle Arsenal, o desenho das duas peças de brouze de que acima tratamos ; desenho que tem a commissão o prazer de apresentar ao Instituto, como of-

ferta preciosa devida a bondade daquelle senhor.

Neste desenho observa-se que as peças horisontalmente postas, são vistas como se estivessem montadas, e representam o mesmo que na presente projecção, seguindo-se em torno dellas as ramagens dos reforços.

A descripção pois, que a commissão tem a fazer destas peças é a seguinte:

Uma é de calibre 30, e outra de 32, ambas de bronze, e a fundição dellas teve lugar em 1619.

As dimensões da primeira são as seguintes:

Comprimento da culatra até a bocca 9 p. e 4 1|2 pollegadas.

Accrescimo da culatra 11 pollegadas.

Maior diametro da culatra 1 p. e 7 e 1|2 pollegadas.

Diametro no lugar dos munhões 1 p. e 3 pollegadas.

Diametro da bocca 10 e 1|2 pollegadas.

Diametro da bala 6 pollegadas.

Diametro dos munhões 4 e 1|2 pollegadas.

Seu peso 4,380 libras.

Notam-se nesta peça differentes desenhos em baixa relevo.

Entre a culatra e os munhões vê-se um galeão com parte das suas velas abertas, tendo mais abaixo a firma do fabricante ou fundidor, e na direcção dos referidos munhões dous golfinhos em alto relevo.

As dimensões da segunda são as seguintes:

Comprimento da culatra até a bocca 9 p. e 1– 1|2 pollegadas.

Accrescimo da culatra 11 pollegadas.

Maior diametro da culatra 1 p. e 7 1|2 pol.

Diametro no lugar dos munhões 1 p. e 3 pol.

Diametro da bocca 10 e 1|2 pollegadas.

Diametro da bala 7 pollegadas.

Diametro dos munhões 4 pollegadas.

Seu peso não se póde saber por estarem imperceptiveis os algarismos que o indicavam.

Nesta peça notam-se tambem differentes emblemas em baixo relevo.

Entre a culatra e o lugar dos munhões existem dous, de fórma eliptica, contendo o primeiro o nome do lugar da fundição, e o segundo a firma do fabricante ou fundidor, que é o mesmo da primeira peça.

Na direcção dos munhões tambem existem dous golfinhos em alto relevo, iguaes aos da primeira peça.

Eis o que a commissão de seus trabalhos e esforços pôde colher, de conformidade com o deliberado pelo Instituto.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 4 de Janeiro de 1866. --*Salvador Henrique de Albuquerque.*—*Padre Lino do Monte Carmello Luna.*

O Sr. Presidente declara que deixa de haver sessão ordinaria no dia 18 do corrente, pela proximidade do dia 27 em que o Instituto em assembléa geral celebra o seu anniversario e o da restauração de Pernambuco do poder dos hollandezes; para o que convoca todos os socios.

Em seguida o mesmo senhor nomêa para a commissão que tem de convidar ao Exm. Sr. Presidente da Provincia e outras autoridades, aos Srs. Drs. Nascimento Feitosa, Ayres da Gama, e Witruvio P. Bandeira; e para a commissão de arranjos da casa aos Srs. Dr. Rodrigues Campello e Padre Lino do Monte.

Levanta-se a sessão. —*Monsenhor F. Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

Impresso em Pernambuco -- Typ. do Jornal do Recife.--1867.

MATERIAS CONTIDAS NESTE N.º 9.

REVISTA

DO

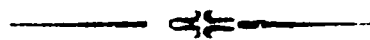
INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

(TRIMENSAL)

TERCEIRO ANNO —TOMO PRIMEIRO

JANEIRO DE 1866

N. 10.



RECIFE
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO RECIFE
Rua do Imperador n. 77
MDCCCLXVIII

Goza de tanto bem, terra bendita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja.

S. Rita Durão, Caram. C. iv, Est. 59.



S. M. O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR
PERPETUO DO BRAZIL

PRESIDENTE HONORARIO

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

1866—1867

PRESIDENTE
Monsenhor Francisco Muniz Tavares.

2· VICE-PRESIDENTE
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1· VICE-PRESIDENTE
Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães

3· VICE-PRESIDENTE
Padre Mestre Lino do Monte Carmello Luna

SECRETARIO PERPETUO
Dr. José Soares de Azevedo.

2· SECRETARIO
Major Salvador Henrique de Albuquerque.

ORADOR
Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

THESOUREIRO
Dr. Gervazio Rodrigues Campello.

1· SUPPLENTE DO 2· SECRETARIO
Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.

2· DITO
Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO DA REVISTA
Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.
Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.
Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão.

JANEIRO DE 1866 N. 10.

ASSEMBLEA GERAL.

Sessão solemne do quarto anniversario do Instituto, em 27 de Janeiro de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A uma hora da tarde, depois de recebida a continencia da guarda de honra, posta em frente do edificio, o Exm. e Rvm. Sr. Bispo diocesano é acompanhado pela respectiva commissão até o lugar que lhe era destinado, e estando presentes varias autoridades, o Sr. Consul francez, varios negociantes, uma commissão por parte do Gabinete Portuguez de Leitura, pessoas gradas, e um grande numero de cidadãos de todas as classes; verifica-se igualmente a presença dos seguintes socios effectivos do Instituto : os Drs. Antonio Herculano, Soares de Azevedo, Witruvio P. Bandeira, Cicero Peregrino, Soares Brandão, Machado Portella, Nascimento Feitosa, Serafico, Rodrigues Campello, Aprigio Guimarães, e Ayres da Gama, e os Srs. Padre Lino do Monte, Major Salvador Henrique, Mena Callado, José de Vasconcellos, Francisco de Barros e Tenente-Coronel Justino P. de Farias ; e os socios correspondentes Drs. Bernardo Pereira do Carmo, Alexandre de Souza Pereira do Carmo, Francisco Portella e Amynthas ; e o Sr. José Polycarpo de Freitas.

O Sr. Presidente declara aberta a sessão, e lê um discurso analogo ao objecto.

O Sr. Secretario perpetuo faz a leitura do seu relatorio sobre o movimento do anno social findo.

O Sr. Dr. Feitosa, como orador, lê o seu discurso.

O Sr. Major Salvador Henrique recita um discurso biographico de André Vidal de Negreiros.

O Sr. Victoriano Palhares, obtendo a necessaria licença, recita varios versos analogos ao assumpto.

Terminado assim o acto, o Sr. Presidente convida aos socios para a sessão especial de eleição no dia 15 de Fevereiro proximo, e levanta a sessão actual.

Retira-se o Exm. e Rvm. Sr. Bispo diocesano com as mesmas formalidades com que entrou.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

DISCURSO

DO EXM. CONSELHEIRO MONSENHOR FRANCISCO MUNIZ TAVARES COMO PRESIDENTE EFFECTIVO DO INSTITUTO.

Senhores!—Ainda a bondade summa dos meus illustres collegas continua a collocar-me neste posto : a distincção em verdade não é mesquinha; as honras porém, no decurso da vida humana andam sempre acompanhadas de onus, algumas vezes superiores as forças daquelle que os aceita. Devo pronunciar um discuso de abertura nesta solemne sessão do anniversario ; cumprirei o dever mediante a costumada indulgencia.

Que o Brazil depois de seu descobrimento jazera por longos annos em completo abandono, é um

facto historico plenamente comprovado. A semelhança do pobre modesto, que havendo recebido do viandante generoso uma moeda de ouro por esmola, permanece confuso, duvida do que vê, e nem sabe que uso della faça, assim procedeu o governo portuguez. Cabral tomando posse do territorio, que por acaso encontrára, na sua derrota, não tardou em fazer o devido relatorio e envia-lo ao seu soberano. Não exagero, referio succintamente as maravilhas que observára; e como se já previsse a pouca fé que se lhe prestaria, ajuntou para maior authenticidade varias producções valiosas alli achadas. Proceder tão circumspecto não bastou, a duvida não deixou de apparecer.

Sob pretexto de verificação é enviado Gonçalo Coelho : este sem poupar fadiga nem trabalho, explorou maior extensão do nosso littoral; e em vão confirma o que o descobridor referira. Ambos então não fallavam em ricas minas; apenas diziam que os habitantes ornavam-se com bellissimas plumas, mas não traziam comsigo o metal precioso que tão anciosos procuravam. As Indias Orientaes naquelle tempo, theatro esplendido de façanhas, e onde saqueava-se á mãos cheias com prospero successo, lh'o offereciam amplamente. Nada mais era preciso para produzir o indifferentismo. De quando em quando algum navio de passagem atirava ás nossas praias algum refugo das galés. Que medonho principio de colonisação! Que beneficos fructos não gerariam sêres tão degenerados !

De ordinario acontece que o dissipador indolente, ou o proprietario deleixado, logo que percebe que o querem despojar violentamente, desperta, oppõe-se e trata de reivindicar, embora continue depois a dissipar, ou conservar infructifera a propriedade reivindicada. A França e a Inglaterra naturalmente não ficaram contentes da famosa linha divisoria; os Francezes foram os primeiros a se

aproveitarem de um tal estado de cousas; as suas incursões estenderam-se pela mór parte das nossas costas; aqui mesmo, não longe desta cidade, já haviam formado estabelecimento, que prosperava pelo favor dos indigenas, que eram tratados por elles, como costumam mercadores discretos e não dominadores insolentes.

Foi então que o rei de Portugal lembrou-se que tinha alguma cousa a perder fóra do continente europeu, e que esta não deixava de ter valor, visto que outros a cobiçavam, e já começavam a lucrar. Repartio terras sem medida, nem calculo, e enviou um Governador Geral para superintender, e coodernar o que em seu arbitrio julgasse proveitoso. Poucos soldados trazia comsigo, e nem delles necessitava para conter em respeito um povo hospitaleiro e ingenuo; o que tornava-se indispensavel era fazer florescer a arvore da Vera Cruz na terra, que della tomára a sua religiosa denominação.

Naquella época um denodado cavalheiro da Virgem, sem mancha, havia organisado uma milicia sagrada, a quem impozera o piedoso nome — Companhia de Jesus. A Europa ardia no fogo das paixões de um desventurado monge agostiniano: a doutrina por elle ensinada desmoralisava e pervertia. Athletas fortes de intelligencia sublime, e piedade consummada, surgiram de improviso entre os membros dessa veneranda companhia; a victoria os seguia por toda a parte; o velho mundo já não era campo assás vasto para os seus combates espirituaes; um novo havia apparecido, para ahi se dispozeram a partir sem hesitar.

Aquelle 1.° Governador convencido de quão proveitosa lhe seria essa milicia impavida, para o feliz desempenho da commissão, de que vinha encarregado, acolheu-a com fervor no proprio navio que o transportava, e com ella desembarcou na

Bahia de Todos os Santos. Não eram então mais de seis: porém traziam por chefe o Rvd. Nobrega, que valia mais que um exercito. Factos posteriores confirmaram quanto havia sido acertada a sua deliberação; elle nunca teve motivo de arrepender-se, e nem podia ter, porque se conseguio estabelecer um centro na colonia, a gloria de assegura-la, estendê-la, torna-la verdadeiramente util, estava reservada, (segundo a opinião dos historiadores entre os quaes figura o Abbade Raynal, que nunca passou por fanatico, antes considerado liberalissimo,) sim esta gloria estava reservada aos jesuitas.

Senhores, tenho convicção profunda de que as ordens religiosas prestaram em todos os tempos, e ainda hoje prestam mui relevantes serviços a Igreja, e ao Estado: o modo tem sido diverso, o fim foi sempre um só e absoluto -- Deus e o homem— Para Deus o maximo amor; para o homem o maior auxilio possivel—

Na prosecução deste fim, que eleva o espirito, sobresahio sem contestação razoavel a companhia de Jesus: ou fossem as circumstancias anormaes em que achava-se a Europa na época, em que ella surgio, ou fosse a maior abundancia de varões insignes em illustração e piedade, certo é que os serviços por elles prestados nunca foram excedidos por outros: os nossos bosques ainda resôam os seus nomes abençoados; nunca os nossos indigenas tiveram amigos tão devotados.

E' facil ajuizar qual seria o estado das nossas colonias contaminadas da peste dos miseraveis, que alli tinham-se introduzido. A dissolução dos costumes não podia ser maior, nem mais vergonhosa: combatê-la, extirpa-la, preservar do contagio os ingenuos selvagens, que principiavam a aldeiar-se, incutir nelles o amor do trabalho livre por meio de instrumentos materiaes e espirituaes,

e sobre tudo arranca-los da dura escravidão a que estavam reduzidos, era tarefa propria de corações santificados, hombros mais que robustos. Estes dotes possuiam em gráo eminente os personagens de quem fallo; pô-los em exercicio perenne era seu dever professo, e o praticavam ainda com sacrificio da vida.

D'ahi as iras, o odio, a calumnia e a perseguição dos dissolutos. Em regra o missionario não colhe flores senão depois de ter as mãos cravadas de espinhos; o homem não vulgar tem de ordinario inimigos crueis; tal é a triste condição da humanidade. Desde então partio o grito de alarma: propalou-se que os jesuitas constituiam uma ousada facção, que tinha vindo erigir um imperio para só elles desfructarem; que ensinavam doutrinas perniciosas, e perseguiam desapiedadamente aos que se lhes oppunham.

Facto singular! O que naquelle calamitoso tempo o interesse brutal dos primeiros colonos inventava, e que a razão esclarecida do homem justo reprovava, ainda hoje não esqueceu! Ainda quando se pretende desconceituar um individuo, dá-se-lhe por escarneo o nome de jesuita, sem se lembrarem que com esse procedimento pouco caridoso, fazem o mais completo elogio a toda essa ordem religiosa; porque jámais o applicam a um imbecil, ou libertino, sempre aquelle que possue dons invejaveis.

Na sempre memoravel luta, que travamos com o Batavo invasor, os jesuitas não se conservaram em inacção; o patriotismo era tambem uma das virtudes, que adornava-os. Não manejavam a espada material, porque o Divino Mestre a tinha feito embainhar ao primeiro dos apostolos: mas a espiritual, de que se valiam, prestou os seus salutares effeitos. No infeliz assalto dado por Fernandes Vieira á fortaleza de Itamaracá, o nosso exercito

testemunhou com admiração dous desses Padres Francisco de Avelar e João de Mendonça levando intrepidos por entre as balas soccorros aos miseros, que cahiam por terra.

Quando o Principe de Nassau julgava que com a sua sagacidade havia consolidado a conquista desta Provincia, seguindo o impulso da sua excessiva ambição, e querendo ao mesmo tempo lisongear as aspirações dos mercadores de Amsterdam, resolveu apoderar-se da capital da Bahia. Para ahi navegou com uma frota numerosa, que conduzia exercito aguerrido. Aproximando-se a barra, a consternação dos habitantes foi geral: sorprendidos, e indefezos, correm aos templos. Um jesuita, o immortal Antonio Vieira, os acompanha; a tribuna sagrada era o seu mais forte baluarte; para alli sobe, e com o fogo, que o enthusiasmo patriotico acende, valendo-se das vehementes palavras do psalmista rei, principia o seu discurso dizendo: — Porque estais a dormir, Senhor? Desperta, vem ver: eis os inimigos de teu santo nome que se aproximam! Se entram nesta Cidade, os teus altares cahirão por terra, os sanctuarios que te havemos consagrado, serão arrasados, os teus fieis trucidados: desperta, afugenta-os. Parece que Deus o ouvio (diz um celebre philosopho) e eu ouso affirmar — ouvi-o. — O inimigo foi repellido com denodo, retirou-se com vergonha, não penetrou naquella capital.

Assim em 1710 logo que surgio com toda a ferocidade a crua dissensão entre os mascates desta Cidade, e os naturaes do paiz; quando nenhum destes arriscava-se a levar aos seus adversarios palavras de conciliação e esquecimento, um jesuita, nosso comprovinciano, o Padre Antonio de Abreu, offereceu-se, e foi desempenhar tão alta, quão arriscada commissão, porque (segundo as expressões do erudito escriptor dos Martyres Per-

nambucanos) essa casta de homens nunca temeu perigos, quando trata-se do bem publico.

E poder-se-ha ainda avançar que os jesuitas não nutriam o pio amor da patria, e que foram expectadores indifferentes do quanto soffremos com a barbara invasão hollandeza? Senhores, o homem verdadeiramente religioso nunca deixou de ser potriota; aquelle que não ama a sua patria, não póde amar a Deus. Entretanto, esses anjos salvadores foram banidos. Os que se achavam nesta Provincia, accusados igualmente do crime de lesa-magestade, sem que houvesse a minima prova, embarcaram presos no silencio da noite, foram transportados para Lisboa, donde igualmente foram expulsos. Nada conduziram comsigo, porque tudo quanto lhes pertencia, havia sido de ante mão confiscado, e posto debaixo de sello. Por mercê particular consentio-se-lhes levar debaixo do braço o Breviario, companheiro inseparavel do ecclesiastico exemplar. O Brazil todo perdeu; a instrucção retrogradou, a catechese desappareceu; os infelizes indios, que já começavam a saborear as doçuras da civilisação, de novo entranharam-se nos bosques para não mais voltarem; ferido o pastor, dispersam-se as ovelhas.

Partiram os Padres, mas deixaram nesta Provincia dous venerandos monumentos, que tornaram indelevel a sua memoria, e recordarão os beneficios, que nunca cessaram de prodigalisar; um em Olinda, outro alli não longe de nós. Em um provavam os adeptos que em tempo prescripto deviam fazer votos de consagrarem-se a Deus, e aos desvalidos, era o noviciado. No outro franqueavam as portas não só aos filhos dos colonos, como aos dos nossos indigenas com especialidade os orphãos; denominava-se collegio. Ahi a instrucção litteraria marchava a par da religiosa; co-

nhecimentos solidos diffundiam-se gratuitamente por todas as classes.

A iniquidade, o odio, ou talvez o deleixo improbo pretendeu fazer cahir por terra esses dous monumentos : mas a Providencia Divina, que vela incessante, não o permittio : um nosso virtuoso, e sabio diocesano salvou o de Olinda obtendo da munificencia da Senhora Rainha de Portugal D. Maria I a doação para nelle fundar o Seminario Episcopal, que até então por uma aberracão indesculpavel não existia nesta vastissima diocese. Elle o reedificou, instalou as cadeiras indispensaveis provendo-as de doutos mestres, que comsigo trouxe.

Do segundo a parte propriamente dita collegio, onde existiram as aulas, conservou-se por ter sido reservada para habitação dos antigos Governadores, e ao depois para as repartições publicas : o templo porém, o magestoso templo, que lhe era connexo, ficou reduzido a immundo esterquilinio, affrontando a religiosidade dos habitantes desta Cidade: parecia que por alli havia passado o archote do Sarraceno, ou o machado do Iconoclasta. Era assim vilipendiada a casa do Senhor ! Os fieis não ousavam clamar em altas vozes contra tanta impiedade, gemiam em silencio, signal avidente de dôr acerba e– *leves curae loquuntur, ingentes tupent*.

Um Presidente benemerito desta Provincia, cujos principios orthodoxos são assaz notorios, e por estes tão sómente guiado, fê-lo resurgir, e voltar ao antigo esplendor, entregando-o a uma irmandade zelosa, que tem por protector aquelle que não cessa de inspirar actos meritorios, ella correspondeu conscienciosamente as suas vistas, e o templo alli está hoje para condemnar a incuria, dos indifferentes, e reunir os devotos em fervorosa oração. O homem poderá esquecer actos desta natureza : mas aquelle que habita nos Céos jámais os deixa sem recompensa.

Todos sabem que um dos mais valentes campeões da restauração Pernambucana, que hoje commemoramos jubilosos, o Sr. D. Antonio Felippe Camarão, reunia a coragem sobre humana á observancia restricta dos preceitos religiosos; não entrava em combate sem fortificar seu espirito com o pão dos anjos, e recommendar-se a aquelle que tem em suas mãos a victoria. Quem poderia inocular nessa alma elevada sentimentos tão puros? Seriam por ventura os presbyteros seculares! Ha todo o fundamento para crer que não. Esses presbyteros eram então mais pobres do que são hoje: a pobreza extrema gera a dependencia, esta esquece deveres, e sacrifica direitos. Para a simples alimentação estavam a mercê dos insaciaveis colonos; sabiam quanto estes odiavam os miseros indigenas, a ponto de se opporem a catechese, e reprovarem que se lhes administrasse o santo Sacramento do baptismo com o receio impio de que fossem por tal meio snbtrahidos a dura escravidão a que os haviam reduzido Para arrostar tanta prepotencia seria necessario grande força e nenhuma infelizmente elles tinham.

Senhores, o que tem lugar em alguns casos temporaes, tem igualmente nos espirituaes. A proporção que os povos civilisavam-se, as associações surgiam, e sobre tudo as commerciaes: reconheciam que isolados pouco produziam, e o lucro produzido era quasi nullo. Dahi as famosas companhias orientanes e occidentaes entre Hollandezes, Francezes, Inglezes e Portuguezes. O calculo era justo, e o exito foi feliz em quanto tiveram uma direcção sabia. Os Padres individualmente prestavam muito, mas não podiam prestar todos os bens pelas razões apontadas. Assim desde os primeiros seculos formigaram as associações religiosas, cujos beneficios sem numero a historia tem registrado. Afinal constituio-se a companhia de Jesus: a

escolha dos seus membros, os elementos, que contavam a sua disposição, a constituição organica dada pelo seu santo fundador, a collocaram em circunstancias de poder servir mais proficuamente a Igreja, resistindo com perseverança, e força de vontade benefica as pretenções desarrosoadas dos potentados. Póde-se portanto affirmar que só a ella deveu o nosso heroe o que possuia de religiosidade, a qual foi tanto maior, quanto mais humilde servo de Jesus se declarava.

Este e outros factos mencionados o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano tomará na devida consideração; explorando-os, melhor poderá desenvolve-los para utilidade da Provincia. Trabalhemos, senhores, trabalhemos com fervor, Deus ajuda a quem trabalha.

Assim seja.

RELATORIO

DO SR. SECRETARIO PERPETUO, LIDO A' ASSEMBLÉA GERAL, REUNIDA EM 27 DE JANEIRO DE 1866.

Meus Senhores.—E' cheio do mais vivo interesse que, em obediencia á lettra do art. 28 dos nossos Estatutos, venho dar-vos conta do movimento social desta Instituição no anno que hoje se encerra, tão fecundo, por fortuna, em trabalhos e pesquizas importantes.

Graças a Divina Providencia, não tivemos que deplorar neste periodo a morte de nenhum de nossos socios, de qualquer cathegoria que fosse.

A mesa administrativa, eleita por vós em 15 de Fevereiro de 1865, tomou posse no 1.° de Abril, e funccionou com regularidade até 4 do corrente Janeiro, tendo havido durante o anno, 17 sessões ordinarias e a sessão geral de eleições.

Pôde a mesa conseguir do Governo que se fizesse extrahir a 1.ª parte da loteria concedida pela Assembléa Provincial ao Instituto; e o seu rendimento liquido 1:620$000 acha-se recolhido ao Novo Banco de Pernambuco, a correr juros em conta corrente. Seguir-se-hão as outras partes com a brevidade que fôr compativel com a justiça, na distribuição de favores semelhantes a outras corporações, mediante os vossos esforços e continua solicitude.

O Instituto tem direito de esperar igualmente uma subvenção annual da Provincia, votada pela nossa Assembléa Legislativa, que venha fazer face aos trabalhos emprehendidos, e á realisação de numerosos projectos que tem em vista, e que são da indole de sua instituição.

Ao reconhecido patriotismo daquelles de nossos socios que são deputados á Assembléa Geral está tambem commettida a dupla missão de conseguir daquelle poder do Estado uma ou mais loterias na Côrte, em beneficio do Instituto, e a decretação de ser o dia 27 de Janeiro considerado de festa nacional em Pernambuco, como ha tanto deseja a Provincia, e é hoje mais que nunca de necessidade politica.

Proseguem as investigações do Instituto por seus correspondentes aqui e na Europa para a immediata construcção das qnatro estatuas de Vieira, André Vidal, Camarão e Henrique Dias, segundo a proposta approvada em 22 de Dezembro de 1864. Inclinando-se a commissão respectiva a dar a preferencia de execução aos escultores de Baviera, á vista das razões e modelos que lhe foram presentes, enviou por ultimo a Munich as modificações e addicionamentos que lhe pareceram necessarios, em ordem a satisfazer completamente os desejos do Instituto; e pretende ainda assim consultar as officinas de outros artistas de nota, quer da Allema-

nha, quer da Italia, para se decidir definitivamente pela proposta e desenhos que entender mais convenientes. No entanto, appareceu em uma de nossas ultimas sessões a opinião de um de nossos socios de que seria muito mais economico mandar construir em lugar de quatro estatuas collocadas em quatro de nossas praças, um unico plintho ou massiço de marmore n'uma só praça, sustentando o grupo dos quatro restauradores, em attitudes diversas. Esta idéa foi combatida pela commissão encarregada de semelhantes trabalhos, mas será devidamente considerada e discutida quando o forem as idéas da commissão, antes de partirem as ultimas ordens para o monumento ou monumentos que se tiverem de erguer. Em todo o caso, o trabalho de execução deve corresponder á magnitude do objecto, e ao nome glorioso desta heroica Provincia. Se os actuaes recursos de nossa caixa forem insufficientes para essa obra de pondonor, recorreremos ao patriotismo individual de cada um de nossos socios, e até da Provincia inteira, que nunca soube recusar-se ao que é de si mesmo grande e ennobrecedor para os povos.

No frontespicio da casa que habitou e em que fallecêra João Fernandes Vieira, na rua de S. Bento da Cidade de Olinda, mandou o Instituto collocar uma taboa monumental em pedra, que indicará as gerações futuras o antigo domicilio daquelle grande homem. Os signaes de respeito e o enthusiasmo que a população de Olinda manifestou por semelhante occasião vão além de todo o elogio.

O Instituto obteve do Governo da Provincia para o seu museu a pedra quadrangular que se achava na frente da antiga cadeia da rua do Imperador, edificio construido sob a administração de Duarte Sudré Pereira, 25.° Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco, em 1731.

A digna Junta Administrativa da Santa Casa

da Misericordia do Recife, á requisição nossa, servio-se mandar avivar os caracteres que se achavam gravados na frente da Casa dos Expostos, afim de que possa estar patente ao publico o anno da fundação deste pio estabelecimento, e o nome de seu santo instituidor.

De accordo com a Illma. Camara Municipal do Recife, que a isso se prestou com o maior prazer, vão ser revistos e reconsiderados os nomes que tem as principaes ruas desta Cidade, afim de serem substituidos por outros, que recordem á actual geração e ás que se seguirem os nomes de varões illustres ou feitos memoraveis de que a nossa historia está cheia.

A convite de uma associação partriotica do Maranhão concorreram os membros do Instituto com o que lhes foi permittido para a erecção de um monumento duravel a Gonçalves Dias, na Cidade de S. Luiz Além disso,uma commissão nomeada para semelhante effeito encarregou-se de agenciar uma subscripção fóra do seio do Instituto, para auxiliar aquelle monumento, e o producto foi enviado pelo vosso digno Thesoureiro aos cinco cavalheiros que no Maranhão representam a associação a que alludo. Em quanto os nomes dos subscriptores se não publicam pela imprensa, é do meu dever consignar aqui este facto, e os agradecimentos que o Instituto vota a quantos o teem auxiliado, não sómente neste empenho, mas em outros muitos de diversa ordem, em favor dos quaes ha recebido a mais significativa cooperação da parte da autoridade publica e da benevolencia dos particulares.

Entre os trabalhos de que se occuparam as commissões respectivas no anno findo, avultam :

1.· As tentativas feitas sobre o terreno em qne outr'ora se via levantado o arco do Senhor Bom Jesus das Portas, afim de ahi se collocar uma lapida

commemorativa, com uma inscripção, que transmitta á posteridade a antiga existencia deste edificio e de seu formoso sanctuario;

2.· A escavação que no mesmo solo vai fazer-se, com o fim de se descobrirem algumas reliquias historicas da fundação do mesmo arco;

3.· As fadigas pacientes coroadas de resultados satisfactorios, para se verificar se no carneiro descoberto na Igreja da Misericordia de Olinda se acham ou não os restos de João Fernandes Vieira, concluindo a digna commissão encarregada desta tarefa que o sepulchro que visitou é com effeito o de Vieira, e que os ossos encontrados em ultimo lugar (porque haviam diversas superposições) são os daquelle mesmo heróe;

4.· Os trabalhos de escavação que vão começar no largo do Corpo Santo, onde outr'ora estava erguido o pelourinho do Recife, afim de ver se alli se encontra alguma pedra com inscripção ou reliquia outra, que possa esclarecer o Instituto nas investigações archeologicas a que está procedendo.

5.· Os desenhos de duas peças de artilharia, das que foram tomadas aos Hollandezes, quando, vencidos, evacuaram o nosso territorio em 1654, devido este trabalho á complacencia do Sr. Capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, nosso socio correspondente, e Inspector do Arsenal de Marinha.

O Instituto, sabendo que estes dous canhões historicos deviam ser remettidos em breve ao museu militar da Côrte, solicitou de S. Exc. o Sr. Presidente da Provincia a sua demora aqui até que o Instituto obtivesse do Governo Imperial que elles ficassem em Pernambuco; mas não sendo possivel a Presidencia deixar de cumprir as ordens do Sr. Ministro da Guerra, dirigio-se o Instituto directamente a aquelle Ministerio, solicitando de S. M. o Imperador a graça que aqui lhe não pôde ser feita.

E além destas duas peças hollandezas, existem mais tres na fortaleza do Brum, de sorte que ha toda a probabilidade de que em nosso poder fique alguma ou algumas das cinco.

Duas memorias de grande interesse historico e um bello trabalho biographico foram lidos ao Instituto no anno social que hoje finda: a primeira das memorias pelo nosso socio effectivo o Sr. Major Salvador Henrique de Albuquerque, sobre a data da edificação da Igreja da Misericordia de Olinda, resolvendo pela affirmativa a questão até aqui em duvida, se essa Igreja fôra ou não comprehendida no incendio de 1631; a segunda pelo nosso socio effectivo o Sr. Padre Mestre Lino do Monte Carmello, comprehendendo o historico do monte das Tabocas e o da edificação da Igreja de Nossa Senhora da Luz. A biographia é do Marquez do Recife, pelo mesmo nosso socio Sr. Monte Carmello, a qual corre impressa, e foi distribuida.

Todos estes trabalhos individuaes, assim como os collectivos das vossas commissões, serão devidamente estampados na *Revista trimensal do Instituto*, cujo 6.º numero apparecerá em breve.

Ao generoso impulso do veneravel Presidente do Instituto, que a ninguem cede em amor da patria, é devida a acquisição do primoroso retrato de João Fernandes Vieira que temos á vista, e o será logo a dos outros tres vultos companheiros seus, no heroico commettimento de 1654. O pincel e o desenho são do Sr. André Ferreira de Almeida, que espontaneamente se offereceu para executar este trabalho com a correcção e primor que todos lhe conhecemos, e a quem por esta occasião, em nome do Instituto, folgo de confessar o mais vivo reconhecimento.

O quadro actual da associação é como se segue:

Socios effectivos.......	38
Socios honorarios......	14
Socios correspondentes..	50
Total....	102

Em assembléa geral de 15 de Fevereiro proximo vos será apresentado o orçamento da receita e despeza do anno social de 1866—1867, e será elle devidamente discutido no 1.° de Abril, como prescrevem os arts. 19 e 27 dos Estatutos.

Varios dons de livros, de jornaes e de objectos antigos foram feitos ao Instituto no anno que hoje fechamos. O vosso eloquente Orador vos fallará delles com a justiça e o espirito que tão naturaes lhe são em suas apreciações.

A secretaria do Instituto não só carece ainda de varios moveis de ornato, mas é de necessidade indeclinavel fazer effectivo o que dispõem o art. 15 dos Estatutos, nomeando-se o empregado que deve curar do archivo, da bibliotheca e do museu da casa, e que faça a escripturação necessaria, sob as ordens do Secretario perpetuo. Se ainda não propuz a mesa individuo algum para exercer este ministerio, é porque os recursos do nosso cofre teem sido exiguos, e porque tenho diante de mim o exemplo que vós todos me dais de economia e abnegação em quanto estamos em principio. Logo porém que as nossas rendas cresçam, será uma das primeiras medidas que terei de propor a nomeação do empregado a que alludo, o qual deve acharse constantemente na secretaria, sem que della seja distrahido para qualquer outro mister.

Afinal, a vida que o Instituto vai vivendo é toda de honra e dedicação. Quatro annos apenas de existencia, e já o seu nome é conhecido em varios pontos notaveis da America e da Europa. Já os jornaes alli publicam os serviços que elle ha pres-

tado e os bens que delle se esperam. Está da nossa parte corresponder a fé que em nós se tem com a mais robusta e estrenue perseverança. Sei que tudo morre e desapparece no mundo, tanto na ordem physica como na intellectual, mas o Instituto Archeclogico e Geographico Pernambucano é daquellas sociedades que, por sua indole, foi talhada para durar seculos. Trabalhemos e prosigamos. Um dia, os nossos descendentes, já de posse dos gozos que uma nova era de prosperidade lhes promette abrir, ao contemplarem este cenaculo de homens corajosos, presididos por uma cabeça encanecida e illustre, costumada desde a juventude as grandes lutas da liberdade e cercada da aureola do martyrio, inclinar-se-hão reverentes e cheios de orgulho ante a sombra gloriosa do Instituto, e os nossos trabalhos, e as nossas vigilias occuparão o espirito e o coração de seus filhos como uma grave lição para todos, e uma das mais formosas paginas de amor da patria que a historia de Pernambuco ha de registrar.

Sala das sessões em assembléa geral, 27 de Janeiro de 1866.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.

DISCURSO

DO ORADOR DO INSTITUTO, NA ASSEMBLÉA GERAL DO ANNIVERSARIO, EM 27 DE JANEIRO DE 1866.

I

Senhores! — Consagram os Estatutos desta Associação o dever de, neste dia solemne, anniversario de sua installação e do mais assombroso dos feitos que engrandecem a historia patria, recitar-se o elogio historico daquelles de seus socios,

a quem a morte riscou do catalogo dos vivos; e ao Orador conferem esta difficil, dolorosa e edificante obrigação.

A conversão deste uso em lei é o reconhecimento de uma tendencia natural ao coração humano, de que dá testemunho a historia das nações desde a mais remota antiguidade. Em todos os tempos buscaram os homens desafogo ao sentimento, pela falta das pessoas que lhe eram caras, nas honras funebres tributadas á sua memoria; e tão antigo, diz um homem notavel, é este costume, que o deparamos praticado nos primeiros dias do mundo; e tão universal, que do Oriente ao Occidente, de Egypcios, Grégos e Romanos se transmittio aos tempos modernos. Nos primeiros seculos prestou-se homenagem á força; mas os seculos christãos, alimentados pela preeminencia do espirito, se ostentam animados de tendencia mais pacifica e mais de accôrdo com os fins moraes da humanidade.

Seja-me permittido reproduzir neste lugar as palavras de um eminente escriptor:

«Ha homens grandes, diz o autor do *Ensaio sobre os elogios*, em quanto vivem, e que nem sempre tem a certeza de sê-lo depois da morte! Ha outros obscuros durante a vida, e grandes logo que deixam de existir. Sem outra autoridade além da de seu genio, occupam-se neste mundo em fazerem todo o bem que podem. O seu fim é o aperfeiçoamento, não de um só homem, mas sim do genero humano. Procuram dilatar e engrandecer a razão universal; recuar as barreiras de todos os conhecimentos; elevar a natureza moral; domar e submetter ao homem a natureza physica; estabelecer para as nossas necessidades uma correspondencia entre os Céos e a terra, entre a terra e os mares, entre o seu seculo e os seculos que mais não existem ou que um dia existirão; contribuir, sendo possivel, para a felicidade publica, pela reunião das

luzes; da mesma sorte que os que governam trabalham nessa obra pela reunião das forças. São os bemfeitores e, para assim dizer, os legisladores da sociedade. Na Inglaterra, na Italia, na França, na Hespanha, na Russia, na China, todos esses homens, sem se conhecerem e sem se haverem visto, animados do mesmo espirito, seguem o mesmo plano. Morrem, e ficam-lhes os pensamentos. Suas cinzas desapparecem, e sua alma circula ainda neste mundo. Aquelles que lhes succedem, continuam-lhes a tarefa no ponto em que a deixaram.—Durante sua vida, a mór parte delles existem separados da multidão, meditando em quanto se assola, e occupados a pensar a respeito deste globo que a avareza e a ambição confundem. Observa-os a inveja em pé diante delles; ultraja-os a calumnia; atormentados á proporção que se engrandecem, colloca-se ás vezes a desgraça ao lado do genio.—Quando não mais existem, parece que pelo menos dever-se-ia prestar alguma honra á suas cinzas. Nada se arrisca então, porque della não podem elles gozar. Mas este uso durante seculos, não foi estabelecido no meio de povo algum. Tres mil annos foram precisos para que os homens aprendessem que um homem virtuoso, que passou sessenta annos a instruir e esclarecer o seu paiz, poderia com justiça merecer algum reconhecimento do genero humano. »

Desde que o elogio funebre tomou, como um dos effeitos da civilisação christãa, a direcção espiritualista e moralisadora, que é o seu fim legitimo, as Academias e as Associações scientificas e artisticas o tomaram como lei indeclinavel; e a festa de suas solemnidades sôe ser realçada pela commemoração daquelles que, não podendo a ella mais comparecer, a animam todavia com o bafejar de suas lucubrações legadas ou com o exemplo das virtudes que cultivaram. Dest'arte fomentando a

dôr e magoa, mitigam a sua bem merecida saudade, e perpetuando a memoria das acções e trabalhos meritorios, os propõe á imitação dos vindouros.

« O elogio dos mortos que vão descer á sepultura, diz o illustrado Orador do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, é fortemente inspirado por um sentimento natural da familia e da amisade, e, como uma expansão da saudade, dá o primeiro lenitivo á dôr daquelles que ficam com o coração em luto. O elogio dos varões distinctos e dos benemeritos que passaram já á eternidade é um dever de gratidão nacional, cujo cumprimento educa, moralisa e ennobrece o povo ; porque é ainda mais do que um tributo pago ao merecimento individual, elevando-se a um verdadeiro culto rendido á sabedoria e á virtude. »

Uma das scenas mais brilhantes, sublimes e arrebatadoras da Odysséa, é aquella em que Homero, levando o seu herôe ao reino dos mortos, faz desfilar diante delle as sombras dos grandes homens que haviam deixado no mundo a celebridade de seus nomes. Essa evocação dos mortos, que nas idades heroicas era revestida de roupagens tenebrosas prestadas pela imaginação e que ha sido honrada em todas as nações segundo o gráo de sua civilisação, é nos tempos modernos transmutada pelos costumes christãos e vantajosamente substituida pelo elogio historico, mediante o qual aquelles a quem amamos e respeitamos vem sentar-se em espirito no meio dos que lhes sobrevivem e de seus vindouros, participar de suas festas, e deixar-lhes seus retratos photographados nas paginas da historia que lhes perpetuam a memoria e offerecem aos vivos poderosos incentivos de productora imitação.

O *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* não podia deixar em olvido uma instituição tão rica de lições sublimes e tão em harmonia com os mais nobres impulsos do coração ; e,

pois, consagrando-a em sua lei organica, o Instituto pagou uma das dividas mais imperiosas do reconhecimento e da civilisação Dest'arte se leccionam os povos, convidados por este modo a aprender a virtude pelo acatamento e honra tributados ao homem virtuoso; dest'arte se pagam generosamente as fadigas e disvelos daquelles que se dedicaram ao bem geral; dest'arte se ensina a todos a praticar a gratidão, filha do Céo e ornamento de todas as virtudes.

Felizmente, durante o anno de 1865, as fileiras do Instituto não foram rareadas pela perda de nenhum de seus socios; a voz do humilde Orador, que neste momento se faz ouvir, não tem que gemer dorida e soluçamente sobre o tumulo de nenhum de nossos amigos associados, e deve apenas erguer-se para dirigir ao Deus de Misericordia um hymno de agradecimento por haver-nos poupado essa fonte de dôr e saudade. — Das columnas do Instituto nenhuma foi derrubada pelo gelido sopro da morte inexoravel, todas permanecem em pé cheias de força e vigor para sustenta-lo e engrandecê-lo.

E visto que não tenho que desempenhar a dolorosa missão de ser neste momento o interprete de pungentes magoas; e visto que este dia de intenso regosijo para o Instituto e para todos quantos abrilhantam esta festa com suas animadoras presenças não é obscurecido por sombras funereas, seja-me permittido dizer algumas palavras inspiradas pelo acontecimento que deu causa a esta solemnidade.

II

Senhores, as paginas da historia, bem como as paginas da natureza, quando as consideramos e as lemos com espirito investigador e repassado de sãa philosophia, não são outra cousa mais do que

provas amontoadas e repetidas dessa Providencia infinita e eterna, que attestam a Omnipotencia d'Aquelle que é o principio e o fim de todas as cousas.

Se o christianismo, lançando por terra a torpe idolatria e substituindo-lhe no mundo o culto do Deus verdadeiro, assenta sobre o mais sublime dos milagres — a incarnação de Deus no seio de uma Virgem —, não menos miraculosa e providencial é aos olhos do homem pensador a maneira por que Jesus Christo, havendo estabelecido a sua Igreja, e collocado á frente della o magestoso e venerando culto de S. Pedro, lhe tem guiado a barca através das procellas, parcèis e cachópos deste mundo, de modo que não ha um grande acontecimento em que não vejamos a realisação da divina promessa a respeito da impotencia absoluta do erro contra a verdade.

A historia da civilisação operada pelo christianismo é uma não interrompida e constante demonstração do que acabo de aventurar.

Terminava o 15.° seculo pejado de acontecimentos, que annunciam immensa revolução no mundo europeu; mas, em quanto os prodromos dessa convulsão se manifestavam aterradores, a descoberta de um novo mundo, até então desconhecido, ia abrir na historia uma nova pagina, attestadora dessa Providencia que não abandona nunca a humanidade em seu caminhar afflicto e laborioso. Se Luthero nascia em Saxe em 1483, Christovão Colombo, nascido em Genova, adevinhava a existencia de um novo continente. O seculo 16.° abre-se com a descoberta do Brazil por Alvares Cabral, que o sequestrou para Portugal, e nelle foi plantada a Cruz. Dest'arte, em quanto a reforma, cahindo no meio da luta entre Carlos 5.° e Francisco 1.°, revoluciona a Europa, e ahi o seculo 16.° é caracterisado pelas grandes guerras religiosas entre os

protestantes e os catholicos, a verdadeira religião do Crucificado estende-se nesta parte do novo mundo, a despeito dos meios violentos empregados pelos novos possuidores contra as raças aborigenes que a habitavam ; e ahi encontra corações novos aonde prospera a boa semente.

Luthero, Henrique 8°, Calvino, os Anabatistas, os Huguenotes, os Protestantes, dividem todo o norte da Europa ; mas o sul e as raças latinas conservam-se fieis á religião de seus pais.

Se tambem no novo mundo, o norte habitado principalmente pela raça anglo-saxonia parece perpetuar ahi o espirito de reacção anti-catholica, o sul occupado pelas raças latinas, se constitue o sustentador do catholicismo, sobresahindo d'entre as diversas potencias que habitam esta parte do novo mundo o Brazil, que cada dia e através de innumeras difficuldades se adianta no caminho da civilisação e do engrandecimento, embora com certa morosidade relativa que parece desanimadora, mas que todavia póde ser considerada como um signal de que será duradora a sua futura prosperidade.

Succede ás nações como aos homens; o precosse desenvolvimento é tido como um receio de que a vida lhes não será longa. « Todos os acontecimentos historicos, diz o autor do *Curso de historia moderna*, tem de alguma maneira um curso determinado ; suas consequencias prolongam-se ao infinito ; elles prendem-se a todo o passado, a todo o futuro ; mas não é menos verdade que elles tem uma existencia propria e limitada, nascem, crescem, enchem com seu desenvolvimento uma certa porção da duração ; depois decrescem e retiram-se da scena para serem substituidos por um novo acontecimento. » Ora uma nação que nasce, é um grande acontecimento que apparece no mundo, e quanto mais rapidos correm os tempos da sua infancia, tan-

to mais ligeira lhe corre a época da virilidade, e tanto mais se lhe approxima a velhice e a transformação. Não se apoquentem, pois, aquelles que vêem a marcha morosa que segue o Brazil nos tempos immediatos ao seu nascimento, e não se extasiem demasiadamente diante das surprendentes maravilhas da civilisação norte-americana. As nações tem sua marcha providencial, são instrumentos nas mãos da Providencia, e ninguem póde determinar quaes sejam os destinos reservados ao Brazil; a historia, porém, me força a confiar tanto mais na civilisação catholica brazileira, quanto a vejo caminhar vagarosa e tropeçante nos primeiros tempos de sua existencia; e tanto mais problematica me parece a civilisação norte-americana, quanto mais estupendos, maravilhosos e gigantescos se ostentam os seus primeiros passos.

III

Tres seculos viveu o Brazil á sombra do regimen colonial; sem acção propria, mal podia elle dar a conhecer-se, a não ser pelas producções da natureza. Entretanto, já nessa época de compressão politica, em que se não podia esperar do pobre pupillo senão actos que lhe manifestassem a fraqueza moral, o Brazil ostenta uma força de vontade que assombra, e que é um indicio infallivel e certo do que será em épocas mais adiantadas um grande factor no equilibrio do mundo . . .

Da tribuna sagrada brazileira, em época que já dista um pouco de nós, sahiram estas palavras propheticas: « A mudança não esperada da Monarchia veio abrir nestes horizontes serenos um dia tão memoravel como o de seu descobrimento; e este dia de regeneração, augurando novos destinos, vai produzir longos seculos de prosperidade e de gloria. » Tenho toda a esperança de que o vaticinio se realisará.

Jazia o Brazil nos andrajos de uma infancia abandonada por seu descuidado e insaciavel tutor, que só delle se lembrava para estragar-lhe a rica herança, sem lembrar-se ao mesmo tempe que o devia considerar como o filho de suas entranhas, quando a avidez protestante lançou-lhe vistas cheias de ambições fascinadoras. Diversas tentativas se haviam frustrado, quando a Hollanda, onde se havia desde 1523 estabelecido a reforma de Luthero, planejou assenhorear-se do Brazil; esta conquista lhe surgia risonha na imaginação altiva; e tal empenho poz em leva-la a effeito que, depois de algumas tentativas mallogradas, preparou uma expedição e a dirigio contra Pernambuco, invadindo-o no anno de 1630 no meio dos excessos de toda a especie.

Realisada a conquista, tratou o Hollanda de lançar as bases que deviam garantir-lhe a duração, e a reforma protestante via nesse acto de atrevimento de seus sectarios uma poderosa fonte de sua futura grandeza. A America do sul perderia com o Brazil o principal elemento da unidade catholica, e todos quantos tem seguido através da historia essa luta momentosa e que se resume em saber — quem se apoderará da preponderancia no mundo, se o catholicismo ou a reforma, — podem avaliar os hosannas com que o protestantismo receberia uma noticia, que tão opportunamente vinha em apoio de suas pretenções exageradas. — Mas, se o homem põe, é Deus quem dispõe; e se a Providencia parecêra por alguns dias provar a dedicação de seus legitimos filhos, não foi certamente senão para que a derrota de seus inimigos fosse mais esplendida e uma lição mais proveitosa.

Todavia essa provança não durou muito tempo, porque no dia 27 de Janeiro de 1654, cujo anniversario por tão justo titulo solemnisamos, alguns Hollandezes que a fome e o fogo haviam

poupado não se salvaram senão mediante uma capitulação vergonhosa, que estipulava a immediata evacuação do Brazil e a abandono de um rico material de guerra a Pernambuco.

Quando se medita no tecido de complicações em que se achou emmaranhado Portugal no reinado de D. João IV., e no abandono em que foram deixadas as possesões brazileiras; quando se reflecte em que Pernambuco, entregue a seus unicos recursos e quasi expellido do seio materno, com esses seus unicos recursos, reconquitára o territorio infamado pelas hereticas torpezas; quando se pensa no denodo com que os quatro heróes desta pugna homerica—Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias restauraram da dominação batava as plagas pernambucanas, fica-se assombrado diante de tam grande esforço, e não he possivel deixar de reconhecer ahi o dedo Ommipotente da Providencia, que não quiz que, no terreno onde fôra plantada a verdadeira Cruz, germinasse a semente perniciosa e Lethal do protestantismo.

Tambem os heróes, cujos nomes devem ser objectos de perpetua veneração, conprehenderam que só ao auxilio divino eram devedores de tam grande victoria.

As sagradas letras contam que, quando Senacherib, rei da Assiria, sitiou Jerusalem, e não podendo conseguir a rebellião do povo contra Ezechias, pronunciou contra Deus blasphemias horrorosas,— tirou de tudo a justiça divina uma vingança memoravel, na phrase de Frei Sarmento, enviando-lhe ao exercito o Anjo exterminador que em uma só noite lhe matou cento e oitenta e cinco mil homens.

O valor heroico de um punhado de homens, vencendo os soldados de uma nação poderosa e expellindo-os do seio da patria, demonstra assás que o potente braço do Deus dos exercitos prote-

geu e vigorou os defensores da religião catholica no Brazil. E as lendas populares não são ingratas, quando se levantam para attestarem favor tam santo despendido aos heróes de Pernambuco.

Sei que ha muita gente que, impressionada pelas vantagens do materialismo desfarçado com as roupagens de um industrialismo seductor, lamenta que esta parte da America não continuasse a ser occupada pelos Hollandezes; facto este, de que, em sua mente,resultaria não acharmo-nos no estado de atrazo a que se acha o Brazil reduzido, debaixo principalmente do ponto de vista do engrandecimento material. Não vêem, porém, aquelles que assim pensam, que não he só de pão que vive o homem.

Quando Achab exigiu que Naboth lhe désse a vinha junto ao seu palacio, em troca de *outra melhor*, ou pelo preço que pedisse, afim de a converter em regio jardim, — o que lhe respondeu Naboth?

— « Livre-me Deus, de que eu vos conceda a herança de meus Paes, que a Lei me prohibe alienar. »

Assim obraram os heróes pernambucanos; não quizeram vender aos Hollandezes a herança de seus paes, e preferiram-na pobre a que fosse convertida em esplendido jardim para ser gosado e cultivado por mãos protestantes— Honra, pois e gloria aos heróes Pernambucanos, e acções de graças ao Deus Omnipotente e Misericordioso que, nos dias da tribulação, não deixou ao desamparo esta parte escolhida da familia humana.

Se o verdadeiro christiannismo, aquelle que se mantém fiel á obediencia que o Christo impoz para com a Igreja por Elle instituida, não he o circulo inflexivel de Bossuet, he pelo menos a fonte de toda a felicidade, de todos os pensamentos sublimes, e de todas as grandes e nobres ac-

ções; he um circulo que, na phrase de Chateaubriand, estende-se á proporção que a sociedade se desenvolve; a nada comprime; nada suffoca; não se oppõe a nenhuma luz, a nenhuma liberdade.

E se, como pensa Michelet, a *Historia* he a historia da alma e do pensamento original, da iniciativa fecunda, do heroismo, — heroismo d'acção, heroismo de creação:—Se ella ensina que uma alma pesa infinitamente mais do que um reino, um imperio, um systema de Estados, ás vezes mais do que o genero humano: cumpre descobrir no grande e magestoso feito das armas Pernambucanas o influxo poderoso do Catholicismo, que creou o heroismo desse filhos da Santa Cruz e os fez avantajar-se sobre os seus soberbos inimigos.

Mantenhamos, Srs. em sua pureza a herança de nossos maiores, e cultivado-a, não percamos de vista que, onde está a religião de nossos paes, ahi está a patria com as sublimes dedicações que esse nome encerra.

DISCURSO

LIDO PELO SR. 2.° SECRETARIO, MAJOR SALVADOR HENRIQUE DE ALBUQUERQUE.

Senhores.—Lembrar os nomes daquelles que serviram a patria, que lhe deram sangue e vida, que a tornaram livre e independente, e que a encheram de triumphos e glorias, é cumprir um dever.

Rasgar o véo do esquecimento, recordar os homens gloriosos de um paiz, revolver os tumulos sacudir o pó dos sepulchros para descobrir as corôas, as glorias da patria, é ter patriotismo, e o patriotismo é uma virtude.

Eis o que disse a pouco um habil e consciencioso biographo, fallando de um dos nossos heroes.

Agora perguntaremos com o Visconde de Almeida Garrett; e a patria por quem tanto hão feito, que digno premio lhes ha dado?

E' triste dizê-lo, ainda continúa o biographo a que me refiro; tudo cahe em esquecimento, tudo se perde entre nós: não ha reminicencias do passado, desprezamos tudo o que é nosso, até a nossa historia!...

Percorrei as Provincias, as Cidades, as praças, diz ainda o mesmo biographo; e não achareis uma lembrança, um tributo de amor patrio, um obelisco, uma columna, onde exista gravada no marmore ou bronze a gratidão do paiz, por aquelles que deram liberdade e gloria a patria.

Nem nos jazigos mortuarios gravam-se os nomes dos nossos heróes!...

Meu Deus! Será isto ingratidão, ou apenas a mais culpavel incuria?

Como é possivel olvidar o patriotico fervor de nossos antepassados, cujas façhanhas gloriosas, como que nos repetem ainda hoje, os échos desses montes Guararapes e Tabocas, e o saudoso murmurar dos nossos rios!

Tudo sacrificaram elles; affectos de familia, laços de amisade, fortunas possuidas, e todos os encantos que prendem o coração do homem ao lar domestico!

Onde se vio jamais, fidelidade tão extremada e constancia tão inabalavel, sem que podessem abatê-las, a ausencia de premio manifestado pela dubia politica da metropoli?

Senhores. Quando um povo heroico se levanta e leva a sua dedicação a ponto de,—*desobedecer ao rei para melhor servir ao rei*,—como muito bem o disse um dos ornamentos da nossa tribuna parlamentar; quando esse povo guiado por homens intrepidos, tudo sacrifica por amor da liberdade patria; esse povo, digo, abre douradas paginas a his-

toria do seu paiz, e merece por certo, as bençãos e o reconhecimento de seus descendentes.

Eis o povo Pernambucano; eis, como já foi igualmente dito em pleno parlamento, eis a Provincia do Brazil que tem uma historia sua; e essa historia, esses louros, legaram-nos os heróes a quem nos referimos, entre os quaes figura André Vidal de Negreiros.

Hoje que mais de dous seculos nos separa desse grande vulto, e que o tempo destruidor dos imperios, que tudo aniquila, jámais poderá fazer murchar a corôa immortal que lhe cinge a fronte; esbocemos, ainda que com a imperfeição da nossa humilde penna, os traços mais brilhantes de suas primorosas façanhas, como um tributo de gratidão e de homenagem que lhe rendemos nesse grande dia.

Antes porém de o fazer, congratulamo-nos com o illustrado auditorio, cuja presença respeitavel torna tão brilhante este acto; dupla festividade que commemora a restauração de Pernambuco e o quarto anniversario do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

André Vidal de Negreiros nasceu na Provincia da Parahiba do Norte em fins do seculo XVI, sendo seus progenitores Francisco Vidal, natural de Lisboa, e sua mulher Catharina Ferreira, natural de Porto Santo.

Quando em 1624 os Hollandezes invadiram a Bahia, já Vidal de Negreiros militava no exercito e alli era conhecido como official de merito. Seus serviços contra os invasores foram taes que lhe grangearam nome e credito.

Prudente nos seus planos, denodado nos combates, era humano nas victorias.

Estas qualidades caracterisaram sempre o nosso heróe, e alli preludiaram logo o futuro glorioso que lhe estava destinado.

Ferido em um daquelles combates, em nada arrefeceu sua coragem, antes animou seus companheiros, com calma e sangue frio admiraveis.

Elevado a differentes postos no exercito, como justa recompensa de seus serviço André Vidal de Negreiros já tinha chegado ao posto de Tenente-Coronel quando Antonio Telles da Silva, Governador Geral do Brazil, encarrega-o da delicada missão de vir a Pernambuco sondar o espirito publico, as forças do inimigo, e os recursos da conjuração tramada pelos Pernambucanos.

Quasi tres lustros eram passados que, os Hollandezes invasores desta bella Provincia, conservavam-na sob o seu insupportavel dominio; quando a Divina Providencia em seus inescrutaveis designios permittio que diversas circunstancias viessem em auxilio de seus habitantes, para que se libertassem de tão nefando jugo.

A revolução de Portugal em favor da casa de Bragança, a retirada e demissão do Principe Mauricio do governo da Colonia, e o exemplo do Ceará e do Maranhão, que á força de seu braço acabavam de sacudir o jugo hollandez; eram motivos mais que sufficientes para apressar o movimento revolucionario, á muito premeditado entre os principaes Pernambucanos.

Todos tinham em mente este projecto, mas como e quando executa-lo? Eis o problema á resolver.

E quem era, senhores, o homem destinado a cogitar em tão arriscada empreza, a determinar-lhe o chefe executivo, e a tomar todas as providencias que as melindrosas circumstancias exigiam? Era André Vidal de Negreiros, conhecido por sua bravura e prudencia, por seus relevantes serviços prestados na Bahia contra esse mesmo Hollandez, que ainda opprimia e occupava Pernambuco. Era o heróe de tantas batalhas, como ides ver; um ou-

tro Hannibal, que havia jurado não embanhar a espada sem que não visse a patria salva.

Com a maior habilidade, elle apresenta-se no Recife ao Supremo Conselho e pretexta-lhe uma visita a seu velho pai na Parahiba; e approveitando-se da credulidade do inimigo, concerta todos os planos da revolta, tanto nesta como naquella Cidade onde pôde conferenciar com os principaes conjurados.

De volta á Bahia, o seu procedimento é completamente approvado, e no dia 13 de Junho de 1645, João Fernandes Vieira, chefe por elle nomeado, põe-se em armas, proclama a liberdade e declara a guerra a Hollanda.

Já as armas pernambucanas haviam conseguido os louros de Tabocas, quando o nosso heróe, que ardia em desejos de tornar a ver-se em frente das legiões inimigas, é mandado com o designio simulado de apasiguar os revoltosos.

Chega a Tamandaré, desembarca com a força que o acompanha, e dirige-se para o acampamento dos Pernambucanos, sem lembrar-se ainda do pretexto que devia servir-lhe para voltar suas armas contra os Hollandezes.

Em pouco tempo, quem o pensára, teve Vidal de Negreiros o mais justificado motivo.

Esse governo hollandez que havia mandado á Bahia pedir a Telles da Silva sua intervenção armada com a promessa fementida de franquear os portos, fornecer provimentos, e tudo o mais que fosse necessario para a gente que viesse aquietar os revoltosos; foi o mesmo que traiçoeiramente ordenou o incendio e destruição da esquadra fundeada em Tamandaré, apenas soube do desembarque dessa força.

Não parou ahi o procedimento do protervo e feroz hollandez; mandou saquear e devastar as propriedades dos que serviam no exercito indepen-

dente, e prender, que indigna vingança, a todas as matronas cujos pais e maridos empunhavam as armas!...

Muito menos bastaria senhores, para justificar o procedimento de Vidal; a sua indignação unida ao brado geral de vingança que ouvio-se em todo o acampamento, collocou-o na posição que elle desejava.

Põe-se em marcha o exercito libertador; e os montes que guarnecem as campinas da Casa Forte, como que ainda nos estão repetindo os actos de bravura praticados nesta celebre batalha.

Alli empenhado o nosso heróe na peleja soffre por uma traição do inimigo a perda do seu cavallo, traspassado com duas balas.

Não obstante; mais militar e mais humano que vingativo, soube Vidal conciliar a bravura de soldado com a humanidade de christão.

Elle pôde evitar que os Hollandezes voassem pelos ares com a explosão de barris de polvora que Vieira havia mandado atear junto ás casas que lhes serviam de trincheiras, e pôde conseguir depois da victoria, que fossem recebidos como prisioneiros.

Incansavel e sem saber o que era repouso, elle se acha em frente do forte de Nazareth do Cabo; e apertando o sitio dessa importante fortificação, dentro em pouco o estandarte nacional tremulava sobre seus muros.

Em outro ponto, perto do engenho Giquiá bate o inimigo.

No ardor do combate, uma bala atravessa-lhe a copa do chapéo; e no dizer do biographo já citado, seus olhos turvam-se, vacila o guerreiro; mas como que despertando de ligeira vertigem, apresenta-se mais bravo, mais destimido, e ganha a victoria.

No ataque de Itamaracá em que o nosso exercito se cobrio de gloria, elle excedeu-se em prodi-

gios de valor. Uma bala respeitando o destimido guerreiro, leva-lhe apenas os feixos da pistola que tinha em punho.

Geme o Rio Grande do Norte com a perseguição dos Hollandezes. O povo padece tribulações que a dôr não póde referir, injurias que o pejo não deve relatar.

O illustre guerreiro se offerece, e naquella direcção rapido vôa, derrota o inimigo, e volta coberto de gloria e abençoado pelo povo.

Nos lugares mais perigosos, nas acções mais arriscadas, nas emprezas mais difficeis elle apparece sempre temerario e invencivel. Os perigos o esperam, mas sabe vencê-los; genio da guerra, era o anjo dos triumphos.

Na primeira batalha dos Guararapes accommette furiosamente o inimigo; uma bala mata-lhe o cavallo, mas elle tudo vence e sabe dar a victoria aos seus.

Neste mesmo lugar (e em segunda batalha) combate como um heróe; rompe as legiões inimigas e tudo desapparece diante do seu valor e coragem.

Esta importante victoria foi tão funesta para os Hollandezes que nunca mais ousaram medir-se em campo raso com os nossos. Nos quatro annos decorridos posteriormente reduziram-se a algumas sortidas que fizeram, nas quaes foram sempre desbaratados.

Demonstrado pelos successos que, a conquista do Recife e suas praças dependia unicamente de auxilio naval, approveitaram-se os nossos Generaes da vinda da esquadra de Pedro Jacques de Magalhães, fundeada em Nazareth do Cabo; e reunidos trataram de deliberar o modo por que haviam de chegar ao fim de seus desejos.

Ouçamos, senhores, as eloquentes razões com que Vidal em conselho fundamentou o seu voto

contrariando a opinião do mestre de campo Francisco de Figueirôa.

« Na materia que Vv. Ss. nos propõem, disse elle, votará minha experiencia, meu desejo e meu juizo, o que será mais por obediencia do que por necessidade.

« Os Hollandezes que vemos repartidos por todas estas fortalezas são os mesmos que sempre vencemos juntos em muitos encontros e batalhas; e feitas bem as contas, menos devia espantar seu numero nas partidas, que na somma.

« O valor que o não soube temer unido em um corpo, porque o ha de receiar devidido em tantas partes?

« Os muros que os recolhem, em tanto os defendem em quanto nossa resolução os não avança; mais guardados os tem nossa omissão do que suas forças.

« Seguindo o dictame de minha experiencia, tenho para mim que, contra si levantou as pedras de que se cingio, por que obedientes ao costume, serviram suas fabricas: á seus corpos de tumulo, e á nossos espiritos de throno.

« Se hei de dizer o que alcança o meu juizo, posso affirmar que, a empresa tem menos de perigo que de receio; e quantas mais forem as difficuldades com que nos espera a conquista, tantas mais serão as palmas com que nos chamará a victoria.

« Si vota meu desejo, digo que já me quizera ver no assalto das fortificações inimigas, e que cada instante de detença será para mim de penosissima mortificação.

«Não saberei o que digo, mais digo o que sinto.»

Este bello discurso proferido por general tão distincto, com a força da convicção e do exemplo, não podia deixar de abalar animos tão dispostos. Venceu a maioria, foi o ataque executado, e o poder hollandez baqueou afinal, e desappareceu por

uma vez, da terra dos Vidaes, dos Dias e Camarões.

Nem um mez ainda havia passado, quando Vidal de Negreiros, depois de outras victorias apresentou-se em frente do ultimo e mais importante baluarte, que restava aos hollandezes. A empreza era arriscada e difficil, mas a fortaleza das Cinco Pontas, depois de aturado e renhido combate, cahio em seu poder.

Ferido em uma perna, assim mesmo impedio as diligencias de Segismundo, que ancioso e desesperado procurava retomar o posto.

Foi o golpe mortal; digamos que, com esta acção elle aniquilou o poder hollandez; com ella seguio-se a capitulação.

Nomeado para conferenciar com o inimigo e assignar os artigos dessa mesma capitulação, elle envidou todos os esforços, e conseguio, além da entrega do Recife, o devolvimento de todas as praças conquistadas ao norte de Pernambuco, ao que tentavam a principio eximir-se os Hollandezes.

Si Vidal, por tanto, não foi o primeiro que desembanhou a espada nesta luta patriotica contra o jugo hollandez, foi o que teve a gloria de lhe dar no gabinete a direcção que convinha: no campo, o golpe decisivo com a espada.

Vidal, amando a sua patria mais do que a si mesmo, digamos como já outros o disseram, era modesto como Cincinato, e bravo como Scipião; combatia sem pensar em premios; esquecia-se das injustiças e da gloria, para só pensar no bem de seu paiz.

Foi elle o encarregado de levar a Lisboa, para onde seguio em Fevereiro de 1654, a feliz noticia da restauração.

Bem acolhido por el-rei D. Jão IV, foi nomeado para Governador do Maranhão, e passou em 1657 a governar Pernambuco.

Nem sempre senhores, o homem por mais restricto que seja no cumprimento fiel de seus deveres, está isento dos tramas da inveja. Desta paixão ignobil nasce a intriga augmentada quasi sempre pela mentira e pela calumnia.

Todas estas ruins paixões conspiram desordenadamente contra o elevado merito; e então a guerra torna-se tanto mais furiosa, quanto maior é o personagem contra quem ella se declara. E' o que aconteceu com André Vidal de Negreiros.

Queixas infundadas dirigidas a Francisco Barreto Menezes, Governador geral do Brazil, produsiram duvidas e conflictos que deram lugar á providencias demasiadamente fortes da parte do general Barreto contra Vidal de Negreiros.

Apreciado o facto pelo governo de Lisboa, a quem foi submettido com todas as suas circumstancias, eis a solução. Ouçamos o que diz a seguinte ordem regia.

« Francisco Barreto.— Eu el-rei vos envio muito saudar.

« Havendo mandado ver o que me escreveu o Governador André Vidal de Negreiros sobre as duvidas que entre vós e elle se moveram em materias de jurisdicção, tendo vós mandado um desembargador e um mestre de campo, para fazer dar cumprimento as vossas ordens: me pareceu dizer-vos (se assim é) que *nesta resolução se faltou muito a meu serviço.* Por quanto havendo vós recorrido a mim com as razões de vossas queixas, e estando-me a causa affecta devieis aguardar resposta minha, sem no interim innovar cousa alguma, nem passar adiante na materia, e menos com armas e novas devassas, dando com isto occasiões a tumultos e guerras civis entre meus vassalos. Logo que esta receberdes (se já não o houverdes feito, tomando melhor conselho) fazei recolher todos os ministros de guerra e justiça, que tiverdes manda-

do a Pernambuco, *e que tudo se reponha no mesmo estado*, até eu mandar tomar na materia que se fica vendo, a resolução que for servido; do que vos mandarei avisar. Escripta em Lisboa aos 15 de Abril de 1659.—Rainha. »

Assim justificado o procedimento do nosso herõe, quem poderá duvidar que a razão estava de seu lado?

Era tal a confiança que depositava o governo de Lisboa em André Vidal de Negreiros que ainda o noméou Governador de Angola, onde substituio a Vieira; e mais tarde governador de Pernambuco pela segunda vez!..

André Vidal era justiceiro, e severo cumpridor de seus deveres. Fallando desse illustre parahibano, disse o padre Vieira em uma carta ao primeiro rei da casa de Bragança:

« Tem vossa magestade mui poucos no seu reino que sejam como André Vidal; é tanto para tudo o demais como para soldado; muito Christão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, e sobre tudo muito desinteressado. »

Por muitas vezes, senhores, Vidal de Negreiros deu provas de sua piedade religiosa; mas o acto que manifestou com mais segurança o seu espirito de religiosidade foi a fundação de um Templo dedicado a Santissima Virgem.

Quanto é bello ver o valente general, depois de ter libertado a sua patria, embainhar a espada, e curvar os joelhos dentro daquelle mesmo Templo, que em cumprimento de seu voto havia levantado?

Nas suas terras e fazendas do rio de Itambé, freguezia de Goianna, erigio elle uma Igreja com a invocação de Nossa Senhora do Desterro, para a qual fez doação de patrimonio por escriptura de 23 de Dezembro de 1660, lavrada na camara episcopal da Bahia, a cujo bispado ainda pertencia Pernambuco.

Em 12 de maio de 1678, por escriptura desta data no Bairro de Santo Antonio, povoação do Recife e pelo tabellião Antonio Soares, vinculou muitos bens para referida capella, entre os quaes dous famosos e bem fabricados engenhos; o de São João Baptista da Parahiba, e o engenho Novo de Goianna; e no seguinte anno de 1679, sollicitou e obteve do primeiro bispo de Pernambuco D. Estevão Brioso de Figueiredo, a elevação da referida capella a freguezia, separada da de Goianna.

Entretanto André Vidal de Negreiros, esse guerreiro famoso que viveu combatendo pelo Brazil, que por vezes derramou seu sangue no campo da batalha; o restaurador de Pernambuco; esse mesmo que o Sr. Varnhagem não hesita em apresenta-lo como digno até de figurar em uma epopéa nacional; não tem uma columna, uma estatua levantada a seu nome, e nem um epitaphio honroso. Doe-nos n'alma, mas é forço dize-lo, nem temos certeza do dia seu fallecimento e do lugar de sua sepultura! ... (*)

O Sr. commendador Mello, no segundo tomo de suas biographias, pagina 181, nota primeira, diz que Vidal de Negreiros fallecera no dia 3 de Fevereiro de 1681 no seu engenho Novo de Goianna; mas a ordem regia dirigida ao Governador de Pernambuco Ayres de Souza Castro, ordenando-lhe que recommendasse *ao herdeiro de André Vidal*, o pagamento do donativo do dote de Inglaterra

(*) Quando escrevi este discurso, não tinha ainda lido o Testamento de André Vidal de Negreiros, em procura do qual então andava. Tenho entre mãos uma copia desse Testamento, onde encontrei que, fallecendo Vidal no seu engenho Novo de Goianna do dia 13 de Fevereiro de 1680, neste mesmo dia fora alli solemnemente aberto o referido Testamento e mais dous Codicillos que elle havia mandado fazer em Janeiro daquelle mesmo anno.

Prevalecem por tanto as considerações que fiz neste discurso sobre a data do fallecimento de Vidal, muito perto da qual andei com a minha conjectura.

e paz de Hollanda, põe em duvida a veracidade daquella data, visto que a referida ordem regia foi escripta em Lisboa no dia 22 de Janeiro daquelle mesmo anno.

Si Vidal morreu em Fevereiro, no mez anterior ainda existia, mas em Lisboa sabia-se da sua morte em Janeiro, logo elle morreu muito antes desse tempo.

E' de presumir que o seu fallecimento se verificasse em fins do anno de 1680.

André Vidal de Negreiros, fidalgo da casa real, do conselho de guerra de sua magestade, commendador das commendas de Christo e da de São Pedro do Sul, alcaide-mór das villas de Marialva e Oeiras, mestre de campo, Governador e capitão general que foi do Maranhão, do reino de Angola, e por duas vezes da capitania de Pernambuco e suas annexas, desceu a sepultura 26 annos depois que salvou sua patria do jugo estrangeiro.

Senhores.—No meio das acclamações de todos os homens generosos e verdadeiramente interessados pela prosperidade do paiz, erguemos nós este Instituto. Sua existencia ja é uma realidade ; seus fins são conhecidos, e sua utilidade irá se reduzindo a factos toda a vez que os esforços, as tentativas e os cuidados de seus membros, forem seguidos e amparados pelo concurso benefico, animador e patriotico de todos os que nos observam.

Temos terminado a tarefa que nos impozemos ; e teriamos a vaidade de have-la desempenhado, se não nos humilhasse tanto a consciencia de nossa nullidade.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1866.— *Salvador Henrique de Albuquerque.*

———

POESIA

DO SR. VICTORIANO PALHARES, RECITADA NA SESSÃO ANNIVERSARIA DO INSTITUTO, NO DIA 27 DE JANEIRO DE 1866.

Quebra-se a pedra de um tumulo
E salta um espectro de pé;
O povo d'ancia no cumulo
Pergunta á historia: Quem é?
Desprendem-se as ventanias,
Revolvem-se as cinzas frias,
Das éras que já lá vão,
E surge a voz que responde,
Que a verdade não se esconde,
Porque a verdade é clarão.

E foi d'aqui, deste monte,
Que a taboa da lei desceu;
Foi d'aqui, deste horizonte,
Que o raio se desprendeu;
E a geração do presente
Ajoelhou reverente
D'um cemiterio no chão
Osculando as urzes frias
Das sepulturas dos Dias,
Negreiros e Camarão.

Era tempo de acordar-se
Desse lethargo fatal;
Era tempo de pagar-se
Esse tributo real.
As trevas pesavam tanto!
Era de morte esse manto
Que o sol queria occultar.
Os astros se rebellaram,
As luzes se derramaram,
E a aurora pôde raiar.

E dessa alvorada linda
Os astros quaes foram? Vós!
Que vos lembrastes ainda
Que eramos filhos de heróes;
De heróes que dormiam quedos
Na solidão dos lagedos
De suas campas sem luz,
Onde a lembrança saudosa
Nem desfolhava uma rosa,
Nem levantava uma cruz.

Porque tanta indifferença?
Porque tanto desamor?
Agora, sob a sentença
Do remorso esmagador,
Cumpre que, em face da historia,
Honremos essa memoria,
Que lançada á ingratidão,
As mãos do tempo e do vento,
De poeira e de esquecimento,
Cobriam na escuridão.

Por termos muitas victorias,
Muitas c'rôas triumphaes,
Morreram essas memorias?
— Nunca as palmas são de mais —
Da gloria á columna d'ouro
Jámais o peso de um louro
Fez dobrar o capitel.
— Quando se é tão ditoso,
Não custa sentir um gozo,
Nem apanhar um laurel.

Desta Provincia de bravos
Eis o seu dia melhor!
Não podia haver escravos
Onde só Deus é Senhor;
Onde o sangue queima as veias,

Onde o volcão das idéas
De cada fronte transluz;
E sonhos e alma se ateiam
E sonhos e alma vagueiam
Pelas espheras azues.

Foi um triumpho bem grande,
Esse triumpho de então !
Como essa gloria se espande
Nos braços da tradição !
Ella pede uma epopéa.
Essa espada, essa idéa
Que eternisaram-se alli
Procuram — resuscitadas : —
Suas estatuas sagradas.
— Merecem templos aqui : —

Vamos assim do passado
Erguendo as cruzes do pó.
O presente — illuminado—
Não tacteia com Jacob.
Vamos assim ; a cruzada,
Que se atira devotada
Dos erros contra o furor,
Corre, vôa entre fulgores;
Cahirá coberta de flores
De pranto e bençãos de amor.

Já findou-se a hora escura ;
Já vai acordando o sol.
Ao longe, ao longe fulgura
A luz de novo arrebol.
Leguemos pois aos vindouros
A nossa herança em thesouros
Melhores que uns mausuleus.
Por ora o que temos ? — Nada !
Um livro aberto, uma espada.
E' alguem nos contempla : — Deus !

ASSEMBLEA GERAL

Sessão especial de eleição no dia 22 de Fevereiro de 1866.

Presidencia do Exm. Sr. Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Joaquim Portella, Aprigio Guimarães, Witruvio Pinto Bandeira, Nascimento Feitosa, Amaro de Albuquerque, Soares Brandão, Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão:

O Sr. 2.° secretario occupa a cadeira do Secretario perpetuo, que participou não poder comparecer, e dá conta do seguinte expediente:

Um officio do Sr. G. de Lailhacar acompanhando uma brochura hespanhola intitulada *Mappoteca Colombiana* ou catalogo das cartas, plano e vistas da America do Sul, e um exemplar ricamente incadernado do catalogo da livraria franceza, de que é proprietario; objectos estes que o mesmo senhor offerece ao Instituto. — Recebidos com agrado, manda-se archivar.

Outro do Exm. Desembargador Provedor da Santa Casa da Misericordia, communicando que, de conformidade com a deliberação da Junta respectiva, achava-se avivado o distico que ha em frente da Casa dos Expostos, como fôra solicitado pelo Instituto.—Inteirado.

Outro do Exm. Vigario Capitular, convidando ao Instituto para assistir a solemnidade da entrada do Exm. Rvm. Sr. Bispo Diocesano na Cidade Episcopal de Olinda.—Inteirado.

O Sr. Dr. Nascimento Feitosa declara que fôra por parte do Instituto assistir a esse acto em companhia dos Srs. Drs. Joaquim Pires Machado Portella e José Joaquim da Fonseca, declarando

igualmente que, por occasião de ir convidar ao mesmo Exm Senhor afim de assistir a festa anniversaria, tivera S. Exc. a bondade de dizer-lhe, para fazer sentir ao Instituto, que almejava instantemente concorrer tambem para a erecção das estatuas, que o Instituto trata de elevar nesta Cidade aos herões da restauração pernambucana do dominio batavo.

Outro do Sr. André Ferreira de Almeida offertando um retrato a oleo em ponto natural, por elle desenhado, do herõe João Fernandes Vieira; e declarando que, com igual fim, prepara os tres retratos dos outros herões Camarão, Henrique Dias e Vidal de Negreiros.—Manda-se officiar ao mesmo senhor, agradecendo-lhe cordialmente a offerta já realisada, bem como a que pretende ainda fazer.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco* offertados pelo consocio Commendador Manoel Figueirôa de Faria— Recebidos com agrado, manda-se archivar.

Uma brochura da Carta Pastoral dirigida no dia de sua posse pelo Exm. Sr. Bispo Diocesano D. Emmanuel de Medeiros, que remettendo duas ao Exm. Monsenhor Presidente do Instituto, este servio-se de offertar uma ao mesmo Instituto — Recebido com agrado, manda-se archivar.

Vem á mesa a conta da receita e despeza effectuada no anno social findo, apresentada pelo respectivo Thesoureiro.—A' commissão de fundos e orçamentos.

Leu-se uma proposta para socio honorario.— A' commissão de admissão de socios.

Passando-se a eleição dos membros da mesa administrativa e das respectivas commissões, dá o seguinte resultado :

Monsenhor Francisco Muniz Tavares, Presidente.

Dr. Joaquim Pires Machado Portella, 1.· Vice-Presidente.

Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, 2.· Vice-Presidente.

Padre Mestre Lino do Monte Carmello Luna, 3.· Vice-Presidente.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, Orador.

Dr. Gervazio Rodrigues Campello, Thesoureiro.

Major Salvador Henrique de Albuquerque, 2.· Secretario.

Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos, 1.· supplente do 2.· Secretario.

Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, 2.· dito.

Commissão de fundos e orçamentos.

Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.
Dr. Antonio Maria de Faria Neves.
Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão.

Commissão de Redacção da Revista.

Dr. Antono Rangel de Torres Bandeira.
Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.
Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão.

Commissão de revisão de manuscriptos.

Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque.
Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo.
Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.

Commissão de trabalhos historicos e geographicos.

Major Salvador Henrique de Albuquerque.

Padre Mestre Lino do Monte Carmello Luna.
Dr. Ayres de Albuquerque Gama.

Commissão subsidiaria da precedente.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.
Dr. Innocencio Seraphico de Assis Carvalho.
Dr. Antonio Maria de Faria Neves.

Commissão de trabalhos geographicos.

Dr. Manoel de Figueiroa Faria.
Dr. Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque.
Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Commissão subsidiaria da precedente.

Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos
Dr. Innocencio Seraphico de Assis Carvalho.
Dr. Joaquim de Souza Reis

Commissão de admissão de Socios.

Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.
Dr. Ayres de Albuquerque Gama.
Dr. Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque.

Commissão de pesquiza de manuscriptos.

Felippe Mena Callado da Fonseca.
Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque.
Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão.

Terminado o acto, o Sr. Padre Lino toma a palavra e faz varias considerações em ordem a justificar a urgencia que ha de ser approvado o parecer

da commissão de trabalhos historicos e archeologicos, para um exame medico nos ossos encontrados em ultimo lugar na sepultura, que se presume ser de João Fernandes Vieira, e sendo estas considerações tomadas na devida importancia, foi resolvido naquelle sentido, sendo então nomeados pelo Sr. Presidente para formarem a commissão medica os Srs. Drs. Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, Francisco Pires Machado Portella e facultativo André Ferreira de Almeida.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 5 de Abril proximo futuro, a posse dos novos eleitos, discussão do orçamento, trabalhos e pareceres de commissões e votações adiadas.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2. Secretario.

60.ª sessão ordinaria no dia 5 de Abril de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Machado Portella, Soares de Azevedo, Witruvio, Soares Brandão, Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte, Major Salvador Henrique, e o socio correspondente Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da sessão antecedente, que é approvada.

Tomaram posse dos respectivos lugares para que foram eleitos, os senhores que se acham presentes.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Exm. Ministro da Guerra datado de 7 de Março ultimo, declarando que em consideração ao pedido do Instituto feito em officio de 4 de Janeiro deste anno, havia ordenado ao Presidente desta Provincia, em aditamento ao aviso de 14 de Setembro do anno passado, que remettesse tão somente para a Côrte uma das peças de bronze, conservando-se a outra no Arsenal de Guerra desta Cidade, para o fim solicitado. — Inteirado, e que se respendesse agradecendo.

Outro do Exm. Vice-Presidente da Provincia, datado de 16 de Março findo, communicando que, por aviso do Ministerio da Guerra de 7 daquelle mesmo mez, se havia ordenado a remessa para a Côrte tão sómente de uma das peças de bronze solicitadas pelo Instituto. — Inteirado, e que se respondesse.

Em referencia a dous officios de convites, um da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos do Recife ; e outro da Sociedade Beneficente dos Artistas Alfaiates, que tambem foram lidos, declara o mesmo Sr. Secretario perpetuo, que por acharse em ferias o Instituto deixou de ser representado naquellas solemnidades. — Inteirado.

Vem á mesa varios numeros do *Diario de Pernambuco*, offerta do Sr. Commendador Figueirôa. — Recebidos com agrado, mandam-se archivar.

São lidas e remettidas á respectiva commissão, duas propostas para socios, assignadas, uma pelo Sr. Dr. Soares de Azevedo, e outra pelo Sr. Padre Lino do Monte.

O Sr. Dr. Witruvio, como relator da commissão de admissão de socios, dá leitura de dous pareceres favoraveis as propostas para socios honorarios do Exm. Bispo Diocesano, e do Exm. Visconde de Camaragibe ; para effectivo, ao Dr. Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, e para

a planta n. 33 que vem na obra de Gaspar Barleu, edição de 1647, impressa em Amsterdam, e na lingoa latina.

A Capella do Senhor Bom Jesus porém, edificada sobre aquelle mesmo arco com acrescimo na largura delle, foi obra dos Portuguezes depois da restauração.

Além de muitas outras circunstancias, é este facto confirmado com o que disse o fallecido Sr. Marquez de Paraná, quando Presidente desta Provincia,no seu relatorio á Assembléa Provincial em 7 de Abril de 1850, propondo a demolição daquelle monumento historico nos seguintes termos :

« O arco que se acha collocado na extremidade da rua da Cruz do bairro do Recife, disse elle, não é hoje uma porta da cidade, visto que ella se prolonga além do dito arco, que não serve senão de obstruir a mencionada rua da Cruz, impedindo seu aformoseamento e livre communicação com a rua do Pilar.

« Sobre o dito arco está edificada a Capella do Senhor Bom Jesus das Portas, que parece existir desde o anno de 1667, e ter sido edificada por concenso do Governador e Capitão General desta Provincia André Vidal de Negreiros. »

A' vista do exposto parece a commissão que não se deve demorar por mais tempo a collocação da lapida assignalativa do lugar do referido arco, como foi deliberado por este Instituto em sesão de 3 de Agosto do anno passado.

Cumpre agora a commissão relatar ao Instituto que, com os trabalhos desta escavação nada se despendeu, porquanto o nosso socio Sr. Barão do Livramento, os mandou executar pela mesma gente que trabalhava no encanamento das ruas, ordenando, a pedido da commissão, que no lugar indicado, se alargasse a escavação para serem melhor descobertos os lagedos que alli estivessem;

o que se effectuou, tirando-se grande numero de pedras, algumas assás volumosas e extensas.

Notaremos finalmente que, o nosso socio Sr. Capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida continuou por esta occasião a prestar todo o auxilio de que precisou a commissão para as suas pesquizas e averiguações; tornando-se deste modo ambos estes senhores dignos de nosso reconhecimento. Eis o que a tal respeito tem a commissão de relatar a este Instituto.

Sala das sessões do Instituto, 5 de Abril de 1866. — *Salvador Henrique de Albuquerque.* — *Padre Lino do Monte Carmello Luna*. »

O Sr. Dr. Witruvio obtendo a palavra relata á commissão de fundos e orçamentos, apresentando o projecto de orçamento da despeza para o corrente anno academico de 1866 a 1867, bem como o parecer sobre as contas do Thesoueeiro do Instituto, relativas ao anno findo.

Adiada a respectiva discussão para a proxima sessão, visto não estar presente o Sr. Thesoureiro.

O Sr. Presidente nomêa para fazerem parte da commissão medica, que tem de proceder a exame nos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira, aos Srs. Drs. Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Ignacio Firmo Xavier.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, quedeverá ter lugar no dia 19 do corrente, discussão das materias adiadas, trabalhos e pareceres de commissões, e votação de propostas para socios.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2. Secretario.

---

correspondente do Rvd. Dr. Antonio da Cunha Figueiredo. — Adiada a respectiva votação para a sessão seguinte.

O Sr. Major Salvador Henrique, relatando á commissão de trabalhos historicos e Archeologicos, dá leitura dos seguintes pareçeres:

Primeiro, no sentido de solicitar-se desde já da Illustrissima Camara Municipal a concessão de 30 palmos em quadro e a respectiva demarcação de terreno, nos centros do campo das Princezas, pateo do Arsenal de Marinha, dito da Fortaleza das Cinco Pontas, e praça da Boa-Vista, afim de serem ahi erigidas as estatuas de Camarão, Vieira, Vidal e Henrique Dias. — Approvado.

Segundo, no sentido de solicitar-se da Illustrissima Junta adminitrativa da Santa Casa da Misericordia, a permissão de trasladar-se de Olinda para a Igreja do Paraiso desta Cidade, os ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira, afim de serem mais facilmente examinados pela commissão medica, visto a difficuldade de ser esse exame alli feito, não sómente pela distancia e incommodo de viagem, como pela despeza de conducções. — Approvado.

Terceiro, no sentido de ser approvada uma indicação do Sr. Dr. Witruvio, para que se nomêem commissões afim de promoverem uma subscripção popular, que coadjuve a despeza com a erecção das estatuas decretadas.

O Sr. Dr. Soares Brandão obtendo a palavra depois de algumas considerações, manda á mesa um requerimento para que fique adiado este parecer até a decisão de uma sua indicação, que trata do modo pratico de realisar-se a idéa das estatuas.

Discutido o requerimento é approvado e adiado o parecer.

Em seguida o Sr. Major Salvador Henrique,

dá leitura do seguinte relatorio, cuja discussão é tambem adiada para a proxima sessão.

« Tendo o Instituto, em sessão do dia 23 de Novembro do anno passado, deliberado sob proposta de um de seus membros, mandar fazer uma escavação no lugar do antigo arco do Bom Jesus do Recife, afim de ver si nos alicerces que ainda restam debaixo da terra, descobria-se alguma lapida inscriptiva da qual colligissemos a data de sua fundação ; verificou-se esta diligencia cujo rerultado não satisfez os desejos da commissão de trabalhos historicos e Archeologicos.

Todavia, si ficamos frustrados no ponto principal desta resolução, não deixou ella de ter sua utilidade, pois que das investigações a que procedeu a commissão pôde vir no conhecimento do lugar em que precisamente esteve collocado o mencionado arco, cujos vestigios achavam-se quasi imperceptiveis e duvidosos; e finalmente que, as lapidas inscriptivas e com datas, provàvelmente indicando a fundação desse monumento e talvez da Capella que sobre elle existia, se acham sepultadas nos alicerces da torre do Arsenal de Marinha, que foram construidos no tempo da inspecção do Sr. Chefe de esquadra reformado Rodrigo Theodoro de Freitas.

Esta ultima asserção foi-nos referida em presença de varias pessoas, e do actual Inspector daquelle Arsenal, por Manoel Clemente de Santa Rosa, antigo morador de Fóra de Portas, e que, como disse elle, trabalhára na referida obra na qualidade de mestre pedreiro ; sendo anteriormente testemunha da demolição do referido arco.

Que este arco, antiga porta da Cidade do Recife, e as fortificações lateraes foram obras dos Hollandezes, a historia o diz, menos a data de sua fundação que, a não encontramos, sendo porém certo que em 1637 já existia elle ; o que nos mostra

Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2.° Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Provedor da Santa Casa de Misericordia desta Cidade, datado de 24 de Abril ultimo, declarando que a Junta administrativa não consentia na transferencia dos ossos, da Igreja da Misericordia de Olinda para a do Paraiso desta Cidade, solicitada por este Instituto em officio daquella data. — Inteirado.

Outro do Rvd. Dr. Antonio da Cunha e Figueiredo, agradecendo a sua eleição para socio correspondente do Instituto. -- Inteirado.

Outro do Cirurgião André Ferreira de Almeida, solicitando despensa da commissão medica para o exame que se vai proceder nos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira. — Foi despensado.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo declara acharem-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Dous folhetos relativos á colonisação polaca, pelo Sr. Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho.— Recebe-se com agrado, e manda-se para o archivo.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, remettidos pelo Sr. Commendador Figueirôa. — Recebe-se com agrado, e manda-se archivar.

São remettidas á respectiva commissão varias propostas para admissão de socios, assignadas pelos Srs. Drs. Raposo de Almeida e Amaro de Albuquerque, e pelo Sr. Padre Lino do Monte.

Vem á mesa a seguinte proposta que depois de discutida é approvada.

Proponho, que em vista da negativa que acaba de dar-nos a Junta administrativa da Santa Casa de Misericordia desta Cidade, sobre a concessão

da transferencia dos ossos encontrados na presumida sepultura do João Fernandes Vieira; de Olinda para a Igreja do Paraiso, onde se deve proceder ao exame medico; si officie ao Exm. Prelado Diocesano, solicitando-lhe a referida transferencia.

Sala do Instituto em sessão, 17 de Maio de 1865.—*Salvador Henrique de Albuquerque*.

O Sr. Dr. Witruvio relatando a commissão de fundos e orçamento, dá leitura do parecer que approva as contas do Sr. Thesoureiro, relativas ao anno academico findo. — Neste sentido resolve o Instituto.

O mesmo senhor faz em seguida a leitura do orçamento da receita e despeza para o anno academico de 1866 a 1867, o qual posto em discussão é approvado, depois de algumas considerações dos Srs. Drs. Machado Portella e Witruvio P. Bandeira.

O Sr. Dr. Amaro de Albuquerque por occasião desta discussão, obtendo a palavra, offerece ao Instituto dous livros proprios para a thesouraria respectiva, cuja escripturação mandaria fazer a sua custa.

Entra em discussão o parecer da commissão de estatuas, adiado da sessão de 23 de Novembro do anno passado, o qual conclue pela rejeição da indicação do Sr. Dr. Soares Brandão, em que propõe aquelle senhor a erecção de um só monumento destinado a testemunhar a gratidão da Provincia a todos os seus heroicos restauradores. —E' approvado o parecer, e prejudicada a indicação.

O Sr. Dr. Aprigio Guimarães obtendo a palavra, dá leitura do seguinte parecer, que vai a imprimir para ser discutido.

A commissão encarregada de apresentar um projecto de inscripção para a lapida commemora-

61.ª Sessão ordinaria no dia 19 de Abril de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Witruvio P. Bandeira, Amaro de Albuquerque, e Rodrigues Campello, e os Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique, abre-se a sesão.

O Sr. 2.° Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada, e no impedimento do Sr. Secretario perpetuo, declara não haver expediente, e apenas acharem-se sobre a mesa varios numeros do *Diario de Pernambuco*, continuação da offerta do Sr. Commendador Figueirôa. — Recebe-se com agrado, e manda-se para o archivo.

E' remettida á respectiva commissão uma proposta para socios correspondentes assignada pelos Srs. Padre Lino do Monte, e Major Salvador Henrique.

Procede-se a leitura do parecer da commissão de fundos e orçamentos approvando o balanço de receita e despeza do anno academico de 1865 a 1866, apresentado pelo Thesoureiro do Instituto, cuja discussão fica adiada, bem como a do projecto do orçamento pela mesma commissão apresentado para o anno de 1866 a 1867.

Em seguida corre o escrutinio e são approvados para socios honorarios o Exm. e Rvm. Sr. D. Emmanuel de Medeiros Bispo Diocesano, e o Exm. Sr. Visconde de Camaragibe; para effectivos, os Srs. Drs. Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos e Francisco Manoel Raposo de Almeida; e para correspondentes, os Srs. Drs. Rvd. Antonio da Cunha e Figueiredo e Francisco Apoligorio Leal.

O Sr. Dr. Rodrigues Campello obtendo a pa-

lavra declara que, os seus variados e actuaes afazeres o obrigam a pedir exoneração do cargo de Thesoureiro, ou então a sua substituição emquanto durarem os motivos que o privam actualmente de exercer este cargo.

O Instituto resolve não conceder a exoneração pedida, e em consequencia o Sr. Presidente nomêa para Thesoureiro interino ao Sr. Dr. Amaro de Albuquerque.

Entra em discussão a ultima parte do relatorio lido na sessão passada, e vem sobre a mesa a inscripção que deve ter a lapida assignalativa do arco do Bom Jesus, e depois de algumas considerações feitas pelo Sr. Dr. Machado Portella, vai a mencionada inscripção á commissão dos Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Rodrigues Campello, e Major Salvador Henrique, designados especialmente pelo Sr. Presidente, para reverem a respectiva redacção.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 3 de Maio proximo; discussão das materias adiadas, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2.° Secretario.

62.ª Sessão ordinaria no dia 17 de Maio de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Witruvio P. Bandeira, Amaro de Albuquerque, Soares de Azevedo, e Raposo de Almeida, e os Srs. Padre

tiva do arco e Capella do Senhor Bom Jesus das Portas; offerece a proposta junta á consideração do Instituto.

Sala das sessões do Instituto, 17 de Maio de 1866.—*Dr. Aprigio Guimarães.* —*Salvador Henrique de Albuquerque.*

LAPIDA COMMEMORATIVA

DO

ARCO

QUE FOI ANTIGA PORTA DA CIDADE

E DA

CAPELLA

DO SENHOR BOM JESUS DAS PORTAS LEVANTADA SOBRE

O MESMO ARCO.

A' FRENTE DESTA LAPIDA,

E OCCUPANDO TODA A LARGURA DA RUA,

ESTAVAM OS SOBREDITOS MONUMENTOS DEMOLIDOS

EM 1850.

O INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO

A MANDOU COLLOCAR

EM

1866.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião que deverá ter lugar no dia 7 de Junho, votação de materias adiadas, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

Impresso em Pernambuco — Typ do Jornal do Recife.—1868.

MATERIAS CONTIDAS NESTE N.º 10.

REVISTA

DO

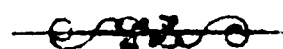
INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

(TRIMENSAL)

TERCEIRO ANNO -- TOMO PRIMEIRO

ABRIL DE 1866

N. 11.



RECIFE

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO RECIFE

Rua do Imperador n. 77

MDCCCLXIX

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja.

S. Rita Durão Caram. C. iv, Est. 59.

ABRIL DE 1866 N. 11

63ª Sessão ordinaria, em 14 de Junho de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Joaquim Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Witruvio P. Bandeira, Soares Brandão, Nascimento Feitosa, Amaro de Albuquerque, Torres Bandeira e Cicero Peregrino, e os Srs. padre Lino do Monte, e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada com a observação feita pelo Sr. Dr. Aprigio, afim de que se não omittisse a circumstancia de haver o Instituto, a requerimento seu, agradecido ao Sr. Dr. Amaro de Albuquerque a offerta que lhe fazia de dous livros em branco para a thesouraria respectiva, e da escripturação feita á sua custa.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Exm. e Rvm. Sr. Bispo Diocesano, acceitando com agradecimento a nomeação de socio honorario.—Inteirado.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, offertados pelo Sr. commendador Figuerôa.—Recebidos com agrado, vão para o archivo.

Diccionario da Conversação e da leitura, em fran-

cez, 16 volumes; offerta do Sr. Dr. Faria Neves.—Recebido com agrado, manda-se archivar.

Um exemplar dos estatutos da sociedade Instituto dos Advogados dos pobres, offertado pela direcção do mesmo.—Recebido com agrado, manda-se archivar.

Constando achar-se na ante-sala o Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, o Sr. Presidente nomea para a commissão que tem de receber aos Srs. Dr. Soares Brandão e padre Lino do Monte.

Conduzido aquelle senhor pela commissão, toma assento, e depois de obter a palavra, dirige em breve allocução o seu agradecimento ao Instituto.

O Sr. Dr. Feitosa, como orador, obtém a palavra, e responde ao novo socio, congratulando-se pela bôa vinda de tão importante operario.

O Sr. major Salvador Henrique, obtendo a palavra, declara que a commissão de trabalhos historicos e archeologicos, em conferencia com a commissão da Illma. Camara Municipal, terminou os seus trabalhos relativos á mudança de nomes de algumas ruas desta cidade, e que estes já foram apresentados em camara, para ulterior deliberação.

O mesmo senhor declara que, tendo o Instituto obtido de S. Exc. Rvm. o Sr. Bispo Diocesano despacho favoravel para a transferencia dos ossos encontrados na sepultura presumida de João Fernandes Vieira; da igreja da Misericordia de Olinda para a do Paraiso desta cidade, afim de proceder-se ao exame scientifico deliberado pelo Instituto; e devendo este despacho ser apresentado á Junta Administrativa da Santa Casa, para que possa ter execução a transferencia referida; consulta ao Instituto sobre o modo da apresentação do mesmo despacho.

Posta em discussão a referida consulta, tomam parte nella os Srs. Dr. Soares de Azevedo, Joaquim Portella, Nascimento Feitosa, Raposo de Almeida, e o mesmo Sr. Salvador Henrique; depois do que, re-

solve-se que a commissão respectiva fique incumbida de dar todos os passos para a effectividade dessa transferencia e exame, bem como de apresentar á Junta Administrativa da Santa Casa o mencionado despacho, por meio de requerimento.

E' remettida á commissão de admissão de socios, uma proposta para socio correspondente.

Approva-se a inscripção que deve ter a lapida commemorativa da existencia do demolido arco do Bom Jesus, que foi antiga porta da cidade do Recife.

E' lida e addiada a seguinte proposta:

« Proponho que, na transferencia que se tem de fazer de Olinda para esta cidade, dos ossos que se presumem ser de Vieira, seja feita em carro funebre e com acompanhamento dos socios deste Instituto, para o que se farão os convites pelos jornaes. Recife, 14 de Junho de 1866.—*Amaro de Albuquerque.*

E' lida, discutida e approvada a seguinte proposta:

« Considerando ser de grande utilidade e real vantagem uma mutua correspondencia deste Instituto com o Historico e Geographico do Rio de Janeiro, proponho que desde já se abra com elle esse vinculo de fraternidade, remettendo-se-lhe os numeros da *Revista* publicados, e continuando-se na remessa das mesmas opportunamente. Sala das sessões, 14 de Junho de 1866.—*Padre Lino do Monte Carmello Luna.* »

E' lida a seguinte proposta, que, a requerimento de seu autor, vai á commissão de redacção da *Revista*:

« Art. additivo. O socio effectivo, que houver pago a sua joia de entrada e que se atrasar no pagamento das mensalidades até dous annos, fica considerado correspondente, embora continue a residir na séde do Instituto; podendo ao depois continuar como effectivo, se entrar para o cofre com toda a importancia do seu debito.

« Revoga-se a ultima parte do art. 7 dos additivos.

« Art. idem. O numero de socios effectivos fica elevado a cincoenta.

« Revoga-se o art. 4· dos Estatutos. Sala sessões do Instituto, 14 de Junho de 1866.—*Salvador Henrique de Albuquerque*.

O Sr. Dr. Witruvio, relatando a commissão de admissão de socios, faz a leitura de um parecer, approvando varias propostas, cuja votação fica addiada para seguinte sessão.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 28 do corrente, discussão de materias addiadas, e trabalhos e pareceres de commissões. Levanta-se a sessão—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Scretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

64ª Sessão ordinaria, no dia 28 de Junho de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Soares Brandão, Cicero Peregrino, Amaro de Albuquerque, Soares de Azevedo e Raposo de Almeida, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura a acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente.

Acham-se sobre a mesa varios numeros do *Diario de Pernambuco*, continuação da offerta do Sr. com-

mendador Figuerôa.—Recebidos com agrado, mandam-se archivar.

O Sr. major Salvador Henrique, relatando a commissão de trabalhos historicos e archeologicos, declara que, por officio de 22 do corrente, o Exm. Provedor da Santa Casa da Misericordia desta cidade, communicou á mesma commissão ter a illustrissima Junta administrativa, em sessão do dia anterior, expedido todas as ordens para a transferencia dos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira, de Olinda para a igreja do Paraizo; e que ficára nomeada a commissão daquella Junta, composta dos Srs. major José Joaquim Antunes e capitão Vicente de Paula de Oliveira Villas-Bôas, com quem devia a do Instituto entender-se para este fim; sendo com este officio devolvidas as petições que haviam sido submettidas a aquella administração.

Entra em discussão a proposta do Sr. Dr. Amaro de Albuquerque, addiada da sessão passada, para que a transferencia dos ossos seja feita em carro funebre e com acompanhamento de socios; e depois de algum debate, em que tomaram parte varios senhores, inclusive o autor da proposta, é esta addiada para depois do resultado do exame scientifico; e entretanto autorisada a commissão de trabalhos historicos e archeologicos a effectuar a transferencia, como conveniente fôr ao respeito e acatamento devido ás cinzas dos mortos.

O Sr. Dr. Amaro de Albuquerque, thesoureiro interino, obtendo a palavra, apresenta sobre a mesa os dous livros em branco que havia offerecido para a escripturação da thesouraria, afim de serem os mesmos rubricados pelo Sr. Presidente; e ponderando a necessidade de um outro livro, segundo a opinião do Sr. Dr. Witruvio, membro relator da commissão de fundos e orçamentos, promette offertal-o igualmente ao Instituto.

Entra em discussão a indicação do Sr. Dr. Witruvio, ha muito addiada, e o parecer da commissão especial de estatutos sobre ella dado em 5 de Abril do corrente anno, no sentido de que sejam nomeadas commissões que se incumbam de promover em cada uma das freguezias desta cidade uma subscripção popular, afim de coadjuvar a despeza que tem o Instituto de fazer com a erecção das estatuas de Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias. Depois de fallarem sobre ella varios senhores, vem á mesa o seguinte requerimento, que é approvado sem debate:

« Requeiro o addiamento da indicação que se discute até que seu autor apresente ao Instituto os nomes de pessoas estranhas a este, que convenha que sejam nomeadas para fazerem parte das commissões de que se trata. Sala das sessões de Instituto, 28 de Junho de 1866.—*Soares Brandão.*»

Corre o escrutinio, e são approvados para socios effectivos os Srs. Drs. José Bento da Cunha Figueiredo Junior e Manoel Joaquim da Silveira.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 12 de Julho, votações addiadas trabalhos e pareceres de commissões. Levanta-se a sessão —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

65ª Sessão ordinaria, no dia 12 de Julho de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Nascimento Feitosa, Soares de Azevedo, Raposo de

Almeida, Witruvio P. Bandeira, Soares Brandão, Amaro de Albuquerque, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte expediente:

Um officio do Sr. major Antonio Bernardo Quinteiro, offerecendo gratuitamente ao Instituto um carro funebre, para a transferencia dos ossos que se tem de fazer da igreja da Misericordia de Olinda para a do Paraizo desta cidade, declarando ao mesmo tempo que deste modo desejava concorrer para tão louvavel e patriotico fim.

Recebido com agrado o offerecimento, mandou-se responder, agradecendo.

Um exemplar da exposição do ex-inspector da alfandega da provincia d'Alagôas, bacharel José Antonio de Magalhães Bastos, relativamente a sua demissão, offertado pelo mesmo senhor.—Recebido com agrado, manda-se archivar.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, continuação da offerta do Sr. commendador Figuerôa.—Recebido com agrado, mandam-se para o archivo.

O primeiro numero do periodico –*O Oriente*, offerecido pela respectiva redacção.—Recebido com agrado, manda-se archivar.

Uma copia de um officio do escrivão da Camara Municipal do Recife, datado de 2 de Outubro de 1819, communicando a Domingos Antonio de Faria a sua eleição para juiz almotacel.

Outra do officio de offerecimento, feito por Domingos Antonio de Faria, de uma partida de marquetas de sebo ao governo de El-Rei, em 31 de Agosto de 1819.

Outra de um officio do governador de Pernambuco, Caetano Pinto, datado de 18 de Junho de 1807, incumbindo a Felix José de Arantes do encaixamen-

to dos assucares dos engenhos, zelando os interesses do soberano.

. Outra de uma carta regia de 19 de Agosto de 1821, mandando cumprir immediatamente a sentença que fosse proferida contra os chefes principaes da revolução de 1817.

Outra de duas proclamações da Junta governativa de Pernambuco aos seus habitantes, em 7 e 19 de Setembro de 1821.

Outra de duas proclamações do governo do reino de Portugal, datadas de 24 e 29 de Agosto de 1820, e de um officio com data de 20 de Setembro do mesmo anno, convidando a Domingos Antonio de Faria para tomar parte na eleição da Junta provisoria governativa.

Outra de um requerimento de José Gonçalves Lages, pedindo sua soltura, visto não ter elle tomado parte alguma nos disturbios contra o batalhão ligeiro.

Outra dos esclarecimentos sobre os successos da provincia do Pará, logo depois da abdicação do Sr. D. Pedro I, escriptos por José Fonte de Villa Xepes, em 1833.

Outra de quatro proclamações, dirigidas aos habitantes do Rio-Negro, pelo commandante da expedição pacificadora.

Outra do quadro demonstrativo do rendimento da Alfandega de Pernambuco, no anno financeiro de 1855 a 1856, comparado com os tres annos anteriores.

Um exemplar da proclamação da Junta governativa de Pernambuco, em 7 de Outubro de 1821.

Outro do Manisfesto do governo constitucional, em 11 de Setembro de 1821.

Outro da Proclamação da Junta governativa aos habitantes do Recife, em 22 de Setembro do mesmo anno de 1821.

Um impresso, do Hymno da independencia do Brasil.

Um exemplar do Decreto datado de 22 de Novembro de 1823, sobre a liberdade da imprensa.

Outro do Regulamento dos familiares do Santo Officio.

Outro da Taboa das garantias que offerece a constituição do Imperio aos cidadãos brásileiros.

Outro da Acta do grande conselho de 7 de Abril de 1824.

Outro do Mappa das mercadorias estrangeiras despachadas para consumo, na Alfandega de Pernambuco, de 1 de Janeiro a 30 de Junho de 1852.

Outro do Resumo comparativo da exportação para fóra do Imperio, nos exercicios de 1852 a 1853, e 1853 a 1854 e de 1854 a 1855.

Outro do *Diario de Pernambuco* de 9 de Maio de 1852, contendo o mappa da mortalidade das quatro freguezias desta cidade, de 1 de Janeiro a 31 de Março de 1853.

Todas estas copias e diversos exemplares são offertados pelo Sr. Dr. Manoel de Figueirôa.

Recebidos com especial agrado, mandam-se archivar.

Constando achar-se na ante-sala o Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, ultimamente eleito socio effectivo, o Sr. Presidente designa para membros da commissão que o tem de receber aos Srs. Drs. Soares Brandão e Raposo de Almeida; e sendo introduzido aquelle Sr. na sala das sessões, toma assento, e em seguida, obtendo a palavra, recita um discurso de agradecimento, que é respondido pelo Sr. Dr. Feitosa, como orador do Instituto.

Vem á meza, e é lida e approvada a seguinte proposta:

« Propomos que seja nomeada uma commissão de tres membros, para, com a devida permissão do Ordinario, ir examinar o archivo da camara ecclesiastica sob o ponto de vista historico, e bem assim fazer um relatorio dos principaes documentos que ahi se

2

possam encontrar. O mesmo em relação ao archivo de São Bento de Olinda, mediante a permissão do respectivo D. Abbade.

Sala das sessões, 12 de Julho de 1866.—*F. M. Rapozo de Almeida—J. B. da C. Figueiredo Junior —Padre Lino do M. C Luna—F. de C. S. Brandão.* »

Vem egualmente á mesa e entra logo em discussão a seguinte proposta:

« Considerando na importancia de uma obra que existe no archivo de S. Bento de Olinda, intitulada *Nobiliarchia Pernambucana*, e ao mesmo tempo no estado de deterioração a que, por sua antiguidade, vai-se reduzindo:

« Considerando mais que, a referida obra estando em manuscripto, e sendo a unica deste genero que existe na provincia, será uma perda sensivel se ella desapparecer de uma vez, visto a grande utilidade que ha prestado a muitas pessoas, em relação á parte genealogica, e á importancia que ainda tem a mesma obra, sob o ponto de vista historico:

« Proponho que o Instituto empregue os meios mais conducentes para, de commum accôrdo com o Rev. D. Abbade daquelle mosteiro, fazer-se a impressão da mencionada obra, afim de salvar-se tão importante monumento.

Sala das sessões, 12 de Julho de 1866.—*Salvador Henrique de Albuquerque.* »

Depois de algum debate, em que tomam parte varios senhores, vem á meza o seguinte requerimento, que é approvado:

« Requeiro o addiamento da discussão da proposta, até que a commissão nomeada para examinar o archivo do mosteiro de S. Bento, dê o seu parecer a respeito dessa obra.

Sala das sessões, 12 de Julho de 1866—*Nascimento Feitosa.* »

Approva-se igualmente, depois de lido e sem debate, o seguinte requerimento:

« Requeiro que se officie ao Exm. Sr. Vice-Presidente da provincia, pedindo-lhe permissão para collocar a lapida commemorativa do Arco do Bom-Jesus, que breve estará prompta, na frente do novo sobrado edificado para a residencia dos inspectores do Arsenal de Marinha; dadas por S. Exc. neste sentido as ordens necessarias.

Sala das sessões, 12 de Julho de 1866.—*Salvador Henrique de Albuquerque.* »

E' lida e remettida á commissão de redacção da *Revista*, a seguinte proposta:

« Proponho que, d'ora em diante, ninguem possa ser proposto para socio honorario do Instituto sem ser préviamente consultado, e que esta disposição faça parte da reforma dos estatutos convenientemente.

Sala das sessões do Instituto, 12 de Julho de 1866.—*José Soares de Azevedo.* »

São egualmente lidas e remettidas á respectiva commissão duas propostas, assignadas pelos Srs. Drs. Rapozo de Almeida e Amaro de Albuquerque, lembrando varios senhores para socios correspondentes.

O Sr. Presidente declara acharem-se sobre a meza e já por elle rubricados os dous livros em branco, para a escripturação da Thesouraria do Instituto, offertados pelo Sr. Dr. Amaro, e que passava a rubricar o terceiro, para lançamento da despeza, o qual aquelle senhor acabava de apresentar-lhe, com egual offerta.

O mesmo Sr. Presidente designa para membros da commissão que tem de proceder ao exame nos archivos da Camara Episcopal e de São Bento de Olinda aos Srs. Drs. Rapozo de Almeida, Cunha Figueiredo Junior e o Sr. padre mestre Lino do Monte.

Para a commissão que tem de dar o seu parecer sobre o merito e importancia do manuscripto—*Nobiliarchia Pernambucana*—Os Srs. Drs. Rapozo de

Almeida, padre Lino do Monte e major Salvador Henrique.

Para a que tem de solicitar do Exm. Vice-Presidente da provincia o pagamento da subvenção concedida ao Instituto pela Assembléa Legislativa Provincial, os Srs. Drs. Soares Brandão, Ayres Gama e Cicero Peregrino.

Corre o escrutinio, e são approvados para socios correspondentes os Srs. Barão de Muribeca, Dr. Francisco Jacintho Sampaio, Dr. Sergio Diniz de Moura Mattos, Dr. Rufino Augusto de Almeida, Rev. arcediago vigario João José Pereira, e cirurgião André Ferreira de Almeida.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 26 do corrente, votações addiadas, trabalhos e pareceres de commissões, e a leitura de uma memoria, pelo Sr. Dr. Rapozo de Almeida.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2° Secretario.

66ª Sessão ordinaria em 26 de Julho de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Cunha Figueiredo Junior. Cicero Peregrino, Amaro de Albuquerque, Soares de Azevedo, Witruvio P. Bandeira, Nascimento Feitosa, Soares Brandão, Rapozo de Almeida e Torres Bandeira, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Dr. Francisco Apoligorio Leal, declarando que aceitava e agradecia a sua eleição para socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Outro do Sr. Dr. Joaquim José de Campos, datado de 23 do corrente, participando que tem deixado de comparecer para tomar assento, por incommodo, mas que o fará na sessão de hoje.—Inteirado.

Em seguida o mesmo Sr. Secretario perpetuo faz menção das seguintes offèrtas, que se acham sobre a meza:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo Sr. commendador Figueirôa.

Um volume brochurado, contendo 22 numeros do *Diario da Administração Publica de Pernambuco*, publicados no mez de Maio do anno de 1832, pelo Sr. major Salvador Henrique de Albuquerque.

O 1· numero do periodico intitulado—*A Luz*—, pela respectiva redacção.

O 2· e 3· numeros do periodico —*O Oriente*—, pela redacção respectiva.

Duas brochuras denominadas—*Noções da Geographia do Brazil, adaptadas ás escolas primarias*, e —*Elementos de Historia Universal*—compostas pelo Sr. Dr. Rapozo de Almeida, e pelo mesmo senhor offertadas.

Um exemplar dos Ensaios estatisticos da mortalidade das quatro freguezias desta cidade, de 1 de Março de 1851 a 1 de Março de 1855, pelo Sr. Dr. Figueirôa.

Outro da Informação topographica e politica do rio S. Francisco, dada pelo coronel Ignacio Accioli de Sequeira e Silva, com ordem imperial; pelo mesmo Sr. Dr. Figueirôa.

Outro do Discurso preliminar para servir de introducção á analyse da Constituição, feito pelo Dr. João José de Moura Magalhães; pelo mesmo Sr. Dr. Figueirôa.

Outro do Mappa estatistico do cholera morbus na comarca de Pau d'Alho, de 18 de Janeiro a 30 de Abril de 1856; pelo mesmo Sr. Dr. Figueirôa.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

Constando acharem-se na ante-sala os Srs. Drs. Joaquim José de Campos e Manoel Joaquim Silveira, ultimamente eleitos para socios effectivos, o Sr. Presidente designa para membros da commissão que os tem de receber aos Srs. Drs. Cunha Figueiredo Junior e Torres Bandeira; e sendo introduzidos aquelles senhores na sala das sessões, tomam assento, e em seguida, cada um de sua vez, obtendo a palavra, agradece ao Instituto a sua admissão; respondendo-lhes em congratulação o Sr. Dr. Feitosa, como Orador do Instituto.

O Sr. Dr. Witruvio, relatando a commissão de admissão de socios, faz a leitura de um parecer, approvando varios senhores para socios correspondentes. Addiado para a seguinte sessão.

E' lida e approvada sem debate a seguinte indicação:

« A' vista dos serviços importantes prestados a este Instituto pelo Rvd. arcediago vigario de S. Pedro Martyr de Olinda João José Pereira, e cirurgião André Ferreira de Almeida, ultimamente approvados socios correspondentes do Instituto, indicamos que se expeçam gratuitamente a estes senhores os seus respectivos diplomas.

Sala das sessões, 26 de Julho de 1866.—*Padre Lino do Monte—Salvador Henrique*. »

Em seguida, o Sr. Dr. Rapozo de Almeida faz a leitura de uma sua Memoria sobre o processo mais facil de investigar, colleccionar e organisar os

materiaes da historia, recommendavel quer pela idéa e estylo, quer pelas indicações que contém.

Terminada a leitura, o Sr. Presidente, em nome do Instituto, dirige ao nobre socio algumas palavras de agradecimento; sendo aquelle senhor cumprimentado pelos demais socios.

O Sr. Presidente declara que acha-se sobre a mesa rubricado e numerado por elle, o terceiro livro que vai servir para o lançamento da despeza do Instituto, o qual foi egualmente offertado pelo Sr. Dr. Amaro de Albuquerque.

O mesmo Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 9 de Agosto vindouro, votações addiadas, e trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

BREVE MEMORIA SOBRE O PROCESSO MAIS FACIL DE INVESTIGAR, COLLECCIONAR, E ORGANISAR OS MATERIAES DA HISTORIA.

I

A historia, mais ou menos circumscripta, póde comparar-se a um edificio mais ou menos amplo, mais ou menos sumptuoso.

Sob o tecto d'este edificio tem de abrigar-se ou a humanidade, ou um povo, ou um individuo.

No primeiro caso temos a historia universal: no segundo a historia particular: no terceiro a biographia, ou a historia de um individuo.

Para a concatenação dos factos, relativos a cada um d'estes generos da historia, tem de dar-se no

mundo intellectual a mesma operação, que no mundo material se faz para a construcção de um edificio.

Para a construcção de um edificio é preciso ir á pedreira e á floresta arrancar as pedras e derrubar as madeiras, e desbasta-las e lavra-las; e depois colloca-las perto dos fossos do alicerce.

Então, quando já se acham ageitados, e a mão, os materiaes, vem o architeto, e traça a planta do edificio. As pedras argamaçam-se umas ás outras, e forma-se as paredes: as madeiras entravam-se; as janellas e portas rasgam-se simetricamente; o quadrilatero fechado pelas paredes mestras divide-se convenientemente por tabiques ligeiros; e por ultimo vem a decoração de tudo isso; e eis o edificio mais ou menos vasto, mais ou menos sumptuoso segundo os recursos de seu habitador.

Com a organisação da historia succede o mesmo, que succede com a construcção de um edificio.

A geographia e a chronologia estão para com a historia na mesma relação, em que as pedras e as madeiras estão para com o edificio: como estas são os elementos essenciaes do edificio, aquellas são os elementos essenciaes da historia.

Estabelecido este principio de primeira intuição, convém agora determinar — qual a melhor arte de buscar, achar, criticar e organisar os differentes elementos da historia, que é uma *sciencia*, assim como o modo de escreve-la é uma *arte*.

II

Primeiro que tudo devemos indagar quaes são as fontes primordiaes da historia.

Segundo o nosso compendio de Historia Universal, estabelecemos como fontes da historia: 1· os escriptos: 2· os monumentos: e 3· as tradições.

Os escriptos são os livros, os tombos e registros dos archivos, os boletins, as memorias, e quaesquer

publicações philosophicas e litterarias, que revelem a indole, o sentir e crer do povo, ou do individuo, que se pretende historiographar.

Os monumentos são os edificios, quer civis, quer religiosos, todas estas construcções publicas e mesmo as particulares por qualquer modo notaveis; as diversas obras d'arte, e as medalhas e inscripções que tem relação com os factos.

Tradições são as narrações oraes, feitas de geração a geração, e os mythos, as lendas, os hymnos, as festas, os usos, as etymologias etc.

Como poderemos nós explorar com vantagem estas fontes em relação á historia pernambucana, que é o fim do nosso Instituto ?

Eis a minha humilde opinião, fortificada na pratica das aturadas indagações e lucubrações, a que me tenho dado para a confecção da *Historia Ecclesiastica Brazileira*, em que lido ha dez annos.

III

Pelo que respeita á primeira fonte, isto é, aos escriptos, sou de opinião, que se devem adoptar e seguir os seguintes processos.

Deve-se colleccionar todos os mappas geographicos, topographicos e hydrographicos, antigos e modernos; fazer d'elles um estudo comparativo, e corrigi-los em vista dos ultimos trabalhos de exploração.

Deve-se tambem catalogar todos os escriptos publicados pela imprensa, classificando-os: 1· em escriptos geographicos: 2· em escriptos historicos: 3· em viagens e roteiros: 4· em chronicas: 5· em memorias e biographias: 6· em escriptos diversos, como jornaes, manifestos, polemicas e controversias, descripções de solemnidades religiosas ou civis: 7· mensão e analyse das diversas publicações litterarias e scientificas correlatas ás epochas, ao povo, ou ao individuo de que se trata.

IV

Em relação aos monumentos manuscriptos, é preciso ir desenterra-los do pó dos archivos, e muitas vezes soletrar a custo as ruinas do copim e da traça. Na realisação de tal empenho é necessario uma vontade energica, uma dedicação a toda a prova para arcar com semelhante trabalho; mas é elle indispensavel.

Eis o plano, que me parece adoptavel para obter este *desideratum*.

As repartições, em que se deve ir fazer esta custosa exploração, e aonde se póde ainda encontrar muita reliquia preciosa do passado, são: 1· a secretaria do governo, Dedalo intrincado, onde a critica e a paciencia nos podem servir de fios de Ariadne: 2· a secretaria ecclesiastica e o archivo do cabido: 3· os archivos dos mosteiros, e as secretarias de algumas ordens terceiras, e de algumas confrarias antigas como a do Sacramento da Matriz de Santo Antonio: 4· os archivos de algumas camaras, como a de Olinda, de Goianna, do Recife e mesmo de Iguarassú: 5· indagar quaes os documentos, que, em relação á historia d'esta provincia, possam existir na secretaria do governo da Bahia, e na respectiva comarca ecclesiastica; e bem assim na Torre do Tombo de Lisbôa: 6· finalmente examinar os cartorios publicos, onde se podem ainda encontrar e achar processos civeis ou criminaes, que deitem muita luz em pontos obscuros da historia.

V

Pelo que respeita aos monumentos sou de opinião, que os processos mais seguros são: 1· a descripção artistica e historica de todos os monumentos publicos, quer civis, como palacios e fortalezas, quer religiosos, como Igrejas e conventos; 2· a apuração

das datas das construcções de pontes e estradas empedradas, pharóes, caes, etc.

Em obras de arte podem notar-se especialmente os quadros, os retratos de personagens, as paizagens, antigas e modernas, e diversos artefactos, especialmente os moveis, utencis e adreços.

Convém tambem recolher as inscripções sepulcraes, os brasões heraldicos, e tudo que diz respeito á archeologia, e tambem á numismatica, como moedas, medalhas etc.

VI

Pelo que respeita ás tradicções convém recolher as narrações populares, os hymnos, as descripções de festas, usos e trajos, e applicar-lhes uma critica sagaz e penetrante; mas não tão severa, que desappareça o maravilhoso, pelo qual póde avaliar-se a indole e caracter do povo ou do individuo, a que se referem.

Se o naturalismo é quasi sempre necessario para dissipar as impressões falsas, e as crenças suprestíciosas de um povo, quando exageradamente applicado, póde matar uma crença religiosa, que é ao mesmo tempo uma gloria nacional. Deus nos livre que quando na Historia Brazileira se tratar da crença popular da intervenção divina nas victorias alcançadas pelos catholicos contra os hereticos hollandezes, venha uma critica rude e severa pretender banir essa miraculosa convicção, como fez o Sr. Alexandre Herculano com a apparição da cruz a Affonso Henriques antes da batalha d'Ourique. *Si Deus pro nobis qui contra nos :* é uma crença de que se deve alimentar um povo, ou individuo, ou na guerra, ou na paz, ou na prospera ou na adversa fortuna. A historia tem leis sobrenaturaes; e os factos que prendem o visivel ao invisivel, a creatura ao Creador devem ser tratados com toda a reserva e circumspecção. Ha

factos que pairam entre o naturalismo conhecido, e o sobrenatural desconhecido: urge toda a prudencia em trata-los.

VII

Do que acabo de expor com a maior simplicidade e rapidez, creio eu, que o nosso Instituto adiantaria muito mais a sua benemerita missão se simplicasse o processo de seus trabalhos, repartindo-os por commissões individuaes.

Ainda mesmo não contando com o auxiliar voluntario dos socios correspondentes, e reduzindo a tarefa aos quarenta socios effectivos: e feito um programma de trabalhos para cada um anno com a obrigação de serem apresentados um mez antes da sessão anniversaria, o resultado seria por certo de muita importancia e de muito alcance.

O titulo de socio effectivo impõem obrigações, que não podem declinar-se. Qual dos nosos illustres collegas não será capaz de, no decorrer de um anno academico, fazer a discripção artistica e historica de um edificio, a biographia de um personagem, a analyse de uma obra, o elenco de uma repartição qualquer, ou mesmo uma memoria critica sobre um ponto controverso da historia? Creio que nem um só, salvo se para isso lhe recusar a vontade.

VIII

O que é preciso é mais fé no futuro, que não ha de ser esterilisador como o presente. O homem de lettras é de ordinario actuado mais pelo coração, do que pela cabeça. O empenho do Instituto é todo do coração: e pois sejam cordeaes os nossos esforços.

Nem nos desanime o grande estadio que temos a percorrer; e a improba fadiga, a que temos de nos entregar, para vermos o remate de nossa gloriosa missão. O mosteiro da Batalha, o de Belém e o de

Mafra, e quasi todos os edificios monumentaes levaram de vinte a trinta annos para se lhe pôr o ultimo remate, e a ultima decoração. A Academia Real das Sciencias de Lisboa foi fundada no ultimo quartel do seculo passado. Quem diria então ao duque de Lafões, a Trigoso, ao abbade Correia da Serra, a Ribeiro dos Santos, a Pinto Ribeiro, a Mello Freire, a Fr. Francisco de São Luiz, ao bispo Alexandre Lobo, e a tantos outros trabalhadores incansaveis das minas historicas de Portugal, que só quasi um seculo depois é que o Sr. Alexandre Herculano havia emprehender os primeiros capitulos da historia critica d'essa gloriosa nação?

E quem diria ao conego Januario, ao general Cunha Mattos, ao visconde de São Leopoldo, e aos outros fundadores do Instituto Historico Brazileiro, que só trinta annos depois de sua gloriosa iniciativa é que o Sr. Warnhagen havia balbuciar o primeiro verbo da historia brazileira?

Trabalhemos tambem para o futuro historiador de Pernambuco. O Sr. Alexandre Herculano não teria emprehendido a sua historia sem os trabalhos da Academia de Lisboa, nem o Sr. Warnhagen a sua sem os trabalhos do Instituto Historico; assim tambem não será possivel a apparição da historia pernambucana sem que uma academia, como a nossa, colleccione e critique os materiaes, que tem de servir ao futuro historiador.

Se em são Pedro e no Vaticano só resplandece o nome de Miguel Angelo, a consciencia nos diz que esses monumentos não foram o esforço de um só homem, e que ao contrario foram precisos muitos officiaes distinctos para a gloria d'esse famoso architeto.

Se não nos for dado inscrever nossos nomes nos angulos, nem na cupula do monumento da historia pernambucana, reste-nos a grata convicção, de que trabalhamos para a sua realisação, e que pagamos ao futuro com melhoramento a divida, que temos con-

trahido com o passado: as gerações são herdeiras umas das outras: a civilisação é o legado.

Como não só do pão vive o homem, mas tambem da palavra santa; assim uma nação não vive, nem progride somente pelo progresso material. O progresso intellectual e moral é para uma nação, o que a alma é para o corpo.

E, pois, em quanto outros se inebriam, e se entregam a um louco desvanecimento dos melhoramentos materiaes, e ao insensato problema de augmentar de chofre a população com elementos de raça heterogenea, grupe-se esta familia litteraria em torno do ancião respeitavel que nos preside, e que tão nobremente se dedica ao empenho contrahido; e trabalhemos com perseverança.

Em quanto os heroes de um dia desfilam no prestito das victorias estultas de uma politica bastarda; resuscitemos os heroes do passado, e apresentemo-los como lição eloquente á geração, que tem de succeder-nos.

Em quanto se desbaratam quantias fabulosas para commissões fantasticas aos afilhados do poder, aproveitemos os nossos poucos recursos; e especialmente os da vontade e os da intelligencia, e continuemos a trabalhar como operarios modestos; mas ricos de esperança e de fé. E o futuro que nos julgue.

Recife, 26 de Junho de 1866.—*F. M. Raposo de Almeida.*

---

67 Sessão ordinaria no dia 9 de Agosto de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Joaquim Portella, Aprigio Guimarães, Soares de

Azevedo, Cunha Figueiredo Junior, Witruvio P. Bandeira, Amaro de Albuquerque, Rapozo de Almeida, Soares Brandão, Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo faz menção do seguinte expediente:

Um officio do Exm. Vice-Presidente da Provincia, declarando não haver inconveniente algum em collocar-se a lapida commemorativa do arco do Bom-Jesus em frente da nova casa de residencia dos Inspectores do Arsenal de Marinha.—Inteirado.

Outro do Secretario do Governo, cobrindo o relatorio apresentado á Assembléa provincial pelo Exm. conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, quando Presidente desta provincia.—Recebe-se com agrado e manda-se archivar.

Outro da Sociedade—*Gremio Scientifico*—, convidando o Instituto para assistir á sua sessão magna no dia 10 do corrente.

E' tomado em consideração, sendo designados pelo Sr. Presidente os Srs. Drs. Raposo de Almeida, Cunha Figueiredo Junior e Cicero Peregrino, para comporem a commissão que tem de representar o Instituto n'aquella festa litteraria.

Outro do Sr. André Ferreira de Almeida, agradecendo a remessa do diploma de socio correspondente, que lhe foi gratuitamente expedido.—Inteirado.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo declara que se acham sobre a mesa as seguintes offertas:

Do Sr. Dr Rufino Augusto de Almeida, um volume em italiano da Historia da guerra dos hollandezes no Brazil, por Fr. José de Santa Thereza, edição rarissima, impressa em Roma, com estampas, em 1698.

Do Sr. Dr. Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque, o Diccionario geographico e historico, politico e litterario do reino de Portugal e seus dominios, por Perestello da Camara; e um folheto da Historia da apparição do velho venerando ao roceiro, impresso em 1831.

Do Sr. Domingos Ferreira das Neves Guimarães, um volume, contendo Regras sobre architectura, segundo os principios de Vignolla; e outro da Chronica do descobrimento de Guiné, por Azurára.

Do Sr. Vicente José Ferreira da Costa, um volume da Descripção topographica e historia da Villanova de Gaya, por Manoel Rodrigues dos Santos.

Do Sr. vigario Francisco Justino Pereira de Brito, um folhete impresso, contendo uma sua defeza.

Do Sr. Dr. Manoel de Figueirôa Faria, varios numeros do *Diario de Pernambuco*.

Das respectivas redacções, um numero do periodico—*O Oriente*—e varios numeros do—*Academico Parahybano*.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

E' lida e remettida á commissão de admissão de socios uma proposta neste sentido, assignada pelo Sr. Padre Lino do Monte.

O Sr. Dr. Aprigio Guimarães, relatando a commissão de redacção da *Revista*, dá leitura do seguinte parecer, que vai a imprimir para entrar em discussão:

« A commissão de redacção da *Revista*, examinando as propostas juntas, uma assignada pelo Sr. major Salvador Henrique e outra pelo Sr. Dr. Soares de Azevedo, acceita as idéas das ditas propostas, fazendo uma addição á primeira; e offerece á consideração do Instituto as seguintes alterações aos estatutos:

« Ninguem poderá ser proposto para socio hono-

rario sem ser préviamente consultado pelo proponente ou proponentes, que disto deverão fazer declaração ao Instituto.

Addição ao art. 7.

« O Instituto consta de cincoenta socios effectivos »

Emendas ao principio do art. 4.

« O effectivo que, tres mezes depois de sua entrada não houver pago a joia, se considerará eliminado; e aquelle que, tendo pago a joia, se atrazar nas mensalidades por espaço de um anno, ficará considerado correspondente, podendo reentrar no quadro dos effectivos, uma vez que satisfaça o seu debito, e que haja vaga no dito quadro.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 9 de Agosto de 1866. —*Dr. Aprigio Guimarães*—*Soares Brandão.* »

O Sr. Dr. Cunha Figueiredo Junior, obtendo a palavra, declara que, na qualidade de Orador interino da deputação que foi assistir ás honras funebres do nosso consocio o Sr. commendador Figueirôa, recitára no cemiterio publico á borda do tumulo, um pequeno discurso, manifestando o sentimento do Instituto por semelhante successo.

O Sr. Dr. Amaro de Albuquerque traz á consideração da casa haver quem se preste a ser amanuense da secretaria do Instituto, gratuitamente, em quanto o mesmo Instituto lhe não possa arbitrar um ordenado rasoavel. Acceito o offerecimento, foi o amanuense posto á disposição do Secretario perpetuo.

O Sr. Dr. Rapozo de Almeida faz constar ao Instituto que, entre os seus manuscriptos, tinha elle alguns que julgava preciosos, e que podiam ser copiados para o archivo do Instituto, a quem por esta occasião os offerecia para este fim. Acceito o offere-

cimento, foi pelo Sr. Presidente incumbida a commissão de revisão de manuscriptos de indicar os mais interessantes para serem copiados.

O Sr. Dr. Soares Brandão declara que, em cumprimento da commissão que lhe fora incumbida, dirigira-se elle e os seus companheiros ao Exm. Vice- presidente da Provincia, do qual obtiveram favoravel resposta sobre o pagamento solicitado, da subvenção concedida ao Instituto pela Assembléa Provincial.

O Sr. major Salvador Henrique participa que as commissões reunidas deste Instituto e da Santa Casa de Misericordia haviam effectuado no dia 2 do corrente, com toda a decencia, a transferencia dos ossos que se suppõe serem de João Fernandes Vieira, de Olinda para a egreja do Paraizo desta Cidade; e que, tendo a urna onde se acham os referidos ossos, duas chaves, cada uma das commissões ficou depositaria de uma dessas chaves.

Em seguida corre o escrutinio, e são approvados para socios correspondentes os Srs. Drs. João Antonio de Araujo Freitas Henriques, João Thomé da Silva, Arminio Coriolano Tavares dos Santos, e o Rvm. padre mestre pregador imperial Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 23 do corrente, votações addiadas, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

68ª Sessão ordinaria em 23 de Agosto de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Cunha Figueiredo Junior, Ayres Gama, Nascimento Feitosa, Soares de Azevedo, Amaro de Albuquerque, Cicero Peregrino e Rapozo de Almeida, e os Srs. padre Lino do Monte, e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Dr. Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, declarando que viria na sessão de hoje tomar assento, como socio effectivo.—Inteirado.

Outro do consul de França, convidando ao Instituto para assistir ao *Te-Deum* que deve ser celebrado no Hospicio da Penha, em honra de S. M. o Imperador dos Francezes.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo declara que este convite foi tomado na devida consideração.

Acham-se sobre a mesa as seguintes offertas:

Alguns numeros do *Diario de Pernambuco*, do *Academico*, do *Parahybano*, do *Oriente* e do *Brazil Agricola*, offerecidos pelas respectivas redacções.

Um exemplar da Carta demonstrativa da viagem que, em descobrimento da India, fez Vasco da Gama, em 1497, pelo Sr. Dr. Amaro de Albuquerque.

Os seguintes objectos encontrados no bonnet de um sargento paraguayo, morto no combate do dia 2 de Maio: 1· uma caderneta, manchada de sangue, com os nomes dos soldados de sua companhia: 2·

um rosario de contas pretas, que o mesmo sargento tinha ao pescoço; e 3· um pedaço do fio do telégrapho electrico do Passo da Patria, pelo Sr. tenente Francisco Xavier Rodrigues de Miranda.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

Constando achar-se na ante-sala o Sr. Dr. Carneiro Monteiro, o Sr. Presidente nomeia os Srs. Drs. Ayres Gama e Rapozo de Almeida para membros da commissão que o tem de conduzir.

Sendo aquelle senhor introduzido na sala das sessões, toma assento, recitando depois um discurso de agradecimento, que é respondido pelo Sr. Dr. Feitosa, como Orador do Instituto, com algumas palavras congratulatorias.

Em seguida, são lidos e approvados sem debate o requerimento e propostas seguintes:

« Requeiro que o Instituto mande consignar na respectiua acta um voto de gratidão ao Sr. Thesoureiro interino Dr. Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque, pelos esforços que manifestou de espontaneamente preparar uma sala contigua á Bibliotheca, para servir de Secretaria do mesmo Instituto, decorando-a devidamente com mobilia, adiantando as despezas que se fizeram mister; sendo que com este louvavel procedimento, relevante serviço prestára ao Instituto.

Sala das sessões em 23 de Agosto de 1866.— Padre *Lino do Monte Carmello Luna.* »

« Propomos que o Instituto Archeologico, em attenção ao serviços prestados pelo major Bernardo Quinteiro em auxilio á trasladação dos ossos que se suppõem ser de João Fernandes Vieira, lhe envie gratuitamente o diploma de socio correspondente do mesmo Instituto.

« Recife, 23 de Agosto de 1866.—*Amaro de Albuquerque—Ayres Gama.* »

E' remettida á commissão respectiva uma pro-

posta para socio correspondente, assignada pelos Srs. Drs. Feitosa e Rapozo de Almeida.

O mesmo Sr. Dr. Rapozo de Almeida, obtendo a palavra, declara que, com o Sr. Dr. Cunha Figueiredo Junior, comparecera á sessão magna do *Gremio Scientifico*, e alli recitára um discurso, felicitando aquella associação em nome do Instituto; e que, por incommodado, o Sr. D. Cicero deixára de comparecer.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da seguinte reunião, que deverá ter lugar no dia 6 de Setembro, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.— *Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

69ª Sessão ordinaria em 6 de Setembro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Soares Brandão, Witruvio Bandeira, Amaro de Albuquerque, e os Srs. padre Lino do Monte, e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente e menciona as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo Sr. Dr. Figueirôa.

O numero 7· do *Oriente*, pela respectiva redacção.

O numero 23 do *Brazil Agricola*, pelo respectivo editor F. M. Duprat.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

O Sr. Dr. Witruvio, como relator da commissão de admissão de socios, apresenta um parecer sobre diversas propostas para socios correspondentes. E' addiada a votação para a proxima sessão.

Vem á mesa a seguinte proposta:

« Propomos que, por intermedio de quem competir, se dirija um officio de agradecimento ao Rvm. Sr. Provincial deste convento, pela benevolencia com que consentiu em fazer as obras necessarias para a Secretaria do Instituto. Recife 6 de Setembro de 1866.—*Amaro de Albuquerque.* »

E' submettida á discussão e approvada.

O Sr. major Salvador Henrique, obtendo a palavra, declara que a commissão de trabalhos historicos e archeologicos sentia a maior satisfação em poder participar ac Instituto que, no dia 31 de Agosto findo, pelas cinco horas da tarde, tivera lugar a collocação da lapida commemorativa do antigo e demolido arco do Bom-Jesus, e que a esse acto compareceram alguns socios do Instituto, e grande numero de pessoas distinctas.

A commissão julga de seu dever declarar que, o nosso socio o Sr. capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barboza de Almeida, prestou relevantes serviços ao Instituto, já abrilhantando o acto com a banda de musica do Arsenal, que ahi fez comparecer, já auxiliando poderosamente a commissão, o que muito contribuiu para que o acto se tornasse decente; pelo que é credor de nossa gratidão.

Em seguida vem á mesa a seguinte proposta:

« Proponho que, por intermedio do Sr. Secretario perpetuo, se dirija officialmente um voto de agradecimento ao nosso socio o Sr. capitão de mar e guerra Hermenelgido Antonio Barboza de Almeida,

pelos serviços prestados ao Instituto por diversas vezes, especialmente por occasião da collocação da lapida commemorativa do Bom-Jesus.

Sala das sessões do Instituto, 6 de Setembro de 1866. –*Salvador Henrique de Albuquerque.* »

Posta a votos, é approvada.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 20 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões, e votação dos pareceres addiados.

Levanta-se a sessão. —*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

70ª Sessão ordinaria, no dia 20 de Setembro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Nascimento Feitosa, Soares Brandão, Amaro de Albuquerque, Cicero Peregrino, Rapozo de Almeida, Soares de Azevedo, e Witruvio, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. Dr. Amaro de Albuquerque obtendo a palavra pela ordem manda á mesa a seguinte proposta :

« Proponho que este Instituto, em demonstração da justa e profunda magoa pelo infausto e prematuro fallecimento do Exm. e Rvm. Sr. Bispo diocesano, D. Emmanuel de Medeiros, seu socio honorario, interrompa por hoje os seus trabalhos. Recife, 20 de Setembro de 1866.– –*Amaro de Albuquerque.*»

Ouvida com recolhimento a leitura desta proposta e algumas palavras com que a acompanhou o seu autor, é submettida á approvação, e unanimemente adoptada a idéa.

O Sr. Presidente convoca o Instituto para reunir-se no dia 27 do corrente, e levanta se a sessão. *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. —*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. —*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

71ª Sessão ordinaria, no dia 27 de Setembro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Machado Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Nascimento Feitoza, Witruvio, Soares Brandão, Amaro de Albuquerque, Cunha Figueiredo Junior, Seraphico, Cicero Peregrino, Joaquim Silveira, Rodrigues Campello, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura das actas das sessões de 6 e 20 do corrente, que são approvadas.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte:

Um folheto impresso, intitulado—*A Regeneração e a Reforma*, offertado pelo seu autor o Sr. Dr. Nabôr Carneiro Bezerra Cavalcanti.

Um exemplar de um discurso sobre a Historia da Philosophia, pelo Rvm. conego João Rodrigues de Araujo, pelo Sr. Dr. Feitoza.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo consocio Dr. Figueirôa.

O numero 24 do *Brasil Agricola*, pelo respectivo editor F. M. Duprat.

O numero 8 do *Oriente*, pela respectiva redacção.

Todas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

Vem á mesa duas propostas, lembrando varios senhores para socios correspondentes. — A' commissão de admissão de socios.

Entra em discussão o parecer addiado da commissão de redacção da *Revista*, sobre alteração dos estatutos.

O Sr. major Salvador Henrique, obtendo a palavra, faz algumas considerações, concluindo por negar-lhe o seu voto.

Seguem-se-lhe os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Aprigio Guimarães e Feitosa.

O primeiro explica uma asserção do precedente orador.

O segundo sustenta a idéa do parecer, do qual é relator, concluindo por asseverar ao Instituto que acceitará a sua decisão, qualquer que ella seja, sem o menor incommodo.

O terceiro nota que a materia em discussão, sendo daquella natureza de que falla o art. 22 dos estatutos, não podia ser discutida se não em sessão especial, na conformidade do mesmo artigo, e que lhe estando commettida, por força delles, a incumbencia de zelar na observancia exacta das suas prescripções, offerecia á deliberação do Instituto o seguinte requerimento:

« Requeiro que, em cumprimento ao art. 22 dos estatutos, seja designada sessão especial para a discussão da emenda ou reforma proposta pela commissão de redacção da *Revista*.—O Orador, *Antonio Vicente do Nascimento Feitosa*. »

Entra em discussão, conjunctamente com o parecer, este requerimento, e sobre a sua idéa falla o Sr. Dr. Aprigio Guimarães, contestando-lhe opportunidade, na supposição de que ha precedentes que

autorisam a discussão immediata do parecer, accrescendo que esta especialisação resultava já do addiamento da discussão e publicação do parecer.

A esta argumentação oppõe o Sr. Dr. Feitosa motivos que assentam nos estatutos, cujos artigos lê; e depois de abundar em outros argumentos e razões já expendidas, e que vinham a bem de sua argumentação, conclue por declarar que o Instituto não podia dispensar nos estatutos, tratando em sessão economica e ordinaria de materias consignadas a uma sessão especial.

O Sr. Dr. Aprigio Guimarães ainda offereceu outras considerações, em sentido de sustentação do seu parecer.

Encerrada a discussão e posto a votos o requerimento, é approvado.

Em seguida corre o escrutinio, e são approvados socios correspondentes os Srs. tenente-coronel Epaminondas Vieira da Cunha, commendador Manoel Luiz Virães, e Floriano Correia de Brito.

Vem á mesa as seguintes propostas:

« Proponho que seja marcado o vencimento que deve perceber o amanuense deste Instituto, sendo-lhe contada desde 10 do corrente a respectiva percepção.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Setembro de 1866— *Witruvio P. Bandeira.*»

E' commettida á meza administrativa a providencia indicada no requerimento:

« Proponho que seja o Thesoureiro autorisado não só a pagar as despezas já feitas com os arranjos do Instituto, como outras que se vão fazendo, visto não haver verba no orçamento, e estarem esgotadas as do expediente e as eventuaes.

« Sala das sessões do Isntituto, 27 de Setembro de 1866.—*Amaro de Albuquerque.*»

E' remettida á commissão de fundos e orçamentos para dar parecer.

O mesmo Sr. Dr. Amaro de Albuquerque faz sciente que já effectuára o recebimento da quota votada pela Assembléa Provincial a favor do Instituto.

O Sr. major Salvador Henrique, como relator da commissão de trabalhos historicos e archeologicos, scientifica ao Instituto de que a commissão scientifica, composta dos Srs. Drs. Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Francisco Pires Machado Portella, já fôra officialmente convidada para dar principio aos seus trabalhos, relativos ao exame dos ossos que se presumem ser de João Fernandes Vieira, que foram transferidos da egreja da Misericordia de Olinda para a do Paraizo desta cidade; concluindo por declarar que, não obstante, ainda não havia a mesma commissão scientifica designado o dia da primeira reunião, como lhe fôra pedido nos officios que a cada um desses senhores foram dirigidos.

O Sr. Presidente convida o Instituto a reunir-se em sessão especial no dia 11 de Outubro proximo, dando para ordem do dia discussão addiada do parecer da commissão de redacção da *Revista*, reformando alguns artigos dos estatutos. Levanta-se a sessão *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

72ª Sessão ordinaria, no dia 11 de Outubro de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Aprigio Guimarães, Witruvio Pinto Bandeira, Joaquim Portella, Amaro de Albu-

querque, Cicero Peregrino, e os Srs. Padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente, e menciona as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco,* pelo consocio Sr. Dr. Figueirôa.

O numero 9 do *Oriente,* pela respectiva redacção.

Ambas estas offertas são recebidas com agrado, e mandam-se archivar.

E' lido o seguinte parecer, e approvado sem debate:

« A mesa administrativa do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, tendo em vista a proposta do Sr. Dr. Witruvio, apresentada na sessão passada, entende que deve arbitrar-se ao amanuense do Instituto, Demetrio Accacio de Albuquerque Mello, o ordenado de 300$ por anno, pago mensalmente, a contar do 1· de Setembro proximo passado, toda a vez que, com attestado do Secretario perpetuo, provar que cumpre com as suas obrigações.

« Sala das sessões do Instituto, 11 de Outubro de 1866.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares,* Presidente.—*Joaquim Pires Machado Portella,* 1· Vice-Presidente.—*Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães,* 2· Vice-Presidente.—Padre *Lino do Monte Carmello Luna,* 3· Vice-Presidente.—*José Soares de Azevedo,* Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque,* 2· Secretario.—*Amaro J. F. de Albuquerque,* Thesoureiro interino »

O Sr. Dr. Witruvio, como relator da commissão de admissão de socios, faz a leitura de um parecer.

E' addiada a votação.

O Sr. Presidente declara que, por falta do comparecimento de numero sufficiente de socios, a presente sessão fica considerada ordinaria; e dá para ordem do dia da sessão especial, que deverá ter lugar

no dia 25 do corrente, discussão do parecer da commissão da *Revista* sobre a reforma de alguns artigos dos estatutos; e esgotada esta materia, trabalhos e pareceres de commissões, e votações addiadas.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

73ª Sessão especial e ordinaria, no dia 8 de Novembro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Joaquim Portella, Nascimento Feitosa, Witruvio, Soares de Azevedo, Amaro de Albuquerque e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo lê a seguinte carta que lhe foi dirigida da Bahia pelo Exm. Sr. Barão de Cajahiba:

« Constando-me que o Instituto Archeologico e Geographico dessa provincia preferira o professor Halbey para executar em sua officina algumas estatuas que pretende, tenho a satisfação de dirigir-me a V. S., applaudindo tão acertada resolução, porquanto, honrando assim o mérito incontestavel daquelle grande artista, reune a dupla vantagem de obter primores d'arte a baixos preços; e como prova, tenho a honra de offerecer ao mesmo Instituto uma photographia do mausoléo que mandei vir de Munich, e

que hoje ostenta o mais rico e bello ornamento do cemiterio do Campo-Santo, na Bahia, onde poderá ser melhor apreciado por pessoa da escolha e confiança do mesmo Instituto.—*Barão de Cajahiba*.»

O Instituto fica inteirado, sendo apreciada a primorosa photographia do custoso mausoléo, a que se refere o Exm. Sr. Barão.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo menciona as seguintes offertas:

Do Sr. Ignacio Bento de Loyola, 15 volumes encadernados e 1 cartonado, contendo o seguinte:

Seis collecções completas, e encadernadas em 10 volumes, do *Diario Novo*, relativas aos annos de 1843, 1844, 1845, 1846, 1847 e 1848;

Vinte e trez numeros do mesmo *Diario*, do mez de Fevereiro de 1852, cartonados;

Oitenta e oito ditos da *Imprensa*, periodico publicado de Setembro a Dezembro de 1850, em um só volume encardenado;

Vinte e dous ditos do *Guararapes*, publicados de Agosto a Outubro de 1844, encadernados em um só volume;

Nove ditos do *Clamor Publico*, publicados de Maio a Julho de 1856, encadernados no mesmo volume;

Sete ditos do *Saquarema*, de Maio a Agosto de 1847, no mesmo volume;

Vinte e um ditos da *Revolução de Novembro*, publicados de Agosto de 1850 a Janeiro de 1851, no mesmo volume;

Quarenta e cinco ditos do *Paladim*, publicados de Setembro de 1851 a Abril de 1852, no mesmo volume;

Cincoenta e nove ditos do *Sete de Setembro*, publicados de Setembro de 1845 a Abril de 1846, encadernados em um volume;

Vinte ditos da *Barca de São-Pedro*, publicados de Maio a Outubro de 1848, no mesmo volume;

Quarenta e sete ditos do *Machabeu*, publicados de Julho a Dezembro de 1849, no mesmo volume;

Cincoenta e nove ditos do *Indigena*, publicados de Maio de 1843 a Julho de 1844, encadernados em um só volume;

Cincoenta e dous ditos do *Amigo dos Homens*, publicados de Janeiro a Dezembro de 1844, encadernados em um só volume.

Do Sr. Dr. Figueirôa, varios nnmeros do *Diario de Pernambuco*.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Em seguida, occupa-se o Instituto da parte especial da sessão, sendo posta em discussão a seguinte addição do art. 4· dos estatutos:

« Ninguem poderá ser proposto para socio honorario sem ser préviamente consultado pelo proponente ou proponentes, que disto devem fazer declaração ao Instituto.» E' regeitada, sem discussão.

Segue-se esta emenda ao principio do art. 4:

« O Instituto constará de 50 socios effectivos.» E' regeitada.

Segue-se finalmente esta addição ao art. 7·:

« O effectivo, que 3 mezes depois de sua entrada não houver pago a joia, se considerará eliminado; e aquelle que, tendo pago a joia, se atrazar nas mensalidades pelo espaço de um anno ficará considerado correspondente; podendo reentrar no quadro dos effectivos, uma vez que satisfaça o seu debito, e que haja vaga no dito quadro.»

E' igualmente regeitada.

O Sr. Dr. Witruvio, relatando a commissão de fundos e orçamentos, faz a leitura do seguinte parecer:

« A Commissão de fundos e orçamentos, tendo presente a proposta do Sr. Dr. Amaro de Albuquerque, em que pede autorisação para o Thesoureiro pagar as despezas já feitas com os arranjos do Instituto, bem como outras já autorisadas que se vão fazen-

do, uma vez que no orçamento vigente não ha verbas para alguma dellas, e se acham esgotadas as verbas de expediente e de eventuaes; considerando que com a consignação votada pelo corpo legislativo provincial estendeu-se a esphera de deveres a cumprir da parte deste Instituto, os quaes não podiam ter sido previstos na organisação do orçamento; e considerando ainda que as despezas, para as quaes se pede autorisação, são de instante necessidade, é de parecer que seja concedida a pedida autorisação.

« Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 7 de Novembro de 1866. —*Witruvio P. Bandeira*.—*Faria Neves*.»

Vai a imprimir, para ser discutido na primeira sessão.

Vem á mesa e vai egualmente a imprimir-se a seguinte proposta:

« Existindo ha muito nesse bairro de Santo Antonio uma cadeia, na frente da qual se vê uma lapide com a inscripção seguinte :—*José Cesar de Menezes em* 1786 *a mandou faser*: e como quer que se ache em estado de ruina o referido edificio, estando por isso quasi a apagar-se a mesma inscripção; e como me pareça correr ao Instituto o dever de conservação de uma obra antiga: propomos que o Instituto consiga por qualquer meio a renovação da referida inscripção.

« Recife, 8 de Novembro de 1866.—*Amaro de Albuquerque*.»

O Sr. Dr. Witruvio, obtendo a palavra, offerece as seguintes considerações ao Instituto:

« Tendo indicado a este Instituto que se nomeassem algumas commissões, distribuidas pelas freguezias desta cidade, afim de promoverem uma subscripção popular, para adjuctorio das despezas que tenha este Instituto de fazer com monumentos que attestem aos vindouros a gratidão dos presentes á memoria dos heroes da epopeia pernambucana, o fiz com

e convicção de que nenhum filho desta provincia se furtaria a concorrer com o seu obulo para a perpetuação das glorias de sua terra natal.

« Além disto, foram minhas vistas nesta indicação estender a todos os pernambucanos, qualquer que seja a sua condição na grande familia pernambucana, a satisfação dessa divida de reconhecimento; porque as conquistas que aquelles heroes alcançaram reflectem os seus effeitos, quer sobre o grande quer sobre o pequeno dessa gloriosa familia.

« Esta indicação foi mandada á commissão especial de estátuas; e os seus dignos membros opinaram no parecer que offereceram, pela respectiva adopção, considerando que ella continha materia de interesse, e associava assim a todos, em uma obra que devia ser de todos, sendo apenas o Instituto o executor de vontades, que se objectivavam pela concurrencia para um fim tão grandioso.

« Ora, submettido este parecer á discussão foi esta addiada, a requerimento do nosso honrado consocio Sr. Dr. Soares Brandão, até que eu offerecesse á consideração do Instituto os nomes de pessoas estranhas a este, que convenha sejam nomeadas para formarem as mencionadas commissões.

« Assim pois, em cumprimento do votado, tenho a honra de offerecer os nomes em seguida declinados, afim de que o Instituto, em sua sabedoria, resolva o que julgar a bem da idéa e da respectiva exequibilidade, devendo notar que muitos ha, que estão nas condições de bem prestar-se a um fim tão eminentemente patriotico, porque tambem não ha quem se furte a dar a vida e animação a isto, mas era forçoso restringir-me a numero compativel com a natureza de commissões, e por conseguinte entre muitos fazer uma selecção, sem importar ella desconfiança na boa vontade dos demais.»

Em seguida, o mesmo Sr. Dr. Witruvio apresenta a lista nominal das pessoas por elle indicadas, a qual

fica sobre a mesa, para opportunamente resolver-se a respeito.

Corre escrutinio, e são approvados, socio honorario o Exm. Sr. Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, e correspondentes os Srs. major Belarmino do Rego Barros e Pedro de Alcantara dos Guimarães Peixôto.

O Sr Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 22 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão. — *Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente. — *José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo. — *Salvador Henrique Albuquerque*, 2· Secretario.

74ª Sessão ordinaria, no dia 22 de Novembro de 1866.

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares.

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Cunha Figueiredo Junior, Amaro de Albuquerque, Joaquim Portella, Soares de Azevedo, e os Srs. padre Lino do Monte e major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente, que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente, e menciona as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo consocio Dr. Figueirôa.

Os numeros 25 e 26 do *Brazil Argricola*, pelo rescpetivo edictor F. M. Duprat.

Um exemplar impresso da oração funebre, reci-

tada na cathedral de Olinda, por occasião das exequias do Exm. e Rvm. Sr. Bispo diocesano D. Emmanuel de de Medeiros, pelo consocio Padre Lino do Monte, e pelo mesmo offertado.

Outro, contendo—Ordenanzas de la ilustre universidad, y casa de contratacion de la M. N. y M. L. Villa de Bilbáo. Edição de Madrid de 1715; offertado pelo Sr. José Ferreira da Costa.

Outro, contendo—Refeição Espiritual para a mesa dos religiosos e de toda a devota familia; pelo Rvd. padre mestre Fr. Manoel do Sepulchro. Edição de Lisboa de 1669; offertado pelo mesmo Sr. José Ferreira da Costa.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Entra em discussão a proposta adiada da sessão passada, do Sr. Dr. Amaro de Albuquerque, relativa a inscripção da lapida que se acha em frente do antigo calabouço, collocado a pequena distancia do quartel de policia, a qual inscripção propõe que seja avivada.

Tomam parte na discussão varios senhores, depois do que resolveu o Instituto que se officiasse ao Exm. Presidente da Provincia, pedindo-lhe que se digne de dar as convenientes ordens, no sentido de ser avivada a inscripção da referida lapida.

Em seguida o mesmo Sr. Dr. Amaro de Albuquerque, como thesoureiro interino, apresenta sobre a mesa tres livros da thesouraria, com a respectiva escripturação em dia, afim de que possa ser examinada pelos membros presentes.

O Sr. Presidente, depois de examinar a mesma escripturação, dirige a aquelle thesoureiro, em nome do Instituto, algumas palavras de louvor e de agradecimento.

O mesmo Sr. Presidente, chama a attenção da commissão incumbida do trabalho que devia ser apresentado a Illma. Camara Municipal, relativo a mu-

dança dos nomes de algumas ruas desta Cidade, cuja demora é mister que seja justificada, e bem assim, da commissão de trabalhos archeologicos sobre o que se ha feito quanto ao exame dos ossos que se presumem ser de João Fernandes Vieira, transferidos da Igreja da Misericordia de Olinda, para a do Paraizo desta Cidade.

O Sr. Major Salvador Henrique, como relator dessas commissões, obtem a palavra e declara que, os trabalhos das commissões reunidas foram apresentados em Camara, desde o mez de Junho do corrente anno, como elle fez ver ao Instituto em sessão de 14 do referido mez, e que por diversas vezes, entendendo-se com alguns dos Srs. Vereadores, e especialmente com um dos membros da commissão daquella Camara, soube que o referido trabalho ia ser apreciado, depois, de copias que delle se haviam mandado tirar.

Quanto ao exame dos ossos de que se trata, o mesmo senhor declara que vai ter lugar a primeira conferencia medica, no dia 29 do corrente; o que se fará publico por annuncios nos jornaes.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião, que deverá ter lugar no dia 6 de Dezembro proximo, trabalhos e pareceres de commissões.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

75ª Sessão ordinaria no dia 6 de Dezembro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs Drs. Cicero Peregrino, Joaquim Portella, Aprigio Gui–

marães, Nascimento Feitosa, Soares de Azevedo, Cunha Figueiredo Junior, Raposo de Almeida, Amaro de Albuquerque, e os Srs. Padre Lino do Monte e o Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo menciona o seguinte expediente:

Um officio do Exm. Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, agradecendo a sua nomeação de socio honorario do Instituto e declarando que na presente sessão viria apresentar-lhe pessoalmente os seus protestos de estima e consideração.—Inteirado.

Outro do Rvd. Fei Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes, aceitando e agradecendo a sua eleição de socio correspondente.—Inteirado.

O mesmo senhor menciona as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco* pelo consocio Dr. Figueirôa.

Os numeros 10, 11 e 12 do *Oriente*, pela respectiva redacção.

Um exemplar impresso contendo uma poesia denominada—*S. Vicente de Paula*,— pelo academico Manoel Godofredo de Alencastro, pelo mesmo offertada.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Constando achar-se na ante-sala o Exm. Conselheiro Beaurepaire Rohan, o Sr. Presidente nomêa para a commissão que o tem de receber aos Srs. Drs. Cicero Peregrino, Raposo de Almeida e Cunha Figueiredo Junior.

Sendo aquelle senhor conduzido pela mencionada commissão toma assento e em breves palavras dirige ao Instituto o seu agradecimento, o que é respondido em termos congratulatorios pelo Sr. Dr. Feitosa como orador do Instituto.

Em seguida vem a mesa uma proposta assigna-

da pelos Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, propondo varios senhores para socios honorarios.—A' commissão de admissão de socios.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima reunião que deverá ter lugar no dia 20 do corrente, trabalhos e pareceres de commissões. Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

76ª Sessão ordinaria no dia 20 de Dezembro de 1866

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

As 11 horas da manhã presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente:

Um officio do Sr. Dr. Pedro de Alcantara dos Guimarães Peixoto, agradecendo a sua eleição de socio correspondente e declarando que opportunamente viria apresentar ao Instituto os protestos de sua gratidão.—Inteirado.

Em seguida o mesmo senhor menciona as seguintes offertas :

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo consocio Dr. Figueirôa.

Os cinco primeiros numeros do periodico a *Situação*, pela respectiva redacção.

Ambas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

O Sr. Major Salvador Henrique, como relator da commissão de trabalhos historicos e archeologicos dá leitura de um relatorio sobre o exame a que se procedeu nos ossos que se presumiam ser de João Fernandes Vieira e dos autos lavrados por occasião de duas conferencias medicas que tiveram lugar; sendo ouvido com attenção pelo Instituto.

O Sr. Presidente dirige a commissão algumas palavras de louvor e agradecimento.

O mesmo senhor dá para ordem do dia da proxima reunião que deverá ter lugar no dia 3 de Janeiro proximo, trabalhos e pareceres de commissão. Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuqurque*, 2· Secretario.

RELATORIO A QUE SE REFERE A ACTA SUPRA

A commissão de trabalhos Historicos e Archeologicos tem a honra de trazer ao conhecimento do Instituto o resultado do exame medico a que se procedeu nos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira e antes de apresentar os autos lavrados nas duas conferencias que se fizeram para este fim, parece-lhe de seu dever fazer algumas considerações a respeito de semelhantes investigações.

Por deliberação do Instituto, tomada em sessão de 14 de Setembro de 1865, ordenou-se a abertura da sepultura que foi descoberta dentro de uma pequena capella no corpo da igreja da Misericordia de Olinda. do lado da epistola, a qual hoje se acha encoberta com o altar em que collocaram o painel da Santissima Trindade. Este jazigo ali encontrado, como se vê do relatorio de 29 de Setembro, de 1864, não podia por sua localidade e por outras circumstan-

cias investigadas pela commissão, deixar de suppor-se o jazigo mortuario de Vieira, como se declara no citado relatorio, e no de 21 de Dezembro de 1865, acompanhado dos autos de exhumação dos ossos nelle encontrados, e do exame feito na lapida que cobria semelhante jazigo .

Desta vehemente presumpção nasceu a necessidade imperiosa do exame desses ossos, e foi o que deliberou o Instituto em vista do que propoz a commissão no final do seu relatorio em 21 de Dezembro do anno passado de que acima fallamos.

Se tivemos o desgosto de não vêr desta vez coroados os nossos esforços, nem por isso desanima a commissão. Ella proseguirá em seus trabalhos, e de archivo em archivo, talvez algum dia encontre documentos que de uma vez nos tirem da duvida em que estamos.

A sorte do archeologico é quasi sempre esta; a sciencia das antiguidades traz á aquelles que a professam continuadas decepções e contrariedades.

Nem sempre são fructiferas as suas investigações!

A commissão animada destes sentimentos tem gravado na memoria um bello trexo do discurso proferido pelo illustrado presidente do Instituto, no dia de sua posse, 21 de Setembro de 1862.

« Na cultura das sciencias, disse elle, o homem trata de illustrar a intelligencia e de aperfeiçoar o ser moral: o archeologico passa além deste alvo; dá prova exhuberante de extremado amor do solo onde nasceu; forceja por descobrir as pedras preciosas que ali jazem occultas para realçar-lhes o legitimo valor; pesquiza carunchosos pergaminhos para corrigir erros que a incuria, a má fé ou falsas tradições tenham introduzido na historia respectiva. »

Eis o fim sublime deste Instituto, eis o maior empenho da commissão.

Sala das Sessões do Instituto Archeologico e

Geographico Pernambucano, 20 de Dezembro de 1866.—*Salvador Henrique de Albuquerque.*—*Padre Lino do Monte Carmello Luna.*

AUTO DE EXAME EM PRIMEIRA CONFERENCIA MEDICA, A QUE SE PROCEDEU NOS OSSOS ENCONTRADOS NA PRESUMIDA SEPULTURA DE JOÃO FERNANDES VIEIRA.

Aos 29 dias do mez de Novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1866, na igreja de Nossa Senhora do Paraizo desta cidade do Recife, pelas 12 horas da manhã, reunidas na sacristia da referida igreja as commissões medica, e de trabalhos historicos e Archeologicos do Instituto, a primeira composta dos Srs. Drs. Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Francisco Pires Machado Portella, e a segunda dos Srs. Major Salvador Henrique de Albuquerque e Padre Lino do Monte Carmello Luna, estando tambem presentes os Srs. Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, e muitas outras pessoas que espontaneamente compareceram, tudo para o fim de proceder-se ao exame medico, nos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira; as ditas commissões ordenaram a abertura da urna em que estavam os referidos ossos, ultimamente transferidos da igreja da Misericordia de Olinda; e abertos os dous cadeiados que trancavam a referida urna, foram os mesmos ossos estendidos sobre uma mesa procedendo-se ao exame delles, do qual resultou acharem-se seis ossadas, pelos craneos e outras peças osseas ali depositadas; separando-se as que se julgaram mais antigas, e depositando-se em uma pequena urna; e como não estivessem os Srs. Drs. Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos e Ayres de Albuquerque Gama, o primeiro como membro da

commissão medica, e o segundo como membro da commissão do Instituto, e deixasse igualmente de comparecer a commissão da Santa Casa da Misericordia, deliberaram as duas commissões reunidas em maioria adiar os trabalhos para a segunda conferencia que deverá ter lugar no dia 7 de Dezembro proximo, pela uma hora da tarde; sendo distribuidos pelos membros da commissão medica, os seguintes quisitos apresentados pela commissão do Instituto, os quaes foram os seguintes:

1· Qual das ossadas encontradas na sepultura parece ser a mais antiga, ou ali depositada em primeiro lugar?

2· Entre ellas haverá alguma que indique ser de mulher ou todas são de homens?

3· A que parece mais antiga é de homem ou de mulher?

4· Sendo de homem, em que tempo pouco mais ou menos seria ali depositado ou inhumado o cadaver?

5· Que altura e dimensões devia ter o corpo desse homem?

6· Será possivel saber-se a molestia de que morreu?

Para a todo tempo constar mandaram as commissões lavrar este acto em que assignaram os membros presentes; e eu Demetrio Acacio de Albuquerque Mello, amanuense da Secretaria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano o escrevi.—*Dr. Alexandre de Souza Pereira do Carmo.—Dr. Francisco Pires Machado Portella.—Padre Lino do Monte Carmello Luna.—Salvador Henrique de Albuquerque.—Tristão de Alencar Araripe.*

AUTO DE EXAME NA SEGUNDA CONFERENCIA MEDICA A QUE SE PROCEDEU NOS OSSOS ENCONTRADOS NA PRESUMIDA SEPULTURA DE JOÃO FERNANDES VIEIRA.

Aos 13 dias do mez de Dezembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1866 na igreja de Nossa Senhora do Paraizo do Recife, pelas 12 horas da manhã, reunidas na sacristia da referida igreja as commissões medica e de trabalhos historicos e archeologicos do Instituto, a primeira composta dos Srs. Drs. Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Francisco Pires Machado Portella, e a segunda dos Srs. Padre Lino do Monte Carmello Luna, e Major Salvador Henrique de Albuquerque, estando tambem presentes os Srs. Drs. Joaquim de Aquino Fonseca e Tristão de Alencar Araripe, tudo para o fim de continuar-se o exame medico já começado no dia 29 do mez passado dos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira; deu-se principio aos trabalhos procedendo-se a leitura do auto lavrado no dia da primeira confencia acima citado, o qual achando-se conforme foi assignado pelos membros presentes e em seguida depois de conferenciarem a vista dos ossos que foram pela commissão medica separados por parecerem mais antigos e depositados em uma pequena urna foram respondidos os quisitos apresentados pela commissão do Instituto do modo seguinte:

1· Que não era possivel conhecer e distinguir entre as seis ossadas que ali se achavam qual era a mais antiga e depositada em primeiro lugar na sepultura ou carneiro em que foram encontradas.

2· Que parecia não existir entre ellas ossos que indicassem ser de mulher.

Quanto aos quesitos 3·, 4·, 5· e 6·, nada respondiam por se acharem prejudicados á vista da resposta dos dous primeiros.

Ponderando ainda a commissão medica que não tendo havido a precaução de se haver separado aquelles ossos no acto da exhumação tornava-se já por este facto e pelo estado delles impossivel chegar ao fim a que se propunham as commissões reunidas pelo que davam por findos e encerrados os seus trabalhos.

Para a todo tempo constar, mandaram as mesmas commissões lavrar este auto em que assignaram os membros presentes, e eu Demetrio Acacio de Albuquerque Mello, amanuense do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, o escrevi. —*Dr. Alexandre de Souza Pereira do Carmo.*—*Dr. Francisco Pires Machado Portella.*—*Padre Lino do Monte Carmello Luna.*—*Salvador Henrique de Albuquerque.*—*Tristão de Alencar Araripe.*

77ª Sessão ordinaria no dia 3 de Janeiro de 1867

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

As 11 horas da manhã presentes os Srs. Drs. Soares de Azevedo, Witruvio Pinto Bandeira, Amaro de Albuquerque, Nascimento Feitosa e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo declara não haver expediente, e menciona as seguintes offertas.

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo consocio Dr. Figueirôa.

O n. 7 do periodico a *Situação*, pela respectiva redacção.

Os seguintes exemplares offerecidos pelo Sr. Manoel José Soares de Avelar Junior.

Um do regulamento de 24 de Fevereiro de 1822, dado pelo Presidente do Thesouro Publico Nacional, para melhor execução do decreto de 28 de Novembro de 1831, relativo ao recebimento dos direitos do ouro em pó.

Outro do tratado dos dous preceitos da caridade dos dez mandamentos da lei por S. Thomaz d'Aquino, traduzido em portuguez pelo Dr. Braz Florentino Henriques de Souza.

Outro da dissertação sobre os privilegios dos ministros publicos e seu fundamento, do Bacharel Manoel Moreira Guerra, por occasião da defesa de suas theses perante a Faculdade de Direito do Recife.

Outro contendo um memorial sobre um dos famosos pleitos intentado por Antonio de Siqueira Cavalcanti contra seu genro Antonio Carlos Pereira de Burgos Ponce de Leon.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

O Sr. thesoureiro interino Dr. Amaro de Albuquerque apresenta o balanço da receita e despeza do Instituto no anno social corrente de 1866—1867.

E' remettido á commissão de fundos e orçamentos.

O Sr. Dr. Witruvio Pinto Bandeira, como relator da commissão de admissão de socios, dá leitura de um parecer approvando varios senhores para socios.

E' adiada a votação para a proxima reunião.

O Rvd. Padre Lino do Monte manda a mesa o seguinte requerimento:

« Requeiro que o Instituto Archeologico, dirija um voto de agradecimento aos Srs. Drs. Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Francisco Pires Machado Portella, pelo serviço importante por elles prestados no exame medico procedido nos ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira. »

E' approvada sem debate. Em seguida é assignada a seguinte portaria de nomeação.

A' mesa administrativa do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, tendo em vistas a disposição do art. 18 dos estatutos combinado com o art. 2· dos additivos e bem assim a proposta do Sr. Secretario perpetuo resolve approvar a nomeação de Joaquim Jeronymo da Conceição para o cargo de Continuo, servindo de Porteiro do mesmo Instituto; vencendo a gratificação annual de sessenta mil réis e mais vinte por cento da arrecadação que fizer das joias e mensalidades dos socios, pagos estes vencimentos por mez ou trimensalmente a contar do dia 20 de Dezembro proximo findo em diante toda vez que cumprir com as suas obrigações. Sala das sessões do Instituto 3 de Janeiro de 1867.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*Padre Lino do Monte Carmello Luna*, 3· Vice-Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.—*Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa*, Orador.—*Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque*, Thesoureiro interino.

O Sr. Presidente nomea para membros da commissão que tem de convidar aos Exms. Srs. Presidente da Provincia, Vigario Capitular e Commandante das Armas para assistirem a sessão anniversaria da installação do Instituto aos Srs. Drs. Nascimento Feitosa, Raposo de Almeida e Gervasio Campello.

O mesmo senhor dá para ordem do dia da proxima reunião que deverá ter lugar no dia 17 do corrente, trabalhos de commissões e votações adiadas. Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

78ª Sessão ordinaria no dia 17 de Janeiro de 1867

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

As 11 horas da manhã presentes os Srs. Drs. Aprigio Guimarães, Amaro de Albuquerque, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Rodrigues Campello, Witruvio Pinto Bandeira e os Srs. Padre Lino do Monte e Major Salvador Henrique, abre-se a sessão.

O Sr. 2· Secretario dá leitura da acta da antecedente que é approvada.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente:

Um officio do Exm. Presidente da Provincia scientificando ao Instituto que havia expedido ordem ao Director das Obras Publicas para ser limpa e avivada a inscripção da lapida que fica em frente do antigo Calabouço.—Inteirado.

Outro do socio correspondente André Ferreira de Almeida, remettendo ao Instituto os retratos dos quatro heróes da restauração de Pernambuco, Vieira, Vidal, Camarão, Henrique Dias e bem assim um pequeno com o do offertante.—São recebidos com especial agrado.

Em seguida o mesmo Sr. Secretario perpetuo menciona as seguintes offertas:

Varios numeros do *Diario de Pernambuco,* pelo consocio Dr. Figueirôa.

O n. 8 do periodico *A Situação,* pela respectiva redacção.

Um exemplar impresso do discurso lido pelo Dr. Aprigio Guimarães, junto ao tumulo do Desembargador Nunes Machado no dia 2 de Novembro proximo findo e pelo mesmo offertado.

Outro do Castrioto Lusitano, edicção de 1679.

Outro de Apophthegmas ou ditos agudos e sentencisos, edicção de 1761, ambos estes exemplares, são offertados pelo Sr. Antonio Moreira de Mendonça.

Um exemplar do n. 29 da *Revista* do Instituto Historico, contendo uma memoria sobre a revolução de 1824, escripta pelo Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto e pelo mesmo offertado.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Vem a mesa o seguinte requerimento:

«Requeiro que em consequencia da condição com que foram offertados os retratos de Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias, pelo Sr. André Ferreira de Almeida se consigne na acta desta sessão que em caso nenhum se emprestem os referidos retratos. Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 17 de Janeiro de 1867.—*Salvador Henrique de Albuquerque*.»

E' approvado.

O Sr. Secretario perpetuo scientifica ao Instituto que o Sr. Dr. Raposo de Almeida por molestia pede dispensa da commissão para que fôra nomeado.

E' dispensado e nomeado para substituil-o o Sr. Dr. Amaro de Albuquerque.

O Sr. Dr. Aprigio Guimarães é encarregado de em nome do Instituto, pedir ao Sr Tenente Coronel Seve a musica do batalhão do seu commando para tocar na ante-sala das sessões no dia 27 do corrente.

Corre o escrutinio e são approvados socios honorarios os Exm. Srs. Marquez de Olinda, Conde da Boa-Vista e Visconde de Suassuna, e para socio correspondente o Rvd. Vigario Firmino José de Figueiredo.

O Sr. Presidente convida os socios a reunirem-se no dia 27 do corrente em sessão do anniversario em Assembléa Geral.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

MATERIAS CONTIDAS NESTE N. 11

REVISTA

DO

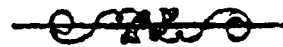
INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

(TRIMENSAL)

TERCEIRO ANNO -- TOMO PRIMEIRO

JULHO DE 1866

N. 12.



RECIFE

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO RECIFE

Rua do Imperador n. 77

MDCCCLXIX

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja.

S. Rita Durão Caram. C. iv, Est. 59.

JULHO DE 1866 N. 12

ASSEMBLÉA GERAL

Sessão do 5º anniversario do Instituto em 27 de Janeiro de 1867

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A uma hora da tarde o Exm. Brigadeiro Commandante das Armas é recebido pela respectiva commissão e acompanhado até o lugar que lhe estava destinado, ao som da musica postada a entrada da sala; e estando presente varias autoridades; uma commissão por parte do Gabinete Portuguez de Leitura; pessôas gradas e um crescido numero de cidadãos de todas as classes; verifica-se igualmente a presença dos seguintes socios effectivos: Drs. Joaquim Portella, Aprigio Guimarães, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Amaro de Albuquerque, Figueirôa, Witruvio Pinto Bandeira, Rodrigues Campello, Cunha Figueiredo Junior, Cicero Peregrino, e os Srs. Francisco de Barros, Padre Lino do Monte Carmello e Major Salvador Henrique e os socios correspondentes Dr. Rufino Angusto de Almeida e Cirurgião André Ferreira; o Sr. Presidente declara aberta a sessão e lê um discurso analogo ao objecto.

O Sr. Secretario perpetuo dá leitura de seu relatorio sobre o movimento do anno social findo.

O Sr. Dr. Feitosa como Orador lê o seu discurso.

O Sr. Dr. Aprigio Guimarães recita um discurso sobre a verdade historica.

O Sr. Major Salvador Henrique, lê um discurso biographico de Henrique Dias.

O Sr. Academico João Baptista Rigueira Costa e Victoriano Palhares recitam, o primeiro um discurso de congratulação ao Instituto, o segundo uma poesia sobre o mesmo assumpto.

Terminado assim o acto retira-se o Exm. Commandante das Armas com as mesmas formalidades com que entrou.

O Sr. Presidente convida aos socios para a sessão especial de eleição que deverá ter lugar no dia 15 de Fevereiro.

Levanta-se a sessão.—*Monsenhor Francisco Muniz Tavares*, Presidente.—*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.—*Salvador Henrique de Albuquerque*, 2· Secretario.

DISCURSO

DO EXM. SR. CONSELHEIRO MONSENHOR FRANCISCO MUNIZ TAVARES, PRESIDENTE EFFECTIVO DO INSTITUTO, LIDO EM ASSEMBLÉA GERAL DO 5· ANNIVERSARIO, 27 DE JANEIRO DE 1867.

Senhores.—Celebramos o quinto anniversario da installação do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Cinco annos de existencia real é vida longa para associações scientificas em provincia. Estas associações, assim como outras de reconhecida utilidade, surgem entre nós de improviso, de improviso desapparecem. E' innato ao homem o de-

sejo de instruir-se, e transmittir a outros a instrucção recebida: a perseverança, porém, no desenvolvimento de tão necessario desejo não é infelizmente virtude vulgar.

Com este pretexto, que jámais deveria ser dado, apenas installado o nosso Instituto, começaram os scepticos a apregoar que elle não escaparia á sorte commum. Essa casta de gente duvïda de tudo, menos de si mesma; capricha em ser incredula, e pretende que se lhe preste fé. Todavia se ella acha-se ainda habilitada a formar um raciocinio justo, se pode ser classificada racional, é provavel que ter-se-ha desenganado; e se por contumacia não confessar em publico o seu falso juizo, no senso intimo o terá reconhecido.

Temos trabalhado, Deus nos tem ajudado; alguma cousa util havemos produzido. O dignissimo secretario perpetuo, na solemnidade de cada um dos anniversarios, tem exposto fielmente a serie dos nossos trabalhos: hoje desempenhará a mesma tarefa, em quanto eu, na debilidade das minhas forças, direi algumas palavras a respeito dos nossos malfadados indigenas. A triste sorte dos Pariás nunca deixou de interessar os corações bem formados.

E' doloroso, mas não podemos deixar de confessar que a generalidade dos primitivos habitantes do Brazil, era antropophaga. Dahi ó horror, com que desde então foram encarados. Essa aversão era natural: a compaixão, porém, no homem, que se diz civilisado, não deveria ser menos. Quem pecca, deve ser corrigido, nunca maltratado. Na infancia das sociedades os velhos são meninos; estes com suas travessuras não promovem odio, nem despreso, exigem maior solicitude.

Pelo testemunho da historia sabemos que os nossos aborigenes, apezar da fereza que lhes inspirava o ardente amor da liberdade, logo que não tinham motivo de temer que se attentasse contra este sagrado

direito, eram faceis em conceber dous sentimentos para com os estrangeiros, que vinham estabelecer-se em seu paiz.

A maior difficuldade estava em extirpar dos seus corações o feroz genio de collocar acima de todo e qualquer prazer o horrido banquete, que costumavam celebrar com as carnes dos seus inimigos, difficuldade tanto mais séria, por ser a unica especie de gloria que conheciam. No Mexico, destruidos os templos, e dispersos os sacerdotes, necessariamente cessaram os sacrificios de humanas victimas, e os povos desse imperio por tantos infortunios, que acompanharam a infame conquista, não eram mais que um miseravel bando de gente aterrada, que havia perdido todo o sentimento de si e a quem o mesmo estado de civilisação, a que os imperadores os haviam antes conduzido, conspirava para a sua maior degradação.

Os Portuguezes não podiam fazer nos Brazileiros a carneficina, que nos Mexicanos haviam praticado os Hespanhoes, nem lhes faria conta praticar, quando houvessem podido. O uso atroz, que occorria desenraizar nelles, não provinha de fanatismo religioso, o qual se tem um periodo de exaltação, tem tambem afinal o de calma; procedia de um sentimento mais profundo e mais firme no coração humano, o do odio e da vingança. Accrescia ainda que, quando se pretendia dissuadil-os, ou pôr obstaculos a este cruel habito, mais se lhes exasperava, e muito mais se lhes aguilhoava o desejo.

Nem outro resultado se podia esperar a vista do procedimento dos colonos: não respeitando os miseros indigenas senão como animaes de carga, creados e alimentados para todo o serviço que delles exgiam maltratando-se de continuo, necessariamente provocavam a vingança. Esta não se satisfazia com a morte do provocador, julgavam que, abandonando o cadaver as aves de rapina, poderia ainda voltar para atormenta-los.

Por outro lado os mesmos colonos feridos em suas pretenções, e incapazes de só por si desafrontar-se, recorriam ao malevolo estratagema de excitar ao combate a tribu rival d'aquella, de quem desejavam vingar-se, promettendo não só ajuda-la, como permittindo-lhe que comesse tambem os adversarios, que ficassem prisioneiros. Assim o mal em vez de diminuir, augmentava. Quando se está em erro, se por desgraça, acontece que aquelles que julgamos superiores em sabedoria o apoiam e applaudem, o erro não se extirpa, propaga-se.

Nestes termos nada havia a esperar dos recursos humanos, offerecia-se unicamente aquelle que o ministro do Evangelho sabe efficazmente implorar e obter. Os missionarios eram incansaveis: o procedimento impio dos colonos os contrariava, mas não os desalentava. Com o auxilio da graça obtinha alguns fructos do seu zelo; nos lugares onde permaneciam, o crime já não se commettia com ostentação.

Um dia inopinadamente chega aos ouvidos do veneravel jesuita padre Leonardo Nunes o alarido festivo do nefando convicio: sem demora elle corre e lança-se no meio da multidão bacante. Tinha a roupeta e a camisa despida até a cintura, nas mãos trazia o instrumento, com que os devotos penitentes no tempo do fervor religioso castigavam o proprio corpo rebelde, flagelava-se de tal fórma que o sangue corria-lhe das espaduas em demasia. « Eis-me a vossos pés (lhes diz banhado em lagrimas) quereis sangue? Aqui o tendes, saciai-vos; mas por Deus poupai ao menos o de vossos irmãos tão infelizes como vós.»

Foi assim que os apostolos levaram ás extremidades da terra a sacrosanta doutrina do Calvario! O heroismo tem a força irresistivel de subjugar as paixões, sejam quaes forem, penetra os corações mais indomitos, arrancando a admiração, e com ella a submissão respeitosa. Os miseros selvagens entregam em profundo silencio a triste victima, que ia ser im-

molada, e promettem não resistir. Toda a tribu daquella aldeia cumpre fielmente o promettido.

Na longa e sempre memoravel luta que travamos com o Batavo invasor desta provincia, entre as diversas tribus, que com intrepidez e denodo nos auxiliaram a obter o triumpho completo no glorioso dia 27 de Janeiro de 1654, que hoje com sincera devoção celebramos tambem; sim, dessas tribus a historia não aponta uma só, que ainda se manchasse com aquelle barbaro uso; outras idéas, outros principios tinham-se infiltrado n'alma, esclarecida pelo ensino evangelico.

Mas, senhores, seriam só os Americanos, ou os Brasileiros, que assim se degradassem, a ponto de serem estigmatisados como precitos? Abrámos os annaes do genero humano: quaes são as nações que não tenham de arrepender-se dessa barbaridade? Não recordaremos Scitas, Persas, Arabes, Phenicios, nem centenas de gerações da Asia. Não fallaremos de Egypcios, nem de Carthaginezes, e outros povos d'Africa. Os antigos Hespanhoes, os Gaulezes, Allemães, Suecos, os mesmos Gregos e Romanos, e tantos outros celebrados como os mais cultos e sabios do universo, não foram exceptuados. Os Hebreos, o povo escolhido, revoltados em Cyrene, e conduzidos pelo fanatico André que se dizia Messias, com seu furor contra o Santissimo nome de Jesus (como refere entre outros o historiador Euzebio) não contentes de degolar a todos quantos encontravam pelas ruas e pelas casas, devoraram as carnes, fizeram cintos dos intestinos, cobriram-se com as pelles dos cadaveres. Igual procedimento tiveram no Egypto, e em Chypre. Lamentem-se os desvarios do entendimento humano, não se lance o anathema exclusivamente sobre os nossos indigenas.

Tem sido notados em todos os tempos que os mais intolerantes são os que mais necessitam da tolerancia alheia. Os declamadores de encruzilhadas,

que costumam vociferar contra os erros e defeitos do homem publico e privado, de ordinario estão eivados do mesmissimos, ou peiores males; clamam contra a corrupção, e vivem corrompidos. Os abutres que esvoaçaram pelo nosso territorio, no principio do seu descobrimento, eram incansaveis em gritar contra a antropophagia e nenhum era mais antropophago do que elles. Não se saciavam com a carne humana, tragavam o que o homem possue de mais valor, a liberdade, a honra, a propriedade. Mentecaptos! Não se recordavam, ou antes fingiam ignorar que a carne é nada, póde ter o seu tumulo no ventre de qualquer féra, e que o espirito é tudo; não morre, vive *in æternum;* a materia anniquila-se, a liberdade, atributo o mais precioso do espirito, quando perseguida, atassalhada nesta vida, refugia-se ao pé do throno da Divindade, d'onde emanou, e ahi encontra asylo perenne.

Fiquem consignadas essas minhas palavras (talvez não tenha mais a honra de fallar neste recinto); saibam os vindouros que ellas foram proferidas por um padre velho que não cessava de repetir com o lyrico portuguez:

Eu desta vida só fico contente
Que a minha terra amei, e a minha gente.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO SR. SECRETARIO PERPETUO, LIDO Á ASSEMBLÉA GERAL EM 27 DE JANEIRO DE 1867

Meus senhores.—A disposição do art. 28 dos estatutos desta casa obriga o Secretario perpetuo, no dia de hoje, a relatar á Assembléa presente os principaes factos que em nosso gremio se passaram durante o circulo que ora se fecha, para que elles fi-

quem consignados em nossos registros n'uma especie de synthese. Venho, pois, obedecer a este agradavel preceito.

A actual mesa administrativa foi eleita em 22 de Fevereiro proximo passado, assim como o foram os dignos membros que compõe as differentes commissões em que se acham divididos os trabalhos organicos e os de historia, geographia e archeologia do Instituto. Todos esses funccionarios tomaram posse em 5 de Abril dos lugares para que foram eleitos, e os trabalhos succederam-se com o costumado zêlo e regularidade.

Pelo ministerio da guerra, e a instancias nossas, foi com effeito concedido ao Instituto que uma das peças de artilharia, pertencentes ao exercito hollandez do tempo da invasão, e que se achavam no Arsenal de Guerra, ficasse na provincia, como uma memoria, e não partisse para o Museu da Côrte, como o respectivo ministro havia ordenado.

O empenho em que o Instituto se acha para a erecção das estatuas dos quatro restauradores de Pernambuco encontra-se no mesmo pé em que o deixamos o anno passado. O maior obstaculo para a incarnação desta idéa é a insufficiencia de fundos que por ora temos. As quatro estatuas, para que cada uma dellas corresponda a magnitude do sujeito e á reputação da provincia, não poderão importar em menos de 25 a 30 contos de réis, postas em Pernambuco: é um dispendio para que a vossa caixa não está de recente habilitada. Em todo o caso, irão vindo as estatuas uma a uma, ao passo que fôr possivel, e recorremos para isso ao patriotismo de nossos socios e ao da provincia inteira, por meio de commissões, que vão ser nomeadas, em cada freguezia da cidade e nas differentes comarcas do interior, associando assim o nome de todos os Pernambucanos a estes gloriosos monumentos de gratidão provincial.

O habil pincel do vosso socio correspondente o

Sr. André Ferreira de Almeida, que o anno passadc expôz neste salão o primoroso retrato de João Fernandes Vieira, terminou este anno com a maior felicidade a tarefa de que se incumbio, apresentando os tres vultos que restavam, e que ora se acham a vista.

Na excavação a que se procedeu nos alicerces do antigo arco do Senhor Bom Jesus das Portas, não se encontrou medalha nem taboa alguma de pedra que indicasse a sua fundação e os pormenores que a deviam ter acompanhado; mas a commissão encarregada desse trabalho, a força de diligencias, pôde verificar o lugar preciso em que o arco se achava levantado, e muitas noticias importantes sobre a sua edificação e a do sanctuario que lhe era superposto. Alli, no frontespicio do sobrado que serve de residencia aos inspectores do Arsenal de Marinha, e no meio de um grande concurso de cidadãos notaveis, no centro de uma grande festa, se collocou afinal uma lapida quadrangular, que hoje rememora á provincia de Pernambuco esta antiga e curiosa fabrica, como o Instituto o havia ordenado. Folgo de mencionar ainda uma vez o auxilio expontaneo e bons serviços que em semelhantes actos costuma sempre prestar o Sr. capitão de mar e guerra Hermenegildo Antonio Barbosa d'Almeida, nosso socio correspondente.

Para se proceder ao exame scientifico sobre os ossos encontrados no sepulcro em que ha toda a probabilidade de haver sido encerrado o cadaver de João Fernandes Vieira, foram esses ossos transportados de Olinda com toda a decencia para a sachristia da Igreja de Nossa Senhora do Paraizo do Recife; e ahi se procedeu ao exame ordenado pelo Instituto. O resultado foi a commissão medica declarar que não era possivel conhecer e distinguir entre as seis ossadas que se encontraram no carneiro qual a mais antiga, e depositada em primeiro lugar, visto não ter havido

2

a precaução necessaria no acto da exhumação e acharem-se esses ossos a defazer-se em pó. Mas o Instituto prosegue em suas investigações a respeito, e, de vestigio em vestigio, espera encontrar a solução do que pretende saber.

E' aqui occasião de agradecer solemnemente aos Srs. Drs. Alexandre de Souza Pereira do Carmo e Francisco Pires Machado Portella, nossos socios correspondentes, a benevolencia com que se prestaram ao trabalho de semelhante exame, e a solicitude com que o desempenharam, de acôrdo com a honrada commissão do Instituto.

Ao Sr. Major Antonio Bernardo Quinteiro, nosso socio correspondente, deve o Instituto reconhecimento igual, pelo offerecimento que fez, e lhe foi acceito, do seu mais rico carro funebre, em que foram trazidos de Olinda para o Recife os presumidos restos mortaes do heróe de Guararapes.

Solicitou-se de S. Exc. Sr. Conselheiro Presidente da provincia a expedição de suas ordens para que a lapida denegrida que se acha na frente do antigo calabouço do Quartel de Policia seja limpa e avivada os seus caracteres, afim de que o Instituto possa continuar os seus estudos sobre os monumentos e tradições desta provincia.

Duas commissões reunidas *ad hoc*, uma nomeada pela Camara Municipal do Recife e outra pelo Instituto Archeologico e Geographico, occuparam-se effectivamente da substituição de alguns nomes das principaes ruas desta cidade por outros que deve recordar-nos e a nossos filhos, os heróes e feitos memoraveis da historia patria, de conformidade com o que o anno passado vos communiquei. O projecto de substituição foi organisado de acôrdo em Junho, porém até hoje não ha sido discutido em camara, segundo me consta.

Nem o empenho em que o Instituto se acha de alcançar da Assembléa Geral Legislativa a decretação

de ser o dia 27 de Janeiro de festa nacional para Pernambuco, nem o de obter do mesmo poder do estado uma ou mais loterias no Rio de Janeiro em favor desta util associação foram ainda satisfeitos.

A ordem nominal que a Assembléa Legislativa de Pernambuco estabeleceu para as loterias que teem de correr na provincia, não deixará que tão breve chegue a vez de se extrahirem as partes que faltam a que se acha concedida ao Instituto. Em compensação recebeu em tempo a vossa caixa a subvenção votada pela mesma Assembléa em sua ultima sessão—1:200$000,— com que se tem feito face ás despezas mais urgentes. E' de esperar que o generoso subsidio que os nossos dignos representantes destinam a vida moral do Instituto Archeologico seja augmentado todos os annos, como forem permittindo os recursos da provincia.

No entanto, a actividade inexcedivel do vosso digno thesoureiro interino e o seu amor pronunciado pelo renome desta casa, tem-no feito adiantar os fundos necessarios para as despezas que ha sido mister fazer, toda vez que em caixa não ha capital sufficiente; e ao seu muito zêlo se deve o aceio, ornato e mobilia da sala em que está collocada a vossa secretaria. A elle e ao muito Reverendo Padre Provincial deste convento de Nossa Senhora do Carmo, que nos concedeu o uso fructo de tal sala, está o Instituto em grandissima obrigação.

Por outro lado estão satisfeitos os votos que o anno passado vos manifestei de vêr a secretaria disposta no pé em que devia estar. Pôde effectivamente nomear-se um bom empregado com o titulo de amanuense, e sob as minhas ordens; tem a seu cargo velar nos archivos, curar da bibliotheca, e fazer a escripturação necessaria desta casa, segundo a lettra do art. 15 de nossos estatutos. Devemos, porém, á habilidade, a paciencia e ao reconhecido espirito de or-

dem do vosso digno 2· Secretario, a perfeição systematica com que se acham formulados todos os nossos registros, e a completa classificação de todos os objectos que pertencem ao Instituto.

No correr do anno academico que hoje termina, tivemos de deplorar a morte de tres de nossos mais conspicuos socios: o Dr. Estevão Benedicto França, o Commendador Manoel Figueirôa de Faria, e o muito Reverendo Bispo desta diocese D. Emmanuel de Medeiros. Nas associações litterarias a vida de cada membro é de certo modo immaterial; e as nossas unicas aspirações á gloria são as do trabalho ou as da superioridade do engenho. Fére a morte algum de nós.....recolhe a consciencia publica o que houve de grande ou de proveitoso na vida do que se finou: elabora-lhe lá fóra o capricho o seu triumpho; calumnia-o no meio das praças o interesse privado; o seu nome é um som que nada significa para a indifferença: - não importa: aqui dentro, em plena tranquilidade de espirito, longe das paixões tumultuosas, forma-se-lhe o processo de seus actos, contempla-se o que elle fez, pesa-se o que era capaz de fazer e não pôde, discutem-se todas as vicissitudes de sua vida; e depois, neste dia solemne, neste dia em que todos os espiritos se acham absortos em magnificas idéas, abrem-se de par em par as portas deste tribunal democratico, e aqui se lhe lavra a sentença: aqui se resolve afinal, se os nomes dos que se foram devem passar com effeito á memoria perenne dos homens, ou se taes nomes devem esquecer-se para sempre, com o derradeiro som da lousa que lhes cobre a estancia. E' isso o que vai dizer-vos o vosso illustre e eloquente orador, com aquella fé viva, com aquella uncção religiosa, que é o formoso caracter de todos os seus discursos.

O quadro actual dos membros do Instituto é o seguinte:

Socios effectivos.........	40	
Socios honorarios........	17	
Socios correspondentes....	43	
	—	100

Além da sessão especial de eleições em Assembléa geral, de que ha pouco vos fallei, celebrou o Instituto no corrente anno academico dezenove sessões ordinarias, nas quaes foram tratados e resolvidos diversos assumptos, uns de ordem, e outros de interesse publico, para a provincia.

Uma importante memoria foi lida na sessão de 26 de Julho pelo Sr. Dr Francisco Manoel Raposo de Almeida, nosso socio effectivo, sobre o processo mais facil de investigar, colleccionar e organisar os materiaes da historia. E' um escripto breve, mas de largas vistas philosophicas, clarissimo de methodo, abundante em preciosos conselhos, e de um valor inestimavel para as corporações litterarias que tem a cargo, como o Instituto, escrever a historia de um povo ou de alguns individuos, e descriminar por entre a chronica, os monumentos e a tradição o que ha de ser dado a posteridade como exacto, ou regeitado pela critica como inverosimil.

A vossa commissão de fundos e orçamentos terá de apresentar-vos em Assembléa Geral de 15 de Fevereiro proximo, o orçamento da receita e despeza do anno social de 1867—1868, o qual será devidamente discutido no 1· de Abril, como prescrevem os arts. 19 e 27 dos estatutos.

Taes são os factos de que tinha de informar-vos, e tal é o movimento que se deu no estadio academico que acabamos de percorrer. Um punhado de intelligencias modestas, mas de vontade robusta, lançaram os primeiros fundamentos desta grave associação ha hoje cinco annos; e a sua marcha e o seu progresso estão patentes a todos. A constancia e o trabalho teem até hoje vencido muitas difficuldades, e

desmentido assim os espiritos timidos que lhe agouravam uma vida ephemera.

A tarefa que se impôz o Instituto, como o seu proprio titulo o indica, é colligir e verificar os subsidios que esta e as provincias visinhas lhe possam ministrar para a historia do paiz, applicando principalmente esses testemunhos á chronologia, a geographia, á litteratura, e principalmente a historia de Pernambuco. O seu fim é ensinar a multidão pelos grandes exemplos da historia patria; -- é crear em nossos conterraneos o amor ao trabalho pela fascinação dos commodos sociaes;—é mais que tudo preparar a actual geração para os gloriosos destinos que a esperam n'uma época proxima.

Quando o povo estiver sufficientemente instruido em sua historia; quando conhecer que a inercia é o seu maior inimigo; quando por nossos esforços elle poder apalpar as prodigiosas vantagens da actividade; quando conhecer a quanto o obrigam os seus direitos e deveres; quando, n'uma palavra, elle se considerar em termos de reunir-se, sem oscilar, á communhão illustrada e activa das mais adiantadas nações do globo, não haja medo que os delictos se multipliquem, ou que a preguiça vegete n'um incrivel desperdicio de forças. E' o desenvolvimento desta importante these que o Instituto tem a peito com a publicação do seu orgão periodico, persuadido como está de que o povo mais forte será sempre aquelle que mais esclarecido fôr, e que o poder da intelligencia ha de vir a ser por fim o unico poder dominador de toda a terra.

Porém não basta a bôa vontade de instruir o povo; é necessario da parte de quem o quer instruir muita sinceridade, muita independencia e muito estudo. O espirito de observação e a comparação paciente do estado das nossas cousas com as das nações que queremos imitar, serão em todos os tempos o barometro supremo para quem pretender doutri-

nar os povos. E com tudo, temos muita fé nos caracteres que se acham a frente da actual redacção da *Revista* para não esperarmos delles o cabal desempenho da santa missão que tem aos hombros, de accordo com o programma do Instituto.

Assim se torna esta importante colmêa de homens dedicados um dos mais fortes auxiliares do governo, no patriotico empenho em que elle se acha de regenerar o paiz, e assim se justifica o generoso dom annual da Assembléa Legislativa da provincia ao Instituto, como um precioso estimulo aos seus esforços, e a mais honrosa das adhesões aos seus trabalhos.

Assim é que nascem, crescem, chegam á altura a que se propõem e dão fructos de benção as associações patrioticas dos povos modernos, quando fundadas no interesse commum, e aradas pelo trabalho de todos os seus membros; porque, a associação dos espiritos pela intelligencia e pela actividade é a palavra magica do actual seculo, que ha feito brotar em jorros as admiraveis creações da arte, da industria e do commercio em ambos os mundos, com os quaes se enche de orgulho o homem, que hoje vive, e que descobre no futuro, como o Instituto Archeologico hoje descobre, os largos horisontes da humanidade,—o passamento e a grandeza moral das gerações por vir.

Sala das Sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1867. —*José Soares de Azevedo*, Secretario perpetuo.

DISCURSO

DO ORADOR DO INSTITUTO, NA ASSEMBLÉA GERAL DO ANNIVERSARIO EM 27 DE JANEIRO DE 1867.

Senhores.—Se na solemnisação de nosso ultimo anniversario não tivemos de lamentar a perda de um

só de nossos socios, hoje não nos é dado gosar da mesma satisfacção; pelo contrario cada uma das classes, que constitue esta associação, perdeu um prestimoso companheiro; hoje lamentamos no fallecimento do Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel de Medeiros a perda de um socio honorario; no fallecimento do Sr. Commendador Manoel Figueirôa de Faria a perda de um socio effectivo; e no fallecimento do Sr. Dr. Estevão Benedicto França a perda de um socio correspondente. Prestando á memoria dos tres socios, cuja perda acabo de mencionar, o tributo de saudades e homenagens que os nossos Estatutos consignam, cumpro um dever que me é caro: a nossa magoa se achou confundida com o luto do episcopado, da imprensa, e da magistratura de primeira instancia. Por ahi podereis desde logo avaliar a extensão da dôr de que deve penetrar-se o Instituto.

O finado D. Manoel de Medeiros era natural da cidade do Aracaty, na Provincia do Ceará; nascera no dia 21 de Setembro de 1829, e era filho de Manoel de Rego Medeiros, já fallecido, e da Exma. Sra. D. Marianna do Rego da Luz, a quem estava reservado o golpe de perder o caro filho depois de haver nelle abraçado o illustre Prelado da Igreja Pernambucana.

Baldos dos bens da fortuna, os dignos paes de tão estimavel filho, não pouparam esforços para darlhe uma educação acurada; e, destinando-o para o estado sacerdotal, o enviaram ao seminario episcopal de Olinda, onde effectivamente se mostrou digno do alto mister a que fôra destinado; porquanto, aproveitando as lições que recebêra de seus respeitaveis mestres, conseguira assumir lugar distincto entre os Levitas do Senhor, recebendo as ordens de presbitero das mãos do finado Bispo desta Diocese, D. João da Purificação Marques Perdigão.

Depois de haver por algum tempo prestado ao exercito brasileiro os misteres de seu sacerdocio,

como capellão de um dos batalhões do Imperio, o finado D. Manoel de Medeiros foi chamado ao desempenho das funcções de secretario do Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa, actual Bispo do Pará, que soube dar o devido apreço as eminentes qualidades que distinguiam o sacerdote cearense.

Esta primeira phase da existencia do Sr. D. Manoel de Medeiros se deslisou tranquilla no exercicio dos deveres que seu caracter de sacerdote e os modestos cargos que occupára lhe impunham; sendo que o exemplo, a sciencia e as praticas virtuosas do Exm. Bispo do Pará, foram para elle fonte de novos ensinos e degráo para mais altos destinos.

Naturalmente, por mais de uma vez, em suas conversações intimas ter-se-hiam occupado do estado a que se acha reduzido o nosso clero e dos meios de arrancal-o da posição abatida em que o mantem a falta de instrucção canonica e theologica; e naturalmente dessas conferencias cheias de confiança mutua nascera no coração do Padre Medeiros o desejo de instruir-se, de viajar a Europa e ahi adquirir conhecimentos theologicos mais profundos, de ver a capital do mundo catholico, de conhecer pessoalmente o respeitavel chefe da christandade, de ouvir de seus labios santos a palavra consoladora do Chefe visivel da Egreja Catholica, de visitar os Santos lugares e essa Jerusalem, cujo nome, na phrase de um eloquente escriptor, é doce como o perdão; terrivel como a vingança; melancolico como uma ruina ou como um suspiro do coração; consolador como a esperança.

Esse desejo, filho certamente de uma inspiração divina, foi approvado pelo Venerando Prelado da Egreja Paraense; e foi posto em execução, partindo o Padre Medeiros para Paris, centro da moderna civilisação, onde se demorou preparando-se no seminario de S. Sulpicio.

Logo que se julgou com o espirito mais fortale-

cido pelas lições que recebera nessa fonte de illustração christã, realisou o Padre Medeiros a sua perigrinação a Jerusalem.

Depois de haver visto com seus proprios olhos a cidade santa, a cidade solitaria, cujos caminhos são apenas conhecidos dos estrangeiros curiosos e dos piedosos hadji do Oriente; depois de haver ahi meditado sobre tantos acontecimentos e tantas catastrophes diversas, que fazem com que, por sua fé religiosa, por seus prophetas, por seu Messias e por seu divino sepulchro vazio, seja ella o resumo de toda a historià da humanidade: o sacerdote brasileiro passou do berço do christianismo para a séde de seus triumphos, de Jerusalem a Roma. Dest'arte pôde elle pelos conhecimentos que pessoalmente adquerira confrontar o presepe e o Golgotha com S. Pedro e o Vaticano; unir em um mesmo lance d'olhos o Carmelo e o Libano, as margens do Selvé, do Cedron e do Jordão ao immenso theatro escolhido pelo Christo para as conquistas da civilisação.

« Quando, depois de uma residencia de dous « mezes, escreve Poujoulat, eu disse adeus a Jeru- « salem, meus olhos arrazaram-se de lagrimas; eu « havia passado ahi os dias mais sérios de minha vida, « os mais cheios de meditações, de estudos, de pie- « dosas contemplações; ahi me achava eu como sepa- « rado do mundo, separado dos vivos, cercado de « ruinas e de tumulos, todo entregue á austera con- « templação de um passado fecundo em lições subli- « mes; Jerusalem me havia posto, para assim dizer, « na posse de toda a minha alma; o destino do ho- « mem, a grandeza de Deus, os mysterios da creação « moral se me tinham revelado melhor, em face do « Calvario e do monte das Oliveiras. Quando foi « mistér affastar-me da Cidade Santa, pareceu-me que « me arrancavam a verdade, ao amor, aos suaves pen- « samentos, e que eu ia deixar por traz de mim algu- « ma cousa em que o meu coração havia ficado; acre-

« ditei um momento que me assimilhava ao primei-
« ro homem exilado do paraizo. Parei muito tem-
« po com os olhos fitos em Jerusalem; depois cami-
« nhei lentamente, mui lentamente, e a proporção
« que desappareciam os muros e as cupulas da cida-
« de Santa, eu volvia a cabeça para dirigir uma
« derradeira saudação a amigos que se não deve
« mais tornar a ver. »

Estas palavras, com que o escriptor catholico tão vivamente descreve as commoções que lhe abalaram tão profundamente a alma e o coração, dão bem a medida do que se teria passado na alma e no coração do Padre Medeiros ao ver a Cidade Santa, ao estudal-a em seus mysterios, e ao lançar-lhe olhos cheios de lagrimas e de saudades, quando della se retirou.

Foi com o espirito e com o coração cheios de tão consoladoras lições que o Padre Medeiros entrou em Roma e ahi fixou a sua residencia. O Reverendissimo Sr. Padre Lino do Monte Carmello Luna, um de nossos mais distintos socios, na Oração funebre que pronunciou na Cathedral de Olinda por occasião das exequias ahi celebradas pela alma do Exm. finado, assim descreve o estado em que o achou em Roma, logo depois de sua chegada de Jerusalem:

« Na monumental Cidade de Roma, tive eu o
« prazer de communicar com o Sr. Padre Medeiros
« e entreter largas conversações concernentes á sua
« viagem a Jerusalem, e conheci bem quanto elle
« achava-se fatigado, porém contente, da jornada
« dos lugares santos á capital dos Cezares. »

E com verdadeiro e nobre afinco proseguiu o futuro prelado da Egreja Pernambucana na acquisição de conhecimentos adaptados ao fim que se havia proposto; e frequentado com assiduidade a Academia de Santo Apolinario de Roma, conseguiu receber o grão de doutor em direito canonico.

Aqui encerra-se a segunda phase da existencia do Padre Medeiros; e abre-se a terceira toda nova, inesperada e assombrosa.

A Egreja Pernambucana, havendo perdido o seu pastor na pessôa do caridoso Bispo D. João, reclamava a nomeação de um successor. O Governo Imperial, que até o presente ha sido verdadeiramente escrupuloso na escolha dos Prelados, fêl-a recahir sobre o Padre Manoel de Medeiros em 5 de Abril de 1865.

Quando ao nomeado chegou o conhecimento da nomeação, ficou elle sorprendido e assustado, na contemplação do enorme peso, da immensa responsabilidade, inherentes a tão eminente cargo.

« Os labios do sacrificador, diz Bossuet apoian-
« do-se na autoridade da Escriptura, guardam a
« sciencia, e o povo procura na sua bocca a intelli-
« gencia da lei. O proprio rei a recebe de sua mão.
« E' elle o anjo (o enviado, o embaixador) do Se-
« nhor dos exercitos. Somos embaixadores por
« Jesus-Christo, diz S. Paulo, e Deus exhorta por
« nós.

« Se os pastores não são, como diz S. Paulo,
« —operarios irreprehensiveis, que manejam bem a
« palavra da verdade,—é a maior tentação do povo
« fiel. »

« Jesus-Christo estabeleceu seus apostolos para
« serem a luz do mundo, e os poz sobre o candieiro
« para allumiarem a casa de Deos, mais ainda pela
« sua bôa vida do que pela sua doutrina. Mas se
« a luz que está em nós são apenas trevas, quão
« grandes não serão essas mesmas trevas? »

Comprehende-se, pois, o justo e legitimo temor que se devia apoderar do modesto Padre Medeiros, ao receber a noticia de sua elevação ao bispado desta diocese. Vacillou, desconfiou de suas forças, e esteve em não acceitar o eminente cargo. Mas o SS. Padre Pio IX, fortalecendo-o com suas palavras

cheias de consolação e com seus conselhos cheios de sabedoria, « o convencêra, diz o Reverendissimo Sr. Padre Lino em sua citada oração funebre, de que a Religião reclamava os seus serviços; que uma renuncia importaria desagrado para o Soberano Monarcha, que o escolhera, e era sobretudo uma prova inequivoca de que elle se queria furtar ao serviço da Egreja de Deus, quando a Providencia o designava para apascentar uma parte do rebanho de Jesus-Christo. »

A taes observações, partidas do Vigario de Christo na terra, curvou-se o mosdesto sacerdote; e sendo preconisado Bispo de Pernambuco em consistorio do referido anno, recebeu a consagração da ordem episcopal no dia 12 de Novembro, na Basilica Constantiniana, vulgarmente chamada Santa-Cruz de Jerusalem, pela imposição das mãos do Emminentissimo Cardeal Clarelli.

Refere-se que o SS. Padre, cujo coração é de uma inexaurivel bondade, empregara tudo quanto lhe era possivel para alentar o novo Bispo no desempenho de suas importantes funcções, sendo que lhe fizera doação de uma Cruz que trazia ao peito, empregando as seguintes palavras:

« Posto que minhas actuaes circumstancias não « me permittam fazer tudo, lembro-me agora de um « meio para remediar tudo que não posso fazer. « Vêdes esta Cruz; não vos parece bella? Pois bem « para mim ainda ella o é pelo que me recorda, e eu « quero que tambem o seja para vós. Esta Cruz, é a « Cruz peitoral de que uzei desde a minha consagra- « ção episcolpal, até a minha elevação ao Pontifica- « do; trazei-a ao pescoço assim como eu a trouxe, e « conservai-a sempre como lembrança de Pio IX. « Não quero que a avalieis pelo seu valor intrinseco, « bem que ella o tenha; mas quero que a estimeis « com o mesmo affecto em que eu a estimo por ser « uma recordação minha. »

E olhando para a Cruz, accrescentára:

« Sempre pensei não separar-me nunca desta « Cruz, mas vo-la dou de todo meu coração; tomai-a. »

Assim animado o Bispo Medeiros com essa benção especial do Summo Pontifice, dirigiu-se para a sua Diocese, e nós tivemos o prazer de vel-o aqui chegar no dia 21 de Janeiro do anno passado.

Hoje faz justamente um anno que assistiu elle á festa do nosso anniversario e manifestou-nos por signaes bem significativos o apreço que dava a este Instituto. Lembro-me de que na occasião em que fui com outros membros da commissão respectiva convidal-o para assistir a nossa festa, depois de haver acceitado o convite com toda a amabilidade, nos disse que communicassemos ao Instituto que elle queria associar-se á obra do monumento que o mesmo Instituto tratava de erigir aos heróes da Restauração de Pernambuco.

Assisti á sua posse na Cathedral de Olinda e fui testemunha das palavras cheias de amor e bondade, com que no meio do Cabido e de immenso auditorio procurou desfazer algumas nuvens que pareciam formar-se com a sua nomeação e especialmente com a questão que se suscitou por occasião de sua posse por procurador, rendendo publica homenagem ao caracter, illustração e bom governo do Exm. e Rvm. Sr. Deão Dr. Joaquim Francisco de Faria como Vigario Capitular da Diocese, e certificando as suas ovelhas que a sua missão era toda de paz e de congraçamento.

As seguintes palavras de uma carta, escripta pelo Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa a um amigo de Pernambuco, e que foram transcriptas no *Jornal do Recife* n. 107 de 10 de Maio do anno passado, dão testemunho irrecusavel das boas qualidades que ornavam o espirito e o coração do nosso fallecido socio. Eil-as:

« O Padre Medeiros é um sacerdote segundo o

« coração de Deus: conheço-o perfeitamente, e pos-
« so dar testemunho solemne de suas excellentes qua-
« lidades.

« Ajudou-me immenso na administração da Dio-
« cese como meu secretario.

« Tem iniciativa, genio activo, e organisador,
« muito tino pratico, caracter firmissimo e energico;
« muita abnegação procurando de preferencia as oc-
« cupações mais humildes do ministerio, bastante il-
« lustração, e o que vale mais que tudo e suppre de
« alguma sorte a tudo, uma piedade terna e muito
« d'alma.

« A viagem que emprehendeu a Europa e aos
« lugares santos, muito proveitosa lhe tem sido.
« Deixou no Seminario de S. Suplicio, aonde resi-
» dio por algum tempo, as melhores recordações; e
» a relação que corre impressa de sua perigrinação
« ao Oriente revela-nos ao mesmo tempo o seu genio
« observador, e a sua fé tão viva. »

Apenas tomou posse do Bispado, o Exm. Sr. D. Manoel de Medeiros entrou em uma serie de reformas, cada qual mais importante, o que denota um espirito cheio de energia e de iniciativa. Elle teve de arcar ao mesmo tempo com abusos de longa data enraizados e com as difficuldades inherentes a creação das medidas novas. A energia que lhe podia fornecer a mocidade não era ainda bastante temperada por uma certa inercia prudente que só se encontra em uma idade mais adiantada. Eis como se exprime o Sr. Padre Lino:

« O Exm. Sr. Bispo D. Manoel de Medeiros,
« no pouco tempo de seu governo revelou desejos
« vehementes de levar a effeito obras gigantescas;
« concebeu planos grandiosos, iniciou idéas transcen-
« dentes: dar uma nova organisação ao Seminario
« episcopal de Olinda; uniformisar o clero, desejan-
« do que elle attingisse a altura de sua nobre missão,
« e recebesse maior prestigio e estimação conquista-

« dos pela sua moralidade e saber: inaugurar um
« collegio para a educação do sexo feminino sob a
« direcção das irmãs de S. José; formar uma cir-
« cunscrição ecclesiastica, e outros trabalhos de sum-
« ma utilidade: eis os sonhos de rosas, que acom-
« panharam ao Exm. Sr. Bispo Medeiros: a alguns
« trabalhos deu elle principio, outros executou, e
« muitos esperavam opportunidade. »

Em verdade o Exm. D. Manoel de Medeiros quiz como de uma vez e quasi no mesmo momento regenerar o clero pela disciplina e pela educação, e toda a sociedade pernambucana pela educação da mulher catholica.

Pode-se dizer que elle teve o presentimento de sua morte proxima, e por isso aproveitou o pouco tempo que lhe restava para lançar a boa semente esperando que outros a regassem e pensassem, e para despedir-se de sua excellente mãe, e das pessoas que lhe eram caras.

E' assim que, no meio dos trabalhos que incetára e que acabo de mencionar, dirigiu-se ao Pará afim de assistir á consagração do Venerando Bispo de Goyaz, a qual teve lugar na Cathedral daquella Provincia no dia 1· de Julho. Que immenso não seria o jubilo do Exm. D. Manoel de Medeiros a apertar em seus braços aquelle, a cujos conselhos e a cuja cooperação tanto devera—o Exm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa.

Em sua volta da provincia do Pará teve a grande satisfação de abraçar a virtuosa mãe, e os amigos de sua primeira idade. E, sem que por mais tempo aqui se demorasse, seguio immediatamente para o Rio de Janeiro afim de apresentar seus respeitosos votos de reconhecimento ao Monarcha a quem devia sua elevação ao Episcopado.

Preenchidos esses desejos de um coração bem formado, o Sr. D. Manoel voltava a continuar na pesada tarefa do governo de sua Diocese, quando ao

chegar em Maceió, resolveu ahi demorar-se, para estudar por si mesmo as necessidades espirituaes dessa parte do seu rebanho, e applicar-lhes os remedios que lhes fossem de mister. Mas tambem estavam completos os seus dias; era-lhe chegada a hora de desprender-se deste mundo de miserias; a sua missão neste mundo estava finda. O Bispo D. Manoel de Medeiros, depois de alguns dolorosos soffrimentos, entregou placidamente sua alma ao Creador, ás 5 horas e tres quartos da manhã do dia 16 de Setembro de 1866.

E no dia 1 de Outubro na Cathedral de Olinda, coberta de luto pela viuvez em que ficára a Egreja pernambucana, presidia pontificalmente ao funeral do Bispo D. Manoel de Medeiros e por sua alma offerecia a Deus o incruento sacrificio da Cruz o Exm. Bispo de Goyaz, aquelle mesmo, a cuja consagração na Cathedral do Pará assistira o Bispo Medeiros no 1· de Julho desse mesmo anno! Como são imprescrutaveis os decretos da Providencia!

« Duas cousas, diz Bossuet na oração funebre
« do Padre Bourgonig, são necessarias á santa Egre-
« ja,—a pureza da fé e a ordem da disciplina.—A fé
« é sempre sem mancha, a disciplina vacilla muita
« vez. »

Pensando ao mesmo tempo na pureza da fé e na ordem da disciplina, o illustre Prelado quiz satisfazer as duas necessidades da Egreja; sua obra era grande, immensa; parece que Deus, tendo-o escolhido para dar-lhe o primeiro impulso, arrancou-o aos dissabores que deveriam resultar-lhe do proseguimento em tão gigantesca empreza:

Em todo o caso a vida do Exm. e Rvm. D. Manoel de Medeiros, apesar de custar, estudada em cada uma das suas tres phases, é uma fonte de lições sublimes, em vista das quaes o homem pensador ajoelha-se tremulo diante da omnipotencia de Deus, e dos arcanos da Divina Providencia.

4

O Instituto sente profundamente a perda de um socio que tanto o illustrava e que lhe promettia concorrer para o seu maior brilhantismo.

O nome do finado Commendador o Sr. Manoel Figueirôa de Faria, que era nosso socio effectivo, liga-se vantajosamente a historia da imprensa nesta Provincia.

Nascera o Sr. Manoel Figueirôa de Faria em Dezembro de 1801, e foram seus paes Manoel Figueirôa e D. Thereza Figueirôa de Faria.

Tendo perdido, na idade de 8 annos, o amparo paternal, sua familia que fôra residir em Olinda, o collocára no Seminario Episcopal onde cursou differentes aulas—; mas « não podendo, diz um artigo edictorial do *Diario de Pernambuco* de 2 de Agosto do anno passado, assumir o sacerdocio, por essa mesma falta de recursos, dedicou-se então á vida commercial nesta cidade, sendo primeiro caixeiro de seu tio o commerciante Domingos Antonio de Faria, e depois estabelecendo-se com casa de negocio a retalho, até que por fim fez acquisição da typographia do *Diario* em 1830, donde data a quadra auspiciosa para a imprensa desta Provincia. »

Effectivamente o *Diario de Pernambuco* contava 42 annos de existencia, quando aquelle seu fundador baixou ao tumulo; e pelo seu desenvolvimento material tornou-se indisputavelmente a primeira empreza jornalista ao Norte do Imperio.

A imprensa, que é a arte de multiplicar rapidamente e por baixo preço as copias de um mesmo livro e de tornar por esse modo accessiveis a toda gente os productos da intelligencia e do pensamento, foi descoberta e posta em pratica no meiado do decimo quinto seculo; antes do XV seculo a imprensa era inteiramente desconhecida; a gente servia-se de manuscriptos, que em mui pequeno numero, compunham

a bibliotheca das Universidades, dos claustros e dos castellos.

No principio do XV seculo foi admittido o uso de folhas de pergaminho ou de papel para as quaes, e por meio de pressão, se transportavam signaes gravados em madeira. M. Figuier, no seu livro sobre as grandes invenções antigas e modernas, diz que uma *Biblia dos Pobres*, impressa por esse processo, apparecera nos primeiros annos do XV seculo.

João Guttenberg, o pae da imprensa, que nascera em 1409, havendo perdido aos 15 annos seu pae que lhe deixára por herança uma pequena renda, mudou-se de Maiença, lugar de seu nascimento, para Strasburgo, onde trabalhara só, durante 10 annos, na descoberta da maravilhosa invenção.

E depois de soffrimentos amargos e de decepções dolorosas, morreu Guttenberg em 14 de Fevereiro de 1468, deixando ás gerações vindouras a sua grande obra.

Os Hollandezes souberam dar valor a esse poderoso instrumento da civilisação, sendo que os Elzevir, impressores hollandezes, floresciam no decimo sexto e no decimo septimo seculos.

Não é de admirar, pois, que Pernambuco tenha sido a primeira provincia do imperio que tenha conhecido a imprensa, e que, como diz o conego Dr. Fernandes Pinheiro, ao conde Mauricio Nassau se deva a introducção da imprensa em nossa patria.

O finado Manoel Figueirôa de Faria, tendo perdido como Guttenberg, seu pae ainda na infancia, foi o continuador das tradições da imprensa, e o primeiro que elevou a imprensa jornalistica ao gráo em que se acha o *Diario de Pernambuco*. Foi um operario intelligente e pertinaz.

Fallecendo no dia 1· de Agosto do anno passado, deixou a seus filhos uma herança que elles devem desenvolver e aperfeiçoar.

A terceira perda que soffreu o Instituto, foi na pessoa de seu socio correspondente, o Dr. Estevão Benedicto França, que occupava o lugar de Juiz Municipal e Orphãos do Termo de Villa-Bella, comarca de Flores, no interior desta Provincia.

Não tenho as precisas informações para desempenhar a respeito do Dr. França a missão de que me encarregaram os Estatutos; sei apenas que, havendo cursado as aulas tanto preparatorias como as que completam o curso de direito, com o devido aproveitamento e com credito de homem de talento, recebeu na Academia de Olinda o gráo de Bacharel formado em sciencias juridicas e sociaes, com o nome de Estevão de Albuquerque Montenegro; — que occupou antes da revolução de 1848 os empregos de Promotor Publico desta Cidade e de Secretario da Provincia; que depois da revolução achou-se envolvido mais ou menos na prescripção politica, que pesou sobre o partido *praieiro*, e escrevera então alguns numeros de um periodico, intitulado *Esforço*, e mais tarde fôra chamado a redacção em chefe do jornal intitulado a *Imprensa*, que deixára em 1851.

Retirou-se então, por causa principalmente de seu estado de saude, para o interior da Provincia, e, fazendo sua residencia no Termo de Flores, entregou-se ao exercicio da advogacia.

Em 1863 tomou parte nos acontecimentos politicos da época, foi eleito deputado á Assembléa Legislativa da Provincia, e em 29 de Janeiro de 1864 foi nomeado juiz municipal e de orphãos do Termo de Villa-Bella, em cujo exercicio entrou em 31 de Maio do mesmo anno.

Depois de algum tempo de exercicio de suas funcções de magistrado, foi barbaramente assassinado, sem que até hoje se saibam ao certo os motivos que deram lugar a esse nefando crime.

Era homem de intelligencia um tanto cultivada, e desempenhou com distincção os cargos que occu-

pou; orava com facilidade de expressão. Seu barbaro assassinato é mais uma pagina que ennegrece os annaes da Provincia, e que prova o estado de atrazo a que se acham reduzidos os nossos sertões.

Eis, senhores, o que tenho a dizer em desempenho da pesada missão de que me acho encarregado. Desculpae, se não satisfiz cabalmente ao meu dever.

Durante o anno findo foram offertadas ao Instituto diversas obras, documentos e jornaes, como consta de uma relação organisada pelo Sr. segundo secretario, e que será opportunamente publicada.

Entre essas obras ha algumas de reconhecido merito e que vieram auxiliar o empenho do Instituto em collecccionar a maior somma de materiaes para organisação de uma historia pernambucana.

Em nome do Instituto lhes dirijo um voto de reconhecimento.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

DISCURSO

LIDO PELO SR. DR. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES

Meus Senhores.—Poucos minutos d'attenção: sei, que não posso exigir mais.

Não é um discurso, nem uma memoria, o que passo a ler. E' apenas um protesto de pernambucano, em cujo conceito urge, que todos vámos accudindo pela arca santa das tradições patrioticas de Pernambuco.

Este Instituto conta, por principal ponto de mira, pesquizar no passado a verdade historica sobre Pernambuco.

Não se dirá, pois, que desharmoniso a orchestra d'esta explendida festa, alçando um brado a favor da justiça que recusam, que vai passando por moda recusar, aos nossos movimentos tão patrioticos quanto infelizes.

Sei bem, que não está ao meu alcance o assumpto. Com despertar, porém, lidadores mais autorisados para este pleito todo pernambucano, tenho preenchido o meu intuito.

Repito a affirmação, que já uma vez fiz n'este lugar: estão longe de mim, traçando linhas para o Instituto Archeologico, como alinhando prelecções para o meu magisterio, quaesquer preoccupações por este ou aquelle bando politico: aqui, no Instituto, actua sobre mim a verdade historica, e o amor (que procuro—não me empane a vista) pela minha provincia natal, e por suas irmãs que com ella succumbiram nas lutas do passado; alli, na cadeira de mestre, guia-me a consciencia do dever, o meu amor pela mocidade, que só deve receber de mim a pouca sciencia, que lhe posso dar, e nunca a paixão, que degradando-me, poderia produzir funestissimos resultados no futuro da sociedade brazileira.

Aqui como lá, se faltar-me a justiça dos homens, sobrar-me-ha, para tranquillisar-me, a justiça da minha consciencia.

Não indagarei, senhores, se a natureza physica conspira a favor da integridade do imperio; parece, porém, que nestes ultimos tempos a *natureza moral* conspira contra ella.

Conheço haver enunciado uma proposição que valerá contra mim um milheiro d'intrigas... Não recuarei, porém. O meu intuito é offerecer um

obstaculo aos principios do mal, e do correr dos tempos espero a mais plena justificação.

Sopram lá do sul uns ventos malignos, devastadores de todas as tradições que tão justamente ensoberbeciam esta parte do imperio. Parece que nas altas regiões do paiz vai sendo meio do fazer fortuna official,—rebaixar tudo quanto fazia o timbre das recordações patrioticas de Pernambuco e de suas irmãs do norte.

O que significará tal procedimento ?.... Sinto não poder indaga-lo presentemente, e não ser esta uma opportunidade, para entrar em minuciosas demonstrações de quanto àcabo de adiantar....

Entretanto, apenas como *specimens*, tratarei de dous recentes escriptos sobre os movimentos de 1817 e 1824.

Tratando do movimento politico de Pernambuco em 1817, o autor da *Historia da fundação do imperio brazileiro* (pessoa que muito aprecio por sua amizade, e muito respeito por seus talentos e illustração) houve-se de modo, que tirou todas as tintas de generosidade e patriotismo aos infelizes coripheus d'esse movimento. No livro tudo é rancor e despreso pelos infelizes martyres, tudo é amor e devotação idolatra por D. João VI. Podia o autor queimar arrobas d'incenso nas pyras da monarchia d'El-Rei Nosso Senhor: era seu direito, era um gosto, que não lhe disputo, nem disputarei.... Guardasse, porém, palavras de respeito por aquelles que, se erraram, sabiam desde o principio, que jogavam as suas cabeças, afinal decepadas para maior gloria do absolutismo.

Felizmente, formigam no livro taes contradicções e inexactidões sobre a revolução de 1817, que o apontar algumas será sufficiente antidoto contra o

veneno d'ultramonarchismo propinado ás tradições pernambucanas.

Prevenir apenas os numerosos leitores da obra, emquanto não chega —quem faça cabal refutação, é o meu unico intuito, no qual fui auxiliado por conspicuos varões, alguns dos quaes foram testemunhas presenciaes dos factos. (1)

Começa o autor asseverando, que na revolução de 1817 só figuraram entes ordinarios, mediocres e despresiveis; e logo depois, na mesma pagina, confessa, que nella foram compromettidos *caracteres honrados e honestos*, sendo que entre os cinco governadores primava o Padre João Ribeiro *por seus conhecimentos litterarios e convicção profunda dos principios liberaes*. Ora, poderá jamais a historia considerar despresivel uma revolução, cujos chefes recusaram o mais insignificante estipendio por seus tremendos serviços?

Affirma ter sido o provedor Affonso Ferreira, caracter incapaz d'uma infamia, quem denunciára ao Capitão General Caetano Pinto os planos da revolução; quando o denunciante foi José da Cruz Ferreira, pobre homem quasi mentecapto, que havia sido despachado Ouvidor d'uma comarca no sertão de Pernambuco.

Não se póde saber, onde o autor descobriu, que Caetano Pinto era Desembargador, para assim o intitular. Caetano Pinto, ao sahir da universidade de Coimbra, foi, por protecção de D. Catharina Balsemão, nomeado Intendente do Oiro no Rio de Janeiro; onde, desavindo-se com o Vice-Rei, Conde de Lavradio, e queixando-se á sua protectora, cujo marido achava-se então no ministerio, foi immediatamente elevado a Governador e Capitão General de

(1) A um, que me ouvia a 27 de Janeiro, e cujo nome reservei e reservo, devo quasi tudo sobre a revolução de 1817. Seja esta nota um signal de agradecimento.

Matto-Grosso, e d'ali removido no mesmo posto para Pernambuco: nunca seguiu a carreira da magistratura.

Espanta a facilidade, com que o autor inverte os nomes proprios, sem ver que assim deturpa a historia em ponto essencial: serve isto de provar a precipitação, com que tudo foi narrado.

Em verdade, onde acharia o autor, que o Brigadeiro commandante do regimento d'artilharia, que apressou a revolução por seu desatino, chamava-se *Rodrigues*, quando seu nome era Manoel Joaquim *Barbosa ?* Se não citou sem ler a historia do illustre Sr. Conselheiro Monsenhor Muniz Tavares, era facil ser veridico, ao menos n'este ponto.

O Capitão d'artilharia, que tomou grande parte na revolução em o dia 6 de Março, chamava-se Pedro *da Silva* Pedroso, e não Pedro *da Silveira* Pedroso.

Foi este Pedro da Silva Pedroso, e não José Mariano, quem, á testa da guarda do quartel, mandou fazer fogo sobre o infeliz Alexandre Thomaz, como sabem os contemporaneos.

Tendo mudado o nome ao Brigadeiro Manoel Joaquim e ao Capitão Pedroso, o autor faz o mesmo ao Tenente, que com Pedroso (conforme diz) foi á cadeia soltar os presos: esse Tenente chamava-se Antonio *Henriques* Rabello, e não Antonio *Rodrigues.*

E demais, é inexacto, que esse Tenente acompanhasse Pedroso na soltura dos presos da cadeia: o que fez, sahindo do quartel, foi dirigir-se á fortaleza das Cinco Pontas, a soltar os seus camaradas Capitão Domingos Theotonio e Ajudante Manoel de Souza Teixeira.

O Marechal, que estava á testa dos milicianos no campo do Erario, chamava-se *José* Roberto, e não *João* Roberto.

E' falsissimo, é mera conclusão de romancista,

(1) que os criminosos soltos da cadeia se espalhassem pelas ruas, assassinando os transeuntes, e saqueando as casas. Foi, é verdade, um milagre da Providencia, que elles não commettessem taes attentados, muito d'esperar de semelhante gente; o certo é, porém, que dispersaram-se e occultaram-se, receiosos de nova captura. Vivem ainda muitos d'esse tempo, que pódem attestar o facto.

Antonio de Moraes e Silva nunca foi Desembargador: foi no principio de sua carreira, Juiz de Fóra. No tempo da revolução era Capitão-mór das ordenanças do Recife.

Não é verdade, que o Padre Roma *desembarcasse* em terras da Bahia. Logo que a balsa, em que ia, encalhou na praia de Itapuan, os habitantes d'aquelle lugarejo desconfiando, pela fórma das velas, ser ella procedente de Pernambuco, approximaram-se; e o Padre Roma immediatamente lançou ao mar o sacco em que iam cartas e papeis para os amigos da Bahia. Prenderam-n'o para averiguação d'identidade de pessoa, e remetteram-n'o para a capital, onde foi reconhecido e accusado pelos portuguezes emigrados no dia da revolução. Isto foi muito notorio.

E' inexacto haver sido apprehendido o navio, em que o Capitão José de Barros Falcão vinha embarcado no seu regresso da ilha de Fernando, com o destacamento, os presos, e os petrechos de guerra que ali achára. Esse Capitão, approximando-se á Pa-

(1) A proposito de romancista:
O nosso autor, em *Manoel de Moraes*, entre outras cousas com que se mostra sempre disposto a *romantisar* os negocios de Pernambuco, apresenta o seu heróe atravessando o Capibaribe, a partir das obras do palacio de Mauricio, porque avistou do lado da Boa-Vista a sua gentil hollandesa sobre um cavallo disparado, e chegando a tempo para sofrear o animal... Milagres do amor! Além de mui remotas então as margens do rio na parte da Boa-Vista, não offereciam commodo para passeio, nem linha para a carreira d'um cavallo...

O que não poderão dizer os Paulistas das africas de Manuel de Moraes em S. Paulo? Lá se avenham. Cada um cuide de si.

rahiba, depois de longa viagem, entrou na Bahia da Traição; e ahi desembarcou para informar-se do estado das cousas, deixando a bordo tudo quanto trazia. Felizmente, existem ainda muitas testemunhas d'este e d'outros factos, para confusão d'escriptores um tanto apaixonados e precipitados.

São tantas, senhores, as inexactidões conteúdas na *Historia*, a que me tenho referido, que com a sua completa enumeração poder-se-hia fazer um volume.

Entretanto, para o meu intuito, hei dito bastante.

Se ao que ahi fica accrescentardes, senhores, que o autor não tem uma só palavra d'admiração e respeito para os martyres d'essa revolução, ao passo que chora as lagrimas de S. Pedro pelas feridas, que recebeu o paternal coração d'El-Rei Nosso Senhor, concordareis comigo, que sopram do sul uns ventos perniciosissimos ás gloriosas tradições do patriotismo pernambucano.

Escrevendo a historia dos nossos tempos coloniaes, o autor não se limitou a fazer actos de fé pelo monarchismo absoluto: sacrificou nas aras do velho lusitanismo, pediu licença para passar carregado das glorias patrias, embuçado n'um manto, que poderão chamar d'imparcialidade, e que eu chamarei de fraqueza, de criminosa tibieza pelas cousas patrias...

Era preciso isto, para figurar na litteratura dos dous mundos *com certa commodidade*, para merecer d'um notavel escriptor portuguez (1) as seguintes palavras :

« Não julgue o leitor, que pelo facto de ser o au-
« tor brazileiro, sejam por isso *mais severas* as suas
« apreciações. Não ! Vê-se, que (o autor) *poz de*
« *parte todos os sentimentos de nacionalidade...* »

E está tudo explicado ! Foi porque o autor *poz*

(1) Pinheiro Chagas--*Ensaios criticos*.

de parte todo o sentimento de nacionalidade, que tanto se lhe dava d'El-Rei Nosso Senhor, como da liberdade, do brasileirismo como do lusitanismo, reunindo-se isto a *certas conveniencias de hoje*, que a revolução de 1817 sahiu de seu tribunal unanimemente condemnada.

Felizmente, a historia ha de chegar; e, emquanto não chega, os proprios escriptores portuguezes, apostolos sinceros da liberdade, vão dando lições aos nossos chronistas da praça do commercio, que querem afferir o patriotismo d'um povo pelas pautas cambiaes. E' que esses escriptores detestam o despotismo, *ainda que seja de sua casa*, e alguns dos nossos têm saudades do despotismo, *com que nos brindára a casa alheia*!

O mesmo a que me tenho referido, e que notou em o nosso autor essa *lisongeira* ausencia de brazileirismo, escreveu as seguintes palavras, com as quaes deixarei em paz, por hoje, a *Historia da fundação do imperio brasileiro*:

« O Brazil conquistou a sua independencia, e
« nestes quarenta annos de liberdade tem procurado
« e tem conseguido sanar os males profundos que
« lhe occasionára o nosso regimen despotico.

« E o que nos resta a nós dessas riquezas, cujo
« usofructo exclusivo conquistámos á custa de tantas
« iniquidades?—Uma nodoa eterna nas paginas da
« nossa historia, o convento de Mafra e a capella
« de S. João Baptista!

« Dous monumentos religiosos, em cujas bentas
« pedras coteja ainda o suor e o sangue dos desgra-
« çados, que exploravam as minas do Brazil para ve-
« rem a corôa, como o leão da fabula, levar-lhes o me-
« lhor da colheita. »

Peço-vos ainda, senhores, alguns momentos

de attenção para poucas palavras sobre a revolução de 1824.

Quanto não poderia escrever, quem soubésse e quizésse, em resposta ao que no sul se está dizendo, todos os dias, contra o norte!

Porque não despertam os varões, que ainda nos restam desses gloriosos e infelizes tempos, e os seus descendentes? Porque não dão um cabal desmentido a essas diatribes, com que se pretende cortejar, não a monarchia, que essa vive na cabeça e no coração de todos os brazileiros, mas o monarcha, que deve saber desprezar todas essas zumbaias africanas, accusadoras de completa ausencia de sentimento nacional?

Por algumas horas apenas me foi dado percorrer as paginas impressas, no tomo XXIX, parte 2ª, III trimestre, da *Revista Trimensal do Instituto Historico do Brazil*, paginas que tem por titulo:—*A Confederação do Equador. Noticia historica sobre a revolução pernambucana de* 1824, *Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na presença* de S. M. o IMPERADOR.

Vêdes, senhores, que não se trata de um mero artigo de jornal, nem de uma desertação litteraria para uma revista qualquer: trata-se da Revista do Instituto Historico, e de uma memoria lida na presença de S. M. o Imperador.

Quanto ao seu autor, não tendo a honra de conhece-lo, respeito-o por seus talentos, e estimo-o pelos intuitos de ser util á nossa patria, n'este e em outros escriptos seus: autorise-me esta confissão a suppor-me com licença para arriscar algumas considerações sobre a sua *Memoria*.

Começando por uma vista retrospectiva dos movimentos politicos do paiz, é o primeiro cuidado do autor tirar a limpo, que nunca tiveram elles por principal instigador o principio republicano. Tendo palavras d'estima e respeito pelos agitadores—de Mi-

nas em 1789, do Rio de Janeiro em 1831, do Rio Grande do Sul em 1835, de S. Paulo em 1842, desagrada extremamente o tom acrimonioso com que falla dos movimentos pernambucanos, em 1817 e 1848; e maravilha a candura, com que são citados —um officio de Rodrigo Lobo e uma carta de Luiz do Rego, para *demonstração* de que o movimento pernambucano de 1817 era antipathico á população do norte, e mesmo á de Pernambuco !...

Glorias do paternal governo ! Um movimento, que não era instigado pelo principio republicano, que tão antipathisado era pelas populações, castigado tão barbaramente !

Os faccinoras da cadeia do Recife foram mais humanos que o paternal governo, pois sob as torturas recusaram-se a enforcar o illustre Caneca; esta victima ante a qual, no momento supremo, não tiveram coragem de comparecer os *conscienciosos* juizes !

Fallando da revolução de 1848, o autor, apesar da presença de S. M. o Imperador, ou antes por causa dessa presença, aproveitou a occasião para *demonstrar*, que o principio liberal não póde jámais governar o imperio da terra livre da America. Abençoados amantes da monarchia estes, que *para bem do monarcha* trabalham por declarar excommungada politicamente metade da nação !

Já vêdes, senhores, os sentimentos inspiradores do escriptor, de que me occupo. Passo immediatamente a dizer algumas palavras sobre o movimento de 1824, pois que já vou abusando demasiado de vossa illustrada attenção.

D. Pedro I dissolveu a Constituinte, confessando que apenas *alguns de seus membros* se haviam desviado d'uma senda, que elle lá para si imaginára, sem duvida caminho recto e franco para uma governação que elle igualmente para si imaginára.

O papel de *outorgador de constituição* é muito bonito, sem duvida, principalmente para quem, já no

ultimo extremo, quando as côrtes portuguezes trataram de reduzi-lo a funcções muito secundarias, foi *outorgador da independencia*, (1) que depois o Brazil com o seu dinheiro pagou a Portugal; foram os novos e velhos direitos do absolutismo, para registrar em notas a nossa carta d'alforria...

Contra o attentado da dissolução d'uma constituinte com o apparato bellico das *soberanas do universo*, (2) seguindo-se a deportação de varões illustres por seu liberalismo e glorioso passado, ergueu-se Pernambuco, o infeliz Pernambuco, guarda avançada das liberdades brazileiras, e por isto mesmo tão aborrecido, tão prevenidamente olhado pelos governadores do sul.

Se esta foi a origem do movimento pernambucano de 1824, como tudo o autor confessa, (3) e igualmente a do movimento de 1831, triumphante com a abdicação de D. Pedro I, força era desde o principio acatar os homens do norte, que viram claro e longe: é preciso, que os chronistas percam o habito d'estigmatisar todo o movimento revolucionario que aborta, e glorificar todo o movimento revolucionario que vinga...

Manoel de Carvalho era homem inferior, diz o autor, e isto porque o Padre Alencar (julgado innocente nos negocios revolucionarios de 1824) escrevêra—*não ser elle reputado no publico como homem de*

(1) Com o celebre grito nas solidões do Ypiranga, perante a comitiva e o estafeta do correio; que aliás os pintores da corte têm figurado como desprendido por entre turbas de povo. Pobre historia!

(2) Assim, ao sahir da casa da Assembléa, saudou Antonio Carlos as bayonetas e peças d'artilheria, com que D. Pedro I demonstrou o seu liberalismo.

(3) E tanto estava isto no espirito de todos, que logo depois da abdicação Manoel de Carvalho foi presidente de Pernambuco, e senador pela Parahiba. Não entrando em meu proposito fazer a biographia de Manoel de Carvalho, deixo de entrar em apreciações sobre o seu procedimento anteriormente a 1824. Reservo-me para ulteriores estudos sobre os movimentos politicos do norte do imperio.

maduro juizo ; entretanto, Manoel de Carvalho foi o homem que esteve á testa do movimento politico de mais importancia, que teve o imperio, segundo confessa o autor. Era forçoso concluir: ou que Manoel de Carvalho era homem de real prestigio e patriotismo, ou que o movimento estava no animo de todos, tão fundadas eram as queixas contra D. Pedro I.

O manifesto de Manoel de Carvalho (que felizmente o autor transcreve entre os documentos) é capitulado de—*rapsodia indigesta de todas as diatribes, que então se reproduziam contra o systema monarchico e contra o governo imperial; não se recommenda* (continúa o autor) *nem pela elegancia do estylo, nem pelos arroubos d'um ardente patriotismo, limitando-se apenas a prodigalisar injurias ao imperador.*

Passando em silencio o ponto sobre a elegancia do estylo, pois que nisto é o autor muito e muito mais competente do que eu, direi sempre, quanto aos arroubos de patriotismo, que a narração um tanto fria dos acontecimentos devêra ser antes um abono da calma e reflexão que presidiram o movimento, do que uma prova de falta de patriotismo.

Nada nesse manifesto accusa a paixão desordenada; e, laconico como é, só por milagre poderia ser *rapsodia indigesta de todas as diatribes contra o systema monarchico e contra o governo imperial.*

Mas, emfim, era preciso perante o Filho canonisar os erros, os graves erros do Pai, em vez de com os direitos de severo chronista bradar-lhe *sentido !* quanto ao futuro, pela lição do passado !

Entretanto, no ponto que mais serios cuidados deu ao autor, a concentração da esquadra no Rio de Janeiro, quando se espalhavam boatos da chegada de uma expedição portugueza recolonisadora, era essencial, que o autor transcrevesse essa portaria, a que se refere o manifesto, na qual D. Pedro I dizia:— « E' indispensavel, que cada provincia se valha dos proprios recursos no caso de ataque. » Só á vista dessa

portaria, e chamadas ao tribunal da historia as idéas e impressões do tempo, a côr dos acontecimentos, se poderá proferir juizo sobre os homens de 1824.

Os homens de 1824! Os brazileiros generosos, que viram longe, os unicos que poderiam salvar o primeiro Imperador, se a lição lhe tivesse aproveitado, se elle não houvésse querido resgatar-se e comprar o futuro a troco das mais barbaras execuções! (1)

Manoel de Carvalho, o patriota de fino tacto, que soube encaminhar as cousas em ordem a proporcionar o mais habil movimento politico, que tem visto o imperio! ...

Sabeis quaes os crimes de Manoel de Carvalho? —Não se haver entregue á corda da commissão militar, e ter posteriormente guardado silencio em sua cadeira de senador!

Quanto á primeira parte, o proprio autor não repelle a hypothese, de que Manoel de Carvalho, satisfazendo um louvavel dever de piedade filial, viu-se inopinadamente privado de voltar aos seus.

Quanto ao silencio no senado, sendo esse silencio acompanhado de plena passividade quanto ao movimento official do paiz, como interpreta-lo forçosamente contra o presidente da Confederação do Equador? Como não ver nelle antes um protesto a favor d'antigas idéas, que nem ao menos em parte podiam ser realisadas... (2)

Como quer que seja, Manoel de Carvalho foi mais feliz, do que Domingos Theotonio nas garras do autor da *Historia da fundação do imperio brazileiro*.

(1) E porque não teve igual procedimento em Portugal, quando triumphou de seu irmão? Tinha aprendido á custa das infelizes victimas de 1824...

(2) Repito: Será o biographo de Manoel de Carvalho, quem achará largo espaço para discutir este e outros pontos de sua vida. A mim só me cumpria traça-los rapidamente, quanto bastasse para o meu intuito: pedir justiça para os revolucionarios de 1824.

Ahi Domingos Theotonio não passa de um desatinado perverso e vicioso! O governo pernambucano, que encarou desde o principio o cadafalso, e depois delle a viuvez d'uma joven esposa, a orphandade de tenros filhinhos, de um dos quaes, ainda para nascer, fallou no cadafalso! Esta raça de hoje, educada em sua maxima parte nas praças de commercio, não póde comprehender, senão como a mais desatinada loucura, esses arrojos de patriotismo dos nossos antepassados...

Manoel de Carvalho foi mais feliz, do que Domingos José Martins, a quem não levaram em conta a mocidade, a perda dos encantos das primicias do casamento, e outras cousas, que são tudo para os egoistas de hoje, e nada eram perante homens de outro tempo, para os quaes tinha significação a palavra patria!

E attendei, senhores! Nem uma palavra de respeitosa compaixão pelas victimas, nem um signal de admiração pelo heroismo com que affrontam a morte. *Rebeldes!* e está tudo dito. As corôas, as sympathias, não são para as victimas, são para os algozes! *Rebeldes!* Dito isto, são poucas todas as commissões militares, todas as forças, todos os pelotões fusiladores! (1)

Caneca, que ainda morrendo fez serviços a humanidade e á liberdade, sendo causa de que os facinoras da cadeia do Recife, déssem uma lição á commissão *salvadora* de D. Pedro I! Caneca, victima illustre, perante a qual recusaram comparecer os juizes togados e fardados do Recife! Caneca, levado de rojo da prisão ao oratorio, e do oratorio ao patibulo!

(1) Desastrados monarchistas! Pensam ter tudo ganho para o throno, quando teem conseguido [suppoem elles] fazer d'uma palavra um estigma de condemnação ao fogo! E não se lembram, que essa palavra era repetida em Portugal, quando o filho de D. João VI adheriu á nossa independencia? Esquecem que ha de chegar á historia! E não contam com o bom senso da posteridade!

Agostinho, o patriota desinteressado, que mais de uma vez comprometteu a sua popularidade, para que a revolução não fosse além dos limites do razoavel, e que apesar d'isto não achou misericordia *perante o ministerio* (para fallar a linguagem *conveniente* do autor) !

Nicoláo Martins, esse vulto venerando, que assombra pela rigidez do seu caracter, que ali mesmo na côrte, perante D. Pedro I, prestou tão corajosamente os mais relevantes serviços á causa da independencia, e apesar de tudo não obteve de D. Pedro I uma commutação de pena!

Que liberalismo era d'esse Imperador, tão prodigo de commissões militares! Que almas damnadas de aulicos foram essas, que desde então cercaram o throno para perverter o monarcha!

E o generoso americano James Rodgers, jovem de 24 annos!

E o infeliz Rottcliff, morto, pode-se-o dizer, a sangue frio, lá mesmo debaixo dos olhos de D. Pedro I!...

E Tristão Gonçalves, e todas essas victimas illustres das provincias, que em 1824 se associaram em Pernambuco!

Era nada tudo isto... *As culpas dos revoltosos de 1824 eram enormes*, como o diz o nosso autor, assim como não ha louros bastantes para o governo de D. Pedro I!

Mal do paiz, em que o terreno da historia é explorado por bem de aulicas adorações, que acabarão arruinando o rei e o povo!

Estou fatigado, senhores, e vós mais do que eu. Conto com o vosso perdão, e vou concluir.

Digam o que quizerem, dos quatro ventos da terra.

O historiador ha de chegar;

E cinco annos depois de 1817 ha de encontrar em 1822, isto é, a independencia feita mais pelas imprudencias das côrtes portuguezas, do que pelo patriotismo dos *revolucionarios imperiaes*, que tudo queriam fazer *commodamente*, á roda do Imperador;

E sete annos depois de 1824 ha de encontrar 1831, isto é, D. Pedro I affectando ceder por generosidade o que á força lhe tomavam...

Aqui como ali, no passado como no futuro, o sangue dos martyres da liberdade alcançou e alcançará sempre a vingança contra os algozes!

Nem esquecer o rei pelo povo, nem esquecer o povo pelo rei.

Associar estas duas supremas entidades de uma monarchia democratica, é a minha divisa, como deve ser, entendo eu, a de todos os cidadãos, que amam de véras a patria.

Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

DISCURSO

PRONUNCIADO NA SESSÃO MAGNA DE 27 DO CORRENTE, PELO SEGUNDO SECRETARIO O SR. MAJOR SALVADOR HENRIQUE DE ALBUQUERQUE.

Senhores! — O seculo em que vivemos, mais que nenhum outro, ostenta em todos os ramos da sciencia, a sua marcha ascendente e progressiva. O espirito da moderna civilisação, assenta de preferencia nos interesses geraes da humanidade.

O desenvolvimento e a cultura da intelligencia, manifesta-se variada e magnifica em suas tendencias, para a realidade de melhoramentos de summa importancia e proveito. Elle não póde interromper-se com a acção do tempo, antes vai-se cada vez mais consolidando.

A civilisação moderna, como já o disse um illustrado escriptor, é como o ar; penetra o mundo por todos os seus póros; as vezes marcha tão serena como a aura matutina, outras vezes tão veloz como um terrivel furacão.

O mundo não póde retrogradar; o genero humano em seu rapido vôo, para alcançar o bem estar moral e material, lança-se através de todos os perigos, de todos os soffrimentos, por meio das provações mais dolorosas, afim de melhorar a sua condição.

A moderna civilisação tem realisado prodigios que teriam parecido sonhos de um visionario. Nas mãos do homem tem ella posto forças mysteriosas e sem limites.

Das sciencias, como disse um grave escriptor moderno, ella tirou effeitos que nos enchem de espanto e que contemplamos com sorpreza.

Supprimio as distancias e suspendeu a dor a seu bel prazer; estendeu fios no espaço e até sobre o leito do oceano, e a palavra insonora os percorre com a rapidez da luz: o proprio raio foi domado, e a luz electrica afugentou as trevas, que occultavam muitos mysterios da natureza.

Senhores! Os acontecimentos determinados pelas leis do livre desenvolvimento da humanidade, e as revoluções quer moraes, quer sociaes ou politicas, que se deram á face do mundo, conservaram-se na memoria dos homens para ser transmittidos á posteridade.

Da imaginação, pois, applicada ao testemunho da tradição, levantou-se ao principio a historia. Mas desde que ella occupou-se em verificar esse testemunho, em applicar os principios da critica á determinação dos factos passados, de suas circumstancias, das épocas em que se deram, e do lugar que os assignalou; tornou-se uma sciencia.

Ainda mais scientifica, senhores, tornou-se ella, quando por inducções legitimas tratou de explicar os

factos pelas suas causas, apreciando instituições e acontecimentos.

É, pois, a historia, o grande facho social que deixa ver em suas luminosas faiscas os elementos mais reaes de uma época progressiva; a vida e gloria de um povo inteiro.

Bem como a religião, a historia tem seus poderes; ella é a vida do passado, porque levantando-se das cinzas deixadas ao esquecimento, faz lembrar a memoria do que já não existe, dispertando assim a gratidão do presente e o reconhecimento do futuro; e si ella é o fiel quadro dos tempos, podemos tambem dizer que a historia é o mediador entre o homem e a eternidade.

Na variedade dos factos e acontecimentos, ella toma differentes qualificações, bem como aquella que tirando sua origem e seus elementos do berço de um povo, vai o acompanhando e seguindo durante a sua vida.

Esta é a historia patria; é o ramo da historia geral que se restringe á vida particular de um paiz e de toda uma pequena sociedade.

A historia de um povo é o incentivo de sua gloria, de seu patriotismo, de sua reputação e de sua vida politica. Um paiz que não tem uma historia é um paiz sem nome. E estaremos nós neste caso? Não do certo.

A nossa historia é rica de factos que nos ennobrecem; grandiosos feitos, magnanimas dedicações, actos de denodo e de prudencia, de desinteresse proprio e de ambição de gloria, tudo figura nas largas paginas dos annaes do Brazil.

Abri, senhores, folheai a historia patria, e encontrareis a verdade deste asserto.

Pernambuco, figurando em todas as épocas nacionaes, tem fornecido aos nossos fastos formidavel assumpto.

O estudo, pois, da historia nacional ser-nos-ha

de summa utilidade; d'elle colheremos as melhores lições de patriotismo.

A existencia ainda ignorada de muitos factos importantes; as duvidas suscitadas sobre varios pontos; os monumentos que por ahi se acham quasi extinctos; os documentos que dormem no pó dos archivos publicos ou em mãos particulares, não apreciados pela ignorancia, desleixo ou egoismo; as tradições entre falsas e verdadeiras que por ahi correm, tudo nos impõe o dever de pesquizar, de colher e de purificar esses testemunhos; porque, senhores, as illusões não se dão com a verdade, são inexhauriveis, entretanto que esta tem um circulo limitado.

A historia gyra no terreno da verdade, porque á despeito de tudo é forçoso recahir em observações conhecidas. A verdade humana, como diz o autor do genio do christianismo, é semelhante a um triangulo, que só póde ter um angulo recto.

A necessidade, pois, de uma associação cujos membros, por seu reconhecido patriotismo e notoria dedicação as letras, concorressem para a consecução deste plano, deu lugar á fundação do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, que hoje conta o seu primeiro lustro de existencia.

Neste dia, senhores, que tambem commemoramos o importante facto da restauração de Pernambuco do poder dos Hollandezes, permitti-me que entretenha por mais alguns momentos a vossa illustrada attenção para testemunhar o nosso reconhecimento a um dos grandes vultos que figura, entre os que mais illustraram a sua patria.

Ao relatar os grandes feitos de nossos antepassados, sinto dentro d'alma agitações diversas, produzidas pelo doce sentimento de que é credora a historia; sinto ainda que o meu pensamento se abstrae por uma força irresistivel, e fixando-se sobre á contemplação da honra, do amor patrio e do enthusiamo,

une-se á aquelle sentimento que se resume na palavra gratidão.

A gratidão nacional pelos heroes, no dizer de um nosso historiador moderno, não só é nobre como é civilisadora; favorecei ao menos, diz ainda elle, a memoria dos vossos heroes, dos vossos escriptores e dos vossos artistas, e a nação terá artistas, escriptores e heroes.

Das quatro sombras que alli pendem daquellas paredes, a mais escura é a de que vamos occupar-nos. Fallo de Henrique Dias, senhores, homem de côr preta, mas de generosos e de elevados sentimentos, que soube por suas acções nobilitar-se e immortalisar seu nome.

A memoria historica dos tempos não se eternisa com referencia ao homem physico; ella não attende a accidentes materiaes, não olha para as cores do semblante, mas sim para as qualidades do coração, para as virtudes do homem social.

Nascido em Pernambuco, Henrique Dias não podia ser indifferente á terrivel invasão dos Hollandezes. A linguagem que sahio de seus labios era toda a eloquencia do seu patriotismo.

Affastado da capital, quando lhe chegou a noticia, com os horrores das profanações commettidas, indignou-se em extremo e proferio estas memoraveis palavras: « Antes de mim a minha patria, por ella, por meu Deus e por meu rei, serão meus braços columnas de ferro para sustentar tão charos objectos. Que importa morrer? Quando assim seja, a liberdade bem dirá meu tumulo, e o meu sangue regando a terra servirá de fonte que para o futuro brotará mil fructos. »

Assim foi que, em 1633 descendo do centro da provincia com trinta e tantos guerreiros da sua mesma côr, elle se apresenta a Mathias de Albuquerque, offerecendo-lhe os seus serviços.

Dentro em pouco, seu distincto valor o fez co-

nhecido de todos os companheiros d'armas, e sua destimida intrepidez o constitue — terror dos Hollandezes.

Dotado de grande força e coragem, era um bravo que nunca recuava. Em uma das primeiras sortidas contra o inimigo, matou á espada cinco adversarios.

Augmentando cada dia o numero de seus soldados, foi nomeado capitão de uma companhia com a qual sempre se achava nos lugares de maior perigo.

Energico até o delirio, destemido até ser temerario; era preciso muitas vezes a advertencia dos seus para modera-lo e contê-lo.

Na celebre batalha de Porto Calvo em 1637, onde os actos de bravura, denodo e bisarria commettidos pelos nossos, assombraram até os proprios inimigos, Henrique Dias excedeu-se, patenteando ao mundo uma intrepidez que, no dizer de Fr. Raphael de Jesus, deve ser posta em parallelo com o que a historia nos refere de mais maravilhoso.

Ferido por uma bala sobre o punho, manda sem demora fazer amputação da mão esquerda, para desembaraçar-se do apparelho que impediria seus movimentos. « Basta-me uma mão, disse elle, para servir a meu Deus e a meu rei; cada um dos dedos desta outra me fornecerá os meios de vingar-me. »

Era o Mucio Scevula pernambucano que voava de novo ao combate!

No seguinte anno, depois daquella celebre e penosa marcha de mais quatro centas leguas pelo interior do paiz, desde o Rio-Grande do Norte até a Bahia, foi um dos heroes que mais se distinguio na defeza daquella capital assaltada por Mauricio; e quando esta mesma cidade em 1639 estava em risco de ser presa do almirante Carlos Torlon, a presença deste heroe sobre seus muros, salvou-a do ferro e fogo inimigo. Parecia o anjo da guerra perseguindo os adversarios do seu paiz!

Nas frequentes correrias em que andava, percorreu o centro em direcções diversas, destruindo e assolando tudo o que pertencia aos vencedores, sem que estes podessem persegui-lo nos bosques, onde sempre se abrigava.

Ao terminar um destes celebres encontros, dirigio aos Honllandezes uma carta em que por fim assim dizia: « Tenham por certo que desse Arrecife onde nossas armas os tem accurralado, lhes não fica mais sahida que para Hollanda; e se atiram a outro alvo, bastam os meus negros para lhe o fazer errar. E dado o caso que pretendam vencer nossa constancia com sua perfidia, lhes poremos a terra em estado que lhes não possa dar mais que a sepultura; porque saberemos queimar-lhes em uma noite, tudo quanto plantarem em um anno; e para que não duvidem desta verdade, tenham entendido que é Henrique Dias o que escreve, pegando na penna com a mesma mão com que pega da espada. »

A noticia da traição de Tamandaré foi ouvida em o nosso acampamento com os brados da indignação e da vingança; com o coração acceso em ira, arroja-se Henrique Dias qual leão aos inimigos, e tomando parte activa na batalha de Casa-forte, sahe victorioso e coberto de gloria.

No ataque das fortificações que levantaram os Hollandezes, entre o forte de Afogados e o das Cinco Pontas, portou-se como insigne capitão. Em alta noite, sorprendem seus guerreiros ao inimigo, penetram as trincheiras, degolam as guardas e levam de rojo tudo quanto se lhes oppõe.

Elevado ao posto de mestre de campo; no meio dos combates e em lances duvidosos tinha este intrepido guerreiro o astucioso costume de arremessar o bastão sobre as columnas serradas do inimigo ou sobre as muralhas de suas forticafições.

Estimulados assim os seus soldados, bradava-lhes: « A' espada, filhos; ou haveis de restituir

« a insignia do meu mando, ou aqui ficaremos todos « sepultados. »

Victorioso e nunca vencido, era-lhe reentregue o bastão. Parece que a Providencia lhe destinava sempre os louros das batalhas!

Em principios do anno de 1648, marcha para o Rio-Grande do Norte, e em frente do sitio de Guarairas, onde os Hollandezes tinham levantado trincheiras e uma casa forte; faz alto, exhorta os seus soldados e mostra-lhes o modo de ganhar por assalto aquellas fortificações.

Com agua pela cintura, accommette o inimigo; e dentro em pouco apossa-se das trincheiras, escala a casa forte, e passa a fio de espada todos os que alli são encontrados.

No dia seguinte em Cunhaú, onde achou o inimigo fortificado com muita gente; intima-lhe que sem dilação se renda; porque, se chegassem os seus a desembainhar a espada, com ella na mão, nem a obediencia os obrigava, nem a commiseração os movia; e que o testemunho desta verdade era o successo do dia antecedente.

Para ganhar tempo, responde o chefe Hollandez com palavras equivocas; mas Henrique Dias, conhecendo o ardil, ordena o ataque. Então rende-se o inimigo a discrição, e o nosso valente chefe, depois de apossar-se das munições de guerra e de arrasar as fortificações, volta com os prisioneiros ao seu acampamento.

Passemos agora rapida vista sobre os mais importantes trechos de uma outra carta, por elle dirigida aos Hollandezes:

« Esta variedade e multidão de papeis que os meus soldados acham pelos caminhos, e que VV. SS. mandam deitar nelles, são folhas de que sempre conhecemos a flor. Não lhes tem ensinado a experiencia que o negro nem recebe outra côr, nem perde a que tem?

« Para que gastam sua tinta pintando o seu desejo nestas cartas, se as cartas se dão a conhecer pela pinta?

« Já VV. SS. poderão ter alcançado de suas inclinações que, nem perdoam a Flamengos, nem de Flamengos querem perdão; e estejam certos que, nenhum de nós perdeu a côr com seus ameaços, porque os consideramos de Hollanda, e menos com suas promessas, porque as de Hollanda não tem avesso nem direito.

« De quatro nações se compõe este regimento: Minas, Ardas, Angolas e Crioulos; estes são tão malcreados que não temem nem devem; os Minas tão bravos que onde não podem chegar com o braço chegam com o nome; os Ardas tão fogosos que tudo querem cortar de um golpe; os Angolas tão robustos que nenhum trabalho os cansa.

« Considerem que esta gente não é a que se leva por arte, e assim lhes aconselho que se valham da força; mas tambem lhes asseguro que, sem os matar a todos, nunca se hão de ver livres de contrarios. »

Esta resposta, humilhante para o soberbo inimigo, claramente revelou que, só pelas armas, decidiriam a contenda. O meio fallaz de promettidos perdões, não produzia mais effeito.

Na primeira batalha de Guararapes, Henrique Dias mostrou se verdadeiro soldado; na segunda dada nestes mesmos montes, bateu-se como um heróe. Alli recebe um grave ferimento; sua vida acha-se em risco; mas não estava completa a sua missão, ainda lhe restavam grandes feitos; o grato complemento de tão heroica empreza tinha de coroar os seus esforços: pouco tempo depois voltava ao combate.

Inteirado D. João IV, dos relevantes serviços por elle prestados naquella guerra, manda-o condecorar com a cruz da Ordem de Christo.

Recebe-a com profundo reconhecimento; mas

em presença de seus companheiros d'armas, declara solemnemente que, não usaria dessa distincção, emquanto a sua patria gemesse sob o nefando jugo estrangeiro!

E assim o disse com tão segura esperança que veio a realisa-lo; só depois da restauração apresentou-se condecorado.

Henrique Dias, senhores, foi o inimigo mais audaz e o flagello mais terrivel que nesta guerra tiveram contra si os Hollandezes; todo o seu empenho era expulsa-los do paiz. Podemos dizer a seu respeito como Scylla disse de si: « Ninguem fez mais bem à amigos e mais mal a inimigos. »

Esta luta de quasi vinte e quatro annos, em que sempre sobresahio a constancia de nossos maiores, ia tocar seu termo.

O auxilio de uma força naval, sem o qual já mais seria possivel o assalto do Recife, conseguio-se com a chegada da esquadra de Pedro Jacques de Magalhães.

Combinado o ataque das fortificações exteriores, Henrique Dias destinguio-se nos lances mais arriscados; até que no assalto da fortaleza das Cinco-Pontas, unica que restava ao inimigo, elle se eleva a maior altura.

Com a espada na mão, sem recusar ás marchas, sem fugir ás expedições, sem temer os perigos; sempre avaliou o poder inimigo por contrario e nunca por desigual.

Depois do assalto da fortaleza das Cinco-Pontas, seguio-se a capitulação dos Hollandezes; estava consummada a restauração; e a entrada triumphante dos nossos heróes nesta cidade, teve lugar no dia que hoje festejamos como anniversario de tão importante acontecimento.

Senhores! O dia 27 de Janeiro, depois do 7 de Setembro, deve ser para nós o de maior regosijo. Sem esse dia, desappareceriam do nosso auriverde pavi-

lhão, seis brilhantes estrellas e com ellas a integridade do imperio da Santa Cruz.

Estava nos designios da Providencia que o labaro sagrado erguido por Cabral neste abençoado paiz, estenderia os seus beneficos effeitos do Prata ao Amazonas; o christianismo, fonte da civilisação, do progresso e da liberdede devia implantar-se em todo o Brazil.

Si a religião, como diz o celebre Chateaubriand, é poderosissimo incentivo do amor da Patria, devemos crer que ella teve a maior influencia no bom resultado de tão feliz empreza.

Henrique Dias, educado nestes principios e animado de piedosos sentimentos, nunca esqueceu os deveres de christão.

No meio das lides guerreiras, onde quer que estivesse festejava a Virgem Santissima do Rosario, invocando o seu soccorro.

Foi em cumprimento de seu voto que, no lugar em que por ultimo se fortificou com a sua gente, elle erigio a igreja da Estancia.

La está, senhores, esse templo attestando a protecção divina concedida a esse heróe por intercessão da Mãi de Deus, e perpetuando a memoria de seus nobres feitos.

Aquelles que se sacrificam pela patria, conquistam no futuro a admiração da posteridade, e a gratidão nacional para com elles não é mais que um dever.

Mas porque modo tem o paiz patenteado a sua gratidão a Henrique Dias?

Ergueu-lhe uma columna, uma estatua; gravou no marmore ou bronze um distico ou epitaphio honroso? Nada disto, senhores; quanto nos custa dize-lo!

Depois de suas façanhas guerreiras, de regar por vezes a terra com seu sangue, e de emfim restaurar a patria, viveu ainda oito annos para testemunhar somente as miserias proprias e as alheias.

Henrique Dias, mestre de campo e governador

dos homens pretos, cavalheiro da ordem de Christo e restaurador de Pernambuco, falleceu no dia 8 de Junho de 1662.

Sepultado no convento de S. Francisco desta cidade, em lugar que se ignora, seu funeral, com o qual apenas se gastou—quarenta e oito mil setecentos e vinte,– foi feito por ordem do governador Francisco de Brito Freire, á custa do estado!

O nome de Henrique Dias tornou-se tão popular que os corpos milicianos de homens pretos, conservados por ordem regia, denominavam-se — Regimentos dos Henriques.

De tres filhas que lhe ficaram, houve legitima descendencia, por casarem duas.

Ainda em 1716, D. Benta Henriques, sua filha, e o capitão Amaro Cardigo, seu genro, assignaram uma procuração bastante nesta cidade, como vio-se dos fragmentos de um livro de notas do tabellião João de Souza Nunes.

De uma escriptura lavrada na villa de Iguarassú, nas notas do tabelhão Francisco Dias de Leão aos 19 de Agosto de 1683, consta que uma outra filha fôra casada com Francisco Rodrigues Freire. Existem, pois, entre nós os netos descendentes deste bravo.

Senhores! Aqui terminarei o meu assumpto. O quadro que vos tenho debuxado, não podia findar com as mesmas côres: bem o quizera. Pareceu-me que, neste ou naquelle traço podesse embellezar a memoria e avocar o nobre enthusiasmo que em peitos generosos excitam as glorias patrias. Se mesmo para isto o meu humilde quadro não servir, crêde que o engano nasceu do coração e não da vaidade.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1867.

Salvador Henrique de Albuquerque.

DISCURSO

RECITADO A 27 DE JANEIRO DE 1867, NA SESSÃO MAGNA DO ANNIVERSARIO.

A restauração de Pernambuco rolou de uma cabeça.

Houve um Sisipho: foi Negreiros.

Houve um rochedo: foi a idéa.

Mais de um homem ancorou este rochedo: foram Berenguer, Antonio Cavalcanti, Bezerra, Crasto Passos, João Carneiro, Dias Delgado, Dias Leite.

Um só homem fez-se o Moysés da idéa. Foi Vieira.

O seu gladio feriu no rochedo a onda da revolução.

Onda, que formou um jordão para o baptismo dos heroes.

Onda, que formou um *mar vermelho* de sangue para a passagem dos Hebreus da restauração.

A espada tambem discute.

E a revolução é justa, sempre que a revolução é a discussão pela espada.

De 1630 á 1654 esteve em discussão no espaço a immensa these da civilisação.

A these discutiu-se, depois que a revolução fallou daquellas tribunas de pedra que se chamam Tabocas, Casa-Forte e Guararapes.

Nunca fôra cedo para a discussão desta these, quando nunca fôra cedo para o Maranhão, quando nunca fôra cedo para o Ceará, quando a coroa de Portugal havia despovoado a cabeça dos Felippes.

A Hollanda levantava suas esperanças do fumo dos canhões.

Pernambuco buscava a pedra, onde saltava o re-

levo de gloria deste povo, e se a encontrava era para com ella fechar o tumulo de seus heróes.

Não era a lucta de sceptro á sceptro, mas era a lucta da Hollanda com a espada de Vieira, Negreiros, Camarão e Henrique Dias.

O manto de D. João IV e D. Affonso VI, estendia-se apenas para amortalhar o povo Pernambucano.

Em tanto aquelles vultos descreveram sempre a sua ecliptica.

O nome de Vieira entrou n'um interregno, avassallando-se aos batavos.

Uma reticencia continuou o forte de S. Jorge.

Abriu-se um parentheses na sua vida.

Mas este nome devia de mais tarde assoberbar uma Illiada.

Esta reticencia devia de acabar por um ponto de luz.

Este parentheses devia de ser fechado por um dedo de mulher.

De mulher ! Sim.

Na restauração de Pernambuco apanha-se o busto sympathico de D. Maria Cezar Berenguer de Bittencourt.

A idéa é uma pergunta do craneo, á que o facto responde.

A pergunta da restauração está feita.

O homem de hontem espera o homem de amanhã.

S. Jorge espera Guararapes.

1630 espera 1654.

Então Vieira pede a D. Maria Cezar a mão de esposa.

D. Maria Cezar pede á Vieira o braço do heróe.

Quem dá a mão dá o braço—disse um escriptor.

Vieira dá a mão de esposo a D. Maria Cezar.
O braço do heróe vai responder a aquella pergunta.

Mas á final toca a hora do progresso.

A civilisação quer passar.

A Hollanda embarga-lhe o passo.

Pernambuco atira a Hollanda para um lado. E o povo de vencidos, que segue ao seu sahimento, assiste á passagem da civilisação acompanhada do cortejo dos vencedores.

Eis a restauração.

Os passos da mulher na historia são caracteres de progresso.

Os passos de Veturia ao seu filho Coriolano foram caracteres, com que se escreveu a salvação de Roma.

Os passos de D. Maria Cezar para o altar do seu noivado com Vieira foram caracteres com que se escreveu a restauração de Pernambuco.

Vieira cahiu, Vieira errou, sacudindo para longe a sua convivencia com a Hollanda ? Pois bem.

Esfolhemos os nossos applausos sobre esta queda

Esfolhemos os nossos applausos sobre este erro.

Vieira cahiu ?

Mas esta queda foi junto ao pedestal da estatua de Bruto, mergulhando na purpura de Julio Cezar, o punhal que vingava a liberdade de Roma.

Vieira errou ? Mas este erro foi um erro de Homero.

Napoleão foi o Homero que adormeceu em Waterloo.

Vieira foi um Napoleão que tambem foi Homero.

Augustas imagens de Vieira, Negreiros, Camarão e Henrique Dias.

No dia 27 de Janeiro de 1654 o espaço que vos contemplava era um extase de Deus.

Se o sol, como diz Victor Hugo, é a gloria desabrochada no céo, o sol nesse dia era um reflexo de vossas frontes.

Os heróes marcam a temperatura gloriosa das nações.

Vós marcastes a temperatura gloriosa de Pernambuco de 1630 a 1654.

O vosso corpo abdicou nestes retratos, para mais tarde abdicar nas estatuas.

A vossa alma—essa abdicou na immortalidade.

Senhores membros do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.—Aquellas quatro effigies são as *quatro syllabas* da restauração. Vós sois os Gerslers da posteridade, diante de quem estão descobertas aquellas cabeças, que foram sempre cabeças de Guilherme Tell para os Gerslers da Hollanda.

E' que neste salão, em que celebraes o vosso anniversario medem elles uma parte do seu Capitolio.

E' que na vossa associação respeitam elles uma parcella do seu futuro.

Aqui findo, congratulando-me comvosco pelo vosso anniversario.

João Baptista Rigueira Costa.

POESIA

RECITADA PELO SR. VICTORIANO PALHARES

Era fundo o silencio. A' sombra da floresta
Deixára o oppressor co'a mão da crueldade
Um élo em cada pulso, um sello em cada testa;
Sem braços e sem vida a cruz e a liberdade.

O captivo chorou; do seu pranto de sangue
Uma gotta talvez molhou a Divindade;
E o Senhor o fitou; no olhar sombrio, langue,
Poude lêr uma prece á cruz e á liberdade.

Das palpebras azues dos olhos do infinito
O sol da redempção transborda claridade;
Treme fulvo o Senhor da independencia ao grito,
Ah! um grito que acclama a cruz e a liberdade.

Tudo se ergueu! Do monte ao valle solitario
Rola fero o escarceu do mar da audacidade;
Arranca-se um pendão das dobras de um sudario,
E o homem livre abraça a cruz e a liberdade.

Da guerra ouvio-se a voz; travou-se o grande pleito;
Sobrepuja o direito a vil rapacidade.
De fronte em fronte cahe; recae de peito em peito,
A benção mais querida,—a cruz e a liberdade.

A luta foi tremenda! A algema é toda d'aço;
Do escravo o peito nú só veste a lealdade.
Embora! Ha sempre um raio acceso em cada braço
De toda a mão que busca a cruz e a liberdade.

Em vão tenta d'Hollanda a horda desalmada
Oppôr inda ao Brasil feroz tenacidade,
Porque é de Deus no céo que vai tomar a espada
Aquelle que defende a cruz e a liberdade.

Mas dos fortes á frente um grupo altivo avança,
São quatro Bryareus de augusta magestade;
Empunham todos quatro a inquebrantavel lança
Do invencivel pendão da cruz e liberdade.

Vidal e Camarão, Henrique Dias, Vieira;
São elles quatro, são; fitando a eternidade
P'ra sempre erguem de pé na plaga brasileira
Aos olhos do universo, a cruz e a liberdade.

Agora, povo, o que é feito
Da cinza dos teus avós?
Que é do altar? Que é do preito
Mais que devido aos heróes?
Silencio. Franzes a testa!
E' que o remorso t'a cresta
Co'a braza da maldição.
De nada mais te commoves!
Tu mesmo não te absolves
Do crime de ingratidão.

Para que mais te condemnas!
P'ra que esta enxada na mão?
Delles hoje resta apenas,
Não uma osada no chão,
Que os annos a consumiram;
Mas um nome que esculpiram,
Que eternamente se lê
No Pantheon diamantino
Dos foros do teu destino
Dos templos de tua fé,

E' triste, meu Deus, é triste
Que neste imperio tambem
Onde tanta gloria existe,
Que tantos heróes contem;
O estrangeiro que passa
Só veja além, n'uma praça,
Erguida d'um sceptro á lei,
Uma memoria sombria,
Um luxo de monarchia,
A bronzea estatua de um rei.

Que dizem os Guararapes?
Que dizem os Tabocaes?
Da victoria dos tacapes
Ninguem se recorda mais.
E' triste nossa existencia!
Qual será a omnipotencia
Que nobilite o Brasil!
Deixa-me a historia assustado:
Ou é mentira o passado,
Ou o presente é bem vil!

Pernambuco nobre, heroico,
Quem tão ingrato te fez!
No chão desfolhas estoico
O ramo dos teus laureis
Louco! Tu pisas a gloria.
Tua acção diffamatoria
Vai te cobrir de labeus,
D'um anathema profundo:
Se podes zombar do mundo,
Não podes zombar de Deus.

Patría!... Patria!... Que mentira!
O homem, porque razão,
Se em toda a parte respira,
Se em toda a parte acha um pão,
Ha de á uma terra ligar-se;
Ha de por ella elevar-se
Ao calvario de um Jesus!
Patria! A patria é qualquer pouso
Onde o corpo acha um repouso,
Onde a alma encontra uma luz.

Mas Pernambuco, eu não quero
Descrer do teu coração.
Não posso, que sempre espero
Pela tua contrição.

Que venha tarde, que importa!
O arrependimento é a porta
Que leva ao melhor dos céus,
Ao que tem a eternidade,
Nas bençãos da humanidade,
E nos applausos de Deus.

Sim, inda é tempo, redime
Os teus olvidos fataes,
Não sentes a dor de um crime!
Nada deve doer mais.
Ah! Um estigma apunha-la
Inda mesmo quando estala
No peito de uma nação:
Raio de eterna pujança
D'um só golpe fere e lança
Thronos e povos no chão.

VICTORIANO PALHARES

ASSEMBLÉA GERAL

Sessão especial de eleição no dia 15 de Fevereiro de 1867

Presidencia do Exm. Monsenhor Dr. Muniz Tavares

A's 11 horas da manhã, presentes os Srs. Drs. Joaquim Portella, Soares de Azevedo, Nascimento Feitosa, Witruvio Pinto Bandeira, Rapozo de Almeida, Soares Brandão, Cunha Figueiredo Junior, Figueirôa e os Srs. Padre Lino do Monte e Coronel Gomes Leal, abre-se a sessão.

O Sr. Dr. Witruvio Pinto Bandeira no impedimento do Sr. 2.º Secretario occupa á respectiva cadeira e dá leitura das actas das sessões de 17 a 27 de Janeiro, que são approvadas.

O Sr. Secretario perpetuo dá conta do seguinte expediente :

Um officio do Sr. 2.º Secretario communicando que por molestia deixava de comparecer a sessão. Inteirado.

O mesmo Sr. Secretario perpetuo menciona as seguinte offertas :

Varios numeros do *Diario de Pernambuco*, pelo consocio Dr. Figueirôa.

Alguns numeros do periodico—*A Situação*, pela respectiva redacção.

Dous volumes da Corographia Brasilica e Geographica ou relação historica do Imperio do Brazil, por um presbytero do grão priorato do Crato ; primeira edição de 1817, offerecida pelo consocio Dr. Figueirôa.

Um exemplar da Synopse genealogica, chronologica e historica dos Reis de Portugal e Imperadores do Brazil, pelo conselheiro H. de Beaurepaire Rohan e por elle offertado.

Outro, denominado a Ilha de Fernando de Noronha considerada em relação ao estabelecimento de uma colonia agricola e penitenciaria; pelo mesmo Sr. e pelo mesmo offertado.

Todas estas offertas são recebidas com agrado e mandam-se archivar.

Em seguida procede-se a eleição da meza administrativa e das commissões e são eleitos os senhores :

Monsenhor, *Francisco Muniz Tavares*,
Presidente.

Dr. Joaquim Pires Machado Portella,
1.º Vice-Presidente.

Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.
2.º Vice-Presidente.

Padre Lino do Monte Carmello Luna,
3.º Vice-Presidente.

Major Salvador Henrique de Albuquerque.
2.º Secretario.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa,
Orador.

Dr. Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque,
Thesoureiro.

Drs. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioly de Vasconcellos e José Bento da Cunha e Figueiredo Junior.—Supplentes do 2.º Secretario.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO.

Drs. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioly de Vasconcellos.—Francisco de Carvalho Soares Brandão.—Antonio Maria de Farias Neves.

COMMISSÃO DA REDACÇÃO DA REVISTA

Drs. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.—José Bento da Cunha Figueiredo Junior.—Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Drs. Cicero Odon Peregrino da Silva.—Manoel de Figueirôa Faria.—Francisco de Carvalho Soares Brandão.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS E ARCHEOLOGICO

Major Salvador Henrique de Albuquerque.—Padre Lino do Monte Carmello Luna.—Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DA PRECEDENTE

Drs. Antonio Maria de Farias Neves.—Innocencio Seraphico de Assis Carvalho.—Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Drs. Manoel de Figueirôa Faria.—Gervasio Rodrigues Campello.—Antonio Rangel de Torres Bandeira.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DA PRECEDENTE

Drs. Joaquim de Souza Reis.—Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioly de Vasconcellos.—Innocencio Seraphico de Assis Carvalho.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Drs. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioly de Vasconcellos.— Coronel Antonio Gomes Leal.—Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS EE MANUSCRIPTO

Drs. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.—José Bento da Cunha Figueiredo Junior.—Manoel de Figueirôa Faria.

O Sr. Presidente dá para ordem do dia da proxima sessão que deverá ter lugar no 1.º de Abril posse dos eleitos e pareceres de commissão.

Levanta-se a sessão.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NESTE PRIMEIRO TOMO

N. 1

N. 2

N. 3

N. 4

N. 5

N. 6

N. 7

N. 8

N. 9

N. 10

N. 11

N. 12





